

JU MESQUITA



A LISTA



Me apaixonar por uma garota incrível

Me apaixonar por um cara incrível





A LISTA



Escrito por:
Ju Mesquita

A LISTA
Ju Mesquita

Direitos autorais © 2023 Ju Mesquita

Todos os direitos reservados

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é coincidência e não é intencional por parte da autora.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito desta autora.

Design da capa por: Italo Oliveira
Diagramação: Ju Mesquita
Revisão: Nathalia Faria
Betagem: Luana Karine, Giovanna Santos

Esta é uma obra de ficção indicada para maiores de 18 anos. Atente-se aos gatilhos.

Talvez eu precise dedicar este livro a mais de uma pessoa. Então, aqui vai:

Para todas as pessoas que não acreditam que merecem ser amadas

Para Taylor Swift, por ter me inspirado em várias cenas icônicas deste livro, inclusive uma que envolve o protagonista como veio ao mundo.

Para a One Direction, a banda morta que precisa ressuscitar urgentemente. Mel agradeceria e facilitaria minha vida ao escrever este livro.

*Uma vez acreditei que o amor era preto e branco, mas, na verdade,
é dourado, como a luz do dia.*

Daylight, Taylor Swift

Nota da Autora

Este livro é uma comédia romântica, mas aborda temas como bullying e bulimia. Apesar de não serem tratados com muita profundidade, podem ser assuntos sensíveis a algumas pessoas.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 40% dos estudantes adolescentes admitiram já ter sofrido com o bullying de provocação e de intimidação. Além disso, a prática é mais alarmante para a população feminina.

De acordo com o Ministério da Saúde, **as mulheres também** são as maiores **afetadas pelos distúrbios alimentares**, como anorexia e bulimia, sendo a primeira a de maior incidência entre o público de 12 a 17 anos e a segunda sendo mais presente no início da vida adulta.

Na maioria das vezes, estão relacionados ao distúrbio de imagem (percepção alterada de si mesmo) e ao medo excessivo em que a pessoa tem de ganhar peso.

Caso esteja passando por algo semelhante ou conheça alguém que está, você sempre pode pedir ajuda.

O Sistema de Saúde Único (SUS) disponibiliza auxílio para essas pessoas por meio dos serviços da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Para ter acesso, você precisa começar pelo atendimento básico, em um posto de saúde próximo à sua casa.

Se estiver passando por uma crise e precise conversar com alguém, **você também pode ligar gratuitamente para o número 188** (Centro de Valorização à Vida), que tem como objetivo o apoio emocional e prevenção de suicídio. O centro garante total sigilo no atendimento e funciona 24 horas por dia.

Você não está sozinha. Você não está sozinho.

Sinopse

SLOW BURN - ELES DIVIDEM O MESMO TETO - ELE SE APAIXONA PRIMEIRO

Uma lista. Onze desejos. Duas pessoas que ficaram separadas por anos.

Num dia, Melissa Monteiro e Theodoro Lawrence não conseguiam ficar sob o mesmo teto sem trocarem farpas.

No outro, algo que consideravam impossível aconteceu: eles se aproximaram.

A garota destemida e corajosa que ele considerava insuportável era, na verdade, uma máscara para a verdadeira Melissa, excluída e que sofria bullying anos a fio.

O cara que ela achava convencido e desagradável se tornou a única pessoa com quem conseguia conversar.

No Ensino Médio, eles decidem criar uma lista de desejos para cumprirem juntos. Nada sai como planejado e ambos tomam rumos diferentes, afastando-se por anos.

Por uma jogada no destino, Mel e Theo voltam a cruzar o caminho um do outro.

.A vida dela não está nem perto de ser como ela imaginou.

A vida dele não está nem perto de ser como ele imaginou.

Ela ainda tem a lista; ainda não cumpriram o que escreveram quando adolescentes. Será que essa é a desculpa perfeita que precisavam para se reaproximarem?

**Ele sempre foi apaixonado por ela
Ela nem desconfia**

Ele tem certeza que a superou.

Ela não faz ideia do que o furacão Theodoro Lawrence é capaz de fazer com seu coração.

**CONTEÚDO ADULTO - IMPRÓPRIO PARA MENORES DE
18 ANOS**

**Gatilhos: menções a assuntos como bullying e bulimia.
Este livro contém cenas explícitas de sexo.**

Índice

[Direitos autorais](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Nota da Autora](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo - Theo](#)

[1 - Mel](#)

[2- Theo](#)

[3- Mel](#)

[4- Theo](#)

[5- Mel](#)

[6- Mel](#)

[7- Mel](#)

[8- Theo](#)

[9- Theo](#)

[10- Mel](#)

[11- Theo](#)

[12- Theo](#)

[13- Mel](#)

[14- Mel](#)

[15 - Mel](#)

[16- Mel](#)

[17- Theo](#)

[18- Mel](#)

[19- Theo](#)

[20- Mel](#)

[21- Theo](#)

[22- Mel](#)

[23- Theo](#)

[24 - Mel](#)

[25- Mel](#)

[26 - Mel](#)

[27- Theo](#)

[28- Mel](#)

[29 - Theo](#)

[30 - Mel](#)

[31- Mel](#)

[32 - Theo](#)

[33 - Mel](#)

[34 - Theo](#)

[35 - Mel](#)

[36 - Theo](#)

[37- Mel](#)

[38- Mel](#)

[39- Mel](#)

[40 - Mel](#)

[41 - Mel](#)

[42 - Mel](#)

[43- Theo](#)

[Epílogo - Mel](#)

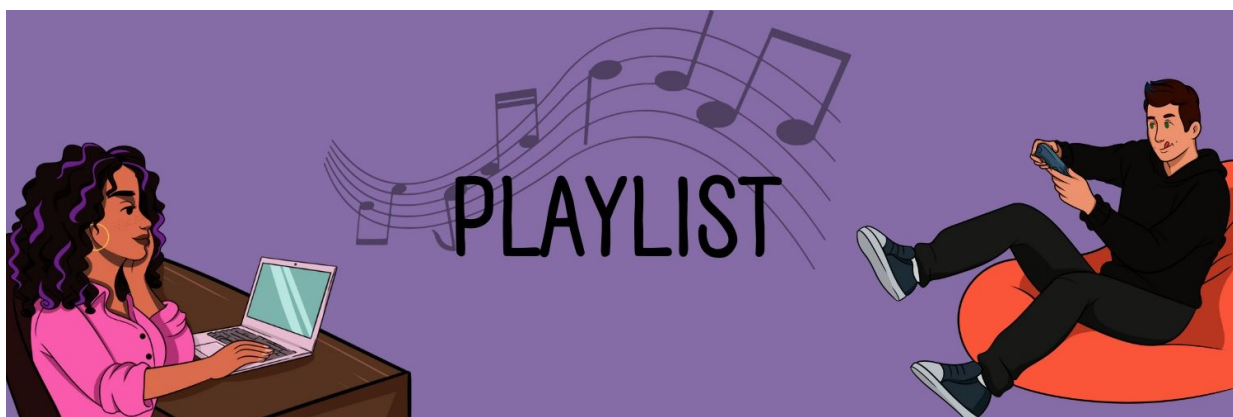
[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Livros deste autor](#)

[Material de pesquisa consultado:](#)

[Referências musicais](#)



Curte ler ouvindo música? Então, que tal aproveitar a Playlist do livro? Para isso, basta clicar [neste link](#) ou escanear o QR Code.



Boa leitura!



Prólogo - Theo

10 anos

Odeio o Natal, simplesmente odeio. Deveria ser meu dia preferido, afinal, é meu aniversário. Mas não é. Um, porque divido a data com o cara mais famoso da face da Terra (vulgo Jesus) e não há como competir com ele; e dois, porque sei que vou vê-la. A única data do ano em que minha mãe faz questão de se reunir com sua melhor amiga Carolina e, como encomenda, com a filha dela. A dona dos meus piores pesadelos: Melissa.

Como uma garota consegue ser tão insuportável? Na verdade, por que *todas* as garotas são insuportáveis? *Credo*. O pior é saber que minha mãe vai me obrigar a brincar com ela e, com certeza, não quero. Ela vai ficar correndo atrás de mim, esconder meus presentes de aniversário, como sempre faz, me chamar de *Theodoro* com aquela voz irritante... Só de pensar nisso, já fico louco!

— Por que você tá com essa cara de poucos amigos? — Pergunta meu irmão Thomás. Ele é cinco anos mais velho do que eu e já se sente um adulto.

— Nada — respondo, emburrado. — Ele me olha desconfiado, não acreditando no que digo.

— Será que o seu problema começa com Mel e termina com essa?

— Cala a boca, idiota! — Digo, irritado.

Thomás balança a cabeça, rindo.

— Relaxa, irmãozinho. Ela é só uma garota. Você tem medo de garotas?

— Elas são insuportáveis! Melissa está no topo da lista!

Thomás gargalha quando digo isso.

— A menos que você goste de meninos, isso vai mudar em pouco tempo... — ele ri.

— Do que você tá falando?

— Das garotas, maninho.

Olho para ele sem entender onde quer chegar.

— Você vai adorar garotas. — complementa.

— Você só pode estar maluco.

— Não estou, não! — Garante, todo convencido.

— Mesmo que um dia eu adore garotas como você diz, Melissa não está incluída nessa lista. Ela *não é* uma garota.

— Ah não? — Ele arqueia as sobrancelhas grossas. — O que ela é, então, Theo?

— O demônio!

Thomás dá uma gargalhada, inclinando seu corpo para trás, com a mão na barriga.

— Não estou achando graça. — Respondo, com meus braços cruzados à frente do corpo.

— Maninho, toda essa implicância vai acabar em namoro.

— O quê? — Altero meu tom de voz.

— Isso mesmo que você ouviu.

— Eu não a suporto, Thomás!

— Aham — ele diz, enquanto se dirige à cozinha, em uma das suas tentativas de roubar alguns doces que minha mãe está preparando para meu aniversário e para a ceia de Natal. Continuo bufando irritado quando Thomás some da minha visão, mas decido segui-lo para roubar uns petiscos também.

— Theo, que bom que está aqui. Quero conversar com você. — Diz minha mãe. Estou a ponto de revirar os olhos, pois sei exatamente o que vai dizer.

— O que, mãe? — Pergunto, já irritado.

— Theodoro, cuidado com os modos...

— Desculpa, mãe. O que você quer falar pra mim? — Me custa muito deixar essas palavras saírem da minha boca.

— Querido, só quero lembrá-lo que precisa se comportar hoje à noite e ser legal com a Mel. — Já estou bufando quando ela cita esse nome.

— E o que seria legal, mãe?

— Chamar ela pra brincar com você, Theo. Vocês têm a mesma idade e deveriam ser amigos. Assim como a mãe dela e eu.

— Isso nunca vai acontecer!

— Theodoro... — ela me repreende.

— Não me chama de Theodoro. Eu odeio!

— Theodoro é o seu nome e vou te chamar assim sempre que eu quiser, já que sou sua mãe. Preciso lembrá-lo que faz quase onze anos que você saiu daqui? — Ela aponta dramaticamente para a própria barriga e juro que quero respondê-la, porém me contenho, olhando-a fixamente. Como não digo nada, minha mãe continua com seu monólogo.

— E já que tentei conversar com você de uma forma civilizada e não obtive sucesso, vou tentar de outro jeito.

Olho-a atentamente porque sei que não vem coisa boa por aí. Digamos que a dona Margareth não é conhecida pelo seu bom humor...

— Quero que trate a Melissa muito bem, entendido? Ela só vem aqui uma vez por ano e quero que ela seja bem recebida. Se eu ouvir um “A” dela, reclamando, você vai ficar sem seu PlayStation por um mês.

— Mãe... é meu aniversário!

— Não, seu aniversário é amanhã!

— Tudo bem, só que você devia pegar mais leve comigo por causa disso.

Dona Margareth analisa meu rosto e penso que dessa vez ela vai ceder, só que não é o que acontece.

— Essa é minha última palavra, Theodoro!

Tento olhar para meu pai, que está sentado à mesa lambendo os dedos com algum doce que roubou dali. Quero que me defenda, mas quando meus olhos alcançam os dele, sei que não vai tomar uma atitude. Ele dá de ombros para mim, como se dissesse que não há o que

fazer. Se a dona Margareth disse, é lei. Saio da cozinha pisando duro e decido aproveitar meu PlayStation antes que a miss encenga chegue.

Menos de meia hora depois, Melissa, ou o demônio, como gosto de chamá-la, está passando pela porta do meu quarto, dirigindo-se a mim.

— Oi, *Theodoro*. Sentiu saudades? Estou super animada para comemorar seu aniversário! Mal posso esperar para abrir seus presentes — Ela diz, com puro veneno na voz.

Não a encaro. A verdade é que revirei tanto os meus olhos que tenho certeza que estão presos na minha nuca.

Finjo que estou concentrado no jogo, como estava há dez segundos, e a ignoro. Só que o demônio não desiste e se coloca à minha frente.

Ela está usando um vestido roxo e seus cabelos estão soltos em pequenas ondas. Melissa sorri para mim e sei que está usando brilho labial. Ela está muito menininha. *Eca*.

— Que foi Mel, cara de pastel? — Abro um sorriso maquiavélico e vejo seu rosto se fechar rapidamente.

— É guerra agora, Theodoro e Sampaio?

— Para de me chamar assim!

— Ué, achei que você gostasse! A sua mãe não te deu esse nome graças à dupla sertaneja?

É óbvio que ela sabe que não, porém não deixa de encher o saco por isso.

— Mel, cara de papel, me deixa em paz, pode ser?

— Nos seus sonhos — ela diz.

Respiro fundo para não perder a paciência e expulsá-la do meu quarto.

— Tenho uma proposta pra você — ela me olha com atenção, super desconfiada.

— Que tal você sair do meu quarto e ir ver o que as nossas mães estão fazendo na cozinha?

— Que engraçado você mencionar isso, *Theodoro*...

Eu vou enforcar essa garota...

— Eu vim de lá e foi justamente a *sua* mãe que disse que você estava muito ansioso para que eu jogasse com você.

— Minha mãe disse o quê? — Pergunto, indignado.

— Isso mesmo que você ouviu. Quer que eu a chame aqui para repetir?

— Não! — Quase grito.

— Foi o que pensei — ela sorri e juro que quero cometer um assassinato.

Melissa então se direciona ao segundo controle do PlayStation, como se eu tivesse sugerido isso.

É óbvio que faço questão de acabar com a raça dela no jogo e me divirto todas as vezes em que ela morre. Pelo menos posso fazer isso aqui. Meu sorriso se expande no rosto até que ela se levanta brava e se posiciona à minha frente com as duas mãos na cintura.

— Isso não tem graça, Theodoro!

— O que não tem graça, Mel Cascavel?

— Você está se divertindo com isso! — Ela me acusa.

— Claro que estou! — Garanto, enquanto mostro os dentes para ela em um enorme sorriso.

Mel bufa e vira as costas e, nesse momento, meu sorriso desaparece do rosto, porque a próxima coisa que vejo é meu PlayStation indo direto ao chão.

— Melissa! — Grito, desnortado. — O que você fez? — Grito de novo.

Ela me olha, assustada, mas não estou nem aí. Esse demônio quebrou o meu PlayStation. Tento juntar as peças, em vão. Simplesmente está em pedaços.

— Não fala assim comigo, seu idiota! Foi sem querer, você não viu?

Levanto imediatamente do chão e a encaro. Estamos a centímetros de distância. Melissa é um pouco menor do que eu, só que isso não muda em nada o fato de estar tão brava quanto. *Como se ela tivesse direito.* Ela quebrou MEU PLAYSTATION.

— Você quebrou meu PlayStation, demônio! Como você quer que eu fale com você? — Consigo ouvir a raiva na minha própria voz.

Então, a próxima coisa que vejo é a mão dela fechada na minha cara enquanto me dá um soco. Caio para trás e ela grita em cima de mim.

— Não foi de propósito!

Levanto mais bravo ainda e me coloco à sua frente, com a mão no queixo onde ela me acertou.

— Foi sim! E quem você pensa que é para me bater? — Estou muito próximo dela, respirando pesadamente. *Odeio essa garota...*

— Você é um idiota, Theodoro!

— E você é o demônio, Melissa!

— O que aconteceu? — Minha mãe chega. Ela olha ao redor e, antes que eu tenha tempo para abrir a boca, ouço-a dizendo.

— Você derrubou seu PlayStation, Theodoro?

Como é que é?

Vejo Melissa olhando para ela com os olhos arregalados. Acho que não sou só eu que conheço a fama da Dona Margareth. Quero ver a reação da garota ao meu lado quando eu contar o que ela fez.

— Foi sem querer, Dona Margareth. — Ela finalmente diz, sem assumir a culpa diretamente.

— Sem querer? — Altero meu tom de voz. — É sua a culpa do meu PlayStation estar no chão! Além disso, você me bateu! — Acuso e Melissa me lança um olhar cortante.

Minha mãe me olha, horrorizada, quando Carolina, a mãe da Mel, chega.

— O que está acontecendo? — Ela pergunta.

— Nada com o que tenha que se preocupar, Carol. O Theo derrubou o PlayStation e por isso estavam meio agitados com o ocorrido.

O Theo derrubou? E a parte que ela me socou fica aonde?

Espero a bruxa da Melissa se manifestar, não é o que faz. Ela está deixando a culpa para cima de mim. *Inacreditável.*

— Mas, mãe... — Tento argumentar.

— Nem mais uma palavra, Theodoro. Recolha isso do chão agora!

Melissa continua em pé, como uma estátua, sem abrir a boca, me deixando com toda a culpa e com o rosto dolorido.

— Mel, meu amor, que tal irmos para a cozinha? — Sua mãe chama. E em um passe de mágica, ela vai, me deixando com o olhar assassino da *minha* mãe.



1 - Mel

Atualmente

Ser adulta é uma merda. *Merda. Merda. Merda.* Tudo o que você acha que seria impossível dar errado, dá! O melhor dia da sua vida se torna o pior. E você acha que as coisas vão melhorar, mas BUM! Não melhoram.

Faz três anos que estou no mesmo emprego. Muitas horas extras. Tantas, que não consigo nem me lembrar. Eu estaria rica se pelo menos tivesse recebido por elas. “Tudo por um bem maior”, eu dizia a mim mesma. Um dia, magicamente, meu chefe leria o meu esboço e adoraria minha história. Ele diria: “*Mel, você tem um futuro brilhante como escritora*” e esse seria meu final feliz. Três anos dedicados àquela editora para que eles simplesmente se livrassem de mim, como se eu fosse descartável. Eu tinha acabado de descobrir que era.

Não tiveram nem a decência de me demitir na hora que cheguei. Me deixaram trabalhar o dia todo para depois me descartarem. *Inacreditável.*

O mais engraçado de tudo isso é que, por um surto da minha cabeça, eu achei que seria promovida. *Promovida.* Hoje é meu grande dia, pensei. Depois de anos de trabalho duro, eles vão reconhecer todos os meus esforços e eu serei recompensada. Aham. Claro. Sua burra.

“*Você é uma burra. Você merece tudo isso que tá acontecendo*”, digo a mim mesma, entre lágrimas.

Seguro os esboços, nunca lidos pelo meu chefe, contra meu peito. Tenho certeza de que meu rosto está manchado pelo rímel e

delineador que passei. Eu me *arrumei* para a minha grande promoção. Simone, a editora de livros de romance, tinha me garantido que meu nome estava na lista para promoção. Como eu caí nessa? Como ela fez isso comigo? Me lembro do seu rosto de espanto quando comecei a limpar a minha mesa, como se ela não soubesse de nada. Como poderia não saber? Nada acontecia naquela empresa sem passar por ela.

Amanda tinha saído mais cedo para uma consulta médica. Menos mal. Eu não aguentaria o olhar de pena da minha amiga. Em três anos de empresa, é a única em quem confio de verdade. Ela é a minha companheira de happy hour, de horas extras e de deadlines apertados. Diria, facilmente, que ela é uma das designers mais talentosas que já conheci. As capas que cria para os livros que edito (*ou melhor, editava*) são sensacionais. Nós somos uma dupla e tanto. *Éramos* uma dupla e tanto. Eu acreditava nisso, meus chefes, nem tanto.

Se não fosse assim, eu não estaria atraindo olhares de estranhos no meio da Avenida Paulista. Meus olhos queimam devido às lágrimas que agora deixo correr pelo meu rosto. Como vou contar aos meus pais que estou desempregada? Minha mãe estava confiante de que eu seria promovida. Meu pai já tinha contado para todos os amigos que logo, logo ele teria uma filha editora-chefe. Ah, se eles soubessem...

Me xingo por ter gastado tempo e dinheiro nas roupas que estou usando. Investi em um look profissional: basicamente inclui um vestido tubinho preto que deixa a minha bunda grande demais e uma sandália vermelha de salto grosso. Na maior parte do tempo, eu aceito os meus 1,78 de altura - uma das poucas coisas que gosto em mim. *Mas não agora*. Devo estar uns vinte centímetros maior do que as pessoas que passam por mim. E isso não é nada bom. Não quero que ninguém preste atenção em mim. Eu agradeceria se pudesse sumir!

Quero ir pra casa e beber até não lembrar meu nome, parece um bom plano. Vou chegar lá, colocar as minhas roupas velhas que faço de pijama, abrir uma garrafa de vinho e chorar. Conheço esse ritual, é o mesmo que passei quando Alexandre terminou comigo. A Mel romântica chegou a imaginar um futuro para nós, só que ele tinha planos diferentes com uma loira magrela e siliconada. Não me leve a mal, eu adoraria colocar silicone e não ter que viver lutando contra a balança, porém, saber que eu perdi para uma modelo de medidas perfeitas, acaba com o resto de autoestima que tenho. E, olha, não é

muita. Na escola, digamos que os garotos não morriam de amores por mim. Digamos que Priscila, a mulher por quem Alexandre me trocou, era a versão adulta das meninas populares do ensino médio. *Nada de novo sob o sol*. Eu? Nem sei o que eu era.

Fui idiota o suficiente para acreditar que encontraria um cara legal, igual aqueles que descrevo nos meus esboços. Gentil, bonito (por que não?) e que gostasse de mim do jeito que sou. Achei que esse cara fosse o Alexandre, mas estava bem errada. Na primeira oportunidade, ele se mostrou como a maioria dos homens que conheci. Afasto esses pensamentos e tento lembrar de colocar um pé na frente do outro para não cair com esses saltos. Era só o que me faltav... Como mágica, tropeço e quase arrebento minha sandália. *Droga, droga, droga...* Foco, Mel. Foco. Foco.

Quando estou próxima do metrô, lembro que não fui ao mercado. Talvez eu seja capaz de achar água e um resto de suco na geladeira. Como eu disse: é uma merda ser adulta. Eu só queria chegar em casa e encontrar a comidinha da minha mãe. Como eu sinto saudade dela...

Ligo para Nathalia, pois preciso desabafar com alguém, ela não atende. Às vezes, me pergunto porque ainda sou sua amiga. Quando estou em apuros, ela nunca atende. Eu *preciso* beber. Não quero pensar sobre a minha demissão. Não quero pensar sobre nada.

Decido andar até o bar mais próximo na Rua Augusta. Entro em um que parece um pub, perfeito! O lugar está tão escuro, que, provavelmente, as poucas pessoas presentes não vão notar meus olhos vermelhos pelo choro. Coloco minhas coisas na cadeira ao meu lado e procuro por um garçom. Um cara baixinho de cabelos cacheados se aproxima e me pergunta se gostaria de pedir.

— Você pode me trazer uma dose de tequila, por favor?

O garçom me olha surpreso pelo meu pedido. Talvez pela hora? Não são nem sete da noite. Então, eu continuo:

— Dia difícil hoje. — dou de ombros.

— Entendo — ele franze o cenho e sai em direção ao bar.

Continuo ligando para Nathalia que, mais uma vez, não me atende.

Então, essa pessoa patética no bar sou eu: desempregada, sozinha e com os olhos borrados de rímel.

Tento consertar um pouco o estrago no meu rosto, mas não parece ter solução. É melhor nascer de novo. O garçom volta com o meu pedido e ele mal tem tempo de colocar a tequila na mesa, quando a viro rapidamente à boca. O líquido desce rasgando minha garganta, era exatamente disso que eu precisava. Ou melhor, preciso, pois logo estou pedindo outra rodada.

Antes que o garçom volte, ligo para Amanda para contar as novidades, isso se ela já não estiver sabendo.

— Oi, Mel! — ela diz, animada.

É, ela ainda não soube.

— Oi, Amanda — respondo, mais para mim do que para ela.

— Aconteceu alguma coisa? Você não conseguiu fechar a edição do livro da nova autora? — Pergunta. — Você precisa de ajuda? — Continua.

Por alguns segundos, fico em silêncio. Penso que, se eu falar em voz alta, tudo aquilo vai se tornar real, e não quero pensar nisso. Não hoje, pelo menos. Quero esquecer. O problema é que Amanda não vai deixar para lá.

— Mel? Você tá aí?

— Fuidemitida. — Falo de uma vez. A vergonha é tão grande, que meu rosto começa a esquentar. Sorte que Amanda não está na minha frente.

— O quê? — Ela pergunta, novamente. — Você falou muito rápido, Mel. Tem muitas crianças aqui no consultório e elas não estão exatamente comportadas.

Então Amanda ainda está esperando o médico.

— A sua consulta não era uma hora atrás? — Mudo de assunto.

— Sim, mas o médico teve uma emergência no outro hospital e se atrasou. Me garantiram que ele virá, o duro é o chá de cadeira.

— Hum.

— Mel, você pode repetir o que me disse?

Tomo a segunda tequila que acaba de chegar e, em um instante de coragem, eu repito mais devagar.

— Fui demitida, Amanda. Me avisaram no final do expediente.

Ouçoo algo cair do outro lado. Ah, acho que foi o celular.

— O quê? — Pergunta, com a voz distante. — Me desculpa, Mel, eu derrubei meu telefone. Acho que estou escutando vozes, não é possível o que eu acabei de ouvir. Pera, vamos lá de novo? Você foi

promovida, certo? Porque eu entendi tudo errado. E, se sim, precisamos comemorar...

— Amanda, você não ouviu nada errado! Eu fui *demitida*.

— Meu Deus! — Amanda parece finalmente entender o que está acontecendo. — Como assim? Você é a melhor editora-assistente daquela empresa. Na verdade, você seria a melhor editora-chefe se eles tivessem promovido você, como deviam ter feito há tempos. Qual foi a explicação que te deram? A Simone não tinha te garantido que você seria promovida? — Pergunta, inconformada.

Amanda parece estar reagindo mais à notícia do que eu. Até agora, só chorei. Estou fingindo que não é verdade.

— Pois é... — é o que consigo dizer.

— *Pois é?* Você não fez um barraco? Você tem trabalhado igual louca naquela editora para eles simplesmente te mandarem embora? Qual foi a explicação, Mel?

— Corte de gastos. — Me limito a dizer.

Não quero me lembrar, porque, toda vez que isso acontece, me sinto humilhada. Quando fui chamada pelo meu chefe, estava com o sorriso de orelha a orelha. Por um dia, eu estava me sentindo mais confiante, pisando nas nuvens. Consegui até olhar no espelho e não odiar o que vi. Não me sentia feia naquele vestido tubinho. Não estava incomodada com o meu corpo naquele dia. Estava feliz, afinal tinha conseguido perder cinco quilos. Cinco quilos para que me sentisse confortável naquele look que tinha comprado há um tempo para um dia especial, mas que nunca tinha tido coragem de usar. Muitas curvas para um vestido assim, eu pensava. No dia em que decidi usá-lo, isso aconteceu. Talvez fosse um sinal para me dizer que roupas como essas não devem ser usadas por pessoas como eu.

Quando meu chefe Carlos me chamou à sua sala e me deparei com Tatiane, do Recursos Humanos, eu não achei estranho. Afinal, ela poderia estar ali para falar do meu aumento de salário, já que era isso que eu esperava com a minha promoção. Com esse aumento, talvez conseguisse me mudar para um lugar maior e não ter mais que me espremer nos trinta metros quadrados da minha quitinete. Ou, talvez, guardar mais dinheiro para as dezenas de viagens que quero fazer.

A felicidade estava estampada no meu rosto e não durou muitos minutos. Quando Carlos não conseguiu olhar nos meus olhos por dois

segundos seguidos, eu sabia que algo estava errado. Ele não parava de arrumar a gravata, algo que fazia quando estava inquieto.

— Mel, as notícias que tenho hoje não são boas — disse, forçando uma cara de tristeza que, nem de longe, me convencia.

— Não tivemos um balanço muito positivo nos últimos meses e a empresa precisa cortar gastos.

A partir daí, um zumbido tão alto começou a tomar conta do meu ouvido e não consegui ouvir mais nada.

Agora estou aqui, em um bar replicando a humilhação de uma hora atrás.

— Não pode ser! — continua Amanda, revoltada. — Eu vou me demitir também! — Garante.

— Você está louca, Amanda? Você *acabou* de mudar de apartamento. Como vai fazer isso?

Minha amiga solta um longo suspiro do outro lado do telefone.

— Eu dou um jeito! Como vou ficar naquela empresa sem você? Você é minha dupla. Você sabe que não tenho paciência com as outras editoras. Elas são muito lerdas! Minha vida vai ser um inferno, Mel! Eu vou falar isso para o seu chefe e para quem mais precisar... eles não podem fazer isso com a gente. Eles não podem fazer isso com você!

Tento esboçar um pequeno sorriso com as palavras de Amanda, mas não acredito que isso vá ajudar a situação.

— Não quero que você fale nada! Não quero que eles demitam você — choramingo.

— Antes disso acontecer, eu me demito, querida Mel. — diz, com uma voz presunçosa que não sei de onde vem.

— Amanda, por favor...

— Mas, Mel...

— Foi humilhação demais, Amanda. Eu não *sei* se quero voltar pra lá, mesmo se eles me quisessem de volta.

Minha amiga suspira, derrotada.

— Não sei se posso prometer, mas vou tentar ficar na minha. Saiba que vai ser muito difícil.

— Acho que uma desempregada é melhor do que duas, hein — tento fazer uma piada que não soa como eu queria.

— É, talvez. — responde, desanimada.

— Mel, prometo que assim que eu for atendida aqui, vou correndo para o lugar que você está. Me passa o endereço?

— Eu te mando no whats, tá bom?

— Combinado.

— Te amo, Amanda.

— Eu amo mais você, sua doida ...

Quando desligo, a primeira reação é pensar em chamar o garçom para que ele me traga outra dose de tequila. Pensando bem, vou pedir a garrafa toda... Não estou bêbada, e também não estou sóbria, o que me faz imaginar se o barulho super alto vindo da porta realmente aconteceu ou se imaginei isso.

Quando me viro, consigo ver o garçom baixinho que me atendeu ajudando um cara bem alto a levantar suas três malas. A distância que estou, parece que o acidente foi feio, já que uma moça, que deve ser a garçonete, se aproxima para limpar a bagunça de cacos quebrados no chão. Talvez aquele cara não esteja tendo um bom dia, assim como eu. Talvez eu devesse chamá-lo para virar uns shots de tequila comigo.



2- Theo

Se me dissessem há um ano que eu estaria voltando para o meu estado, eu riria. Desde que pisei no Rio quando tinha dezoito anos, me senti em casa. Quem não gosta de morar na praia? Quer dizer, não literalmente na praia, mas bem perto dela. Eu me apaixonei pelo Rio desde o momento em que coloquei meus pés aqui e não tinha planos de voltar para São Paulo ou, pior, para o interior de onde sou.

No meio do caminho, os planos mudaram, é claro. Preciso de um recomeço. Como diz meu irmão, um *fresh start*. E qual cidade tem melhores oportunidades do que São Paulo? Eu preciso me desintoxicar das lembranças daqui, de todos os planos que não deram certo, de toda a frustração.

Normalmente sou um cara que não se preocupa muito com o futuro, que não traça planos a longo prazo. Gosto de viver o agora. No Rio, todavia, me adequei. No penúltimo ano de faculdade, consegui estágio em uma pequena empresa de design de games. Tudo ali era novo e incerto, só que muito promissor.

Quando me formei, logo fui contratado. Na empresa, eles me achavam demais. Adoravam minhas ideias para os novos jogos e sempre me mantinham à frente dos projetos maiores, como quando fomos contratados para trabalhar com ninguém menos do que Will Wright, o lendário designer de games Will Wright. Eu o considero um gênio. Mesmo que nosso contato tenha sido apenas por Skype e por poucos minutos, esse foi, de longe, o auge da minha carreira.

Como disse, a empresa estava decolando até que a morte inesperada do sócio majoritário colocou tudo a perder. A família, com certeza, não entendia nada sobre o mundo dos games, eles só queriam o dinheiro. E para que esse ramo vá para frente, é preciso mais do que isso. Em menos de um ano, vi o início de um império ser quase levado às cinzas. E, apesar de não ficar feliz com a decisão, tive que pular do barco antes que afundasse junto.

É claro que fiquei triste com o rumo que a primeira empresa que abriu as portas para mim tomou, mas tinha certeza de que logo arrumaria outro emprego. Ou então, eu poderia muito bem me virar com os freelas que pego para fazer.

Aline, minha noiva, não ficou muito contente com a notícia. Segundo ela, eu deveria ter esperado mais, pois assim, receberia indenização e blá, blá, blá. Às vezes, tinha certeza de que ela não me escutava, afinal, eu disse literalmente *muitas vezes* que a empresa estava indo à falência e cheia de dívidas. Pagar os funcionários não estava no topo das prioridades de lá.

Provavelmente, eu teria que lidar com uma ação trabalhista que se arrastaria por anos nos tribunais. *Muito drama*. Odeio drama, me considero uma pessoa prática. Aline dizia que eu não “levava as coisas a sério”. Obviamente, eu não concordava com isso, já que levava nosso relacionamento muito a sério. Tanto que a havia pedido em casamento e estava me desdobrando para planejar nosso futuro nos mínimos detalhes.

Eric, meu amigo de infância e fiel companheiro, me perturbava falando que Aline não valorizava os meus esforços para que déssemos certo e que brigávamos muito para duas pessoas que estavam a passos do altar. Eu sempre fui muito tranquilo; minha noiva, nem tanto. As coisas começaram a piorar quando perdi meu emprego fixo. “*Não dá para viver de freelas*”, ela fazia questão de repetir todos os dias. E eu sabia disso, por isso estava correndo atrás de outro emprego. Queria o melhor para gente, ela não parecia ver assim.

Apesar de Eric me pilhar em relação à Aline, eu tinha certeza de que ela só estava nervosa com os preparativos do casamento, o qual estava próximo. Eu fazia o meu melhor para que dividíssemos tudo em partes iguais, porém ela insistia em tomar conta da maior parte, já que, segundo Aline, precisava ter certeza que eu não enfiaria a banda dos

meus amigos para tocar - algo que eu considerava um insulto, afinal, eles são demais.

No meu primeiro ano de faculdade, conheci Denis, Rodrigo, Vinicius e Gabriel. Gabriel, inclusive, se tornou meu melhor amigo aqui. Ele era o amigo para qualquer hora. Aliás, eles tinham uma banda. Apesar de não ter pretensão de seguir carreira nisso, eu até que arranhava na bateria, o que me permitiu muitas noites de diversão. Tocávamos em bares, festas, baladas. E não vou ser hipócrita: estar em uma banda facilitava o caminho com as mulheres. Acho que tinha todo o lance do *bad boy*. Não que fôssemos, só que tudo bem se as garotas quisessem pensar assim. Não reclamávamos.

Foi assim que conheci Aline. Diferente das mulheres que eu costumava me envolver, Aline não gostava da banda. Ela estava lá somente acompanhando suas amigas. O fato é que não tinha como não olhá-la: seus longos cabelos vermelhos me chamaram a atenção. Não só ele, claro. Aline é linda. Um pouco baixinha para mim que tenho 1,90m de altura enquanto ela 1,60m; mesmo assim, *linda*. Seus enormes olhos verdes iluminam seu rosto delicado. Suas pintas na bochecha a deixam a coisa mais fofa. Ela *odiava* quando dizia isso. Segundo ela, dizer que uma mulher é fofa é a mesma coisa de chamá-la de gorda. Se tem algo que Aline não é, é gorda. E também não entendo qual seria o problema se fosse.

O ponto é que, desde que coloquei meus olhos nela, senti aquele friozinho na barriga. E a última vez que senti algo próximo daquilo tinha sido há anos atrás. Já tinha desistido de me apaixonar novamente quando a encontrei.

Admito que a minha vida estava muito boa para ser verdade: estava em um emprego bom, noivo e construindo meu futuro como qualquer adulto. Então, perdi o emprego e, em seguida, a noiva.

Decidi voltar a São Paulo porque *sei* que vou ter mais oportunidades lá. Tenho um bom dinheiro guardado, além dos freelas que pego para fazer. Isso me dá estabilidade por um tempo. Até eu me estabelecer, pelo menos. Infelizmente, parte do dinheiro que investi para a festa de casamento não tem estorno. E, de qualquer forma, eu deixaria para lá, pois não quero mais saber disso. Terei uma vida nova em outra cidade. Vou me reencontrar novamente – é o que digo a mim mesmo para me convencer.

A boa notícia é que arrumei um apê – se é que eu posso chamar disso, já que tem vinte e cinco metros quadrados – em um lugar muito bom, próximo à Avenida Paulista. O corretor me disse que o apartamento estaria pronto na quarta-feira.

Hoje é quarta-feira. Por isso, arrumo minhas coisas, o que consigo enfiar em três malas já que me livrei do resto, e vou em direção ao aeroporto. Nova vida, o recomeço que almejo.



Faz tempo que não piso em São Paulo. E estaria mentindo se dissesse que senti saudade das buzinas incessantes e das pessoas constantemente apressadas. No táxi, porém, me obrigo a imaginar um futuro feliz. Vou conseguir desenvolver o jogo que sempre quis e isso vai alavancar minha carreira. Além disso, não tem como dar errado. Aqui poderei passar mais tempo com meu melhor amigo Eric. Ele mora em Campinas, bem perto.

O táxi me deixa no lugar indicado. A rua é paralela a uma travessa bem movimentada, que, se não me engano, é a Rua Augusta. Aperto a campainha do prédio e o porteiro me deixa seguir até o saguão. Quando informo meus dados ao senhor de uns cinquenta anos e digo que vou ao 415, ele franze o rosto.

— Eu sei que o senhor Kleber vai se mudar, mas, pelo que ele me informou, será daqui a duas semanas. — Diz o porteiro.

— Me desculpe...

— Valdir, pode me chamar de Valdir.

— Me desculpe, Senhor Valdir, só que não conheço nenhum cara chamado Kleber. O corretor da imobiliária me garantiu que esse apartamento estaria livre para mim hoje — explico. — Estou muito cansado. Vim de uma viagem e, sinceramente, só quero dormir.

— Me desculpe, Senhor Theodoro...

— Theo, por favor.

— Me desculpe, Senhor Theo, ainda assim preciso informar ao inquilino que o senhor está aqui. Ele pode te explicar a situação certinha. Eu realmente não sei o que aconteceu. Talvez eu só tenha me confundido. — Valdir tenta se justificar. Eu tenho que respirar fundo para não ser grosseiro, afinal de contas, “ele só está fazendo o trabalho dele”, lembro a mim mesmo.

— Tudo bem, pode chamar o tal do Kleber. — Digo, finalmente.

Poucos minutos depois, estou em frente a um japonês que, com certeza, tem meio metro de altura, mas uma carranca tão feia, que me faz ficar com medo mesmo assim.

— Eu não acredito que aquele imbecil do Mathias teve a coragem de te mandar aqui! — Esbraveja. — Eu já disse que só vou desocupar o apartamento em duas semanas, ele precisa esperar! Já consultei o meu advogado e ele garantiu que é meu direito. — Continua.

Antes que diga mais alguma coisa, o interrompo.

— Espera aí... O que o senhor quer dizer com duas semanas? O corretor, o Mathias, afirmou que eu poderia me mudar *hoje*. Eu vim do Rio, de mudança — digo, apontando para as minhas três malas.

— Meu rapaz, escuta bem — continua o senhor baixinho com uma carranca ainda mais feia — a culpa é exclusivamente do Mathias! Sugiro que você bata na porta dele e o obrigue a te abrigar, já que ele te fez sair do Rio e vir aqui perder seu tempo.

Kleber dá de ombros, como se não estivesse nem aí. E, para falar a verdade, ele não está mesmo. Enquanto me dá as costas e vai em direção ao elevador, ligo imediatamente para Mathias.

— Alô?

— Oi, Mathias. Sou eu, o Theo ...

Ele logo muda seu tom de voz.

— Oi, Theo. Tudo bem? — Me pergunta, simpático.

— Não, nada está bem! — Digo, exasperado. — Está tudo péssimo! Cheguei de viagem do Rio louco pra tomar um banho e descansar no meu novo apartamento, porém, parece que ele ainda está OCUPADO! — Termina a frase quase gritando, porque o tal do Kleber tirou toda a paciência que eu tinha, e olha que é muita. Ou pelo menos tento pensar que é.

— Como assim? — Ele responde, surpreso.

— Isso mesmo que você ouviu! Cheguei no prédio e um tal de Kleber disse que só vai deixar o apartamento em duas semanas. DUAS SEMANAS. Então, eu não quero nem saber o que você vai ter que fazer. Eu só quero o meu apartamento vazio! — Altero meu tom de voz.

— Me desculpe, Theo, por isso estar acontecendo... não era o planejado. Vou fazer uma ligação e já te retorno, tudo bem?

— Se não tem outro jeito! — respondo, puto da vida.

Espero cerca de dez minutos, até que Mathias retorna a ligação.

— Alô — digo, firme.

— Ei, Theo. Então... — começa Mathias. Eu não estou gostando do seu tom de voz. — Infelizmente, legalmente, o senhor Kleber ainda pode permanecer no apartamento por mais duas semanas.

— E como você foi capaz de me garantir que eu teria meu apartamento hoje sem checar isso antes? Inacreditável! — Esbravejo.

Estou com tanta raiva, que seria capaz de tacar meu celular na parede. Me contenho, pois sou o único que sairá no prejuízo.

— Me desculpe, Theo. Foi um erro do nosso jurídico.

— Tá, e o que *eu* tenho a ver? O que você vai fazer para arrumar isso, Mathias? — Respondo, em um tom ameaçador.

— A essa hora, não tem muita coisa que eu consiga fazer, infelizmente. Não acredito que ele está lavando as mãos.

— Então quer dizer que eu sou um sem teto, Mathias?! — Pergunto, indignado.

— Não, Theo! Não quis dizer isso. E só que, como já são mais de 18h, eu não consigo mais acionar a equipe do financeiro para me ajudar nisso.

— O que isso quer dizer exatamente? — Respiro fundo, tentando controlar minha raiva.

— Eu queria te pagar um hotel, pelo menos por hoje, para que possamos pensar na situação com calma amanhã, porém estou de mãos atadas.

Ele fica em silêncio por alguns segundos. Como não digo nada, continua.

— Você poderia pagar um hotel por esta noite? — Ele quase sussurra.

Eu só consigo responder um belo de um:

— Ina-cre-di-tá-vel! Inacreditável! Vou ter que dormir em um hotel por incompetência sua?!

— Me desculpe novamente, Theo. Você tem todo o direito de estar chateado.

— *Chateado*. Eu não estou *chateado*, eu estou puto da vida! – Grito.

— Entendo, Theo. Garanto que amanhã vou conversar com o financeiro para que eles reembolsem você com o dinheiro do hotel. Guarde os comprovantes, por favor.

— Isso é o mínimo, Mathias. *O mínimo*.

— Eu sei. Se não se importa, vou ter que desligar agora. Falo com você amanhã, sem falta.

— É bom mesmo! — Desligo na cara dele. De jeito nenhum deixaria ele desligar primeiro. *Babaca*.

Aceno para o senhor Valdir, que me deseja boa sorte, e saio em direção à rua com as três malas enormes.

Penso em chamar um Uber, mas não faço ideia de onde me hospedar. Em que hotel ficar. Além disso, estou tão bravo, que preciso arejar a cabeça. O que significa: *uma gelada*. Preciso relaxar para pensar melhor. Ando alguns metros e já estou na Rua Augusta. Vou ter que achar um bar por aqui, pois é impossível andar muito mais com três malas.

Avisto um bar na esquina que se parece muito com um pub. Arrasto minhas três malas pela rua. A bagagem que carrego pendurada no ombro está *muito* pesada. Decido colocá-la em cima de uma das malas de rodinha. Andar com tudo isso não está fácil. Ainda bem que já ultrapassei a porta do pub.

Tento recolocar a tralha pendurada em meu ombro para me mover com mais agilidade enquanto arrasto as outras duas de rodinha. Nesse momento, um garçom baixinho cruza meu caminho com copos de chopp. Viro tão rápido que só percebo o estrago quando tudo foi para o chão: minhas malas, quatro copos, a bandeja e, claro, o pobre do garçom.

— Maravilha! — Digo a mim mesmo. É óbvio que esse dia *horrível* poderia piorar, né? E piorou.



3- Mel

Eu deveria me sentir mal por ficar brava com o cara desastrado que derrubou a bandeja do garçom, só que não me sinto. Afinal, agora ele está lá, ocupado limpando toda aquela bagunça, enquanto não tem ninguém para me atender. Bufo irritada com a garçonete que passa quase correndo do meu lado e ignora totalmente meu pedido.

Estou acenando igual idiota para os garçons à distância que fingem não me ver. Tenho vontade de levantar e ir para outro bar. Só não faço isso porque não estou tão sóbria quanto antes e a probabilidade de cair na rua com esses saltos é alta. Lembro a mim mesma que Amanda vai me encontrar aqui assim que sair do médico, por isso, preciso me acalmar.

Decido, então, me levantar do lugar e ir até o balcão pedir mais uma rodada de tequila. Para minha surpresa e falta de sorte, saio da minha cadeira bem na hora em que outra pessoa também decide passar ali. Resultado: trombamos, e caio de bunda no chão.

— Ai! — Grito.

— Me desculpa, moça. Não foi minha intenção. — A outra voz em algum lugar responde.

Quando finalmente consigo erguer a cabeça, pronta para xingar o babaca que me derrubou, encontro um braço forte cheio de tatuagens estendido para que eu me apoie. Aceito, afinal, não há outra forma de sair do chão. Ao ficar em pé novamente, disparo.

— Você não olha por onde anda, idiota? — Digo, brava, enquanto tento limpar a poeira do meu vestido.

— Você também não olhou por onde estava indo, moça. — Me responde o cretino, com um tom de desdém na voz, sem nem prestar atenção em mim.

Sei que o pub é escuro e que também não estou no meu melhor estado de lucidez, mas logo que ele vira o rosto pra mim, dessa vez me olhando atentamente, sou encarada por olhos verdes. Olhos que eu *conheço*. Devo estar muito bêbada para achar isso, é claro.

De repente, a expressão do cara alto à minha frente muda de desdém para completa surpresa.

— Mel? — Ele pergunta.

Ao que tudo indica, a tequila ainda não fritou meu cérebro, pois eu estava certa. *Conheço esses olhos. Conheço essa voz*: meio rouca e contida, só que agora mais encorpada e não como a do adolescente que eu me lembrava. Seu cabelo castanho escuro também está bem diferente do que vi na última vez. Mais comprido, eu diria. Talvez ele tenha ganhado alguns centímetros também. E, sem dúvidas, muito mais músculos. O sorriso? Hum... convencido, exatamente como me lembro.

Nem acredito que estou olhando para o meu antigo amigo de infância: Theo. Pera, deixa eu me corrigir. Meu amigo de adolescência. *Nos odiávamos antes disso*.

— *Theodoro*? — Finalmente me lembro de responder. — Ele revira os olhos e então balança a cabeça positivamente.

— Você ainda me chama de *Theodoro*... — Ele me provoca.

— E não é seu nome? — Provoco de volta.

— Vou fingir que não me sinto ofendido por isso. — Ele responde, ironicamente. Não tenho tempo de dizer mais nada, pois logo seu corpo se junta ao meu em um abraço inesperado.

— Não acredito que te encontrei aqui, demoniazinha! *Depois de todos esses anos*. Como você está?

Me sinto como se tivesse sido transportada para a adolescência novamente, na qual lembro exatamente da sensação desse abraço e do apelido irritante que ele acabou de usar. Não sei muito bem como reagir ao seu toque ou à sua presença, afinal *faz anos que não o vejo, que não sei nada a seu respeito*.

Por instinto, abrevio o abraço e me afasto de seus braços. Não é como se fôssemos amigos próximos ou algo do tipo. Na verdade, estou mais propensa a tratá-lo como um completo estranho, exatamente o que ele é pra mim no momento. Porém, não é isso que sai da minha boca.

— Não nos meus melhores dias. — Respondo de forma sincera quando seus olhos alcançam os meus novamente. Eu não sei por que disse isso. Então me lembro que, no passado, antes mesmo que eu percebesse, contava exatamente como estava me sentindo. Acho que o verde escuro penetrante dos olhos dele tinha alguma influência nisso. Todas as vezes em que o encarava, não conseguia mentir. Anos depois, parece que pouco mudou.

Seu sorriso torto diminui e seu rosto assume uma expressão mais séria.

— Sinto muito, Mel — ele diz, dessa vez sem usar o apelido.

Eu dou de ombros. Nos encaramos por alguns segundos, como se tentássemos adivinhar o que cada um fez da vida durante todo esse tempo. Como não digo nada, Theo finge limpar a garganta e me chama de volta ao Planeta Terra.

— Que tal se eu te fizer companhia? — Não sei ao certo se é uma pergunta, pois logo ele se acomoda na cadeira à minha frente sem eu ter tempo de responder nada.

Admito que tenho curiosidade de saber o que ele tem feito; por outro lado, tenho vontade de mandá-lo embora de uma vez. Seria uma ótima forma de me vingar do seu sumiço. Porém, o que sai da minha boca não passa nem perto disso...

— Claro! — Respondo, ironicamente, uma vez que ele já está todo acomodado.

Pela primeira vez desde que chegou, vejo as covinhas idiotas de seu rosto e é estranho me lembrar tão bem delas. Desvio o olhar e só então percebo as três malas ao seu lado. Ah, *ele* era o cara com quem eu estava brava minutos atrás. Logo ele. Theo percebe meus olhos curiosos nas malas e se adianta.

— Longa história, Mel. Longa história. Posso te contar tudo se você tiver tempo. E, claro, se estiver interessada.

— Não acho que vou a outro lugar tão cedo... — dou de ombros.

— Ótimo. Acho que temos muito papo para colocar em dia. Afinal, foram sete anos.

Ele *se lembra*. Quando terminamos o ensino médio, eu me mudei do interior para fazer faculdade em São Paulo enquanto ele foi para o Rio. Prometemos que nos veríamos sempre que possível e, quando não pudéssemos nos ver, manteríamos contato por telefone. No começo, cumprimos a promessa ao pé da letra. Ele chegou a conhecer o meu apartamento em São Paulo e eu conheci o dele no Rio. Com o tempo, porém, ficamos ocupados demais. As visitas foram diminuindo, as ligações também. Até que um dia, elas foram substituídas pelo completo silêncio.

— Você pode começar a contar o que tem feito em todos esses anos. Ah, e por que está com todas essas malas. — Desafio-o.

Percebo que o sorriso de Theo diminui com a minha pergunta e fico ainda mais curiosa. Para sair do clima estranho em que me coloquei, aceno para o garçom baixinho, que finalmente passa por perto.

— Oi, pode me trazer outra dose de tequila, por favor? Acho que meu amigo aqui também vai querer algo pra beber.

— Tequila? — Theo pergunta, com uma sobrancelha arqueada.

— Sim, preciso afogar minhas mágoas — faço beicinho. Ele assente e, em seguida, olha para o garçom.

— Duas tequilas então. — Pede.

O garçom anota o pedido e sai em direção ao bar.

— Que bom que você também gosta de tequila — digo.

— Na verdade, prefiro uma gelada, mas quero te acompanhar nessa.

— Ah.

— Então... Você não teve um dia bom? — Ele muda rapidamente de assunto.

— Eu poderia dizer que esse dia, no mínimo, não saiu como planejado. Sendo bem honesta, pode ter sido um dos piores da minha vida. Ainda não sei a dimensão do estrago, então estou aqui afogando as mágoas pra evitar pensar nisso.

Theo esboça um pequeno sorriso que eu não faço ideia do motivo.

— Você acha engraçado que meu dia tenha sido horrível? — Disparo. O sorriso dele some e logo Theo endireita a postura na cadeira, me olhando nos olhos.

— Claro que não, Mel. Jamais ficaria contente com isso. É só que me lembrei de como você sempre foi direta. Você sempre diz o que está pensando, e isso me lembrou da época da escola.

Solto os ombros novamente relaxada e um pouco desconcertada por acusá-lo assim. O clima estranho dura poucos segundos, pois volto ao tempo em que éramos próximos e gosto das lembranças.

Por sorte, Theo parece não ter ficado bravo nem nada e finalmente me diz o porquê de estar com essas malas em um pub no meio de São Paulo.

— Como você sempre foi sincera comigo, vou ser com você. Estou de mudança para São Paulo. Basicamente, aluguei um apartamento aqui perto e vim do aeroporto direto pra lá. Para a minha completa surpresa, quando cheguei no apartamento, descobri que estava sem teto...

— Como assim? — Pergunto, enquanto debruço meus braços sobre a mesa, interessada no que Theo tem a dizer.

Ele passa as mãos sobre o cabelo, como se fosse cansativo ter que se lembrar da história. Depois de um grande suspiro, continua:

— Aluguei um lugar com uma imobiliária daqui, mas quando cheguei lá, o antigo inquilino ainda estava no apartamento.

Abro a boca para dizer algo, e Theo me interrompe antes que alguma palavra saia de mim.

— Calma, e ainda tem mais: ele só vai sair em DUAS semanas.

Observo as malas que Theo tem ao seu lado e respondo em choque:

— E o que o pessoal da imobiliária te disse?

Theo se ajeita na cadeira inquieto apenas por se lembrar da situação. Com a expressão em seu rosto, aposto que ele gostaria muito de estar quebrando coisas para extravasar. Rio comigo mesma. Não posso negar que ainda sinto certo prazer em vê-lo bravo.

— O babaca do corretor basicamente jogou a culpa em cima de outras pessoas e disse pra eu me virar e arrumar um lugar pra passar a noite, pois ele só vai me ajudar amanhã.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa e esboçar a minha expressão de puro choque, o garçom baixinho chega com as nossas doses de tequila.

Estou louca para virar meu copo, mas acho que Theo pode estar precisando mais do que eu no momento. Antes que eu tome a minha, empurro uma em sua direção e o incentivo:

— Você tá precisando mesmo dessa, Theo...

Ele assente, enquanto passa o limão no sal e o leva à boca. Não sei o que acontece, algo sobre a cena me deixa inquieta. Ele vira o líquido e faz uma careta quando termina.

— Nossa, essa é das fortes.

— É o que você precisa no momento. Confia em mim.

Theo me encara por alguns milésimos de segundo que fazem eu ter que desviar o olhar.

— Então quer dizer que o corretor te deixou na mão e não tem nada que você possa fazer?

— Basicamente — ele suspira, derrotado.

Eu não quero ser tão invasiva, só que minha curiosidade é maior do que eu. Além disso, já bebi mais do que costumo e isso me faz criar coragem para o que vem a seguir.

— Theo, por que você voltou para São Paulo? Achei que nunca fosse deixar o Rio! — A minha pergunta soa mais como acusação do que um questionamento, e seus olhos verdes me encaram com tristeza.

Aff, Mel. Por que você tem que ser tão intrometida?

Theo parece hesitar um pouco, mas logo responde.

— Eu não tinha mais o que fazer no Rio, perdeu o sentido pra mim.

Sua resposta é vaga e continuo curiosa. Mesmo não estando mais sóbria, não sou tão sem noção para forçar a barra... No entanto, quando o encaro novamente, ele parece ceder.

— Estagiei em uma empresa de games e logo depois fui contratado. A empresa estava começando a decolar, até que o dono morreu e a família assumiu. Digamos que eles conseguiram destruir o trabalho de uma vida em menos de um ano. Então, não tinha mais espaço pra mim. — ele dá de ombros.

Não sei por que, mas aposto que há algo que não está me contando. É estranho Theo desistir de tudo apenas porque perdeu o

emprego. *Olha quem fala... Logo eu, a pessoa que decidiu afogar as mágoas na tequila por ter sido demitida.* Talvez o emprego fosse realmente importante para ele. Talvez agora ele queira ampliar seus horizontes.

— Sinto muito — digo, finalmente. — Então você vai tentar a sorte aqui ou trabalhar para você? Lembro que você sempre quis isso...

— Esse é o plano — ele explica. Acho que agora vou ter a chance de me concentrar 100% no desenvolvimento do meu game. Faz um tempo que não saio do lugar e acho que chegou a hora.

— É uma ótima ideia. — Incentivo.

— Mas e você? Me conta de você — ele muda rapidamente de assunto. — Ainda escreve aquelas histórias maravilhosas?

Por um momento, não sei se ele está tirando uma com a minha cara ou falando sério, seu rosto é sincero, então tento pensar na segunda opção.

— Hum, acho que dei uma pausa nisso.

— Por que? Suas histórias eram demais! Lembro que eu não conseguia parar de ler.

— Porque você era meu amigo! — Acuso. — Você não contava. Theo parece ligeiramente ofendido e me observa atentamente.

— Quer dizer que a minha opinião não contava?

— Quer dizer que a sua opinião *de amigo* não contava — rebato.

E, pela primeira vez na noite, estou dando um sorriso sincero. Parecemos as mesmas pessoas de anos atrás, implicando uma com a outra.

— Mel, pelo visto você ainda tem dificuldade de aceitar que é talentosa, né?

Estou a ponto de pedir para que ele pare, então o encaro e quase me perco na profundidade do seu olhar. Ele realmente acredita no que está falando.

— Diga isso aos meus chefes, que me mandaram embora nesta tarde...

Falo sem pensar e me arrependo no mesmo instante. Não pretendia contar isso a ele. *Tarde demais.*

— Então é por isso que você está triste? Quer me contar o que aconteceu?

É engraçado como algumas pessoas nunca realmente saem da nossa vida, né? Faz quase sete anos que não o vejo. Sete anos que não temos notícias um do outro. E, mesmo depois de todo esse tempo, me transporto para o passado, onde Theo é meu melhor amigo e posso contar qualquer coisa para ele. Por um momento, me deixa levar.

— Sim. Trabalhei nessa editora por três anos e me deixaram acreditar que seria promovida. Que seria promovida *hoje* — solto um sorriso meio amargo. — Quando me chamaram na sala com a moça do RH, eu estava com o sorriso de orelha a orelha. E, então, meu chefe me olhou estranho e eu sabia que não haveria promoção alguma. — Olho para meus pés nesse momento, pois não consigo encará-lo. É humilhante.

Theo puxa meu queixo, fazendo com que meus olhos encontrem os dele.

— Ei, tá tudo bem. Você não precisa ficar com vergonha. *Eles* que deveriam. Vão se arrepender amargamente de terem perdido você. — Diz, com uma piscadinha.

E agora esboço outro sorriso, um genuíno, porque estou olhando para Theo e ele também está sorrindo. E digamos que é muito difícil não retribuí-lo, principalmente quando suas covinhas idiotas aparecem.

— Obrigada — digo, sinceramente.

— Ei, *é você* quem está me ajudando. Eu tive um dia terrível, mas aí, te vi aqui e depois que começamos a conversar, nem me lembro mais porque estava tão bravo.

— O seu apartamento. — Digo, brincando.

— Ah, é. Por que você foi lembrar, demoniazinha? — Ele responde em um tom sério, que sei que é de brincadeira.

Encaro-o menos triste e nem bufo quando ele me chama assim. Tenho que admitir que me irritar com ele é melhor do que pensar em tudo o que aconteceu no meu dia. Nosso pequeno momento é interrompido por Amanda, que não para de ligar. Peço licença a Theo e atendo o telefone.

— Oi, Amanda.

— Oi, Mel. Não quero que pense que sou uma amiga terrível, mas não vou conseguir te encontrar. Prometo que passo na sua casa amanhã cedinho, pode ser?

Não tenho nem tempo de responder quando ela continua seu monólogo.

— Amiga, você sabe que eu iria, porém não sei o que comi hoje. Tive que ir correndo ao banheiro da clínica duas vezes. Quase tive que sair correndo da consulta, Mel...

Antes que Amanda termine de falar, já estou rindo, com a cabeça jogada para trás e a mão na barriga.

— Mel, não tem graça! Estou com medo de não conseguir chegar em casa intacta.

Quanto mais Amanda fala, mais eu dou risada.

— Amanda, tá tudo bem — digo, depois que contengo meu riso.
— Só me promete que vai me mandar mensagem avisando quando chegar em casa. Quero saber se você chegou com tudo no lugar — mal termino de falar e já estou rindo novamente.

— Você vai para o inferno, Melissa Monteiro!

— Se eu for, vou descer abraçada com você.

— É, você tem razão — Amanda dá uma risadinha. — Tudo bem você ficar sozinha por aí? Vou ficar preocupada, Mel.

— Não estou sozinha.

— Ah, não? — Escuto a voz acusatória dela. — Quem está com você?

— Theo — digo de uma forma relaxada, como se ela o conhecesse.

— Theo? Que Theo? Não me diga que você se aventurou pelo Tinder de novo...

— Não! — Eu grito, e Theo se assusta.

— *Me desculpa* — Movo os lábios em direção a ele, que acena dizendo que está tudo bem. Então volto ao papo com Amanda.

— Quer dizer: *claro que não*. — Abaixo a voz.

— Ok, ok... não tá mais aqui quem falou. Depois você vai ter que me contar tudo sobre esse Theo, tá bom?

— Que seja — a essa altura, prometeria qualquer coisa para que Amanda parasse com as perguntas.

— Tchaaauuuu, Mel.

— Tchau, Amanda.

Quando desligo o telefone, Theo está prestando atenção em mim com uma expressão engraçada.

— Tá tudo bem? — Ele pergunta.

— Tá, sim! É que a minha amiga Amanda me deixa louca, às vezes.

— Não me lembro dessa sua amiga Amanda. Eu a conheci? Me lembro de uma menina que dividia apê com você, não sei se era ela.

— Ah, não. Amanda e eu somos amigas há menos de três anos, você não a conheceu.

Theo assente.

— Sim, devo ter confundido — ele dá de ombros. — Mas eu me lembro de uma pessoa.

— De quem?

Ele parece pensar sobre o que vai dizer a seguir, mas então solta:

— Do Alexandre.

Quase engasgo com a minha própria saliva. *Mas que porra é essa?*

Antes que Theo diga mais alguma coisa, chamo o garçom novamente e peço que ele me traga mais uma tequila, só que dessa vez também peço uma porção de batatas fritas, pois estou morrendo de fome e muito bêbada para pensar em dieta. Deleto as últimas palavras recém-saídas dos lábios de Theo. Não vou falar sobre isso. Muito menos com ele.



4- Theo

Mel parece muito mais à vontade do que há exatamente duas horas, quando eu e minhas malas trombamos nela, apesar de ter mudado rapidamente de assunto quando citei Alexandre. *Será que ainda estão juntos?* Provavelmente não, ela não teria cortado a conversa se ele ainda fosse seu namorado, né? Ou teria?

O fato é que esqueço rapidamente dele, pois o som da risada da Mel é música para os meus ouvidos. É exatamente aquele que me lembro do tempo de escola. Ela agora é uma mulher e não mais uma menina, porém seu sorriso ainda me remete àquela adolescente. *Adoro* quando ela sorri.

É claro que não é só isso que me chama atenção, todo o resto também. Mel está sensacional em um vestido preto com saltos grossos vermelhos. O vestido destaca todas as curvas do seu corpo, o que, com certeza, não chama só a minha atenção, mas a de vários caras do bar em todas as vezes em que ela se levantou ou foi ao banheiro.

Seus fios ondulados chegam abaixo do ombro, descendo em pequenas cascatas, seus olhos castanhos são alguns tons mais escuros do que seu cabelo e que sua pele. Seus lábios cheios são um atrativo para meus olhos. Tanto que tento, a todo custo, não encará-los. Ah, e consigo sentir seu perfume daqui, amadeirado e suave.

Seu sorriso tornou-se constante, o que indica que está bem próxima de ficar bêbada. Acho que é melhor eu começar a pedir água, não sei se seria capaz de carregar Mel e minhas três malas. No entanto, faz sete anos que não a vejo. Por isso não posso tomar essa decisão por

ela, uma mulher adulta. O melhor que posso fazer é ficar ao seu lado e garantir que chegue segura até sua casa, onde quer que seja.

Por sorte, as batatas fritas que pediu chegaram. Isso pode equilibrar um pouco as coisas.

— Nossa, estou morrendo de fome! — Diz, enquanto mergulha sua batata frita no catchup e leva à boca.

O movimento que Mel faz deveria ser super natural, certo? *Errado*. Porque, de onde estou, é sexy pra caramba. Tão sexy que quase não escuto quando ela me faz uma pergunta.

— Theo? Você tá me ouvindo?

— Oi, desculpa. O que você disse mesmo? — Passo a mão no rosto, tentando espantar a sensação que é estar em sua presença novamente.

— Eu perguntei se você não vai comer também... Pera, você já ficou bêbado com uma dose de tequila? — Pergunta, enquanto seu sorriso se amplia. Para não ter que explicar o porquê de eu estar distraído, entro no jogo.

— Acho que não sou tão forte pra tequila como eu pensava, demoniazinha. — Uso o apelido que ela odiava quando criança. Não posso dizer o mesmo sobre mim. Era meu passatempo preferido deixá-la irritada. Acho que ainda estou testando isso no presente.

Ela bufa antes de me responder, tentando ignorar o apelido *carinhoso*.

— Ah, tá tudo bem — ela dá de ombros. — Você não precisa me acompanhar. Sei que a tequila é muito forte pra você. — ela dá uma piscadinha me provocando, o que não ajuda em nada minha situação.

Ela nem se quer está flertando comigo, mas estou agindo como se estivesse. Fico inquieto na cadeira e logo chamo o garçom para desviar a minha atenção.

— Oi, você poderia me trazer uma cerveja e também uma porção de contrafilé, por favor?

— Claro — diz o cara baixinho que eu derrubei horas atrás. Pelo visto, ele não ficou com raiva de mim, o que é algo positivo para o meu dia. Tenho que me lembrar de deixar mais gorjeta para ele - uma forma de me desculpar por todo o transtorno.

Enquanto Mel continua comendo suas batatas fritas e me torturando ao mesmo tempo sem ter nem ideia, finjo que estou

checando algo no celular. Mas essa Mel que está na minha frente é muito mais confiante e direta do que aquela que eu conheci no tempo de escola. Na verdade, não sei se é a Mel mesmo quem está falando ou o álcool. Só que gosto dessa sua versão.

— Ei, acho que temos sete anos de papo pra pôr em dia, não acha? Você vai me contar o que aconteceu na sua vida nesse tempo? Pera... — Ela diz, enquanto franze as sobrancelhas — você ainda é amigo do Eric?

— Sim, ainda sou. — respondo.

É bom lembrar que eu tenho, pelo menos, um bom amigo. Um amigo que gosta de mim de verdade e que nunca me apunhalaria pelas costas.

— Legal.

— Ainda lembro do seu enorme crush por ele, Mel — digo, sem pensar. Vejo-a corar instantaneamente. Só que logo ela relaxa e esboça mais um de seus sorrisos perfeitos.

— Pois é. Eu era tão óbvia assim?

— Se você está preocupada que a escola inteira soubesse da sua queda pelo Eric, pode ficar tranquila. Não era tão óbvio assim. Acho que nem ele percebeu. — Dou de ombros.

— Mas *você* sabia! — Ela afirma.

— Porque eu era seu amigo, se lembra? Te conheço muito bem. — Encaro-a. Então percebo a falha na frase que acabou de sair da minha boca e tento corrigi-la.

— Quer dizer... conhecia. Já faz muito tempo que não nos vemos e acho que você deve ter mudado bastante, não?

A expressão leve e descontraída do seu rosto diminui na mesma hora. É como se ela tivesse tido uma lembrança ruim.

— Não sei, vamos ver... — Me desafia. — Você ainda é apaixonado pela Taylor Swift? — Ela volta o foco a mim.

Um sorriso se expande no meu rosto e fico surpreso pela sensação. Não me lembro da última vez em que sorri assim. Logo, não preciso respondê-la, pois está na minha cara e ela sabe que *sim*.

— Achei que era só uma fase, Theodoro!

— Claro que não! — Respondo, ofendido. — Swiftie para sempre. — Mel dá uma gargalhada. Para completar sua felicidade, mostro minha Playlist de treino, e adivinhem só? Taylor Swift domina.

— Não consigo acreditar em você! — Fala, quase sem fôlego de tanto rir.

— A Taylor é ótima! Melhor que a One Direction.

O sorriso do rosto dela desaparece na hora e juro que quero muito rir, só não sei se é o momento ideal.

— Agora virou guerra, Theodoro! Você atingiu meu ponto fraco.

Ela me fuzila com o olhar. Como não tenho medo de mexer com fogo e me queimar, continuo a provocação.

— Pensa, se você amasse a Tay como eu, não precisaria sofrer por uma banda morta. Você estaria feliz assim como eu. Ainda dá tempo de trocar de time. — Dou uma piscadinha.

— Theodoro... — Adverte.

Estou indo muito longe, mas é ótimo me lembrar desse nosso lado e de como ela ainda me chama de *Theodoro*.

Antes que tente me matar, o garçom baixinho surge com a minha cerveja e minha porção de contrafilé na chapa. A cara está demais. E o cheiro? Melhor ainda.

Quando dou um gole na minha cerveja, sinto como se estivesse em casa. Finalmente algo com o que estou acostumado. A porção à minha frente também parece muito succulenta, e confirmo isso assim que coloco o primeiro pedaço de carne na boca.

— Huuummm. Isso tá maravilhoso! — Murmuro, com a boca cheia. — Você tem que comer comigo, Mel. Não vou aceitar um “não” como resposta.

Ela parece um pouco hesitante ao analisar a porção à sua frente, mas então, seu espírito brincalhão logo está de volta.

— E quem disse que eu diria não? Se o gosto estiver tão bom quanto o cheiro... — diz, enquanto espeta um pedaço de carne com o garfo e leva à boca.

Preciso me controlar muito para não acompanhar o movimento. Não quero *parecer* um maluco. Se bem que estou começando a desconfiar disso com o meu comportamento.

— Huuummm — ela murmura, enquanto saboreia o pedaço de carne com molho de pimenta. — Está uma delícia mesmo.

Não tinha percebido que estava com tanta fome. Porém, devoramos o prato em poucos minutos. Ainda tive espaço para roubar

as batatas fritas, algo que ela não se opôs.

— Então... — Mel corta o silêncio. — Onde você pretende dormir esta noite?

É só então que percebo que nem pensei nisso desde que a encontrei aqui. *Droga*. Já são mais de onze da noite e não faço ideia de onde vou dormir.

— Mel, eu entrei nesse bar para poder arejar a cabeça e procurar por um hotel, mas desde que encontrei você aqui, me esqueci completamente de fazer isso — passo as mãos pelo cabelo, ansioso.

— Vou começar a fazer isso, agora! — Pego o celular imediatamente — Você teria algum lugar para indicar? — Me direciono a ela com esperança de ter um norte.

— Hum... — murmura, enquanto enrola uma mecha de seu cabelo. — Eu não sei se você vai querer, mas pode dormir no meu apartamento esta noite.

Acho que minha cara é de tanta surpresa, que ela continua sem jeito.

— Moro em um cubículo e só tenho um quarto.

Por um momento, deixo minha imaginação tomar conta e imagino se ela vai querer dividir a cama comigo, mas sou chamado de volta à Terra logo em seguida.

— Você teria que ficar no sofá; prometo que meu sofá é retrátil e bem confortável. Às vezes, eu mesma durmo lá. Claro, só se você quiser. — Sugere, enquanto me olha com expectativa.

— Mel, é sério? — Pergunto, esperançoso.

— O quê? O sofá? Sim, é super confortável e...

— Não, eu digo, poder dormir no seu apartamento.

— Ah — ela fica sem graça, enquanto me encara — Theo, nós fomos amigos. Tudo bem que eu já quis te matar em alguns momentos e você também já quis fazer o mesmo comigo, mas, apesar de fazer tempo que nós não nos vemos, não acho que você tenha se tornado um serial killer. Estou errada?

Tenho muitas observações a fazer sobre essa frase, mas me contenho para não perder o teto sobre minha cabeça hoje.

— Não, você não está. Mas qual serial killer confessaria seus crimes para as vítimas? — Provoco.

— *Theodoro*, você está me assustando... — diz, enquanto tenta manter seu rosto sério.

— Prometo que não vou te matar enquanto dorme — garanto, levantando minha mão direita em juramento. Mel dá uma risadinha.

— Se fosse na época em que éramos crianças, eu não acreditaria. Hoje, porém, pode ser que eu acredite em você. Então, fechado! — Ela estende a mão para mim. Retribuo, estendendo a mão também, achando graça da situação. Quando nossas mãos se tocam, sinto uma energia diferente. Como se uma corrente elétrica tivesse subido pelo meu braço. E acho que ela sente, porque me olha nos olhos, e ficamos assim por instantes suficientes para que Mel se sinta incomodada e retire as suas mãos das minhas. É estranho, sinto um vazio quando ela faz isso.

— Que tal se a gente pedir um Uber? — Ela me interrompe — Acho que já bebi o suficiente por hoje, não? — Me encara, esboçando um de seus sorrisos maquiavélicos da infância. Estou a ponto de concordar, quando ela continua.

— Na verdade, acho que vou fechar com mais uma tequila...

E antes que eu diga alguma coisa, Mel está pedindo sua dose de saideira.



Se a morena ao meu lado não estava completamente bêbada antes, agora, ela *está*. Aquela última dose de tequila foi decisiva para isso. Eu não sei se fico preocupado ou se dou risada, pois neste momento ela está tentando levar uma das minhas malas, além da sua bolsa e uma pasta grande que já estava consigo - isso tudo enquanto tenta, sem sucesso, ir em direção ao caixa para pagar a conta. Pelo menos, sou mais rápido e peço para que o garçom cobre tudo do meu cartão, o que não passa despercebido por Mel, que protesta.

— Ei, eu *posso* pagar a conta. Estou desempregada, mas ainda posso pagar a conta do bar, Theodoro.

Ela *sempre* me chamava assim para me provocar. Pelo menos, na época em que nos tornamos amigos. Antes disso, era só para me deixar puto da vida mesmo. Eu nunca fui muito fã do meu nome. Por isso, sempre insisto que as pessoas me chamem de Theo. Theodoro me parece o nome de um senhor de idade, e não de uma pessoa com 25 anos. Não sei onde meus pais estavam com a cabeça. Ou melhor, minha mãe.

Não sei em que mundo ela achou que seria adequado homenagear seu avô, colocando esse nome em mim. Eu que tenho que carregar ele pelo resto da minha vida. Enquanto meu irmão mais velho tem um nome muito mais comum e aceitável: Thomás.

Eu sempre faço cara feia quando me chamam de Theodoro, só que isso não acontece quando *Mel* me chama assim. Pelo menos, não mais. Sei lá, me lembra do tempo em que passávamos o intervalo juntos e eu a irritava de todas as formas possíveis. Ela ficava muito brava e dizia “*Theodoro, para de me irritar ou se não vou fazer você passar vergonha na frente das meninas*”. O engraçado é que eu não me importava nem um pouco com isso, porque, de todas as meninas da escola, Mel era a que eu mais gostava. Ela era divertida, companheira e, apesar de nunca se ver assim, eu a achava linda. No presente, isso ainda não mudou. Talvez ela esteja ainda *mais* bonita. Se é que é possível. Sorrio com a lembrança e respondo a Mel irritada bem à minha frente.

— Você vai me dar um teto hoje, Mel — Digo, com calma. — O mínimo que posso fazer é pagar a conta. Você vai me poupar de pagar um hotel super caro esta noite — completo, fazendo biquinho.

Mel parece ponderar a ideia e relaxa instantaneamente.

— Só dessa vez, Theodoro. Só dessa vez. — Concorde, enquanto aponta seus dedos compridos na minha cara em tom de ameaça.

— Ok — faço sinal de rendição. — Agora que estamos de acordo, que tal pedirmos um Uber? Qual é o seu endereço? Posso pedir por aqui.

— Nem tente, Theo. Nem tente. *Eu* vou pedir o Uber, tá bom? — Diz, enquanto digita no celular. Mel parece meio tonta, pois assim que levanta a cabeça, tem que se apoiar em mim.

— Nossa, você anda malhando muito, Theo — diz, com um sorriso travesso no rosto. E novamente, sinto aquele choque quando ela tocou em mim mais cedo. *O que está acontecendo comigo?*

Não tenho tempo de pensar no assunto, já que Mel insiste em carregar minha mala de rodinhas, enquanto eu fico com as outras duas. Agora consigo fazer com que se apoie em mim, garantindo que ela não caia com a cara no chão. Mel é bem alta, e com salto, fica apenas poucos centímetros menor do que eu.

Como a tequila está falando mais alto, ela apoia sua cabeça em meu ombro assim que deixamos o pub. E também durante todo o caminho de volta para seu apartamento. Pelo que consigo entender, o lugar não é muito longe de onde estávamos, pois leva apenas vinte minutos para que o motorista sinalize que chegamos. Mel está quase cochilando no meu ombro quando estacionamos em frente ao seu prédio.

— Mel, estamos aqui. — Digo, afastando o cabelo do seu rosto.

Para nossa sorte, ela desperta e logo me apresso em deixar o carro. Enquanto Mel se apoia para não cair, trato de tirar minhas malas do porta-malas. Assim que tenho todas, peço para que ela se apoie em mim.

— Minha cabeça tá rodando, Theo. — Confessa.

— Eu não vou deixar você cair, tá bom? É só se apoiar em mim.

— Tá bom — ela assente.

— Mel, qual é o seu apartamento?

— Huuumm — ela faz um grande esforço para tentar se lembrar. O álcool ainda está correndo quente pelas suas veias.

— É no quarto andar, o 408. A chave tá aqui na minha bolsinha de fora — diz, enquanto aponta para um pequeno feixe em sua bolsa.

Com muito esforço, consigo carregar as malas e ainda deixar que Mel se apoie em mim. Com toda a tralha, quase não cabemos no pequeno elevador do prédio.

Quando chegamos em seu apartamento, não tenho dificuldade em abri-lo. Mas com certeza tenho em achar as luzes.

— É aqui — Mel aponta quando liga o interruptor. Ela logo entra jogando suas coisas pelo pequeno apartamento. Coloco minhas malas para dentro e sinto um alívio instantâneo. Estava quase me livrando delas pelo caminho.

— Theo — Mel me chama, enquanto se vira pra mim. — Tem roupa de cama limpa no meu quarto, do lado direito do guarda-roupa, eu acho — Ela diz, rindo.

— Pode ficar tranquila. Eu me viro — sorrio para ela.

— Tá bom! — Assente enquanto vai em direção à sala.

Mel parece esquecer da minha presença, pois começa a tirar a roupa *na minha frente*. Não, Mel, por favor, não. Você *não pode* fazer isso comigo.

É claro que não digo isso em voz alta e claro que essa demônia também não escuta, porque depois de tirar os saltos, ela faz o mesmo com o seu vestido, puxando-o pela cabeça. Ela quase fica presa no movimento brusco mas, para seu sucesso e meu total desespero, ela consegue tirá-lo, deixando sua lingerie, também preta e com renda, à mostra.

Me sinto mal por não conseguir tirar os olhos *dela*. E eu estava certo sobre seu corpo ser sensacional. Acho que é a bunda mais perfeita que já vi. Engulo em seco e desvio o olhar, lembrando a mim mesmo de que ela está bêbada e que provavelmente não vai se lembrar de nada disso amanhã. E não é *certo* eu olhá-la assim enquanto está vulnerável.

A sorte é que Mel se enfia no quarto e, para meu alívio, posso respirar novamente. Ou não, já que poucos segundos depois, ouço um barulho muito alto vindo de lá.

— Mel? Você está bem? — Quando entro no quarto, encontro-a estirada no chão.

— Ai — choraminga, enquanto passa a mão na testa — Acho que eu tropecei nas roupas que deixei no chão — ela ri. — Preciso ser mais organizada, Theo.

— Talvez — concordo — Que tal você se deitar na cama? Eu te ajudo.

Mel, então, se apoia em mim, e claro que meu corpo reage novamente ao seu toque. *Merda*. Tento focar em tudo que não seja o corpo quente e perfeito dela à minha frente ou no fato dela estar só de calcinha e sutiã. *O que eu fiz para merecer toda essa tortura, Deus?*

Ajudo-a a subir na cama, ela rola até o meio do colchão e abraça um travesseiro. Parece estar confortável assim. Seu cabelo está esparramado pelo travesseiro branco, e ela está simplesmente linda. Puxo o edredom para cobri-la, e ela não reclama. Antes de sair do

quarto, acho um travesseiro e uma coberta para mim e vou em direção ao sofá.

Mel tinha razão. O sofá é *muito* confortável. Antes de dormir, porém, me lembro que preciso *muito* ir ao banheiro. Agradeço pelo apartamento ser pequeno e por conseguir avistá-lo de onde estou. Assim, não preciso ligar as luzes e também não vou me matar até chegar lá.

Quando chego ao banheiro, o cheiro de Mel está por toda a parte. É óbvio que ela se arruma aqui, pois tem creme de cabelo, perfume e maquiagem espalhados por toda a pia. Sorrio ao pensar nela exatamente onde estou.

Depois que faço o que preciso, volto rapidamente para *meu* sofá confortável. Lembro-me novamente do meu dia e, principalmente, da parte em que encontrei Mel, e chego à conclusão que o dia terminou bem melhor do que começou. E com o sorriso dela na cabeça, eu adormeço.



5- Mel

Ai minha cabeça. Ai meu Deus. Por que tá tudo rodando? Nossa, meu estômago está revirando. Estou me sentindo *tão* mal. Não tenho tempo de absorver o que está acontecendo, pois tenho que correr rapidamente para o banheiro para vomitar. *Quase* não chego a tempo.

Quando finalmente consigo me olhar no espelho, estou *péssima*. Meu delineador parece que criou vida própria e andou por todo o meu rosto, sem contar as minhas olheiras. Limpo todo o estrago da minha cara e escovo os dentes. Meu cabelo parece um emaranhado embaraçado. Não tem como arrumar isso. Vou ter que tomar banho.

Olho ao redor e não encontro uma toalha. É isso que dá não deixar as coisas organizadas no lugar certo. Vou ter que voltar para o meu quarto e pegar uma. Minha mente ainda não fez o download, não consigo pensar direito. O que eu fiz noite passada? Abro a porta do banheiro e encontro olhos verdes me encarando da cozinha, com duas sacolas na mão. *Ai meu Deus!* Eu o convidei para ficar *aqui*. Não sonhei com isso. Eu realmente o encontrei depois de anos.

Imagens borradas começam a voltar à minha mente. Das doses de tequila no bar, das risadas compartilhadas e de mim caindo no meu quarto? *Não pode ser.* É só assim que percebo que estou de frente para Theo usando apenas calcinha e sutiã. *Socorro.* Sinto meu rosto queimar de vergonha.

— Oi, Theo — consigo finalmente dizer.

E em seguida:

— Tchau, Theo.

Saio correndo para o meu quarto atrás de algo para me cobrir. *Que vergonha*. Não sei se foi impressão minha, mas ele esboçou um sorrisinho assim que viu o meu desespero. Sempre rindo da minha desgraça. *Algumas coisas não mudam*.

Volto enrolada na toalha, com minhas roupas na mão e vou direto para o banheiro. Não deixo que meus olhos percorram o caminho até a cozinha. Já fui humilhada demais para chegar perto dele cheirando a vômito. Permito que a água do chuveiro leve toda a minha vergonha junto.

Minha cabeça está explodindo, mas sinto certo alívio quando a água quente cai sobre mim. Tento repassar a noite anterior e só consigo me lembrar de algumas coisas. É como se parte da minha noite tivesse sido apagada. *Não me lembro* de como cheguei em casa, mas tenho flashes de lembrança do Theo me ajudando a levantar do chão do quarto. *Ai meu Deus!* Será possível me envergonhar mais?

Quando termino meu banho, me seco e coloco as roupas que separei. Um short jeans e uma camiseta regata roxa. Penteio meu cabelo e dou alguns tapas no meu próprio rosto para ver se acordo. Claramente, vi isso em algum filme e tentei reproduzir, o que não deu certo. Passo perfume e respiro profundamente até tomar coragem para abrir a porta do banheiro.

Para minha sorte, Theo está vendo algo no celular e não me encara instantaneamente. O contato visual logo acontece quando ele percebe que saí do banheiro.

— Mel, oi — me cumprimenta, virando-se pra mim. — Huumm, espero que você não se incomode, mas preparei o café da manhã pra gente.

Levo alguns milésimos de segundo para me situar e ver que a pequena mesa da copa está repleta de coisas: bolo, pão, café, suco e panquecas?

Que horas ele saiu para comprar tudo isso? Que horas ele preparou tudo isso? Fico um pouco envergonhada ao me lembrar que não havia nada para comer em casa, afinal eu não fui ao mercado. Ao mesmo tempo, meu coração também se derrete ao perceber que ele preparou o café. Não lembro de alguém me mimar assim. A não ser Amanda que, às vezes, se arrisca na cozinha. Afinal, é Amanda.

— Tudo bem — digo, enquanto me ajeito na cadeira. — Parece tudo delicioso.

Theo pisca pra mim.

— Espero que você goste da panqueca de banana. É a especialidade da minha nutricionista. — Diz, orgulhoso.

Dá para perceber que ele deve ser bem regrado com a alimentação e exercícios físicos, a julgar pelo corpo que está à minha frente. Penso que as meninas na escola surtariam ainda mais com ele: seu cabelo bagunçado, os olhos penetrantes e seus lábios vermelhos. *Não sei por que estou fazendo essas observações, por isso volto rapidamente ao foco.*

— Hum, nunca comi, vamos ver se você está falando a verdade...

Observo tudo à nossa volta e noto que a panqueca parece ser o item mais saudável da mesa. Sei que abusei ontem e não quero colocar toda a minha dieta a perder. Por isso, não recuso a oferta de experimentá-la. Ao provar o primeiro pedaço, tenho que admitir que Theo está certo sobre o prato. É realmente saboroso.

— Tão fofinha. Adoro comida com essa textura.

— Que bom. Não sei se poderia manter a nossa amizade se você não gostasse da minha panqueca preferida. — Diz, em tom de brincadeira. — Ah, não esquece de colocar a pasta de amendoim. Essa aqui é de avelã, uma delícia.

— Claro. — concordo enquanto alcanço o pote à minha frente.

Quando olho em direção a Theo, encontro olhos verdes me encarando. Tenho que desviar o olhar, pois me lembro dos mesmos olhos em mim quando me ajudou a levantar do chão e me colocou na cama. Em falar nisso...

— Hum, Theo... — Ele desvia o olhar do seu café para me encarar novamente.

— Eu não me lembro muito bem da noite passada, só alguns flashes e... — Me remexo na cadeira para encontrar as palavras certas — o pouco que lembro me deixa extremamente desconfortável — falo, enquanto sinto meu rosto queimar.

Antes que eu continue, ele se adianta.

— Relaxa, Mel. Tá tudo bem. Você não fez nada para se envergonhar. Você só se divertiu, né? Acho que você estava precisando, assim como eu. Foi *muito bom* te reencontrar ontem.

Adoro como Theo consegue deixar qualquer situação confortável. Ele parece não se abalar com nada. Relaxo os ombros tensos à medida em que percebo que ele não se incomodou nem um pouco com meu comportamento ontem.

— Espero que eu não tenha feito você passar vergonha.
— Não, com certeza, não. — Ele me garante.
— Que pena... — Brinco e ele olha pra mim, com um sorrisinho de canto.

— É... — Ele responde.

— Ah, só mais uma coisa: prometo que vou me esforçar para não cair mais no quarto sem ter colocado meu pijama antes — dou uma risadinha.

Dessa vez é Theo que quase engasga com o café e o observo com mais cuidado. Vejo seus olhos adquirirem um tom mais escuro e espero sinceramente que ele não tenha ficado traumatizado. Sei que deve estar acostumado a ver mulheres de calcinha e sutiã, porém em corpos muito mais bonitos do que o meu. Sem tanta celulite, sem estrias e com curvas perfeitas.

Ele parece engolir em seco antes de me responder.

— Não se preocupe, Mel. Consigo lidar muito bem com a sua bebedeira. — sorri.

Apesar de não querer admitir, gosto do nosso reencontro, porque parece que o tempo não passou e que não ficamos tantos anos sem nos vermos. Ele ainda é o mesmo cara capaz de fazer uma situação toda embaraçosa ficar confortável novamente.

Antes que eu mude de assunto, a campainha toca. Deve ser Amanda, já que o porteiro a deixa subir sem ser anunciada. Não lembro de tê-la respondido ontem, talvez esteja preocupada. Quando abro a porta, não encontro apenas Amanda, Nathalia também está ao seu lado.

— Oi – cumprimento as duas.

Amanda mal toma um respiro antes de começar a falar sem parar.

— Mel, você não atendeu minhas ligações ontem, fiquei preocupada. Não consegui sair de casa e tentei ligar para Nathalia, que não atendeu, claro — ela lança um olhar cortante em sua direção.

Amanda está usando shorts jeans e uma camiseta de Stranger Things e não para de passar as mãos sobre as longas tranças, conforme vai falando.

— Me desculpe — Nathalia entra na conversa, dando de ombros.

Nathalia parece muito mais à vontade sem deixar de estar chique. Nunca a vi saindo de qualquer jeito de casa, ela sempre se arruma demais. Hoje está ostentando um vestido de verão amarelo, sandálias sem salto e seu cabelo castanho está preso em um pequeno coque bagunçado. Como eu disse, chique. Ela parece ter saído de uma revista de moda praia.

— Eu estava tentando ficar um pouco longe do celular ontem. Por isso, não vi as chamadas de vocês, gente. — Dessa vez, Nathalia parece um pouco culpada.

— Mas olha, Amanda. Ela está *bem*. Você faz muito drama por nada.

Sinto os olhos de Amanda em Nathalia e posso jurar que ela está ponderando puxar seus cabelos. Em vez disso, ela abre passagem na porta e entra no meu apartamento, seguida por Nathalia, que marcha atrás. Tudo isso sem eu ter respondido um “a”.

— *Ah!* — Amanda grita.

— O que foi, Amanda?

— Eu não sabia que você tinha um homem na sua casa, Mel! — Ela diz, em um sussurro um tanto quanto alto. Tenho certeza de que Theo está ouvindo tudo, pois um pequeno sorriso de deboche está se formando em seu rosto.

Nathalia abre um sorriso enorme, sem diminuir seu tom de voz.

— Não acredito que você voltou a usar o Tinder! Finalmente, amiga! Já estava na hora. Agora sei porquê você não atendeu o telefone ontem à noite, estava muito ocupada, né? — Pergunta enquanto pisca para mim e encara Theo.

Será que eu posso me enfiar em um buraco agora mesmo? Me parece a opção mais decente depois da cena que estou presenciando. Não sei onde enfiar a cara, também não sei como encontro voz para explicar a situação toda. Na verdade, nem sei se vale a pena, mas tento.

— Gente, esse é o Theo, meu *amigo* de infância e não um cara que achei no Tinder — encaro Nathalia, que logo murcha ao perceber sua gafe.

Theo está se divertindo muito com a situação, o conheço muito bem para saber disso. Mesmo assim, cumprimenta as duas como se não tivesse ouvido nada do que aquelas duas bocudas acabaram de dizer.

— Oi, meninas. Prazer — ele acena.

E, pelo menos, Amanda e Nathalia têm a decência de ficarem envergonhadas depois do papelão.

— Oi — elas dizem juntas.

Estou balançando a cabeça em descrença, quando as duas voltam a me encarar.

— Desculpa. — Elas fazem gestos com a boca para mim. Só consigo ficar mais irritada.

— Vocês querem tomar café, meninas? — Theo oferece, tentando aliviar a situação.

— Não se incomode. Nós duas já tomamos café — responde Amanda, cutucando Nathalia, que leva alguns milésimos de segundo para acompanhar a amiga, já que está claramente babando pelo único homem no apartamento.

— Isso mesmo — ela finalmente diz. Acho que é melhor a gente voltar outra hora, né? — Conclui, virando-se para Amanda. E, pela primeira vez, um pouco de sensatez toma conta do seu corpo.

— Nos falamos mais tarde, Mel? — Nathalia pergunta.

— Claro, se você atender ao telefone — acuso.

— Vou atender — ela responde, culpada.

Amanda chega mais perto de mim e sussurra ao meu ouvido.

— Amiga, não deixa esse homem escapar.

Quase a fuzilo com os olhos, mas não digo nada para não tornar a situação ainda mais vergonhosa.

De volta à mesa, murmuro um pedido de desculpas a Theo.

— Você não precisa pedir desculpas por nada. Você está na sua casa. Sou *eu* quem está invadindo. — Ele aponta.

— Claro que você não está invadindo. Eu te convidei, então sinta-se à vontade para ficar o tempo que quiser, tá bom?

Theo assente.

— Muito obrigado, Demoniazinha... — Ele provoca.

— Estou retirando meu convite, *Theodoro*...

Ele apenas ri.

Terminamos o nosso café em um silêncio confortável e, logo em seguida, Theo lava a louça, deixando a cozinha nova em folha. Ele se afasta um pouco e liga para o corretor trapalhão que o colocou nessa situação.

Enquanto isso, organizo as coisas que trouxe da minha mesa de trabalho. Desde que encontrei Theo, não tive tempo de pensar sobre isso. Vendo as minhas coisas ali, a tristeza me encontra novamente.

Folheio as páginas dos rascunhos que eu esperava entregar a Carlos e me pego com os olhos marejados novamente. Não, eu não vou chorar. Não *de novo*. Enxugo as lágrimas antes que Theo note e decido guardar meus rascunhos na parte de baixo da estante. *No meu cantinho esquecido*. Tudo que eu não consigo jogar fora, guardo ali. Me esforço muito para pensar que um dia ainda serei uma escritora, por outro lado, há uma vizinha na minha

cabeça dizendo para eu colocar os pés no chão e me conformar com um emprego que pague as minhas contas.

Em três anos de editora, eu não consegui que meu chefe olhasse para os meus rascunhos. *Três anos*. A quem estou tentando enganar?

Abro a portinha da estante e percebo que o lugar está *abarroado* de coisas. Fotos, rascunhos dos meus livros, embrulhos de presentes, meu material da época da faculdade e até alguns cadernos da escola. Faz quanto tempo que não mexo aqui? Quando tento puxar os papéis para arrumar espaço na bagunça, várias coisas voam para o chão da sala. E aqui está a Mel desastrada de novo. Em um dia caio de cara no chão, no outro derrubo todos os cacarecos que estavam esperando só um empurrãozinho para se libertarem.

Bufo frustrada com a bagunça que virou a sala e agora penso que tenho que arrumar tudo. Acho que tacar fogo seria a solução mais sensata. Penso seriamente nisso. Então, meus devaneios são interrompidos por Theo, que me olha com uma expressão divertida no rosto.

— Tá precisando de uma mãozinha aí?

Olho derrotada para ele, que claramente entende aquilo como um “sim”.

— Tá achando graça, né? — Dou um empurrãozinho nele, quando se senta ao meu lado.

Ele me olha de soslaio.

— Tenho que confessar que é engraçado como algumas coisas nunca mudam.

— Tipo o quê? — Encaro-o

— Tipo você derrubando tudo. — Abro a boca, indignada.

— Eu não era tão desastrada assim! — Me defendo.

— Era, sim. — ele garante — Se lembra quando você esteve em casa e derrubou umas taças da minha mãe?

— Claro que eu lembro! Mas não foi culpa minha! Quem coloca taças de enfeite pela casa toda?

— Minha mãe! — Ele ri.

— Eu lembro que ela ficou super brava, né? As taças deviam ser mais velhas que a gente. Eu já te agradei por levar a culpa por mim? — Pergunto.

— Não me lembro, Mel. — Ele sorri e vejo suas covinhas se ampliarem em seu rosto.

— Se eu não agradeci na época, então você perdeu a sua chance. Não vou agradecer agora.

Ele me olha, esperando eu mudar de ideia.

— Tá bom, vou fazer isso. Muito obrigada por me livrar da fúria da sua mãe. Sinceramente, ela me dava medo.

A mãe de Theo, a senhora Margareth, é baixinha e possui o mesmo tom de cabelo do Theo: castanho escuro. Os olhos de Theo, sem dúvida, foram herança do pai, assim como seu temperamento. Ou pelo menos uma parte de seu temperamento. Theo costuma ser bem calmo, mas também pode ficar bem bravo quando o tiram do sério. Nessa parte, ele é parecido com ela. Pelo que eu me lembro, era só ganhar um olhar da senhora Margareth, que todo mundo saía correndo. Ela colocava medo a quilômetros de distância.

Tanto que quando Theo me acusou e lhe disse que eu havia quebrado seu PlayStation, eu não admiti - algo que fez com ele passasse a me odiar ainda mais na época. Bom, o sentimento era mútuo.

— Ela ainda continua brava, Theo?

— Ela não é brava, Mel. É só o jeitão da madeira. Ela tem um coração enorme por debaixo de toda aquela carranca.

— Eu sei. Minha mãe também concorda com isso — dou de ombros. — Mesmo assim, ela me dava medo.

Theo ri.

— E os seus pais, estão bem?

— Ah, sim. Estão ótimos — garanto.

— Que bom!

Theo junta os papéis espalhados pelo chão, assim como os cadernos, enquanto faço o mesmo. Como o silêncio se estende, tento puxar assunto:

— E aí, o que o corretor disse? — Vejo uma ruguinha se formando em sua testa.

— Que o apartamento só vai ser liberado em duas semanas mesmo. — Ele suspira, frustrado.

— Que droga!

— Nem me fala! Sou oficialmente um sem teto! — Debocha de si mesmo.

— O corretor não te deu nenhuma outra opção?

Theo tem um sorriso maroto no rosto quando olha pra mim.

— Não sei se você percebeu, mas eu me exaltei um pouco ao telefone e desliguei na cara do babaca antes que eu conseguisse essa informação.

Olho para ele com a boca aberta, enquanto se concentra na pilha de papel que está à sua frente.

— Você não fez isso... — Acuso-o

— Fiz sim... — Ele me encara.

Balanço a cabeça negativamente, me lembrando da época da escola, de quantas vezes Theo se meteu em alguma confusão. Algumas, inclusive, para me defender.

— Você não mudou nada — dou uma risadinha.

— Nem você — Ele me olha e sou atraída pela profundidade do seu olhar.

— Isso é algo bom ou ruim? — Questiono.

— Do meu ponto de vista, acho ótimo.

— É, acho que ainda somos os mesmos — Confirmo. Theo me dá um empurrãozinho com o ombro, um toque sutil para dizer que estamos em sintonia. O mesmo toque que ele me dava na escola, quando queria me mostrar algo ou quando desejava que eu interpretasse o seu olhar. Era assim que nos comunicávamos. Ele não precisava dizer nada para que eu soubesse que estava achando graça dos meninos babacas se vangloriando por ficarem com uma menina ou quando as meninas davam em cima dele, que se esquivava com elegância.

De repente, sinto falta dessa época. De repente, me pergunto por que não lutamos mais por essa amizade? Às vezes, me pergunto até por que desperdiçamos tantos anos nos odiando, quando poderíamos ter sido amigos desde o começo... De qualquer forma, sou grata por termos nos acertado de uma forma ou de outra.



6- Mel

16 anos

Meus pais nunca vão admitir, mas eu sei o porquê de deixarmos a nossa cidade e voltarmos à cidade natal deles: por minha causa. As constantes mudanças de escola, o bullying em todas elas, as lágrimas que eu tentava a todo custo esconder. Só que minha mãe me conhece. De uma forma ou de outra, ela sempre teve a sua resposta. Não só ela, mas meu pai também. Eu sei que me amam e que querem o melhor para mim, mas não é culpa deles terem uma filha esquisita e antissocial e que não se encaixa em lugar nenhum.

Eles são tão cheios de vida, alegres, enquanto eu não pareço ser da mesma família. Confesso que, por muitas vezes, observei as fotos dos meus pais tentando encontrar algum indício de que sou adotada, porém as sardas espalhadas pelas minhas bochechas e nariz são iguaizinhas às que meu pai tem. Não há como eu não ter vindo

deles. Ainda assim, ser adotada seria a única explicação plausível para eu ser tão diferente.

Faz seis meses que estou nessa escola e posso dizer que nem tudo mudou. Ainda continuo sendo a garota estranha e sem amigos, só que sofro menos bullying do que antes, algo que me deixa bem surpresa. Aqui, pelo menos, as pessoas estão muito ocupadas para me notarem. Sinceramente, não sei o que é mais triste.

Minha mãe me colocou nesta escola por um motivo específico: *Theodoro*. Ela sempre foi perspicaz em saber que alguma coisa estava errada nos colégios anteriores, só que, por algum motivo, ela erra feio quando acredita que o filho da sua melhor amiga pode também ser meu amigo. Já disse inúmeras vezes que somos como água e óleo, não nos misturamos.

Não nos suportamos e a verdade é que Theodoro nunca vai me perdoar por ter quebrado seu PlayStation e por ter socado a cara dele quando éramos crianças, ele já deixou isso bem claro. E tem me lembrado anualmente, nos últimos cinco anos. Agora que estamos na mesma cidade, sou obrigada a frequentar a casa dele com mais frequência do que eu gostaria, só que para por aí. Não conversamos, não socializamos e, pelo menos agora, nossas mães não nos forçam a estar no mesmo ambiente, como antes. Ele passa a maior parte do tempo trancado jogando, enquanto eu fico no celular assistindo a vídeos. Nossa relação não mudou e não acredito que algum dia vá. Não é porque nossas mães são almas gêmeas, que nós também seremos. Definitivamente, é impossível Theodoro ser qualquer coisa minha, ainda mais minha alma gêmea. Só de pensar nisso, tenho vontade de rir.

Tanto é que estamos na mesma escola há meses e mal trocamos algumas palavras. Ele só se dirige a mim quando tem algum recado da sua mãe. Bom, acho que ela poderia facilmente falar direto com a minha mãe, só que prefere fazer isso para que o filho dela e eu tenhamos alguma interação. *Elas não desistem nunca*. O lance é que de nada tem adiantado, já que Theodoro não faz questão da minha amizade, assim como não faço da dele.

Prefiro mil vezes me recolher nos meus cadernos, nos meus livros de romance, no meu notebook, ouvir One Direction no volume máximo no meu quarto ou ver alguma série na TV. É uma ótima forma de me inspirar para a história que comecei a escrever. Eu amo escrever, amo mesmo. Amo criar histórias na minha cabeça e reproduzi-las no papel. Não sei se sou tão boa como deveria, mas me vejo facilmente fazendo isso pelo resto da minha vida. É muito mais divertido viver no mundo em que crio, do que no mundo em que estou.

Tento não preocupar meus pais e, por isso, guardo a maioria dos meus pensamentos só para mim, o que significa que tenho sofrido mais em silêncio do que gostaria. Sorrio quando estou com eles, sou petulante com Theodoro toda vez que ele me olha, tento erguer um muro em volta de mim, dizendo que está tudo bem e que posso lidar com isso. Só que, se eu fosse

verdadeira comigo mesma, diria que dói, dói para caramba. Dói se sentir insuficiente o tempo todo, questionar a sua existência o tempo todo.

Ficaria muito feliz em ser a CDF da sala, a menina quietinha que não fala com ninguém porque está ocupada demais estudando, concentrando-se no seu futuro brilhante. Porém, também não sou essa garota. As minhas notas são medíocres, sempre passo nas matérias raspando. A única em que me dou melhor é Português e nas aulas de redação, então, tento me agarrar a isso, mostrar a mim mesma que sou boa em alguma coisa, mostrar à minha família que não fui um erro.

Minha mãe me diz que serei uma autora de sucesso e, às vezes, quero acreditar nela. Às vezes, me imagino exatamente assim, então penso como é que uma pessoa como eu vai chegar lá, o que tenho para oferecer ao mundo? Por que as pessoas gostariam do que eu escrevo?

Olho para a roupa que estou vestindo e basicamente se resume ao uniforme escolar e ao meu tênis roxo, que tenho há exatamente dois anos. Sei que está na hora de trocá-lo, porém é meu preferido e não sei se sou capaz. Meu cabelo castanho médio é de um ondulado bagunçado, que não consigo arrumar por nada, e chega um pouco abaixo dos meus ombros. Na maior parte do tempo, tento mantê-lo preso, longe do meu rosto, só que minha mãe tem me forçado a deixá-lo solto, dizendo que *fico linda assim*. A única coisa que consigo enxergar no espelho, no entanto, é uma adolescente apática, que gostaria de estar em qualquer outro corpo que não fosse esse.

Faço um esforço descomunal para enxergar as letras da professora de História, mesmo usando lentes de contato. Acho que nunca me adaptei bem a elas; no passado eu usava óculos redondos, bem semelhantes aos do Harry Potter. Me lembro que os amei assim que coloquei, meus pais também adoraram. Foi só eu pisar na escola para mudar de ideia. Meus colegas disseram que eram muito grandes para meu rosto, que eu estava horrorosa daquele jeito, que deveria nascer de novo, assim, talvez, o problema seria resolvido. Não entendia como crianças podiam ser tão más, até ser o objeto dessa maldade repetidas vezes.

Voltei para casa desesperada, pedindo para que meus pais arrumassem lentes de contato para mim, pois não usaria óculos nunca mais, mesmo não enxergando nada à minha frente, graças aos meus quase três graus de miopia.

Minha mãe tentou tirar de mim o motivo, eu não disse. É claro que ela desconfiou e suspirou cansada ao perceber que tinha acontecido de novo.

Como uma mulher tão bonita, como Carolina, tinha uma filha nada bonita, como eu? Como uma mulher tão alegre poderia ter dado a luz a mim? É difícil se sentir um fardo o tempo todo. E é isso que sou para meus pais.

O certo seria me sentar nas primeiras fileiras da sala, mas não quero chamar atenção. Quero terminar o Ensino Médio da mesma forma que entrei: calada. E, depois disso, vou sumir de Monte Bonito. Vou morar em São Paulo, fugir dos olhares maldosos que se voltam a mim: hora porque meu cabelo “parece sujo”, hora porque sou burra demais ou desastrada demais, uma girafa, tenho sardas horrorosas, ou porque pareço uma criança e não uma adolescente. Sou uma garota alta, o que não quer dizer que meu corpo tenha acompanhado muito bem a minha idade. Claro, além da minha bunda que sempre foi maior do que deveria, o restante é bem infantil mesmo.

Não sei em que fase da adolescência estou, a esquisita, talvez? Só que tenho sido assim por quase toda a minha vida e estou cansada disso. Cansada mesmo. Por isso, não vejo a hora de sumir daqui e ser como qualquer outra pessoa: ter amigos, um namorado. Sei que parece ingenuidade minha achar que a vida vai virar um conto de fadas só porque vou me mudar de cidade, porém preciso acreditar que, assim como os personagens que escrevo, vai existir alguém que me vai me amar exatamente como sou, que vai me achar bonita, que vai ser apaixonar por mim.

Sou tirada dos meus devaneios por Eric, que olha para a minha carteira. Eu tenho um crush enorme por ele e gostaria que ele me visse da mesma forma, o que não passa de uma fantasia, claro. Não somos amigos ou nada do tipo, mas esse garoto sempre me tratou bem, com educação. Ou seja, me trata como uma pessoa, o que já é um fato extraordinário. Não fui tratada assim na maior parte da minha vida. Seu sorriso é lindo e amo quando é direcionado a mim, mesmo que não seja da forma que eu queira.

Desde o dia em que pisei aqui e ele falou comigo, fantasiei sobre como poderíamos acabar juntos. Suas mãos tocando as minhas, ele orgulhoso por me ter como namorada, nossos lábios se encontrando. Às vezes, penso que ele poderia ser o cara certo para mim... No entanto, é claro que isso não passa de um sonho impossível. Na vida real, ele é um dos garotos mais populares da sala e as meninas vivem atrás dele, por isso, qual a chance de um dia olhar de forma diferente para mim? Isso mesmo: abaixo de zero. Eu não sei como, mas Eric só perde na popularidade pro insuportável do Theodoro. Sinceramente, não faço ideia do que enxergam nele.

Aos 16 anos, ainda continuo BV - não porque eu queira, só não sei como me livrar desse título ridículo. Se eu fosse mais corajosa, talvez pudesse convidar Eric para sair. Tá, eu sei que não sou o tipo dele, o que, basicamente, inclui meninas com corpos de mulheres. Só que ele é tão gentil, que talvez não me dissesse não. O problema é que, apesar de eu não ter muito do que me orgulhar, morro de medo de levar um fora e acabar com o resto de dignidade que me sobra. Então, assisto Eric de longe, na esperança de que um dia ele me enxergue.

Quando o encaro, vejo mais do que sua aparência. O corpo bronzeado e o cabelo castanho que insiste em cair no seu rosto são um chamariz incrível, só que seu jeito doce é o que me deixa de queixo caído.

— Mel, não tenho uma caneta funcionando. Você pode emprestar uma?

— Claro! — Digo, abrindo um enorme sorriso e lhe entrego a caneta.

Devo estar com cara de boba, já que, quando me viro para a esquerda, duas cadeiras adiante está Theodoro, me encarando como se eu fosse idiota, balançando a cabeça em descontentamento. Como Eric já se virou para frente novamente, movimento minha mão direita lentamente, deixando meu dedo do meio bem esticado para Theo. É nesse momento que um sorriso maquiavélico toma conta do meu rosto. Ele apenas revira os olhos e volta a sei lá o que estava fazendo. Devo admitir: implicar com ele me deixa estranhamente feliz.



Estou na aula de Educação Física. Sei que se não participar dessa vez, vou ficar em recuperação. O problema é que nunca sou escolhida para os times, não é como se eu *não quisesse* participar.

Hoje teremos aula de basquete. O professor está formando times mistos, algo que não me cheira nada bem, claro. Eu sei como funcionam as regras do esporte, porém não sei aplicá-las. Uma vantagem, no entanto, é que sou alta e isso pode beneficiar o time que me escolher.

Por um milagre ou algo do tipo, acabo no time do Eric e, claro, do insuportável do Theodoro. Só que, mesmo assim, fico feliz por Eric ter me chamado, mesmo que não tenha sido a primeira. Estamos dando passinhos de formiga, é o que eu digo a mim mesma. Fantasio que a nossa situação vai mudar em algum momento e espero que seja em breve. *Melissa sonhadora.*

Quando estamos no jogo, consigo roubar a bola da Rafaela algumas vezes, ela é a garota mais bonita da sala e a mais popular entre os meninos também. Eu não sou muito boa em basquete, porém ela é pior, o que chega a ser engraçado. Quando corro em direção à cesta, no entanto, erro o arremesso. Vejo se formar um grande sorriso em seu rosto.

Bem próximo dela, meus olhos encontram os de Theodoro, que balança a cabeça negativamente para mim. Será que ele só sabe fazer isso? *Idiota.*

Tento acompanhar o jogo da melhor forma possível. Se for bem, da próxima vez, talvez, eles me escolham novamente. Eric me lança a bola e vou em direção ao lado oposto da quadra.

Sinto a adrenalina correndo pelas minhas veias e esboço um minúsculo sorriso de orgulho. Desvio de um e de outro, enquanto quico a bola no chão, até que eu tenha chance de arremessar. Preciso driblar mais uma pessoa e meu arremesso estará garantido. Só que, então, a muralha do Alberto entra na minha frente e, do nada, vejo Rafaela também. Os dois juntos formam um paredão contra mim. Na tentativa de escapar deles, sou empurrada. O que vem em seguida: o chão, o grito e a *mais pura dor.*

Minha visão está turva e alguma parte do meu corpo está latejando, acho que vou desmaiar. Grito de novo. As pessoas tentam se aproximar de mim, até que vejo Theodoro, com o rosto bem acima do meu, me olhando com as sobrancelhas franzidas. Se não o conhecesse bem, juraria que parece preocupado.

— Deem espaço pra ela, ela precisa respirar.

As pessoas parecem não ouvi-lo, pois continuam no mesmo lugar. Então, em uma nova tentativa, ele grita.

Saiam de cima! — E, dessa vez, todo mundo faz exatamente o que ele diz. Continuo estirada na quadra, com medo de me mexer, até que ele segura meu rosto.

— Onde tá doendo, Mel?

— Não sei, estou com medo de me mexer. — Gemo.

— Ok — ele diz, calmamente. — Vou tocar em você devagar e, se sentir dor, me fala.

— Você não é médico, Theodoro! — Gemo em meio à dor.

— Para de ser cabeça dura, Demônia! Não sou médico, mas já fiz curso de primeiros socorros.

Ele fez?

Theodoro me ignora completamente e segue me apertando até que grito, quando ele chega no meu braço esquerdo.

— Acho que não tem nada quebrado.

— Como você sabe? — Não tenho tempo para dizer mais nada, logo ele já está erguendo meu corpo e me carregando. *Mas que porra é essa?*

Acho que a sala fica surpresa por eu estar falando com ele por mais de um minuto ou pelo fato do garoto mais popular estar carregando a menina mais quieta da sala. Não acredito que ninguém saiba que nos conhecemos fora daqui. Talvez Eric, porque é seu amigo, mais ninguém.

Seu rosto está sério, como na maior parte do tempo, e nenhuma gracinha sai dos seus lábios. Meu ombro e meu braço estão doendo tanto, que acho que vou desmaiar a qualquer momento.

— Tá doendo muito, Theo!

Ele franze as sobrancelhas e me olha nos olhos, como se estivesse sofrendo também. Seus olhos verdes tomam uma cor mais escura e seu cabelo cai sobre o olho.

— Você vai ficar bem, Mel. Prometo.

Eu realmente não sei o que acontece. Deve ser a dor ou a vontade de desmaiar, mas acredito nele.



Theodoro ligou para meus pais e nos acompanhou até o hospital. Ele não saiu de lá até ter notícias minhas, me ver bem e dopada de remédios. Talvez estivesse presente para se certificar que não tenha terminado de

quebrar meu braço enquanto me carregava à enfermaria improvisada da escola. A mãe dele o mataria por isso.

Para sua sorte, e minha, não quebrei nada. Foi uma torção bem feia, que me deixou com um hematoma roxo enorme e horroroso, além de uma tipoia que vai me acompanhar por um mês.

Além de quase me matar na quadra da escola, outro fato ocorreu: a partir desse dia, Theodoro passou a ir até minha casa diariamente para saber como eu estava. No começo foi estranho estar em sua presença e achava que Dona Margareth estava lhe obrigando a fazer isso, já que ficávamos quase mudos um ao lado do outro. Então, os dias foram passando e os nossos diálogos aumentando. Retirei a tipoia, mas Theo não sumiu.

Descobri que ele é apaixonado pela Taylor Swift, e ele descobriu que eu sou pela One Direction. Descobri que ele tem covinhas quando sorri, e ele me disse que as sardas salpicadas pelo meu nariz e bochechas parecem uma constelação. Não sei se foi um elogio, nunca perguntei, estava muito ocupada prestando atenção em algo que antes julguei impossível: estávamos nos tornando inseparáveis. Ou melhor: estávamos nos tornando *amigos*.



7- Mel

Estou flutuando em pensamentos, quando Theo se concentra em uma pasta, com um bloco enorme de folhas dentro.

Sempre foi você

— É o que eu acho que é? — Ele levanta uma sobrancelha.

— O quê? O romance fracassado que escrevi durante a escola? Se é disso que você tá falando, então sim.

— Mel! — Ele me dá um empurrão em meu ombro.

— É a verdade!

Theo balança a cabeça inconformado com o que eu disse.

— Deixa ver se eu me lembro... — Ele estreita os olhos. — Esse é aquele livro que duas pessoas que não se suportam viram amigas e depois se apaixonam? E que depois descobrimos que o cara sempre foi apaixonado por ela, mas ela era muito lerda para perceber?

— Theo! — Dou um empurrão nele. — Não chama a Stella de lerda!

Ele sorri e me encara.

— Mas ela era, poxa! O cara dava sinais o tempo todo e como ela nunca se ligou?

Dou uma risada, afinal, Theo tem um pouco de razão sobre isso. O que me deixa mais feliz, porém, é saber que ele se lembra.

— Não vou discutir isso com você, Theodoro. — Um sorriso maquiavélico se amplia em meu rosto quando digo seu nome, porque sei que ele *odeia*.

— Melissa, pode parar! — Ele me olha de forma séria, tentando conter um sorriso.

— Você começou!

— Tá, vou mudar de assunto então. O ponto é que *eu* tenho razão!

— Theo!

— Você sabe que eu tenho, babe.

Olho para ele chocada com a audácia e com esse apelido que acabou de me dar.

— Claro — reviro os olhos.

Theo não desiste de me torturar.

— Ok, Demoniazinha... — ele sorri descaradamente.

Ao contrário dele, não tenho nenhum problema em ser chamada pelo meu nome. É bonito e simples. Então, ele dá um jeito de me tirar do sério com esse apelido ridículo. Não vou dar munção a ele, então simplesmente ignoro a forma como me chamou.

— Diga...

— Por que você disse que seu romance é fracassado? Para quantas editoras você o submeteu?

Minha expressão descontraída simplesmente desaparece do rosto, pois não sei se tenho coragem de confessar.

— Mel... — Ele me chama.

Deslizo meus dedos sobre o grande bloco de papel à minha frente, vulgo meu primeiro livro, e em um quase sussurro, respondo:

— Uma!

— Mel! — Theo parece chateado. — Ei, olha pra mim.

Então, eu o faço.

— Você desistiu no primeiro “não”? Essa história é ótima!

Não foi um “não” qualquer. Foi um “não” que na época quase me fez desistir de continuar escrevendo. A forma com que tudo aconteceu foi demais para mim. Me senti *tão humilhada, tão diminuída...*

Tudo aconteceu porque o “não” veio da última pessoa que eu esperava, da pessoa por quem eu estava perdidamente apaixonada: Alexandre.

Nosso namoro durou três anos. O conheci no meu primeiro ano de faculdade, em uma palestra sobre o meio editorial. Ele já era editor na Renome, uma das editoras mais famosas e respeitadas do país. Era um cargo super importante para uma pessoa de apenas vinte e três anos. Acho que me apaixonei assim que o vi. Ele estava usando uma camisa social e calça jeans e sapatos formais. Seus cabelos castanhos não eram tão compridos, mas o suficiente para que uma mecha insistente caísse sobre seu rosto.

Ele segurava o microfone firmemente com uma confiança tão palpável que, por um momento, achei até que fosse mais velho. Ele era lindo, com uma voz grave e poderosa, além de músculos visíveis pela camisa branca. O tipo de cara que muitas mulheres fariam de tudo para conquistar.

Seu discurso naquele dia durou cerca de uma hora; para mim passou como se fossem dez minutos. Era prazeroso demais ouvi-lo, ver a paixão que ele tinha por algo que também era a minha paixão. Então, no final daquela noite, fiz algo inimaginável para mim: me arrisquei. Me apresentei como estudante de jornalismo e disse que achava fascinante todo o mundo editorial. Ele sorriu para mim. Sorriu de verdade, falou que era admirável a forma como eu tinha um brilho diferente no olhar ao tocar no assunto. Ele me deu quinze minutos inteiros da sua atenção, achei que estivesse no céu. No final da nossa conversa, me entregou seu cartão de contato, dizendo que poderia procurá-lo, caso eu precisasse.

Nem preciso dizer que as borboletas ficaram enlouquecidas no meu estômago. Sorri em agradecimento e devo ter ficado parada como uma idiota vendo ele se distanciar, porque ele olhou para trás e eu ainda estava lá, onde ele havia me deixado. Ele sorriu novamente e acenou com a mão, antes de eu perdê-lo no meio da multidão que se formava na faculdade.

Alguns dias depois, entrei em contato com Alexandre e ele se lembrou de mim no mesmo instante. Quão possível seria isso? Eu disse que tinha muito interesse em fazer estágio na editora em que ele trabalhava e que gostaria de receber algumas dicas para participar do processo seletivo. Achei que ele me passaria algum material de apoio; em vez disso, no entanto, se ofereceu para que nos encontrássemos pessoalmente. Me belisquei umas duas vezes para saber se estava de fato ouvindo certo e *eu estava*.

Nos encontramos em uma cafeteria super fofa e conversamos por quase duas horas. Algo ainda mais surpreendente aconteceu: tivemos mais encontros como esse e, depois, passei no processo seletivo. Achei que nossa interação acabaria por aí porque ele já era um editor, e eu, a estagiária. Só que, então, ele me chamou para sair novamente, dessa vez deixando bem claro que era um encontro. Fiquei nas nuvens.

Era muito difícil aceitar que um cara como ele estava me enxergando de verdade, logo eu. Porém, pela primeira vez na vida, tentei acreditar que era merecedora daquela atenção, que era merecedora dele. Que meu *felizes para sempre* poderia estar na minha frente e que ele seria o cara que se apaixonaria por mim, assim como eu tinha imaginado na

adolescência. São Paulo era para ser diferente, certo? E tudo mostrava que sim, que ali, finalmente, eu seria feliz, me sentiria bem no meu próprio corpo, sendo eu. E cheguei bem perto disso, me apaixonei por ele, um tipo de paixão que fazia meu estômago dar cambalhotas todas as vezes em que estava na sua presença.

Nos perdemos um no outro por muitas noites, acordava em sua cama com um sorriso idiota no rosto. Ele me dizia que eu era linda, mesmo quando tinha todas as inseguranças possíveis com meu corpo. Qual é? A última vez que entrei em uma calça 36 deveria ser aos meus dezesseis anos. Depois disso, não consegui usar nada abaixo do 42. É difícil espantar a baixa autoestima de uma vida assim, ainda mais quando você passa anos escutando comentários maldosos sobre sua aparência, sobre seu jeito, sobre seu corpo. Só que eu baixe a guarda pra ele. Acreditava que Alexandre era o cara que procurei a vida inteira... E foi assim, por quase três anos. Só que, então, percebi que nosso relacionamento começou a esfriar. Talvez fosse coisa da minha cabeça, né? Ou talvez fossem os números maiores que já ostentava nas calças jeans.

Nosso namoro foi se deteriorando, ele não sorria mais para mim como antes, não se perdia em meus braços como antes, não dizia mais o quanto eu era linda. Então, dois fatos ocorreram, os quais chamei de tiros finais.

O primeiro é que pedi ajuda a ele. Depois de estagiar por quase todo o tempo da faculdade na mesma editora, acreditei que poderia haver uma chance para mim. Pedi para que Alexandre avaliasse meu livro, me desse a sua opinião. Eu sabia que poderia não ser uma resposta positiva, mas foi muito pior do que isso. Ele praticamente acabou com qualquer esperança que eu tinha em relação àquilo, falando que eu era ingênua em acreditar que aquele material me traria um contrato com a editora, que nem parecia que eu trabalhava lá, já que não tinha conhecimento de que na empresa eles não aceitavam “qualquer coisa”.

Lembro-me das lágrimas queimando meus olhos e do esforço que tive que fazer para não chorar em sua frente. Acho que nunca me senti tão humilhada na vida, nem mesmo nos longos anos de *bullying* na escola. Eu me importava com a opinião das outras pessoas e doía quando falavam qualquer coisa ruim para mim. Só que eu não tinha ideia de como seria ouvir isso dos lábios de uma pessoa que eu amava. Aqui vai um spoiler: não dá para mensurar. É como se uma espada estivesse atravessando meu peito, um

trator passando por todos os meus sonhos e esperanças e as cenas de quando eu era adolescente se repetindo na minha frente, com uma intensidade imensamente maior. Mesmo assim, não parecia descrição suficiente para tudo o que estava acontecendo.

Eu tentei me recuperar daquilo, me culpei por misturar assuntos pessoais com profissionais, eu jamais deveria ter pedido isso a ele. Tentei tapar tudo com panos quentes e agradá-lo da melhor forma possível, jogar para baixo do tapete aquela história que tinha me destruído dias antes.

Só que menos de um mês depois, Alexandre disse que não poderíamos ficar mais juntos porque não éramos “*mais compatíveis*”. Eu tentei evitar o nosso fim, disse que era melhor repensar isso; que ele estava estressado e que poderíamos resolver qualquer coisa; que nos amávamos demais e que não poderíamos terminar dessa maneira. Nada disso evitou que ele me deixasse assim, da noite para o dia.

É humilhante admitir, mas passei dias ligando para ele, implorando para que conversássemos. Deixava mensagens desesperadas em sua caixa postal e tentava abordá-lo no trabalho. É claro que nada disso ajudou. Sentia que estava sucumbindo à dor de perder o homem que eu amava e por minha culpa. Me arrependi por falar do livro, me arrependi por não ter me cuidado mais, eu não deveria ter ganhado tanto peso durante nosso relacionamento, eu deveria ter ficado à sua altura. Ele continuava impecável, até mais bonito do que quando o conheci, eu, nem de longe. O excesso de celulite nas minhas coxas, as dobrinhas na minha barriga - nada parecido com os músculos que ele exibia com tanta confiança por aí. Acreditei tanto que ele me amaria exatamente como eu era, que me perdi na minha própria fantasia.

Mesmo após o término, ainda nutria esperanças de que nos acertássemos. Pensei que estávamos passando pela tempestade, mas logo encontraríamos o arco-íris e o nosso caminho de volta. Era o que eu dizia a mim mesma para me convencer.

Então, recebi o segundo golpe, e doeu ainda mais do que o dia em que terminou comigo. O choque de realidade veio da pior forma possível. Em um evento da editora, duas semanas após nosso término, lá estava ele: com uma loira magérrima, que não deveria usar mais do que 36. Dez números a menos do que eu estava na época. Dessa vez, não consegui segurar o choro. Corri para o banheiro e passei quase todo o tempo lá, me acabando em lágrimas. Meus olhos estavam tão inchados, que tive que

inventar uma desculpa qualquer para meu chefe, para que pudesse sair correndo dali.

Depois disso, os dias na editora se tornaram insuportáveis. Doía demais saber que ele estava tão perto e que não era mais meu, que eu não acordaria mais em seus braços, suas mãos não deslizaram mais pelo meu corpo e eu não sustentaria mais o sorriso idiota de todas as manhãs.

Tentei esquecê-lo, tentei não pensar em seu cheiro ainda nas minhas roupas, na sua voz ao telefone toda vez que me ligava no final do expediente, só que não fui capaz. Então, pedi demissão. Sai de um lugar que eu amava, simplesmente, porque não aguentava vê-lo todos os dias. A dor do abandono me perseguiu nos anos seguintes. Não mostrei meus livros ou ideias para mais ninguém.

— Mel! — Theo me dá um cutucão, me fazendo voltar ao presente.

— Theo, para!

— Melissa, é sério. Exijo saber por que essa história não está distribuída em todas as livrarias deste país?

— Porque não é boa o suficiente! — Respondo, exasperada.

Havia me esquecido de como ele podia ser irritante quando queria.

— E quem disse isso? Quantos editores disseram isso?

Fico em silêncio. Theo então rouba de minhas mãos o grande bloco e abre no capítulo vinte e dois. É como se ele soubesse exatamente o que procurar.

A parte mais engraçada de tudo isso é que o toque dos seus dedos nos meus não é novidade para mim. O brilho no seu olhar e o sorriso torto quando me olha também não. É a mesma pessoa que conheço a vida toda e que nesse momento é responsável pelo frio que sinto na barriga e também pelo arrepio delicioso que percorre meu corpo. A verdade é que eu me apaixonei lentamente, dia a dia, sem perceber.

A voz de Theo está ainda mais rouca quando ele termina de ler a parte em que Stella finalmente enxerga que está apaixonada por Aaron. Theo me fita com intensidade, eu continuo muda. Lentamente, ele sobe seus dedos sobre minha mão e segura meu olhar.

— Isso aqui é fantástico, Mel. E você tinha apenas dezessete anos quando escreveu. Você tem que mostrar às outras pessoas o quão talentosa é.

Meus olhos percorrem o rosto dele e sei que está falando sério: a mandíbula trincada, as covinhas se foram, além do seu olhar penetrante no

meu.

— Deixa pra lá, Theo — Tento roubar dele o rascunho, enquanto ele o segura firmemente. Puxo com mais força até que as folhas se espalham pelo chão. Parecemos duas crianças brigando por um brinquedo. *Como antigamente.*

— Theodoro! — Advirto-o, brava.

— Melissa! — Ele responde, na mesma intensidade.

Encaramos um ao outro com chamas nos olhos, e parece que fui levada à infância novamente, na época em que discutíamos o tempo todo.

— Theodoro, sai da minha frente! — Ordeno enquanto tento recolher as folhas do chão. Ele não se move.

— *Theodoro...* — ameaço.

Então, ele começa a recolher as folhas comigo, sem dizer uma palavra. Estou puta, e ele percebe, mas não cede.

Ele dá alguns passos para alcançar os papéis que foram até a cozinha. De onde estou, vejo que algo lhe despertou a atenção.

— Demoniazinha, o que é isso? — Ainda estou emburrada, mas direciono meu olhar às suas mãos. É um envelope roxo em meio às folhas brancas.

— Não sei, Theodoro, deve ser qualquer coisa da época da escola. — Dou de ombros.

— Posso abrir?

— Por mim... — Digo enquanto continuo a tarefa de recolher os papéis.

Tento não olhá-lo, só que Theo parece extremamente concentrado no envelope que achou. Será que deixei algo comprometedor chegar até suas mãos? Me desespero só com o pensamento. Quando penso em agarrar o papel, como uma louca, ele direciona seus olhos verdes a mim.

— Mel — chama minha atenção enquanto balança o papel em sua mão.

Meus olhos se direcionam aos dele, porém continuo séria.

— O que foi?

— Bom, primeiro você tem que parar de ficar brava comigo. — Ele faz biquinho. — Faz só um dia que nos encontramos e você já está me tratando como na época da escola. Ou melhor, como na época da nossa infância em que você *me odiava*.

— Que eu me lembre, o sentimento era mútuo.

Reviro os olhos exatamente como no passado, e tenho quase certeza que vejo um sorrisinho se formar em seu rosto. Theo está se contendo, com certeza para não me irritar...

— Tudo bem, Theodoro. Vou me esforçar, afinal, não tenho mais dezesseis anos. — Dou uma pausa para respirar fundo. — O que você quer? — Bufo.

Ele tenta se manter o mais sério possível e falha miseravelmente. Finjo que não estou vendo nada porque isso é muito familiar. *Nós dois assim* é muito familiar e não sei como me sinto com essa informação.

— Achei a nossa lista, Mel! — Ele diz, me tirando do transe.

— Que lista? — Estreito os olhos, não faço ideia do que está falando.

— A nossa lista de desejos.

— Ah, aquela que você quis fazer. — Relembro.

— Essa mesma! — Responde, orgulhoso. Ele se aproxima de mim e se senta ao meu lado.

— Olha! Quando foi a última vez que você viu isso?

— Não sei. Acho que no primeiro ano da faculdade, talvez? Como você viu, tenho dificuldade em me livrar das coisas, por isso essa estante está tão abarrotada. — Dou de ombros.

— Posso começar a mudar isso agora. Vou jogar tudo fora! — Agarro o papel de sua mão.

— Mel!

— O quê?

— Você nem leu a lista!

— E qual a diferença? Não somos mais adolescentes, isso não importa mais.

— Claro que importa! — Ele rouba o papel de volta. — Antes de cometer esse erro de jogar fora a nossa lista... Peraí, ela também é minha, posso muito bem querer ficar com ela...

— Tanto faz... — Dou de ombros, tentando me fazer completamente desinteressada do assunto. O que, nem de longe, é verdade.

— Melissa, foco!

— O quê?

— Como eu estava dizendo... antes da lista sumir da sua estante, quero que leia e me diga se já realizou todos os sonhos dela.

— Isso é bobagem, Theo!

— Não é, não. E se é, por que você não quer nem olhá-la?

Direciono meus olhos aos dele, tentando encontrar a resposta à pergunta que acabou de fazer. Como não encontro, roubo a lista da sua mão novamente.

— Me dá essa lista, Theodoro! — Ele pensa que não vejo, mas sei que um sorriso convencido toma conta do seu rosto.

Ao passar os olhos pela lista, meu semblante desmorona. Chego até o final do papel com a mesma expressão. Quando olho novamente para Theo, qualquer resquício de brincadeira fugiu do seu rosto, e acho que ele não tem mais certeza se foi uma boa ideia me mostrar isso.

Eu quis fingir que esse pedaço de papel amassado não tinha qualquer relevância. A verdade, no entanto, é totalmente diferente. Tanto que não consegui me livrar dele antes.



8- Theo

16 anos

Mel está triste e brava. Na real, não sei qual dos sentimentos se destaca mais nela. Acho que ambos. Rafaela, a nossa colega de sala mais insuportável, nos chamou para seu aniversário.

Para mim não foi surpresa nenhuma, sempre me enfiem nessa merda. E não me entendam mal, não estou falando que o aniversário dela é uma merda, mas o que fazem na festa é. Me sinto em um looping infinito com base em todos os aniversários dos meus colegas de classe que já fui. Tirando o do Eric e da Mel, o resto é basicamente o mesmo: adolescentes bêbados se pegando sem supervisão dos pais.

Não sou hipócrita a ponto de dizer que isso é um porre. Eu mesmo já aproveitei muito essas festas e até tive que dormir na casa do Eric para que a dona Margareth não soubesse que seu filho mais novo não conseguia parar em pé de tão bêbado.

A pegação também foi boa. Eric estava lá e pode confirmar, mas meio que me cansei disso, do mesmo papo, das mesmas festas, das mesmas garotas chatas. Rafaela é uma delas. A menina parece ter um rei na barriga, e tenho certeza que me chamou para seu aniversário para vencer a aposta que fez há algum tempo. O pessoal acha que as mulheres gostam de uma fofoca, isso é porque nunca estiveram em um grupo de homens, ou melhor, de garotos, né?

Sei que Rafaela apostou que ficaria comigo, afinal, quem não ficaria com ela? Ela é uma deusa, né? *Palavras dela, não minhas*. Não vou negar que ela é bonita de verdade. Cabelos loiros longos, olhos verdes, um corpo que nem de longe mostra que ela está completando apenas dezessete anos. Só que há um fator determinante na equação para que eu não cumpra seu desejo. *Ela é insuportável*. Chata mesmo, além de má.

Nada tira da minha cabeça que ela empurrou a Mel de propósito naquele jogo de basquete, meses atrás. Eu assisti a toda a cena e vi como Mel foi parar no chão. O que me intriga, porém, é: o que Rafaela ganhou com isso? Não sei! Talvez o título de Regina George da escola...

Apesar desse incidente se destacar na minha cabeça, não foram poucas as vezes em que vi Mel chateada por um de seus “comentários ácidos”. Quer saber, vou dizer o nome certo: *bullying*. Quis que ela fosse até a diretoria e denunciasse essas atitudes, quis fazer isso eu mesmo, porém Mel me proibiu. Não queria que a história se repetisse, como nas escolas em que ela esteve anteriormente. Contudo, tive uma conversa bem assertiva com Rafaela. Disse que era para deixar Mel em paz ou seus pais ficariam sabendo o que ela apronta quando eles não estão. Essa menina sabe que cumpro o que falo e, desde então, tem estado mais na dela. *Até agora*.

A real é que, mesmo depois de todos esses episódios, Rafaela convidou Mel para sua festa. E o mais incrível para mim é saber que ela quer ir. Já tentei tirar isso da sua cabecinha oca, só que nada a convence - a não ser o fato de que não tem companhia. Não estou nem um pouco a fim de frequentar a festa daquela garota. A verdade é que estou bem de saco cheio da maioria da minha sala, não vejo a hora de sumir dessa cidadezinha. Não sei também por que estou pensando isso, já que Mel não pediu para que eu fosse com ela.

Sei porque ela está chateada. Mel queria que Eric a chamasse como acompanhante, mesmo que fosse como amigos. Porém, sei que não vai acontecer, por dois motivos: 1. Eric é tão lento, que nunca se tocou que Melissa baba por ele e 2. Ele já convidou Elisa para acompanhá-lo. É claro que não compartilhei essa informação com a garota que faz eu querer arrancar meus cabelos, não achei necessário e não quero ser o responsável por deixá-la ainda mais para baixo.

Já está quase na hora da festa da insuportável da Rafaela, por isso, quero saber qual é a atual situação de Mel, está quieta há horas. Não recebi nenhuma mensagem de texto dela depois da escola. Então, tomo a iniciativa.

Eu:

E aí, Demoniazinha? Ainda está brava?

Mel:

SIM.

Eu:

É só isso que você vai falar?

Mel:

SIM.

Respiro profundamente e penso no que vou dizer a seguir e é claro que opto por implicar ainda mais. Quem sabe assim, ela converse direito comigo. Então, uso a nossa velha tática.

Theo:

I knew you're trouble and you walked in...

(Eu sabia que você era um problema quando apareceu)

Mando um emoji revirando os olhos.

Dois minutos depois tenho a resposta:

Mel:

So shame ON YOU...

(Bem feito para você)

Mel gosta de jogar baixo, e sei que ela acabou de entrar *no meu* jogo. Devo admitir que, além do meu irmão mais velho, Thomás, e Eric, Mel é a única que sabe que sou fissurado na Taylor Swift. É claro que ela tentou usar essa informação contra mim, mas, na época, já estávamos quase sendo amigos, então, acredito que ela preferiu guardar isso consigo. Não que eu tenha algum problema em admitir que sou um Swiftie, só gosto de manter meus segredos.

Desde então, no entanto, ela começou a me zoar mandando partes das letras da Taylor em forma de mensagem. Ela achou que eu ficaria bravo, a verdade é que adorei. Tanto que, às vezes, faço a mesma coisa com ela, só que também mando da 1D, porque sei que ela ama.

Theo:

This night is sparkling, don't you let it go.

(Essa noite está brilhando, não deixe-a passar)

Mel:

Ok, estou boiando. O que você quer dizer?

Theo:

Que a noite está linda e que você deveria se arrumar, Melissa! Passo na sua casa em trinta minutos para irmos na festa da insuportável da Rafaela.

Mel:

Sério?

Theo:

Maybe we got lost in translation?

(Talvez a gente tenha se perdido na tradução?)

Mel:

Theodoro!

Theo:

É sério, vai se arrumar!

Mel:

This night is really sparkling.

(Essa noite está realmente brilhante).

Sorrio ao receber a confirmação de Mel e depois me arrumo para encarar a noite, que vai ser longa...



Há muita responsabilidade em ser o único amigo de uma pessoa, isso faz com que ela confie somente a você seus medos, inseguranças, seus dias felizes e tristes. É você quem está lá quando ela está sorridente ou quando está mal humorada, quando precisa de um abraço ou só gritar para extravasar. Antes de me aproximar de Mel, não sabia que ela não tinha amigos. Quando descobri, consegui entender a insistência da minha mãe no assunto. Só que antes, eu estava muito ocupado sendo um adolescente idiota para perceber isso, até que finalmente notei.

No começo pensei que ela deveria ser insuportável com as outras pessoas, assim como era comigo. Devia fazer da vida delas um inferno para que ninguém se aproximasse. Achei, inclusive, que era sua escolha ficar sozinha. Talvez ela se achasse boa demais para o restante dos mortais. Era essa a impressão que eu tinha quando nos víamos em todos os natais. Ela era confiante ao bater de frente comigo o tempo todo, era corajosa - tanto que nunca vou me esquecer do soco que ela deu em mim. Jamais imaginaria que aquela garota não tinha outra pessoa que não fossem seus pais para conversar.

No entanto, alguns meses antes dela se mudar para cá, Carolina, Marcelo e ela nos visitaram em um feriado. Mel não estava agindo como de costume: petulante, me tirando do sério. A única coisa que ela fazia era escrever em um caderno enquanto usava seus fones de ouvido. Naquele dia, me ignorou completamente, algo que nunca tinha ocorrido antes, afinal, ela fazia questão de se fazer presente, de me mostrar que ela estava lá.

Observei-a de longe, sem que ela percebesse. Mel escrevia e, logo em seguida, rabiscava as palavras, amassava as folhas e, depois, desistia, seja lá do que estava fazendo. Até aí achei que ela era apenas louca, algo normal para mim. Só que então, começou a chorar. Ela não estava ao alcance das outras pessoas, estava isolada em uma parte distante da casa, perdida em

seus próprios pensamentos. Seu choro era abafado, como se ela não quisesse que ninguém ouvisse e soubesse que estava chorando. Só que eu ouvi: como ela xingava baixinho dizendo que não queria mais ser uma aberração, que queria ser normal e que queria que seus colegas gostassem dela. Nunca a vi assim antes. A Melissa, ou o Demônio, como costumava chamá-la, jamais agiu dessa forma perto de mim, como se precisasse de alguém para segurar sua mão, como se precisasse de um amigo.

Eu a assisti lavar o rosto, a assisti em frente ao espelho dizendo que ia ficar tudo bem, que sairia dessa, como nas outras vezes. Meia hora depois, quando se juntou ao restante das pessoas na casa, ela sustentava um sorriso no rosto que, eu sabia, de longe, não era verdadeiro. Aquilo me deixou inquieto e comecei a sondar minha mãe para saber o que tinha acontecido com ela. Óbvio que a dona Margareth se animou com a simples menção ao nome de Melissa, o que me fez bufar com força.

Meu objetivo, no entanto, foi cumprido, porque descobri os problemas que Mel havia enfrentado ao longo dos anos, como ela teve que recomeçar várias vezes em uma nova escola. E isso... isso mexeu comigo! Não conseguia mais enxergá-la como o Demônio, apenas como uma garota, uma garota muito bonita.

Demorei muito tempo para finalmente me aproximar dela e o incidente na quadra da escola foi o ponto alto para que isso ocorresse. No começo, procurei algum comportamento que fizesse com que as pessoas se afastassem dela, talvez ela fosse má, uma bruxa, como eu pensava quando era criança.

O fato é que, quanto mais nos aproximávamos, mais confuso eu ficava por ela não ter mais ninguém. Mel era inteligente, conversava sobre assuntos que me deixavam fascinado, tinha uma risada contagiante, além de ser muito linda. Eu sempre observava as suas sardas espalhadas pelo nariz e bochechas, me lembravam uma constelação. Não me lembro de ter tido tanto papo assim com uma garota antes, não me lembro de ficar tão empolgado para jogar com alguém, como eu ficava com ela. Não me lembro de ficar tão feliz por compartilhar meus segredos com alguém, e nem de ficar ansioso para ouvir uma risada novamente. Mas era só vê-la sorrir, que eu sorria também.

Desde que nos tornamos amigos, prometi a mim mesmo que faria de tudo para que ela sorrisse cada vez com mais frequência - era minha responsabilidade ter certeza de que estaria segura, de que não viveria

novamente os dias de terror das outras escolas, que teria alguém para contar. Tentei protegê-la do maior número de decepções possível, tentei ser o melhor amigo que ela poderia ter. Definitivamente, Melissa merecia isso. Melissa merecia o mundo e eu lhe daria, se ela quisesse.

Por isso, mesmo odiando ter que ir à casa da Rafaela, lá estava eu batendo na porta da Mel, pronto para enfrentar a noite ao seu lado. Carolina, sua mãe, foi a pessoa que me atendeu com um enorme sorriso no rosto. É claro que minha mãe e ela não fizeram o maior escândalo quando, finalmente, nos tornamos próximos – acho que para não desistirmos da ideia, só que era bem óbvio para mim o quanto essas duas estavam felizes. Depois de passar quase a minha vida toda dizendo que jamais seria qualquer coisa da Melissa, aqui estou eu, mordendo minha língua com força.

— Theo, ela está no quarto, terminando de se arrumar. Pode ir até lá.

— Obrigado, Carol. — Respondo, acenando com a cabeça.

Chego ao quarto de Mel, no final do corredor, e a porta está trancada. Dou duas batidinhas, avisando que cheguei.

— Pode entrar, Theo. Estou quase pronta.

Então, faço exatamente o que ela diz. Mel está em seu banheiro, com a porta aberta. Tento achar algum espaço na sua cama coberta por roupas, definitivamente até eu sou mais organizado do que ela. Enquanto encosto na parede, encaro o enorme quadro da One Direction, revirando meus olhos automaticamente. *Sempre faço isso*. Dois minutos depois, ela coloca a cabeça para fora do banheiro.

— Theodoro, preciso que me ajude.

— Diga...

— Você precisa ser sincero sobre a minha aparência, tá? Não se ache com o que eu vou dizer a seguir, mas você se veste bem e pode me ajudar com isso.

Mordo os lábios quando percebo que ela acabou de me elogiar. *Melissa me elogiando*. Definitivamente, é um momento que preciso aproveitar.

— É um elogio, Melissa?

— Tá vendo, Theodoro?! Por isso não falo nada pra você!

Dou uma gargalhada.

— Idiota!

— Ei, tô brincando. É claro que posso te ajudar. Vem aqui fora.

— Só se você prometer que não vai rir de mim.

— Não vou...

— Tá bom...

Cinco segundos depois e Mel está à minha frente. Ela dá uma rodopiada e me olha com clara apreensão. Levo alguns segundos para me situar novamente. Ela está usando um vestido roxo (sua cor preferida) curto, algo que raramente a vejo usar. Ele não tem alças e molda seu corpo perfeitamente. Devo dizer que Mel mudou muito desde que começou a estudar comigo. Seu corpo ganhou curvas que não tinha antes - algo que ela odeia e, pela minha cara no momento, posso dizer que eu não odeio nem um pouco.

— Ficou péssimo? — Me olha, derrotada. — Eu sabia que estava fazendo papel de palhaça. Não sei com qual roupa ir, Theo! — Ela choraminga, se jogando ao meu lado. Seus pés saltam para cima, assim que seu rosto cai sobre a cama, e tenho a visão dos seus tênis brancos, logo depois das suas panturrilhas, coxas e... Meu Deus! Viro para o outro lado no mesmo instante. *Não pode ser.*

Mel continua choramingando ao meu lado e só assim percebo que não disse nada e que a minha reação é o motivo para ela estar assim.

— Mel, o que foi?

— Você odiou! — Ela tira o rosto do colchão para me olhar e me dar um empurrão.

— Ai! — Protesto. — Odiei coisa nenhuma, quem disse isso?

— Tava na sua cara, Theodoro!

Tenho certeza que minha expressão pode ter dito qualquer coisa, menos que odiei. Eu diria que foi bem o contrário. Gostei demais do que vi. Demais mesmo e estou me repreendendo muito por esse pensamento idiota.

— Para de ser boba! Você está... — Não sei bem como me expressar sem que ela saiba exatamente o que está passando na minha cabeça.

— Horrível, péssima? — Ela me lança um olhar ainda mais triste e simplesmente não aguento isso.

— Gostosa, Mel! Gostosa pra caralho! — Digo expirando o ar pelo nariz. — Está feliz agora? — Encaro-a.

Por alguns segundos, ela para e me olha com a boca aberta, literalmente. Quando parece voltar a si, dá uma gargalhada. Sinceramente, não sei o que está achando engraçado, afinal, deixei minha dignidade na porta dessa casa.

— Por que você está rindo? — Pergunto, mal humorado.

— Porque você é um péssimo mentiroso!

— Como assim?

— Você dizendo que estou *gostosa* — ela dá mais uma risadinha. — Theo, não precisa tentar consertar a sua primeira reação. Já estou acostumada, tá?

— Acostumada a quê?

— A não ser a garota mais bonita da festa. Eu sei que não sou. Agradeço por você ser um ótimo amigo e me elogiar para que eu não fique chateada, mas está tudo bem, ok? Só me diga se esse vestido está horrível ou não. Não preciso de mais nada...

Olho pra ela com a boca aberta, não é possível que pense tão pouco de si própria e que ache que estou mentindo, logo quando disse exatamente o que estou pensando. Admito que se não estivesse em sua casa, com os pais dela bem próximos da gente, eu provaria para ela o quanto está errada. Porém, sei que não é a mim que quer agradar. Ela quer estar bonita para meu melhor amigo, e só a ideia me faz ter pensamentos assassinos.

— Theo? — Ela me chama novamente à Terra. — Então?

— Não está horrível — digo, a contragosto. Sei que é o máximo de “elogio” que ela vai aceitar de mim.

— Obrigada — ela me dá um sorriso terno.

A noite não está sendo como Mel imaginou. Eric se pegou com Elisa na nossa frente e pude ver a decepção estampada em seu rosto. Até eu me irritei com a cena, afinal, o cara tem literalmente toda a atenção da Mel e enxerga todo mundo, menos ela.

Começo a observá-lo de longe, tentando entender o que ela vê nele. Eric é bonito, posso admitir isso, e um cara gente boa para caramba, mas, ainda assim, não compreendo como ela é capaz de olhar tão apaixonadinha para ele e não me enxergar ao seu lado. Espera aí... *Por que estou tendo esses pensamentos mesmo?*

Balanço a cabeça em descontentamento e começo a ficar irritado. Além de ter que ver Mel mais uma vez decepcionada com Eric, Rafaela não dirigiu sequer uma palavra a ela, algo que me deixou com mais ranço dessa menina. Como você chama alguém para a sua festa e nem fala com a pessoa?

Por alguns minutos, Mel ficou sozinha em um canto da chácara, observando as pessoas ao redor. Daria qualquer coisa para saber o que estava pensando, mas sei que nem comigo ela dividiria isso. Não quis deixá-la, só estava tentando me livrar da atenção indesejada de algumas

meninas da festa. É sério, não aguento mais esse tipo de lugar, não aguento mais as mesmas coisas. Quando consegui, sentei-me ao seu lado, embaixo de uma árvore. Usei meu pé direito para tocar o seu esquerdo, então ela virou-se para mim, com os olhos castanhos cheios de tristeza. Odeio vê-la triste e juro que colocaria fogo nessa cidade se isso a deixasse feliz.

— Você não precisa deles, você sabe, né?

Ela me encara e tenta esboçar um sorriso que não atinge seus olhos.

— É sério! — Dou um empurrãozinho em seu ombro para animá-la.

— Nós dois somos suficientes, Mel. E você nunca vai me perder.

Sabe a responsabilidade de ser o único amigo de alguém que mencionei antes? Eu gosto de ter essa responsabilidade, principalmente porque é a Mel. Gosto de estar aqui para ela, de ser alguém com quem possa contar, de ser o único em sua vida dessa maneira, pois sei que faria qualquer coisa para protegê-la.

— Você promete? — Ela me encara.

— Claro! A gente não precisa deles pra nada. Vamos fazer tudo o que temos vontade juntos.

Mel ri, dessa vez, de verdade.

— Você confia em mim? — Ela me olha e ri novamente, achando que estou brincando, só que não estou. Quero que ela confie em mim, que acredite que não vou magoá-la como as outras pessoas fizeram.

— Preciso que você me leve a sério, Melissa. — Murmuro. — Me empresta um papel e uma caneta. Sei que você não sai sem seu bloco de notas. Vamos!

— Para que você quer isso?

Uma pequena ruguinha se forma no meio das suas sobrancelhas.

— Você já vai descobrir — respondo, e ela me concede o que pedi.

— Beleza, agora vamos escrever tudo o que temos vontade de fazer para não esquecermos.

Mel continua me olhando como se um terceiro olho tivesse surgido na minha testa.

— Tudo? — Ela franze as sobrancelhas.

— Acho que não precisa ser exatamente tudo, acredito que as coisas mais importantes pra você. — Vejo um pequeno brilho surgir em seu olhar.

— Parece legal, mas o que vamos fazer com essa lista?

— Quando um de nós estiver triste ou desanimado com algo, vamos relê-la e lembrar que prometemos realizar esses sonhos juntos. Você não pode permitir que eu desista de nada dessa lista, assim como eu não vou permitir que você faça o mesmo.

Um pequeno sorriso se forma em seu rosto.

— É um plano audacioso, *Theodoro* — ela dá um empurrãozinho em meu ombro. E lá está. A única pessoa que faz o meu nome soar bonito, agradável, até mesmo sexy.

— Eu já te prometi algo que não cumpri?

— Não que eu me lembre... — Ela franze o rosto.

— Então você precisa confiar em mim.

Ela me encara por alguns segundos, me analisando, então diz:

— Tá bom! Eu confio.

Depois do nosso combinado, escrevemos os nossos maiores desejos no papel. Levamos mais tempo do que planejamos, pois nem de longe é fácil como imaginamos e não há como entrar em um consenso com a teimosa ao meu lado sem discutirmos por pelo menos uma hora. No entanto, ficamos felizes com o resultado.

A lista de Theo e Mel

- 1- *Comemorar meu aniversário durante uma viagem inesquecível em outro país - Mel*
- 2- *Comer algo exótico (talvez em uma viagem) - Theo*
- 3- *Ir no show da One Direction - Mel*
- 4- *Ir no show da Taylor Swift - Theo*
- 5- *Pintar meu cabelo de roxo - Mel*
- 6- *Encher meu corpo de tatuagens - Theo*
- 7- *Ser uma escritora de sucesso - Mel*
- 8- *Criar um game incrível - Theo*
- 9- *Me apaixonar por um cara incrível - Mel*
- 10- *Me apaixonar por uma garota incrível - Theo*
- 11- *Item extra: Mel e Theo sempre estarão um na vida do outro, aconteça o que acontecer. - Mel, Theo*

Depois de conseguir arrancar um sorriso da Mel com a lista, decido que está na hora de irmos embora. Não há nada ou ninguém para nós dois

aqui.

— *Can I take you home with me?* (Posso te levar para casa comigo?)

— Pergunto, enquanto estendo minha mão até ela.

Mel me olha, arruma seu vestido roxo e estende a mão para mim. Quando está de pé, me responde, complementando o trecho da música da One Direction.

— *Never in your wildest dreams.* (Nunca, nem em seus sonhos mais loucos).

Ela sorri enquanto a arrasto para longe daquele lugar.



9- Theo

Se a Mel acha que vai ganhar essa, está completamente errada. Não estou nem aí que ela continua uma mula teimosa. Não vou jogar nossa lista fora! Observo-a enquanto seus olhos passam pelo papel e, sinceramente, não gosto da sua reação. Pelo pouco tempo que passamos juntos, já deu pra perceber que ainda não acredita no quão incrível é. Como uma pessoa tão talentosa é capaz de desperdiçar um dom assim? *Será que ela vem fazendo isso todos esses anos?*

— O que foi? — Pergunto, receoso.

— Só comprovei que, aos vinte e cinco anos, eu não risquei sequer um item disso, Theo. — Ela direciona seus olhos às próprias unhas vermelhas, cutucando uma pele dali.

— Mel — Chamo. — Você só tem vinte e cinco anos. Tem uma vida toda pela frente! E caso isso te faça sentir melhor, eu também não risquei nada dessa lista.

— Ah, isso é mentira! — Me acusa.

— Como assim? Do que você tá falando?

— Você tem os braços cobertos de tatuagens.

É claro que minhas tatuagens podem ser notadas de longe, pois elas descem desde os meus ombros até os meus punhos. Por um breve momento, penso se Mel reparou no meu corpo, se reparou em mim. Só o pensamento faz os pelos da minha nuca se arrepiarem. Sinceramente, não sei o que está acontecendo comigo.

Faz menos de vinte e quatro horas que a reencontrei e sinto como se nunca tivéssemos ficado separados. Ela ainda consegue me irritar e me atrair ao mesmo tempo e, sinceramente, não estou a fim de lidar com esses pensamentos. Não estou a fim de bagunçar ainda mais a minha vida, principalmente depois de Aline. E, mesmo que eu quisesse fazer isso com Mel, não acho que nada tenha mudado desde o ensino médio: continuo invisível para ela. Espanto a ideia e tento focar no que realmente importa.

Sempre achei incrível ter diversas tatuagens e fiz a minha primeira quando completei dezoito anos, já no meu primeiro ano de faculdade. A maioria dos meus desenhos não têm significado algum, eu só queria preencher o espaço em branco no meu braço. Por isso sempre marcava um horário com o John, meu tatuador oficial, e escolhia algumas das artes que ele mantinha na pasta. Claro que pedi para que caprichasse ainda mais em algumas. Reproduzi meu amor pelo Playstation, desenhando as teclas do controle em aquarela no meu antebraço esquerdo. Tá, fiz isso quando tinha apenas dezenove anos e, logo em seguida, me arrependi. Só que, olhando para ela agora, eu meio que gosto... gosto bastante, na verdade. É parte do que sou e do que sempre amei, então nada melhor do que manter comigo, no meu corpo. Já o meu braço e antebraço direito é coberto por uma serpente gigante, que levou várias sessões para ficar pronta. Lembro o quanto esperee quando fui fazê-la, e quase desisti no meio do caminho, mas dessa eu não me arrependo nem um pouco.

— Você está errada, Melissa. Na lista diz: “encher meu *corpo* de tatuagens” e até o momento, meu corpo não tá cheio de tatuagens — arqueio uma sobrelha, desafiando-a.

— Bom, elas são bem impressionantes, principalmente essa cobra gigante. — Aponta para o meu braço. — Mas, como eu vou saber se o que você tá falando é verdade, Theo? Nunca te vi pelado!

Agora sou eu que me viro bruscamente, pois estou, sim, surpreso por ela ter dito isso. Acho que saiu sem querer, porque noto como desvia o olhar logo em seguida.

— Posso te mostrar qualquer dia — brinco.

— Theodoro! — Ela me dá uma cotovelada.

— Ai, é brincadeira, Melissa! — Tento suavizar a situação, apesar de saber que, no fundo, não estou brincando nem um pouco. Ficar tão próximo dela assim está me fazendo perder completamente a cabeça: falo coisas que não deveria, observo-a mais do que seria considerado saudável e acho que

possivelmente cometeria um assassinato se isso permitisse me perder no corpo dela. Ou seja, voltei a ser um adolescente.

Ela revira os olhos.

— Olha, não muda de assunto, tá? O fato é que nenhum de nós realizou as coisas que colocamos nessa lista e não vejo motivo de não começarmos a mudar isso... — digo, tentando focar no bendito papel e não nos lábios dela tão próximos aos meus. *Droga!*

— Para começo de conversa, não tem como eu ir a um show da One Direction. Caso você tenha perdido a memória, eles se separaram, Theo...

Estou me esforçando muito para não rir, sei que ela vai arrancar meu pescoço se eu esboçar uma risada.

— Nem pense em rir, *Theodoro*. Foi praga sua!

— Minha? — Pergunto, indignado.

— Sim! Foi você que disse que eles não ficariam juntos por muito tempo...

— Mas, Mel! É só olhar o histórico. Bandas e grupos se separam, eles não ficam juntos para sempre. Backstreet Boys, N'Sync, Bro'z, Polegar...

— Quê? — Mel me pergunta, confusa.

— Não importa se você os conhece ou não, o importante é que minha teoria está certa. Em algum momento, vão se separar. Me coloco no lugar deles, já é difícil conviver comigo mesmo, imagina sentindo chulé de outros quatro calangos?

— Idiota! — Ela me dá um soquinho.

— É a verdade. — Dou de ombros.

— Não importa, Theo. O que quero dizer é que não vou conseguir realizar esse sonho, perdi minha chance, entende?

— Entendo, mas você tem outros desejos nesse papel, Melissa. Preciso te lembrar?

— Você realmente quer cumprir a lista que fizemos quando tínhamos dezesseis anos, *Theodoro*? Sempre achei que você só estava tentando me animar naquele dia...

Mel não está errada, eu realmente queria animá-la, só que criar a lista era mais do que isso. Estávamos no penúltimo ano do ensino médio, e comecei a ficar com medo de nos separarmos, de seguirmos caminhos diferentes, então, na minha cabeça adolescente, fazer isso ajudaria a nos mantermos próximos, pois teríamos que cumprir juntos. Nos últimos anos,

tentei muito não pensar sobre esse papel e esses sonhos, só que estaria mentindo se dissesse que os apaguei da minha mente, porque, definitivamente, não o fiz. O Theo adolescente estaria orgulhoso hoje, pois, no final, ele tinha razão. Não foi a lista que me trouxe de volta à vida dela, mas, sem dúvidas, é ela que está me ajudando a ficar.

Eu sei que deveria correr para longe de qualquer pessoa que faça meu coração bater mais forte. E cumpri muito bem esse papel nos últimos meses, desde que deixei Aline. Mas bastou eu ver Mel novamente para que meu coração idiota deixasse de fazer apenas suas funções básicas, como bombear sangue para todo meu corpo. Agora ele insiste em bater cada vez mais rápido toda vez que ela se aproxima. Definitivamente, espero que seja um infarto.

— São os seus sonhos ainda, não? — Pergunto. Mel passa os dedos sobre o papel por alguns segundos e se direciona a mim novamente.

— Ainda são — ela diz, mais para si mesma do que para mim.

— Então não vejo motivo para não tentarmos. Pensa, faz anos que não nos vemos e nos reencontramos por acaso! Agora estou aqui olhando para a nossa lista de desejos. Talvez isso signifique algo...

— Sim, que crescemos e que a vida real não pode se basear em uma lista idiota!

— Melissa... — Murmuro. — Sei que não estive presente nos últimos anos, porém não acho que você tenha mudado tanto assim. Você sempre foi uma garota sonhadora, lembra? E cadê aquele papo de encontrar o amor da sua vida, de viver tudo o que escreve nos livros?

Para ser sincero, acho que Mel nunca compartilhou esses segredos com outra pessoa e isso faz com que me sinta especial. Apesar de babar por Eric, não acredito que ela diria a ele o que disse a mim. Quase não acreditei quando ela se abriu comigo, quando contou seus medos, seus sonhos - sem ter receio que eu debochasse deles. É claro que jamais faria isso, acho que nem quando nos odiávamos. O problema é que Mel tinha um histórico de não poder contar com ninguém para conversar e achei que se manteria fechada para mim, o que não aconteceu.

Acho que teve que manter esses sonhos tão bem guardados que por isso começou a escrevê-los no papel, em seus livros. Colocar para fora aquilo que não conseguiu fazer com outras pessoas. Então eu apareci e, além das folhas escritas, ela começou a dividir essas coisas comigo também.

Mel nunca se deu muito crédito em nada - e quando digo nada, é nada mesmo: seu corpo nunca foi bom o suficiente, sua escrita muito menos, e a

pior parte é que ela acreditava fielmente nisso. Apesar de me contar algumas situações que aconteceram nas escolas anteriores, não acho que tenha compartilhado comigo as mais difíceis, as mais feias. Sabia que ela sofria em silêncio, sabia que ela se esforçava para ser diferente, para ter mais autoconfiança, mas algo dentro dela não deixava.

A Mel que vejo à minha frente é, sem dúvidas, mais forte, mas acredito que a menina de dezessete anos ainda ocupa um grande espaço dentro dela. As inseguranças ainda estão aqui e não sei se fiquei mais triste na época ou se estou mais triste agora. Queria que ela se enxergasse como eu a enxerguei no passado. Quero que ela se enxergue como eu a enxergo no presente.

— Theo, eu cresci. — Ela diz, séria, enquanto olha no fundo dos meus olhos. — E a vida adulta está bem longe de ser um livro clichê. Eu gostaria de encontrar um Atlas, mas os caras com quem me envolvo estão muito mais próximos de um Ryle.

— É Assim que Acaba. — Menciono.

Mel tira seus olhos da lista e me encara novamente.

— Você leu?

— Claro que sim, Mel. Era a sensação do TikTok. Eu ainda sou um leitor ávido. — Digo, orgulhoso.

Comecei a ler livros quando Mel escreveu seu primeiro romance. Na época, eu só queria que ela ficasse feliz por eu estar fazendo isso, só que sua escrita era tão boa, que eu simplesmente fiquei viciado em tudo o que ela escrevia.

Depois dos romances de Mel, passei a ler outras coisas, a diversificar. Então, fui para os clássicos da literatura brasileira como Dom Casmurro, segui para a Internacional como Orgulho e Preconceito e posso dizer que sou apaixonado por livros de ficção. Os de romance, distopia e mangás, claro, têm meu coração, admito. Inclusive, a minha coleção de mangás deixaria qualquer um com inveja.

Quando penso nisso, lembro que preciso trazer as coisas que deixei no Rio, como meu PlayStation, e a maioria dos meus livros. Achei que ficaria apenas um dia sem minhas coisas, porém, sem apartamento, é impossível pedir para que Murilo mande-as até mim. Já ocupo muito espaço aqui e não quero incomodar ainda mais a anfitriã. Não sei, todavia, quantos dias vou aguentar sem colocar as mãos no meu vídeo game e no restante dos meus materiais. Provavelmente, vou ter que dar uma olhada na coleção da Mel e roubar algum...

Ela, inclusive, não se dá o valor que merece, mas sabe quando te perguntam qual livro te introduziu na leitura? A minha resposta é fácil: *Sempre Foi Você*, o primeiro que Mel escreveu.

— É bom saber disso, Theo — ela sorri de canto pra mim.

— E aí, topa? — Pergunto, de repente.

— O quê?

— Completar a nossa lista.

— Theo, isso é maluquice.

— Nós prometemos, Mel.

— Quando éramos *crianças*.

— E só por isso deixa de ser importante?

— Claro que não! É que...

— Que o quê?

— Eu não tenho tempo pra isso, preciso correr atrás de um outro emprego. — Justifica.

— Pelo que eu me lembre, na nossa lista tem um emprego sensacional pra você.

— E qual seria? — Ela me olha, entediada.

— Me dê aqui essa lista, Demônia! — Ao ter a folha em minhas mãos, leio pausadamente. — Item 7: *Ser uma escritora de sucesso* - Mel. Você ainda ama escrever, não é?

— Claro que sim!

— Então é nesse emprego que você vai focar, fazer aquilo que sempre quis. Você vai ganhar dinheiro assim, sei disso.

— Theo...

— Mel, você confia em mim? — Repito a pergunta que fiz anos atrás. Faz apenas um dia que a reencontrei e não há motivos para responder que sim, afinal, nem sabe o que fiz da minha vida, se sou o Theo que ela conheceu ou um cara totalmente diferente. Penso que é exatamente isso que ela vai me dizer, só que quando seus olhos encaram os meus, sua boca pronuncia algo totalmente diferente.

— Confio.



Mel saiu há meia hora para correr e estou debruçado no sofá com meu notebook na mão tentando resolver todos os pepinos da vida adulta. O mais importante é: sou oficialmente um sem-teto. Liguei para o babaca da imobiliária de novo, e ele me informou que o inquilino permanece com a mesma posição. Além de tudo isso, não me disponibilizou um imóvel para que eu ficasse nesse tempo. O máximo que farão por mim é devolver o adiantamento do aluguel, já que não estou usufruindo do imóvel.

Agora preciso encontrar um lugar para ficar por, pelo menos, duas semanas. E nada, absolutamente nada, me agrada. Quando gosto do lugar, o preço é absurdo. Quando o preço é bom, o lugar parece um chiqueiro. Então, aqui estou eu: no sofá da Mel sem saber para onde vou.

O segundo item é que prometi a Mel que faríamos essa lista juntos, e é um juramento que não planejo quebrar. Ela confia em mim, apesar de todos esses anos separados e do silêncio que reinou entre nós durante todo esse tempo. Talvez um dia, Mel e eu consigamos falar sobre isso; no momento, estamos muito ocupados tentando evitar o assunto.

Sei que a encontrei por coincidência, mas seria mentira se dissesse que não soube dela nos últimos anos. Deixamos de nos seguir nas redes sociais, ainda assim sempre tinha notícias dela por meio da minha mãe. Fingia completo desinteresse, porém, no fundo, ouvia tudo o que ela tinha a dizer. Queria saber o que tinha acontecido com Mel, se ela estava feliz. Quando criança, nunca imaginei que diria isso, mas a verdade é que senti falta de todos os Natais (e aniversários) que passamos juntos, mesmo quando ela era a última pessoa do mundo que eu queria ver.

Apesar de saber como Mel estava, não me atrevi a procurá-la no Instagram, então a imagem que ficou na minha cabeça foi a da última vez que a encontrei em São Paulo. Ao nos despedimos na rodoviária, eu não

fazia ideia de que não a veria por todo esse tempo. Mas os dias passaram, então os meses e, depois, os anos...

Eu deixei de passar o Natal na casa dos meus pais, pois sabia que poderia vê-la. Depois, descobri que ela também parou de estar presente lá, pois passava ao lado do seu namorado, Alexandre. Nunca nos encontramos.

Mas qual é a probabilidade de dar de cara com Mel na minha primeira noite aqui? Entre todos os bares de São Paulo, entre todas as milhões de pessoas, eu trombei justamente com ela. Quase não acreditei quando a vi, achei que a minha cabeça estava me pregando uma peça. Só que eu a reconheceria mesmo se cinquenta anos tivessem passado.

Aqueles olhos são inconfundíveis, um castanho escuro imponente, capaz de penetrar a minha alma. Acho que isso era o que mais me incomodava nela, ou talvez, o que eu mais gostava: a forma como não desviava seu olhar do meu, como parecia me enxergar de uma forma que ninguém mais conseguia. E ontem encontrei os mesmos olhos, a mesma intensidade e magnetismo que sempre senti por ela.

No momento em que decidimos ser amigos, desenvolvi uma conexão com Mel que nunca tive com ninguém. Achei que nunca nos separaríamos, eu estava errado, bem errado. Sei, no entanto, que não somos mais crianças, mas o destino está nos dando uma outra oportunidade e talvez seja disso que a gente precise.

Não é fácil seguir em frente, confiar novamente em outra mulher - ainda mais quando seu coração foi dilacerado por uma pessoa que você amava e confiava. Por algum motivo, eu encontrei a Mel e quero que essa seja a nossa oportunidade para recomeçarmos. Talvez consigamos ter aquela conexão de quando éramos adolescentes novamente, talvez possamos nos ajudar nesse tempo.

Como não consigo encontrar um local minimamente decente para passar os próximos dias, foco em outra tarefa: planejo milimetricamente como colocar a nossa lista em ação. Sei que algumas coisas são bem mais difíceis do que outras, mas poxa, é a Mel, sou eu. Não há nada que não possamos fazer juntos. Eu acreditava nisso quando era adolescente, acredito nisso hoje.

A primeira coisa que faço é ligar para o Eric. Sei que ele vai conseguir me ajudar nessa...



10- Mel

Faz quarenta minutos que estou correndo na avenida, ou melhor, na ciclofaixa. A melodia de *You and I*, da One Direction, dita o ritmo dos meus pensamentos. Apesar de estar correndo cada vez mais rápido, minha cabeça está uma bagunça. Faz menos de um dia que perdi meu emprego, menos de um dia que vi meu sonho voar pela janela, de novo, menos de um dia que reencontrei Theo, menos de um dia que ele reviveu a nossa lista de desejos. Tudo isso em menos de vinte e quatro horas!

Eu não sei por onde começar. Devo procurar um novo emprego imediatamente ou escutar os conselhos dele? Não sou mais uma adolescente assim como ele também não é um garoto, mas é estranho como, mesmo após tantos anos sem nos falarmos, ele ainda tem esse efeito em mim, de que posso confiar nele.

Corro mais três quilômetros e faço o retorno para casa. Ainda não sei o que pensar, minha cabeça ainda está a milhão. É quando ouço o celular tocar.

— Alô — digo, depois de pressionar o botão do meu fone de ouvido.

— Amiga? — Sorrio ao ouvir a voz de Amanda do outro lado.

— Como você está? — Pergunto.

— Ei, essa é a minha pergunta, mocinha... — Dou uma risada com ela. Só Amanda para quebrar o gelo de qualquer lugar.

— Huum, acho que a definição perfeita seria confusa.

— Ah, Mel... — Lamenta. — Você quer conversar?

— Quero, mas sei que você tá trabalhando...

— Nem me lembre disso! Fuzilei todo mundo com o olhar hoje, além de ter bufado como um animal para tudo o que me pediram.

— Amanda... — Murmuro. — Você não pode perder o emprego.

— Eu sei, isso não muda em nada o ódio que tenho por todos aqui, bando de hipócritas!

— Xiuuuu... Eles devem estar escutando você.

— Não estou nem aí... — Apesar de não ser o certo a fazer, eu sorrio. Amanda é uma amiga de verdade para mim e sei que ela está falando sério sobre tudo o que envolve a minha demissão.

— Quer tomar um café ou almoçar? — Ela pergunta.

— Você está trabalhando agora, não?

— Não, estou saindo para o horário do almoço mais tarde e não quero nem saber se estão felizes com isso ou não...

— Podemos nos encontrar naquela padaria perto de casa. Podemos almoçar lá se quiser.

— Mas e o *seu* boy? Você não vai almoçar com ele? — Reviro os olhos quando ouço isso.

— Ele não é *meu* boy, Amanda.

— Ele tem namorada?

— Não sei, não perguntei. Acho que não.

— Então, minha amiga, se ele não tem namorada, *you* deveria namorar com ele.

— Amanda, você nem o conhece e já está tentando me juntar com ele? Você acha que estou tão desesperada assim? — Bufo.

— Amiga, não é isso, só que não é todo dia que um monumento de homem daquele entra na nossa vida. A menos que ele seja um sociopata, você deveria investir.

— Claro... — Digo, de forma sarcástica. Antes que Amanda continue com esse papo sem sentido, corto a conversa.

— Vou desligar. Te encontro daqui a pouco.

— Não pense que vai se livrar dessa...

— Tá bom, Amanda...



Exatamente vinte e dois minutos depois de me acomodar em um canto na padaria, vejo Amanda cruzando a porta. Ela está usando um conjunto amarelo, fazendo com que a enxergue de longe, além dos seus saltos vermelhos. Definitivamente, ela sabe como se vestir. Aceno igual a uma louca para que ela me veja e atinjo meu objetivo com sucesso.

Amanda vem em minha direção e me cumprimenta com um beijo na bochecha.

— Oi, minha amiga favorita na face da Terra. — Balanço a cabeça negativamente com a forma sarcástica com que ela fala, mas sei que sou realmente sua amiga favorita.

— Oi, minha amiga favorita do Universo. — Sorrio.

— Tá, isso foi golpe baixo. Vou precisar melhorar minhas demonstrações de afeto — Ela diz, enquanto se senta à minha frente.

— Peraí: esqueci que não posso competir com uma autora, você tem muito mais ideias do que eu. — Dessa vez meu sorriso não se sustenta no rosto. É difícil ouvir quando as pessoas me chamam de autora ou escritora. Me sinto uma fraude, já que não tenho nenhum livro ou sequer um conto publicado em lugar nenhum.

— Mel... — Amanda pega a minha mão, acariciando suavemente meus dedos. — Não quero ver você triste, tá bom?

Encaro-a e forço um sorriso um pouco mais verdadeiro do que o anterior.

— E aí, como está de trabalho? — Mudo de assunto e Amanda suspira profundamente, direcionando seus grandes olhos negros a mim.

— Não quero falar daquele bando de cobras — dou uma gargalhada enquanto ela me encara com uma expressão bem mais suave no rosto.

— Vamos lá, vim falar sobre você, Mel. Quero todas as fofocas na minha mesa agora...

— Você sabe de tudo o que tá rolando na minha vida, Amanda. Não tenho fofocas.

— Ah não? — Ela estreita os olhos para mim, torcendo os lábios. — Então eu tenho que fingir que não tem um gostosão de 1,90m no seu apartamento te esperando?

— Amanda...

— É a verdade, Mel. Estou curiosa para saber como aquele homem foi parar no seu apartamento, minha amiga. Quero saber: onde posso encontrar um? Você me disse que não foi no Tinder e veio com aquele papo de amigo de infância que não me convenceu em nada. Tenho certeza que a sua noite foi ótima, então desembucha — ela me olha com um sorriso maléfico.

Balanço a cabeça negativamente ao mesmo tempo que solto um gemido.

— Em primeiro lugar, ele não está esperando *por mim*... Pelo menos não do jeito que você imagina. Em segundo... — Perco o raciocínio do que estou falando e Amanda apenas ri.

— Aha, parece que o gostosão te deu um caldo, hein, Mel! Não consegue nem formar as frases...

Quero muito ficar séria na frente dela, só que é impossível não rir.

— Cala a boca! — Dou-lhe um empurrão, fingindo estar brava. Porém, minhas bochechas já me entregaram bem antes disso.

— Só perdi o raciocínio por causa de você e não dele. Como estava dizendo... — finjo limpar a garganta. — Ah, deixa pra lá, nem sei mais o que estava falando. Minha vida tá uma bagunça e não sei o que fazer. Me ajuda, Amanda... — Imploro.

— Amiga, acho que uma noite de sexo selvagem com aquele gostosão ajudaria. Ele tem cara de ser ótimo de cama. É mesmo? Ou não? — Ela me olha assustada, como se tivesse percebido algo. — Talvez ele não seja, porque se for, aí seria perfeição demais.

— Amanda! Você não tá me ouvindo! Theo e eu somos – fomos – amigos e só isso. Ele não me vê assim, assim como não o vejo assim.

— Impossível! — Ela diz. — Eu senti a tensão sexual de longe.

— Você quer dizer que sentiu a minha seca de longe, né? Porque faz meses que não saio com ninguém. Em relação ao Theo, já não sei dizer sobre a vida amorosa dele. Nos reencontramos ontem, depois de anos. E claro que não toquei nesse assunto, não me interessa!

— Sou eu ou essa história está muito confusa? Que tal você voltar ao início, me dizendo de onde conhece aquele... — Amanda está a ponto de

falar mais uma besteira quando percebe meu olhar assassino. — cara nada gostoso que não está na sua casa te esperando — Ela levanta os braços e eu solto o ar pelo nariz.

— Conheço o Theo desde sempre... Costumávamos passar o Natal na casa dele, nossas mães são melhores amigas.

— Então vocês são amigos desde bebês? Que coisa fofa. Eu amo um *friends to lovers*!

— Não, besta! Não somos amigos desde bebês. Nos odiamos a maior parte da infância e adolescência... — Nem termino de falar, quando Amanda continua, empolgada.

— *Haters to lovers*? — Melhor ainda. Ele é um *bad boy*? Adoro um moreno sarcástico!

— Amanda! Não vou falar mais nada pra você. Estou começando a me questionar se *you* deveria ser escritora e não designer! Que imaginação fértil!

— Desculpa, Mel. Só que não tem como encarar aqueles olhos verdes e todo o resto sem montar uma fanfic na minha cabeça!

Antes que eu diga mais alguma coisa, uma garçonete se aproxima para que façamos nosso pedido. Como sempre estamos aqui, já temos em mente o que vamos pedir.

— Um brioche com requeijão na chapa e um suco de manga, por favor. Ah, vou querer um brioche com Nutella também. — Amanda pede.

— Uma salada caesar e uma limonada sem açúcar, por favor...

A garçonete assente e vai na direção oposta.

— Você está vivendo à base de folhas, Melissa! Vai ficar doente assim! Precisa comer mais...

Reviro os olhos.

— Primeiro, que tenho muita gordura para queimar antes disso começar a me afetar de alguma forma, e segundo, que a minha salada é muito mais saudável do que o que você pediu.

— Mel, eu quero dizer que você está comendo muito pouco, estou preocupada.

— Não se preocupe, Amanda. Ontem eu comi uma porção de bife e batata frita com o Theo.

— Você comeu uma porção de *batata frita*? — Ela me olha em choque, porque, como vivo de dieta, raramente como essas coisas.

— E depois você fala que é só seu amigo? Ou inimigo? Não sei mais, estou confusa...

— Vou tentar resumir a história pra ver se você fica feliz.

Amanda estreita os olhos pra mim, abrindo um sorriso vitorioso. Tento ignorá-la, é claro.

— Theo e eu nos conhecemos desde crianças, nos odiamos na maior parte do tempo, então viramos amigos no segundo ano do ensino médio. Depois fomos para faculdade e cada um seguiu seu rumo. Ele no Rio, eu aqui. É isso!

— Certo... — Ela estreita os olhos pra mim. — Como você o encontrou ontem, então?

— Por acaso! Ele entrou no mesmo bar que eu com suas três malas. Theo tinha acabado de chegar do Rio. Ele tinha alugado um apartamento perto do pub em que eu estava ontem, mas teve um problema e acabou sem teto. O resto você já deve imaginar...

— Ah, minha amiga. Se você não contar os detalhes, com certeza posso imaginar. Vamos lá — Amanda esfrega uma mão na outra enquanto joga para fora a fanfic construída na própria cabeça. — Vocês se reencontraram depois de muitos anos, lembraram os velhos tempos entre o amor e o ódio que tiveram, você ofereceu um teto pra ele e, em certa parte da noite, chegaram ao consenso de que uma noite inteira de sexo seria uma ótima forma para esquecerem os problemas... Acertei? — Ela me olha com o sorriso mais descarado na cara.

— Quase, menos a parte do sexo e do amor também. Eu dormi na cama, ele no sofá.

— Poxa, Melissa. Nem pra usar o truque de uma cama só? Você poderia ter dividido a cama com ele!

— Amanda! — Dou um empurrão enquanto a vaca gargalha.

— Ai, Mel! Você perde as oportunidades que a vida te dá, sabe? Eu sempre te falo isso.

— Theo e eu fomos amigos. Só. Não existe nada além disso. Nem da minha parte e pode ter certeza que também não existe da dele. — Digo com firmeza.

— Sinto que tem mais história aí, e que você não quer me contar, mas tudo bem... sou paciente. Quando tiver vontade, estarei aqui.

Coloco meus cotovelos sobre a mesa, enquanto repouso sobre minhas mãos e a encaro entediada.

— Posso te garantir que não tem. Nunca nos vimos assim. E faz anos que não o vejo também. Acho que nem somos mais amigos, mudamos o rótulo para conhecidos.

— Ai que bad, Mel. Você tá na bad mesmo, hein? Olha pelo lado positivo: se a vida te deu um limão, faça uma limonada...

Meus olhos quase vão parar na nuca quando ouço isso.

— E o que seria isso?

— Amiga, monta nesse homem como se não houvesse amanhã, apenas...

— Ela ri e eu também, porque não tem como levar essa palhaça a sério.



Depois de contar os detalhes da minha demissão e de todo o resto do dia até Theo ir parar em casa, Amanda dá uma mordida final no seu brioche com Nutella enquanto eu finjo que a salada é um delicioso pudim de leite.

Não gosto de admitir isso, mas a invejo por poder comer tudo o que tem vontade sem se preocupar com o peso na balança. Ela é magra de uma forma saudável. Parece que o metabolismo está a seu favor enquanto o meu me odeia. Tenho certeza que, se eu a seguisse, a essa altura já teria perdido todas as calças nas quais lutei tanto para entrar.

No entanto, é cansativo ficar preocupada com isso o tempo todo, digamos que desenvolvi alguns traumas em relação à minha aparência. Eles começaram na infância e não melhoraram muito na vida adulta, não quando meu primeiro amor, a pessoa que achei que me amava, me trocou por uma mulher capaz de acabar com qualquer resto de autoestima que eu tenha.

Sou tirada dos meus próprios pensamentos por Amanda, que precisa voltar ao trabalho. É, ela *tem* um trabalho. *Você não, Melissa.* Só consigo voltar para casa depois de prometer mais de quinhentas vezes que vou mantê-la a par das fofocas, o que basicamente inclui um cara de 1,90m de altura que está em casa. Dos anos da escola até hoje, quase nada mudou: as

meninas viraram mulheres, só que ainda continuam suspirando por Theodoro. *Sinceramente...*

Quando chego no apartamento, vejo que Theo está usando a mesinha do centro da sala para fazer sei lá o quê no seu notebook. Deve estar trabalhando em algum projeto e me sinto mal por vê-lo nessa posição toda torta. Preciso dar um jeito nisso.

— Oi, Mel. — Ele diz, enquanto abre um enorme sorriso para mim.

— Oi, Theo. Você almoçou? Trouxe comida pra você da padaria. Quer dizer, não sei se você ainda gosta disso e deveria ter te perguntado antes... Bom, trouxe lasanha — o sorriso dele se amplia no rosto e vejo covinhas.

— Eu amo lasanha, Mel.

— Que bom! — Respiro aliviada enquanto a coloco no balcão da pequena copa.

— Você está trabalhando? Pode usar a mesa no meu quarto, lá é bem mais confortável. Eu vou tomar um banho porque — aponto para mim enquanto falo — estou precisando.

Theo assente, se levanta e caminha na minha direção, sem tirar os olhos de mim. Ele definitivamente preenche o espaço com sua presença.

— Posso usar sua mesa mais tarde, sim! Porém vou esperar por você, é do *seu* interesse também.

Olhos verdes me encaram com divertimento e sei, por experiência, que andou aprontando...

— Theodoro, devo me preocupar?

Ele dá de ombros, enquanto morde o lábio inferior.

— Nem um pouco.

E aí que percebo que devo, *sim*, me preocupar.

— Vou nessa, preciso tomar um banho e depois você me mostra seja lá o que for.

— Claro... — Ele concorda facilmente enquanto se direciona à sacola que eu trouxe da rua.

Posso ter ficado fora da vida dele por anos, só que a sensação é de que ainda o conheço, que ele ainda é o meu melhor e único amigo do ensino médio, e que posso ler facilmente seus mínimos movimentos. Sei que ele morde o lábio inferior quando está aprontando ou quando está nervoso. Ele mantém esse olhar penetrante impassível, olhando pra mim sem piscar, como se estivesse realmente concentrado. Ainda assim, sei que esse pequeno

movimento na sua boca me diz o contrário. Ou, pelo menos, me dizia. *Sete anos*, Mel. *Passaram-se sete anos*.

Tento tirar isso da cabeça, devo estar muito carente para pensar assim. *Ele* mudou, *eu* mudei. Não somos mais os mesmos. Não somos mais amigos. Não tem como voltar para aquilo.



11- Theo

Estou lambendo os beijos com a lasanha que Mel trouxe. É meu prato preferido desde criança, e sei que vou precisar ir a essa padaria repetir a refeição. Vou ter que obrigá-la a me levar.

Antes de continuar pensando alto, no entanto, ela deixa o banheiro enrolada em uma toalha branca, o que me lembra que preciso rapidamente arrumar um lugar para mim, pois não será possível conviver com uma mulher. Ou melhor, com *essa* mulher.

Seu cheiro é intoxicante e posso senti-lo daqui. A forma como a toalha abraça seu corpo e seu quadril, como delicadamente ela movimenta seu cabelo molhado, como à distância que estou, posso ver que ela tem uma tatuagem nas costas, imperceptível quando seu cabelo está solto. Quero muito me aproximar e vê-la mais de perto, saber o que tatuou ali, sentir seu corpo... *Mas que merda é essa?*

Balanço a cabeça em descontentamento e desvio o olhar a tempo dela entrar correndo em seu quarto e fechar a porta atrás de si. Não sou um tarado (ou, pelo menos, acho que não), contudo, tenho me comportado assim desde ontem, desde que a vi.

Eu achei que a tinha superado. Eu me apaixonei novamente, estava noivo de Aline e tudo caminhava para que nossas vidas não se cruzassem - se não para sempre, pelo menos por um bom tempo. Meu coração ainda não se curou do que aconteceu com a minha ex-noiva e, mesmo assim, aqui estou caidinho por Melissa, exatamente como na adolescência.

Me convenço de que minha mente está tentando me pregar uma peça com tudo isso, porque não é possível eu me sentir assim ainda. Faz anos que

não a vejo, que não penso nela, que não deixo minha mente ser invadida por seu sorriso, por sua voz, pelos seus olhos. Eu me curei disso, eu superei isso. Deve ser só o sentimento de familiaridade, de estar perto dela. *Depois de tanto tempo.*

Após arrumar a bagunça que fiz, me concentro novamente no meu notebook e volto à tarefa de encontrar um lugar para ficar. Já passei por uns dez apartamentos diferentes quando Mel se acomoda ao meu lado.

— E aí, Theo? O que você tem pra mim? — Enrijeço quando sinto seu corpo tão próximo ao meu e o cheiro do seu perfume suave. *O que está acontecendo comigo?* Balanço a cabeça e respiro profundamente.

— Theo, tá tudo bem? — Ela toca em meu braço e me viro para encará-la. Seu rosto está muito próximo ao meu e consigo observar as pequenas sardas que tomam conta do seu nariz e seguem próximas à maçã do seu rosto. Observo-a atentamente, passando por seus olhos castanhos, o contorno dos seus lábios... É então que me toco do que estou fazendo e balanço a cabeça novamente, frustrado.

— É que não estou achando nenhum lugar decente para passar os próximos dias, Mel. Só isso. — Justifico, dessa vez sem encará-la e torcendo para ela não ter reparado nas minhas ações. Sei que está franzindo o nariz, pensativa, e nem preciso olhá-la para ter certeza disso.

Mel suspira, como se estivesse sem paciência.

— *Theodoro*, já falei que você pode ficar aqui. — Encaro-a novamente, absorvendo suas palavras. — Eu sei que o lugar é pequeno e você não tem uma cama, mas pode ficar o tempo que quiser e precisar.

Eu não sei por que meu coração insiste em bater mais rápido quando estou perto dela, sigo torcendo para que seja um infarto. A saída mais fácil para mim seria ficar aqui, afinal, os lugares que encontrei são terríveis, não dá pra morar neles. E não quero voltar para o interior. Eu poderia ficar com Eric, só que dificultaria meus planos com Mel, de nos ajudarmos com a lista que prometi.

Eu consigo sobreviver duas semanas sob o mesmo teto que ela, né?

Mel parece ler meus pensamentos, pois responde antes que eu tenha tempo de formular uma frase.

— Não sou uma companhia tão terrível assim... — Ela bufa, já ficando irritada.

— Claro que não. Não é isso — me defendo.

— Então não vejo o problema.

Eu vejo e está na minha frente. Atende pelo nome de Melissa e faz com que eu queira perder totalmente o controle e beijá-la aqui e agora.

Estou olhando para o nada, quando Mel estala os dedos à minha frente.

— Terra chamando Theodoro...

— Foi mal, Mel. Estava viajando...

— Percebi. E então? — Ela pergunta, exasperada. Um sorriso começa a se formar no meu rosto quando respondo.

— Melissa?

Ela me encara.

— Quê?

— *You need to calm down you're been too loud (Você precisa se acalmar, está fazendo muito barulho)*

É óbvio que ela entende a referência e um sorriso teimoso se forma em seu rosto também.

— Theo, *let's be friends, I'm dying to see how this one ends...* (Theo, vamos ser amigos, estou morrendo para saber como vai terminar)

E caímos na gargalhada, enquanto ela se inclina para trás e acaba deitada em meu colo. Quando paramos de rir, Mel me olha fixamente.

— Isso é um sim, Theodoro? — Ela arqueia uma sobrancelha.

— É um sim, desde que você também me dê um sim.

— E qual seria? — Ela torce os lábios.

— A lista, Mel. — Seu rosto fica mais sério enquanto seus olhos analisam os meus.

— *Babe, just say yeesssssss (Querida, apenas diga sim)* — canto.

Mel está se segurando para não rir, mas já sei que a convenci.

— Ok, Theodoro. — Concorde, finalmente.

— Mel — Chamo-a.

— Sim?

— Obrigado por me oferecer um teto.

— Eu não quero que a dona Margareth fique brava comigo, sabe? — Ela pisca e eu gargalho.



Estou com o notebook aberto, mostrando a Mel a logística da nossa lista de desejos. Existem algumas coisas bem mais difíceis de fazer, enquanto outras são simples.

— Você quer que eu pinte meu cabelo de roxo? — Ela pergunta.

— Você quer pintar seu cabelo de roxo, tá aqui. Veja, item 5: *Pintar meu cabelo de roxo - Mel*

— Só não entendo por que tem que começar comigo... — Diz, emburrada.

— Porque, na teoria, é um item fácil, a menos que você esteja com medo — desafio-a.

Mel sempre foi insegura em relação a quase todas as coisas em sua vida. Essa insegurança só não chegava a mim. Quando era eu quem estava do outro lado, ela se tornava a garota mais corajosa possível. Jamais admitiria perder para mim. Acho que a menina que não me suportava na infância ainda segue escondida nela em algum lugar. Então, sempre usei isso ao meu favor.

Fui ao passeio da escola

Melissa foi também.

Coloquei um piercing escondido

Melissa colocou também.

O lance do piercing não durou muito porque nossos pais descobriram e fomos obrigados a tirar, além de uma semana de castigo sem nenhum videogame para mim ou One Direction para Mel. Era nosso ponto fraco, óbvio que eles sabiam...

Mel nunca conseguiu me bater nos videogames por motivos óbvios. Hoje, inclusive, trabalho com isso. Só que para compensar esse pequeno problema, ela acabava comigo no resto: jogo de xadrez, UNO, mais tempo mastigando uma pimenta sem pedir socorro... Eu era terrível nisso, até hoje tenho problema com pimenta por causa dessa época, entre outras coisas.

Eu sei que ela não consegue negar um desafio quando vem *de mim*...

— Não estou com medo! Posso fazer isso — diz, me encarando firmemente.

— Fechou, então! Me conta: a ideia é pintar todo o cabelo de roxo?

— Você acha que ficaria bom?

— Sinceramente? — Pergunto.

— Por favor...

— Acho.

— Hum, eu tinha essa ideia quando adolescente, hoje já não sei se quero todo o meu cabelo roxo, acho que tudo bem se eu fizer algumas mechas.

— Tem certeza disso? É o que você quer, de verdade? Porque ficaria linda com o cabelo todo roxo — pisco para ela.

— Aham — Ela balança a cabeça positivamente enquanto desvia o olhar do meu, claramente envergonhada.

— Tudo bem então. Em que salão vamos? — Pergunto.

— Você vai comigo? — Ela parece mais do que surpresa.

— Claro. Prometemos que faríamos juntos, então vamos fazer juntos.

Mel me encara como se tivesse um bicho subindo na minha cara.

— Ok — concorda.

— Agora estou assustado.

— Por quê?

— Porque você aceitou facilmente. — Então, um sorriso maquiavélico toma conta do seu rosto.

— Ah, Theodoro, vai ser muito divertido ver você em um salão de beleza, cheio de mulheres... — Ela ri.

— Não tenho problema com mulheres, Mel. — Direciono meu olhar ao dela.

— Imagino que não — ela debocha e sei que tem algo aí.

Como tenho certeza que não vai me contar o que é, pulo para o próximo item da lista.

— Mel, preciso que você esteja livre no sábado.

— Por quê?

— Porque vamos começar o plano para riscar mais um item da lista.

— E qual seria esse? — Ela estreita os olhos pra mim.

— Tornar você uma escritora de sucesso!

Ela me olha, como se eu estivesse tirando uma com a sua cara, e fecha o rosto.

— Você tá me zoando?

— Não, não faria isso e você sabe...

Ela me encara mais um pouco, tentando analisar minha reação e então pergunta.

— Tá, e como você pretende me ajudar nisso?

— Lembra do Eric? Seu crush da escola, vulgo meu melhor amigo? — Mel imediatamente se interessa pelo assunto, o que me deixa de mau humor.

— O que tem ele?

— Ele se tornou organizador de eventos e sempre está responsável por recepções, das mais chiques às mais íntimas.

— Tá, mas o que isso tem a ver *comigo*?

— Haverá uma recepção para autores organizada pelas editoras mais famosas do Brasil. Como você deve saber, acontecem uma vez por mês, e sempre um gênero é escolhido. Adivinha: neste sábado, será romance.

— Sempre soube desses eventos, mas são super exclusivos e os novos autores que participam deles já são agenciados e praticamente com o pé na fama. Eu nem tenho um agente, Theo.

— É exatamente por isso que vamos nessa festa. Vamos fazer um networking para você, conhecer gente nova, abrir outras portas...

— Você parece muito à vontade quando fala do assunto.

— E estou mesmo, é minha especialidade conhecer gente nova... No mundo gamer, preciso fazer contatos se quiser sempre ter trabalho.

— Você não me contou muito sobre a sua vida no Rio, Theo. Como era seu trabalho, seus amigos, sua vida amorosa...

Enrijeço quando ela cita a última parte, e acho que Mel percebe. Contudo, tento me manter o mais descontraído possível.

— Posso responder isso. Eu amava meu emprego, de verdade. Imagina estar em um lugar onde todo mundo fala a sua língua, entendem as mecânicas mais complicadas do mundo gamer e você é responsável por dar vida aos projetos mais complexos e desafiadores? Sei lá, era uma adrenalina inexplicável. Normalmente, as pessoas trabalham só por causa do dinheiro,

né? — Mel assente. — Só que esse trabalho era mais um hobby pra mim. Um hobby que, infelizmente, teve prazo de validade.

— Sinto muito. — Mel acaricia meu ombro e sinto como se uma corrente elétrica estivesse passando por ele. Antes que ela note como reajo a ela, emendo no assunto seguinte.

— Tudo bem — dou de ombros. — Pelo menos, ainda tenho alguns amigos, que fiz durante a faculdade, no Rio. Pretendo manter contato com a maioria.

— A maioria?

— Sim. Tem alguns que não faço questão. — É claro que não digo o porquê a Mel e nem conto todo o drama envolvido com meu ex-amigo Gabriel.

— Entendo. Sei como é...

— Quanto à minha vida amorosa... — Olho pra ela enquanto falo. — É completamente inexistente.

Mel franze o cenho como se não acreditasse de jeito nenhum em mim...

— Impossível...

— Por que impossível?

— Porque me lembro do caminhão de meninas que corriam atrás de você na escola — ela revira os olhos. — E algo me diz que isso não mudou...

— O que você quer que eu diga? Não tem ninguém na minha vida... — Dou de ombros. Aproveito a deixa para saber sobre ela. *Há algum homem em sua vida? Vou ter que socar alguém por isso?*

— E você, Mel?

— Eu o quê?

— E a sua vida amorosa? Como está? Você está namorando ou algo do tipo...

— Algo do tipo... — Ela responde e sinto como se tivesse levado um soco no estômago.

— Então tem alguém na sua vida? — Pergunto, inquieto.

— Ah, claro, Theo — ela joga os fios de cabelo para trás. — Muitos homens estão interessados em mim, estou tentando me decidir em qual vou investir. — Ela morde o lábio inferior e juro que cerro os punhos, pois a única coisa que vem à minha mente é: *por que não posso ser sua escolha? Por que ela nunca olhou pra mim? Por que, mesmo hoje, ela ainda não olha pra mim?*

Mesmo reforçando a mim mesmo que não devo me envolver com ninguém, essas questões invadem a minha cabeça sem a minha permissão.

Estou com o semblante muito sério, quando Mel dá uma gargalhada... Encaro-a sem entender o motivo dela estar rindo...

— Ai, Theodoro... Fala sério!

— O que? Você não sabe com quem vai sair, é isso? Está indecisa?

Ela olha pra mim tentando desvendar algo.

— Claro que estou indecisa, Theo... Não sei se vou sair com o cara que me deixou no vácuo na semana passada ou com aquele que disse que não estava pronto para um relacionamento sério, sendo que *eu* não estava procurando por um relacionamento sério — ela revira os olhos.

E, então, percebo que Mel estava zoando a própria situação e que está *solteira. Solteira.*

— Isso me parece meio impossível...

— O que? Eu não estar procurando por um relacionamento sério? Sabe, vocês homens se acham demais, acham que a gente vai se apaixonar à primeira vista e morrer de amores por vocês, assim, do nada. Eu só queria me divertir, só isso. Pelo jeito, nem isso tá rolando... — Ela bufa, frustrada. Quando Mel termina seu monólogo, complemento o que eu queria ter dito antes.

— Não é isso. Eu quis dizer que acho impossível eles não quererem nada com você. — Então, de repente, ela direciona seus olhos aos meus, me analisando antes de abrir a boca. Acho que está tentando desvendar se estou falando sério ou não. Estou falando muito sério.

— Você está me zoando, Theodoro? — Ela me pergunta com um tom meio irritado.

— Não, claro que não. Por que eu te zoaria?

— Sei lá, você sempre me zoou a infância inteira.

— Sim, só que não sou mais um garoto, Melissa. — Seus olhos se voltam aos meus e finalmente ela me responde.

— Sim, definitivamente você não é mais um garoto e nem o cara que eu conheci. — Ela se afasta de mim e vai em direção ao seu quarto, batendo a porta atrás de si. Realmente não sei o que aconteceu aqui. Mas tenho a impressão de que ela está mais magoada com o meu sumiço por todos esses anos do que deixa transparecer.

Menos de vinte e quatro horas e já estamos brigando... Não sei se fico triste ou feliz com essa informação. Olho por alguns minutos para a

porta, na esperança de que ela volte para continuarmos com os nossos planos, só que não há sinal dela. Então, tento focar nos itens que conversamos e na melhor forma de executá-los.

Passo a tarde toda procurando por pessoas importantes do meio editorial que vão estar presentes no evento e mandando mensagens para Eric, para ter certeza que, de fato, vamos conseguir os convites.

Ele me garante que sim e diz que vai entregá-los pessoalmente em algum momento desta semana. É quarta-feira e o evento é no sábado. Por isso, preciso planejar milimetricamente todos os nossos movimentos para que Mel consiga conversar com as pessoas certas.



Já é noite quando Melissa deixa seu quarto. Acabei de preparar o jantar e sinto que ela foi atraída pelo cheiro. Não sei em que pé estamos e se continua chateada, talvez tenha mudado de ideia em relação a mim, talvez eu esteja invadindo seu espaço e sua vida, e não é algo que ela queira no momento.

Sei que anos se passaram desde que sabíamos tudo um sobre o outro e, apesar de não querer admitir, não sei muito da mulher que está à minha frente, não sei o que ela fez nesses últimos anos, se foi feliz, como passou os seus dias, como se distraiu. Ainda sei, no entanto, que ela ama One Direction, não foi difícil encontrar o quadro enorme que ela mantém sobre a cama, com os cinco integrantes do grupo. Isso mesmo, os cinco, não quatro.

Sabendo disso, peço para que Alexa toque *What Makes You Beautiful*. Não importa quanto tempo passe, sei que ela sempre vai amar essa música.

Não me atrevo a me virar em sua direção e continuo o que estava fazendo antes: uma salada caesar. Achei algumas anotações de Mel na geladeira e, pelo que consigo entender, ela é bem restrita com a dieta.

Restrita até demais, o que me faz lembrar que ela ter comido batata frita comigo ontem foi uma exceção.

Eu também tento me manter saudável e faço acompanhamento com uma nutricionista, às vezes, só que não sou hipócrita ao dizer que sou completamente apaixonado por tudo o que está incluído na definição de fast food: hambúrgueres, pizza, comida mexicana e tudo mais o que meu corpo quiser. Faço o meu melhor, só que também não deixo de comer o que tenho vontade.

— Desde quando você cozinha? — É a primeira pergunta que faz depois da tarde de silêncio.

— Desde que me mudei para um cubículo com outros dois caras que mal sabiam fazer arroz. — Encaro-a. Ela tem um sorriso divertido no rosto.

— Eu pagaria pra ver isso.

— O que, exatamente?

— Você convivendo com dois caras assim como você.

— Ei, isso foi uma ofensa?

— O que você acha? — Ela sorri, enquanto senta-se à mesa.

— Pelo menos agora não passo fome... — Garanto.

— Pelo menos isso, *Theodoro*... — Ela concorda.

Termino o frango grelhado e as batatas que coloquei para assar, enquanto ouço Mel cantar ao fundo. É quase um sussurro, então decido segui-la.

Baby, you light up my world like nobody else (Querida, você ilumina meu mundo como ninguém mais)

The way that you flip your hair gets me overwhelmed (A maneira como você joga seu cabelo me deixa rendido).

E então, Mel começa a cantar mais alto do que eu, obviamente. Até o momento em que está gritando, histérica, dançando e rodopiando como a adolescente que costumava ser. Às vezes, chegava à sua casa e conseguia ouvi-la da porta. Carolina, sua mãe, sempre me dava um sorriso como se dissesse “já desisti” e eu respondia com um sorriso mais contido como “eu também”.

Decido entrar na bagunça, e logo estamos nos movimentando sem sincronia nenhuma. Ela ri enquanto grita, faz movimentos exagerados de

coreografia e passa seu microfone invisível para mim toda vez que a canção atinge o refrão. Ficamos sem fôlego quando terminamos.

— Isso foi divertido — ela me olha, mordendo os lábios

— Com certeza, foi! — Confirmo.

— Sempre soube que você amava One Direction. — Ela diz. Arqueio uma sobrancelha, nada satisfeito com a constatação.

— Peraí, aí você já está pegando pesado. Eu tolero, no máximo.

— Quando você vai admitir que ama, Theo? — Ela me desafia.

— Quando *você* admitir que ama a Taylor Swift.

— Isso *nunca* vai acontecer. — Ela garante.

— O mesmo digo da One Direction.

Mel revira os olhos.

Coloco os pratos e talheres, assim como a comida, sobre a pequena mesa redonda. Mel tenta me ajudar, mas não permito. É o mínimo que posso fazer enquanto estiver em seu apartamento.

— Você é todo fitness assim? — Ela pergunta, de repente.

— Tento, mas confesso que ainda amo todas as porcarias disponíveis no cardápio.

— Isso inclui *McFlurry de Ovomaltine*?

— Com certeza inclui, sim, essa belezinha.

Mel parece pensar sobre o assunto, quando apoia o queixo sobre a sua mão direita.

— Faz meses que não tomo sorvete.

— Meses? — Respondo, chocado. — Como você consegue ficar meses sem tomar sorvete?

Então o rosto de Mel assume uma expressão mais séria e ela não me olha mais.

— É. — Ela responde, simplesmente.

Sei que há algo de errado, só não sei se quero perguntar o que é. Então, ofereço:

— Podemos ir tomar sorvete juntos, se quiser. — Ela olha novamente em minha direção, encarando mais um ponto atrás da minha cabeça do que propriamente meu rosto.

— Pode ser — responde, vagamente. E sei que não é bem um sim.

Tento então focar em outro assunto, já que esse parece não agradá-la.

— O que achou das batatas? — Pergunto.

— Estão incríveis, Theo. — Ela diz, com a boca cheia, enquanto dou uma risadinha. Depois percebe que elogiou minha comida e tenta voltar atrás.

— Quer dizer, então boas, vai. — e sei que ela está me provocando.

— Boas a ponto de você lamber os dedos. — Digo e ela estreita os olhos.

— Convencido! — Me acusa.

— Nunca deixei de ser.

Ela ri. Terminamos o jantar em um silêncio agradável. Quer dizer, não em completo silêncio, pois o som baixinho da Alexa preenchia o ambiente, ora com uma música da One Direction, ora com uma da Taylor Swift.

Mel insiste em lavar a louça, já que fiz o jantar e não há forma de arrancar a esponja e o detergente de sua mão. Desisto dessa batalha, até porque, convenhamos que não é nenhuma dificuldade deixá-la fazer isso. Realmente gosto de cozinhar, lavar louça é outra história...

Estamos jogados no sofá assistindo a um filme de ação qualquer. Ficamos quinze minutos rodando a Netflix até achar algo que agradasse a ambos.

O sofá, vulgo minha cama, é bem amplo e confortável, mas admito que sou muito grande para ele. Espero que minhas costas estejam inteiras depois de duas semanas. De qualquer forma, não posso reclamar. Se não fosse por Mel, teria que me contentar com um pulgueiro qualquer ou gastar a grana que não posso com algo um pouco melhor.

— Theo, me desculpe se fui grossa mais cedo. Não queria ter dito aquilo.

Sou pego de surpresa com a frase que deixa a boca de Mel, quase em um sussurro.

— Sem problemas, demoniazinha. — Sorrio. Não sei se em algum momento ela vai se abrir comigo, só quero que ela se sinta confortável em sua própria casa. Sou eu quem está sobrando aqui, sou eu quem está a mais. Além disso, ela tem todo o direito de não me tratar como antes. Não somos as mesmas pessoas, apesar de fingirmos que sim.

Ela me olha de soslaio por alguns instantes e então abre a boca novamente.

— Então, aquele lance de você ir comigo ao salão ainda tá de pé?

Movimento meu rosto lentamente até encará-la.

— Ah, com certeza, está. — Então, Mel ri e sorri para mim ao mesmo tempo.

— Certo. — Ela diz.

— Certo. — Eu repito.

Sei que ela está empolgada com isso, me lembro claramente de como ela tagarelava em meu ouvido sobre pintar o cabelo, sobre ser mais “rebelde”. Talvez ela tenha demorado mais do que gostaria para riscar esse pequeno item da sua lista, algo me diz que ela não vai se arrepender.



12- Theo

Item 5: Pintar meu cabelo de roxo - Mel

Estou sentado em uma poltrona para lá de confortável, onde tenho uma visão privilegiada de Mel e de todo mundo aqui, para falar a verdade. O salão de beleza é enorme e dispõe de cadeiras giratórias e espelhos dos dois lados. Eu diria que há, no mínimo, umas quinze pessoas, entre cabeleireiros e cabeleireiras, além das manicures.

Meus ouvidos são preenchidos por diversos burburinhos. Desde que cheguei, há exatamente uma hora, já fiquei sabendo tudo da vida de uma tal Vanessa que se casou com o pai do ex-namorado e que, aparentemente, está tendo uma vida de rainha. Se essa história não tivesse sendo contada com tanto entusiasmo, eu diria facilmente que é uma fanfic bem elaborada, porém, elas apresentaram provas. Fotos dos dois viajando juntos e quero dizer que fiquei um pouco surpreso, tentando, sem sucesso, disfarçar uma risadinha. Algumas mulheres perceberam, pois me encararam com um sorrisinho no rosto, meio envergonhadas. Ai, ai...

Mel estava muito animada em me trazer para cá e eu achava que tinha algo naquela cabecinha maquiavélica dela, mas estou me divertindo muito aqui. Quase nem peguei no celular. Tem muito entretenimento à minha frente.

— Oi, gatinho... — Meu olhar desvia para a morena de cabelos longos e lisos que se posiciona à minha frente.

— Oi — respondo. Espero seriamente que ela esteja falando comigo, seria vergonhoso demais se não estivesse.

— Você não vai querer fazer nada hoje, não? — Ela sorri de uma forma estranha para mim.

— O que você quer dizer com fazer *nada*? — Pergunto, curioso.

— No seu visual.

— Ah... — De repente, me questiono se há algo de errado com meu visual. Sei que meus fios estão meio compridos e que talvez um corte seria legal, entretanto, não vi nenhum homem sentado nas cadeiras à minha frente. Achei que era um salão exclusivo para cortes femininos.

— Você acha que tem algo de errado com meu visual? — Pergunto, de forma brincalhona.

Não sei se é impressão minha, mas a moça à minha frente parece ficar com vergonha e desvia o olhar por alguns momentos. Continuo olhando para ela, com as sobrancelhas arqueadas.

— Não acho que tenha nada de errado com seu visual. Acho que está tudo muito certo. Só que sempre dá para fazer algo diferente.

Ok, estou começando a ficar com medo dela. Desvio um pouco a minha atenção da morena à minha frente e me concentro na morena que eu trouxe aqui. E lá está: um sorriso cheio de dentes em minha direção, o mesmo de quando ela está aprontando. Tem dedo dela nessa história...

Cruzo meus braços e encaro a mulher à minha frente.

— Como é seu nome?

— Ga... Gabriela. — Não sei porque a moça que parecia bem confiante antes está um tanto quanto inquieta agora.

— Gabriela. — Digo e ela olha dentro dos meus olhos, não desvio o olhar. — O que você teria pra mim? Vou sair mais bonito do que entrei?

— Você já é bem bonito, então tenho certeza que meu esforço será mínimo.

Tento não esboçar uma risadinha, só que falho miseravelmente. Ela arregala os olhos, como se não quisesse ter dito aquilo.

Inclino um pouco a cabeça para olhar novamente para a pessoa responsável por isso: ela não está se aguentando. O sorriso está estampado em seu rosto enquanto um cara coloca papel prateado em seu cabelo. *Deve ser papel alumínio, penso.*

Encaro novamente a moça à minha frente, analisando-a. Finalmente decido entrar no jogo.

— Tá bom, sou todo seu... Faça o que quiser comigo. — Tenho certeza que Mel está ouvindo toda a conversa, pois balança a cabeça em descrença,

rindo.

— Cla... Claro.

E assim sou posicionado em uma cadeira ao lado dela.

— Você fez isso — acuso enquanto a encaro.

Ela morde o lábio inferior, tentando segurar uma risada.

— Eu? Jamais!

— Melissa... — murmuro.

— Theodoro... — Ela faz o mesmo.

— Você não tem jeito! — Confirmo, enquanto olho no fundo de seus olhos.

— Em minha defesa, não fui eu que tive essa ideia, sabe?

— Que ideia?

— Da lista...

— Isso é uma vingança?

— Claro que não...

E lá está: o mesmo sorriso maquiavélico de quando era criança, quando ela sumia com meus presentes de aniversário.

— Vocês fazem um casal lindo! — O cara que está mexendo no cabelo de Mel diz. Vejo o corpo dela se enrijecer no mesmo instante.

— Não somos um casal — ela diz, rapidamente, como se estivesse com medo de que continuassem achando isso.

O cara com luzes no cabelo fica claramente sem graça.

— Foi mal, meus amores. É que vocês são realmente lindos e achei que isso era óbvio.

Não digo nada enquanto assisto a cena à minha frente.

— Somos amigos — ela finalmente conclui e sinto o corpo da moça atrás de mim relaxar instintivamente.

— É, somos amigos desde crianças — confirmo — É como se fôssemos irmãos.

Não sei em que mundo estou e por que digo isso, já que as palavras têm um gosto amargo na minha boca. No entanto, quero que Mel se sinta à vontade. Tenho a impressão que só a ideia de ser algo a mais do que minha amiga a faça ter pesadelos. E, sinceramente, isso acaba comigo.

Mel está sorrindo para mim, não de uma forma natural, mas sim, meio forçada. Prefiro que aja assim do que apavorada, como minutos atrás.

— Claro. — Diz o cara que está cuidando do cabelo de Mel. — Pelo menos sobra mais pra gente — complementa enquanto pisca para mim.

Dessa vez, Mel dá uma gargalhada verdadeira e olha em minha direção. Sorrio também, só não tão animado quanto ela.

Na hora seguinte, vejo as pontas do meu cabelo serem cortadas, além de ter papel alumínio por todo os fios ou parte deles. Mel já está quase perto de tirar os dela do cabelo e mal posso esperar para ver o resultado. Ela está feliz, radiante, eu diria. E, por isso, tenho certeza de que reviver a nossa lista foi a melhor coisa que eu poderia ter feito.

— Você está animada. — Observo. Ela morde os lábios inferiores, tentando conter um sorrisinho.

— É muito errado eu me sentir como uma adolescente, mesmo no auge dos meus vinte e cinco anos?

— Com certeza não.

— Então, diria que essa é a sensação. Estou realizando meu desejo de adolescente. Você sabe que eu sempre quis isso, só que, com o tempo, deixei essa vontade enterrada bem no fundo da minha mente. Sei lá, velha demais pra ter o cabelo roxo. — Ela dá de ombros, meio envergonhada.

— Mel... — Chamo, e ela me olha nos olhos.

— Você nunca vai ser velha demais pra realizar nenhum sonho, escutou?

Ela me encara por alguns segundos, ficando mais séria, conforme uma rusguinha se forma entre suas sobrancelhas.

— Obrigada, Theo.

— Pelo quê?

— Por me dar alguns empurrõezinhos bem necessários. — Ela dá de ombros.

— Quando você estiver com o cabelo branco e sendo teimosa feito uma mula — ela faz uma careta, e eu rio — vou estar lá pra te lembrar.

— Você vai mesmo? — Questiona, desconfiada.

— Claro. Não pretendo descumprir o item 11 da nossa lista. Pelo menos, não a partir de agora. Então, eu prometo.

Seu sorriso direcionado apenas a mim faz com que eu queira gritar para os quatro ventos o quanto acho essa mulher à minha frente sensacional: inteligente, linda, maravilhosa. Talvez um dia eu tenha coragem de dizer, sem rodeios, o que penso sobre ela. Espero que, quando esse dia chegar, ela acredite.



Mel não está mais perto de mim, acho que Marcus, o cara que está mexendo no cabelo dela, a levou para lavá-lo ou secá-lo... algo do tipo.

— Pronto, Theo. Já podemos lavar seu cabelo e ver o resultado final. — Diz Gabriela.

— Devo ficar com medo? — Pergunto, sinceramente.

— Você está duvidando do meu trabalho? — Gabriela agora está mais solta e brincalhona. Poderia dizer que está, de fato, flertando comigo.

— Jamais! — Coloco a mão no peito, como se estivesse sido atingido.

— Certo, então. Vamos lavar seu cabelo.

Levanto-me da cadeira e noto alguns olhares em minha direção. Gabriela está à minha frente, me guiando até outra sala.

— Acho que é meio estranho ser o único homem mexendo no cabelo aqui.

— Por quê? — Gabriela vira-se para me olhar.

— Sei lá, tá todo mundo me olhando. — Ela dá uma risadinha.

— Acho que estão tentando adivinhar se você é gay.

Dessa vez sou eu quem dá uma risadinha.

— Por que estou pintando o cabelo? Ok, fiquei lisonjeado agora.

— Não, Theo. Tenho certeza que não é por isso. Se eu pudesse arriscar, garanto que metade desse salão quer saber essa informação por outro motivo.

— E qual seria?

— Sei lá, para dar o número de celular pra você, por exemplo.

Dessa vez meus olhos analisam o rosto de Gabriela, que mantém um sorrisinho bem escancarado no rosto. Neste momento, observo-a mais de perto. Seus cabelos castanhos e lisos, seus olhos cor de mel. Ela é bem bonita, de verdade, e se já não estou tão fora de forma, sei que está dando em cima de mim. Eu poderia muito bem aproveitar essa oportunidade para

conhecer novas pessoas e me divertir sem compromisso, porém não tenho vontade. Em vez disso, procuro Melissa pela sala.

— Ela está do outro lado. — Diz Gabriela, sem eu ter aberto a boca para dizer nada.

— Claro... — Respondo meio sem jeito.

— Se um dia houver alguma mínima chance contra ela, me procure, Theo.

— O quê? — Pergunto, confuso, enquanto passo uma mão na nuca, tentando espantar a sensação.

Gabriela me olha de soslaio e endireita sua postura.

— Se um dia você parar de arrastar um caminhão por ela — diz, enquanto aponta para Mel com a cabeça — me procure, por favor.

Encaro Gabriela por alguns segundos, literalmente com a boca meio aberta. Ela dá uma risadinha e, finalmente, lembro-me de responder.

— Cla... Claro — Respondo depois de gaguejar de forma humilhante.

— Acho que eu não tenho chance, né? — Ela pergunta.

— Como?

— Não acho que você vai deixar de arrastar um caminhão por ela em algum momento.

Não digo nada porque, pela primeira vez desde que cheguei aqui, estou sem palavras.

— Eu diria que ela é muito sortuda, Theo. — Gabriela me chama novamente à Terra.

— Você acha?

— Com certeza! Você é um gato e parece ser legal ainda!

— Obrigado.

— Não sou eu que estou dizendo isso... Caso você não tenha percebido, virou o assunto preferido das mulheres lá fora — Estreito meus olhos para ela. — Não se assuste se sair daqui com novos números de telefone no celular. — Ela pisca para mim.

Meu cabelo está seco e pronto. Gabriela me levou novamente à sala anterior e estou agora olhando para o espelho. Ele está com um corte bem mais moderno e ficou muito bom. O que chama mais atenção em tudo, claro, são as pequenas luzes azuis nas pontas. Sim, deixei ela fazer isso - deixei Melissa executar seu plano macabro.

As luzes não são tão chamativas e só se concentram em algumas mechas do meu cabelo, então, diria que não ficou ruim. Não pareço um

adolescente rebelde, só um cara descolado.

— Combinou com seus olhos, Theo. — Garante Gabriela enquanto analisa seu próprio trabalho.

— Você acha?

— Com certeza!

Analiso mais um pouco meu cabelo no espelho e acho que Gabriela tem razão.

— Obrigado, você fez um ótimo trabalho.

— Eu consegui. — Ela diz.

— Como?

— Você está ainda mais gato do que antes. Por um momento, achei que não seria possível. — Ela dá uma risadinha.

— Obrigado por deixar minha autoestima nas nuvens... — Brinco.

— Não há de quê.

Estou rindo com minha mais nova amiga quando a vejo. O cabelo dela está mais curto, descendo por seus ombros em grandes ondas. O roxo, com certeza, é notado de longe em pequenas mechas por todo seu cabelo. Porém, o que se destaca mais é o grande sorriso estampado em seu rosto. Sou chamado novamente à Terra por Gabriela.

— Fecha a boca, Theo. Se a sua intenção não é ser tão óbvio, você precisa fechar a boca. — Ela dá uma risadinha, e é exatamente isso que faço. Fecho a porra da minha boca.

Mel dá uma corridinha em minha direção e vai direto para o meu cabelo, bagunçando-o.

— Ficou sensacional, Theo! — Ela diz, enquanto fica na ponta dos pés para enfiar seus dedos por entre meus fios.

Toco em seu rosto para que olhe pra mim. Então, ela o faz.

— Mel?

— Oi... — Ela ainda tem uma expressão divertida no rosto.

— *You're so gorgeous, I can't say anything to your face, cause look at your face. (Você é tão linda, que nem consigo dizer algo na sua frente, porque olhe para o seu rosto).*

Mel, então, abre um enorme sorriso travesso.

— Você gostou? — Pergunta, enquanto se afasta de mim e rodopia para que eu veja todos os detalhes do seu cabelo.

— Você está perfeita!

— Obrigada, Theo. De verdade. — E sei que Mel não está apenas agradecendo o elogio.



Depois de quatro horas, saio do salão com luzes azuis, uma morena saltitante com luzes roxas e o estômago colado nas costas, de tanta fome.

— Estou faminto, Mel.

— Também estou com fome.

Estamos andando pela Avenida Paulista e logo avisto o McDonald's.

— Já sei onde vamos matar o que está nos matando.

— Onde?

— Olhe à sua frente. — Mel olha na direção em que estou indicando e então entende.

— Tudo bem se comermos *Mc* ou prefere algo diferente?

— Tudo bem. — Ela dá de ombros.

Não demoramos muito para escolher, e devo confessar que estou um pouco chocada com o pedido da pessoa de fios roxos à minha frente.

— Não acredito que você pediu *salada* no McDonald's, Melissa...

Estou a ponto de devorar meu Duplo Quarteirão quando a vejo comendo folhas. Isso não está certo.

— Estou de dieta, Theo!

Realmente não entendo o motivo da dieta. O corpo dela é perfeito, curvas sensacionais. Ela é maravilhosa. O que será que acha que está errado?

— Tudo bem ser a senhora saudável, Mel, mas comer umas porcarias de vez em quando não faz mal. Olha pra mim.

Ela me encara entediada, como se não fizesse diferença.

— Eu vou comer *salada*. Pelo menos estou tomando o suco de laranja, olha! Tenho certeza que esse suco não é nem um pouco saudável.

— Não vou conseguir comer meu lanche se você estiver comendo apenas salada.

— Theodoro, fica tranquilo, já estou acostumada.

— A viver só de folhas?

— Basicamente — ela responde, como se fosse algo natural.

Faz dois dias que reencontrei Mel e, digamos, que ela só comeu de verdade no bar. Depois disso, apenas a vi beliscando comida. Não sei se encaro isso como algo dela ou algo com que deva me preocupar. Sinceramente, minha fome está sumindo do meu corpo ao ver que ela não vai me acompanhar.

— Se é guerra que você quer, é guerra que vamos ter. — Finalmente tenho sua atenção.

— O que você tá falando, Theo?

— Se você não comer nada além dessa salada, também não vou. — Ela revira os olhos e continua enfiando as folhas de alface na boca, como se eu não tivesse dito nada.

Fico quieto e não me movo.

— Você vai jogar seu lanche fora?

— Eu nem abri meu lanche, posso dar pra alguém...

— Theo... Come o seu lanche, tá bom? Eu estou bem assim.

— Mas eu não, Mel. Não tem graça...

— Theodoro, é sério. Eu me alimento assim, e você vai perceber que é a verdade.

— Você promete que está sendo saudável?

Ela leva alguns segundos para responder antes de me encarar.

— Prometo. — Diz.

Faz anos que não participo de sua vida, o que significa que preciso ficar de olho em Melissa. Eu sei que ela tem se cuidado sozinha por muito tempo, só que agora estou aqui e quero vê-la bem. Vou pegar em seu pé caso seja necessário. Sei que tem algo errado aqui, assim como tinha algo errado quando éramos adolescentes.

Estávamos no último ano do ensino médio e eu tinha notado a mudança no corpo dela: estava ficando com silhueta de mulher e achei normal, porque *era normal*, já que estava próxima dos dezoito anos. Só que Mel não viu assim. Antes ela era “muito magra” e, então, passou a ser “muito gorda”. Achei que era coisa de sua cabeça, pois não me lembro em nenhum momento dela ser nada menos do que linda.

Até que, ao chegar sem aviso no seu quarto, vi o que estava fazendo. A cabeça abaixada em direção ao vaso sanitário, os joelhos no chão, suas mãos escondidas e, então, o barulho, como se tivesse engasgando. Corri para ajudá-la, mas antes de abrir a boca ou fazer qualquer coisa, ela vomitou e começou a respirar com dificuldade. E então, seus olhos cruzaram com os meus. Seu olhar estava apavorado. No começo, não entendi, achei só que não estava passando bem e foi isso que ela me garantiu no momento. Só que então, a cena se repetiu de novo, *de novo e de novo...*

Não pedi para que ela parasse, pois sabia que isso não resolveria. Então, fiz o que achei certo. Me encontrei com Carolina e Marcelo, os pais de Mel, e contei tudo. A primeira reação do pai dela foi apertar meu ombro, me agradecendo por eu ter feito aquilo. Carolina, no entanto, desabou. Ela não sabia no que tinha errado, por que sua filha sofria tanto e em silêncio.

Pedi a eles que nunca contassem sobre eu revelar o segredo de Mel. Tenho certeza que, se ela soubesse, jamais me perdoaria. Contudo, não me arrependo. Mel teve o tratamento adequado e pôde ter sua vida de volta ou o mais próximo daquilo. Hoje, porém, já não tenho certeza que ela se curou totalmente.

— Vamos fazer assim... — Digo, e ela me olha desconfiada. — Vou comer meu lanche se você dividir um *Mc Flurry* comigo.

— Theo...

— É pegar ou pegar, Melissa... — Ela suspira como se tivesse sido derrotada.

— Tá bom, vou dividir com você, mas nem pense em pegar um só pra mim.

— Combinado! — Respondo, orgulhoso da minha pequena vitória.

Finalmente abocanho meu lanche e está delicioso, como sempre. As batatas também. Mel continua comendo sua salada sem falar nada, sem me encarar muito. Terminamos a refeição em um silêncio estranho.

Estou voltando do balcão com o *Mc Flurry* de Ovomaltine, enquanto observo Mel de onde estou. Seu olhar está distante, na direção da porta. Olho também e encontro um casal. Eles parecem muito apaixonados à distância que estou, parecem estar tomando milkshake.

— Ei — Chamo-lhe a atenção enquanto dou um empurrãozinho em seu ombro e sento-me ao seu lado. Mel me olha desanimada.

— O que foi?

Ela indica o casal próximo da porta.

— Eles são lindos, né? — Pergunta.

A garota e o cara têm os cabelos cacheados. Eles se olham como se o mundo deles estivesse bem à frente dos olhos. E acredito que seja isso mesmo. Nunca os vi antes, mas é fácil dizer que se gostam. Ela toma um gole do seu milkshake de morango (agora consigo identificar) enquanto ele a encara. Os dois se beijam e a sensação é que criaram um mundo só para eles, onde se esqueceram completamente das pessoas ao redor.

— São lindos mesmo, Mel.

— Eles devem ter uns vinte e poucos, né? O que você acha?

— Que você está certa. Deve ser isso mesmo...

Ofereço uma colher a ela, que pega sem reclamar. Mel então dá uma colherada no sorvete e o direciona aos seus lábios, sem que eu tenha que me esforçar para isso.

— Eles são mais novos do que a gente, Theo!

— Acredito que sim.

— E já encontraram o amor. — Responde, desanimada. — Um amor verdadeiro... — Mel murmura, mais para si do que para mim.

Dou a minha primeira colherada no sorvete e sinto-o derreter na minha língua, enquanto tento decifrar aonde Mel quer chegar.

— Acho que nunca vou encontrar alguém assim...

— Assim como, Mel?

— Que me ame dessa forma. Que me olhe como aquele cara olha pra ela, como se fosse sua pessoa preferida.

Não gosto nada do rumo dessa conversa, sinceramente.

— Ei — Puxo-a para que me olhe. — É muito difícil acreditar que ninguém nunca tenha te amado assim, Mel...

— Do que você tá falando?

— Que, talvez, você tenha dado vários foras por aí nesses últimos anos...

Mel solta uma risada um tanto quanto sarcástica.

— Você tá me zoando, né?

— Claro que não, Mel! É exatamente isso que acho...

Ela balança a cabeça, pega uma nova colherada do sorvete (dessa vez, bem mais cheia) e enfia no boca. Sei que está chateada.

— Vou te dizer a verdade então, já que *você não esteve presente nos últimos sete anos para saber...*

E essa última frase... essa última frase está repleta de... *rancor*.

Mel me olha no fundo dos olhos e despeja tudo que o parece estar guardado com ela a sete chaves.

— Achei que tinha encontrado o amor da minha vida, Theo. Me apaixonei exatamente como imaginei, pinteí minha vida de cor de rosa, para, no final, ser trocada, assim, como se eu fosse descartável. Três anos jogados no lixo, como se eu fosse nada. Achei que não fosse me recuperar, sabe, passei quase um ano em luto por nós, por ele, por mim... E, então, consegui um novo emprego, conheci Amanda e, a partir daí, achei que a vida não era tão ruim assim. Entrei nos aplicativos de relacionamento e saí com muitos caras. Muitos mesmo. Me convenci que assim acharia o amor da minha vida... — Mel toma um fôlego e balança a cabeça em descontentamento enquanto presta atenção, sem dizer nada. Ela está se abrindo e quero que faça isso comigo.

— Eu não vou ser hipócrita e dizer que não me diverti com esses caras, eu me diverti, sim. Mas percebi que estava só tentando atingir o meu ex, de certa forma. Se ele visse que eu estava bem, seguindo a minha vida e saindo com outros homens, talvez ele olhasse novamente pra mim... — Mel ri. — Não posso te dizer que cheguei ao fundo do poço por ele, eu cheguei bem abaixo disso. — Seus olhos agora estão marejados. Sei que está se segurando para não chorar.

— Ei — digo enquanto a puxo para meus braços. — Está tudo bem, Mel! Ele foi o idiota, não você... — Ela me abraça apertado e afunda seu rosto no meu ombro.

— Você não precisa dele pra nada, tá ouvindo? Você é maravilhosa e vai encontrar alguém que te dê o valor que você merece, eu prometo.

Uso minhas duas mãos para segurar seu rosto e olhar em seus olhos.

— Você vai cumprir o item 9 da nossa lista, Mel. *Você vai se apaixonar por um cara incrível*, que seja exatamente a pessoa que você merece.

Mel suspira e me dá um sorriso desanimado.

— Você confia em mim? — Pergunto.

Ela analisa todo o meu rosto e finalmente responde:

— Confio.



13- Mel

Item 7: Ser uma escritora de sucesso - Mel

Theo foi para casa do Eric bem cedo para acertar toda a burocracia para hoje à noite. Eu deveria ter encontrado o Eric nessa semana, mas ele estava muito ocupado e não conseguiu vir até São Paulo. Como preciso me preparar para mais tarde, Theo fez o favor de encontrá-lo mais cedo por mim. De hoje, no entanto, não passa. Depois de anos, verei o meu crush da escola novamente. Me pergunto se ele continua tão bonito e gentil como era naquela época e automaticamente afasto esses pensamentos quando atendo à porta e vejo o rosto da minha amiga.

— Oi, Nati...

— Oi, Mel. Como você está?

— Bem e você? — Pergunto, enquanto ela atravessa a porta e vai em direção à cama de Theo ou, melhor, meu sofá.

— Bem também, amiga. — Nathalia analisa o apartamento, cuidadosamente, em busca de algo, ou melhor, de alguém.

— Cadê o bonitão? — Reviro os olhos, automaticamente.

— Não sei de nenhum bonitão. — Dou de ombros.

— Mel, amiga, às vezes fico preocupada com você.

— E por que seria isso? — Estreito meus olhos para ela.

— Porque você tem um cara daquele vivendo sob seu teto e não acha ele gostoso? O que aconteceu? Você tem certeza que a cirurgia que fez para

miopia arrumou sua visão mesmo?

— Idiota! — Dou um tapinha nela enquanto rio.

— É sério, amiga! Você não acha ele bonito? Quero dizer que isso é impossível para quem tem olhos e *enxerga*...

— Não é isso, besta. É claro que acho o Theo bonito, só que não o vejo como um pedaço de carne ambulante como você vê!

Dessa vez Nathalia parece ofendida.

— Você o vê como o amor da sua vida então? — Ela debocha.

— Muito menos.

— Então não entendo, amiga. Sinceramente...

— O que quero dizer, Nathalia, é que o acho bonito, só não tenho interesse nele *romanticamente*.

— Tá, isso também é impossível. É impossível não querer beijar aquela boca, Mel...

Solto o ar pelo nariz.

— Olha, já que você está tão interessada, tenta a sorte. Vai que...

— É sério? — Ela franze o rosto. — Você não se importaria?

— E por que eu deveria? Não sou nada dele.

Nathalia me encara, analisando meu rosto demoradamente em busca de algo.

— O que foi? — Pergunto.

Ela coloca a mão na minha testa.

— Que estranho, você não está com febre.

— Claro que não! — Dou um tapa em sua mão. — Você e a Amanda estão de complô ou o quê? — Finalmente pergunto.

— Em relação ao quê? — Nathalia responde, entediada.

— Ficar falando que eu deveria pegar o Theo e blá, blá, blá.

— Amiga, é porque você *deveria*...

— Tá bom, Nati. Tá bom... — Ignoro-a completamente e mudo de assunto antes que ela fale mais alguma coisa sobre.

— Você não veio aqui para falar do meu colega de apartamento...

— Agora é seu colega de apartamento, é? — Ela arqueia suas sobrancelhas perfeitas pra mim.

— Colega *temporário* de apartamento.

— E quanto tempo ele vai ficar, amiga?

— Cara, qual é a parte que você não entendeu que não quero falar sobre ele?

Nathalia abre a boca e me encara por alguns segundos.

— Melissa, não pense que vai escapar de mim. Mais cedo ou mais tarde, você vai ter que me contar essa história toda. Tenho certeza que Amanda já sabe de tudo... — Me acusa.

Respiro profundamente, antes de responder.

— Tenta a sorte com ela, então. — Dou um sorrisinho maquiavélico.

Conheço Nathalia da época de faculdade, ou seja, há mais tempo do que Amanda. Ela era minha única amiga até então. E, quando incluí Amanda na jogada, ela não ficou muito feliz. Só que, aos poucos, nos tornamos um trio - o que não quer dizer que as duas morram de amores uma pela outra. Acho que, na maior parte do tempo, elas apenas se suportam. Por isso, é engraçado ver a careta que Nathalia faz quando sugiro que ela pergunte à Amanda.

— Não tem graça, Melissa. Vou deixar passar por hoje, só que você me deve todos os detalhes. Eu quero dizer *todos*... É impossível você ter convivido com aquele homem e não ter sequer dado um beijo nele.

Balanço a cabeça em descontentamento enquanto um arrepio sobe pelas minhas costas. A sensação é estranha, mas tento não focar nela.

— Que tal você me ajudar com o look de hoje? Não foi isso que você sugeriu?

Nathalia sabe muito bem que estou mudando de assunto, só que ela é apaixonada por moda, tanto que escreve matérias sobre isso. Então, é óbvio que morde a isca.

— Tudo bem, Melissa... — Concorda enquanto se arrasta para fora do sofá. Ela vai em direção ao meu quarto e para antes de colocar o pé para dentro, virando-se pra mim. A sua expressão é de puro choque.

— O que aconteceu com seu quarto? Nunca o vi tão organizado.

Expiro o ar pelo nariz antes de voltar ao assunto que já achava que estava encerrado.

— Saí pra correr hoje de manhã. Quando voltei, a casa estava assim, impecável.

Agora Nathalia está literalmente com a boca aberta.

— Nem uma palavra, Nathalia — advirto-a.

— Mel...

— Xiuuuu... Foco. Abra o guarda-roupas e me ajude a montar um look decente para hoje. Nada de tocar no nome de você sabe quem.

Ela balança a cabeça em descontentamento, seus cabelos castanhos caindo em seus olhos.

Quando já estou no quarto com Nathalia, ela passa por todas as minhas roupas, como se estivesse olhando para um monte de panos de chão. E tenho quase certeza que é exatamente isso que está pensando. Abre as gavetas, remexe em tudo e vira-se novamente para me encarar. Sua expressão é de puro asco.

— Mel, você não tem nada para vestir!

— Como assim? Essa é toda roupa que tenho!

Ela coça a nuca inquieta. Sinto como se eu a tivesse colocado em uma enrascada.

— Amiga, você não pode ir vestida com nada disso! — Diz, enquanto segura meus ombros, fazendo com que eu encare seus olhos verdes.

— Por quê?

— Você não se lembra da matéria de cobertura que fiz desse evento, uma vez?

Era nosso último ano de faculdade e Nathalia tinha acabado de ser contratada pela empresa em que está atualmente, era sua primeira matéria importante depois de ser efetivada. Lembro o quanto estava empolgada e a única coisa que consegui pensar foi: será que um dia vou participar também?

Infelizmente, não tive a oportunidade enquanto estagiava na Renome, Alexandre por outro lado... Tanto que quase implorei para que me levasse também. Ele costumava dizer que os convites eram super exclusivos e que nem ele conseguiria um extra. Na época eu até acreditei, mas hoje sei que ele me fez de idiota.

— Lembro, mas o que tem?

— As pessoas, Mel! Você se lembra de como elas estavam vestidas?

Para ser sincera, não. E nem preciso responder em voz alta, pois está estampado na minha cara que não faço ideia do que ela tá falando. Nathalia mexe rapidamente no celular e, então, mostra a matéria que fez há alguns anos. Não tem como ir contra o óbvio. Só de olhar os vestidos longos e elegantes das participantes, sei que não tenho absolutamente nada à altura.

— Estou muito ferrada — me jogo na cama, derrotada. — Não posso ir, Nati. Vou ser a chacota da festa.

Dessa vez é Nathalia quem revira os olhos.

— Só por cima do meu cadáver. Vamos sair, vamos às compras. Eu até te emprestaria algo, mas sou muito baixinha e você é...

— Gorda?

— Alta. — Ela termina. — Amiga, não teria problema nenhum você ser gorda, só que também não é o caso.

Quero protestar, só que não é o que faço, pois ela está certa. Não tem problema nenhum ser gorda e, olha só, admiro demais quem ama o próprio corpo exatamente como ele é. Porém, por um defeito no meu chip, não é o que acontece comigo. Por mais que eu tente, por mais que diga a mim mesma que vou chegar lá, não me lembro de ter me olhado no espelho e amado o que vi. *Nenhuma vez.*

— Para onde você pretende me levar? — Mudo de assunto.

— Para uma loja onde compro todos os vestidos de festa. *Vamos!*

— Amiga, estou desempregada, não tenho dinheiro para gastar assim, não.

— Mel, confia em mim, sei o que estou fazendo.

Analiso seu rosto quase inocente e sei que essa pequena grande mulher vai aprontar. De qualquer forma, não tenho outra saída. É confiar nela ou ser humilhada mais uma vez. Por isso, deixo que ela me leve.



Estou provando o sétimo vestido: é amarelo de uma alça só. O caimento vai até os pés e possui duas camadas de tecido, fazendo com que o modelo não seja transparente. Achei lindo no manequim, de verdade. Mas tudo mudou quando experimentei.

A minha bunda é grande demais, as minhas coxas grossas demais e o vestido ficou justo, quando deveria ficar mais largo. Estou, literalmente, quase chorando nesse provador. Olho-me no espelho e sinto as lágrimas arderem nos meus olhos. Só que não posso chorar aqui, não na frente de todo

mundo. Então, respiro fundo novamente, seco o canto dos meus olhos e coloco o meu melhor sorriso no rosto para dizer a Nathalia que talvez devêssemos tentar outro.

Uma coisa é certa: não vou me envergonhar esta noite. Sei que Theo e Eric se esforçaram para que eu estivesse lá e sou muito grata a eles. Só não quero reviver minha infância e nem parte da minha vida adulta, na qual sempre me senti insuficiente, de novo. Então, se eu não achar algo minimamente decente, me pouparei de mais uma decepção, de adicionar à minha lista mais um momento em que me senti inferior.

— Amiga, esse vestido não está valorizando as suas curvas.

Tento esboçar um sorriso brincalhão para Nathalia, só que sai mais como uma careta. Sento-me no banquinho do provador e deixo meus ombros caírem. Odeio provar roupa, com todas as minhas forças, porque é decepção atrás de decepção. Sem contar que nunca acho nada em promoção. Geralmente, as últimas peças são sempre P e M e nem preciso dizer que elas não me servem. Às vezes, me pergunto se as lojas gostam de humilhar pessoas como eu.

Por isso, tenho comprado a maior parte do meu guarda-roupa online. Pelo menos não tenho que sentir o olhar de pena da atendente quando deixo todas as peças para trás porque nada ficou bom.

— Tenho esse azul esmeralda, com fenda. Tenho certeza que vai ficar perfeito no corpo da sua amiga. — Diz a vendedora baixinha, de tranças no cabelo. Nathalia avalia o vestido e uma expressão de contentamento se forma em seu rosto.

— Amiga, vejo o potencial, olha a fenda. Vai ficar um arraso no seu corpo, mostrando a sua coxa maravilhosa. Tenho certeza que o Theo vai amar.

Não tem como eu bufar mais alto. Nathalia não se cansa.

— Eu nem vou te falar nada, Nati... — Ela sorri com a maior cara de inocência da face da Terra, ou melhor, com a maior cara de pau.

Pego o vestido de sua mão e me enfio novamente no provador. *Pela última vez*, digo a mim mesma.

O vestido azul esmeralda tem alcinhas finas e um decote não tão profundo, o que é ótimo para mim, que tenho seios pequenos. A parte de trás, no entanto, é bem decotada e as alças formam um grande xis nas minhas costas. Ele é justo até a cintura e se solta abaixo dela, com uma fenda

enorme. Quando vejo praticamente toda a minha coxa à mostra, quase tenho um surto. Nem a pau que vou sair assim.

— E aí? — Grita Nathalia do lado de fora.

— Não vai rolar — respondo esbaforida naquele provador quente.

— Deixa eu ver, pelo menos?

— Espera aí... — Ajeito o vestido mais um pouco e desenrolo o forro por baixo, antes de mostrar à Nathalia.

Ao abrir a porta, ela me olha do pé à cabeça, literalmente, concentrando-se um bom tempo na minha coxa à mostra. Quando seus olhos encontram os meus, levanta os dois dedos polegares, assobiando pra mim.

— Amiga, você está *muito* gostosa. Nossa!

— Nathalia!

— É sério! Eu super pegaria você se gostasse de mulher. Se a Amanda te visse, certeza que ela não perderia a oportunidade — ela dá uma risadinha e eu balanço a cabeça com tanta bobagem.

— Vamos embora? — Pergunto.

— Você vai levar esse então? — Ela se anima.

— Você tá maluca, Nati? Com toda essa pele à mostra?

— Essa é a graça do vestido. Quando estiver parada, ele vai te cobrir por inteira, quando andar, todos terão a visão dessa sua perna torneada.

Sinceramente, nunca sei quando ela tá falando sério ou tirando onda com a minha cara.

— Pensei que você queria me ajudar... — Respondo, mal humorada.

— Eu *estou* te ajudando... — Agora ela olha para mim. — Pera, você acha que estou te zoando?

Não digo nada e Nathalia tem sua resposta.

—Mel... — Ela diz, mais séria agora. — Não estou mentindo. Você está linda, de verdade. Esse vestido parece que foi feito pra você. Às vezes, pode parecer que não, mas me importo muito com você e quero vê-la feliz. Eu sei o quanto importante é esse evento e sei também que estará deslumbrante com esse vestido.

Meu peito sobe e desce pesadamente. Temos nossas diferenças, mas Nathalia foi minha primeira amiga de verdade. E não falo apenas depois que me mudei para São Paulo, foi a primeira na minha vida. Nunca tive uma amiga na infância ou na adolescência, só consegui isso aqui, com ela. Então, sei que quer o meu bem. Por isso, mesmo achando que está exagerando, aceito levar o vestido.

— Ok, vou levar.
— Ótimo! — Ela dá um gritinho, me puxando para seus braços. Preciso me abaixar para isso, claro.
— Quanto é? Nem vi o preço... — Antes que eu agarre a etiqueta, Nathalia toma da minha mão.
— Tenho desconto nessa loja por causa da empresa, então esse vai ser meu presentinho pra você, Mel.
— Meu aniversário está muito longe, Nati.
— Ei, posso te dar um presente fora do seu aniversário, não? Sorrio com sua animação e, enfim, cedo.
— Sim, você pode. Obrigada — agradeço enquanto a abraço.



Nathalia me fez trazer uma sandália rosa com salto grosso para combinar com o vestido. Sinceramente, moda não é meu forte, e achei bem estranha a combinação. Só que minha amiga insistiu que ficaria lindo e ela não estava errada. Eles realmente combinaram. O único problema é que devo estar próxima dos dois metros de altura agora.

— Para de ser besta, Mel! Você está linda, eu gostaria muito de ser alta como você e não uma miniatura da Coca-Cola. — Dou risada quando ela diz isso.

— Acho que estou muito alta.

— O Theo vai com você, né? — Encaro-a de soslaio para ver aonde quer chegar com isso.

— Sim, ele e o Eric. Teoricamente, só o Theo, porque o Eric vai estar trabalhando.

— O Theo é bem alto, então você ainda vai ficar menor do que ele. E o tal do Eric?

Desvio o olhar quando Nathalia cita seu nome e claro que isso não passa despercebido.

— Ei, por que você não tá olhando pra mim?

Sento-me ao seu lado para confessar o que penso sobre Eric.

— Eu era meio que apaixonada por ele na escola.

— Pelo Eric?

— Sim.

— E vocês tiveram alguma coisa?

— Se por “alguma coisa”, você diz eu ter emprestado todas as minhas canetas quando ele não levava nada pra escola, então, sim. Agora, um beijo? Não! Era pura fantasia, amiga. Ele nunca olhou pra mim. — Admito.

— Poxa, Mel. Talvez agora você possa cobrar esse beijo, não? Ele é solteiro?

— Não sei, espero descobrir hoje. — Dou uma risadinha entusiasmada. Não que eu acredite que vai dar em algo, mas é sempre bom ficar empolgada com alguma coisa.

— Essa é minha garota!

Nathalia parece perceber algo com isso.

— Então significa que você não quer o Theo, mesmo?

— Nati, ele nunca foi uma opção.

Theo é muito bonito, gato mesmo... Todas as meninas da sala corriam atrás dele e, para ser sincera, eu sentia inveja disso. De ser amado como ele era, de ser autoconfiante como ele era. Eu? Eu era a inimiga, a pessoa que ele não suportava. E, depois, por uma jogada do destino, me tornei sua melhor amiga e ele se tornou o meu. Mas parou aí. Eu nunca seria a garota que ele olharia diferente, por quem se interessaria romanticamente. Por isso, nunca o encarei como uma possibilidade. Theo sempre terá um lugar guardado no meu coração, só que sei até onde a nossa relação é capaz de chegar.

— Tudoooooooo beemm... — responde, e sei que agora ela vai investir nele. Talvez comece essa noite mesmo.

Estreito os olhos, pois imagino bem o que vai aprontar e ela me dá um tapinha, forçando-me a virar para frente.

— Ainda preciso finalizar seu cabelo e maquiagem, então fica quieta! — Ela me adverte enquanto tenta sustentar uma expressão séria.

— Claro — faço biquinho pra ela.

Estou terminando de colocar os brincos, quando a campainha toca. Theo está aqui, provavelmente querendo me arrastar porta afora, pois já estamos atrasados. Sorte que ele se arrumou na casa do Eric e não vai ter que

procurar suas coisas pela bagunça que fiz no apartamento. Acho que vou ceder uma gaveta para que organize um pouco melhor seus itens enquanto estiver aqui. Toda vez, ele tem que revirar suas malas atrás de algo que precisa.

— Pode terminar aí, eu vou atender. — Nathalia pisca para mim. Sei muito bem porquê minha amiga está empolgada assim. Faz tempo que não a vejo com ninguém e talvez seja legal que comece a sair novamente.

Dou uma última conferida no espelho e posso dizer que Nathalia realizou um trabalho excelente: me deixou decente para hoje à noite. Para ser sincera, não me lembro de estar tão arrumada assim na vida. Além do vestido maravilhoso, que ainda acho que não combina comigo, porém vou deixar esse pensamento de lado por enquanto, Nathalia deixou meus cabelos soltos, perfeitamente ondulados.

Devo admitir que tem algo que amo no meu cabelo: as mechas roxas que adquiri dias atrás. Nem consigo acreditar que risquei esse item da minha lista. Algo relativamente simples de fazer, mas que me custou anos para ter coragem. Acho que se Theo não tivesse me empurrado, eu não teria feito. Agora estou aqui: olhando para o espelho com um vestido azul esmeralda e minhas mechas roxas. Preciso agradecê-lo novamente.

— Você está pronta? — Pergunta Nathalia, enfiando a cabeça no quarto.

— Sim, estou. — Quando meus olhos encontram seu rosto, ela está com um sorriso radiante.

— Mel, preciso te perguntar algo.

— O que, Nati?

— Como você faz pra achar esses homens bonitos, hein? — Ela sussurra.

— Agora você está falando de quem? — Questiono.

— Dos dois homens gostosos que estão aqui fora. — Ela diminui o tom de voz. — Melissa, você precisa me ensinar isso.

— Eric está aí? — Digo, mais para mim do que pra ela. Não sabia se ele subiria ou se esperaria no carro. Sinto meu coração bater mais forte. Faz anos que não o vejo, espero não me envergonhar em sua frente.

— Sim, ele subiu.

— Você vai demorar, Mel? — Ouço a voz de Theo ao fundo. — Precisamos ir!

Pego a minha bolsinha de mão e vou em direção à porta do meu quarto. Antes de sair, seguro o rosto de Nathalia com as duas mãos.

— Tem certeza que estou bem?

— Amiga, não. Você não está bem... — Ela diz, séria, e sinto um soco no estômago.

— Você está maravilhosa! — Ela assobia.

— Obrigada. — Consigo dizer, aliviada.

— Ei... — Ela me puxa antes que eu passe pela porta.

— O Theo está uma delícia, amiga... pensa direitinho se você não quer investir, porque, se não quiser, eu quero.

Apenas reviro os olhos para minha amiga e saio do quarto.

Quando chego à sala, vejo dois rostos conhecidos. Theo está mais próximo, enquanto Eric está na cozinha, provavelmente bebendo algo.

Theo está lindo em um terno azul escuro, com calças no mesmo tom e camisa branca. Não está usando gravata, o que faz com que ele fique parecendo um modelo de roupa social. O ar sério não é sustentado quando vejo suas suaves mechas azuis. Até agora não acredito que ele foi capaz. No entanto, o que estou pensando nesse momento é que Deus tem seus preferidos e Theo, sem dúvidas, é um deles. É humanamente impossível alguém ser tão bonito e confiante assim... Penso em revirar os olhos, mas não o faço, pois estou muito presa em seus olhos verdes me encarando.

Ele me fita e vejo que está com os lábios entreabertos, literalmente. *Espero, do fundo do coração, que eu não esteja parecendo uma palhaça.* Seu olhar fica mais sério quando dá uma conferida nada discreta em mim, me olhando dos pés à cabeça e levando um pouco mais de tempo nas minhas pernas. Eu disse à Nathalia que isso tudo era demais! Estou quase correndo para o quarto para tirar esse vestido, quando seu olhar se volta ao meu rosto novamente. Para a minha surpresa, ele está sustentando um sorriso com covinhas, e sinto um alívio na mesma hora. Ele se aproxima de mim, de forma calma e confiante, dizendo no meu ouvido:

— Você está sensacional, Demoniazinha! — Sinto seu hálito bem ali e um arrepio percorre todo meu corpo. Me afasto um pouco e volto a encarar seus olhos que, definitivamente, estão totalmente focados nos meus.

— Obrigada. — Respondo, sem jeito.

Ele sorri e novamente vejo covinhas.

— Mel... — A outra voz me tira atenção de Theo.

— Eric... — Digo, enquanto vou ao seu encontro e o abraço.

— Você está... linda! Que ótimo rever você.

— Obrigada! Também estou feliz em vê-lo novamente. — Sinto meu rosto pegar fogo.

Agora que consigo observá-lo melhor, sei que Nathalia não estava falando da boca para fora. Esses dois aqui parecem terem saído de uma passarela de moda. Eric está bem mais encorpado do que na época de escola e é um pouco menor do que Theo. Seu cabelo castanho ainda continua cacheado, porém seu sorriso gentil ainda é o mesmo. Ele está usando um terno preto elegantíssimo.

Consigo me teletransportar para anos atrás, quando ficava a aula toda esperando que virasse para trás e me dissesse qualquer coisa. Ficava curiosa em saber o que ele tinha esquecido naquele dia. Por vezes, fantasiei que Eric só usasse as canetas como desculpa para falar comigo. Eu sei, sempre tive uma imaginação fértil. Prova disso é que ele nunca demonstrou interesse, de fato, e por que demonstraria, né?

Ainda estou olhando para meu crush dos tempos de escola, quando ouço Theo fazer um barulho com a garganta.

— Estamos atrasados, né, pessoal? Podemos ir? — Saio imediatamente do abraço de Eric e me posiciono à sua frente, um tanto quanto envergonhada.

— Claro. — Ele responde, enquanto encara o amigo.



14- Mel

Definitivamente, estou me sentindo em uma cerimônia do Oscar. Vejo flashes de câmeras para todo lado, um tapete vermelho e pessoas extremamente arrumadas. *Obrigada, Nathalia, por não me deixar passar vergonha.*

Theo estende a mão para me ajudar a sair do carro. Quando sinto o ar fresco tocar a minha pele, um leve terror começa a tomar conta de mim. *O que vim fazer aqui mesmo? Por que não estou na minha casa?* Meu olhar está nas pessoas a distância, quando Theo chama a minha atenção.

— Algum problema, Mel? — Ele toca a minha lombar para me guiar pelo caminho e estremeço.

— Não sei, acho que estou nervosa. — Encaro-o.

— Vai dar tudo certo, confie em mim. — Ele pisca. Nessas horas, gostaria de ter a mesma confiança que ele tem. Ainda estou encarando-o, quando Eric se posiciona ao nosso lado.

— Pessoal, vou guiá-los até o salão, mas não vou conseguir ficar com vocês lá dentro, preciso acertar alguns detalhes da noite.

— Tudo bem. — Assinto, só que, no fundo, estou apavorada com a ideia de ficar nesse salão enorme repleto de pessoas desconhecidas e que nunca me viram na vida. Theo dá um empurrãozinho em meu ombro para que eu o olhe.

— Vai dar tudo certo, Mel. — Ele diz, pausadamente, dessa vez. Inspiro e expiro para tentar diminuir o nó no meu estômago. De nada adianta.

— Por onde entramos? — Theo pergunta ao Eric.

— A única forma de entrar é pelo tapete vermelho. — Arregalo os olhos para ele.

— A gente vai ter que passar por ali? — Aponto.

— Exato. — Eric sorri docemente.

— Não sei se consigo, Eric. — Digo, olhando em choque para ele.

— Por que não, Mel? — Ele se aproxima e segura a minha mão, depositando um beijo suave ali. Sou capaz de ouvir meu coração com esse simples gesto. — Você está linda e vai ficar maravilhosa nas fotos.

Ainda estou olhando para Eric, sem reação nenhuma, acho que estou presa em seu toque. Só saio do transe quando Theo entrelaça seu braço ao meu, me puxando para longe. Quero bater nele por fazer isso.

— Vamos fazer isso logo. — Theo diz.

— Fazer o quê? — Puxo meu braço de volta e o encaro.

— As fotos, Mel...

— Não entendo, isso não faz sentido. Nem sou conhecida, por que tirariam fotos de mim?

— Aí que você se engana. — Eric entra novamente na conversa. — Esse evento é super exclusivo, por isso pressupõe-se que todos aqui têm seu grau de importância, ou seja, há registros de todos os que passam pelo tapete vermelho.

Sinto minha bochecha começar a esquentar no mesmo instante. Theo se posiciona à minha frente e segura meu rosto com as duas mãos, fazendo com que eu olhe em seus olhos.

— Está tudo bem, Mel. Você consegue fazer isso, tá bom? — Meu peito sobe e desce rapidamente, estou a ponto de ter um ataque de pânico. Mas então, me concentro no verde dos olhos dele, que escurecem à medida em que me encaram.

— Você consegue fazer isso, Mel. — Ele repete.

Balanço a cabeça positivamente para ele, ainda com a respiração pesada.

— Eu consigo fazer isso, Theo. — Inspiro e expiro, pausadamente.

— Essa é minha garota. — Ele diz, piscando para mim.

Não tenho tempo de reagir ao que ele acabou de falar, porque Eric está nos puxando para frente, para entrarmos na fila para fotografias. Estamos atrasados. *Ele* está atrasado.

Tenho certeza de que vou enroscar um pé no outro e cair na frente dos convidados, me envergonhando para todo o sempre. Isso não acontece, no

entanto, pois Theo segura firmemente em minha lombar, me guiando elegantemente pelo tapete vermelho, como se fosse acostumado com isso.

— Você já esteve em um tapete vermelho antes? — Sussurro.

— Nunca. — Ele sussurra novamente em meu ouvido.

— E como você consegue agir com essa naturalidade, Theodoro? — Murmuro, tentando não tirar a atenção de tudo o que está acontecendo à minha frente.

— Apenas relaxe, Mel. — Ele segura novamente a minha lombar e olha para as câmeras, como se fosse um modelo. Eric, que está ao meu lado, faz o mesmo e não tenho outra opção a não ser imitá-los. Espero, sinceramente, que eu não tenha vontade de morrer na hora de ver essas fotos.

A vista de fora não entregava nem um pouco a beleza do lugar. Estamos em um enorme salão de um prédio antigo. É uma mansão enorme e acredito estar pisando exatamente onde seria a sala. Há uma escada gigantesca, com carpete vermelho guiando ao andar de cima, e pessoas sobem e descem o tempo todo.

Também há várias mesinhas dispostas no salão e algumas pessoas se mantêm em pé enquanto outras estão sentadas. A sala é iluminada por lustres enormes. Imagino quanto devem ter custado. Penso se esse local é a casa de alguém... Há grupinhos de pessoas segurando suas bebidas, que de longe parecem champanhe. Tudo *muito chique*.

Garçons e garçonetes circulam pelo ambiente com petiscos e outras bebidas. Também há uma mesa enorme para quem quiser se servir. Meus olhos estão em todas as direções, são muitas informações para absorver.

Começo a me perguntar como vou fazer o *networking* sobre o qual Theo estava tão empolgado. A verdade é que a Melissa introvertida sempre esteve aqui e é difícil abrir a boca para conversar com pessoas que não conheço.

— E aí, gostou? — Pergunta Eric, bem próximo de onde estou. É impossível evitar que eu me vire e encare seus olhos. Castanhos intensos, brilhando para mim? *Impossível*. A Melissa de dezessete anos estaria hiperventilando. A Melissa do presente está bem próxima disso.

— Gos-Gostei — gaguejo e quero dar um tapa na minha cara por isso. Será que não perco uma oportunidade de passar vergonha na frente dele? Eric parece não se importar, pois mantém um sorriso tímido no rosto.

— Eu gostaria de ficar aqui com vocês, mas vou ter que dar uma saidinha. Prometo que volto assim que der. — Ele dá um beijo na minha mão

e espero muito não estar babando neste exato momento. Eric dá uma piscadinha e some no meio das pessoas. Quando meus olhos encontram os de Theo, ele está balançando a cabeça em descontentamento. Como fazia antigamente. *Será que algumas coisas nunca mudam?*

— O que foi? — Pergunto, direcionando meu olhar até ele. Theo se aproxima lentamente e guia sua mão até meus lábios, mais especificamente no canto da minha boca. Ele não desvia o olhar em nenhum momento e tento fazer o mesmo, sem entender o que está acontecendo aqui. Seu polegar roça meu lábio inferior e juro que estou surtando neste exato momento. *O que é isso?*

— Theo? — Chamo-o quase em desespero.

Ele desvia seu olhar da minha boca e me olha nos olhos novamente. Lentamente, um sorriso tímido toma

conta dos seus lábios e então quase o assassino em seguida.

— Eu estava limpando a baba que quase caiu aqui. — Ele diz.

Abro a boca, em choque. Seu sorriso se expande ainda mais.

— Idiota! — Respondo, irritada, enquanto dou um soco em seu braço.

— Ai! — Ele reclama. — O que, Mel? Você que estava aí babando pelo meu melhor amigo. Mesmo depois de todos esses anos, você ainda tem um crush nele?

Quero matá-lo. Por que ele tem que ser assim, tão direto? Desvio o olhar e minha reação me entrega. Quando olho novamente, ele ainda está me encarando.

— Aí está minha resposta. — Ele observa.

Só acho estranho o tom que ele usa para constatar o óbvio. Como se não estivesse contente com a resposta que obteve.

— Acho que vou pegar uma bebida. Você quer algo?

Estou com vergonha e não olho para ele nesse momento, então apenas murmuro um pedido:

— Vinho, por favor.

— Claro — Ele responde. Sei que sua atenção está em mim, mas não tenho coragem de encará-lo. É constrangedor ser uma mulher adulta e ainda ter um crush em um cara da adolescência. E o pior: *ser tão óbvio assim*. Meu papel de palhaça está sendo executado com sucesso. *Como sempre*.

Sei que Theo já se foi e resolvo olhar a distância. Todos parecem muito concentrados nas conversas que estão tendo. Talvez estejam fechando um contrato com o mais novo ou nova autora *bestseller* ou avaliando os talentos

ao redor. É impossível não pensar como seria *se eu fosse a escolha de qualquer editora aqui*.

Paro próxima a um espelho com bordas douradas colado na parede, que parecem ouro de verdade, e observo o reflexo da pessoa nele. É difícil olhar para mim e me imaginar como uma autora de sucesso. Vejo apenas uma mulher de vinte e cinco anos iludida com uma possibilidade distante. É só observar ao redor as pessoas que estão aqui. Bem arrumadas, bonitas e seguras de si. Você seria capaz de comprar um peixe fedorento delas, acreditando ser o corte mais fino do lugar. Porque elas têm lábia, são seguras ao se posicionar. E eu não tenho nada disso.

Direciono minha visão a um novo ponto do ambiente e juro que estou tendo uma queda de pressão. *Não é possível* ver o que estou vendo. Não é possível que, de todas as pessoas aqui, meu olhar tenha se cruzado justamente com o dele. E não é possível que ele esteja estampando um sorriso de canto para mim. Simplesmente, *não pode ser*.

É óbvio que deveria cogitar sua presença neste evento, afinal ele trabalha na Renome, uma das editoras mais famosas do país. Mas, com todas essas pessoas ao meu redor, por que ele tem que me enxergar? Por quê?

Alexandre, vulgo meu ex, não está acompanhado da mesma loira de anos atrás, já deve ter trocado, como troca de cueca. As mulheres são descartáveis para ele, assim como eu fui. Agora, seu braço está entrelaçado com o de uma morena com cabelos negros e brilhantes. É claro que ela parece ter saído de uma revista de moda, com certeza se parece com uma modelo.

Não consigo entender, de verdade. Se o tipo dele é esse, por que se envolveu comigo? Por que me fez promessas que não foi capaz de cumprir? Por que me fez acreditar que me amava e que eu era a pessoa mais importante em sua vida? Por que fez com que eu me apaixonasse para, depois, me descartar, como se eu não valesse nada?

Me recordo de um passado em que me senti especial, achei que dessa vez alguém me via de verdade, acreditei que era o amor da minha vida, né? O cara que eu descrevia nos livros, certo? Não, e nem passou perto. Essa foi uma história de amor em que a mocinha saiu com seu coração dilacerado ao ser facilmente trocada por outra.

Quero não me afetar com a cena à minha frente, só que estou sozinha e ele está vindo em minha direção. Ou melhor, *eles*. É óbvio que vai esfregar a sua nova namorada na minha cara e mostrar como eu não era suficiente,

como eu não estava à altura, claro que ele faria isso. Quero muito sair correndo e não lhe dar essa satisfação, mas meus pés não se movem. Meu olhar simplesmente está vidrado no dele, que se aproxima cada vez mais.

Tenho raiva por reparar que ele está ainda mais bonito do que costumava ser. Vestido com um terno elegante, sem gravata. E sapatos que facilmente custariam meses do meu salário da editora. Ele anda como se o mundo lhe devesse algo e acho que é justamente isso que pensa. Seus fios castanhos estão bagunçados de uma forma sexy e o sorriso estampado em seu rosto era o mesmo que direcionava a mim.

Por muito tempo me considerei a mulher mais sortuda do mundo por pensar que ele era apenas meu. Que me amava e me admirava, que éramos almas gêmeas. *Como eu estava enganada!*

Ele tira as mãos da cintura da morena e segura a taça, olhando para mim, com a testa franzida.

— Mel, que prazer vê-la aqui... — Diz, com um ar de confiança inabalável. Estou mordendo tanto meu lábio inferior, que talvez ele comece a sangrar a qualquer momento. Quero simplesmente sumir daqui, fingir que não existo. Não deveria ter colocado meus pés neste lugar.

— Oi, Alexandre. Como está? — Pergunto, da forma mais robótica possível. Só que ele sabe que sua presença me afeta. Ele ainda me conhece bem o suficiente para saber disso, perceber que minhas mãos estão trêmulas e que meu pescoço está começando a formigar com sua presença.

— Muito bem, Mel.

Quero que ele pare de me chamar assim. Não é meu amigo, não é nada meu. Meu nome não deveria soar tão íntimo assim em sua boca. Aposto que a morena ao lado não faz ideia de que fomos namorados *por três anos*.

— Ah, como posso ser tão desatento. Deixe-me apresentar *minha namorada*. Essa é a Larissa.

— Oi — ela diz.

Sorrio da forma mais falsa possível e, sem querer, deixo o veneno escapar na minha voz.

— Da última vez que te vi, você namorava uma loira...

A morena me olha em choque e depois direciona um olhar cortante a Alexandre que, pela primeira vez, parece um pouco sem graça.

— É... — Confirma. — Não deu certo.

— Imagino. — Estampo mais um sorriso falso em meu rosto.

— Mas me conta, Mel. Ainda tentando ser autora? — Ele me encara. E odeio, odeio muito a forma como coloca as palavras. *Como se fosse impossível*. Nesse momento, gostaria de esfregar na cara dele todas as merdas que já me disse um dia. O problema é que não posso fazer isso, pois, aparentemente, ele estava certo.

Continuo não sendo uma escritora e agora nem emprego eu tenho. Meus ombros desmoronam com essa constatação e estou a ponto de começar a chorar em sua frente. Não posso dar esse gostinho. Então, endireito minha postura e respondo de forma breve.

— Isso mesmo.

— Ótimo. — Assente, simplesmente. — Tenho a certeza de que vai conseguir.

Juro que quero voar nele por tirar sarro de mim, porque não consigo sentir sinceridade alguma em suas palavras. Dessa vez, mantenho meu rosto em uma expressão séria.

— Você está sozinha? Não trouxe um *namorado*?

Aí está! Ele quer saber se ainda estou esperando por ele... Se ainda vou me humilhar para que volte para mim, para que me ame. O problema é que não estou feliz com a resposta que darei a seguir, não quero dizer que continuo sozinha, que não tive ninguém de importante depois dele. Não quero dar esse gostinho.

Estou a ponto de abrir a boca, quando sinto uma mão envolver a minha cintura. Ele me beija no rosto e diz.

— Estou de volta, amor... Me desculpe se demorei muito. Queria achar um vinho que você gostasse.

Olho em choque para o cara alto ao meu lado, aparentemente se passando por meu namorado. Realmente, não sei como reagir. Ele me olha nos olhos, como se estivesse falando: “Vai, Melissa, entra no jogo” e finalmente me lembro que está aguardando uma resposta.

— Muito obrigada, amor. — Respondo, enquanto devolvo o beijo na bochecha. Seu braço esquerdo continua na minha cintura e vejo o olhar de Alexandre descer até ele, enquanto observa Theo dos pés à cabeça. A expressão em seu rosto me deixa feliz, já que sei que ele não esperava por isso. “Melissa, com um cara como o Theo? Em que mundo?”. Tenho certeza que é isso que está pensando.

— Olá, prazer. — Cumprimenta Theo, esticando a mão para meu ex-namorado.

— Olá, prazer. — Alexandre aperta firmemente a mão de Theo, sem o sorriso sarcástico característico no rosto.

Theo também acena para a nova namorada de Alexandre. A parte incrível é que ela não tira os olhos de Theo. Quase grito por dentro com a cara do meu ex, assistindo à cena.

— Eu te conheço, não? Como é seu nome mesmo? — Pergunta Alexandre ao meu “namorado”.

— Theo. — Ele responde.

— Lembro de você. Você era amigo da Melissa, não era? — Droga, Alexandre vai nos pegar no pulo. Só que Theo é bem mais esperto do que ele.

— Como você disse, *era*. Fui sortudo o suficiente para conquistar o coração dessa mulher maravilhosa. Ainda bem, porque ela já tinha conquistado o meu há muito tempo. — Ele me olha de soslaio e sorri. Juro que devo estar da cor de um pimentão. Theo é um *excelente ator*. Vou ter que fazer algo por ele depois de tudo isso.

Agora, Alexandre parece desconfortável e é difícil conter a expressão de vitória em meu rosto ao olhá-lo. Sua namorada segue olhando embasbacada para meu “namorado”, que entrelaça seus dedos aos meus e vejo o olhar do meu ex indo automaticamente para nossas mãos unidas. Em seguida, Theo dá um beijinho em meu ombro, e juro que meu corpo se arrepia inteiro.

Porém, ignoro essa sensação e foco na cena à minha frente. Nem nos meus melhores sonhos, eu poderia imaginar isso. *É satisfatório demais*. Theo está levando muito a sério esse papel que se deu, pois ignora completamente os dois à nossa frente e deposita um beijo no meu pescoço. Olho apavorada, não sei se vou conseguir sustentar isso por mais um tempo. Só que ele sorri para mim, com as covinhas aparecendo, como se dissesse: “Faça isso parecer convincente, Melissa...”. E eu tento, tento mesmo, sorrindo como se Theo fosse o meu mundo.

Somos interrompidos por Alexandre, que faz um barulho com a garganta.

— Foi um prazer ver você, Mel. Tenho certeza que nos veremos novamente. — Ele garante, confiante.

— Claro. — Respondo, como um robô, enquanto Theo me abraça por trás, depositando outro beijo em meu pescoço.

Alexandre e a nova namorada estão distantes, quando saio do abraço de Theo. Encaro-o agradecida.

— Muito obrigada. — Murmuro, aliviada. — Como você teve essa brilhante ideia, Theodoro? — Pergunto, curiosa. Ele dá de ombros antes de responder.

— Eu escutei toda a conversa do babaca, Mel. — Sinto meu rosto arder, afinal aquilo foi humilhante e, saber que Theo ouviu e viu minha reação, não deixa de ser difícil.

— Ei, tá tudo bem. — Garante enquanto puxa meu queixo para olhá-lo.

— Você acha que ele caiu nessa, de que você é meu namorado?

— Tenho certeza.

Não estou tão segura assim e meus ombros murcham, mas tento acreditar nele. Não sei o que seria mais humilhante: admitir a Alexandre que continuo sozinha ou ele saber que fingi ter um namorado... Pelo menos não saí por baixo dessa vez. Sempre há uma primeira vez para tudo.

— Obrigada, Theo. — Reforço.

— O prazer foi meu.

Estou me afastando dele, que me puxa novamente para si.

— O Alexandre já foi embora, pode parar de fingir. — Digo.

— Ele está por aí, Mel. Tenho a certeza de que está nos observando. Por isso, deveríamos continuar agindo como namorados até o final da noite, pelo menos.

— Você tá me zoando, Theodoro? — Pergunto.

— Claro que não, *Demoniazinha*. — Fala, enquanto se aproxima de mim e me envolve em seus braços. Ele tem cheiro de orvalhos e de uma manhã fresca. É muito estranho notar isso.

— Theo, o que você está fazendo? — Murmuro.

— Alexandre está nos olhando, então entre na personagem, Mel. — Ele sussurra em meu ouvido enquanto coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. Sinto seu hálito na minha pele e seus olhos encontram os meus.

— Relaxa. — Pede quando vê a cara de pavor que devo estar estampando nesse momento. E juro que tento fazer exatamente o que ele diz.

Theo e eu atravessamos o salão de mãos dadas e, realmente, estou preferindo não pensar nisso: em como seus dedos estão roçando, suavemente, a minha mão ou em como ele me olha, como se, de fato, gostasse de mim. Estou impressionada com a performance dele, não digo o mesmo da minha, porque, é óbvio que não levo jeito para ser atriz. *Estou apavorada*.

— Relaxa, Mel. Você está muito tensa.

— Por que será? — Murmuro.

Theo apenas dá um sorriso, como se estivesse se divertindo horrores com a situação. A verdade é que *tenho certeza que está*.

O lado bom de tudo isso é que, apesar de ficar com os nervos à flor da pele, toda vez que Theo me aperta contra seu corpo ou quando me dá um beijo no pescoço, alegando que Alexandre está nos olhando, no meio de tudo isso, conseguimos falar com três editores importantes, além de um agente. Por incrível que pareça, vendi meu livro da melhor forma possível e ficaram bem interessados nele ou, pelo menos, pareceram. Tenho, até o momento, quatro contatos novos no meu celular e uma possibilidade de realmente gostarem do meu livro.

Apesar do começo catastrófico da noite, estou feliz e, por isso, aperto levemente o braço de Theo. Ele olha para mim e arqueia uma sobrancelha.

— Obrigada por estar aqui comigo. — Agradeço.

Ele sorri com os olhos, fazendo com que pequenas ruguinhas se formem bem ali.

— Sempre, amor... — Ele responde, piscando para mim.

Somos interrompidos pelo meu querido ex.

— Melissa... — Me chama. Não está acompanhado da namorada dessa vez. Theo junta seu corpo ao meu novamente, apertando meu ombro de leve.

— Oi.

— Posso falar com você?

— Já está falando, não? — Vejo de soslaio Theo passar a mão sobre a boca, evitando um sorriso. Talvez tê-lo ao meu lado me deixe um pouquinho mais corajosa.

— A sós, pode ser? É algo que pode te interessar, *profissionalmente*.

Esse é o motivo para eu estar aqui, e ele está atingindo o meu calcanhar de Aquiles. Olho para Theo e não preciso dizer nada: mesmo não tão feliz, ele solta o meu ombro.

— Já volto. — Garanto a ele.

— Claro, amor. — Ele dá um novo beijo no meu pescoço, que não passa despercebido pela minha pele, e nem pelos olhos atentos de Alexandre.

Alexandre me guia até uma área mais reservada, próximo a uma varanda.

— Certo. O que você gostaria de dizer?

— Seu namorado parece bem ciumento. Ele continua olhando pra nós. — Observa enquanto passa os dedos nos lábios e sorri. — Talvez ele se sinta ameaçado, Mel. — Ele se aproxima de mim.

— Ele não tem motivo pra isso. — Afirmo.

— Tem certeza? — Me pergunta, quase se encostando no meu pescoço e estremeço. Alexandre percebe e me odeio por isso.

— Com certeza. — Confirmo. Me afasto e olho em seus olhos. — Não vim aqui pra falar do Theo ou da minha vida pessoal. Então, que tal ir direto ao ponto?

— Uau, você está mudada! — Ele sorri, descaradamente. — Tenho que dizer que gosto disso...

— Você vai falar o que quer ou não? Não tenho todo o tempo do mundo ou paciência para isso.

— Claro, linda...

— Não me chame de *linda*!

— Mas você é. E está ainda mais!

Viro-me para ir embora, não vou ficar aqui ouvindo seu deboche.

— Mel... — Ele puxa meu braço. — Eu não quis te aborrecer, por favor.

— Olho para ele novamente e cruzo os braços à frente de mim.

— Se é assim, que tal ir direto ao ponto e me dizer o que você quer.

Alexandre endireita a postura e me olha sério.

— Acho que posso te ajudar na editora. Você está aqui para isso, não é? Para encontrar contatos para publicar seu livro?

Agora meus lábios estão abertos, em puro choque.

— Você está brincando comigo, Alexandre? — Pergunto, pasma. Sinto muita vontade de voar na garganta dele neste exato minuto.

— Claro que não, Mel. Não brinco com trabalho.

— Certo. — Absorvo suas palavras antes de responder. — Então, por que esse interesse repentino agora, sendo que, no passado, você disse que meu livro era... Pera, deixa eu me lembrar... — Digo, de forma sarcástica. — “Mediano” e “sem inovação nenhuma”. Ah, também tinha a parte que a editora em que a gente trabalhava não aceitava “qualquer coisa”. — Faço aspas com a mão.

Alexandre arqueia e me encara como se nunca tivesse dito essas palavras.

— Não foi assim que eu falei, Mel... — Ele tenta tirar a culpa de si próprio.

— Ah, mas foi *exatamente* assim que você falou, Alexandre. Lembro como se fosse ontem...

— Tudo bem. — Ele ergue as mãos. — Talvez eu não tenha sido delicado como deveria.

— Delicado? — Dou uma risada, em deboche. — Você pode ter sido qualquer coisa, menos delicado.

— Tá bom, Mel. Eu entendo o ponto. Me desculpe por isso.

Ok, essa é nova. Alexandre está pedindo *desculpas*?

— O ponto é que acredito que seu livro tenha muito potencial na Renome.

— Sinceramente, não entendo o que mudou de antes e de agora.

— O mercado mudou. E eu estava errado sobre o seu livro. É isso que quer ouvir? Estou te dando isso. Eu estava *errado*...

Encaro-o como se estivesse de frente com outro Alexandre ou, melhor, com aquele por quem me apaixonei aos dezoito anos. Balanço a cabeça para que essas ideias sumam rapidamente. Ele não dá ponto sem nó e não acredito nessa mudança repentina.

— E então, Mel. O que me diz?

— Preciso pensar.

— Pensar? — Ele responde, como se fosse a coisa mais absurda da face da Terra.

— É... — Respondo, não tão convicta assim.

Antes que ele diga mais alguma coisa, Theo está ao meu lado, envolvendo minha cintura e trazendo meu corpo para si. Ele dá um beijo no meu cabelo dessa vez.

— Oi, amor. Está tudo certo? Você estava demorando... — Encaro os grandes olhos verdes vidrados em mim. Posso ouvir Alexandre bufar de onde estou.

— Estávamos conversando sobre negócios — Alexandre responde ao meu namorado de mentira, que o ignora completamente.

— Vim te buscar para dançar, babe. — Theo diz, fazendo com que minha atenção volte-se totalmente a ele.

— Dançar? — Arqueio uma sobrancelha.

— Sim, amor. — Ele beija suavemente minha mão. — Vamos?

Levo alguns milésimos de segundo para reagir.

— Claro. — Concorde

— Mel, e a nossa conversa? — Alexandre me chama novamente.

— Acho que já terminamos. Entrarei em contato com você. Tem algum cartão?

— Você sabe meu número. — Afirma e quero voar na cara dele. Theo estremece do meu lado, fazendo muito bem seu papel de namorado ciumento.

— Não tenho, Alexandre. — Garanto, firmemente.

Ele me encara e bufa antes de me entregar o cartão.

— Aguardo seu contato. — Me encara, sem resquício de diversão em sua expressão.

— Claro. — Respondo, enquanto Theo entrelaça seus dedos aos meus e me puxa para longe.



15 - Mel

Estamos em uma pista com DJ (o que achei incrível) e está tocando *Bang*, da Anitta. Theo ainda tem os movimentos e está chamando atenção para si. Na verdade, para nós dois. Tenho certeza que meu pescoço está pegando fogo - só não sei se pela vergonha ou pelas três taças de champanhe que bebi. O importante é que Theo está me puxando para seguir seus passos e parece que fui teletransportada para o meu quarto em Monte Bonito, quando tínhamos dezessete anos: eu ensinando os meus movimentos secretos. Agora parece que o aluno ultrapassou a professora, porque ele está dando um show.

Theo tem a letra na ponta da língua e balança os braços e o tronco em movimentos coordenados.

Vem na maldade, com vontade

Chega, encosta em mim

Hoje eu quero, e você sabe

Que eu gosto assim

— Tá se divertindo? — Theo grita acima da música alta.

— Bastante — eu grito de volta.

Covinhas começam a aparecer em seu rosto conforme ele sorri. Ele se aproxima de mim e me agarra pela cintura, fazendo com que eu siga sua dança. Estou tão agitada que percebo uma gota de suor escorrer na minha testa. Limpo-a com a mão e continuo.

— Você ainda sabe dançar. — Observo.

— Eu tive a melhor professora — ele pisca.

E, nesse momento, meu coração se enche de uma sensação que não sei explicar.

— Claro — respondo, envergonhada. Não tenho nem tempo de ficar vermelha, porque o refrão começa, e Theo tenta replicar os passos da Anitta, simulando que está batendo na bunda de alguém. Coloco a mão na boca para conter a minha risada alta.

— Você pode bater na minha bunda, amor! — Ele grita e eu arregalo os olhos, observando à minha volta se alguém nos ouviu.

— Você tá bêbado, Theo?

Ele gargalha e então continua:

— Não, e é você quem tá perdendo... — Pisca pra mim.

Estou rindo alto, quando meu olhar, acidentalmente, encontra o de Alexandre. Ele segura um copo que parece ser alguma bebida cara, enquanto seus olhos não saem de cima de mim. Ou melhor, da gente. Me pergunto aonde a namorada dele foi parar.

Meu riso é cessado no momento em que noto que ele está me observando e odeio que ainda tenha esse poder sobre mim. *Mesmo depois de anos.*

Sem que eu perceba, o olhar de Theo segue o meu e ele assiste à mesma cena. Então, me puxa pela cintura e afunda seu pescoço no meu ombro, enquanto me envolve em seus braços. Como estou de salto, Theo está poucos centímetros mais alto, sendo assim, não precisa se curvar muito.

— Adoro o cheiro do seu cabelo — ele diz, bem próximo do meu ouvido, enquanto me mantém em seus braços. Sinto a temperatura do meu corpo aumentar.

— Morango com champanhe, certo? — Ele pergunta.

— O quê? — Respondo, totalmente alheia ao que acabou de dizer.

— O cheiro do seu cabelo. — Repete

— Ah.... Sim, mas como você sabe?

Ele se afasta um pouco para me olhar.

— Digamos que eu vi seu shampoo — Ele morde o lábio inferior.

— Theo...

— E digamos que achei tão bom que, talvez, só talvez, eu tenha usado também. — Ele segura uma risada e eu também.

— Theo!

— Desculpa, posso comprar outro pra você.

— Não precisa, eu tô brincando! Pode usar o que quiser, mas você vai ficar com o meu cheiro.

— Ótimo, eu gosto do seu cheiro. — ele diz, com a voz rouca em meu pescoço.

Saio dos seus braços para que fique de frente para ele. É difícil decifrar seu olhar, é como se estivesse me desafiando, sem me dizer nada. Então, ele se aproxima de mim, colocando minhas mãos ao redor de seu corpo, e as dele em mim, fazendo com que estejamos muito próximos.

Não há resquício de diversão em sua expressão e nem na minha. Em vez disso, observo seus dedos deslizarem suavemente pelas minhas costas, fazendo um carinho quase imperceptível. Noto como faço o mesmo com ele e vejo sua expressão mudar, suas sobrancelhas grossas ficarem franzidas, seu olhar se tornar ainda mais penetrante no meu. Não consigo desviar, e sinto meu coração bater mais rápido no peito, mandando essa adrenalina para todo meu corpo. Theo encosta sua testa na minha. Olhos castanhos encaram olhos verdes e vice-versa.

— Com licença. — Ouço a voz de Alexandre atrás de mim. *É sério?*

Respiro fundo para não mandar meu ex à merda. O que ele quer agora? Já é a terceira vez, só essa noite.

— Pois não? — Respondo, com as narinas dilatadas. Não sei qual é a dele, sinceramente.

Ele me olha como se Theo não estivesse com os braços envolvidos na minha cintura, como se eu estivesse sozinha. Engraçado que ele não sabe que esse namoro é de mentira. *Ou sabe?* De repente, me bate um pânico só de imaginar a humilhação que seria se ele soubesse que isso aqui é tudo uma farsa.

— Mel, você pode me mandar uma mensagem no WhatsApp para que eu tenha seu número ou pode me passar agora mesmo? — Ele sorri de canto.

Sinto o corpo de Theo ficar tenso ao meu lado, assim que me dá espaço para que eu possa olhar para Alexandre.

— É urgente? — Pergunto, já sem paciência.

— Mel, caso você não tenha notado, estamos em uma festa a negócios. Tudo são negócios aqui. Só que me parece muito que você está ocupada demais com seu namorado para aproveitar as oportunidades ao seu redor.

— Como é que é? — Dessa vez, Theo participa da conversa. — Você está dizendo para a *minha* namorada que ela não deveria ficar comigo?

Ok, agora estou um pouco apavorada com a situação. Theo está vestindo demais esse personagem.

Alexandre o encara quase que olho a olho - a não ser pelos poucos centímetros que Theo é maior do que ele.

— Não. Estou apenas dizendo que ela deveria aproveitar as oportunidades de networking aqui e eu, por exemplo, estou colaborando para isso neste exato momento.

Observo o homem ao meu lado. Ele me aperta ainda mais para si, enquanto sinto seu corpo se enrijecer. Seu maxilar está tenso e não há sinais das suas covinhas. Me sinto em um déjà-vu, pois sei exatamente quando Theo está prestes a entrar em uma briga.

— Theo... — Chamo, calmamente. Então, ele direciona seus olhos a mim, com uma expressão muito mais suave do que aquela que mirou em Alexandre.

— Está tudo bem. — Coloco a mão em seu peito e posso sentir seu coração acelerado.

— Claro, Mel. — Ele se acalma.

Volto a olhar para Alexandre, que tem algo próximo de um sorriso no rosto, e isso me irrita profundamente. Ele está usando meu sonho para me atingir e o pior é que estou deixando, porque, apesar de tudo, ele ainda pode abrir portas para mim. Ou foi isso que deu a entender, pelo menos. Não dá para saber o que está planejando, o que tem em mente.

Para acabar logo com a situação, pego o cartão que Alexandre me deu e digito seu número em meu telefone. Assim que salvo, mando uma mensagem para ele. Seu celular acende na mesma hora. Só que há algo de errado aqui, Alexandre não parece vitorioso em conseguir o que queria. Sua expressão está séria e analisa meu rosto com cuidado.

— Você não tinha meu número? — Ele pergunta quase que irritado. Dessa vez, me afasto de Theo para que possa resolver isso.

— Já volto. — Aviso enquanto toco sua mão. Ele apenas meneia a cabeça.

— Alexandre, você pode me explicar o que está acontecendo aqui?

— Você não tem meu telefone. — Acusa.

— Claro que não! Faz anos que terminamos e não faz sentido algum eu ter seu telefone. Nem sabia que ainda era o mesmo.

— Agora você me surpreendeu, Melissa... — Diz, enquanto passa a mão entre os fios castanhos.

— Alexandre, é sério. Não estou entendendo nada. Faz anos que não sei de você, não sei da sua vida e que *não somos* namorados. E você está agindo como se tivéssemos algum tipo de relacionamento.

— Melissa — ele me encara — não gostei nem um pouco de te ver *com ele*.

Alexandre lança um olhar sobre Theo, e eu não poderia estar mais chocada.

Balanço a cabeça em descrença com tudo o que está acontecendo à minha frente.

— Ele é meu namorado... — Digo, pausadamente. Não estou nem aí se é de mentira, mas falo como se não fosse.

— Não gosto que seja. — ele murmura, se aproximando de mim.

— Você não tem direito algum de opinar na minha vida. Você não tem namorada, Alexandre? Onde está, em falar nisso?

Olho ao redor e não encontro a morena que o acompanhava.

— Posso me livrar dela, Mel. Basta uma palavra sua.

Simplesmente, paraliso. Encaro-o sem reação, porque é simplesmente inacreditável. Quando desperto novamente, faço um aceno de mão para que não diga mais nada e simplesmente lhe dou as costas.

Hoje ele não vai estragar minha noite, ele não vai estragar essa oportunidade.

Quando chego perto de Theo, ele entrelaça seus dedos aos meus e me olha preocupado. Sei que quer perguntar o que aconteceu, mas não o faz. Vai esperar que eu diga, em algum momento.

— Pode me levar para longe daqui, por favor?

— Claro — ele aperta mais a minha mão, e não me importo nem um pouco. Assim, cruzamos a multidão.

Estou olhando à distância as pessoas indo e voltando, saindo de uma roda de conversa para outra. Devo estar nessa posição há uns dez minutos, desde que pedi para que Theo me guiasse para longe de Alexandre. No entanto, estou brava comigo mesma no momento. Theo e Eric se esforçaram para que eu estivesse aqui e estou gastando o tempo pensando no meu ex, *em um ex que terminou comigo*.

Meus sentimentos estão tão confusos que já não sei o que estou sentindo com mais intensidade: tristeza, raiva, *saudade*... E me odeio por isso, por me lembrar dele, de lembrar exatamente do nosso namoro, da sensação de estar apaixonada. Definitivamente, preciso de uma bebida.

Viro-me para o lado, depois de ficar parada com uma estátua e percebo que Theo está segurando um drink, como se tivesse lido minha mente.

— O que é isso? — Estreito os olhos para o copo.

— Você sabe muito bem o que é isso... — E lá está, o sorriso de quando ele aprontava, quando me fazia querer arrancar os cabelos de tanta raiva. Como da vez que ele disse ao Thomás que eu estava apaixonada por ele. Nunca quis tanto enfiar minha cabeça em um buraco quanto daquela vez. Eu não estava exatamente apaixonada, só o achava bonito. Diferente do Theo, ele não era insuportável e era bem gato. Não que o Theo não seja, mas na época eu não conseguia enxergar isso. Pensando agora, o irmão dele deve estar ainda mais gato agora. Preciso perguntar isso ao meu amigo - tenho certeza de que ainda é um assunto que o irrita. Guardo na memória para recuperá-lo mais tarde.

— Tequila? — Arregalo os olhos dessa vez enquanto Theo morde os lábios e balança a cabeça de forma afirmativa.

Pego a bebida da mão dele e viro com tudo. Sinto o líquido arder na minha garganta, rasgando tudo, até chegar no meu estômago. Só que não é uma sensação ruim, pelo contrário, é revigorante. Tanto que atribuo a ela os movimentos ousados que tomo na noite, como abordar um monte de editores e editoras. Não dá para negar que até Theo ficou orgulhoso de mim, ao me jogar olhares significativos enquanto eu falava pelos cotovelos, tentando convencê-los de que meus livros são ótimos.



As pessoas já se dispersaram e noto que há muito menos gente do que horas atrás. Já passa da uma da manhã, e admito que meu espírito de senhora de idade já fez com que eu bocejasse umas duas vezes. Theo está intacto ao meu lado, como se pudesse fazer isso pelo resto da madrugada, sem se abalar. Reviro os olhos.

Pelo menos, estou feliz, pois a última volta que dei com ele pelo salão (bem impulsionada pela tequila), me garantiu o contato de mais três pessoas importantes, entre editores e editoras. Pela primeira vez, enxergo uma esperança para meu sonho e grande parte disso devo ao Theo e, claro, ao Eric. É só pensar, que ele se materializa na nossa frente.

Durante a noite, não tivemos muito tempo para conversar, pois ele estava correndo atrás de acertar detalhes do evento, como funcionários que não apareceram, programação, entre outras coisas. Só que agora ele está aqui, com um copo de água na mão.

— E aí, pessoal? Se divertiram?

— Muito — respondo.

— Fico feliz por isso — ele me encara e então noto seus olhos castanhos em mim por um tempo bem maior do que o normal. *Será que a tequila atingiu meus neurônios? Minha mente está projetando isso?*

Ouçó alguém pigarrear atrás de mim e, quando olho, é Theo, me olhando com as sobrancelhas erguidas. Imito sua expressão, como se estivesse perguntando: “o que você quer?” e ele me responde balançando a cabeça em descontentamento, como costumava fazer. É sério, isso me irritava muito. Percebo que hoje continua me irritando. Reviro os olhos e volto minha atenção ao Eric, que estava a ponto de dizer algo.

— Prontos para a gente ir?

— Sim — responde Theo, enquanto se coloca ao meu lado, falando por mim. É sério, incrível como as personalidades dele se misturam: a do meu melhor amigo com o meu pior inimigo. *Oh Céus!*



16- Mel

Apesar de ter ido dormir quase de madrugada, acordei cedo para minha corrida. Theo ainda estava dormindo profundamente no sofá quando saí pela porta do apartamento. Admito que esse exercício começou com o único objetivo de me livrar dos quilos extras, só que hoje, acho que é uma ótima forma de aliviar minha mente quando os pensamentos estão confusos e nebulosos... deve ser a endorfina agindo. O importante é que colocar um pé na frente do outro de forma sincronizada, ouvindo minha playlist da One Direction, faz com que eu consiga pensar direto ou, às vezes, deixar de pensar, quando é necessário.

É óbvio que hoje a minha cabeça está uma confusão danada: estou radiante por ter conseguido participar de um evento extremamente exclusivo e, o melhor, poder enxergar reais chances para a publicação do meu livro. Por outro lado, outras coisas aconteceram na noite, como o reencontro com meu crush de adolescência, o namoro fake com o Theo e, claro, o retorno do meu ex, algo que eu poderia muito bem ter enterrado para sempre.

Eu teria me divertido muito com Theo e até mesmo com Eric se meus pensamentos não tivessem se voltado a Alexandre. Gostaria de dizer que, depois de anos, foi como ver um poste, mas acho que posso compará-lo mais com um fantasma mesmo. Você quer acreditar que eles não existem, mas vira e mexe, encontra uma prova de que eles estão ali, prontos para lhe assombrar. Quando deixo de acreditar, ele reaparece.

Acho que a pior parte de tudo foi a forma como Alexandre agiu, como se eu lhe devesse alguma coisa - que eu me lembre, foi ele quem me deu um pé na bunda e não olhou para trás nenhuma vez sequer. Penso que o que

aconteceu ontem pode ter sido seu ego ferido por eu ter arrumado um namorado ainda mais bonito do que ele, ainda mais confiante e esperto também. A única parte errada nessa história é que, definitivamente, não arrumei um namorado, mas foi impagável ver a cara do meu ex achando que sim. Um pequeno sorriso surge em meu rosto quando me lembro da noite anterior e, claro, depois despenca, porque sei que construí uma bela de uma mentira.

Queria dizer que estou bem sozinha e realmente acho que estou, só que, ao mesmo tempo, sei que é mentira, já que a única razão de estar assim é porque, depois de Alexandre, não consegui encontrar ninguém que me fizesse sentir qualquer coisa - nada de nada. Ou talvez tenha sido a insegurança que me levou a caras que só queriam se divertir sem compromisso: uma noite e nada mais. Não haveria tempo suficiente para eles me compararem com suas ex-namoradas ou com qualquer mulher que considerassem melhor do que eu. Não haveria tempo para que eles me trocassem.

Então, em quartos escuros, permiti me perder nos braços de estranhos, fingir que eu era tudo o que eles queriam e que eles eram tudo o que eu queria: é triste perceber que você é a escolha para os lugares que ninguém os encontraria, mas nunca a pessoa escolhida para ser vista à luz do dia, a pessoa que ele teria orgulho de apresentar como namorada.

Fico com raiva de mim mesma por deixar minha mente voar para tudo isso, pois sei que só estou desenterrando esses pensamentos por causa dele. Não posso deixar que Alexandre volte à minha vida, nem que seja profissionalmente. Por isso, vou focar todos os meus esforços nos demais editores. Pretendo realizar meus sonhos sem que meu ex esteja presente. Com essa certeza, forço meus pensamentos a se direcionarem a outro lugar, ao lado bom da noite: em como foi bom ver Eric novamente e em como me diverti com Theo.

Fico pensando se Eric e eu teríamos mais papo, caso houvesse mais tempo. Quase não o vi, ele trabalhou praticamente a noite toda para que tudo saísse como planejado. Algo que não posso negar, no entanto, é que ele está ainda mais bonito do que antes, mas me parece que continua com o mesmo gosto por garotas: qualquer uma que não seja eu.

Apesar disso, notei que ele me olhou de uma forma que nunca fez na escola, ou talvez tenha sido a minha mente, me pregando uma peça. Caí em várias dessas armadilhas quando adolescente. Um dia quando ele sorria mais

do que o comum, eu pensava: “Eric finalmente me enxergou” e no final da aula, ele simplesmente saía abraçado com outra garota. Então, não, também não vou voltar a fantasiar sobre isso, não quando sou uma mulher adulta e com os pés muito mais firmes no chão.

Paro no semáforo fechado para tomar um fôlego; mantenho meus pés em movimento sem sair do lugar. Tenho que focar na última pessoa da noite e naquela a quem devo o maior agradecimento dos últimos tempos: *Theodoro*.

Ele é o grande responsável por eu ter conseguido ir ontem e por não ter saído totalmente arrasada e humilhada de lá. Sem Theo, eu não teria o contato do Eric e não saberia que ele poderia nos colocar no evento em que sempre quis ir.

A editora em que eu trabalhava não era importante o suficiente para que fôssemos chamados. Além disso, se ele não tivesse fingido ser meu namorado ontem e tirado uma onda com a cara do Alexandre, provavelmente estaria em prantos na minha casa por ter saído por baixo novamente. Então, sim, eu estou em dívida. Por isso, me apresso em fazer algo por ele também, algo da nossa lista.

Faço um mapa mental dos prováveis lugares para onde poderia levá-lo e tento pensar na comida mais exótica que já provei para que possamos cumprir o item 2. O difícil é que eu gostaria de fazer uma surpresa, mas não tenho ideia se ele já experimentou ou não o que tenho em mente. E, para me ajudar com isso, nada melhor do que *Eric*.

Depois da festa, ele fez questão de que eu salvasse seu número, então posso dizer que ontem meu celular ganhou muitos novos contatos. Acho que o dele foi o que mais gostei. O importante é que agora posso descobrir se a surpresa que estou pensando para Theo é válida ou não.

Faço o caminho de volta para casa e decido parar na padaria no meio do caminho. Aproveito para ligar para Eric.

O telefone toca três vezes antes de eu ouvir a voz dele do outro lado. São nove e meia da manhã e, provavelmente, ele estava dormindo porque trabalhou até de madrugada. Me repreendo por não pensar nisso e estou a ponto de desligar quando ele diz meu nome.

— Mel? — Ouço a voz rouca do outro lado, como se tivesse sido acordado nesse mesmo instante. A verdade é que *acho que foi*. Ai, Melissa!

— Eric? Te acordei? Mil desculpas, eu nem me toquei que ainda estava muito cedo.

— Está tudo bem, Mel. É ótimo ouvir sua voz. — Ele diz, e percebo que deve estar sorrindo.

Ok, eu acabei de ouvir isso? Não me lembro de Eric falando assim comigo.

— Obrigada. — Digo, sem graça, pois não sei o que falar e me repreendo por isso.

— Sabe, eu estava pensando em te ligar mesmo.

Estava?

Como aparentemente só respondi na minha cabeça, Eric continua.

— Certo. — Ele faz um barulho com a garganta. — Você precisa de algo?

E lá se foi a minha chance de responder alguma coisa decente a ele.

— Hum... sim...

— Claro, se eu puder ajudar, é só me falar.

— Na verdade, acho que você pode. — Tento voltar ao objetivo inicial dessa conversa. — É sobre o Theo.

— Manda!

— Você sabe me dizer se ele já comeu comida vietnamita?

Eric parece pensar por alguns segundos antes de me responder.

— Não que ele tenha comentado comigo. Por quê?

— Estou pensando em levá-lo para experimentar. É meio que uma surpresa, então você não pode contar, tá?

— Você tem minha palavra.

Um silêncio meio desconcertante se estende na linha, até que nós dois decidimos falar ao mesmo tempo.

— Ok... — Digo.

— Vocês estão...

— Desculpa, Eric. Não entendi.

— Hã... É que... Não sei como perguntar isso...

— Apenas pergunte, Eric.

— Claro — ele suspira do outro lado. — Já que Theo não me falou nada, vou perguntar a você. Vocês estão saindo?

— Como?

— Saindo, tipo, não como amigos...

— Não! — Dou um grito.

— Ah. Desculpa ser intrometido, Mel. Se vocês estiverem saindo, não é problema meu.

— Não estamos. — Me limito a dizer. Não quero falar sobre a lista para ele, já que não contei nem para as minhas amigas. Então decido ir por outro caminho.

— É que ele queria comer algo diferente, então vou levá-lo. Só isso.

— Ah sim. — Eric assente.

— Obrigada por me ajudar, Eric. Preciso ir!

— Mel... — Ele me chama, antes que eu desligue o telefone.

— Pensei que talvez pudéssemos sair, então. Claro, se você quiser.

— Como? Você e eu?

— Isso. — Ele responde.

Olho para o telefone, atônita, porque não é possível que o meu sonho de adolescente esteja se realizando sete anos mais tarde.

— Hã...

— Você não precisa dizer sim, Mel.

— Claro que sim... — Me repreendo por ter soado tão animada. Ai, ai, ai. Eric ri.

— Tudo bem então. Vamos nos falando para combnarmos.

— Claro.

— Tchau, Eric.

— Até mais, Mel.

Realmente não sei o que pensar dessa conversa mais do que esquisita com Eric. Ele quer sair comigo. Isso é... surreal. Só que antes de formar uma fanfic na minha cabeça sobre como vamos nos casar e ter filhos, tento colocar os pés no chão. Ele não disse quando, disse que “vamos nos falando”. Então não há nada concreto nisso. Vou focar no que é real e que realmente importa no momento: Theo.

Acho, inclusive, que já posso começar a agradá-lo com um belo café da manhã, com as coisas que ele mais gosta. Como não dá para levar lasanha para o café, direciono meu olhar aos pães de brioche e ao bolo formigueiro, pois sei que irá amar. Tipo, é certeza. Peço um chocolate suíço para ele e uma limonada sem açúcar para mim. Quando estou com meu pacote em mãos, sigo para casa.



Theo realmente tem um sono pesado. Tomei banho, arrumei a mesa de café da manhã, e ele ainda não acordou. Quer dizer, está acordando agora, pois está resmungando algo incompreensível. De onde estou, parece um bebê manhoso. Jesus amado, algumas coisas nunca mudam.

Estou de bom humor e decido tirar uma com a cara dele, me aproximando antes que acorde de vez.

— Bom dia, Theo... — Sussurro em seu ouvido. Ele dá um sorriso preguiçoso, sem abrir os olhos.

— Estou no paraíso? — Resmunga, ainda meio dormindo, meio acordado. Decido entrar no jogo, só dessa vez. Agora estou pensando se não deveria estar filmando com o celular. Seria ótimo ver a reação dele depois. Eu posso estar mais velha, o que não quer dizer que inferniza-lo tenha deixado de ser um hobby pra mim.

— Depende. Por que você acha isso? — Sussurro, novamente.

Ele ajeita a cabeça no travesseiro, seus lábios entreabertos.

— Acho que estou ouvindo a voz de um anjo.

Dou risada involuntariamente e depois coloco a mão sobre a boca, tentando abafar o barulho. Fico pensando se ele está fingindo que está dormindo ou se é sonâmbulo. Como não abriu os olhos, decido dar corda a essa maluquice.

— Você gosta da voz desse anjo? — Pergunto. Ele dá um suspiro longo e move a cabeça para meu lado.

— Acho que é meu anjo preferido. — Ele murmura. Estou esperando que acorde e mostre a farsa, mas ele parece voltar a dormir profundamente. Então, jogo ainda mais baixo. Trago o chocolate suíço que tive que esquentar novamente e coloco à sua frente.

— O seu anjo trouxe um chocolate suíço pra você.

— Huumm. Eu realmente estou no paraíso — Ele murmura, mais para o travesseiro do que para mim.

— Acho que você não está no paraíso ainda, querido. Me desculpe.

— Hum... só no paraíso eu estaria ouvindo essa voz falando assim comigo. — Continua.

Começo a encará-lo sem entender o que quer dizer. A voz do anjo? A minha voz? Mas então, eu não consigo continuar a conversa, pois me desequilibro e caio para trás, batendo na mesa de centro. Theo, dessa vez, acorda assustado.

— Aiiii! — Grito.

— Mel? — Ele esfrega os olhos e depois olha para mim. — O que aconteceu? — Pergunta, enquanto me dá a mão para que eu me segure.

Por sorte, consegui manter o chocolate suíço quase intacto. Só que agora, não sei como dizer a Theo o que estava fazendo. Assistindo-o dormir igual maluca? Conversando com ele enquanto estava sonâmbulo? Então, opto pela verdade parcial.

— Vim te acordar para dar o chocolate suíço antes que esfrie.

— Hã? — Ele parece confuso, mas então direciona seu olhar para a caneca, que ainda está na minha mão.

— Pera, você trouxe chocolate suíço pra mim?

— Sim — dou de ombros, como se não fosse nada de mais, *porque não é*.

Há uma pequena fresta de luz solar vindo pela janela, refletindo diretamente no rosto dele. Seus olhos verdes estão mais claros agora e consigo ver pequenas ruguinhas se formando ao redor deles, pois ele tem um sorriso preguiçoso no rosto, como se tivesse ganhado alguma coisa. E, então, desço mais um pouco e vejo covinhas, aquelas que raramente compartilha com as pessoas. Não faz muito tempo que voltamos a ter contato, mas, pelo que pude observar, ele ainda as mantém bem longe da maioria dos seres humanos. Não sorri à toa e não sorri para todo mundo. Então, me sinto na obrigação de sorrir também, dessa vez sem fazer qualquer brincadeira.

— Muito obrigado, Mel! — Agradece enquanto dá um gole na bebida, sem tirá-la da minha mão.

— Não foi só isso que eu trouxe pra você.

— Ah não? — Ele arqueia uma sobrancelha.

— Há mais coisas para o café da manhã.

Então, ele direciona seu olhar para a mesa da copa e depois para mim.

— Certo — responde, ainda com um sorrisinho de canto. — Estou me sentindo mimado. — Ele me encara.

— Quero te agradecer por ter me salvado ontem...

— E como eu te salvei, exatamente? — Ele inclina a cabeça para o lado, me observando. Theo sabe como, mas quer que eu diga em voz alta, ele quer me torturar.

— Sendo meu namorado, Theo... — Reviro os olhos.

— Fui um ótimo namorado, não fui? — Ele me provoca, e juro que estou quase retirando o meu agradecimento.

— O melhor namorado que eu poderia ter... — Encaro-o cética. Ele faz o mesmo, sem lançar nenhuma gracinha dessa vez. Então, tento voltar ao assunto anterior.

— Aproveite os mimos, Theodoro. Não vão ser pra sempre... — É então que ele ri alto e sua risada causa algo com meu corpo.

— Ok, Melissa. Posso tomar um banho e escovar os dentes antes ou as coisas daquela mesa vão sumir se eu demorar muito?

Balanço a cabeça em descontentamento e depois o encaro novamente.

— Não demore, não posso garantir. — Ele se levanta do sofá e me estende a mão, para que eu saia do chão onde ainda estou. Theo coloca um pouco mais de força do que o necessário, fazendo com que eu quase dê um pulo para ficar em pé. Ele tem que me segurar para que eu não caia. Sorte que deixei a xícara em cima da mesa.

No momento, estamos muito próximos, Theo segurando meus dois braços, enquanto meu corpo pega fogo no mesmo instante. Subo meu olhar, das suas mãos para seu rosto, e ele está me olhando, dessa vez sério, sem o sorriso. Espero que me solte para que eu saia, mas ele não o faz. Continua me encarando, sem dizer sequer uma palavra. Como claramente não sei lidar com a situação, faço um barulho no fundo da garganta para que ele se lembre que estou aqui.

— Hum, acho que você deveria tomar seu banho logo, se não o café vai ficar ruim.

— Claro, namorada. — ele responde com um sorriso irônico no rosto, enquanto se afasta de mim, percebendo que ainda estava me segurando. Theo segue para o banheiro sem olhar para trás e eu fico aqui por alguns segundos, pensando: *o que foi tudo isso?*

Olho para meus braços e vejo meus pelos todos arrepiados. Eu juro por Deus que devo estar ficando louca, porque isso não é possível. Acho que tem muita testosterona nesta casa - algo com o que não estou acostumada. Não tinha parado para pensar nisso, mas é a primeira vez que divido meu apartamento com um homem. É claro que Nathalia e Amanda já dormiram aqui. Meus pais também, mas só. A situação toda com Theo é nova e, diga-se de passagem, muito estranha também.

Enquanto ele está no banheiro, decido dar uma arrumada na sala, quando meu celular toca. *Dona Carolina*. Coloco no viva voz enquanto continuo organizando meus livros da estante, que estão todos fora de ordem. Lembro a mim mesma que preciso doar alguns para abrir espaço. Só há um problema nisso: não consigo me livrar de nada, tenho muito dó. É como se fossem meus filhos.

— Oi, gatinha.

— Oi, mãe.

— Como você está?

— Bem e você?

— Mais ou menos. Faz mais de uma semana que a minha filha não dá sinal de vida, sabe? — Ela faz um mini drama.

— Desculpa, mãe.

Me sinto culpada por não ter falado com meus pais nos últimos dias, só que não tive coragem de contar que perdi o emprego, não quero que se preocupem comigo.

— Aconteceu alguma coisa, Mel? Estou te sentindo meio tristonha. — Dona Carolina e seu poder de descobrir as coisas sem que eu tenha aberto a boca.

— Só um pouco cansada, mãe. Nada com o que você tenha que se preocupar. E o pai, está bem? — Mudo automaticamente de assunto.

— Está sim. Só me enchendo a paciência, como sempre.

Nem preciso ver o rosto da minha mãe para saber que ela está revirando os olhos. Eles vivem implicando um com outro, mas tenho certeza que se amam muito.

— Que bom! — Dou uma risadinha.

— Filha, tenho novidades para te contar.

— Qual a fofoca da vez? — Mordo o lábio esperando saber quem engravidou agora. Esse é o problema da cidade do interior. Todo mundo sabe sobre a vida de todo mundo. Admito que não sinto falta disso.

— É sobre o Theo!

Ok, eu não estava esperando por essa. Quase derrubo a pilha de livros que estão nos meus braços. Tento equilibrá-los para colocá-los de volta à estante.

— Humm... O que tem ele?

— Ele está em São Paulo, Mel!

Ai, dona Carolina. Essa notícia já é velha. Queria ver a sua cara se soubesse que ele está aqui, no meu banheiro. Ela surtaria, com certeza!

— Ah é? — Finjo surpresa.

— Sim! — ela responde.

Nessa hora, Theo deixa o banheiro, vestido com um short e uma camiseta branca.

— Mel... — Ele me chama sem perceber que estou no telefone. Faço um sinal com a mão para que fique quieto e ele me olha sem entender.

— Mel? Tem alguém aí? — Minha mãe pergunta no viva-voz. Então, Theo se toca e reconhece a voz, claro.

— Sua mãe? — Ele murmura com os lábios. Balanço a cabeça, afirmando.

— Não, mãe! É a televisão.

Theo ri, e eu lanço um olhar cortante para ele.

— Ah, sim! Achei que você tinha levado um boy para casa. — Ela continua.

— Claro que não, mãe! — Digo e Theo ri novamente, olhando para mim.

— Tá bom... — Ela assente, desconfiada. — Então, voltando à fofoca...

Ai meu Deus, o que ela vai falar? Tento alcançar meu telefone para tirar do viva-voz, mas Theo é mais sorrateiro e pega antes que eu consiga.

— Eu também quero ouvir a fofoca... — Sussurra para mim, com um sorriso maquiavélico no rosto. Tento pegar o celular dele, mas é impossível, porque ele é maior do que eu e o coloca onde não consigo alcançar. Enquanto isso, Dona Carolina continua me envergonhando sem ter a mínima noção disso.

— Como eu estava dizendo, Mel, Theo está na cidade. Filha, você está me ouvindo?

— Estou, mãe! — Grito para o telefone.

Agora que Theo sabe que o assunto é ele está ainda mais interessado na conversa. *Foqueiro*.

— Então, o que você acha de ligar pra ele, Mel? Posso te passar o telefone. Talvez vocês possam sair juntos...

Em certos momentos da minha vida, penso se Deus me trouxe ao mundo apenas para passar vergonha.

Theo olha pra mim, aguardando a minha resposta.

— Pode ser mãe... — Concordo e, dessa vez, dona Carolina parece surpresa.

— Sêrio?

— Sim, mãe. — Olho para Theo.

— Que bom, querida. Sei que faz muitos anos que não se falam, mas pode ser bom pra vocês. Vocês sempre se adoraram. Quer dizer, depois que pararam de implicar um com o outro.

Quando olho para Theo, ele não está mais com um ar brincalhão, mas sim, sêrio. Talvez esteja pensando sobre o que minha mãe acabou de falar.

— Tá bom...

— Vou mandar o número dele pelo Whats. Olha, pelas fotos que eu vi na casa da Mar, ele tá um gato!

Meu Deus, pode me levar nesse exato momento! Lá está a boca cheia de dentes do Theodoro de novo, se achando como se fosse a última bolacha do pacote. Reviro tanto os olhos que não sei como eles voltam ao normal.

— Mãe! — Resmungo.

— É verdade, Mel.

— Aham... — Concordo de forma entediada.

— Quando você o encontrar, quero que me fale se estou errada ou não.

— Claro que vou. Agora eu preciso desligar, tá? Podemos nos falar depois?

— Não foge do assunto, Mel!

— Não estou fugindo, mãe.

— Tá bom, querida. Vou fingir que acredito. Tchau, gatinha. Te amo.

— Eu também te amo. Manda um beijo para o pai.

— Mandarei.

E nessa hora ele olha para mim, arqueando uma sobrancelha.

— Nem começa, Theodoro...

— Eu não disse nada. — Ele ergue as mãos, na defensiva.

— E precisa? — Bufo.

— Mas já que tocou no assunto, acho que você deve considerar aquilo que a sua mãe falou.

— Tipo?

— Chamar esse tal de Theo pra sair. Ele parece ser muito gato, de acordo com sua mãe — ele ri.

— Claro, Theodoro. Agora me dá esse telefone aqui! — Tomo o aparelho dele, enquanto ele acha graça.

— Que tal você esquecer os últimos minutos e tomar o café que eu trouxe pra você?

— Claro, Mel — Ele assente. — Só acho que...

Eu vou matar esse homem, eu juro.

— O que, Theodoro? — Bufo mais uma vez.

— Estou curioso para saber o que você vai falar pra sua mãe assim que encontrar o Theo — ele morde o lábio inferior.

— Vai morrer curioso, querido! — Finalizo o assunto enquanto viro minhas costas e me sento à mesa do café que preparei e que já estou a dois fios do arrependimento.

— Você vai tomar café ou não?

— Sim, senhora! — Ele responde.

Como imaginei, Theo devora tudo o que trouxe e fico imaginando como seria ter um metabolismo desse. Comer o que quiser, sem ter que se preocupar...

— Você mal beliscou, Mel... — Ele resmunga. — Achei que você ia tomar café da manhã comigo.

— Eu estou, Theo. Tomei a minha limonada e até dei uma mordida no seu brioche (Ok, essa frase ficou estranha).

E obviamente ele também achou, porque ri. É sério, eu poderia dar um curso de como se envergonhar na frente de todos. Seria algo inútil para qualquer pessoa, mas me parece ser a única coisa em que sou especialista.

— Eu ainda acho que você precisa comer mais, Mel. E melhor. Quase não te vejo se alimentando. Vou ter que dar na sua boca para que você coma direito?

Sério, não sei o que está acontecendo hoje, mas tudo parece ter duplo sentido na nossa conversa ou talvez a minha cabeça esteja fazendo isso comigo.

— Estou bem. Não se preocupe. — Theo está abrindo a boca para protestar quando ouço o interfone.

Segundos depois, descubro que tem encomenda para ele subindo. Provavelmente as caixas que comentou ter deixado para trás.

— Espero que você não se incomode mesmo com as minhas bugigangas.

— Claro que não. Eu disse que poderia mandar pra cá. Em falar nisso, você ainda não colocou as roupas no espaço que deixei pra você no guarda-roupas.

— Vou ficar só mais uns dias, Mel. Não quero invadir sua privacidade.

— Já disse que não está e para de ser teimoso. Vai ser bem mais fácil pra você, não? Ter as coisas organizadas em um lugar.

— Logo você falando de organização? — Ele me encara. Seus lábios se curvam um pouco para cima.

— Pelo menos mantenho minhas roupas dentro do meu quarto. Pra mim, isso é organização.

— Claro. — Ele ri. — Vou colocar algumas peças lá hoje mesmo.

— Combinado!

— Mel...

— Hum?

— Sabe o que tem dentro dessa caixa?

— Não faço a menor ideia! — Dou de ombros.

— Meu PlayStation! — Ele me olha bastante animado, certamente se lembrando de todas as vezes que me destruiu nos jogos quando éramos crianças.

— Legal! — Respondo, não tão animada. Sei muito bem onde quer chegar.

— Quer relembrar os velhos tempos?

— O que? Você me matando e ganhando todas as vezes?

— Exato! — Ele ri.

— Talvez mais tarde, acho que agora vou trabalhar na proposta do meu livro para enviar aos editores de ontem.

Achei que Theo ficaria chateado por eu não jogar com ele, não é o que acontece.

— É sério?

— Sim.

— Estou tão orgulhoso de você, Mel! — Ele diz, com os olhos brilhantes. E, sinceramente, não estava esperando por essa.

— Obrigada... — Respondo, sinceramente. Antes de entrar para o quarto, eu coloco minha cabeça por entre a porta.

— Theo... — Ele olha para mim. — Faz tempo que não jogo nada e nem sei o que está acontecendo nesse mundo, mas se você tiver paciência e não

me matar com um minuto de jogo, podemos jogar mais tarde?

— Sério? — Ele pergunta, esperançoso, parecendo uma criança que acabou de ganhar um presente.

— Sim!

— Combinado, Demoniazinha.

Suspiro profundamente com esse bendito apelido e apenas assinto.

— Combinado.



17- Theo

Item 2: Comer algo exótico - Theo

Mel está simplesmente viciada. Desde que meus consoles chegaram, há alguns dias, quase não deixamos o apartamento. Nem consigo acreditar que Melissa está curtindo jogar, assim como eu. Para uma pessoa que não jogava há anos, como ela diz, até que está se saindo muito bem. Acho que deve ser como o lance de andar de bicicleta: nunca se esquece. Ou o fato de eu ter achado um jogo que pudéssemos jogar juntos sem que eu a matasse de propósito. Ela é muito esperta para cair nas minhas velhas armadilhas. Então, aqui estamos, jogando Resident Evil, ela arrasando como Sheva e eu, claro, como Chris. O antigo Theo jamais admitiria isso e o Theo atual também está bem resistente a admitir, mas somos uma ótima dupla jogando.

— Onde você conseguiu essas granadas, Theo? — Ela me pergunta, apertando os botões como uma louca, sem nem olhar para mim.

Sexy pra caralho.

— Dois lances de escada atrás!

— Eu não vi e você nem me avisou! — Dou de ombros, mas ela nem vê, pois está olhando fixamente para a tela.

— Você vai me pagar por isso!

— Ah vou? — Provoco enquanto ela me olha rapidamente. — Você esqueceu que agora somos parceiros, e você não pode me matar?

— Quem disse isso? — Ela dá aquele sorriso maquiavélico.

— Melissa, como assim você *quer* me matar?

Me distraio por um segundo (menos do que isso, na verdade). É o tempo dela roubar a munição que seria minha.

— Melissa, eu vou morrer!

— Não hoje, querido.

Então, ela usa um sniper e mata os quatro caras que estavam cercando a gente.

— Sheva, você é foda, garota! — Ela dá um pulo e eu pauso o jogo. Então, Mel olha para mim com uma sobrancelha arqueada.

— Admita...

— Admitir o quê? — Estreito os olhos.

— Você sabe o que, Theodoro... Não vou sair daqui até você admitir.

Respiro profundamente, me jogando ainda mais no sofá. Melissa se arrasta pelo chão, onde estava, e vem em minha direção. Ela está olhando para mim agora, com o rosto bem próximo ao meu.

— Admita, Theodoro. — Ela coloca o controle na minha cara. — Não vou sair daqui até você admitir.

Jesus, isso é uma ameaça ou uma promessa? Estou a ponto de pedir para ela se sentar em cima de mim e não sair mesmo. Me remexo no sofá e coloco uma almofada no meu colo, apesar de querer colocar *ela* no meu colo. É sério, ainda bem que faltam apenas cinco dias para eu finalmente ir para o meu apartamento, porque não tem como ficar perto dela assim. Não sou mais um adolescente, mas me sinto como. Não sei como vou fazer para me aliviar sem que ela ouça tudo, espero que saia para alguma de suas corridas.

Na verdade, minha mão não vai me ajudar muito com essa garota em cima de mim assim. Minha cabeça foi parar em outro lugar, quando Mel me chama novamente para a Terra.

— Então, *Theodoro*?

— Tá, tá bom. Você arrasou como Sheva!

Mel está se segurando para não sorrir, só que é impossível ela deixar de demonstrar o seu contentamento pela minha confirmação. Deve ser um momento de glória para ela, o Theodoro de dez anos jamais admitiria isso. O Theodoro de dezessete anos talvez não. Mas o de vinte cinco admitiria qualquer coisa se isso a fizesse parar embaixo de mim neste sofá.

Preciso parar de pensar nessas coisas. *Para ontem.*

— Já que você foi um bom garoto... — Ela diz, com essa voz sexy pra caralho. *Meu Deus!* — Vou te levar para comer.

— O quê? — Pergunto, assustado.

— Para jantar, idiota! — Ela revira os olhos.

Eu ficaria muito feliz se *ela fosse* meu jantar.

— Theodoro! Você não quer ir?

— Aonde?

— Jantar! O que está acontecendo com você?

— Apenas distraído por causa do jogo, Mel. Tentando entender algumas coisinhas.

Como fazer a minha cabeça teimosa para de pensar em você, nua, comigo dentro de você.

— Como eu te fiz de bobo? — Ela me desafia.

— Engraçadinha.

— Basicamente — Ela dá de ombros. — Mas então, você quer ir ou não?

— Claro, Mel. Onde você vai me levar?

— Surpresaaaa.

— Melissa...

— Theodoro...

— Você não vai me dizer, né?

— Com certeza não.

— Tá bom, como devo me vestir?

— Casual, eu acho. Não é nada muito chique, mas também não é um trailer de cachorro quente.

— Entendido.

— Vou me arrumar então.

Ela sai em direção ao quarto enquanto eu a encaro igual a um tarado.



Faz dez dias que reencontrei Mel e é a primeira vez que sou passageiro enquanto ela dirige. Em São Paulo, prefiro muito mais usar o transporte público do que dirigir, ainda mais nos horários de pico. Mesmo assim, sinto falta do meu carro, ou melhor, do carro que compartilhava com Aline. Quando a deixei, nem olhei para trás. Não fiz questão nenhuma da minha parte, eu só queria distância. Agora, no entanto, preciso comprar um carro novo, pois sei que será muito mais cômodo para mim daqui a um tempo. Em cinco dias, estarei instalado em meu apartamento e terei tempo de correr atrás disso.

No momento, estou concentrado na morena com mechas roxas ao meu lado, que também está concentrada no trânsito à sua frente, movendo lentamente os lábios enquanto mais uma música da One Direction toca. Dessa vez, é *Perfect* que está preenchendo meus ouvidos.

— Onde você está me levando?

— Você é bem impaciente, Theodoro! — Ela me olha rapidamente, sem tirar a atenção da rua.

— Estou começando a ficar com medo que você esteja planejando meu assassinato. — Tento manter meu rosto sério para não sair do personagem.

— É claro! E por isso falei pra você se arrumar... pro seu enterro. — Dessa vez, eu rio e ela balança a cabeça, em discordância.

— Engraçadinha...

— Você sabe que sou. — Vejo seus lábios vermelhos se expandindo em um sorriso. Eu não deveria prestar tanta atenção nela, mas é impossível. De onde estou, tenho uma visão perfeita e gosto de admirá-la. Mel está usando calça jeans e uma camisa branca de mangas longas. Os botões não estão todos abotoados, o que faz meus olhos voarem direto para o decote. Seus dedos apertam firmemente o volante e vejo que ela pintou as unhas de roxo, assim como seu cabelo. Me pego pensando: o que ela faria se eu tentasse algo? Me rejeitaria? *De novo?*

Sinceramente, meus pensamentos andam embaralhados desde que a reencontrei. Prometi a mim mesmo que não queria saber mais de mulheres - pelo menos, por um bom tempo. E, para falar a verdade, não me sinto atraído pela maioria delas. Depois que dei um ponto final com Aline, tive a chance de conhecer outras garotas; não demonstrei o menor interesse, no entanto. Precisei apenas de minutos na presença de Mel para reavaliar a coisa toda.

Não acho que eu esteja pronto para um relacionamento, esse é um dos motivos para não tentar nada. Pelo que me contou e pelo que eu presenciei no evento, ela já sofreu muito por causa do babaca do ex, não quero que isso se repita. Só que está ficando cada vez mais difícil me controlar perto dela. Ela achou que fiz um favor ao fingir ser seu namorado de mentira. A verdade é que eu estava fazendo um favor a mim, me aproximando dela, tocando sua pele sem que ela se afastasse.

Se dependesse de mim, eu faria ela parar o carro nesse exato momento e a comeria aqui mesmo. Tenho tantas fantasias com ela que já imaginei todos os cenários possíveis, em posições que me deixam duro só de imaginar. Ela não tem ideia do que eu faria, se pudesse, *se ela quisesse*.

— Estou ouvindo seus pensamentos daqui... — Ela me pega de surpresa.

— Como assim? — Respondo, na defensiva.

— Você aí imaginando onde vou te levar.

— Ah, claro. — Disfarço.

Mal sabe ela que estava imaginando diferentes formas de comê-la. *Put a que pariu*. Preciso pensar em algo que faça isso parar.

— Mel, e os seus pais, como estão? — Ela gira seu pescoço, me encarando com um grande ponto de interrogação na cara. Eu devo estar com alguns parafusos a menos, só pode.

— Bem, Theo. — Ela responde, mesmo achando a pergunta totalmente fora de contexto.

— Que bom!

— Eu perguntaria dos seus pais, mas minha mãe me mantém atualizada sobre eles. Faz tempo que não os vejo, no entanto.

— Você poderia ir comigo no Natal, como nos velhos tempos — Sugiro.

Ela olha, um tanto quanto incerta.

— Podemos pensar nisso depois, ainda falta muito para o Natal. — Ela encerra o assunto e sei que talvez eu deva ter cruzado a linha antes do tempo. Tenho que me lembrar: faz apenas dez dias que a reencontrei.

Estou entrando em uma casinha rosa, em uma rua um tanto quanto calma. Se não fosse pelo nome *Let's Po*, em destaque, ficaria impossível saber que é um restaurante.

— Comida asiática? — Pergunto.

Mel meneia a cabeça, sorrindo em afirmação e é então que me toco.

— Pera, isso aqui tem a ver com a lista? — Ela dá um sorrisinho de canto, mas não me responde. Em vez disso, me puxa porta adentro.

Há pequenas mesinhas dispostas em um ambiente que poderia ser facilmente a sala da casa, além de uma escada, levando a alguma outra parte do lugar. Mel decide subir a escada e faço o mesmo. Há apenas três mesas dispersas pelo espaço pequeno, só que o lugar está vazio, então podemos escolher a que quisermos. Mel vai em direção àquela próxima à janela. Daqui conseguimos ver o pouco movimento da rua, além de alguns prédios distantes. Ah, a lua também está imponente no céu, ajudando a iluminar o local. Estou simplesmente encantado pelo lugar. Puxo uma cadeira para a morena se sentar, e depois me sento à sua frente. Ela me olha com expectativa.

— Comida vietnamita — diz, por fim. — Queria te fazer uma surpresa. Espero que se encaixe no seu item da lista. Você já comeu comida vietnamita? — Ela me pergunta, apreensiva.

— Não, nunca.

— Que ótimo! Mas se não gostar, podemos tentar outras comidas, como baratas fritas, por exemplo — ela ri.

— Passo, odeio baratas. — Digo e Mel gargalha.

— Eu sei... Me lembro dos gritos que você dava toda vez que via uma.

— Elas parecem mutantes: enormes, horrorosas e ainda *voam*. Quem não tem medo disso?

— Eu! — Ela diz, orgulhosa.

— Então você vai ter que me proteger toda vez que aparecer uma.

— E o que eu ganho com isso, Theodoro?

— Vai me manter vivo. Você quer que eu infarte? — Então, Mel ri. Ela não tem tempo de me responder, pois um garçom logo se aproxima.

— Vocês gostariam de pedir?

— Ainda precisamos olhar o cardápio — diz Mel.

O rapaz assente e se afasta. Folheio o menu, sem entender absolutamente nada dos pratos.

— Você já veio aqui antes? — Pergunto.

— Uma vez.

— E o que você pediu?

Mel folheia mais um pouco, até achar o prato em específico.

— Esse. *Pho Bo*. Eu adorei. O caldo é feito com diversas especiarias e leva cerca de dez horas para ficar pronto. Não sei se é exótico o suficiente pra você, mas eu amei assim que provei. Vem com macarrão que parece um miojo e carne ou frango, se quiser. O diferencial é o sabor do caldo.

— Você me convenceu!

— Você não vai nem olhar o restante? Tenho certeza que tem coisas muito mais exóticas aí.

— Me parece muito exótico um caldo levar dez horas para ser feito. Quero saber qual é a desse caldo.

— Espero que você goste — ela diz, empolgada. — Agora preciso decidir o que vou comer...

— Pera, você não vai comer o mesmo? Me sinto traído aqui.

Mel folheia o cardápio antes de me responder.

— Estava pensando em pedir salada.

— Melissa... De novo? É meu item da lista, acho que você deveria comer comigo. — Faça beicinho.

Ela parece relutante em aceitar e agora posso dizer que é oficial: estou para lá de preocupado. Posso não ser nutricionista, mas tenho certeza que Mel não come as calorias necessárias para um ser humano sobreviver.

— Por favor? — Jogo todas as armas que tenho e, apesar de achar que seja imune ao meu charme natural, dessa vez ela cede.

— Tá bom, Theo! Vou te acompanhar porque prometemos que faríamos os itens juntos, então vou comer o *Pho Bo*.

— Yes! — Dou um soquinho no ar e ela revira os olhos, claro.

Não demora muito para que nossos pratos estejam em nossa frente. Ainda bem que está fresco em São Paulo, seria impossível comer esse caldo quente no calor. O bowl é enorme, o que só aguça ainda mais minha fome. Depois de colocar nossos pratos na mesa, o garçom traz mais complementos, o que me parece hortelã e broto de feijão, eu acho.

Mel desembrulha seu hashi elegantemente e o manuseia como se fizesse isso todos os dias. Aqui vai uma confissão: por mais que eu tente, sou péssimo com hashi. Quando como comida japonesa, sempre me envergonho pedindo um garfo. O pior é que, pelos movimentos dela à minha frente, além de ter que lidar com dois hashis em uma mão, tenho que usar a outra para segurar uma colher, já que vou precisar comer o macarrão e o caldo ao mesmo tempo. Muito complicado.

— Uma delícia, Theo! Você não vai experimentar o seu?

— Sim, claro. — Então, dou início à minha humilhação nos próximos minutos.

Como já era esperado, não consigo segurar o macarrão com os hashis, o que faz com que eles escorreguem diretamente para o prato. A única coisa que consegui provar foi o caldo.

— Tá tudo bem aí? — Mel me encara, mordendo os lábios.

— Nem um pouco. — Admito.

Então, ela se levanta do lugar e pede que eu dê um espaço. Ela está ao meu lado agora e puxa seu bowl para o lado do meu.

— É simples, olha! — Ela pega os dois hashis com a mão direita e a colher com a mão esquerda. Mergulha os dois na sopa, agarrando facilmente o macarrão e os pedaços de carne. Mel os direciona à boca e, em seguida, prova o caldo. Nem preciso dizer que não me lembro mais dos hashis, apenas dos lábios dela.

— E aí, vai tentar?

— Vou! — Pareço seguro, mas tenho certeza que vou falhar. Tento reproduzir o que Mel fez - pelo menos a parte em que prestei atenção, e estou quase conseguindo segurar o macarrão com o hashi, mas eles escorregam para dentro do bowl de novo.

É óbvio que ela ri.

— Acho que vou ter que pedir garfos.

— Eles não têm...

— Como assim?

— Isso mesmo... acho que eles querem nos forçar a comer da maneira correta, então não oferecem garfos — ela dá de ombros.

— Você só pode estar de brincadeira...

— Não estou. — Mel se segura para não rir.

— Como vou comer então?

Mel olha para os próprios dedos segurando os hashis e depois para mim.

— Tenho uma ideia.

— Qual?

— Theodoro, só vou fazer isso se você prometer pelo criador do PlayStation que nunca vai contar a ninguém.

— Agora estou com medo. — Brinco.

— Você precisa prometer. — Ela me encara.

— Ok, prometo. Fala logo!

Então Mel não fala nada, apenas enfia os hashis na minha sopa e pega uma quantidade generosa.

— Abre a boca, Theo...

Posso dizer que isso aqui ficou para lá de interessante agora. Estou quase sorrindo.

— Nem pense em uma gracinha nesse exato momento, Theodoro. É isso ou você não vai comer.

Então, não digo nada e apenas tento segurar o sorriso no meu rosto, enquanto Mel enfia a comida na minha boca. Eu só posso estar sonhando porque, apesar de ser algo simples, minha cabeça já me levou pro lado pervertido da coisa, claro.

— Huuummm — murmuro, fazendo um barulho no fundo da garganta, saboreando a comida mais do que deveria.

— Nem. Uma. Palavra. — Ela murmura.

— Claro. — Obedeço encarando-a. Não tiro meus olhos dela, o que faz ela conversar comigo.

— Tá bom, Theodoro. Fala, vai...

Eu rio.

— Estou achando graça de como evoluímos...

— Do que você tá falando exatamente? — Ela pergunta, enquanto saboreia seu prato.

— De você. Da gente. Saímos de uma Melissa enchendo meu bolo de aniversário de formigas para uma que me dá comida na boca.

Mel quase engasga e eu gargalho.

— Não é engraçado, idiota!

— Eu também não achei quando você estragou meu bolo de aniversário. — Acuso-a.

— Você mereceu!

— Como eu mereci, Melissa? Você. jogou. formigas. no. meu. bolo. de. aniversário.

— Em minha defesa, fazia dois anos que você não falava comigo por causa do bendito PlayStation. Como eu iria infernizar sua vida, se você estava me ignorando? Não é assim que as coisas funcionam.

— Eu ia falar com você naquele ano, mas aí você resolveu tacar formigas no meu bolo. — Ela olha para mim, se contendo para não rir.

— É sério?

— Sim! — Então Mel gargalha.

— É engraçado pra você, Melissa?
— Desculpa, Theo, mas foi demais. Ver você bravo daquele jeito foi o ápice do meu dia.

— Maquiavélica. Encrenqueira.
— Insuportável. — Ela rebate para mim
— Agora estamos trocando elogios?
— Acho que sim... — Ela sorri, da mesma forma que fazia quando criança.

— Você é má, Demônia.
— Você também não tem nada de bonzinho, Theodoro.
— Eu sei — confirmo, porque não sou mesmo. E Melissa teria certeza disso se soubesse como a estou imaginando neste exato momento.

Tenho que admitir que, pela primeira vez na vida, não saber usar o hashi me deu algum tipo de felicidade e não humilhação. Gostaria de ter filmado Mel me dando comida na boca e me convenço de que vou repetir esse feito em algum momento. Ela ainda me deve por ter deixado meu bolo de aniversário parecendo um formigueiro. Estou pensando nos tipos de chantagens que terei que usar para isso.

— Você quer sobremesa? — Mel interrompe meus pensamentos atropelados.

— O que temos de sobremesa?
— Apenas uma opção, que se resume à Chuaikni Chunoa.
— Quê? Não entendi nada.
— Eu menos, Theo. Nem sei se é assim que se pronuncia, mas olha, esse é o nome.

Chuoi Chung.

Na minha cabeça o nome parece certo, na hora que eu pronuncio fica mais como Chuái Chung. E certeza que essa ainda não é a pronúncia correta. O importante é que, apesar do nome, os ingredientes não são incomuns. É basicamente banana ao vapor, leite de coco, amendoim, canela e gergelim. Nada que eu não tenha comido antes. A novidade é experimentar todos eles juntos.

— Vamos experimentar?
— Podemos dividir? — Mel pergunta.
— Você vai me dar o doce na boca? — Encaro-a, com um sorrisinho de canto sem vergonha.
— Nem começa. — Ela me ameaça.

— Então não sei se quero dividir.

— Theodoro, o que está acontecendo com você? Gostando de me tirar do sério?

— Sim! — Respondo, secamente.

— Que bom que admitiu, só que, dessa vez, não vai rolar. Vamos dividir a sobremesa, mas não vou dar nada na sua boca. Você não vai ter mais esse privilégio, querido...

Faço biquinho, desapontado, e percebo, então, que estou flertando com ela na cara dura.

— Por que não?

— Esse privilégio é para poucos. — Ela desdenha com a mão e, então, meu sorriso some, porque imagino que ela esteja falando dos caras por quem teve algum interesse amoroso.

— Tipo Alexandre? — Pergunto, de repente, e me arrependo na mesma hora, porque agora é a expressão descontraída dela que some.

— Não!

— Me desculpe, Mel. Não sei porque toquei no nome dele.

Ela parece pensativa e preferiria que gritasse comigo do que ficasse triste. Eu com meu dom de falar a coisa errada no momento errado.

— Tudo bem. Não tem como eu apagar o passado.

— E você gostaria?

— Às vezes, sim. — Admite.

— Sei que não parece oportuno e tal, só que quero que saiba que estou aqui caso queira conversar.

— Obrigada, de verdade. Acho que não te agradei o suficiente por aquele dia. Alexandre teria saído por cima novamente se não fosse por você.

— Estarei aqui se precisar espantar babacas.

E então, o rosto dela fica mais suave.

— Vou me lembrar disso. Namorado de aluguel é sua nova profissão? — Ela arqueia uma sobrancelha.

— Só para você, Mel.

Ela me encara com os lábios entreabertos e seus olhos vidrados nos meus. Meu olhar não se mantém em seus olhos porque encaro seus lábios. Quer saber? Estou flertando com essa mulher. Agora é oficial. Vou partir para o tudo ou nada.

Nosso momento, entretanto, é interrompido pelo garçom, que pergunta se vamos querer a sobremesa.

— É mais salgado do que doce. — Mel conclui na primeira colherada. Pego a minha parte e saboreio, chegando à mesma conclusão.

— E isso é algo bom ou ruim? — Ela pergunta.

— É algo exótico... — Concluo, e ela concorda.

— Obrigado por me trazer aqui, Mel.

— Nada mais justo, já que você tem feito muito mais por mim.

— Não é nada perto de tudo o que você merece.

E lá está novamente: o olhar incerto, os pensamentos martelando tanto, que posso ouvi-los daqui.

— Obrigada. — ela diz, simplesmente.

Deslizo minha mão até tocar seus dedos, acariciando-os.

— Estarei aqui sempre que precisar de mim.



Gostaria de dizer que fui com tudo o que tenho para cima de Melissa ontem à noite, mas não foi o que aconteceu. Depois que chegamos no apartamento, mal tivemos a chance de conversar, porque depois que fez a tal da skincare no banheiro, ela me desejou boa noite e quase saiu correndo para seu quarto. Não demorou muito para que eu a ouvisse suspirando em um sono profundo, acho que estava realmente cansada.

O problema é que agora são quase onze da manhã e nem sinal da morena que tem nublado meus pensamentos por anos. É estranho ela estar dormindo até agora porque sempre acorda cedo para sua corrida matinal. Chego próximo à porta que está entreaberta e a chamo.

— Mel... já acordada? — A única coisa que ouço do outro lado é um resmungo. Então abro totalmente a porta. Ela está com a cara enfiada no travesseiro, os fios para todos os lados e a bunda para cima, o que me chama

a atenção. O problema é o que vem a seguir: ela está usando minha camiseta. *Minha*. E nem tenho que dizer o quanto isso me afeta.

Penso em começar a provocação por aí, então Mel resmunga mais um pouco. E não parece um resmungo de preguiça ou sono, e sim, de dor.

— Você está se sentindo bem, Mel? — Ela vira um pouco o rosto para mim, mas ainda não consigo ver seus olhos no emaranhado de fios.

— Estou com uma cólica horrível. Acho que vou passar o dia na cama.

Sento-me ao seu lado e tento tirar o cabelo do seu rosto para que eu possa olhá-la.

— Ei, qual é a escala de dor, de zero a dez, sendo dez horrível.

— Eu diria onze então.

— Sério?

— Aham. — Ela ergue a cabeça por um segundo e a afunda no travesseiro novamente.

— Você já tomou remédio ou alguma coisa?

— Não, acabei com meu estoque da última vez e não repus.

— Certo...

Acho que Mel nem percebe quando saio do quarto, pois estava distraída demais com o próprio sofrimento. Volto com uma xícara de café e um copo de água e aviso que vou sair.

— Ei, toma esse café aqui. Talvez ajude. Vou dar uma saída e volto daqui a pouco.

Mel resmunga algo incompreensível e sei que é a minha deixa para sair dali logo.

Volto cerca de trinta minutos depois e ela ainda está enfiada entre os lençóis, sem ter se mexido.

— Acorda, Bela Adormecida.

— Huudauidhaoklmcahfi

— Ainda não entendo essa nova língua, Mel. Mas trouxe algumas coisas pra você.

Lentamente, ela ergue a cabeça e olha para as minhas mãos.

— O que é isso?

— Eu acho que posso chamá-lo de kit cólica.

— Quê?

— Pelo menos foi o que a farmacêutica disse. — Dou de ombros.

Ela me encara e então se levanta um pouco menos mal-humorada. Só um pouquinho.

— Você também trouxe absorventes? — Pergunta, enquanto direciona seus olhos à sacola.

— Isso não é mais constrangedor, é? Estamos no século XXI.

Mel me dá um sorriso preguiçoso e balança a cabeça negativamente.

— Nem um pouco constrangedor, Theodoro. — Ela ri. Então mexe na sacola de coisas e depois me olha com as bochechas coradas.

— Cara, você me trouxe até bolsa quente pra cólica!

— Você quer que eu esquente? Vou fazer isso. — E antes que ela diga alguma coisa, vou em direção ao micro-ondas para esquentar a bolsa. Volto com ela bem quente e Mel já não está deitada. Agora está sentada, encostada na cabeceira da cama.

— E aí, conseguiu usar alguma coisa daí?

— Sim, já tomei o remédio pra cólica. — Ela sorri fracamente, com uma expressão de dor.

— Agora você pode usar essa bolsa aqui. — Digo, enquanto passo para ela.

Mel coloca o item na barriga e suspira pesadamente assim que ela toca sua pele.

— O que foi?

— É a famosa sensação de alívio. — Ela diz, ainda com a cabeça jogada para trás e os olhos fechados. Quando abre os olhos novamente, me encara.

— Obrigada.

— Ei, não acabou ainda. Você precisa encher essa barriginha sua. — Direciono meu olhar para a camiseta e acho que é nessa hora em que percebe, pois parece envergonhada.

— Prometo que vou lavá-la, Theo. Desculpa roubar suas roupas sem permissão. É que adoro dormir com roupas largas e as minhas opções estavam todas nos cestos de roupa suja.

— Pode ficar tranquila. Acho que essa camiseta ficou melhor em você do que em mim. — Pisco para ela, e seu rosto toma uma cor bem vermelha sobre a pele morena.

— Tá bom... — Ela desvia o olhar.

— Vou buscar o resto do kit cólica.

Novamente, ela volta seu olhar ao meu com um sorriso divertido.

— Mais remédios?

— Claro que não. Espera aqui.

Alguns segundos depois, estou de volta ao quarto.

— Café da manhã na cama?

— Sim, e não vou sair daqui até você comer tudo. Pode parar com aquele papo de que tá de dieta porque hoje você não vai desfazer de nada disso, garota.

— Claro, capitão. Você está muito mandão!

— Você não viu nada ainda. — E vejo que ela engole em seco. Talvez dê certo esse negócio de flertar descaradamente com ela. Não tenho pressa, posso muito bem ir devagar. Claro, se ela parar de usar minhas roupas. Tá bem difícil me manter centrado vendo-a assim. Nunca mais vou lavar essa camiseta.

— Você trouxe chocolate? — Ela me encara diferente dessa vez, com os olhos marejados.

— Pera, você vai chorar? — Eu nem preciso terminar a frase para que ela esteja, de fato, chorando.

— Mel? O que aconteceu?

— Desculpa, Theo. Fico chorona nesses dias, devem ser os hormônios. — Ela diz, chorando ainda mais.

— Ei, tá tudo bem... — Eu me aproximo e a envolvo em meus braços. Ela tem cheiro de morango com champanhe e o meu preferido: cheiro de Mel.

— Ninguém nunca me deu um kit cólica — ela funge no meu ombro. — Obrigada.

— Ei, não foi nada, só quero que se sinta melhor.

— Quer jogar videogame? — Ela pergunta, de repente.

— Você não precisa fazer isso pra me agradar. — Digo.

— Quem disse que é pra *te* agradar? — Ela me encara, afastando as lágrimas — Quero dar uns socos para me distrair da cólica.

— Sério?

— Aham... Mas não estou a fim de sair da cama. Tudo bem se jogarmos aqui?

— Claro. Vou instalar o PS aqui na sua TV então.

— Obrigada, Theo. Vou escovar os dentes e dar um jeito na minha cara enquanto isso.

Assinto enquanto ela se levanta e vai em direção ao banheiro e eu me encarrego de montar o jogo para nós.

Mel e eu passamos o dia todo jogando em seu quarto. Como se o mundo não existisse lá fora e fôssemos apenas nós dois. Devo admitir que eu não gostaria de estar em nenhum outro lugar.



18- Mel

Graças a Deus meu ciclo menstrual acabou. É sério. Fiquei inchada por dias e estava cada vez mais difícil de encarar o espelho, sem contar as minhas mudanças constantes de humor e todo o chororô envolvido.

Quando me lembro que chorei na frente do Theo, tenho vontade de me esconder em um buraco e nunca mais sair de lá. O lado positivo é que ele levou tudo numa boa e me tratou super bem nos últimos dias, me mimando com cafés da manhã na cama e kit cólica. Eu nunca tinha ganhado um kit desses de ninguém e, sinceramente, tenho que admitir que estou triste por não dividir mais o teto com ele. Nunca tive alguém cuidando assim de mim, além dos meus pais, é claro. E meio que gosto da coisa toda. Me acostumei a ver covinhas e olhos verdes todos os dias de manhã e sei que vai ser estranho não ter mais isso. *Não ter mais Theo.*

Tento espantar o sentimento ruim, porque até dois minutos atrás, eu estava feliz. Quer dizer, *eu estou feliz*. O motivo? Eu entrei em uma calça 42. Ok, vou repetir: EU ENTREI EM UMA CALÇA 42! Sem que ela ficasse apertada, sem que eu tivesse que forçar a calça a passar pelas minhas coxas, sem que eu tivesse que prender a respiração. Eu nem acredito nisso! Olho para o espelho e tem um sorriso tão grande no meu rosto, que acho que ele vai quebrar. Rodopio para ver como ficou meu quadril e sorrio ainda mais. Tenho que aproveitar essa onda de felicidade, pois não acontece com frequência.

Então, peço para que a Alexa toque *What Makes You Beautiful*, da One Direction, e começo a dançar como uma louca na frente do espelho. Estou saltitando tanto e juro que preciso compartilhar essa alegria com alguém. Saio correndo do quarto para contar a notícia para os quatro ventos.

— Eu consegui! — Grito a plenos pulmões, da sacada do apartamento, para absolutamente ninguém em específico.

— O que aconteceu? — Ouço uma voz masculina atrás de mim e sei que é Theo. Viro-me rapidamente e corro em sua direção, estou *tão* feliz. A música atinge o refrão e eu simplesmente me jogo no colo dele, que está sorrindo, sem entender nada.

Quero compartilhar com ele, pois faz exatamente dois anos que usei esse número pela última vez, quando fiz uma dieta super restrita que me permitiu ter esses momentos de felicidade. Claro que não duraram muito, porque voltei a engordar.

— Eu consegui, Theo! — Comemoro sorrindo igual a uma idiota enquanto estou, pasmem, no colo dele e, obviamente, muito animada para perceber o que acontece a seguir e o que eu fiz.

Ele está me olhando animado, me segurando contra seu corpo como se eu não pesasse nada.

— Você conseguiu o quê? — Ele me pergunta, estreitando seus olhos.

— Entrar nessa calça! — Respondo, orgulhosa.

Ele olha para as minhas pernas e depois para o meu rosto. Sua expressão é descontraída com um sorriso preguiçoso, só que de repente ela muda, como se ele estivesse assustado agora. Minha testa se franze quando tento entender o que está acontecendo. Aí percebo que Theo estava saindo do banheiro apenas com uma toalha enrolada na cintura. *Por que ele estava só com uma toalha na cintura?* Ele sempre sai vestido de lá.

Não tenho tempo de avaliar a situação porque um tremor começa a subir pelo meu corpo quando eu deslizo meu olhar rapidamente para baixo e vejo que a toalha está no chão. Meus olhos ficam do tamanho da minha cabeça e estou direcionando-os para Theo novamente. Seus olhos se escurecem e ele está sério, respirando devagar. Não precisamos dizer uma palavra para saber que não temos noção de como vamos sair dessa situação sem nos envergonharmos completamente. Sem *eu* me envergonhar completamente.

Estou no colo dele, ele me segurando firme, a toalha está no chão. Será que ele está usando uma cueca? *Por favor Deus, por favor Deus.* Que

ele esteja usando uma cueca, pois, se não estiver, juro que vou te pedir para o Senhor me levar da Terra. Sinto minhas bochechas pegando fogo, assim como meu corpo. Não consigo encará-lo, mas meus olhos são traiçoeiros e vão direto para seu tronco. É então que noto que ele tem uma tatuagem ali também. Está localizada um pouco acima do seu peito. Uma tatuagem em letra cursiva, com apenas uma letra: M.

Desvio meu olhar, pois no momento preciso lidar com essa situação e juro que não sei como sair daqui com a minha dignidade intacta. Ah é: *não tem como isso acontecer*.

Sei que a música vai acabar logo e vamos ficar em um completo silêncio. *Meu Deus, sou eu de novo*. Estou muda, simplesmente muda.

— Mel... — Ele me chama com a voz rouca e sinto seu hálito atingir a minha pele.

— Sim? — Respondo com a voz trêmula, tentando encarar seus olhos.

— Huuummm, a minha toalha caiu. — Murmura, baixinho.

Não sei como faço para não desviar o olhar e responder que já notei isso, que já estou ciente dessa informação.

— Sim. — É apenas o que digo.

— Certo. — Ele respira profundamente.

Estou com as duas mãos em volta do pescoço dele, me agarrando ali como se minha vida dependesse disso. Na verdade, estou bem ciente de que ela depende, afinal não serei capaz de habitar essa Terra depois dessa vergonha.

Estou tão constrangida, que quase fico muda novamente, mas preciso saber a coisa mais importante do momento.

— Por favor, Theo, me diz que você está usando uma cueca — franzo as sobrancelhas em desespero.

O cara que estava tenso antes, agora está quase achando engraçado, porque seu rosto se suaviza. Só que a resposta que sai da sua boca, ao mesmo tempo que ele balança a cabeça negativamente, me faz congelar.

— Não.

A música para bem nesse momento, e posso ouvir a minha respiração. As nossas. Não sei como ele ainda está me aguentando em seu colo, sem nem vacilar. Eu preciso sair daqui.

— Ok — tento absorver a informação. Isso é tão constrangedor que vou precisar de mais duas vidas para me recuperar. — Eu preciso descer. — Aviso.

Theo expira pesadamente, mudando sua expressão novamente. Ele está sério agora.

— Não acho uma boa ideia.

— Como assim? — Pergunto, instintivamente.

Agora são seus olhos que ficaram enormes, me olhando com terror.

— Theo...

— Não sei se você quer... bom... é...

— Theo...

Ele não me responde nada. Mas então meu cérebro parece voltar a funcionar por míseros milésimos de segundo.

— Você consegue andar comigo até o sofá e me jogar lá? São poucos passos.

Theo ainda segura minha cintura firmemente e minhas pernas se mantêm em torno da sua cintura. Estou ciente de que não posso me mexer porque se eu escorregar míseros centímetros sei que vou sentir algo que não sei se estou disposta. *Foco, Melissa. Foco.*

— Hum. Posso tentar, só que...

— Theo, o que tá acontecendo?

E agora é a vez dele ficar com vergonha. Vejo seu pescoço ficando todo vermelho. E eu só penso: o que está acontecendo *lá embaixo*? Eu preciso saber? Meu Deus, como me enfiei nisso?

— É... Talvez você sinta meu... você sabe o que... tocar em você.

Ok, eu já posso ser engolida pelo planeta neste exato momento. Fecho os olhos com tanta força, acreditando que se os mantiver assim, acordarei desse sonho, ou melhor, desse pesadelo. Só um pesadelo para me fazer passar essa vergonha.

Não preciso ter essa visão na minha cabeça, não preciso ver ele assim, não preciso. Meus olhos estão fechados, Theo está se movimentando lentamente sem me dizer nada, eu grudada nele igual um filhote de macaco gruda na mãe e pedindo para que Deus tenha misericórdia de mim.

Então Theo para, porque eu escorreguei para baixo. *Meu Deus, não foi isso que eu pedi!* Abro os olhos, encaro-o em pânico. Se eu pular logo daqui, a vergonha vai ser menor. Ou não. Ele não se mexe, então tomo uma atitude impensada, claro.

Minhas pernas não estão mais na sua cintura, elas estão no chão. NO CHÃO. Só que nesse meio caminho, eu senti algo que não deveria, puta que pariu. *Que a terra me engula nesse exato momento, por favor.* Theo ainda

está olhando nos meus olhos, seu peito subindo e descendo. Então sei que devo manter o olhar fixo no dele. Mas então ele olha para baixo, e eu faço o quê? O mesmo! Meu olhar desce, desce, desce e MEU DEUS!



Theo vai embora amanhã, seu apartamento está pronto. *Graças a Deus!* Antes eu estava super triste em pensar nisso, mas agora acho que é a única solução. Depois da cena patética mais cedo, estamos nos evitando. De verdade. Trocamos meia dúzia de palavras sem que fôssemos capazes de olhar um no olho do outro. Estou presa no meu quarto, tentando trabalhar em outra proposta do meu livro para que possa enviar aos contatos que fiz durante o evento de editoras.

Nem preciso dizer que estão ruins, péssimas. Não consigo me concentrar, simplesmente não dá. Não posso ignorar o que eu vi, só que não acho saudável ficar pensando em três palavras em específico: Grande. Grosso. Duro. Puta que pariu, o que é isso? Eu pensei nisso mesmo? Não, não pensei. *Pensei, sim.*

Balanço a cabeça em negação e tento focar no notebook à minha frente. As palavras simplesmente não estão deslizando pelos meus dedos como normalmente acontece. Decido fazer o que faço sempre: playlist da One Direction. É a salvação para qualquer problema, só não sei se será para este.

Será que vamos nos encarar novamente algum dia? MEU DEUS! Menos de duas semanas que ele está aqui e já me envergonhei de todas as formas possíveis: caí de cara no chão, o traumatizei com as minhas lingerie, me viu toda descabelada quando acordei, viu a bagunça que meu ex fez comigo, me viu de TPM... Sério, estou quase torcendo para que fiquemos mais outros sete anos sem nos falarmos. Talvez assim, eu possa encará-lo novamente.

Reviro os olhos, pois tenho certeza que essa não é a solução e confesso a mim mesma que não quero que ele suma novamente. Apesar de tudo o que aconteceu nessas duas semanas, percebo que tive mais momentos felizes do

que tristes ao seu lado. Não entrei na depressão completa quando perdi meu emprego e estou até escrevendo uma proposta para novas editoras - algo que talvez não fizesse se não houvesse alguém para me incentivar.

Sei o quanto isso é triste, não ser completa suficiente para lidar com as próprias merdas. Talvez eu seja assim, cheia de mim, no futuro, sempre esperei por isso. Porém, admito: hoje, eu, Melissa, não cheguei lá ainda. Continuo precisando de validação externa para que me sinta um pouco melhor, para acreditar, nem que seja por pouco tempo, que sou boa em algo, que sou, até mesmo, bonita.

Não gosto de me sentir assim, estou ciente de que tenho um problema enorme de autoestima, com coisas mal resolvidas do passado. Estou quase chegando ao ponto de admitir que preciso de ajuda. Só que estou cansada de precisar de ajuda. Queria muito que pelo menos uma vez na vida eu conseguisse me virar, conseguisse fazer algo por mim, conseguisse ser a heroína da minha própria história.

Fecho o notebook, tenho certeza de que nada de bom sairá da minha mente no momento. Não posso me autossabotar assim, sei que tenho que convencer os editores que meu livro vale a pena, que *meus livros* valem a pena. Por isso, preciso caprichar nisso e ficar pensando no corpo do Theo não está me ajudando. Logo eu, que sempre me gabei por não vê-lo assim, por ter convicção de que nunca o veria de forma diferente. Às vezes esqueço que ele é um homem, com vontades, desejos e, provavelmente, uma vida sexual bem ativa. Ele sempre foi o Theo para mim: o garoto insuportável que se achava a última bolacha do pacote e, mais tarde, o garoto que continuava se achando a última bolacha do pacote, mas que era meu amigo, uma pessoa com quem eu podia conversar.

É estranho pra caralho pensar nele como um homem, deixar a minha mente viajar até poder visualizá-lo em uma cama, em cima de mim. *Sério, o que é isso?* Já sei: isso tem nome e não é uma atração repentina pelo cara que conheço a vida toda. É simplesmente uma seca danada, que perdura há meses. Não transo há meses. É isso. E, digamos que ver o... bom... o... não ajudou muito, ainda mais vê-lo daquela forma. Senhor, por que ele estava assim?

Pior que terei de pensar nisso sozinha, pois, nem se eu fosse ameaçada de morte, compartilharia essa vergonha com mais alguém. Vai comigo para o túmulo. Amanda *jamaiz* saberá disso, Nathalia *jamaiz* saberá disso também. Então, aqui estou eu, fritando todos os meus neurônios para chegar ao xis da

questão. O problema é que nem sei por que estou pensando nisso. Vou fingir que nada aconteceu, é a melhor forma de sair dessa situação. A verdade é que não há possibilidade de chegar nele e simplesmente perguntar: *Então, Theo, você poderia me ajudar com uma dúvida? Por que você estava daquela forma quando a sua toalha caiu? Você estava pensando em quem? Em mim?*

Afasto esses pensamentos absurdos da minha cabeça. A melhor das hipóteses é que ele pode estar na seca, assim como eu, e precisa se aliviar de alguma forma.

E se fizéssemos esse favor um ao outro?

MEU DEUS, O QUE EU TÔ PENSANDO? NÃO, NÃO E NÃO.

Passei a tarde toda trancada no quarto e só saí quando ouvi a porta sendo fechada atrás de Theo - provavelmente saiu para usar a academia do prédio. Ele tem feito isso todos os dias, desde que chegou aqui. Estou sentada no sofá, quando ouço a fechadura. Corro para o meu quarto e fecho a porta atrás de mim, tentando não fazer nenhum barulho. Sim, eu deveria enfrentar a situação como qualquer adulta, só que preciso de mais algum tempo para fazer isso. Prometo a mim mesma que vou falar com Theo sobre o momento embaraçoso, daqui a pouco.

Enquanto isso, escuto ele conversar com alguém. Ele está falando baixo, mas parece irritado.

— *Não, Aline, não quero conversar sobre isso. — Ele suspira profundamente.*

— *Aline, por favor, você está me deixando louco! — Ele quase suplica ao telefone.*

E a única coisa que penso é:

Quem é Aline?

— *Me encontrar com você?* — Ele pergunta.

E é a última coisa que consigo ouvir, pois se afasta da minha porta. Theo deve estar na cozinha ou no banheiro agora. Não consegui ouvir toda a conversa, o que me deixou frustrada pra caramba, mas a minha intuição diz que Aline não é só uma conhecida. A forma como Theo falou com ela ao telefone foi íntima. Me arrisco a dizer que ela o deixou perturbado. Será que é sua ex? Será que está saindo com ela?

Lembro que quando tocamos no assunto sobre relacionamentos, ele apenas disse que estava só, nunca tocou no nome de uma ex-namorada ou de uma ficante. Não sei por que me surpreendo. É o Theo, o menino por quem

as meninas babavam, o homem por quem as mulheres babam. Reviro os olhos com a constatação e, de repente, enxergo o cara que me tirava do sério quando criança.

Devo lembrar ao meu cérebro idiota que não conheço Theo mais, pelo menos não como conhecia. Não sei quais segredos esconde e nem por que esconde. Não sei, na real, quem ele é hoje. E, com esse pensamento, deixo o meu quarto e me comporto como a adulta que sou. Vou encará-lo e confrontá-lo sobre a cena de mais cedo. Assim poderemos seguir em frente.

Quando o vejo, Theo está sentado à mesa com os cotovelos apoiados e suas mãos sobre o rosto. Ele nem percebe quando me aproximo.

— Theo, você está bem?

É só então que finalmente me nota.

— Sim, estou. — Ele mente, e não sei por qual motivo fico decepcionada com sua resposta. Talvez eu tenha pensado que conversaria e se abriria comigo, como fiz antes. Mas não é o que acontece.

— Claro. — Assinto. Como não sei mais o que dizer, tento tocar no tópico que me atormentou a tarde toda.

— Theo, sobre mais cedo... — Meus olhos quase não alcançam os dele, mas me esforço para isso.

— Pode ficar tranquila, Mel. Nada de mais. — Ele desdenha com as mãos. De repente, fico muda. Quase fritei meus neurônios à tarde com um assunto do qual ele parece nem se lembrar mais. *Melissa idiota, mais uma vez*. Não tenho tempo de reagir propriamente à sua resposta, pois logo ele está se levantando e indo em direção à porta, me avisando que precisa sair para resolver sei lá o quê.

Sinceramente, não ouço o que ele diz. Estou muito ocupada encarando o vazio do meu apartamento e o vácuo em que fui deixada.

Talvez a tal da Aline tenha a ver com isso, o que me faz sentir ainda mais idiota por cogitar a possibilidade de Theo ter me enxergado de uma forma diferente. É isso o que acontece quando tiro meus pés do chão. É sempre o que acontece quando me deixo iludir. Não vou mais me iludir.

Já anoiteceu e Theo ainda não voltou. Me forço a não pensar na mulher que eu nunca vi na vida e que pode ser algo dele. Não tenho nada a ver com isso. Não me importa se ele tem uma namorada, uma ficante ou um rolo. Não estou nem aí.

Com esse pensamento, tento me distrair um pouco e pego na estante um livro que ainda está no plástico. Sim, eu sou a pessoa que compra mais livros

do que é capaz de ler. Mal começo a folheá-lo, quando meu celular toca. Quase não consigo acreditar quando vejo o nome na tela.

— Alô?

— Oi, Mel. Tudo bem?

— Tudo e você?

— Tudo bem também. Liguei para saber se você não se esqueceu do meu convite?

— Me lembre, por favor. — Brinco.

— De sair comigo!

Quero largar o celular e dar gritinhos com o que ouço do outro lado. De repente, estou na escola novamente, com Eric virado para a minha mesa, sorrindo para mim.

— Ah, lembrei. — Brinco mais uma vez, tentando soar descontraída.

— Já que você lembrou, que tal você aceitar esse convite para hoje?

— Hoje?

— Isso. Estou indo para São Paulo e gostaria muito de te ver.

Gostaria muito de te ver...

Saio correndo do sofá, pegando as coisas e indo em direção ao banheiro para um banho.

— Quanto tempo eu tenho?

— Quarenta minutos até eu chegar à sua casa.

— Você já está vindo? — Pergunto, horrorizada.

— Sim.

Fico muda por alguns instantes.

— Mel, espero que você não fique brava por avisar assim em cima da hora.

Penso no que Eric está me propondo e não sei por qual motivo minha mente voa direto a Theo, em como ele deve estar em alguma parte da cidade com a tal da Aline. O pensamento me deixa irritada, só que ele não me deve nada, nenhuma explicação. Como não tenho mais nada a perder, abro uma porta que eu nem sabia que existia e deixo que Eric entre.

— Claro que não estou brava, mas preciso desligar para tomar banho e me arrumar.

Eric ri do outro lado da linha.

— Posso lidar com isso.

— Ótimo. Até daqui a pouco então.

— Até, Mel...

Entro correndo no banheiro para meu encontro com Eric. Não me lembro a última vez em que tive um encontro. Não posso considerar os caras do Tinder, pois tínhamos apenas um objetivo em comum. Com Eric, já não sei o que pensar. Sim, tive um crush enorme nele na adolescência, só que sempre foi um sentimento platônico sem retribuição. É como se ele fosse os personagens dos livros que eu costumava ler. Me apaixonava por eles, mas tinha plena consciência de que nosso romance só aconteceria na minha cabeça, apesar de sonhar com algo totalmente diferente.

Saber que em pouco tempo ele estará aqui na minha porta me dá calafrios. Sete anos depois, estou finalmente tendo a minha chance. Não quero pensar na cena de mais cedo com Theo porque, obviamente, não significou nada. Me convenço de que a vida está finalmente sorrindo para mim e me dando outra oportunidade - uma que preciso agarrar com todas as forças.

Não quero criar expectativas no momento, mas nada tira da minha cabeça o *item 9* da lista. Não sei exatamente como Theo me ajudaria com isso, talvez seja algo que eu tenha que fazer sozinha. E para que eu encontre esse cara, onde quer que ele esteja, preciso me dar uma chance, preciso abrir portas. Pode ser que o encontro com Eric hoje não dê em nada, mas pelo menos eu vou saber que tentei.

Com esse pensamento, saio do banheiro e vou para o quarto me arrumar. Fico triste por não ter Nathalia aqui para operar seus milagres, então olho para o espelho decidida a fazer o melhor que puder com meu visual.



19- Theo

Não sei como vim parar no Parque Ibirapuera. Só me lembro de andar muito, sem direção. Deixei que minhas pernas me levassem sem que eu as comandassem. No momento, encaro o lago à minha frente e observo as pessoas correndo. Já é noite e não consigo convencer as minhas pernas a saírem daqui, a me levarem novamente para o apartamento, para Mel.

Não quero estar em sua presença quando estou pensando em outra pessoa, quando estou pensando na minha ex., em tudo o que me disse ao telefone, mais cedo. *Ela me quer de volta.* Não sou eu que estou falando, foram palavras vindas diretamente da boca dela, que decidiu que vai me reconquistar, de uma forma ou de outra.

Aline me disse, inclusive, que está pensando em se mudar para São Paulo, para ficar ao meu lado. Que ela deveria ter feito isso, deveria ter me apoiado enquanto estávamos juntos. Hoje, em suas palavras, ela vê. Pena que não pensou nisso quando enfiou a língua na boca do meu amigo Gabriel.

Não sou hipócrita de admitir que nosso relacionamento estava ótimo, porque não estava. Ainda mais para duas pessoas próximas do altar, mas nunca imaginei que ela poderia me ferir assim. Nunca imaginei que traria à vida o maior clichê de todos os tempos: me trair com um amigo.

É doloroso pensar naquela noite, quando tudo aconteceu. Ou melhor, quando eu descobri. Não sei há quanto tempo ela estava me traindo, me fazendo de idiota. A revelação veio quando Aline e eu decidimos sair com nossos amigos, em um dia em que a banda tocava. Ela não estava muito feliz

com a ideia, mas rapidamente se animou quando sugeri que chamasse suas amigas.

Lá estávamos nós no bar: meus amigos tocando e eu bebendo, enquanto escutava o papo das garotas da mesa, que basicamente incluía os caras boa pinta que estavam próximos a elas. De vez em quando, as lembrava de que estava escutando tudo, mas Aline só ria e continuava o papo com Débora e Sabrina.

Quando a banda parou de tocar, nosso grupo se reuniu. Os caras finalmente me acompanharam na cerveja e pude parar de ouvir a tal conversa.

— Você arrasou na guitarra, Gabs! — elogiei.

— Que isso, cara! — Ele me deu um abraço.

Ah, como eu gostava dele. Aline, que agora tinha deixado suas amigas por dois minutos, surpreendentemente virou sua cabeça ruiva em direção ao meu amigo.

— Bom trabalho lá em cima.

Sim, fiquei tão surpreso quanto Gabriel com o elogio. Ele estava corando? Nunca o vi corar.

— Valeu, Aline! — agradeceu enquanto passava as mãos sobre seus fios loiros.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, minha noiva já estava se movendo em direção ao banheiro. Pouco tempo depois, foi a vez de Gabriel sair para pedir outra rodada de cervejas para nossa mesa. O bar estava tão cheio, que raramente conseguíamos avistar um garçom, então era nosso dever correr atrás deles, se quiséssemos geladas.

Virei para falar com Denis, que prontamente derrubou toda sua cerveja em mim.

— Pô, cara!

— Você me deu um susto, Theo! — Ele se defendeu.

— Você fez o favor de me dar um banho de cerveja — o empurrei de leve.

— Calma, cara, vou arrumar um pano pra te secar.

— Não precisa — respondi, mal humorado. — Vou até o banheiro me limpar.

Denis me deu um olhar de cachorro sem dono, tentando se desculpar.

— Tá tudo bem, Denis. Já passou.

Fui em direção ao banheiro. Com sorte, encontraria Aline. Ela já estava ali há algum tempo. Quando entrei para me limpar, a fila não estava longa e não tive que esperar muito. O papel toalha com sabão que usei só piorou a situação da minha camiseta preta. Talvez fosse melhor deixar para lá. Saí, então, à procura da ruiva, mas não a vi. Nós provavelmente tínhamos nos desencontrado.

Quando desisti de encontrá-la, ouvi uma risadinha familiar, que veio da saída de emergência. Me aproximei e coloquei parte do corpo para fora. Em seguida, levei um soco no estômago e, depois, no peito. Pelo menos, foi essa a sensação. Pensei estar muito bêbado para fantasiar aquilo: a língua do Gabriel entrando na boca da minha noiva.

Senti falta de ar. Senti meu corpo inteiro tremer. Senti como se estivesse em um mundo paralelo. Por isso, não me culpei pelos próximos minutos, em que arranquei sangue do babaca à minha frente. Não me culpei pelo olhar assustado vindo da pessoa que achei que passaria o resto da vida. Não me culpei por me virar e ir em direção à saída do bar, prometendo a mim mesmo que não olharia para trás. Nenhuma vez. Como ela pôde fazer isso comigo? Como eles puderam?

Denis me avistou, e a minha cara devia ser a pior possível, porque ele saiu correndo em minha direção.

— O que aconteceu, Theo? Por que tem sangue nas suas mãos? — Perguntou, enquanto direcionava seu olhar aos meus punhos machucados.

Eu não consegui pronunciar uma só palavra.

— Theo, tá tudo bem?

— Eu preciso ir embora. — finalmente, respondi.

— Já, cara? Cadê a Aline? — Quando ele citou o nome dela, senti o sangue ferver nas minhas veias. Não podia lidar com aquilo. Ignorei-o e mantive meus passos firmes até a saída.

— Theo! — Ele gritou. Era tarde demais. Eu já tinha deixado o bar para trás. A merda da minha vida para trás.

Agora, meses depois, estou aqui revivendo tudo que enterrei bem fundo, tudo o que deixei no Rio: uma vida de sonhos frustrados e um relacionamento acabado. Acho que não há como curar a dor de uma traição, ainda mais quando é uma pessoa em quem você confia e que você ama. Eu me apaixonei por Aline, algo que foi uma completa surpresa para mim, já que passei anos da minha vida tentando esquecer Mel. Saí com várias garotas, mas não sentia nem um friozinho na barriga com elas,

absolutamente nada que me indicasse que aquilo poderia se tornar um relacionamento. Foi diferente com a minha ex-noiva e talvez isso tenha me feito acreditar que ela era a pessoa certa para mim. Tenho que agradecê-la por me mostrar que não.

O importante é que, apesar de ser direto com Aline e dizer que não temos volta, ela se nega a aceitar. Disse que estava me dando um tempo para pensar, mas agora acredita que é hora de nos reencontrarmos. *Nem a pau.* Não quero revê-la, não quero encará-la novamente, já que não há nada que fale que vai me fazer mudar de opinião.

Se isso que digo a mim mesmo é verdade, por que não estou no apartamento, com Mel? Por que não estou flertando com ela, como disse que faria? Por que estou aqui, sozinho, quando poderia estar com ela? Quando poderia ter usado a cena do banheiro para convencê-la de que a quero, de que a sempre quis.

Tê-la mais cedo em meus braços, tão próxima de mim, com aquele sorriso capaz de iluminar essa cidade inteira, me fez sorrir da mesma forma. Amo vê-la animada, feliz, porque me lembro de um tempo em que ela raramente sorria e aquilo me quebrava por dentro. Quero manter esse sorriso em seu rosto, não quero me afastar, não quero ser o covarde que fui aos dezoito anos. Se eu pudesse voltar atrás, teria lutado por ela. Eu a teria convencido de todas as formas de que era a garota certa para mim, que nós deveríamos ficar juntos.

Faz quinze dias que a reencontrei e todos os sentimentos que ficaram guardados sob sete chaves voltaram à tona, sem o menor esforço. Ela não precisou fazer absolutamente nada para que eles revivessem, pois a verdade é que eles nunca se foram.

Preciso colocar a minha cabeça no lugar e parar de pensar em um passado cheio de arrependimentos e frustrações. Aqui é meu recomeço, Melissa é quem eu quero na minha vida. É ela quem eu sempre quis.

Decido forçar meu corpo em direção ao lugar do qual nunca deveria ter saído, ao lado de Mel. Quando volto a mim, percebo que ela queria conversar sobre o que aconteceu mais cedo, sobre ela ter me visto pronto para transar com ela até que esquecêssemos nossos nomes. Mas Aline tinha que voltar para me assombrar.

Olhando novamente para a gente, não sei como cheguei a pensar que seríamos uma família feliz - ela nunca gostou de mim, não do jeito que eu sou. Eu sempre precisava mudar alguma coisa para que ela ficasse feliz.

Odiava me ouvir cantando Taylor Swift, tinha que fazer isso quando minha noiva não estava; nunca me apoiou na criação do meu game, achava que era um sonho impossível e que eu deveria arrumar um emprego realista, que pagasse as contas. Aline não suportava meus amigos, pelo menos eu achava que não. Talvez essa fosse uma desculpa para ela ficar perto do Gabriel sem que eu me importasse, para me trair sem que eu percebesse.

Noto que meus punhos estão cerrados e meus dedos vermelhos, de tanto que os apertei. Balanço a cabeça, voltando ao presente. Não preciso pensar nisso mais. Aline é meu passado. Mel é meu presente e vou fazer de tudo para que ela seja também meu futuro.



Estou decidido a usar todas as armas que tenho até eu conseguir falar com todas as palavras que a quero. Estou impaciente esperando o elevador, quando ele se abre e vejo a última pessoa que imaginei aqui.

— *Eric?*

— E aí, Theo? — Ele me puxa para um abraço.

— O que você está fazendo aqui? Não me avisou que viria.

— Ah, desculpa, cara. É que dessa vez não vim ver você.

Sinto meu estômago revirar.

— Como assim? — Pergunto, sentindo meu sangue ferver nas veias.

— Vim ver a Mel. — Ele pisca para mim.

E aí está, meu maior pesadelo se tornando realidade.

— Ver a Mel? — Questiono em um tom de voz muito mais grave do que deveria. Então, penso que talvez tenha algo do evento para falar com ela e tento me acalmar um pouco.

— Você veio falar algo sobre o evento? As fotos ficaram prontas?

— Ainda não. Também não vim falar sobre o evento, eu a convidei para sair e acabei de deixá-la de volta no apartamento.

Minha cabeça gira e juro que tenho que me segurar para não socar a cara do meu amigo.

— Theo, tá tudo bem? — Ele toca meu ombro — Você se muda amanhã, né? Vai precisar de ajuda com a mudança? Você parece cansado.

— Problemas com a Aline. — Digo, por fim.

Eric revira os olhos só pela menção do nome dela.

— O que ela quer dessa vez?

— Voltar. — Digo, secamente.

— E você vai voltar com ela?

— Claro que não! — Tiro a mão dele do meu ombro e Eric me olha surpreso.

— Tudo bem, cara. Não precisa ficar bravo, não vou perguntar mais.

— Não estou bravo...

— Ah, não? E por que parece que você está a ponto de socar a minha cara?

Porque eu realmente estou.

— Só estou de mau humor, Eric. Não enche! — Disparo.

— Tá bom então. Vou embora, não pretendo ficar aqui para que você desconte em mim. Me liga quando estiver se sentindo pronto para conversar, de verdade.

Não respondo nada, apenas cerro o punho controlando o impulso de mandá-lo à merda e sair de cima da Mel. Ele se vira, mas antes que cruze a porta de saída, chamo-o novamente.

— Eric?

— Sim? — Ele se vira.

— Por que você saiu com a Mel?

Ele dá uma risadinha, como se fosse óbvio, e estou realmente reavaliando a opção de quebrar a cara dele. O problema é que não tenho direito de fazer isso porque, pasmem, não sou nada dela.

— Acho que você sabe a resposta. — Ele diz, com aquele sorriso de canto, que sempre conquista as mulheres que quer.

— Ela não é como as mulheres que você costuma sair.

— E é justamente por isso que estou interessado.

Não digo mais nenhuma palavra, apenas entro no elevador sem olhá-lo.

— É um problema pra você? — Finalmente, pergunta, arqueando uma sobrancelha.

— Mel e eu não temos nada — finalizo a conversa assim que o elevador se fecha, deixando Eric para trás e o ciúme tomando conta de todas as células do meu corpo.

Giro a chave do apartamento, respirando fundo para encarar a situação à minha frente. Em poucas horas, saí de uma Melissa literalmente em meus braços para uma Melissa quase nos braços do meu melhor amigo. Fico pensando se joguei uma pedra na cruz para que essas coisas me aconteçam.

Talvez seja minha falta de ação que me trouxe a isso. Se eu não tivesse ficado negando as coisas que estava sentindo por ela, não teria que lidar com essa situação agora; ou teria - a verdade é que não sei mais de nada. Talvez, se fosse um outro cara, eu não me sentisse tão inseguro, mas é Eric! Mel sempre foi apaixonadinha por ele na escola, o que me tirava do sério, na época. O que está me tirando do sério agora. *Não é possível.*

Fecho a porta atrás de mim, batendo com mais força do que o necessário, avisando Melissa de que estou de volta. Depois do encontro com meu amigo, minutos atrás, cheguei a algumas conclusões bem óbvias para mim. Conclusões que tentei jogar para o fundo da minha cabeça com toda força, me convencendo de que estava maluco. Ainda não tenho certeza se não estou, só que sei que o mais importante é: morro de ciúmes de qualquer mosca que se aproxima da minha colega de apartamento. Simplesmente, não consigo disfarçar a coisa toda.

Foi assim com Eric minutos atrás, foi assim com o ex babaca dela. Quem eles pensam que são? Sei que não posso comparar Alexandre com meu melhor amigo. Eles não são iguais, Eric é infinitamente superior a ele. Uma coisa, no entanto, que os dois têm em comum e só um cego não enxergaria é que são o tipo de muitas mulheres, inclusive da Mel, o que me deixa com mais raiva ainda.

— Theo? — Mel me chama, colocando primeiro o rosto para fora do banheiro e, depois, o corpo todo. — Tá tudo bem?

A única coisa em que consigo prestar atenção é no vestido curto cinza que ela está usando, destacando todas as suas curvas. O segundo fato que vem à minha mente é que há alguns minutos ela estava vestida assim, ao lado do meu melhor amigo. Ela se vestiu assim *para ele*. Porra!

— Onde você estava? — Pergunto, sério.

— Eu saí. Por quê?

— Com quem? — Pergunto, encarando-a, como se eu não soubesse a resposta. Ainda estou em negação.

Ela me olha, tentando decifrar o que está acontecendo à sua frente.

— Theo, você tá tentando me pregar uma peça ou algo do tipo?

— Não. — Respondo, secamente. — Apenas responda à minha pergunta, Melissa.

Seu rosto então toma um ar sério, fechando a expressão para mim.

— Que eu saiba, eu não devo nenhuma satisfação a você. Também não sei onde estava e não estou te perguntando, estou?

— Você quer saber onde eu estava? — Pergunto, de forma irônica.

— Com certeza não. — Ela me responde, petulante. *Essa garota me tira do sério.* — Sinceramente, não me interessa — ela bufa, me dando as costas.

— Mel... — Toco seu braço. Ela leva algum tempo para se voltar a mim.
— Me desculpa, não sei o que aconteceu comigo, acho que estou estressado.
— Minto.

Preciso pensar com calma antes de abordá-la. Tenho certeza que bancar o macho alfa não vai me trazer o que quero.

Sinto seu corpo relaxar com o pedido de desculpas, ao mesmo tempo que ela solta o ar pelo nariz.

— É por causa da mudança de amanhã?

Para ser sincero, agora que sei que Eric está atrás da Mel sinto menos vontade de mover meus pés daqui. Como vou competir, se não estou perto o suficiente. E se ele só está esperando eu sair para enfiar as garras nela? Eu tenho o direito de mandar meu amigo se catar, falando que Mel é minha?

— É. — Concordo, simplesmente.

— Posso te ajudar, se quiser — ela oferece, com uma expressão terna em seu rosto.

— Eu iria adorar.

— Combinado, então. Acho que agora preciso dormir.

— Tudo bem. — Concordo.

Antes de entrar no quarto, Mel se volta a mim novamente.

— Eu estava com o Eric — diz, e tenho que respirar pausadamente para não entregar o que sinto no momento.

— Certo.

Ela sorri e fecha a porta atrás de si.



Eu definitivamente devo ter sido uma pessoa horrível na vida passada. Só assim para explicar o que está acontecendo. Entro no meu apartamento com algumas caixas, seguido de Melissa e Eric. Sim, estou quase servindo de vela para ambos.

Já perdi a conta da quantidade de vezes em que tive de respirar fundo para não gritar com os dois. Tá, vou dar o crédito. Mel não está flertando com ele descaradamente, mas meu querido amigo está. Percebo quando “acidentalmente” a toca e em como ela fica envergonhada quando isso acontece. Essa festa realmente virou um enterro e não faço ideia de como mudar isso.

— Onde posso deixar as caixas, Theo? — Eric pergunta.

— Pode deixar aí na sala. — Respondo, sem nem olhá-lo. Definitivamente, meu humor não está dos melhores. Mel segue os comandos que dei a Eric e faz o mesmo.

Desço novamente para o estacionamento para buscar minhas malas. Não quero ter que pensar que deixei os dois sozinhos no meu apartamento. Não quero pensar que talvez ele a toque, que eles façam algo quando eu não estiver por perto. Será que se beijaram? Ou pior: será que eles... Não! Vou enlouquecer assim, por isso carrego as malas de qualquer jeito com o objetivo de voltar rapidamente e impedir qualquer coisa que esteja acontecendo por lá.

Ao voltar, no entanto, Eric não está em cima de Melissa, como minha cabeça me fez pensar - ele não está nem perto dela, apenas tirando as coisas das caixas que ajudou a subir. Mel sumiu em alguma parte da cozinha, arrumando a pouca louça que tenho.

Quando Eric anuncia que precisa ir embora para trabalhar, me sinto instintivamente aliviado. Quero mantê-lo o mais longe possível até descobrir como vou fazer para abordar Mel. Da noite para o dia, tudo se complicou.

Agora não só preciso encontrar uma forma de encarar Melissa e dizer toda a verdade, como também fazer isso com meu melhor amigo. Nada me parece bom, não sei como sair dessa situação sem magoar alguém no caminho.

Meu cérebro está quase a ponto de explodir quando Eric se despede de mim.

— Até mais, cara. Tenta relaxar, você está muito tenso. — Aperta meus ombros.

— Vou tentar, Eric. Obrigado pela ajuda. — Dou um tapinha nas costas dele.

— Sempre que precisar, irmão.

Quando acho que vou ficar sozinho com Mel, levo mais um tombo.

— Também preciso ir, Theo. Combinei de encontrar as meninas.

Não tenho tempo de responder antes de Eric se enfiar no meio.
Novamente.

— Quer uma carona? — Ele pergunta, e olho dela para ele, como se *eu* estivesse atrapalhando.

— Se não for nenhum problema pra você, quero sim! — Reviro os olhos com tanta força, que não faço ideia como não percebem. Ah, deve ser porque estão olhando um para o outro.

— Então, vamos!

— Tchau, Theo! Prometo que volto pra te ajudar com o restante.

— Obrigado, Mel. Eu vou cobrar, tá bom?

Ela sorri e me aproximo para dar um beijo em sua bochecha, o que a deixa surpresa.

— Claro. Tchau.

— Tchau.

Eric dá dois tapinhas em meu ombro e some com a garota dos meus sonhos porta afora.

Me jogo no sofá, derrotado. Escolhi esse apartamento por não ter que mobiliá-lo, já que a maioria dos móveis estavam inclusos. Porém, sinto um cheiro estranho e então percebo que é o sofá que está fedendo. *Que nojo.* Me jogo no chão ainda mais contrariado, tenho certeza que aquele baixinho carrancudo que me expulsou daqui da primeira vez é o responsável por esse fedor horrível. Não tenho nem forças para ligar e xingar o cara da imobiliária, mas faço uma nota mental sobre isso.

Começo a sentir meu celular vibrar no bolso. Quando olho quem é, fico feliz em ver o nome do meu irmão na tela.

— E aí, maninho? — Ele diz, todo animado do outro lado.

— Fala, Tom!

— Você está bem? Faz dias que não fala comigo, esqueceu que tem irmão?

Balanço a cabeça com o mini drama do meu irmão mais velho.

— Você está passando muito tempo com a dona Margareth pra criar esse dramalhão todo?

— Um pouco. — Ele ri. — Em falar nisso, ela tem a mesma reclamação de você. O que tá acontecendo? Desde que se mudou para São Paulo, mal temos notícias suas.

— Uma longa história, Tom.

— Não tenho nem um pouco de pressa, Theo. Pode desembuchar.

Sinto falta do meu irmão e de conversar com ele. Ele foi essencial para mim quando me separei de Aline. Por isso, suspiro fundo e tomo coragem de contar a ele tudo o que me aconteceu nas últimas duas semanas - ou, pelo menos, a maior parte.



20- Mel

Nathalia e Amanda estão jogadas no sofá de casa, bebendo cerveja. Faz dias que elas não vêm aqui, desde que Theo se mudou temporariamente para cá. Agora que ele já está em seu apartamento, as duas não esperaram nem o defunto esfriar para se acomodarem na cama dele.

— Melissa, você nos deve atualizações — exige Amanda enquanto vira mais um gole da cerveja gelada. — E quero saber dos detalhes, *todos os detalhes*.

— Dessa vez, vou ter que concordar, Mel. Saímos daqui quando você estava dividindo apartamento com o Theo e agora sabemos que está de rolo com o Eric. O que tá acontecendo?

— Agora minha vida inteira é baseada em macho? Por que vocês não me perguntam outras coisas, tipo: como eu estou, sobre a minha nova skincare, qualquer coisa...

— Mel, não adianta mudar de assunto. Podemos falar sobre tudo isso mais tarde, agora é hora de desembuchar. Você tá ou não tá saindo com o Eric? Pera, você

está saindo com os dois amigos e fazendo um trisal? — Amanda abre a boca em choque pra mim.

— Que trisal o quê, maluca?! Não tem nem um casal quanto menos um trisal.

— Mas você saiu com o Eric, né? — Pergunta Nathalia, franzindo o rosto.

— Sim, saí. Ele me levou a um barzinho aqui perto e apenas conversamos. É isso.

— Aham. — Amanda me olha desconfiada. — Não rolou nem um beijinho?

— Eu me lembraria se tivesse rolado.

As duas reviram os olhos em sincronia, o que me faz soltar uma risadinha.

— Por que eu sinto que essa história está bem mal contada? — Aponta Nathalia.

— O que você quer que eu diga?

— Pode começar com o Eric te chamando pra sair.

Conto às duas como comecei a conversar com Eric, o que chega diretamente à lista que fiz com Theo. Elas não haviam se atentado tanto quando comentei sobre o plano que tinha com ele, agora parecem super interessadas. Querem, inclusive, ver a lista - o que, obviamente, não vai rolar. Não preciso dizer a elas tudo o que escrevi lá, é meio constrangedor, principalmente a parte de conhecer “um cara incrível”. Só uma adolescente mesmo para escrever essas baboseiras. Só a Mel adolescente pra acreditar em um amor assim.

Depois de todos os tombos e rasteiras que levei da minha vida amorosa, se é que posso chamá-la assim, não sei se confio nos homens. Na verdade, nem sei mais se quero algo com eles, apesar de manter uma leve esperança de que vou achar alguém que me faça feliz. Porém, não quero ser usada novamente, não quero ser descartada de novo. Por isso, penso seriamente em riscar esse item da minha lista e fingir que nunca existiu. Não crio mais expectativas de que vou encontrar o príncipe encantado - porque eles não existem. Por outro lado, tenho certeza que há muitos sapos à solta por aí, sapos que nunca se transformarão em príncipes.

— O Eric foi legal com você? — Nathalia pergunta.

— Muito. — Respondo.

— E por que você não parece tão empolgada com ele? Não era seu crush de adolescência?

— Eu estou empolgada, foi ótimo sair com ele. Só não quero criar expectativas que não vão se concretizar. — Dou de ombros.

— Ou talvez não seja o Eric que você queira. — Amanda me encara e bufo irritada.

— Não vou nem entrar nesse assunto, Amanda.

— Que tal se vocês me contassem da semana de vocês? Estou cansada de falar de homens.

E, então, pego no ponto fraco das duas, pois elas começam a discutir sobre quem tem o direito de começar a tagarelar antes. Nati e Amanda podem fingir que se odeiam, mas, no fundo, sei que não conseguem mais viver uma sem a outra e sem mim, claro. A Mel adolescente com certeza estava certa de uma coisa: Em São Paulo, as coisas seriam diferentes. Sei que nem tudo aconteceu como eu imaginei, só que sou mais feliz agora - pelo menos tenho duas amigas maluquinhas que fariam tudo por mim, assim como eu faria por elas. Talvez o meu grande amor não venha na forma romântica, talvez as minhas almas gêmeas sejam as mulheres à minha frente, brigando como cão e gato. Era para eu estar histérica com a cena que estou presenciando, mas só consigo rir.



— Acho que você deveria tentar publicar seus livros como autora independente. — sugere Nathalia, depois de levar alguns pedaços de queijo à boca.

— Concordo. — diz Amanda, e olho instintivamente para ela, porque essa palavra saindo de sua boca é extremamente rara, ainda mais seguida de uma frase de Nathalia.

— Talvez vocês estejam certas, não sei. Eu enviei a proposta do meu livro há dias e não obtive nenhuma resposta das editoras.

— Você enviou para todos os editores e agentes?

— Menos para o Alexandre. — Revelo e Nathalia faz uma careta.

— Eca!

— Talvez ele seja a minha única chance. — Dou de ombros, desanimada.

Nathalia se reposiciona no sofá, colocando seus pés no chão.

— Me nego a aceitar isso, Mel. Não foi aquele babaca que praticamente anulou a sua vontade de continuar escrevendo? Me lembro muito bem disso.

Eu não conhecia Amanda quando meu namoro com Alexandre foi pelos ares, por outro lado foi Nathalia quem me consolou quando tudo caiu na minha cabeça, quando vi o homem que eu amava me trocando por outra em menos de duas semanas depois do nosso término.

— A ideia também não me agrada, Mel. — Complementa Amanda.

— Nem a mim, só que estou ficando sem alternativas. Ou arrisco tudo pra conseguir publicar meus livros ou vou ter que começar a procurar emprego novamente. Tenho uma grana guardada, mas ela não vai durar pra sempre.

— Por isso que você deveria tentar publicar em eBook. Várias autoras fazem isso e, pelo que sei, tem várias que se dão bem.

— Sim, eu sei. É que a vida toda sempre sonhei em publicar meu livro por uma editora. Tenho trabalhado nelas há anos e queria muito ver meus bebês impressos.

— E você vai, Mel. Lançar de forma independente é só um começo. E, sabe, posso te ajudar com o marketing e tal. Você sabe que sou ótima com essas coisas.

— Prometo que vou pensar, Nati.

— Eu vou ser sua capista, né? — Amanda pergunta.

— Você ainda tem alguma dúvida? Achei que não ia precisar pedir.

— Claro que não, piranha. — Rebate Amanda.

— Você é maluca, sabia? — Franzo o nariz para ela.

— Sim, e é por isso que você me ama — ela pisca pra mim.

— Nos ama. — Corrige Nathalia, e Amanda suspira profundamente, sem paciência.

— Isso, amo vocês duas. — Então as puxo para um abraço grupal.

Fazia muito tempo que não me reunia assim com as meninas. Por isso, passamos horas assistindo a filmes, testando uma nova skincare, vendo as duas enchendo a cara, além de devorarem todas as porções que fiz.

Para mim, fiz um lanche natural que deu para o gasto, no fundo queria poder abocanhar tudo, assim como elas. Me lembro, no entanto, que faz poucos dias que entrei em uma calça 42, então não quero colocar isso a perder. Preciso manter o foco e, claro, a dieta.

Quando penso que estou salva da bebedeira, Amanda coloca uma nova garrafa de vinho à minha frente.

— Vai, bebe. Enquanto estamos aqui enchendo a cara, você só tomou água.

— Claro que não, tomei uma taça de vinho também. — Rebato. Amanda não se conforma e empurra o líquido novamente para mim, enquanto Nathalia pede para que a Alexa toque uma música.

Depois de uma hora, três taças de vinho e duas doses de vodka, estamos as três cantando e dançando como loucas, vestindo apenas pijamas. Me sinto no clipe de Hair, do Little Mix, tanto que coloco essa música para tocar.

— Eu preciso de sexo! — Grita Amanda, do nada.

— Eu também! — Concorde Nathalia.

Como não falo nada, ambas olham pra mim.

— Eu também! — Grito, finalmente, mais para as duas ficarem felizes do que para expressar um desejo. Não que eu não queira, mas já estou conformada. Faz meses que estou numa seca danada e não vejo forma de sair dela. Ah não ser, claro, que meu lance com Eric tenha algum futuro, algo em que, obviamente, não acredito. Além disso, se eu deixar minha mente me levar a um lugar onde essa possibilidade seja real, tenho certeza que vou me comparar a todas as mulheres que passaram pela vida dele e, mais uma vez, sei para que lado a corda vai arrebentar.

Então, essa sou eu: uma mulher no auge dos seus vinte e cinco anos, sem a autoestima necessária para curtir o sexo do jeito que gostaria. Talvez eu tenha que me conformar com os vibradores na minha gaveta. Inclusive, acho que vou usá-los mais tarde.

Não tenho tempo de pensar muito no assunto quando Amanda decreta a hora de ir embora ou pelo menos, é isso que entendo. Estou jogada no sofá, quase dormindo. Definitivamente, bêbada.

— Mas já? — Murmuro mais para o sofá do que para ela.

— Sim, Mel! Tenho que estar no trabalho amanhã cedinho. Os abutres estão arrancando o meu couro!

— Sorte que sou desempregada! — Dou uma risada amarga que ninguém percebe, estão muito bêbadas para isso.

— Vou com você. — Diz Nathalia. — Podemos dividir o Uber.

— Tudo bem.

As duas então dão um beijo na minha cabeça e me perguntam se vou ficar bem. Garanto a elas que não pretendo sair do sofá, o que as tranquiliza antes de ultrapassarem a porta da frente, ainda de pijamas. Queria ser como elas, que não se importam nem um pouco com a opinião alheia e fazem aquilo que querem e desejam.

A TV continua ligada fazendo barulho ao fundo. Não sei quanto tempo se passou, mas não consigo me levantar do sofá, simplesmente estou cumprindo a promessa que fiz às meninas.

O barulho de repente fica mais alto e então percebo que não é a televisão, e sim, a campainha. Será que as meninas esqueceram alguma coisa? Tento me arrastar do sofá e deixo meu rosto cair novamente sobre o estofado. Percebo que está com um cheiro diferente, masculino. *Cheiro de Theo*. É engraçado que faz menos de vinte e quatro horas que ele se foi e o apartamento não parece mais o mesmo. Agora está vazio. Não gosto disso, pois quando ele estava aqui preenchia o ambiente, sempre me contando algo ou me tirando do sério. Agora está quieto demais e isso significa que posso ouvir meus pensamentos e não quero ouvi-los.

Ouçõ a campainha novamente e dessa vez me arrasto para fora do sofá tropeçando entre as coisas. Minha cabeça está girando e tenho que me esforçar muito para abrir a porta.

Quando faço isso, me deparo com olhos verdes.

— Theo? Oi!!! — Sorrio, animada.

— Você está... *bêbada*? — Ele dá uma risadinha e vejo covinhas.

— Sim! — Dou mais uma risada. — Suas covinhas são fofas — Digo a ele.

— Você já me disse isso, Mel.

— Disse? Não me lembro!

— Sim, na noite da nossa formatura.

— Ah! — Respondo. A menção a esse dia faz meu estômago revirar.

— Posso entrar? — Ele pergunta.

— Claro. — Deixo-o passar.

Ele ainda está me olhando, com uma expressão divertida.

— Não me diga que já sentiu minha falta em menos de vinte e quatro horas, Theodoro? — Reviro os olhos e ele ri.

— E se eu disser que sim? — Então encaro seu rosto e percebo que o meu está pegando fogo. *Deve ser o vinho ou a vodka*.

— Claro. — Desdenho com a mão, enquanto tento ir em direção ao sofá novamente. O problema é que tem mais roupa pelo chão do que deveria e tropeço nelas. Theo é bem ágil na hora de impedir que eu dê de cara com o chão.

— O-Obrigada.

— Não há de quê. — Sua expressão é tranquila enquanto mantém seu corpo cheio de músculos junto ao meu.

— Já disse também que você é musculoso? — Encaro-o segurando o riso.

— Sim. — Ele dá de ombros.

— E por que não me lembro de nada disso?

— Acho que você faz essas confissões quando está bêbada.

— Ah, é?

— Aham.

— E quando eu falei isso exatamente? — Estreito meus olhos em sua direção.

— No dia em que nos reencontramos, no bar.

— Ah, não me lembro muito bem, tenho apenas flashes. Como dá pra perceber, sou péssima com bebida.

— Acho que sim. — Ele morde o lábio inferior.

— Então tá bom. Já que falo mais do que devia quando estou bêbada, segura essa confissão.

Ele olha pra mim sério, esperando o que vou falar.

— Você jamais vai ouvir isso de mim quando eu estiver sóbria, ok? Espero que eu não me lembre disso amanhã também. Vai me poupar a vergonha.

Theo ri, claro.

— Vamos, Demônia, está me deixando curioso.

— Não vou falar enquanto não parar com esse apelido ridículo!

— Eu sei que você ama...

— Não amo não!

— *Mentirosa*... — Ele dá um sorrisinho de canto.

— Theodoro, estou falando sério! — Cruzo os braços à minha frente.

— Eu também e, por isso, digo que você *ama* esse apelido.

— E por que você acha isso, posso saber?

Theo olha em meus olhos por alguns segundos antes de responder.

— Porque fui *eu* que o dei a você. E por mais que negue, sei que gosta.

— Cara, algumas coisas nunca mudam.

— O que? — Ele pergunta, mordendo os lábios para não rir.

— Você ainda se acha a última bolacha do pacote! — Acuso.

Theo gargalha.

— Talvez você tenha razão, Melissa. — Dessa vez ele usa meu nome e sinto que ganhei a batalha.

— Mas enfim, não muda de assunto. O que você ia me dizer?

— Vou falar, mas só quando você me disser por que está aqui no meu apartamento.

— Você tem razão sobre uma coisa: estava com saudades. — Ele me encara.

— Ah, é? Theodoro admitindo que estava com saudades de mim. Que mundo é esse?

— Só estou dizendo porque sei que amanhã você não vai se lembrar de nada.

Dessa vez, sou eu que rio.

— Provavelmente...

— Então... — Ele toca no meu braço e sinto um arrepio instantâneo. — O que você ia confessar pra mim? — Dá um sorrisinho de canto.

— Theo, esse seu sorrisinho não funciona comigo, nem vem. — Ele dá de ombros.

— Não custa nada tentar.

— Muito engraçado.

Tento então ir em direção ao banheiro, definitivamente preciso de um banho.

— Mel, e aí? Cadê a confissão?

Inspiro profundamente enquanto fecho meus olhos tentando raciocinar.

— Seu cheiro é muito bom, Theo. Eu literalmente estava com a cara no sofá, sentindo você, essa é a confissão.

— Ah é? — Ele se anima. Me conte mais sobre.

— Não tenho mais nada a contar, preciso tomar banho.

Então, sua expressão muda para preocupada.

— Não acho uma boa ideia, você pode cair. Você nem consegue andar em linha reta.

— Theodoro, não preciso andar em linha reta no banheiro. Nem daria, na verdade. Só preciso tirar a roupa e me enfiar embaixo da água. Posso fazer isso.

Ele me encara, esperando pelo espetáculo.

— Você acha que não?

— Não disse nada.

— Mas pensou! Quer saber? Já que você não tá fazendo nada, poderia me ajudar. — Sugiro.

— Te ajudar em quê? — Ele franze o nariz.

— A tomar banho!

Os olhos de Theo ficam quase do tamanho da cabeça dele.

— Para de me olhar assim. Sei que não tenho o corpo que você tá acostumado a ver em outras mulheres e que não quer fazer isso, você pode fechar os olhos se quiser. Só preciso de uma ajudinha.

Então Theo se aproxima de mim, me prensando na porta do banheiro.

— Você não faz ideia do que eu quero, Melissa. — Sinto seu hálito quente atingir meu pescoço e juro que não sei o que está acontecendo comigo. Álcool. Theo. Álcool. Theo.

— Você vai me ajudar ou não? — Pergunto enquanto o encaro, seu rosto bem próximo ao meu.

Como Theo não responde, me enfio no banheiro sem ele. Me convenço de que consigo fazer isso sozinha, é só um banho.

Dois minutos depois, estou sentada no chão do box com a água correndo sobre meu corpo e a blusa do pijama enroscada no meu braço. Simplesmente não tenho forças para tirá-la. Gemo em frustração, quando vejo a porta se abrir.

— Precisa de uma ajudinha aí? — Theo pergunta, me olhando dos pés à cabeça.

— Não!

— Melissa, até bêbada você é teimosa?

— Você não quis me ajudar da primeira vez, posso fazer isso sozinha.

— Não é o que parece. — Ele diz em um tom divertido. Então, Theo se aproxima, me ajudando a tirar a camiseta. Depois me puxa pra cima, para que eu fique de pé. Estou de sutiã, calcinha e o short molhado por cima. Theo me encara como se quisesse tirar ele mesmo o resto das minhas roupas, mas não o faz. Então, em um momento de loucura, o puxo para dentro do box.

Nossos corpos estão próximos agora, eu olhando no fundo dos olhos dele e depois para a boca dele. Consigo escutar sua respiração acelerada ou talvez seja a minha.

— Tá vendo, eu consegui te arrastar pra cá — Observo, orgulhosa. Theo não responde nada, não há sinal de covinhas ou um sorriso em seu rosto. Seus olhos estão nublados, seu cabelo e roupas molhadas e ele não se mexe.

Decido então tirar o meu short, que já está ficando pesado com a água. Agora estou de calcinha e sutiã na frente dele, que observa todos os meus movimentos, sem me tocar ou dizer qualquer palavra.

Fecho meus olhos e deixo a água correr sobre meu cabelo e meu corpo. Quando abro os olhos novamente, ele continua me encarando, dessa vez com um olhar muito mais sombrio do que antes. Então, ele avança sobre mim, me prendendo na parede. Seus dedos tocam o meu rosto, deslizando suavemente por ali. Sua respiração está acelerada novamente, sinto seu hálito na minha boca, seus olhos no meu.

Ele cola sua testa à minha e diz:

— As coisas que eu imagino em fazer com você...

Penso que neste exato momento eu esteja em minha cama sonhando com isso. Por isso, não hesito em dizer as palavras a seguir.

— E por que você não faz? — Direciono meu olhar ao dele.

— Porque você está bêbada, Mel! *Só por isso*. Por que você não me diz essas coisas quando está sóbria? Por que não me deixa ficar próximo de você assim?

— Não sei. Mas você pode me tocar agora, se quiser. — Sussurro.

Então, seus dedos descem do meu rosto e roçam meu ombro e em seguida meus braços, barriga e quadril. Mas então Theo se afasta, saindo do box.

— Não posso. — Ele diz, já de costas para mim.

Theo não está mais aqui e sinto um vazio horrível depois que ele sai. Essa é a parte do sonho em que acordo e percebo que foi tudo fruto da minha imaginação. No meu sonho, eu estou sentada no box do banheiro chorando baixinho.



21- Theo

Não preguei o olho a noite toda. Me remexi no sofá de um lado para o outro e nada. Simplesmente não consigo tirar a cena da noite anterior da minha cabeça. Mel no chuveiro, *me querendo*. E depois implorando para que eu dormisse com ela. O que aconteceria se eu cedesse a esse desejo? Provavelmente ela acordaria arrependida e, se tem uma coisa que eu não suportaria, seria presenciar isso. Ainda assim, a forma como me olhou, o jeito como sua respiração estava acelerada. Não foi coisa da minha cabeça.

São dez horas da manhã e nem sinal dela. Preciso saber exatamente como Mel vai reagir a mim hoje, sem toda a bebedeira. Torço para que seja exatamente como ontem. Porque aí não vou precisar dizer não a ela. Acho que foi a coisa mais difícil que já fiz na vida, dizer não a algo que sempre quis, a pessoa que sempre quis.

Ouçõ a porta se mover e vejo uma Mel sonolenta à minha frente: está esfregando o rosto e não me notou ainda. Ela boceja mais uma vez e então abre os olhos.

— Aaaaaaaahhh! — ela dá um pulo pra trás e tropeça, indo direto ao chão.

— Mel! — Levanto-me rapidamente e dou a mão para que ela se segure em mim.

— Theo? — Ela pergunta, como se estivesse vendo um fantasma. — O que você está fazendo aqui?

Depois olha para a própria roupa, que basicamente inclui minha camiseta e mais nada em seu corpo, ela arregala os olhos pra mim, buscando

uma resposta silenciosa para tudo o que está registrando.

— Eu... eu... já volto... — Ela diz, apressada, enfiando-se novamente no quarto e não me dando nem a chance de respondê-la.

Alguns minutos depois, ela não está mais com minha camiseta e sim com um vestido larguinho verde, o que, claro, me deixa chateado. Descobri que adoro vê-la usando minhas roupas porque adoro sentir seu cheiro nelas depois.

— Theo... Hã... O que você tá fazendo aqui e que horas chegou?

— Ontem à noite. — Dou de ombros e é a única coisa que respondo.

— Você está bem? — Ela estreita os olhos como se estivesse avaliando o meu rosto. Devo estar acabado, afinal não dormi nem um minuto nessa noite.

— Estou, Mel. Me desculpe por voltar para cá. Prometo que não invadi seu apartamento e que foi você que abriu a porta pra mim. — Dou um sorriso fraco.

— Eu? — Ela massageia as têmporas, como se tivesse tentando se lembrar disso.

— Sim, você.

— Nossa, Theo. Estou com uma enxaqueca horrível e, sinceramente, não me lembro de nada.

Como eu imaginava...

Passo os dedos entre os fios, frustrado por saber que as cenas de ontem permanecem apenas na minha mente e que sou a única pessoa torturada com elas aqui.

Mel franze o nariz, olhando novamente para mim, esperando que eu diga algo.

— Eu que deveria me desculpar por aparecer aqui, de repente. É que, como o grande sortudo que sou, o encanamento do meu banheiro quebrou no primeiro banho que tentei tomar lá e alaguei quase o apartamento inteiro. Novamente, liguei para a imobiliária e tive que dar uns gritos para ser ouvido. Não sei se quero voltar para aquele apartamento, acho que a melhor solução é procurar outro lugar. Só tenho tido dor de cabeça.

— Sinto muito, Theo.

Dou de ombros novamente.

— Pera, você me contou isso ontem?

Balanço a cabeça positivamente. Contei isso e muito mais.

— Desculpa por fazer você repetir.

— Sem problemas. — Solto um sorriso fraco. — Acho que vou embora, então.

Começo a pegar a pequena mochila que trouxe comigo.

— Embora pra onde? — Ela agarra meu braço.

— Procurar um lugar pra mim. Até eu resolver o que fazer com meu apartamento.

— Você sabe que pode ficar aqui, né? — Ela fecha a expressão. — Não estou te expulsando, me desculpa se pareceu isso. Só não estou conseguindo raciocinar direito com essa enxaqueca.

— Não, tudo bem. Não quero te atrapalhar. Você já me deu teto por duas semanas...

Então ela segura meu braço com mais firmeza.

— Pode parar com isso, Theodoro! Você não me atrapalha. — Ela revira os olhos. — Você só me irrita mesmo. — Ela ri e depois faz uma careta, colocando a mão na cabeça.

— Você está péssima, hein? — Observo, brincando.

— Idiota! — Ela me dá um soquinho.

— Ei, você tem um soco forte, Melissa.

Ela sorri, com malícia. Porque se lembra quando o usou contra mim.

— É bom que se lembre disso toda vez que tentar me perturbar...

— Claro. — Ergo as mãos em rendição.

— Isso significa que você vai ficar aqui, *comigo*?

Quando ela diz isso, todas as lembranças da noite passada vêm à minha mente como uma enxurrada e não há possibilidade de dizer qualquer coisa diferente de sim para ela.

— Prometo que vou me apressar para achar um lugar o mais rápido possível. — Concorro por fim e ela me encara cética.

— Enquanto isso, posso fazer o que fiz de melhor aqui.

— O quê? — Ela cruza os braços.

— Organizar a sua bagunça, bagunceira.

— Ei! — ela me dá uma cotovelada.

— Estou mentindo?

— Não. — Ela ri.

— Obrigado por me salvar de novo.

— Não há de quê. — Ela faz um sinal com a mão. — Acho que vou fazer café pra ver se ajuda com a minha dor de cabeça.

— Já fiz!

Ela, então, para e olha pra mim, inclinando a cabeça de lado.

— Não vou te elogiar, Theodoro. Se é isso que está esperando. — Estreita os olhos.

— Jamais esperaria isso de você. — Encaro-a, com um olhar malicioso.

— Que bom. — Ela se vira para a cozinha e vou atrás dela.

— O que você está fazendo? – Pergunta.

— Apenas garantindo que você não vai desmaiar de dor. Senta aí, vai. Toma esse dipirona aqui enquanto eu sirvo o café. O que acha de panqueca de banana?

Melissa leva um pouco mais de tempo para responder e quando olho em sua direção, está me observando.

— O que foi? Você não quer panqueca? Prometo que é fit, super saudável. — Faço biquinho.

— Panqueca me parece ótimo. — Ela diz, com uma expressão leve em seu rosto.



Ela não se lembra de nada, absolutamente nada. Mel me perguntou como foi parar na cama ontem e contei superficialmente, sem focar em nenhum detalhe, como o fato dela ter me puxado para o chuveiro ou ter implorado que eu me deitasse ao seu lado. Ah, também deixei de fora que ela me pediu ajuda para colocar a minha camiseta como pijama. *A minha camiseta.*

Seria uma ótima oportunidade para questioná-la sobre tudo, mas a Mel que está aqui não é a mesma de ontem - não sem todo aquele álcool. Além disso, ela não me olha como se quisesse me devorar, infelizmente. Então, tomo uma atitude mais cautelosa. Vou aproveitar esse meu tempo aqui para conquistá-la, devagar, com ações sutis. Talvez ir com tudo para cima dela não seja a melhor ideia. Preciso testar seus limites, saber até onde Mel pode ir, e vou começar a fazer isso hoje, exatamente agora.

— Você quer uma massagem? — Pergunto e ela me olha como se estivesse tendo uma miragem.

— Quê? — Pergunta novamente, para ter certeza de que ouviu certo.

— Você está aí nesse notebook toda tensa e pensei que talvez precisasse de uma massagem. — Dou de ombros. Ela me olha mais um pouco, tentando decidir se estou falando sério. Preciso manter a pose para não estragar a coisa toda.

— E o que você ganha com isso? — Ela me analisa.

Vou ter as minhas mãos em você.

— Vou te deixar menos estressada para que você não queira me matar mais tarde. — Sorrio dessa vez.

— Não sei se isso é possível, *Theodoro*. — Ela franze o nariz, o que destaca suas sardas.

— Garanto que é. Agora vira pra lá...

Para minha total surpresa, Melissa me obedece e se vira para que eu tenha acesso às suas costas.

Seus cabelos estão soltos, então os coloco para o lado para deixar seus ombros livres. Meus dedos deslizam por eles, apertando suavemente sua pele quente. Eu estava certo: ela está bem tensa. Mel murmura algo incompreensível, e continuo descendo mais um pouco. Então, tenho a visão da tatuagem que vi há algum tempo. Agora, no entanto, consigo ler o que está escrito.

You can do this (você consegue fazer isso)

Algo me atinge, enquanto deslizo meus dedos sobre ela. Conheço essas palavras porque são exatamente aquelas que dizia a Mel toda vez em que ela duvidava de si própria. Porque eu sabia que ela poderia fazer tudo o que quisesse. Eu sei que ela pode fazer tudo o que quiser.

— A tatuagem... — Comento, simplesmente.

Mel gira seu pescoço para me olhar e passa os dedos sobre ela.

— Você... — Não sei bem o que dizer, não sei nem o que perguntar. Não posso assumir que ela fez isso por minha causa e por causa das coisas que eu falava no passado. Por isso, espero que ela me diga.

— Eu fiz no meu primeiro ano de faculdade. — Diz, simplesmente.

— É a única que você tem?

— Sim. Diferente de você, Theo. Que tem um monte. — Ela ri, olhando para meu braço coberto. — E sei que quer fazer mais, né. “Encher o seu corpo de tatuagens”.

— Claro. — Confirmo, pensativo. — Você fez a sua tatuagem por algum motivo especial? — Questiono.

Ela analisa meu rosto, pensando sobre a resposta que me dará a seguir.

— Acho que só quis tatuar essa frase para não esquecê-la. — Ela dá de ombros.

— E por que nas costas? Você não preferiria em um local mais visível?

Mel balança a cabeça negativamente.

— Queria que só eu pudesse ter acesso a ela. — Diz, por fim.

— Entendo.

Estou pensativo demais para dizer mais alguma coisa. Apenas aceno com a cabeça e continuo o que estava fazendo anteriormente. Eu não posso negar que me sinto extremamente atraído por ela, mas no momento não estou pensando em como levá-la para cama. Só penso em como queria tomá-la em meus braços e mantê-la ali, tocando sua pele, deslizando meus dedos sobre suas sardas, mexendo em seu cabelo até que ela adormecesse ao meu lado. A realização do que estou sentindo agora faz com que meu coração dispare - acho que nem eu sei a dimensão de como me sinto perto dela.

Após a massagem, Mel decidiu que está pronta para se dar uma folga, o que significa largar o notebook e pegar um livro na estante. Ela está lendo Capitães da Areia, sentada ao meu lado no sofá.

— Achei que você já tivesse lido esse.

— E quem disse que não li? — Ela torce os lábios.

— Entendi, uma releitura, sendo que você tem, sei lá, uns trinta livros no plástico. — Provoco.

— Capitães da Areia merece ser relido, Theo. E os dos plásticos podem esperar. — Ela desdenha com a mão.

— Claro. — Respondo, de forma irônica, e ela revira os olhos.

Ela está tão entretida na leitura, que começa a me ignorar totalmente, praticamente estou murmurando sozinho. Por isso, decido focar em algo que está abandonado há tempos: meu jogo.

Tenho trabalhado nisso desde o meu primeiro ano de faculdade e confesso que o deixei de lado várias vezes achando que era mais um sonho do que uma realidade. Já envolvi mais de vinte pessoas nesse projeto e quando acho que tudo está pronto, não me sinto confiante o suficiente para seguir.

O meu problema no momento é a protagonista: não vou com a cara dela. Basicamente, esse é o resumo da obra. Ela não me convence e se não

está me convencendo, também não convencerá os possíveis compradores. Isso se eu conseguir chegar nessa parte, claro.

Bufo, irritado com a frustração que toma o meu corpo, e me sirvo de uma xícara de café. Preciso pensar direito, preciso resolver esse problema.

Faz quatro horas que estou de frente para meu notebook. Nesse meio tempo, Melissa saiu para correr, voltou, tomou um banho, leu mais um pouco e eu mal me mexi na cadeira. Concluo que estou rodando em círculos.

— O que está acontecendo? Precisa de ajuda? — Mel Pergunta enquanto toca meu ombro e seus olhos percorrem a tela do computador.

— Muita. — Suspiro, frustrado. — Não sei como finalizar esse jogo.

— Você está falando do seu game?

Concordo com a cabeça.

— Entendi, então nesse caso é algo que deveríamos fazer juntos, né? Já que está na nossa lista.

— Sinta-se à vontade para dar todos os palpites necessários. — Dou de ombros.

Mel se senta ao meu lado, prestando atenção na tela à minha frente.

— Tá, vamos pelo começo. Como é seu jogo, do que fala, qual a história?

— Meu jogo acontece durante um apocalipse. A Terra foi tomada por zumbis e os humanos estão se tornando minoria.

Ela olha para mim, atentamente.

— Hum... Que mais? Qual o diferencial dessa história? — Dessa vez, esboço um sorriso, Mel pode ser bem perspicaz.

— Como assim? Zumbis são super maneiros! — Provoco.

— Sim, eu sei. As onze temporadas de *The Walking Dead* que eu assisti me provaram isso, apesar de não gostar de todas.

— Então, o que você quer dizer com diferencial?

— Theo, não entendo muita coisa sobre games, mas sei que há diversas histórias sobre zumbis por aí. Por isso, quero saber qual é a sua.

— Ah, entendi. Vou chegar nessa parte, babe. — Pisco para ela, que abre a boca, literalmente. Continuo tagarelando, como se nada tivesse acontecido. *Pequenos flertes quase imperceptíveis. Essa é a regra.*

— Como eu estava dizendo antes de ser interrompido... — Ela solta o ar pelo nariz. — No meu mundo zumbi, há uma pessoa que foi mordida, só que não se transformou. Antes do apocalipse, ela era uma mercenária famosa e muito bem paga, por isso não tinha medo do perigo... e jamais admitiria

perder sua liberdade, nem mesmo para um perigo iminente, como os zumbis. Ela se jogou no mundo, foi infectada e já tinha se conformado com seu fim, só que os dias se passaram e nada aconteceu, ela não se transformou, algo que a deixou em êxtase, com certeza, mas também curiosa. O que ela tinha de diferente?

— E ela foi atrás para descobrir? — Mel pergunta, curiosa.

— Sim. — Mordo meus lábios animado com o rumo da conversa. — Ela tinha contatos e rapidamente conseguiu se enfiar em um laboratório para ser testada. O que ela não previu, no entanto, é que não conseguiria sair dele após a história chegar aos ouvidos de gente importante. Os humanos estavam sendo extintos e a nossa protagonista poderia ser a resposta para tudo o que estava acontecendo.

— E ela concordou com isso?

— Claro que não, Mel. Nem por uma grana altíssima que a ofereceram. Ela não tinha nascido para viver em uma jaula - o que fizeram com ela. Durante dez anos, foi testada de diversas formas e, apesar de não se transformar, sua mordida era capaz de transformar outro ser humano em zumbi.

— Pera, ela era meio humana e meio zumbi?

— Quase isso. — Sorrio. — Seu corpo ainda era humano, tudo sobre ela era. Mas algo no seu DNA foi alterado. Além de poder andar no meio dos zumbis, ela tinha o poder de transformar qualquer ser humano em um.

— Uma arma e tanto. — Mel assobia.

— Sim, uma arma que caiu nas mãos dos poderosos.

— Tá, entendo. Então eles usaram ela pra salvar o mundo? É horrível o que fizeram com ela, mas foi por uma boa causa, não?

— Aí é que você se engana, Mel. Eles criaram, sim, um antídoto que evitava que eles se transformassem em zumbis, mas só quem tinha dinheiro teve acesso a isso.

— Uau. E o que aconteceu com o resto?

— Eles dividiram o mundo em dois. Onde parte dos humanos restantes (e pobres) tinha que lutar com os zumbis para sobreviver enquanto uma minoria rica vivia como se nada estivesse acontecendo.

— Nossa! Estou impressionada! Você também poderia ser escritor, de distopia.

Dou uma risada sincera.

— A ideia base é minha, mas tive muita ajuda ao longo dos anos.

— Imagino. — Ela suspira. Em seguida, pergunta exatamente o que eu queria ouvir.

— Tá, e o que acontece com a protagonista, o que ela faz?

— Ah, ela escapa. Com sede de vingança pelos dez anos tomados da sua vida e também por ter sido obrigada a deixar sua família para trás. Ela descobre que, obviamente, eles não estão na parte livre de zumbis do planeta e vai atrás deles. Então, precisa descobrir se sua família ainda está viva e, também, uma forma de se vingar de tudo o que fizeram contra ela.

— Ela vai ter ajuda de alguém?

— Sem dúvidas, ela vai procurar ajuda do lado infectado do mundo.

— E ela vai ganhar?

— Aí depende dos jogadores, né? São várias fases que precisam ser executadas e o jogo ainda pode ser modificado, se lançado. — Dou de ombros.

— Como assim, *se lançado*? É óbvio que ele vai ser lançado, Theodoro! Não é você que vive enchendo minha cabeça com isso, que não posso desistir dos meus livros e blá, blá, blá? E por que você tá com esse papo sobre seu jogo?

Bom ponto.

— Sei lá, Mel. Não acho que esteja bom o suficiente. Ainda estou tendo problemas com a protagonista.

— Dá para jogar isso?

— Ainda há coisas que preciso ajustar, mas sim. Dá!

— Então vamos jogar. Quero ver qual é a dessa... Como é o nome dela mesmo?

— Ainda não defini.

— Sério?

— Aham.

— Você precisa trabalhar nisso logo, Theodoro.

— Claro, boss! — Eu pisco, e ela balança a cabeça, contrariada.

Monto todos meus apetrechos para que possamos jogar, e Mel adora o meu game, o que me deixa feliz e orgulhoso, ao mesmo tempo. É lógico que também me apontou algumas coisas que poderiam ser melhoradas na jogabilidade, o que anotei copiosamente. Ela também concordou que a protagonista precisa de ajustes, o que me deu ainda mais gás para mudá-la. Sinceramente, é ótimo ver Mel empolgada com algo que é minha paixão.



22- Mel

Devo admitir que fiquei impressionada com o game do Theo. Quase virei a noite jogando, de tão imersa que estava na história. Não há dúvidas de que será um grande sucesso. Tudo o que ele precisa é fazer alguns ajustes e BUM! Fiquei tão feliz que ele realmente levou a sério o que falei sobre o jogo, pois poderia muito bem me ignorar, já que faz anos que saí desse mundo e, muito provavelmente, não posso levar o título de gamer, mas não foi o que ele fez. Ele confia em mim, confia na minha opinião.

Por isso, me arrumo, decidida a dar mais um passo em direção à publicação do meu livro, vou fazer essa confiança dele em mim valer a pena. Estou disposta a fazer tudo o que seja necessário, até mesmo me encontrar com Alexandre. Sei que não vai ser fácil olhá-lo novamente, só que, de todos os editores e editoras com quem entrei em contato, não obtive resposta de nenhum. A esse ponto, estou tão desesperada, que nem um encontro com o meu ex vai me abalar. Pelo menos eu espero que não.

Theo saiu para encontrar alguns conhecidos que, segundo ele, vão ajudá-lo a fazer os ajustes necessários no jogo. Eu estou em frente ao espelho, tentando esticar a minha camisa branca. Além da camisa, coloquei calça jeans *flare* e saltos grossos pretos. Quero parecer profissional, mas não desesperada. Se bem que Alexandre deve ter certeza que estou, de outra forma, eu não o encontraria.

Alexandre:

Ansioso para te encontrar, Mel.

Reviro os olhos quando vejo a mensagem. Tenho consciência de que não vai ser fácil ficar no mesmo ambiente, mas tudo por um bem maior - digo a mim mesma.

Eu:

Estarei no Café em uma hora.

Segundos depois, a resposta.

Alexandre:

Mal posso esperar.

Bufo irritada, antes de me olhar no espelho pela última vez. Não estou me arrumando para Alexandre porque, obviamente, ele não merece nada de mim. Meu celular vibra de novo e estou a ponto de xingá-lo, mas então é o nome de Eric que pisca na tela. Temos trocado mensagens diariamente, ele me perguntando coisas bobas sobre o meu dia e eu fazendo o mesmo. Às vezes, ele até me liga, o que, confesso, ainda é meio estranho. Mesmo assim, percebo um sorriso nos meus lábios quando vejo o que ele mandou.

Eric:

Você me deve um segundo encontro, Mel. Por favor, não me faça implorar.

Estou a ponto de digitar a resposta quando recebo outra mensagem dele.

Eric:

Tá bom, eu posso implorar. Mel, por favor, quer sair comigo novamente?

Apago a mensagem anterior e digito novamente.

Eu:

Achei que você não fosse convidar.

Eric:

Agora estou ofendido! Vou consertar isso. Tudo bem no sábado?

Eu:

Não tenho planos para o sábado, então, sim.

Eric:

Te pego às 20h.

Eu:

Onde vamos?

Eric:

Surpresa.

Eu:

Me surpreenda.

Eric:

Pode deixar!

Sinto meu rosto pegar fogo com o nosso flerte por mensagem. A Mel de dezessete anos estaria orgulhosa. A de vinte e cinco está dando um passo de cada vez.



Alexandre está sentado à mesa, mexendo no celular. Ele está usando uma camisa verde clara e calças jeans. Queria muito dizer que os anos lhe fizeram mal, só que, para o meu azar, não foi isso que aconteceu. Ele conseguiu ficar ainda mais atraente.

Estou no café em que nos encontramos pela primeira vez e durante nosso namoro. É óbvio que ele escolheu este aqui propositalmente, com a intenção de que talvez conseguisse mexer comigo, com meus sentimentos. A resposta é: infelizmente, ele está certo. Basta eu passar a porta do lugar que eu amei no passado para que lembranças me atinjam de todos os lados. Ele

me beijando pela primeira vez, nossos cafés após o expediente, nossas conversas...

Não piso aqui há anos e a verdade é que não tinha intenção de voltar. No entanto, não me opus quando Alexandre sugeriu, não quero que pense que ainda tem algum controle sobre mim.

— Bom dia. — Cumprimento, assim que me posiciono ao lado da mesa. Ele levanta a cabeça e seus olhos castanhos encontram os meus. Um pequeno sorriso surge em seus lábios. Alexandre se levanta e se aproxima de mim, me dando um beijo no rosto, sem que eu tenha tempo de reagir.

— Oi, Mel. Você está linda! — Preciso de milésimos de segundo para processar seu toque. Então, engulo em seco e apenas movo a cabeça, me direcionando à cadeira que ele puxa para mim.

Ele se senta em minha frente, me observando atentamente. Odeio o olhar que tem no rosto agora, como se estivesse me imaginando sem roupas. Já vi esse olhar, no passado, quando eu era dele e achava que ele era meu. No presente, Alexandre não tem o direito de fazer isso, deixou de ter há anos. Tento controlar minha respiração para não me levantar e sair correndo daqui. *Essa pode ser minha última chance, infelizmente.*

— E o seu namorado? — É a primeira coisa que me pergunta. Estreito os olhos para ele, sem entender, e então me lembro: *Theo*. Ele analisa a expressão em meu rosto e tira suas próprias conclusões.

— Vocês não estão namorando mais? — Abre um sorriso enorme, e juro que quero socar a cara dele.

— Claro que estamos. Estamos ótimos, inclusive. — Dou um sorriso, sem graça. Aff, sou uma *péssima* atriz.

— Com certeza — ele murmura, me olhando atentamente. É óbvio que não acreditou na minha atuação medíocre. E Theo não está aqui para provar o contrário a ele.

— Ok, não vim aqui para falar do meu namoro. Viemos falar de negócios, certo?

— Sobre o que você quiser, Mel.

— Melissa, por favor.

— Não posso mais te chamar de Mel, Mel?

— Prefiro que não. Você não é meu amigo.

— Mas nos conhecemos muito bem, você não acha? — Ele passa o polegar nos lábios.

— Nos conhecíamos, no passado. Não te conheço mais.

— Duvido que você tenha se esquecido de mim, de tudo o que vivemos. Você não tem boas lembranças deste lugar? — Ele espera minha resposta. Tenho que respirar fundo para isso.

— Alexandre, é o seguinte: estou aqui exclusivamente pelo meu livro, só por ele. Não por você. Não mais por você. Então, se você não for falar sobre negócios, eu já posso ir embora. — Faço um movimento para me levantar e Alexandre segura meu braço antes disso.

— Não, Melissa. — Diz, pausadamente. — Quero que você fique. Tenho uma proposta para você.

Expiro o ar pelo nariz sem tirar os olhos dele. Sento-me novamente, esperando o que tem a dizer.

— Mel... Quer dizer, Melissa. Estou bastante interessado no seu livro. *Nos seus livros*. Sei que escreveu mais de um. Quando você saiu da editora, eu já tinha um cargo que me dava, digamos, certos benefícios — ele sorri maliciosamente e um arrepio percorre a minha pele.

— Agora, eu sou o editor-chefe, então basta um aceno meu para que seus livros sejam prioridade dentro da editora: tanto na parte editorial quanto no marketing.

Eu sei como funciona o processo de uma editora, tenho trabalhado nelas há anos e sei também que o que Alexandre está oferecendo é a realização do meu sonho. Eu teria suporte de uma das editoras mais importantes do país e como bônus todo o trabalho de marketing - que é extremamente agressivo - por trás. Poucos autores e autoras que passaram por lá não decolaram. A maioria se tornou best seller em meses. Sei de autoras que conseguiram, inclusive, se lançar no mercado internacional. O que ouço da boca de Alexandre é simplesmente o que tenho sonhado a minha vida toda.

— Parece excelente. E o que eu teria que fazer do meu lado?

— Aparecer sempre *comigo* nos eventos oficiais.

Meu estômago revira na hora.

— Como assim, aparecer *sempre* com você nos eventos oficiais?

— Isso mesmo, Mel. Apesar de ter certo poder dentro da editora, preciso justificar o porquê estou investindo nos seus livros, qual o seu diferencial.

— Alexandre, não sei se você se lembra, mas eu tenho trabalhado no setor editorial há anos e ainda não estou entendendo onde quer chegar.

— Mel, linda.

— Já disse para me tratar pelo meu nome! — Falo pausadamente, tentando não me alterar.

— Claro, *Melissa* — Ele passa a mão sobre os cabelos. — A minha proposta é trabalhar o seu marketing pessoal antes de investirmos nos livros, torná-la conhecida e queridinha do público. Assim, quando seus livros saírem, eles se venderão sozinhos.

— Eu sei muito bem o que é marketing pessoal, Alexandre. Não me ofenda, por favor. Só não entendo por que terei que acompanhá-lo, especificamente. Posso muito bem estar lá, sem você.

— Eu sou o editor, é fundamental que eu esteja com você daqui para frente.

— Isso não seria o trabalho de um agente? — Olho no fundo dos olhos dele.

— Na maioria das vezes, sim. Mas eu acompanho meu trabalho de perto. Só aposto em quem sei que vai fazer sucesso.

— E você, de repente, percebeu que eu poderia ser essa pessoa? — Pergunto, desconfiada.

— Como eu te disse no evento, o mercado mudou. Talvez os seus livros não fossem valorizados no passado, o que não acredito hoje.

Conto até cinco mentalmente, porque nem de longe isso parece certo. Alexandre poderia facilmente manipular a Melissa de vinte um anos. Mas eu mudei, não sou mais ela.

— Já que os meus livros parecem interessar à editora, posso muito bem conversar com outros editores de lá, certo? — Desafio-o.

Alexandre arruma a postura e vejo um ar de irritação passar pelo seu olhar.

— Mel — ele chama novamente pelo meu apelido, fazendo com que eu cerre os punhos firmemente. — Acho que você não entendeu o que eu quis dizer. Se você não fizer isso *comigo*, a editora estará fechada pra você.

— E você seria responsável por fechar as portas para mim? — Franzo as sobrancelhas enquanto o encaro.

— Querida, você sabe que não é o que eu quero.

— Dá para parar de me chamar por apelidos? Você sabe o meu nome, e outra, não faço ideia do que você quer. Que tal ser claro, pelo menos uma vez na sua vida? Me diz de uma vez por todas o que você vai ganhar com isso! — Minhas narinas se dilatam e estou quase jogando nele o café que pedi para mim.

Ele arruma o colarinho da camisa, que está perfeito, e coloca sua mão sobre a mesa.

— Melissa, se você quer a verdade, aqui está: posso fazer os seus livros virarem um sucesso, de verdade. Você pode viver deles e, se trabalharmos corretamente, até entrar para o seleto grupo de escritores milionários. Mas só vou fazer isso se você trabalhar exclusivamente comigo, se seguir as *minhas regras*.

— E quais seriam as *suas regras*? — Quero muito saber até onde ele vai.

— Primeiro, quero que deixe aquele seu namoradinho. — Abro a boca em choque. — Não quero que ele atrapalhe os nossos planos, e ele me parece do tipo ciumento, que se meteria em tudo. Quero liberdade na nossa relação, para trabalhar seu marketing pessoal da melhor forma.

— Você não tem o direito de decidir nada sobre a minha vida pessoal. Isso é ridículo! — Altero meu tom de voz — Estou tentando vender os meus livros e não a mim! — Explodo.

Um pequeno sorriso se forma em seu rosto descarado, como se ele estivesse ganhando alguma coisa.

— Você sabe muito bem que seus livros *são* você. Vocês são uma coisa só. E quero vender essa imagem, Mel. Estou disposto a apostar tudo no seu sucesso.

E aqui está o olhar, aquele que me fazia derreter no passado, como se eu fosse a única pessoa que ele pudesse enxergar, como se não existisse ninguém, além de nós.

— Em troca, você estaria de volta à minha vida, *para cuidar dela...*

— Exatamente isso. — Ele sorri. — Tenho certeza de que você não se esqueceu o quanto éramos ótimos juntos. Sei que podemos conquistar o mundo, Mel. Você e eu, de novo.

Minha cabeça está girando, pronta para explodir com cada palavra que deixa a boca dele.

— Nunca mais voltaremos a ser o que éramos, Alexandre. — Esclareço, pausadamente. Ele levanta o olhar em direção ao meu.

— Tem razão. Podemos ser melhores! — Responde, confiante.

— Você não tem namorada? — Questiono.

— Posso me livrar dela. — Ele diz, calmamente. Como se ela fosse um copo descartável. Da mesma forma que *fez comigo*.

— Então eu não entendi errado. Você não quer apenas que eu volte para a sua vida *profissionalmente*.

— Nunca quis, Mel. — Confirma, com aquele ar arrogante que em algum lugar da minha mente já julguei como confiança.

— E quando você decidiu isso?

— Faz tempo que penso na gente. Troquei de namorada algumas vezes e percebi que não senti nada com elas, nada semelhante ao que senti com você.

Se fosse há alguns anos, eu me jogaria em seus braços assim que ouvisse essas palavras. No momento, estou movendo a cabeça inconformada comigo em lembrar o quanto fui patética. *Por ele.*

— Claro, e agora decidiu que é hora de eu voltar pra você. — Dou o sorriso mais falso que consigo. Coloco minhas mãos sobre meu colo porque percebo que comecei a tremer e não quero que ele note. Ele não vai conseguir o que quer.

— Ah, Mel! — Meu nome em sua boca soa muito íntimo e odeio a coisa toda. — Eu sei que você ainda sente algo por mim. Está na hora de voltar para casa, querida. Sei que você pode estar se divertindo com aquele seu namoradinho, mas você sabe que ele nem chega aos meus pés.

E aí está: a gota d'água. Ele conseguiu chegar a um ponto em que, definitivamente, não consigo me segurar. Apenas foda-se! Se essa é a minha oportunidade para publicar meu livro, então eu passo. Ele não vai me manipular, não dessa vez.

— Cala a tua boca! — Falo mais alto, e seu sorriso some imediatamente. Ele sabe que não estou brincando ou blefando.

— Mel, cuidado...

— Cuidado com o quê?

— Com o que você está querendo me dizer.

— Eu não preciso ter cuidado nenhum, Alexandre. A minha resposta é não! Não vou participar do seu joguinho, não vou ser uma marionete na sua mão, não *de novo*. Você não tem esse poder sobre mim. Ah, e outra coisa: o Theo é *mil* vezes melhor do que você!

Vejo suas narinas se dilatarem enquanto passa a mão novamente pelos seus fios de cabelo.

— Você está jogando uma carreira de sucesso no lixo, *por ele*?

— Não estou jogando nada no lixo, Alexandre. Eu não preciso de você pra nada!

— Aí que você se engana, Mel. Da mesma forma que estou te abrindo portas, posso fechá-las. Você sabe disso!

— Foda-se! — Respondo enquanto me levanto. — Não estou interessada em nada vindo de você.

Ele ri. Uma risada falsa e escandalosa.

— Se você não estivesse interessada, não estaria aqui, em primeiro lugar. Você está desesperada, e *eu sei*.

— Não a ponto de aceitar o que você tem a me oferecer! — Disparo.

— Estou te oferecendo uma vida cheia de sucesso, ao meu lado.

— Passo! — Me viro em direção à porta e Alexandre se levanta, me alcançando antes que eu a cruze. Ele segura meu braço e faz com que eu lhe encare.

— Depois não adianta vir me implorar pra aceitar você de volta, Mel. — Ele diz, no meu ouvido. — Ou aceitar os seus livros medíocres... — Meus olhos enchem de lágrimas no mesmo instante, mas não vou chorar na frente dele.

— Isso nunca vai acontecer! — Olho em seus olhos e puxo meu braço do seu toque, indo em direção à rua sem olhar para trás. *Eu nunca mais vou olhar para trás*.



Agradeço aos céus por ter vindo de carro, porque assim que me acomodo dentro dele, permito que as lágrimas lavem meu rosto. Elas continuam por todo o caminho de volta e também quando entro em meu apartamento. Theo não está, por isso me jogo no sofá para chorar mais um pouco. Choro tanto, que até começo a soluçar, simplesmente não consigo parar. A humilhação dói, o meu passado dói. Tudo dói.

Não ouço quando Theo volta ao apartamento, apenas quando se aproxima de mim, perguntando o que aconteceu. Não digo nada, apenas uso seu abraço para chorar mais, de forma nada silenciosa. No futuro, sei que vou me envergonhar dessa cena, só que esse não é o momento.

Theo me deixa chorar em seu ombro, acariciando meu cabelo. Então percebo que ele fica tenso, me afastando lentamente dele, segurando meus dois braços.

— Quem, Melissa?

— Quem o quê? — Fungo.

— Quem fez isso com você? — Seus olhos verdes estão escuros, ferozes.

Ele está *com raiva*.

Não digo nada, apenas o encaro.

— Quem fez isso com você, Melissa? — Ele repete. — Com quem você estava? — Pergunta pausadamente.

— Alexandre. — confesso, simplesmente. Vejo Theo cerrar os punhos, mas ele não me pergunta o que eu estava fazendo, o que aconteceu. Apenas diz:

— Eu já volto. — E sai do apartamento.

Encaro a porta por algum tempo, esperando que Theo retorne. Mas ele não faz isso. Nem nos próximos trinta minutos. Uma hora. Duas horas.



23- Theo

Eu sei que o mais sensato da minha parte seria ficar com Mel no momento em que ela precisava de mim. Mas, sinceramente? Estou cansado de vê-la magoada, de vê-la sofrer. Por um tempo, achei que isso tinha ficado no passado, nos longos anos de bullying, mas os idiotas crescem e se tornam babacas como Alexandre. Não consigo nem mencionar seu nome sem que eu queira socar a cara dele. Quer dizer, socar a cara dele *novamente*.

Por isso, não me culpo por ter ido à porta da Editora Renome, onde trabalha, e ter ficado lá, esperando que em algum momento ele saísse para almoçar. Não perdi ninguém de vista até que, claro, ele apareceu.

Nada se resolve com violência, correto? Errado pra caralho. Estou me sentindo muito melhor depois de ter colocado aquele babaca no lugar dele. Quem ele pensa que é para magoar a Mel? Só de me lembrar do olhar de superioridade quando nossos olhos se encontraram ou daquele sorrisinho idiota na cara dele... Acho que foi o estopim que eu precisava para nem dizer oi e ir direto para os finais.

Tenho certeza que as modelos com quem ele desfila por aí vão querer ficar bem longe depois do estrago que fiz naquela carinha bonita. Eu não deveria sorrir, mas é exatamente o que estou fazendo agora, apesar de não ter saído ileso, infelizmente. Em algum momento que não previ, ele revidou com um soco que acertou bem a minha sobrancelha. Já sinto um galo enorme se formar aqui, sem contar que não consigo nem tocar a minha testa.

— *Veio defender a namoradina?* — Ele disse, antes que meu soco acertasse seu olho esquerdo.

— *Ela vai voltar para mim, mais cedo ou mais tarde.* — Continuou, antes de acertar seu estômago.

— *Você nunca vai ser melhor do que eu, em nada. Você nunca vai fazê-la gozar como eu fiz e vou fazer novamente.* — nesse exato momento, eu simplesmente perdi a conta de quantas vezes o soquei, ele se tornou meu saco de pancada preferido.

Imbecil.

Eu não sei se teria parado caso os seguranças do lugar não tivessem me segurado. Ele não vale as lágrimas dela, ninguém vale as lágrimas dela. E se aquele babaca a fizer chorar novamente, garanto que não serei tão bonzinho.

Resolvo passar no mercado para comprar gelo e também algumas coisinhas bem necessárias para Mel. Espero, do fundo do coração, que ela não queira me socar também. Quer saber, tudo bem se ela gritar comigo ou até mesmo me bater como fez quando éramos crianças, vai ser por uma boa causa. Eu deixaria ela fazer isso quando quisesse, se isso significasse poder socar a cara daquele *fdp* de novo.

Quando estou passando no caixa do supermercado, os olhos da atendente voam direto para meu rosto, que deve estar ficando roxo no momento. Dou um sorriso desconcertado e saio dali rapidamente com as minhas compras. Na rua, uso uma vitrine para olhar o estrago enquanto toco no local. Uma dor aguda pulsa na minha cabeça. *Filho da puta.*

Mel deve estar preocupada. Sei que deveria responder às suas mensagens de uma hora atrás, mas estava ocupado tirando sangue da cara do ex dela. Além disso, não sabia exatamente como contar a situação, ainda mais por celular. Estou girando a maçaneta do apartamento e ainda não sei como vou explicar o que fiz. Para a minha sorte, ela não está na sala. Deixo as coisas sobre a bancada da cozinha e caminho sem fazer barulho. Ela também não está no banheiro, o que significa que deve estar em seu quarto.

— Mel? — Chamo-a enquanto bato na porta. Ela não demora nada para abri-la.

— Onde você ta... — Seus olhos vão direto para a minha sobrancelha ou para o galo enorme que se formou aqui.

— Theo, o que é isso? — Ela toca o hematoma, e dou um passo para trás, gemendo de dor.

— Ai! — Franzo as sobrancelhas e levo as mãos à minha testa novamente.

— Desculpa. — Ela retira a mão. Quando encaro Mel novamente, ela não parece tão abalada quanto antes. Não há lágrimas, apenas as pálpebras inchadas pelo choro.

— O que aconteceu? Você levou um soco? — Ela me olha com a boca aberta, literalmente.

— Você precisava ver o outro cara. — tento dar um sorriso sem graça.

Mel continua me encarando com a mão na cintura, como se estivesse esperando uma resposta.

— Tá bom, Mel. Não precisa me olhar assim. Vou te contar a verdade. — Dou um grande suspiro. — Eu soquei a cara do Alexandre — encaro-a. Ela coloca a mão na boca instintivamente, analisando meu rosto, de cima a baixo. Não acho que era bem o que queria escutar. Sei que não devo ter tomado a atitude mais adulta aqui.

Como ela não diz nada, chamo-a novamente.

— Mel? — Ela parece então despertar seja lá de onde estava.

— E por que você não atendeu minhas ligações ou respondeu às minhas mensagens, Theodoro? Eu estava preocupada! — ela me pergunta, séria.

— Eu estava ocupado... bem... socando ele — massagueio minha nuca, tentando fazer com que a tensão suma de mim. *Peraí, ela não está brava?*

— Você não tá brava? — Então, a última coisa que eu imagino acontece.

— Não — ela morde os lábios tentando segurar um sorriso. — Como ele ficou? — Arqueia as sobrancelhas, ainda segurando o riso.

— Péssimo! — Digo, animado. Percebo que tenho um sorrisinho nos lábios.

— Uhum... — Ela murmura, tentando manter o rosto sério. — Eu imagino, você sempre foi bom de briga.

— Só quando necessário... só quando necessário. — Me gabo.

E lá está, um sorriso cheio de dentes para mim. Eu realmente não esperava por essa.

— Preciso saber o que Alexandre disse sobre mim?

— Melhor não, Mel.

Sua expressão se altera para mais séria.

— Certo. — Ela olha para o chão. Toco em seu queixo para que olhe para mim.

— Nada que valha a pena. Ele definitivamente não vale.

— Eu sei. — Ela concorda, tristemente. E gostaria muito de dar mais alguns socos na cara daquele babaca por vê-la assim.

— Mel, o problema é que tenho certeza que estraguei qualquer chance de acordo entre vocês, com os livros, sabe? — Desvio o olhar.

— Eu não ia fechar nenhum acordo com ele, Theo. — Sua expressão é triste, carregada de mágoa. — Estou mais preocupada com a queixa que ele pode dar na delegacia.

— Não se preocupe. Não acho que ele vai, seria um baque enorme no ego dele. Além disso, meu irmão pode resolver esse contratempo, caso Alexandre se atreva. — Dou de ombros, despreocupado.

Thomás sempre disse que não estava se tornando advogado para me livrar das encrencas em que eu me meto, mas tenho certeza que ele viria correndo se eu precisasse.

Mel meneia a cabeça, como se eu não tivesse juízo.

— Ok, vamos dar um jeito nessa sua cara. — Ela ri e me puxa para a cozinha. É inevitável sentir aquele choquinho na mão, bem onde ela toca. Meus dedos deslizam suavemente sobre sua mão, aproveitando os segundos em que elas estão unidas.

— O que é isso? — Ela pergunta, fuçando na sacola que deixei em cima da mesa.

— Gelo e suprimentos para qualquer tipo de tristeza.

— Os suprimentos seriam sorvete com bolo?

— Exatamente. — Dou de ombros. Mel está pronta para protestar quando me adianto.

— Não quero nem saber desse papo de dieta, ouviu? O que vai acontecer vai ser o seguinte: você e eu no sofá, assistindo a um filme de terror e comendo bolo com sorvete.

— Ah, claro! — Ela revira os olhos enquanto coloca os cubos de gelo em uma sacolinha. Em seguida, os enfia bem na minha testa, sem delicadeza nenhuma.

— Ai! — Reclamo, me afastando. — Pode ser um pouco mais devagar?

— Claro, senhor mandão! — Ela finge estar brava enquanto eu sorrio como um bobo. Vejo a expressão de Mel se suavizar enquanto ela segura o gelo na minha testa, deslizando-o por todo o local machucado pelo idiota do Alexandre. Estou prestando atenção enquanto ela executa cada movimento. Em como seus olhos estão atentos e concentrados, como as sardas salpicam por seu rosto, em como ela franze a testa e morde o lábio. Ok,

definitivamente estou concentrado em sua boca, imaginando como seria beijá-la agora mesmo.

Acho que estou muito quieto, pois o olhar dela se direciona ao meu rosto. Mel franze as sobrancelhas quando percebe que meus olhos passeiam pelos seus e em seguida pela sua boca. Não estou disfarçando nem um pouco. Ela está me encarando agora, e seu olhar desceu tão rapidamente pela minha boca, tornando-o quase imperceptível. Mas *eu* percebi. Sei que a Melissa que me quis no chuveiro está em algum lugar aí dentro. Eu só preciso provocá-la para que se liberte. Toco seu braço estendido em minha direção, usando meus dedos para acariciá-lo, lentamente. Seu olhar segue o meu toque e então sinto sua respiração se acelerar. Seu peito sobe e desce rapidamente. Encaro-a sem desviar o olhar, ela faz o mesmo. Estou me aproximando lentamente do rosto dela quando o celular toca.

Mel então desperta do que estávamos fazendo e se afasta de mim, em um susto. Ela me olha, como se tivesse pedindo desculpas por atender o celular. Juro que tenho vontade de jogá-lo para longe.

— Alô? Ah, oi Eric!

Não pode ser! Que hora mais oportuna!

Mel me encara e gesticula com a boca um pedido de desculpas. Fico me perguntando sobre o que ela está se desculpando. Em atender a ligação do meu melhor amigo quando eu estava disposto a beijá-la? Ou por, de fato, estar saindo com ele?

Mel vai em direção ao seu quarto e não sei como ainda mantenho o rosto sério quando queria estar gritando e demonstrando todo os ciúmes que estou sentindo no momento. Antes que ela suma da minha visão, coloca a cabeça para fora e murmura:

— Obrigada! — Ela sorri. — Por tudo.

E, então, some para falar com Eric.



Eu não deveria me prestar a esse papel ridículo, só que aqui estou eu: com a televisão ligada ao fundo e minha orelha colada na porta do quarto, tentando ouvir qualquer coisa que seja. Para minha frustração ou talvez sorte, eu não consigo entender a maior parte da conversa, mas sinto minha respiração se acelerar quando pesco que ele a convidou para sair, *de novo*.

Só posso estar vivendo um pesadelo ou um dos plots que mais odeio nos livros, um triângulo amoroso. Ah não! Não estou disposto a dividir a Mel com ninguém e muito menos correr o risco de que ela se apaixone por ele, quando deveria se apaixonar por mim.

Estou em um conflito tão grande, que nem faço ideia de como agir. Não posso magoar Eric porque aí estaria fazendo o mesmo que Gabriel fez comigo. Por outro lado, acho que eles não têm nada ainda, então não posso considerar que seja a mesma coisa. Aline era minha noiva e Mel não é namorada do Eric - *não que eu saiba*. Só de pensar nisso, minha cabeça começa a doer. Eu vou ficar louco, não é possível!

Ouçõ-a encerrar a ligação e me jogo no sofá o mais rápido possível. O estalo é tão grande que fico com medo de tê-lo quebrado. Afofo o estofado e tudo parece estar no lugar. Ufa! Meu teatro continua quando Mel coloca a cabeça para fora do quarto e finjo estar procurando algo na Netflix.

— O nosso filme com sorvete ainda está de pé ou você ganhou novos planos com o Eric? — Encaro-a, tentando soar razoavelmente equilibrado, só que, pelo menos para mim, é óbvio que estou com ciúmes.

Ela encosta a cabeça no batente da porta sem dizer nada por algum tempo, apenas me encarando.

— Não mudei de planos, Theodoro. Falei que assistiria ao filme com você, então é isso o que vamos fazer. — Ela bufa, e eu sorrio. Um sorriso convencido no meu rosto de: “dessa vez eu ganhei, Eric”.

Mel senta-se ao meu lado e rouba o controle da TV, passando por todos os filmes de terror possíveis. Quero saber o que conversaram ao telefone, mas não pergunto. Em vez disso, vou em direção à cozinha e preparo nosso sorvete com bolo. Quando estou de volta, os olhos de Mel encaram os doces com hesitação, o que acende um alerta gigante na minha cabeça. Ela não faz isso de vez em quando, ela faz isso *sempre*. Se priva da comida na maior parte do tempo e tenho medo de que eu esteja olhando para a Melissa de dezessete anos. A bulimia não começou da noite para o dia. No começo, ela comia o mínimo possível. Depois passou a comer muito mais, porém, para compensar, colocava a maioria das refeições para fora logo em seguida.

Mesmo com sua relutância, coloco o pote em sua mão e lhe ofereço uma colher.

— Está com uma cara ótima, Mel — digo, enquanto levo uma colherada à boca. — E gostoso também. — Completo.

Ela olha de mim para o pote e do pote para mim. Então, antes que tenha tempo de pensar, coloco a colher próxima de seus lábios.

— O que é isso? — Ela me encara, desconfiada.

— Sou eu retribuindo o dia em que você me deu comida na boca.

Melissa me olha como se estivesse me avisando para eu tomar cuidado com o que falo, antes que ela tenha que socar a minha cara também.

— Nenhuma palavra sobre isso, *Theodoro* — murmura.

— Você disse que eu não poderia contar pra ninguém, e não que eu não deveria tocar no assunto.

— Devia ter deixado você sofrer com os hashis.

— Você não seria tão má.

— Até parece que não me conhece. — dá um sorrisinho maroto.

— Abre a boca, vai! — Ela abre a boca, literalmente, mas não porque está me obedecendo, e sim, porque está chocada com a minha audácia. Enfiio a colher boca adentro, e Mel não tem outra opção a não ser saborear essa combinação dos deuses.

— Confesse, está uma delícia, não é?

— Você, literalmente, enfiou na minha boca — Protesta. Passo a mão nos lábios, imaginando outra coisa que eu poderia enfiar na boca dela e dou um sorrisinho.

— Não tem graça! — Ela continua, com a boca cheia.

— Não é o que parece, já que você está lambendo os beiços.

Mel está pronta para reclamar, quando levo a minha mão até seu lábio inferior, limpando um pouco de sorvete que ficou ali. Melissa paralisa, e como eu estou jogando todas as minhas armas para cima dela, chupo o restante de sorvete do meu dedo.

— Delícia! — Murmuro com um sorriso descarado na cara enquanto ela me olha, boquiaberta.

— Isso não vai funcionar comigo, *Theodoro*.

— O quê? — Pergunto, como se não soubesse.

— Você sabe muito bem o que... — Ela me ignora e, finalmente, dá play em um filme chamado *O Homem Invisível*.

Melissa não está mais olhando para mim, mas sei que a afetei, apesar dela negar com todas as forças. Sei que a afeto, porque me aconchego nela, com a desculpa de que preciso ficar mais confortável para ver o filme, e ouço sua respiração se acelerar. Depois de anos, sei que ela não é tão imune a mim assim e a constatação faz com que eu abra um enorme sorriso, mesmo enquanto assisto a uma mulher na TV tentando fugir do ex maluco dela.



24 - Mel

É oficial: meu eBook foi lançado hoje, mais especificamente às 00h01. Estou tão feliz e, ao mesmo tempo, tão apavorada. Nas últimas semanas, corri para que isso desse certo, acertei todos os detalhes enquanto Amanda trabalhou na capa para mim e Nathalia no marketing. Estava incerta sobre qual lançar primeiro, visto que já escrevi quatro histórias. Theo foi fundamental nessa escolha: é óbvio que ele preferiria “Sempre foi você”, o primeiro livro que escrevi e que o obriguei a ler.

Admito que quando Nathalia me sugeriu que me lançasse como escritora independente, não fiquei tão animada com a ideia. Mas o encontro com o meu ex, há três semanas, me fez ter uma perspectiva diferente. Eu sabia que ele cumpriria com as ameaças e que portas seriam fechadas para mim. Por isso, tive que agir o mais rápido possível.

Faz três semanas que enfrentei Alexandre. Três semanas que ele tentou me humilhar novamente. Dessa vez, eu não deixei, não como no passado. Ele não é meu dono ou dono da minha vida, ele não define se meus livros são bons ou medíocres. Talvez, se eu tivesse pensado assim logo que me separei dele, não teria jogado meu sonho para debaixo da cama, junto com todas as coisas esquecidas. Talvez tivesse publicado meus eBooks bem antes, anos atrás.

Deixei que invadissem a minha vida e os meus pensamentos e, mesmo quando ele não estava mais aqui, continuei me lembrando dele, pensando em como eu não era suficiente, em como eu poderia ter evitado erros que julguei decisivos para o fim do nosso relacionamento. Erros, como não ser magra

como as mulheres com quem ele costumava sair, ou não ser confiante ou bonita o suficiente para que ele tivesse orgulho de me ter ao seu lado.

A minha autoestima não mudou da noite para o dia, mesmo agora é difícil estar feliz comigo mesma, olhar no espelho e gostar do que vejo - ainda luto contra a balança, ainda estou em busca de algo que nem sei o que é. Só que, com a volta de Alexandre à minha vida, percebi que ele foi e é um completo babaca. Eu sei que não fui perfeita no nosso relacionamento, assim como ele também não.

A diferença é que eu nunca brinquei com os sentimentos dele, mas ele brincou com os meus. Meu ex é tão cheio de si, que acha que, mesmo depois de tudo o que fez comigo, ainda vou voltar para ele, apesar de ter me humilhado de todas as formas possíveis. Tenho vontade de chorar por todas as vezes que corri atrás, que implorei para que voltasse para mim. Não estou tirando a culpa dele, porque ele tem muita, mas eu deixei que fizesse isso comigo. Alexandre só precisava estalar os dedos para que eu estivesse em seus braços novamente. Me joguei tão baixo que, mesmo após quatro anos do nosso fim, ele ainda acha que voltarei correndo. A resposta para tudo é: isso nunca mais vai se repetir.

Faz três semanas que bloqueei seu número, desde que ele me ligou bêbado, falando que eu voltaria para ele, mais cedo ou mais tarde e que, apesar de me fazer de difícil, ainda sou louca por nossa história de amor. A única coisa que respondi foi:

Gostaria de ver a sua cara depois que o meu namorado te deu uma surra.

Senti a ira dele pelo telefone. Ainda assim, não chorei ou me senti mal, pelo contrário: eu sorri. Da mesma forma que fiz quando Theo me contou. Até eu me surpreendi com a minha reação: como se finalmente ele tivesse pagando, mesmo que fosse um pouquinho, por tudo o que fez comigo - eu não poderia ser mais grata por Theodoro ter feito aquilo. Porque se não fosse ele, seria eu a responsável por socar a cara do meu ex.

Infelizmente, Theo está de mudança novamente. Conseguiu outro apê no mesmo prédio, com outra imobiliária. Estou feliz por ele, só estou triste por mim. Me acostumei com sua presença, com seu sorriso, com seu cheiro.

Vai ser estranho não tê-lo por perto, mesmo que seja só à noite, quando costumamos jantar juntos ou ver um filme - ele anda muito ocupado com o projeto do game, e eu com o lançamento do eBook. Como parte da nossa

lista de desejos, nos ajudamos na maior parte do tempo, pois queremos riscar o item 7 e 8 o mais rápido possível.

Por causa do Theo, voltei a acreditar nisso. Tenho certeza de que ele vai lançar um jogo incrível e agora acredito que eu também possa ser uma escritora de sucesso, o que, para mim, é poder viver dos meus livros, literalmente, da minha arte. Não sei se esse lance de escritora independente vai dar certo, *“só que eu nunca vou saber se não tentar”*. Palavras do Theo, não minhas.

Olho para a sala e encontro apenas a última mala, que ele virá buscar mais tarde, assim que sair de uma reunião para acertar os retoques finais do game. Gostaria de me encontrar com todo mundo hoje para celebrar minha conquista, mas estão todos ocupados em seus empregos, então a comemoração ficará para sábado.

Desperto dos meus pensamentos quando meu celular toca e vejo que é uma mensagem de Eric.

Eric:

Parabéns, linda! Você merece todo o sucesso.

Esboço um sorriso idiota para a tela. Nas últimas semanas, temos saído com frequência e ele tem aparecido aqui, ainda mais agora que Theo passa quase o dia todo fora. Eric prefere vir quando meu companheiro de apê não está, pois não quer que o amigo fique chateado.

Eu nem acredito que estou dizendo isso. A Melissa de dezessete anos não acreditaria, a de vinte e cinco está aceitando os fatos aos poucos. E a novidade é: três noites atrás, Eric me beijou. Estávamos voltando do boliche, que foi divertido pra cacete. Eu ri muito ao lado dele e estava tão feliz. Ele não poderia ficar no apartamento, até porque Theo ainda está aqui e seria bem estranho, na verdade. Então Eric se ofereceu para me levar até a porta. Lembro-me de virar as chaves na fechadura e então olhá-lo. Nos segundos seguintes, ele colou seus lábios no meu, sua língua pediu passagem na minha boca.

Algo que fantasiei por muitos anos estava finalmente se concretizando. E foi bom, muito bom, até ficar totalmente estranho, quando Theo apareceu atrás da gente, fazendo um barulho altíssimo com a garganta e nos olhando como se tivéssemos cometido um crime. Ele estava *me olhando* como se eu estivesse cometido um crime. Seus olhos verdes não

tinham o brilho habitual, estavam sombrios e frios. Meus olhos voaram até seus punhos, que estavam fechados.

Se não o conhecesse o suficiente, diria que estava com ciúmes. Mas ciúmes de mim ou do seu melhor amigo invadindo seu espaço? A verdade é que tem sido muito difícil decifrá-lo nas últimas semanas. Às vezes, penso que está abertamente flertando comigo e no segundo seguinte, balanço a cabeça como se isso não fosse possível. Eu sei que eu o vi nu e que fiquei pensando coisas, mesmo quando disse a mim mesma que não o enxergava dessa forma, sei também que olhei para sua boca imaginando como seria beijá-lo por mais vezes do que considero saudável, e sem contar da última vez que sonhei com ele, *na minha cama*.

Esses pensamentos têm me deixado louca, mas tento afastá-los todas as vezes que me lembro da tal Aline, em como ele ficou abalado quando falou com ela. Além disso, estou saindo com Eric, algo que eu sonhei por muitos anos, e não posso estragar isso pensando em Theo.

Ele e eu fomos amigos no passado, nada mais do que isso. Theo e eu somos amigos no presente ou bem próximo disso. Não quero pensar na possibilidade que ele sinta algo diferente por mim e eu por ele. Por isso, tento ignorar esses pensamentos insanos da minha cabeça e o fato de que Theo anda mais frio comigo nos últimos dias, desde que me flagrou com Eric.

A teoria, entretanto, parou de ser sustentada hoje porque, antes de sair para mais reuniões, ele me acordou com o café na cama, dizendo que era o mínimo que uma escritora de sucesso merecia, e com um sorriso enorme no rosto. Eu também ignorei o frio na barriga que tive assim que ele se aproximou ou como meu coração disparou quando me deu um abraço, me parabenizando.

Theo me disse também que seria o primeiro a comprar, e foi, porque o vi baixando meu livro. Fica difícil não confundir os sinais quando ele está sendo tão maravilhoso assim comigo. Era muito mais fácil quando apenas me tirava do sério. Ignoro mais uma vez esses sentimentos confusos, pois não preciso ficar pensando nisso. Estou com Eric e estou bem assim.

Aproveito a ausência de Theo para direcionar meus esforços para o marketing do meu livro. Escrever não é a parte mais difícil da coisa. Divulgar o meu trabalho, sim. Por isso, me concentro na tarefa pelo resto do dia.

Os anos de trabalho nas editoras me deram uma bagagem enorme sobre o meio, então sei que preciso trabalhar meu networking: já comecei a me conectar com pessoas no LinkedIn, além de produzir conteúdos para o Instagram, Tiktok e Twitter. Em falar nisso, tenho cerca de 501 seguidores no Instagram - o que é algo muito bom, visto que comecei essa conta do zero há três semanas. Tenho certeza que Nathalia forçou todo mundo de sua empresa a me seguir, o que traz um sorriso aos meus lábios. Me considero uma pessoa sortuda por ter amigos de verdade, amigos que me apoiam, mesmo quando eu acho que estou me jogando em uma loucura sem fim.

Depois de riscar todos os itens que tinha para fazer, me concentro no painel de vendas do meu eBook. Sei que não é algo saudável, mas fico atualizando-o o tempo todo. Tive quinze vendas até o momento, o que é ótimo, mas sei que essas vendas partiram dos meus amigos e da minha família. Meus pais me ligaram em chamada de vídeo mais cedo, falando como estavam orgulhosos de mim e como já estavam com os eBooks deles. Sei também que a mãe do Theo comprou o dela. Quer dizer, a Dona Margareth forçou todo mundo a comprar também, o que inclui o seu marido e Thomás. Fico pensando se ela também mandou Theo comprar, gostaria de ver a reação dele, já que nem a família dele ou a minha imaginam que voltamos a ter contato.

Minha mãe tentou tocar no assunto novamente para que eu ligasse para ele, e simplesmente desconversei, o que ela entendeu como: “não quero ter contato com o Theo” e não como “não preciso ligar pra ele porque ele está morando comigo”. Admito que seria engraçado ver a reação dela, mas explicar toda a situação seria cansativo demais, então nos mantemos assim.

Atualizo o painel de vendas novamente e vejo o número subir para 115. Vendi mais cem livros. Não acredito! Aperto F5 freneticamente para ver se está certo e o número continua o mesmo. Meu Deus! Como assim mais cem pessoas compraram o eBook? Meu coração dispara e começo a rir sozinha, depois, a chorar. Estou rindo e chorando ao mesmo tempo quando ouço a porta se abrir. *Theo*.

— Mel, o que aconteceu? — Ele me encara, franzindo o rosto.

— Eu acabei de vender mais de cem livros, Theo! — Começo a rir e chorar novamente.

— É sério? — Seus olhos brilham para mim, enquanto me encara.

— Sim, olha aqui! — E mostro para ele o painel de vendas.

— Isso é maravilhoso! Parabéns, eu sabia que você conseguiria! — Ele me puxa da cadeira para um abraço e me rodopia. *Estou feliz, tão feliz.*

Theo me coloca no chão e sorri fracamente para mim, enquanto coloca meu cabelo atrás da orelha suavemente. Seus olhos estão em mim, os meus olhos estão nele e, nesse momento, paro de rir. Meu coração está a ponto de sair do peito e minha respiração se acelera enquanto ele analisa meu rosto todo, sem dizer uma palavra. Sua expressão é calma, como se contemplasse o momento.

— Tenho uma surpresa pra você! — É ele que rompe o silêncio.

— Qual? — Questiono, curiosa. Então, ele vai até o balcão da cozinha e retira algo escondido ali. É um buquê enorme, de hortênsias roxas - *minhas preferidas.*

— Theo... — Murmuro, quase chorando. Ele apenas dá de ombros. Quando aproximo as flores do meu rosto, encontro um pequeno cartão, que abro no mesmo instante.

*Eu sempre serei seu fã número 1
Estou tão orgulhoso de você.
Com amor,*

Theodoro.

É impossível segurar as lágrimas que rolam pelo meu rosto. Abraço-o novamente, apertando-o firmemente e, dessa vez, não me importo se meu coração acelerou enquanto meu corpo se juntou ao dele.

— Obrigada, *Theodoro!*

— Você merece o mundo, Demoniazinha. Nunca se esqueça disso. — Ele diz enquanto acaricia meu cabelo.

Theo e eu passamos as próximas duas horas dividindo um vinho que ele trouxe e beliscando o jantar. Ele parece entusiasmado falando da Stella e do Aaron, os personagens do meu livro, e só consigo sorrir igual a uma idiota. Eu rio quando ele fala que gosta do slow burn, mas prefere o fast burn, onde o casal fica junto rapidamente. Vejo seus olhos brilharem quando menciona o primeiro beijo dos meus protagonistas. É fascinante perceber que não está

fingindo nem um pouco. Ele realmente gostou do meu livro e essa informação faz meu coração dar pulinhos.

Depois de passarmos muito tempo juntos, ele está na porta, de saída com a sua mala.

— Obrigada por tudo, novamente — agradeço.

— Não quero que você me agradeça mais, Melissa. Por nada. Eu que preciso te agradecer por me suportar por mais de um mês na sua casa.

— Eu poderia te tolerar mais um tempinho. — Pisco para ele, que abre um sorriso.

— Eu sei que, no fundo, você me adora, nem adianta negar.

— Ah, Theodoro, isso você nunca vai saber. — Ele balança a cabeça negativamente.

— Algumas coisas nunca mudam. — Ele diz.

— Ah, é? — Franco a testa.

— Sim! Por exemplo: eu tive tanto orgulho de você no passado, Mel, e isso definitivamente não mudou.

Encaro olhos verdes brilhantes.

— Obri...

— Xiuuuuu, nada de agradecimentos, se lembra? — Ele coloca os dedos sobre os meus lábios e concordo com a cabeça.

— Sempre terei orgulho de você, Demoniazinha. — Dá um beijo em meu rosto e se direciona ao elevador. Fico parada na porta, observando-o, até que ele some do meu campo de visão. Continuo após isso e percebo que não estou preparada para o sentimento que invade meu peito no mesmo instante: saudade.



25- Mel

É sábado e estamos em um karaokê para finalmente comemorar a publicação do meu livro, nem acredito que isso está realmente acontecendo. Apesar de ainda não conseguir um contrato com uma editora tradicional, agora sei que, nesse meio tempo, posso tentar ser uma escritora independente. Para ser sincera, eu sabia da possibilidade, só nunca me imaginei assim, acho que estava presa na forma como as coisas funcionavam antes. Hoje há mais flexibilidade, mais opções e agora tenho consciência de que posso me arriscar.

Meu livro “*Sempre foi você*”, que escrevi quando tinha apenas dezessete anos, já está entre os mais vendidos da Amazon após dias de lançamento e, às vezes, quero me beliscar para ter certeza de que é real, de que as pessoas realmente estão gostando do que escrevo. Eu vendi cento e quinze eBooks no primeiro dia, o que me ajudou a subir no ranking e fazer com que outras pessoas me encontrassem dentro do site.

Admito que achei que não teria nenhuma compra ou, no máximo, uns dez livros vendidos, porque sei que as pessoas que estão na mesa comigo comprariam, além dos meus pais, claro. Fora isso, estou quase acreditando em um milagre.

Meus olhos se concentram no garçom que chega com a minha dose de tequila. Não bebo tequila somente quando estou triste, ela também serve para comemorar, e hoje é um dia de celebração. Eric está ao meu lado, roçando sua mão na minha. É muito estranho pensar que meu crush da

adolescência está finalmente segurando a minha mão e que me beijou - assim como imaginei por quase dois anos enquanto estive próxima dele.

Do meu lado está Amanda e do lado dela Nathalia e Theo. Passaram-se alguns dias desde que ele deixou meu apartamento e é a primeira vez que o vejo, desde então.

Amanda está cochichando no meu ouvido, dizendo que Nathalia está se iludindo com Theo porque ele, claramente, não está interessado. Acho que Amanda está ficando paranoica, já que minha amiga está apenas sentada ao lado dele. Não é como se estivessem namorando ou ficando, eu acho. O pensamento dos dois juntos, no entanto, dá um nó no meu estômago.

— Xiuuuuu — murmuro a ela.

— Tá o maior barulho aqui, ninguém está ouvindo. — Ela diz.

Sussurro novamente no ouvido de Amanda.

— Por que você está tão encanada com isso, Amanda? Está querendo entrar na competição também? — Respondo, meio sem paciência.

— Quê? Tá doida?! Claro que não é isso!

— Pensei que caras como Theo faziam o seu tipo.

— Mulheres como você também fazem o meu tipo e não significa que eu pule em você, né? — Olho para ela de soslaio e dou uma risadinha, suavizando minha expressão.

— Então, o que é? — Pergunto enquanto bebo um pouquinho do mojito que acabou de chegar à mesa.

— Amiga, eu não daria em cima desse homem nunca porque ele tem olhos apenas pra uma pessoa, e não é a Nathalia.

Arqueio uma sobrancelha para ela, pois já estou imaginando a fanfic que vai sair daqui.

— Hum. — Respondo, sem dar muita atenção.

— Mel, qual é? — Ela me puxa para que eu a encare.

— Qual é a sua teoria dessa vez? — Pergunto, com uma expressão entediada no rosto.

— A mesma desde o dia em que Theo voltou pra sua vida. Ele está a fim de você. A fim, não. Esse homem arrasta um caminhão por você, Melissa. É muito óbvio pra mim e acho que deveria ser pra todo mundo nessa mesa.

Não contei nada para Amanda ou Nathalia sobre as últimas interações que Theo e eu tivemos e sobre como me senti estranha com ele, algumas vezes. Não preciso dar munição para a mulher de tranças longas sentada ao meu lado.

— Amanda, já disse que você deveria escrever uma história, sua imaginação é ótima! — Desconverso.

— Ah, é? Então, vamos fazer algo.

— O quê? — Reviro os olhos.

— Quero que você disfarce, tá bom? Assim que eu disser o que você tem que fazer.

— Claro. — Entro na brincadeira.

— Quero que olhe na direção do Theo e me diga se ele está olhando para Nathalia ou para você.

— Isso é ridículo, sabia?

— Faz o que tô falando, Melissa!

— Tá bom. — Concordo em meio à música alta e às pessoas desafinadas que preenchem o ambiente.

Mexo no cabelo, olho para o palco. Depois, meus olhos seguem a direção das pessoas distribuídas em diversas mesas e daquelas mais animadas que estão em pé para curtir a cantoria. No entanto, quando meus olhos caem em Theo, ele está olhando fixamente para mim, me observando atentamente, com uma expressão indecifrável no rosto. Desvio o olhar rapidamente e me volto à Amanda, que sorri.

— Nem precisa me dizer que ele *está* olhando.

— Como você sabia disso?

— Meu Deus, Melissa! Você sempre foi lerda assim? Ele gosta de você, arrisco dizer que ele mais do que gosta de você!

Analiso o rosto de Amanda e sei que ela acredita fielmente nisso, e estaria mentindo se não admitisse que, no fundo, também quero acreditar.

— Ele nunca disse nada sobre isso, Amanda. Ele nunca disse que gostava de mim assim.

— Tá bom — ela assente. — Se ele tivesse dito, você teria acreditado?

Ouch, uma facada doeria menos. Admito que não consigo nem acreditar que Eric está ao meu lado. Pensar em Theo da mesma forma faz meus neurônios fritarem, o que não quer dizer que *não pensei*.

Meus olhos estão quase na minha testa com a pergunta que Amanda acabou de fazer, mas sou interrompida por Eric, que me cutuca avisando que vai ao banheiro.

— Tudo bem. — Aceno a ele.

— E então, Mel? — Amanda me chama a atenção novamente, ignorando completamente que comecei a ficar com Eric.

— E então nada! Não tenho uma resposta para uma afirmação que nunca foi feita. — Respondo, inquieta. Amanda gosta de alugar um triplex na minha cabeça.

Quando me volto novamente em direção a Theo, ele não está mais na cadeira.

— Onde o Theo foi? — Pergunto a Nathalia.

— Não disse, só falou que precisava fazer algo.

— Que estranho. — Respondo.

Antes que tenhamos tempo em pensar em mais alguma coisa, nossos ouvidos são preenchidos por uma melodia familiar e quando olhamos para o palco, Theo está lá, com um microfone na mão. *Meu Deus!*

— O que ele vai aprontar? — Amanda pergunta.

— Não faço ideia — respondo.

Eric está de volta ao meu lado e fica, literalmente, de boca aberta quando nota que seu amigo está no palco.

— Ele falou pra você que iria cantar? — Pergunto a Eric.

— Não e muito menos cantar... *Taylor Swift*? — Ele devolve o questionamento a mim.

— Eu nunca vi o Theo cantar as músicas da Taylor na frente de estranhos. — Digo mais para mim mesma do que para Eric.

— Nem eu. — Ele assente.

Enquanto encaramos o cara alto que está no palco, recebendo gritinhos de diversas mulheres, ficamos quase de boca aberta. Então, Theo começa a entoar os versos de *You Belong With Me*.

*You're on the phone with your girlfriend, she's upset
(Você está no telefone com sua namorada, ela está chateada)*

*She's going off about something that you said
(Ela está implicando com algo que você falou)*

Eu gostaria de dizer que o Theo é desafinado e canta mal para caramba, só que não é o que acontece, porque o cara em cima do palco canta muito bem, melhor do que eu, com certeza - *algo que nunca admitiria em voz alta, claro.*

Theo começa tímido e vai se soltando aos poucos. A plateia vai ao delírio. Não é todo dia que vemos um homem daqueles cantando músicas da Taylor Swift, certo?

E por que estou fazendo esse tipo de observação? O fato é que nossos olhares se cruzam e eu simplesmente não consigo desviar. Não percebo, inclusive, que sei a letra de cor e salteado e que estou movendo meus lábios junto com a melodia.

— Mel, se não era óbvio antes, é óbvio agora. O cara está cantando essa música pra você. Acorda! — Amanda balança a cabeça inconformada com sua “descoberta”.

— Amanda, não começa. — Advirto-a. Então, viro-me para frente e vejo que Theo está sinalizando para que eu suba no palco *com ele*. *Ah, não!*

— Mel, acho que o Theo quer que você cante com ele. — Eric sugere.

— Você deve ter entendido errado, Eric. — Respondo. Vejo ele franzir a testa.

Porém, logo em seguida ouço meu nome no microfone e juro que quero me esconder embaixo da mesa. Alguém chame o bombeiro, porque tenho certeza que minha cara está pegando fogo.

Amanda então me empurra em direção ao palco, totalmente contra minha vontade, e depois caminho sozinha, como a adulta que sou. *Ou acho que sou*. Theo me dá a mão para que eu possa subir e então me entrega o microfone. Ele já está íntimo da plateia, que canta com ele. Eu, *lógico que não*.

Ele pega a minha mão e começa a cantar novamente, sem olhar para a letra que corre na televisão. Porque é óbvio que ele não precisa ler. Por incrível que pareça, *eu também não*.

Estou começando a cantar de forma quase inaudível no microfone enquanto ele está todo animado ao meu lado. Ouço gritinhos vindo de todos os lados, inclusive da minha mesa, da boca de Nathalia e Amanda. Tento não me concentrar na plateia para não fazer papel de idiota aqui em cima.

— Sou eu, Mel. O mesmo cara que sempre cantou essas músicas com você no seu quarto. Vamos nos divertir. — Ele diz fora do microfone.

Meneio a cabeça lentamente e, dessa vez, pronuncio alguma coisa entendível.

Ele, então, continua.

If you could see that I'm the one
(*Se você pudesse ver que sou o único*)

Who understands you
(Que te entende)

Been here all along
(Estive aqui o tempo todo)

So, why can't you see?
(Então, por que você não consegue ver?)

You belong with me
(Seu lugar é comigo)

O mais assustador, no entanto, é que Theo não olha para a plateia, apenas para mim e juro que estou *quase* acreditando na Amanda. Isso não é possível, é?

Saio do meu transe, pois Theo quer que eu cante, assim como fazíamos quando éramos mais novos. Então, por alguns momentos, silêncio a minha cabeça e apenas me deixo levar. Ele está realmente dando a vida pela música, assim como eu também. Estamos quase com os microfones colados um ao outro, nós dois cantando como se não houvesse amanhã.

Começo a seguir a performance dele e tento cantar mais alto. Ouço gritinhos de todos os lugares, mas não me importo em olhar. Me sinto segura aqui, nesse momento. Estamos no final da música, quando deixo que Theo cante sozinho e ouço as mulheres, e alguns homens, indo à loucura. Seus olhos, porém, ainda estão em mim.

Bem na parte que ele canta :

Why can't you see?
(Por que você não consegue ver?)

You belong with me.
(Seu lugar é comigo)

Consigo ouvir meu coração batendo forte e, por um momento, minha cabeça começa a silenciar todo o barulho em volta e presto atenção nele, somente nele.

As covinhas, o sorriso enorme, a profundidade do seu olhar, o jeito como me olha. Theo continua a letra, e tento acompanhá-lo com toda a força dos

meus pulmões, o que faz com que ele ria. Ele fica ainda mais lindo quando ri.

All this time how could you not know, baby?
Todo esse tempo, como você não sabia, querida?

Ainda bem que decidi colocar tênis, porque neste momento nós dois estamos pulando e cantando no palco o mais alto que conseguimos. Até que chegamos no último verso e paramos um de frente para o outro, ambos sorrindo e respirando com dificuldade.

You belong with me...
(Seu lugar é comigo...)

You belong with me...
(Seu lugar é comigo...)

Ainda estamos nos olhando, quando a plateia explode em aplausos. Um senhor de uns cinquenta anos sobe no palco e pede o microfone emprestado de Theo.

— Acho que tivemos a melhor dupla da noite, né, pessoal?

Todo mundo grita em coro um belo “sim”.

— Então, acho que eles merecem algo da casa, né? — O cara de cabelos um pouco grisalhos grita novamente.

— Siiimmmmm — responde o coro, de novo. Dessa vez, consigo enxergar Amanda e Nathalia de longe. Amanda está animadíssima, Nathalia nem tanto.

— Tudo bem, então esse lindo casal e seus acompanhantes vão ganhar uma rodada de cerveja da casa. — ele oferece enquanto nos olha.

Quero dizer que não somos um casal, mas mantenho essa observação apenas para mim. Theo, então, segura a minha mão e me guia um pouco para a frente do palco para que façamos uma reverência em agradecimento e novamente ouvimos aplausos.

— Parabéns, jovens! — O senhor, que deve ser o gerente do bar, diz.

— Obrigada.

— Obrigado. — Respondemos ao mesmo tempo.

Desço do palco na frente de Theo, sem encará-lo diretamente. Não sei mais o que pensar após o que aconteceu lá em cima. Muito menos sei se

tenho coragem de perguntar.

Theo me chama, mas sigo meu caminho até a nossa mesa, sem esperar por ele. O problema é que as coisas não melhoram quando chegamos lá. Sinto o clima esquisito de longe. Amanda está olhando para mim com uma sobrancelha arqueada, como se estivesse certa sobre o aviso, Nathalia nem tem coragem de me encarar e, bom, Eric está tentando, sem sucesso, fingir que está mexendo no celular.

Theo chega logo em seguida e obviamente sabe que o clima mudou. Sinto seu olhar em mim, só que não o encaro de volta. Em vez disso, me viro para Eric.

— Podemos ir embora?

— Ainda temos a rodada de cerveja que vocês ganharam no Karaokê — Amanda diz, despretensiosamente. Eric força uma tosse, que sei não ser verdadeira. Por isso, tenho a impressão de que ele também quer sair daqui.

— Vocês podem ficar se quiserem, mas estamos indo agora — aviso, sem olhar para ninguém especificamente.



Eric e eu passamos o caminho de volta para meu apartamento em completo silêncio. Meus pensamentos estão muito dispersos para que eu me sinta incomodada com a situação. Meus olhos se concentram nas ruas da cidade enquanto minha mente se volta a tudo o que Amanda disse, ao que Theo fez.

*Por que você não consegue ver?
Seu lugar é comigo*

Os versos cantados por ele voltam à minha cabeça. Theo sempre amou essa música, eu sei disso. Só que nunca a cantou direcionada a mim - não que eu me lembre, pelo menos. E o pior é que sei que é assim que nos comunicamos desde a escola. Começou como uma brincadeira minha,

porque tinha acabado de descobrir que ele era apaixonado por Taylor Swift. Então, comecei a mandar mensagens com a letra de suas músicas e, como ele também tinha descoberto que eu era (sou!) obcecada pela One Direction, fez o mesmo comigo.

Então, por mais que minha mente queira negar, admito que ele estava tentando falar comigo - da mesma forma que fazíamos quando éramos mais novos.

Sinto um zumbido no ouvido com essa constatação. Não pode ser, certo? Estou maluca, né? Theo? O Theo? O cara que me odiou à primeira vista, aquele que todas as meninas da sala queriam? O mesmo cara que eu jurei não querer? O que está acontecendo? Em que mundo estou? Não pode ser!

— Chegamos — diz Eric, quando estaciona o carro e me tira do transe.

— Quer subir? — Pergunto. Ele me dá um sorriso que não alcança seus olhos e confirma com a cabeça.

Já no apartamento, tento iniciar uma conversa sem saber para onde ela vai me levar.

— Eric... — Chamo-o.

Ele se aproxima de mim e toca meu rosto, balançando a cabeça discordando, talvez, das próximas palavras que ameaçam deixar a minha boca.

— Mel, está tudo bem. — Ele me abraça, mas não me beija.

Quando deixei este apartamento mais cedo, imaginei que poderia ser um ótimo dia para que Eric e eu déssemos um passo a mais. Eu daria um jeito disso acontecer, mesmo que fosse no escuro para que ele não pudesse ver meu corpo. Mas aí, a noite não acabou como imaginei. Meus pensamentos estão nebulosos e não consigo tirar olhos verdes da minha cabeça quando eu deveria focar nos castanhos à minha frente.

— Ele nunca admitiu, sabia? — Eric corta o silêncio, de repente.

— Como?

— Theo...

— O que você quer dizer?

— Ele nunca admitiu pra mim que gostava de você na época da escola.

Meus olhos percorrem o rosto de Eric rapidamente. Não sei se gosto do rumo dessa conversa.

— Eric, eu sei que sou um pouco lerda — dou uma risadinha — mas não tô acompanhando o raciocínio.

— Mel... — Ele segura minha mão, me guiando ao sofá. Sentamos lado a lado e Eric continua me olhando, com ternura.

— Eu já fiz essa pergunta a ele, no passado. Quando éramos adolescentes. Theo simplesmente desconversou. Então, é claro que eu suspeitei que ele gostava de você, pois, se não gostasse, por que não disse simplesmente “*não*”?

Sinto o ar sair dos meus pulmões ao ouvi-lo. Como assim? Eu já estou tentando lidar com a probabilidade de que talvez ele goste de mim no presente. Mas Theo gostava de mim no passado? Não, isso é impossível porque...

Olho novamente para Eric, procurando alguma explicação em tudo isso.

— Não pode ser. — Rio, desconcertada.

Eric me encara como se soubesse que estou tentando negar a situação a mim mesma, que estou tentando me enganar.

— Conheço o Theo muito bem, apesar dele não me contar tudo. Admito que, depois que te vi, no dia em que fomos ao evento, pensei muito em você. Sabe, a minha vida amorosa tem sido um desastre completo — ele ri, sem jeito. — E vê-la novamente me fez perceber que talvez eu estivesse saindo com as pessoas erradas.

— Com as modelos de revistas, talvez? — Solto, sem nem perceber.

— *Touché!* Eu sei que mereço essa. — Ele expira pelo nariz, cansado. — Não me leve a mal, Mel.

Sinto um gosto amargo na boca, como se Eric só tivesse me enxergado como um experimento, como se eu fosse algo que ele quisesse tentar. Diferente de todas as mulheres com quem já ficou. Posso dizer que essa confissão não faz nada bem para minha baixa autoestima.

— Então quer dizer que você só ficou comigo porque eu era diferente das mulheres a quem está acostumado? — Pergunto, tentando segurar as lágrimas que estão ameaçando sair dos meus olhos.

— Não, Mel. Porque eu enxerguei em você algo que não vi no passado. E sinto muito por isso.

Minhas bochechas estão a ponto de explodir, jamais deveria ter admitido que tinha um crush nele na época da escola. Sempre tem como eu me humilhar mais, *incrível*.

Eric toca no meu rosto, erguendo meu queixo para que eu o encare.

— Você não é nada menos do que linda, tá bom? Precisa acreditar nisso. Não estou dizendo da boca pra fora, me sinto muito atraído por você.

— Mas... — Continuo, porque sei que tem um “mas” aí.

— Mas não posso ser o cara no caminho do Theo, ele é meu melhor amigo. Ele não pode passar por isso de novo.

E só presto atenção nas palavras *de novo*.

— Do que você tá falando, Eric?

— Acho que o Theo é a pessoa que tem que te dizer isso, não eu.

Encaro-o, confusa.

Olho em seus olhos castanhos e sinto um aperto no peito. Sei para onde essa conversa está indo e também sei que é difícil se despedir de alguém que você quis por muito tempo, que desejou ter. Eu nem sei como estou me sentindo desde que deixei aquele karaokê. Definitivamente, não sei o que pensar.

— Isso é tudo muito confuso, Eric. — Balanço a cabeça em descrença.

— Talvez eu tenha mentido para mim mesmo, eu queria acreditar que ele não estava mais a fim de você, assim o caminho estaria livre para a gente, Mel. Poderíamos tentar, tenho certeza que seríamos ótimos juntos. Mas, depois de hoje, não há como negar. Para ser sincero, não há como negar desde que ele nos pegou juntos. Acho que foi óbvio para nós dois que ele ficou com ciúmes.

— Não sei o que dizer, não sei mesmo. Começamos a sair agora, não sei como me sinto. — Admito em voz alta.

— Mel, não tenho ideia se você vai ficar com ele, mas posso te afirmar que ele gosta de você. Eu deveria ter me tocado disso no momento em que ameaçou a sala inteira para te defender.

— Quê? — Pergunto, surpresa. — Do que você tá falando?

Eric suspira lentamente antes de continuar, então olha para mim novamente.

— Um dia antes de você chegar à escola, Theo fez questão de ameaçar todos os caras da nossa sala e dar um lembrete bem firme às meninas também. Disse que ninguém ali poderia mexer com você ou se veria com ele.

Acho que não sinto o chão sob meus pés. É impossível que isso tenha acontecido, Theo me odiava nessa época. Só nos tornamos amigos meses depois. Movo os lábios para dizer algo, mas sou interrompida por Eric.

— As pistas estavam todas lá, na minha frente. Na nossa, eu diria. Pelo fato, inclusive, dele ter dado o fora na Rafaela só para te acompanhar à festa de formatura.

Eu sei que nossa colega de sala queria ir com Theo ao evento e sei que ele disse não só para ir comigo. Porém pensei que estava fazendo isso para não me deixar sozinha, para que eu não me sentisse mal, sem acompanhante. Lembro que me mantive fiel à minha fantasia de que Eric, o mesmo que está à minha frente, me enxergaria e me chamaria para irmos juntos, que eu perderia o BV com ele na noite da nossa formatura. Fantasiei sobre tudo isso. Quero dar uma risada com esse pensamento, de verdade.

— Achei que ele estava fazendo isso por ser meu amigo, Eric.

— Tenho certeza que sim, Mel. Theo era seu amigo, só não acredito mais que era “só” isso.

Estou mergulhada em pensamentos quando Eric começa a se levantar do sofá. Ele estende sua mão para que eu faça o mesmo e, então, estamos de frente um ao outro. Ele cola seus lábios nos meus, lentamente, quase que suave demais. Não é um beijo, apenas um selinho. Seus olhos castanhos encontram os meus e, então, ele diz.

— Você merece ser feliz, Mel. Mas hoje descobri que não sou o cara certo pra isso. Talvez eu até brigasse com Theo por você, mas não teria chances, né? — Ele me encara e não respondo nada.

— Pelo menos, estou feliz em saber que o cara certo pra você é um ser humano incrível.

Sem que eu diga nada, Eric se vira em direção à porta.

— Foi ótimo sair com você, Mel — Ele diz.

— Foi ótimo sair com você, Eric. — repito, e é a única coisa que consigo dizer antes dele me dar um sorriso triste e me deixar ali, sozinha com meus pensamentos.



Theo

Giro a chave do apartamento da Mel. Ela deixou comigo, caso eu precisasse de um teto de última hora. Tenho ciência de que o certo seria tocar a campainha e dar a ela a opção de me receber ou não, ainda mais depois da forma como deixou o karaokê. Só que não estou preocupado com isso, preciso que ela me escute, dessa vez em alto e bom som. Eu a quero, como nunca quis algo na minha vida. E fui um tremendo filho da puta por fazer o que fiz hoje, com Mel e Eric. Entretanto, conheço meu amigo. Ele é maravilhoso, de verdade, mas não é o cara certo para ela, não é o que Mel precisa e sei que ele a machucaria, mesmo sem querer. Eu sou o cara para ela. Só tenho que convencê-la disso. E não vou sair desse apartamento até que isso aconteça.

Quando abro a porta, seus olhos castanhos me encaram assustados. Definitivamente, ela não estava me esperando aqui. Estou cansado de não lutar por ela, como deveria ter feito há muitos anos.

— O que você está fazendo aqui? — Ela me dá um olhar cortante. Uma mistura de confusão com raiva. Ela está com *raiva* de mim? Provavelmente. Eric era seu crush de adolescência, e eu praticamente destruí isso. Se não, acho que ele estaria aqui nesse momento. Só de pensar nas mãos dele em seu corpo faz o meu estômago revirar. Será que eles transaram? Estou começando a ficar maluco com isso.

— A gente precisa conversar, Melissa! — Digo, firmemente.

— E quem disse que *eu* quero conversar, *Theodoro*?

— Não vou sair daqui até você me ouvir, então acho que não tem muita escolha. — Me aproximo lentamente do sofá, onde está sentada, enquanto ela me encara, como se quisesse voar na minha garganta, me lembrando muito a Mel criança.

— Theo, é sério. — ela adverte. — O Eric acabou de sair daqui, não tive tempo de pensar em nada, estou muito confusa.

Ele é meu melhor amigo, mas nunca odiei tanto ouvir o nome dele quanto agora.

— Eric, Eric, Eric! — Eu repito, bravo, alterando meu tom de voz. — Eu vim aqui falar sobre nós dois, Melissa! Nós dois!

Então, ela se vira e levanta caminhando na minha direção.

— Theo, é sério! Eu preciso de espaço.

— Melissa, eu te dei espaço. Por anos. Eu esperei, eu *te* esperei. Esperei que você me enxergasse em algum momento, e você não fez isso, nenhuma

vez. Em vez disso, insistiu no Eric. *De novo*. Por que você nunca tentou algo comigo? Comigo!?

Vejo seu peito subir e descer rapidamente, sua respiração acelerada e seus lábios entreabertos.

— Por que você tá falando assim, agora?

— Porque estou cansado de ver e de imaginar outra pessoa tocando em você! — Explodo.

— E qual o problema nisso? — Ela se aproxima de mim, ficando a centímetros do meu rosto, me desafiando.

— Porque você deveria estar comigo, deveria ser *eu* tocando em você!

— Vejo suas narinas se dilatando e sei que agora a irritei.

— Você não pode falar isso!

— Diga isso ao seu corpo, Melissa. Apesar de você ignorar, eu sei que se sente atraída por mim. Eu sinto como sua pele se arrepia toda vez que estou próximo e sei que você olha pra minha boca por mais tempo do que seria capaz de admitir. Você me quer e mente para si mesma sobre isso.

— Para! — Ela grita, com as mãos tapando os ouvidos.

— Não vou parar, porque tenho guardado tudo isso por anos. Chega de evitar o assunto, chega de fingir que nada aconteceu entre a gente. Para de fingir que não sente nada por mim, tá bom? Não dá mais!

Ela me olha como se estivesse vendo um fantasma.

— Você está fora de si! Não está falando coisa com coisa.

— Então, quer dizer que se eu te beijasse agora, você não sentiria nada? Ou fingiria que não, como fez anos atrás? — Ela não diz nada, apenas desvia o olhar em outra direção.

— Mel, por favor, olha pra mim. — Suavizo meu tom de voz. Preciso finalmente tirar a limpo tudo isso, eu tenho que perguntar com todas as letras o que ela sentiu naquela noite, anos atrás.

Eu sei que nunca mais fomos os mesmos, sei que tudo mudou naquele dia, mesmo depois de termos tentado fingir que não. O problema é que nunca falamos abertamente sobre o assunto. Nunca tinha me sentido rejeitado antes dela. É difícil admitir, mas deixei meu ego falar mais alto, deixei que meu orgulho tomasse conta de tudo.

No fundo, eu queria colocá-la contra a parede e fazê-la entender que o lugar dela era comigo. Porém, eu me convenci de que aquela noite não tinha significado nada para ela, enquanto, para mim, tinha significado tudo.

Mel está olhando nos meus olhos agora. Então, finalmente tenho a coragem de encará-la e deixar que a pergunta a seguir deixe meus lábios. Com anos de atraso.

— Foi tão horrível me beijar, Mel? Foi tão horrível assim eu ter sido seu primeiro?



26 - Mel

18 anos

Item 10: Me apaixonar por uma garota incrível - Theo

Último dia da escola. Quer dizer, oficialmente foi há uma semana. Hoje é o último dia em que vou me reunir com meus colegas de classe, última vez que serei uma aluna do Ensino Médio. Não que eu esteja triste com isso, porque não estou. Finalmente vou poder deixar as lembranças ruins para trás.

Confesso que não me senti tão sozinha nos últimos dois anos, desde que me mudei para cá. Ainda ouço comentários maldosos e ainda sou a garota que não se encaixa, só que a garota que não se encaixa e que tem um amigo. Não preciso mais do que isso. E Theo tem sido essa pessoa para mim. *Logo ele*. Às vezes, ainda sinto vontade de voar em seu pescoço ou socar a cara dele como fiz quando éramos crianças - acho que alguns hábitos nunca mudam. Porém, na maior parte do tempo, gosto de tê-lo ao meu lado - algo que nunca vou admitir em voz alta, obviamente.

Devo a ele o fato de participar da festa da minha sala. Para todos, eu disse que não me importava em ir. Só que sei que estou mentindo para mim mesma. Eu quero fazer parte disso, não quero guardar só as lembranças ruins que tive ao longo da minha infância e ao longo dos últimos meses. Quero me

apegar aos momentos bons, ainda mais depois de ter passado por um longo tratamento para me consertar.

Sei que tive um problema, sei que *ainda* tenho um problema, mas agora estou melhor. Não sinto mais uma vontade descontrolada de enfiar o dedo na minha garganta e colocar para fora a minha última refeição, o que não quer dizer que não sinta vontade de jeito nenhum. Quando isso acontece, ligo para minha psicóloga, ela me ajuda com as crises. Mas elas têm diminuído e faz dois meses inteiros que não faço mais isso comigo.

Quando meus pais descobriram, nunca senti tanta vergonha na vida, ainda mais por fazê-los chorar daquele jeito. Nunca tinha visto meu pai chorar e, naquele dia, presenciei pela primeira vez. Achei que fossem ficar decepcionados comigo, só que eles me acolheram, disseram que ia ficar tudo bem e eu acreditei neles. Me senti muito mal por fazê-los sofrer assim, eles não mereciam. Por isso, me esforcei para melhorar. *Por eles*.

Theo tem me ajudado muito nisso também, apesar de não tocarmos no nome da minha doença. Não consigo dizer em voz alta, me sinto envergonhada, mesmo tendo agora a consciência de que não é minha culpa. De qualquer forma, ele passa mais tempo comigo e me tira do sério com mais frequência, claro. Estou seguindo uma dieta balanceada para que recupere os nutrientes perdidos ao longo do tempo em que fiz aquilo. Então, toda vez que Theo vem aqui em casa, traz mirtilos para mim - descobri que gosto muito dessas frutinhas e que ficam ótimas com iogurte. Ele sempre faz as mesmas refeições que eu, sem reclamar que elas não são tão saborosas quanto às que ele está acostumado. Nunca reclama de comer o que estou comendo e sempre nega quando ofereço algo que não está na minha alimentação.

Quando disse que ele era o responsável pela minha presença na festa hoje, não menti. Meus colegas de classe queriam uma celebração em que nossos pais não estivessem presentes e, sinceramente, não sei como conseguiram. É óbvio que teremos adultos nos supervisionando, só que nada de pais. Eles participaram somente da nossa colação. Então, depois da vitória da minha sala, os meninos começaram a convidar seus pares.

Uma parte de mim sabia que Eric jamais olharia para mim e outra insistia em fantasiar que ele poderia me convidar. Como? Só se fosse por um passe de mágica, já que nossa “relação” não evoluiu durante os dois anos. Saí com Eric algumas vezes para tomarmos sorvete, mas não foi um encontro ou algo do tipo. Acho que ele me chamava, pois eu sempre estava

com Theo. Nunca disse ao meu melhor amigo que era a fim do Eric, só que, mesmo assim, ele descobriu. Fico imaginando se Theo consegue ler pensamentos ou se sou tão óbvia assim.

Então, quando os convites começaram a rodar pela sala, sonhei que poderia ter uma última chance com Eric, o que, obviamente, não rolou. Vou entrar na faculdade sem nunca ter beijado ninguém, o que me deixa mal para caramba, porque não é algo que eu queira. Não estou me guardando ou algo do tipo, só não tive oportunidade de me livrar desse problema.

É triste saber que passei pela escola sem que alguém se apaixonasse por mim e que, se não fosse por Theo, nem da festa eu participaria. Por isso, prometi a mim mesma que não vou implicar com ele nem por um segundo essa noite. Eu devo isso a ele, ainda mais depois que disse não a Rafaela para ir comigo.

Sinceramente, eu já estava sem esperanças e triste em um canto. Lembro-me muito bem que tinha acabado de voltar do intervalo e que algumas pessoas já estavam na sala. Theo se aproximou de onde eu estava e me entregou um cartão roxo, com um recado dentro. Olhei com um grande ponto de interrogação no rosto e ele pediu para que eu abrisse.

Quando fiz isso, havia a mensagem:

“Você me daria a honra de ser meu par?”

Acho que nunca olhei para ele da forma como fiz naquele dia, com um sorriso tão sincero e com lágrimas brotando dos meus olhos, de tanta felicidade. Então, fiz algo que nunca fazia na frente de todo mundo: dei-lhe um abraço bem apertado. E ele perguntou se aquilo era um “sim”. Balancei a cabeça com tanta força, que não sei como não quebrei o pescoço. Por alguns segundos, esqueci que a sala toda estava assistindo e, quando voltei a mim, notei que algumas pessoas ouviram toda a nossa conversa.

Fiquei com medo de Theo se arrepender de fazer aquilo, afinal, viraria a chacota da sala por não ir com Rafaela, e sim comigo. Ao contrário do que imaginei, ele não demonstrou arrependimento em nenhum momento. Estava sorrindo, com pequenas ruguinhas em torno dos seus olhos verdes e, claro, com suas covinhas, que raramente apareciam em público.

É óbvio que a minha felicidade não durou muito. Um dia depois, Eric pediu para que Rafaela fosse seu par. Eu juro que não queria me importar, mas estaria mentindo se dissesse que não liguei. Eu liguei, sim. Hoje, no

entanto, pretendo me divertir com Theo e guardar a melhor lembrança. Não vou me importar com Eric, assim como ele não se importa comigo.

Estou de frente para o espelho, olhando para o vestido roxo com decote em V e uma cauda até meu pé. Não faço ideia de que tecido seja esse, mas é macio por baixo. Por cima, há uma camada de tule, eu acho. A coisa toda me faz parecer uma princesa moderna da Disney. Espero muito que minha mãe não tenha errado nessa escolha, não quero parecer uma idiota no meu último dia e não quero envergonhar Theo.

A Dona Carolina me garantiu que conversou com as mães das outras meninas e que eu estou a caráter, isso me deixou um pouco mais confiante. Além do mais, ela é a responsável pelo meu penteado e maquiagem, algo que me deixa mais segura, porque é ótima nisso.

— Você está linda, meu amor. — Ela me dá um beijo no topo da minha cabeça enquanto analiso seu trabalho final.

— Obrigada, mãe. — Sorrio para ela e para o espelho. Estou com uma maquiagem bem natural e com brilho labial. Ela fez um grande rabo de cavalo e deixou algumas mechas soltas. Nunca vi meu cabelo tão comportado como hoje, descendo em pequenas ondas. Definitivamente, minha mãe operou um milagre aqui.

Quando estou colocando meus brincos, ouvimos a companhia.

— O seu gatinho chegou, Mel. — Ela pisca para mim e reviro os olhos. Acho que depois que minha mãe e a dona Margareth conseguiram que Theo e eu finalmente fôssemos amigos, tenho quase certeza de que agora estão planejando nosso casamento. Não sei em que mundo vivem.

— Mel? — Minha mãe coloca a cabeça pela porta do meu quarto. — O Theo está te esperando na sala. E ele está lindo! — Ela sorri de orelha a orelha e reviro os olhos novamente.

— Claro, mãe!

— Vamos, gatinha.

— Indo...

Pelo menos, meu pai não está presente para fazer o momento ainda mais constrangedor. Minha mãe nos olha como se fôssemos algum experimento maluco e tenho que me segurar muito para não fazer uma careta. Prometi que seria agradável com Theo hoje, e serei. Então, finalmente o encaro.

Theodoro usa um terno preto com gravata borboleta da cor do meu vestido e tênis no pé. Não sei como, mas ele está muito descolado, moderno, eu diria. Eu falei que meu vestido seria roxo, só que nunca mostrei a ele a

cor exata. Fico pensando em como descobriu e uma sirene gigante aponta para a dona Carolina ao nosso lado.

— Você está linda, Mel! — Paro de fantasiar quando sou chamada de volta à Terra, por Theo.

— Obrigada. — Sorrio. — Você também não está nada mal. — Por mais incrível que possa ser, ele parece envergonhado, porque fica vermelho. *Theodoro envergonhado*. Saio em sua direção e pego sua mão, já lhe puxando para a porta. Não consigo mais encarar minha mãe, que está com cara de boba apaixonada.

— Onde vocês acham que vão, crianças? E as fotos?

— Mãe? — resmungo.

— É isso mesmo, querida. Não vão sair daqui sem as fotos. — Bufo com força. Theo olha para mim e dá de ombros. Minha mãe pede para que nos posicionemos em um canto, próximo a um quadro com hortênsias pintadas. Eu amo essas flores, especialmente por causa da cor que têm e, por isso, minha mãe comprou esse quadro. Tento não ser insuportável quando me lembro disso e forço um sorriso para a foto. Theo está ao meu lado sem me tocar e estamos um tanto quanto estranhos.

— Mais próximos, queridos. Theo, você pode pegar na cintura da Mel, por favor?

— Cla-ro. — Ele limpa a garganta. Quando estamos perto da posição ideal, ele quase grita.

— Espera! Esqueci de algo. — Então, ele tira do bolso um pequeno corsage com flores roxas e lilás, contrastando perfeitamente com o meu vestido.

— Posso colocar em você? — Ele pede. Levo alguns milésimos de segundo para entender o que está acontecendo. De repente, me sinto naqueles filmes americanos. Não sabia que as meninas usariam isso. Certeza que foi uma invenção de última hora.

— Hã... pode. — Confirmo, incerta, e nesse momento sinto o flash da câmera. Levo um susto.

— Mãe!

— Filha, eu tinha que registrar. — Ela sorri, de forma doce. Balanço a cabeça em descontentamento e vejo que Theo está rindo, achando graça, claro.

— Ok, podemos tirar essas fotos logo? — Pergunto, já impaciente.

— Claro. — Minha mãe responde.

Theo e eu nos posicionamos como minha mãe havia pedido anteriormente e sinto seus dedos roçarem na minha cintura. Definitivamente, não sei como lidar com isso. É claro que a Dona Carolina não fica contente o suficiente e nos força a fazer diferentes poses. Estou revirando os olhos quando encaro Theo, que está mordendo os lábios para não rir. Não sei por que, mas acho graça também e sou surpreendida por um novo flash.

— Chegaaaa! — Decreto enquanto arrasto Theo em direção à porta. Claro que não acaba aí, pois logo escuto a voz do meu pai à distância.

— Divirtam-se! Vocês estão ótimos! — Ele estava escondido esse tempo todo. Não tenho tempo para perguntar isso e respondo apenas:

— Tá bom, pai! Tchau!

Thomás, o irmão do Theo, é o responsável por nos deixar no salão onde será a festa. A namorada dele está ao seu lado e parecemos o quarteto fantástico. Quase rio com essa constatação.

Após nos deixar lá, meu acompanhante estende sua mão para que eu a pegue. Olho-o tentando entender se ele está tirando uma com a minha cara, mas então, baixo a guarda porque prometi que seria uma pessoa melhor hoje.

— Você é meu par, Mel. Nada mais natural do que dar a mão pra mim. Prometo que não vou te morder. — É impossível não fazer uma careta quando ele fala assim comigo.

— Claro, Theodoro. — Ele ri, e eu finalmente seguro a mão dele. Quando entramos, não há como não reparar na decoração toda branca. Estou me sentindo em um iglu. De quem foi essa ideia maravilhosa?

— Rafaela. — Theo murmura como se tivesse ouvido meus pensamentos.

— Só poderia ser.

Ao notar que praticamente todos os nossos colegas estão na festa, sei que estamos atrasados e culpo a Dona Carolina pela sessão de fotos. De qualquer forma, Theo me puxa para explorarmos o lugar. Há uma mesa cheia com petiscos e diversas bebidas - não alcoólicas, com certeza. E alguns adultos nos observam de longe. Adultos, quero dizer, a diretora e a inspetora. Há uma grande pista de dança e todos se divertem nela.

— Tem suco de laranja e achei uns lanchinhos bem interessantes. Você quer?

— Mais tarde, talvez. Não estou com fome. — Theo me observa atentamente, tentando decifrar se estou falando a verdade. Como parece que sim, ele, então, me puxa para a pista de dança. Não é tão fácil me mover com

um vestido longo, mas tento entrar na onda. Vários caras cumprimentam Theo e acenam com a cabeça para mim, me olhando por um tempo um pouco mais longo do que o necessário. Ainda devem estar tentando entender como ele veio comigo e não com outra garota. Theo, no entanto, os ignora e continua dançando.

Os nossos movimentos ficam mais agitados quando tocam 22, da Taylor Swift.

— Tenho certeza que você vai usar essa legenda no seu aniversário de vinte e dois anos. — Grito, acima do som, para que me ouça.

— Óbvio. — Ele admite, e eu caio na gargalhada. É claro que a minha felicidade momentânea é interrompida quando vejo Eric passar com Rafaela. É automático, meu sorriso se desfaz na mesma hora e Theo acompanha o meu olhar, entendendo o que está acontecendo. Seu sorriso também se desmancha.

— Mel, preciso sair e já volto, tá?

— Tudo bem — concordo, um tanto quanto decepcionada comigo mesma, por fazer o clima ficar estranho. Tento me recompor pois sei que Theo não merece isso. Observo as pessoas à distância enquanto ele não volta e sinto os olhos de Rafaela em mim, me olhando dos pés à cabeça. Ela deixa Eric para trás e se aproxima de mim.

— Ainda estou tentando entender o que ele viu em você.

— Do que você está falando? — Respondo, sentindo a raiva tomar conta de mim.

— Do Theo. Não sei o que ele viu em você. — Ela desdenha. — Acho que deve ser pena — ri.

Não consigo responder, ainda mais quando noto o sorriso descarado na cara dela, porque sabe que me afetou. Theo está de volta e olha de Rafaela para mim.

— Está acontecendo alguma coisa aqui, Mel? — Ele me pergunta, ignorando-a totalmente. Ouço-a bufar, mas ele nem se abala.

— Não. — Garanto.

— Certo. — Ele me encara, analisando meu rosto todo. — Vamos! — Segura minha mão e me guia pela multidão. Quando estamos longe de Rafaela, Theo me encara.

— Não quero que fique triste por qualquer coisa que ela tenha dito. Garanto a você que não é verdade. — Ele segura meu rosto e faz com que eu encare seus olhos. Assinto com a cabeça. Não tenho muito tempo para

pensar sobre isso, quando *Night Changes*, da One Direction, invade meus ouvidos. Quase esqueço o quão triste ainda estou pela separação da banda e finjo que isso nunca aconteceu.

Na mesma hora, vejo um sorriso maroto se formando no rosto de Theo.

— Você não fez isso! — Acuso-o.

— Fiz, sim! — Confirma, e fico comovida por ele ser tão maravilhoso para mim. Theo envolve meus dedos e enrosca minhas duas mãos em seu pescoço, enquanto a melodia toca no fundo. Depois, suas mãos pousam na minha cintura. Tento silenciar meus pensamentos, tento silenciar o veneno de Rafaela e todas as coisas ruins que ouvi ao longo da minha vida.

Quando encaro Theo, me perco na profundidade do seu olhar. Tento imaginar o que ele está pensando e tento ver bem além do garoto que eu considerava insuportável. Definitivamente, o cara à minha frente não é nada insuportável. Posso admitir também que ele é lindo, uma beleza que deveria ser proibida por aí, pelo bem das pessoas que habitam a Terra. Acho que nunca reparei nele como estou fazendo agora e ele também está olhando nos meus olhos enquanto um sorriso tímido se forma em seus lábios.

Theo não sorri com frequência, pelo menos não na frente da maioria das pessoas. Ele é sério, centrado, como se o mundo à sua volta não o afetasse de maneira nenhuma. Acho que devo me considerar sortuda por conhecer essas covinhas que estão se formando em seu rosto. Ele não as mostra para todo mundo.

— Suas covinhas são fofas. — solto, em voz alta, e quero me enterrar no chão de concreto deste salão.

— Um elogio vindo da boca de Melissa? — Ele sorri ainda mais, e vejo covinhas de novo.

— Para de sorrir, idiota! — Dou um cutucão nele.

— Achei que gostasse das minhas covinhas — ele pisca pra mim.

— Eu não disse isso, Theodoro!

— Foi o que você deu a entender, Demoniazinha!

Reviro os olhos, é nisso que dá quando abro minha boca para falar qualquer coisa boa sobre ele.

— Se concentra, Mel. — Ele diz, me fazendo olhá-lo novamente.

— Você é irritante demais. Eu tento não me irritar com você, mas você faz essa missão impossível.

— Xiiuuuuuu — ele murmura enquanto me puxa para mais perto, fazendo que nossos corpos fiquem colados. Theo coloca o queixo no meu

ombro e ouço seu sussurro.

— Aproveita a música. — Diz e, dessa vez, não rebato.



É quase final da festa e a maioria dos nossos colegas já foram embora. Felizmente ou infelizmente, Theo não socializou tanto com Eric, como de costume, então não tive o desprazer de ficar na presença dele ou de Rafaela por muito tempo. No momento estou vendo Eric guiá-la para fora da festa, com os dedos de ambos entrelaçados e não preciso ter muita imaginação para saber o que acontece após.

Balanço a cabeça em descontentamento, tentando afastar os pensamentos que insistem em entrar na minha cabeça. Eric nunca me enxergou assim, nenhum cara me enxergou assim. A constatação faz com que eu murche rapidamente. Digo a mim mesma que está tudo bem, sei, porém, que não está.

Theo aparece logo atrás de mim, roçando nossos dedos. Quando seus olhos encontram os meus, ele sabe que estou triste.

— Ei! — Ele puxa meu rosto.

— Está tudo bem, Theo! — Tento afastá-lo.

— Não está, não! Me conta o que aconteceu. — Me sinto tão patética, que não consigo responder e saio quase correndo do salão, me direcionando a uma porta que eu não faço ideia para onde vai. Sigo por ela e não encontro ninguém ali, apenas um pequeno jardim. Penso que Theo me perdeu de vista, mas logo se junta a mim.

— Mel, o que aconteceu? — Ele pergunta, um pouco sem fôlego depois de correr para me acompanhar.

— Nada! Eu estou bem. — Respondo, olhando para o chão. Não há um lugar para me sentar aqui sem que eu suje todo meu vestido. Theo, então, se aproxima e faz com que eu me vire para ele. Em seguida, ergue meu queixo para que eu o encare.

— Não quero te ver triste. — Diz.

— Eu não estou triste. — Minha voz se corta no final. Então vejo a expressão de Theo mudar, como se estivesse irritado. Ele resmunga algo incompreensível e mantém suas mãos no meu rosto, analisando-o por completo. Quando nossos olhares se fixam um no outro, sinto que ele pode enxergar tudo em mim. Seus olhos param na minha boca e segundos depois não sei mais explicar o que acontece, porque ele está me beijando, ME BEIJANDO.

Eu nunca fiz isso, eu não sei como fazer isso. Mas sua boca me guia para algum lugar em que nunca estive antes. Meus lábios se abrem para dar passagem para a língua dele. No início é lento e delicado. E, depois, não é mais. Ele agarra minha cintura e me leva para si. Depois me prensa em uma parede que eu nem sabia que existia. Uma de suas mãos não está mais na minha cintura, foram parar na minha coxa. A outra segura meu rosto, trazendo ainda mais próximo dele. Sua boca, que com certeza sabe muito bem o que está fazendo, continua na minha, arrancando de mim gemidos que eu nunca tinha escutado antes.

— Porra, Melissa! — Ele murmura, mordiscando meus lábios. Meus pensamentos se embaralham totalmente, não consigo me concentrar em nada, pois nada disso faz sentido.

Acho que ele vai parar para que eu possa respirar, mas ele não o faz, me beijando ferozmente, mordendo minha boca e beijando meu pescoço, enfiando seus dedos no meu cabelo.

Como se eu finalmente estivesse acordando de uma fantasia, abro os olhos e tento afastá-lo.

— Theo! Isso é... Por que você fez isso? O que é isso? — Pergunto, finalmente, tentando entender o que está acontecendo. Estou atordoada.

— Sou eu te beijando. — Ele responde, firmemente.

— Tinha alguma coisa naquela bebida, Theo?

— A que *nós* bebemos? Com certeza eles batizaram com álcool.

— Sério? — Pergunto, horrorizada.

— Mel, tá tudo certo. Bebemos muito pouco, não estamos bêbados.

Tento raciocinar com todas as informações sendo jogadas na minha cara.

— Ok. Então, por que isso? Por que... — Aponto para nós dois e não consigo formular uma pergunta digna. Não sei o que espero que ele responda, mas tenho certeza que odeio cada palavra que deixa seus lábios.

— Porque estou cansado de te ver triste, Mel. Simplesmente não consigo mais.

E, então, algo cede sob meus pés. Por um momento, cheguei a cogitar que talvez, talvez, Theo realmente quisesse me beijar, só que então as palavras da Rafaela me atingem junto com as dele.

Não sei o que ele viu em você, acho que deve ser pena.

Ele não me beijou porque queria.

Minha expressão muda na hora e o encaro com os olhos faiscando. Ele se retrai, então tenta se aproximar de mim, que dou um passo para trás.

— Você não, Theodoro! — Digo, tentando segurar as lágrimas. — De tudo o que fez pra mim, isso foi o pior! — E lá está, no olhar nele. Algo que eu queria não ter enxergado nunca: pena.

Me viro na direção oposta e saio correndo, ouvindo sua voz ao fundo me chamando. Nunca pensei que pudesse me sentir tão humilhada assim, ainda mais quando a humilhação veio dele, do meu *único* amigo.



27- Theo

Item 9: Me apaixonar por um cara incrível - Mel

Mel não responde à minha pergunta e, dessa vez, não estou disposto a sair daqui sem a resposta que preciso, sem colocar para fora tudo o que enterrei sob sete chaves, há anos. Se ela não me quer, vai ter que falar isso na minha cara, com todas as palavras. Mas não sairei daqui arrependido por não ter dito como me sinto.

— Eu queria ser o seu primeiro, Melissa. Sendo sincero comigo mesmo, eu queria ser o único cara da sua vida. Sei que soa egoísta pra caralho, mas eu desejei que você não quisesse mais ninguém, queria que só enxergasse a mim, já que eu só enxergava você, em toda parte, o tempo inteiro. Você não saía da minha cabeça, nem quando eu tentava. Eu odiava, com todas as forças, quando você suspirava pelos cantos pelo Eric, pois eu queria que esses sentimentos fossem por mim. Por mim, Mel! Cheguei a odiar meu melhor amigo, ter inveja dele, porque ele tinha algo que eu não tinha, algo que *te* atraía. — Solto as palavras que nunca tinha tido coragem de pronunciar em voz alta.

A atenção dela está em mim agora.

— Isso não faz sentido! — Ela balança a cabeça em discordância. — *Eu sou a garota que te deu um soco na véspera do seu aniversário. Sou a garota que você não conseguia nem ficar perto, que te tirava do sério. Você*

se lembra? Mesmo quando nos tornamos amigos, isso não mudou. Eu ainda continuei sendo aquela garota. Ficávamos um dia de bem e depois uma semana brigados. Como isso aconteceu, Theodoro? Não entendo!

Esboço um sorriso fraco com sua afirmação.

— Você não é mais uma garota, Mel. Mas ainda desperta tudo isso em mim. Ainda me irrita como ninguém consegue, ainda me tira do sério com a sua teimosia e nossa! — Suspiro — Isso só faz eu ficar ainda mais atraído por você. Mas não é só isso: quando nos aproximamos, eu te enxerguei de verdade: como você é inteligente, talentosa e forte. Por mais que não acredite nisso, você é forte, Mel. Tanto que segurou a barra sozinha, por anos. Quando me desafiava com seu jeito mandão e petulante — ela faz uma careta —, eu não fazia ideia de tudo o que você já tinha passado, em como recomeçou, várias vezes. E é preciso coragem para fazer isso. Era isso que eu via em você antes: eu te achava a garota mais corajosa que já conheci. Eu ainda acho que você é a mulher mais corajosa que já conheci. Talvez eu seja maluco mesmo. Mas, porra! Eu sou maluco *por você*.

Mel desvia o olhar. Seus lábios estão levemente abertos enquanto ela encara um ponto qualquer no apartamento.

— Foi tão ruim assim? — Questiono novamente.

— O quê? — pergunta, com a voz quase falhando.

— Quando eu te beijei.

E então, ela me encara, e sei que sua mente já percorreu vários lugares antes mesmo que ela abra a boca. Antes que ela responda, faço uma nova confissão.

— Me desculpe se roubei seu primeiro beijo, sei que não queria que fosse comigo. E, mesmo assim, eu o roubei, fui um idiota! Admito que só de pensar no Eric te beijando fazia meu estômago revirar, só de pensar em outra pessoa te tocando fazia eu querer sair socando as coisas por aí. Sei que você merecia algo melhor e sei que pensei só em mim.

Seus olhos estão nos meus, seu peito sobe e desce rapidamente. Então, ela rompe o silêncio.

— Theo, eu nunca cogitei a possibilidade — ela admite com os olhos marejados.

— Do que exatamente, Mel?

— De que você gostava de mim.

— Eu *te beijei*! E você odiou. — Acuso-a.

— Não foi isso. — Sua voz sai quase em um sussurro.

— Como? Você não odiou? Não entendo.

Por um momento, tenho a esperança de que tudo tenha sido apenas um mal entendido.

— Eu odiei. — ela confessa, e meu rosto desmorona. Passo a mão por entre meus fios, magoado — mas não foi pelo motivo que você pensa.

— Agora sou eu que não estou entendendo. — Encaro-a novamente.

— Eu odiei porque... — ela olha para os próprios pés para dizer as palavras a seguir. — porque pensei que você tinha feito aquilo por pena de mim.

— Pena? — Altero o tom de voz. — Do que você tá falando, Melissa? Você achou que te beijei por PENA? — Pergunto, desacreditado.

— Sim — ela responde baixinho. — Eu sei que fantasiava com o Eric, mas eu não teria odiado o nosso beijo se não tivesse interpretado assim.

— Isso não é possível! Por que você pensaria isso?

— Theo — ela tenta me encarar dessa vez. — Você era meu único amigo. Antes de você, eu não tinha ninguém. Mesmo quando não nos suportávamos, você ainda era a única pessoa da minha idade que eu conseguia conversar.

Percebo que sua bochecha está ficando molhada quando diz isso.

— E você sabia tudo sobre mim, sabia que eu tinha um amor platônico pelo Eric, que eu nunca tinha sido beijada e que eu odiava isso, com todas as minhas forças. Eu falei isso tantas vezes pra você.

— E você pensou que eu te beijei só para que você pudesse riscar um item da sua lista? — Pergunto, consternado.

— Nós já tínhamos criado a *nossa lista* naquela época e, por mais que eu tenha dito a mim mesma que era uma coisa boba, eu reli meus desejos naquele papel inúmeras vezes, pensando em como eu era ingênua por querer acreditar naquilo, especialmente que eu encontraria um cara incrível. Acho que projetei no Eric esse desejo...

Mel suspira profundamente antes de continuar.

— Era óbvio que eu fiquei chateada por ele estar com a Rafaela, logo ela. Eu tinha sonhado sobre a gente tantas vezes, apesar de ter consciência de que tudo era apenas fantasia. Porém, presenciar com meus próprios olhos que aquilo nunca se concretizaria, acabou comigo. E você me conhecia bem o suficiente para saber que eu estava chateada com isso, né?

— Sim — confirmo. Eu realmente sabia que ela estava chateada, o que me fez ficar com ainda mais raiva. Porque ela estava se sentindo assim

por ele, porque gostava dele, e não de mim.

— Então, quando você me beijou, no primeiro momento não entendi o que estava acontecendo, meus pensamentos se perderam completamente. Mas quando paramos e perguntei o que era aquilo, lembro que você disse que estava cansado de me ver triste, e não porque você desejava aquele beijo. Na minha cabeça bagunçada, achei que queria me fazer um favor, pra eu não levar o título ridículo de BV para a faculdade. Achei que estava fazendo isso por ter pena de mim. “*Coitada da Mel, nunca foi beijada. Vai ir para a faculdade e nunca teve um garoto que olhou pra ela assim*”. A Rafaela já tinha enchido a minha cabeça naquela noite e você nunca tinha dito nada sobre seus sentimentos. Então, eu juntei um mais um.

— O que ela falou, Mel? O que a Rafaela te disse? — Seus olhos estão tristes, e não acho que ela tenha vontade de repetir as palavras, mas mesmo assim o faz.

— Que você só poderia estar lá comigo por pena.

Cerro o punho com a raiva que toma o meu corpo. Nunca senti pena dela. Pelo contrário, ela era o que eu mais queria.

— E eu me senti tão humilhada, porque nunca pensei que você fosse me magoar daquele jeito. — Ela continua.

— Mel? — Tento tocar seu rosto.

— Theo, por favor. — Ela desvia do meu toque.

— Mel, olha pra mim, agora! — Peço e ela obedece — Você acha que eu tenho pena de você? — Ela não responde. — Pelo amor de Deus, Melissa!

— Você não tem o direito de ficar bravo comigo! — Exclama, no mesmo tom. Vejo que as coisas estão evoluindo por aqui.

— E por que não? — Minha respiração está acelerada, meu peito subindo e descendo rapidamente. — Você simplesmente *assumiu* que eu tive pena de você, sem nem me perguntar.

— Não me lembro de você ter tocado no assunto também, Theodoro! Pelo que eu me lembro, foi *você* que me evitou depois daquele beijo. Como eu ia te perguntar algo se você mal olhava pra mim? Levou muito tempo para que voltássemos a trocar algumas frases. — Me acusa, enquanto termina de limpar as lágrimas da sua bochecha.

— Porque você me rejeitou, Mel! Porque achei que não queria ficar perto de mim.

Ela cruza os braços à frente do corpo.

— Ah, então você *também* assumiu algo sem me perguntar?

Touch!

Quando a olho novamente, sei que está certa. Meu orgulho não deixou que eu corresse atrás dela, que eu sequer tentasse. Desisti como um covarde. Mas não agora, não hoje. Não sou mais um adolescente.

Passo a mão entre meus fios de cabelo e diminuo o espaço entre nós, sem desviar o olhar por nenhum segundo. Ela também não o faz, apesar do olhar cortante que me lança. Sei que a tirei do sério, mas não estou nem aí. Ela vem fazendo isso comigo há anos, invadindo meus pensamentos, enchendo o ambiente com seu cheiro viciante e me deixando louco de tesão. Tudo isso enquanto enfia a língua na boca do meu amigo. Incrível como a história pode se repetir, não é mesmo? Pera, a única diferença é que Mel não é minha noiva ou namorada ou algo do tipo, e isso me deixa maluco. Talvez uma noite inteira de sexo, fazendo ela gritar meu nome, seja suficiente para que eu a tire da cabeça. *Quem eu tô querendo enganar?*

Tento afastar esses pensamentos, porque não estão me ajudando em nada. Pensar nela sem roupa não está me ajudando mesmo. Quando volto à realidade, Mel está me encarando furiosa. Me concentro para fazer o que vim fazer aqui.

— Já que chegamos à conclusão de que fomos dois idiotas...

Ela apenas revira os olhos.

— Você pode me fazer a gentileza de dizer o que eu tenho que fazer para que você *me enxergue de verdade*? Talvez você possa me contar o que eles têm que eu não tenho. — Concluo, irônico.

Ela me encara com os olhos arregalados.

— Do que você tá falando, Theodoro? Tá querendo me deixar maluca?

— *Eu* deixando você maluca? Ah, só pode ser brincadeira! É *you* que me deixa maluco, que me tira do sério desde sempre! Eu nunca conheci uma mulher tão irritante quanto você!

Quando vejo sua expressão, sei que há altas chances de levar um soco na cara novamente. E quer saber? Não estou nem aí.

— Então o que você está fazendo aqui com a mulher que te irrita tanto, hein? — Ela grita.

— Tentando enfiar na cabecinha oca dela que é COMIGO que ela tem que ficar. Comigo. Não com o Eric, não com o Alexandre, mas COMIGO. É isso que você quer ouvir? Que quase enlouqueci essa noite ao ver o meu

melhor amigo te tocando? Que queria sair no soco para que ele tirasse as mãos de cima de você?

Dou alguns passos para frente enquanto Mel não se move.

— Que eu fico maluco só de imaginar que ele possa ter tocado o seu corpo quando sou *eu* quem deveria estar fazendo isso? Que seu coração esteja batendo mais rápido por ele e não por mim?

O peito de Mel sobe e desce rapidamente e seus olhos estão fixos nos meus.

— Você não está pensando direito, Theo! Acho melhor ir embora! — Depois de tudo o que falei, é isso que ela diz? *Inacreditável*. Só consigo balançar a cabeça em descontentamento.

— Não, não e não! Só saio daqui se você me disser com todas as palavras que não me quer, que não tenho nenhuma chance com você.

Mel não faz isso, o que faz com que meu coração se acelere.

— Me diga isso e eu vou embora. — Garanto.

— Quer saber? Você pode ficar! Eu saio. — Fala, enquanto vai em direção à porta.

— Mel, para de fugir! — Exijo, exasperado.

— Não estou fugindo de nada, Theodoro! Apenas indo embora para pensar melhor.

Sei que ela está puta de verdade, mas não posso deixá-la ir embora assim. Antes que alcance a maçaneta da porta, entro em seu caminho.

— Você não vai sair daqui assim, Mel!

— Ah, agora você vai me sequestrar? Vou ter que gritar para que os vizinhos me ajudem?

— Você pode gritar se quiser, mas preferia que fizesse isso na *cama enquanto eu estou dentro de você!*

Não consigo acreditar nas palavras que saem da minha boca. Mel muito menos. Mas quer saber? Já chega desse joguinho, não estou nem aí mais. O que eu estou perdendo aqui? Talvez assim, ela se toque que estou louco por ela e que daria tudo para tê-la embaixo de mim, em cima. *Onde ela quisesse...*

— O que você disse? — Ela me pergunta, com a voz trêmula. Não tem como ela fugir. Mel está entre a porta e eu, e encurto ainda mais a distância. Não há volta, estou à beira do penhasco, pronto para me jogar.

— É isso mesmo que você ouviu, Melissa! Não sei mais como te convencer que você é maravilhosa! *Em todos os sentidos*. Sinto tudo por

você, menos pena. — Inclino meu pescoço para baixo e uno nossas testas. — Eu estou duro só de pensar em você! E se as minhas palavras não são suficientes para que acredite no que digo, posso te provar de outra forma. Fazendo você gozar, até gritar meu nome para que todos os vizinhos ouçam. Não me importo.

Mel me olha sem reação, nunca a vi sem palavras como está agora. É bem capaz de eu levar um tapa a qualquer momento, me forçando a sair de perto dela. Não ligo. Enquanto ela não fizer isso, vou pôr todas as cartas na mesa. Chega disso! Eu a quero tanto: quero me deliciar com seus lábios cheios, fazer sua pele se arrepiar sob a minha, *sentir seu gosto*. Estou salivando só de pensar na minha boca no meio das pernas dela. *Porra*.

— Eu quero você, Melissa. — Continuo. — E por mais que eu tenha tentado evitar, mentir para mim mesmo, eu ainda quero você, mesmo que me rejeite novamente, nunca vou deixar de querer você.

Os lábios dela estão entreabertos, mas nada sai da sua boca. Mel me encara por um momento e, dessa vez, eu que sou surpreendido quando seus dedos envolvem a minha nuca e seus lábios tocam os meus. É *ela* quem me beija. Então percebo: estou faminto por essa mulher.

Queria muito respirar e dizer que nosso beijo está sendo deliciosamente lento e que posso calmamente sentir cada ponto da sua boca na minha. No entanto, não é o que acontece, pois nosso beijo é intenso pra caralho, minhas mãos estão por todas as partes enquanto a premo na porta. *Porra! Doce como me lembro*. Minha língua toca na dela e sinto meu mundo girar. Como um beijo pode fazer isso? Ela desliza seus dedos entre meus fios e geme na minha boca. *Que porra é essa, Melissa?*

Levo uma mão até sua bunda e a aperto com força. Quantas vezes eu imaginei isso? Acho que mais do que o suficiente para não ser considerado saudável. Com a outra mão, seguro sua nuca e a trago ainda mais para mim. Mel chupa a minha língua, e sério: acho que vou explodir de tanto tesão. A minha vontade é de me enterrar nela agora mesmo, mas esperei tantos anos pra isso. Seja lá o que vai acontecer depois, essa tem que ser a melhor transa da vida dela. Garanto que será da minha, vou fazer questão disso.

Quando finalmente consigo respirar e parar de beijá-la por alguns segundos, meus olhos encontram os seus. Não há necessidade que ela diga nada, porque seu olhar está cheio de tesão, mesmo assim, quero confirmar. Roço meus lábios nos dela e sussurro.

— Eu te quero, Mel! Mais do que já quis qualquer coisa na minha vida. Quero ser o cara que te faz gozar e quero provar o seu corpo todo. Mas você precisa *querer* isso. Você precisa *me querer*. Preciso que me escolha. Não o Eric, não o Alexandre, nem nenhum outro cara. Quero que você queira apenas a mim.

Sei que é um momento ridículo para pensar nisso, mas quero transar com ela quando for o único cara em sua mente. Somente eu. Tenho que ser sua primeira escolha, nem que seja uma vez na vida. E, então, meus sonhos parecem se tornar realidade.

— Eu quero *você*. — Ela responde, com a respiração ofegante e com os olhos castanhos brilhantes nos meus.

Não preciso de mais nada para beijá-la novamente. Mordisco seu lábio inferior e ela geme. Meu corpo inteiro estremece com esse som. Deslizo meus lábios pelo seu pescoço e sinto sua pele se arrepiar sob meu toque. Tudo *o que eu queria*. Minhas mãos envolvem sua cintura, até que tiro seus pés do chão sem descolar nossos lábios. Ela enrosca suas pernas na minha cintura e a carrego para o quarto, para *a cama*.

Deito-a na cama e seus olhos encaram os meus, sem desviar por nenhum momento. Mel está usando um vestido roxo que destaca todas as curvas do seu corpo. Quis tirá-lo no momento em que coloquei os olhos nela. Estava puto no começo da noite por não ser eu a tocá-la. E agora estou aqui, realizando meu desejo.

Tiro seu vestido passando por sua cabeça e tenho a visão da sua lingerie preta. Porra, não tem como meu pau ficar mais duro do que isso. Sou levado à noite em que nos reencontramos, quando ela começou a tirar a roupa na minha frente. A diferença é que agora ela sabe o que está fazendo. *Ela quer isso*. Então, vejo a incerteza passar por seus olhos e paraliso.

— Ei, tá tudo bem? — Pergunto.

— Você poderia apagar a luz? — Ela diz, baixinho.

— Por quê? — A verdade é que quero ver cada detalhe dela, quero que ela se entregue por inteiro a mim. Quero vê-la gozar e quero saber que fui o responsável por isso.

Ela desvia o olhar, cobrindo o corpo.

— Mel, nunca mais faça isso, entendeu?

— Fazer o quê? — Ela responde, quase em um sussurro.

— Se esconder de mim, esconder seu corpo de mim. — Deslizo minhas mãos pelas pernas dela, sentindo sua pele se arrepiar sob meu toque.

— Você é gostosa pra caralho e não quero que pense nada diferente disso. Adoro tudo em você, absolutamente tudo. Entendeu? — Ela olha nos meus olhos e meneia a cabeça positivamente, ainda meio incerta.

— Você não tem noção da quantidade de vezes que imaginei você exatamente assim, então, por favor, não quero que pense em nada, além do prazer que eu vou te dar hoje, além daquilo que vamos ter juntos. Tudo bem?

— Sim — ela concorda, baixinho, com um pequeno sorrisinho no rosto. Isso, exatamente assim que eu quero vê-la. Algo me diz que se eu deixá-la confortável o suficiente, ela vai se soltar na cama e mal posso esperar. Por isso, mesmo querendo vê-la, opto por deixá-la à vontade. Então ligo a luz da sala e apago a do quarto. Ainda tenho uma visão perfeita dela, mas sei que assim se sentirá melhor. Quero que se divirta hoje.

No momento, Mel está apoiada sobre os cotovelos, olhando para mim. Tiro minha camiseta e vejo seu olhar percorrer o meu corpo. Só pela forma como me olha faz valer cada minuto que passei suando naquela academia. Deslizo pela cama subindo nela, beijando e provando cada centímetro do seu corpo, como disse que faria. Mel joga os cabelos para trás, e vejo seu peito subir e descer lentamente. Sua pele está arrepiada e ela se contorce na cama. *Você vai se contorcer muito mais, penso.*

Desço pelas suas coxas e finalmente estou onde eu queria desde o começo da noite, entre suas pernas. Tento mover sua calcinha com os dentes e então deslizo meu dedo dentro dela, sentindo o quão molhada está.

— Isso é pra mim? — Questiono, enquanto me volto ao seu rosto. — Você vai me matar, Melissa!

Ao perceber isso, perco todo meu autocontrole e não termino de deslizar a calcinha por suas pernas. Apenas puxo com tanta força, que o tecido delicado rasga. Desvio meu olhar por um momento para alcançar o de Mel e, cara, a expressão em seu rosto é de pura luxúria. *Ela está se divertindo.* Finalmente. Sem mais enrolação, caio de boca na sua boceta deliciosa. Finalmente tenho seu gosto na minha boca.

Ela joga a cabeça para trás quando minha língua desliza pelo seu clitóris. *Caralho, que delícia.* Ouço seus gemidos e isso só me incentiva a continuar girando minha língua bem ali, primeiro com movimentos mais lentos e calculados e depois mais rápido. Ela se contorce sobre o lençol e sob a minha boca. Chupo-a, como se a minha vida dependesse disso, e ela grita. *Isso, babe. Isso mesmo.* Quero levá-la ao limite e, por isso, deslizo dois dedos para dentro dela. Ela ergue sua lombar da cama e um sorriso se forma

no meu rosto.

— Você quer gozar, Mel? — Encaro-a, com o sorriso mais descarado na cara. Ela balança a cabeça positivamente, mas não é suficiente para mim. Quero a Mel safada nessa cama, *agora*.

— Use as palavras. Você é *ótima* com elas. Sei muito bem o que escreve em seus livros. Então, vou refazer minha pergunta. O que você quer que eu faça com você?

Vejo o rosto dela ser tomado por um tom de vermelho e meu sorriso só aumenta. Afundo ainda mais meus dedos nela porque estou curtindo isso pra caralho.

Mel se contorce mais um pouco na cama e, finalmente, diz o que quero ouvir.

— Eu quero que você me faça gozar — ela geme.

Porra. Tudo o que você quiser.

— Seu desejo é uma ordem.

Acompanhando seu olhar, deslizo minha boca novamente ao paraíso, enquanto a penetro com meus dedos. Seus gemidos estão cada vez mais altos e um sorriso vem aos meus lábios por não ter imaginado errado. Mel não é quietinha na cama e sei que ela ainda vai gritar meu nome, do jeito que quero, do jeito que imaginei em todos os meus sonhos pervertidos.

Chupo-a sem piedade e então passo minha língua lentamente pelo seu pontinho inchado. Meus dedos deslizam facilmente dentro dela e estou entorpecido pelo seu gosto. Mel agarra meu cabelo e sei que ela está muito perto. Mais alguns segundos e sinto sua barriga vibrar, o prazer percorrendo todo seu corpo. Mesmo assim, não paro. Seu gosto é viciante e quero mais.

— Theo, por favor... — Ela geme.

— Ainda não estou satisfeito, babe — respondo, enquanto volto minha boca para o meio das pernas dela. *Put a que pariu*. Agarro sua bunda enquanto a chupo novamente. Sinto meu pau sendo comprimido na calça jeans. Não estou nem aí, não vou sair daqui até estar saciado. O problema é que não acho que eu vá ficar em algum momento. Mel abre as pernas para mim e fico ainda mais louco. Ela agarra meu cabelo, enquanto rebola na minha boca. *Garota, você vai me matar!*

— Isso, Mel. Esfrega na minha cara.

Eu estou quase gozando assim.

Deslizo minha língua mais algumas vezes por seu clitóris inchado e sinto-a derreter novamente sob minha boca. Dessa vez, ela grita. *Meu nome*.

Mel está jogada na cama, seus cabelos espalhados sobre o lençol branco. Espero que essa seja a visão do paraíso. Retiro minha calça e seus olhos se voltam a mim novamente. A minha garota ainda tem energia, mesmo depois de gozar duas vezes. Tenho certeza de que essa é a mesma sensação de ganhar na loteria. Deixa eu refazer essa frase: *nem ganhar na loteria me deixaria tão feliz quanto*. Ela se senta novamente, ainda está de sutiã, enquanto estou de cueca. Seus olhos deslizam pelo meu corpo até que vão parar na minha virilha. Isso mesmo, Mel. *É todo seu*.

Antes que eu tenha tempo de dizer algo, ela avança sobre mim, pousando suas mãos no meu quadril e abaixando a minha cueca até que meu pau esteja livre e extremamente duro. Seu olhar sobe novamente para o meu rosto e, sem que eu tenha qualquer tempo para reagir, ela o coloca na boca. *Eu sei que ela quer me matar. Esse é meu fim*.

Sua língua desliza pela ponta, fazendo com que todo o meu corpo se contraia. Em seguida, ela desliza sua boca deliciosa pelo meu pau e vejo estrelas. Minha visão está começando a escurecer.

— Você vai me deixar no limite, Mel — ela me encara e dá um sorrisinho. Então, dou exatamente o que ela quer. Entro e saio da sua boca repetidas vezes. *Que boca*. Com certeza, ela me arruinou para o resto do mundo. E não tô nem aí, porque só *quero ela*. Pauso os movimentos antes que eu goze em segundos. Quero muito fazer isso na boca dela, mas tenho outros planos para a gente, como me enterrar em sua boceta até esquecer meu nome.

Deito-a suavemente sobre a cama enquanto ela me encara. Alcanço a camisinha na carteira e envolvo meu pau. Deslizo um dedo para dentro dela e está mais molhada do que nunca. E é *para mim*.

— Você é gostosa pra caralho, Melissa! — Vejo um sorrisinho tímido tomar conta do seu rosto. — Espero que acredite nisso depois de eu te foder de quatro com o meu pau inteiro em você.

Mel me olha com uma expressão que mistura choque e diversão em seu rosto, como se estivesse pagando para ver. *Ah, querida*.

Sem mais espera, deslizo para dentro dela. Estou excitado demais, mas preciso que isso dure. Começo com movimentos lentos enquanto agarro seu quadril. *Perfeita*. Sinto meu pau se contrair dentro dela.

— Theo... — ela geme enquanto entro mais fundo, fazendo a minha cabeça girar. Sinto suas unhas nas minhas costas.

— Gostosa demais — repito enquanto acelero os movimentos e a fodo com

força. Vejo seus seios subindo e descendo e sei que não os dei a atenção necessária, mas logo trato de corrigir isso. Enquanto a penetro, pego seu seio direito com a boca e me perco nele. Não existe uma parte do corpo dela que não seja deliciosa. Passo para o esquerdo enquanto uso minha mão para acariciar aquele que tirei a boca. Mel geme alto quando lambo a ponta do seu peito. *Hum... interessante.*

Depois de tratar seus seios como merecem, devoro a sua boca. Ela chupa a minha língua como fez anteriormente, e dessa vez sou eu quem geme. Mordo seu pescoço e minhas mãos vão parar novamente em sua bunda. Ok, talvez eu tenha um lugar preferido.

— Eu quero te pagar a promessa, Mel. — sussurro em seu ouvido. Ela abre os olhos lentamente, me fitando com curiosidade.

— E qual seria? — Pergunta, com toda uma confiança recém-adquirida e que me deixa com ainda mais tesão.

— Te comer de quatro. — Mordisco sua orelha. Ela sorri para mim, me desafiando. Então, a giro rapidamente e dou um tapinha na sua bunda gostosa.

— Theo! — Ela protesta. Passo minhas mãos sobre suas costas até que minha boca vai parar perto da sua orelha.

— Você não gosta, Mel? — Sinto seu corpo vibrar com uma risadinha, então tenho a resposta. *Minha safadinha.*

Sento sobre sua bunda sem forçar meu peso contra ela. Deslizo meus dedos dentro dela, que continua molhada pra caralho.

— Preciso que você fique de quatro pra mim, babe. — Peço, enquanto dou espaço para que ela se movimente.

Rapidamente ela obedece. Estou gostando muito disso. Gostando, não, *adorando*. Quando tenho uma visão completa da sua bunda perfeita, deslizo para dentro dela enquanto apoio minhas mãos em seu quadril. Sinto meu corpo se contrair quando meu pau está inteiro nela. *Como prometi*. Começo com estocadas lentas até que aumento o ritmo, ouvindo apenas a união dos nossos corpos se encaixando perfeitamente. Mel geme sob mim enquanto meto cada vez mais rápido. Estou muito perto, mas não vou gozar antes que ela goze também. Então, me concentro em um ponto dentro dela onde ela geme toda vez que meu pau encosta. Deslizo meus dedos sobre seu clitóris, fazendo-a gritar novamente. *Isso mesmo, grita meu nome.*

— Theo! — Ela solta um gemido abafado. Sinto seu corpo se contrair sob o meu e sei que ela está gozando de novo. Aumento os movimentos dentro

dela até que seja a minha vez de explodir. *Putá que pariu.* Tenho certeza que estou vendo estrelas. *Literalmente.*



Estou dentro dela novamente e não sei como fiquei tanto tempo sem isso, sem ela. Minhas mãos seguram as suas, enquanto me movimento preguiçosamente. Quero aproveitar cada segundo disso, quero me perder no corpo dela.

— Você é perfeita, Mel. — Digo, enquanto desço meu rosto até seu pescoço e a beijo ali. — Absolutamente, perfeita.

— Você está me deixando com vergonha. — Ela sussurra.

— Ah, babe, quero que você tenha tudo comigo, menos vergonha. Quero que não me esconda nada. Quero saber todos os segredos do seu corpo. — Nesse momento, nossos olhares se encontram e o castanho em seus olhos brilha com desejo.

— Ah, é? — Ela me desafia.

— Aham — Confirmo enquanto deslizo mais uma vez para dentro dela.

Mel me puxa para si e me beija demoradamente. Dessa vez, é meu corpo que estremece. Nos beijamos por muito tempo até que ela se move, nos trocando de posição. Não reclamo nem um pouco.

Agora Mel está em cima de mim, e começa a me cavalgar de uma maneira espetacular. Mantenho minhas mãos firmes em seu quadril enquanto ela sobe e desce. Eu juro que se eu morrer agora, vou morrer feliz pra caralho. Seus olhos encaram os meus e vejo um pequeno sorriso em seus lábios, um sorriso que quero manter para sempre.

— Tá se divertindo aí? — Pergunto, provocando-a.

— Bastante. — ela responde. Isso só faz com que eu me incline para cima, para que ela me tenha todinho pra ela. Mel geme quando me sente por inteiro e seguro seu quadril, acompanhando seus movimentos.

—E você, está se divertindo? — É a vez dela perguntar.

Fecho os olhos para me concentrar melhor porque tê-la assim tá me levando ao limite. Quando abro-os, há uma expressão de vitória em seu rosto.

— Eu me divirto com qualquer coisa que você faça comigo. — Admito. — Mas porra, Mel, você em cima de mim está superando todas as expectativas.

Então, ela apoia as mãos nos meus ombros e continua em um sobe e desce incessante. Acaricio os bicos rijos dos seios dela e ela geme mais ainda. É nesse momento que começo a chupá-los. Passo de um para o outro enquanto ela continua em cima de mim com as mãos entre meus fios.

— Theo... — Ela geme meu nome e sei que está muito perto de gozar.

— Mel, olha pra mim. — Peço, e ela obedece, mesmo que um tanto quanto receosa. — Eu quero que você goze olhando pra mim, entendeu?

— Você também é mandão durante o sexo? — Ela arqueia uma sobrancelha

— Você não viu nada. — Respondo enquanto não há mais resquício de risada em meu rosto.

Mel revira os olhos, e eu a penetro ainda mais forte, arrancando dela um gemido alto.

— Isso, Mel. Me fala do que você gosta e pode ter certeza que eu vou fazer — Dou mais uma estocada nela.

— Me toca. — Ela pede e eu prontamente obedeço, umedecendo meus dedos na boca e descendo, lentamente, entre suas pernas. Mel geme em cima de mim e espero, sinceramente, que isso não seja um sonho. Porque, se for, não quero ser acordado nunca.



28- Mel

Estou olhando para o espelho vendo uma mulher com cabelo todo desgrenhado, a boca inchada e diversas marcas no pescoço, que descem até os seios. Poderia ser uma situação um tanto quanto assustadora, mas o sorriso que me encara diz o contrário. Deslizo meus dedos sobre meu rosto, em seguida meu pescoço e por toda a extensão da minha pele me lembrando da noite anterior. Ou melhor, da madrugada anterior. Quando achei que estava saciada, bastou ele me tocar para que começássemos tudo de novo.

Estremeço só de lembrar dos lábios dele sobre os meus, me devorando ferozmente e, mais tarde, como se não houvesse pressa nenhuma; sua boca me torturando e me levando à loucura. Não quero afirmar que foi o melhor sexo da minha vida, seria uma pressão enorme na situação. Só que, olhando para a mulher que me encara no espelho, nós duas temos a resposta. Se eu tivesse adicionado esse item à nossa lista, teríamos riscado há algumas horas atrás.

Eu não tinha ideia de como a noite de ontem terminaria e quero me sentir mal por tê-la começado com Eric e finalizado com Theo. Não há, porém, uma célula de arrependimento no meu corpo, o que me assusta. Entro no chuveiro para acalmar minha pele, meu coração e meus pensamentos. Quando a minha cabeça volta a tudo o que Theo me disse ontem, fico tonta. Uma parte ainda não acredita que ele gostou de mim desde a adolescência, não acredita que meu primeiro beijo foi real – porque, quando penso muito nisso, me sinto culpada. Culpada por não ter sido capaz de enxergar, culpada

por não corresponder da mesma maneira e, acima de tudo, culpada por não ter me permitido pensar algo diferente.

Não gosto de pensar muito, na maior parte do tempo fujo dos meus pensamentos, me afundando na escrita, na leitura e até mesmo na corrida. Fiz isso quando comecei a me sentir diferente na presença do Theo, quando desejei que tivéssemos algo a mais. E por mais que tivesse nos imaginado juntos, neguei esses sentimentos a mim mesma por bastante tempo, até ontem à noite.

A Melissa de dezessete anos estaria rindo se soubesse como me sinto em relação a ele hoje. E mesmo com essa certeza, não gosto de deixar a minha mente vagar por aí. Quando permito, ela me leva a lugares sombrios que eu não quero revisitar, a lugares em que eu não sou digna de amor, de carinho, de admiração - onde eu não acredito que alguém seja capaz de me amar, muito menos alguém como Theo.

Eu cedi uma vez, com Alexandre. Levei muito tempo do nosso relacionamento para me convencer de que eu era digna dele, a verdade é que nunca acreditei 100% nisso - mas eu era boa em fingir, boa em jogar tudo para debaixo do tapete, ótima em guardar meus medos em uma parte escondida da minha cabeça, na qual eu raramente tinha acesso.

Eu sei que Theo não é Alexandre, o meu cérebro sabe disso, o meu coração também, mas ainda é difícil acreditar que alguém me quer de verdade. E quando digo querer, não é para uma transa sensacional, mas sim, depois. Quando acordo toda descabelada e de mau humor, quando estou tão triste a ponto de não conseguir me olhar no espelho ou quando alcanço aqueles lugares horríveis na minha mente.

Deixo a água quente lavar meu corpo e fecho os olhos, permitindo que tudo seja levado por ela. Eu acordei feliz e a minha cabeça não vai estragar isso. Quando abro os olhos, no entanto, é difícil pensar em qualquer coisa que não seja em olhos verdes me encarando com um sorriso atrevido no rosto. Ele não diz nada, apenas alcança sua escova de dentes que deixou ali e faz o que precisa fazer sem deixar de me olhar.

O box está embaçado, o que não dá a Theo a visão completa do meu corpo. Quando penso nisso, me retraio. Apesar de ter quase certeza de que ele decorou tudo sobre mim pela quantidade absurda de vezes que ficamos um em cima do outro, é diferente quando estamos à luz do dia, quando olho para baixo e me observo. É nesse instante que ouço a voz dele, como se soubesse exatamente o que está passando pela minha cabeça.

— Olhe apenas para mim — ele ordena, com a voz rouca e sexy que me deu vários orgasmos algumas horas atrás. Eu obedeco, simples assim. Não há resquício da Melissa petulante ou teimosa aqui. A verdade é que gostei de como ele tomou meu corpo, como se o conhecesse desde sempre, como se nossos corpos se pertencessem.

Theo abre o box, ele já está nu, deliciosamente duro e fazendo com que minha boca salive para envolvê-lo. A água ainda está correndo sobre meu corpo, ele não desvia seu olhar do meu e eu faço o mesmo, até que sua boca esteja tomando a minha possessivamente, me arrancando gemidos, sem que eu tenha controle sobre eles. Com uma das mãos, ele aperta meu rosto e com a outra cola meu corpo ainda mais no dele.

— Minha. — Ele murmura, no meio do nosso beijo. — Meus — ele fala, em seguida, e sinceramente não entendo o que quer dizer. Encaro seus olhos nublados, cheios de desejo, enquanto sinto sua ereção em mim.

— O q-que você quer dizer? — Pergunto, com a voz vacilando.

— Que você é *minha*, que seus gemidos são *meus* e não quero que os compartilhe com mais ninguém a partir de agora.

Quero ter uma resposta para isso, então seus lábios descem pelo meu pescoço e perco totalmente o raciocínio. Suas mãos deslizam lentamente pela minha pele, arrepiando todos os pelos do meu corpo. Quando meus olhos encontram os dele, há tanta luxúria, que não sei como ainda consigo me manter em pé. Ele morde meu lábio inferior, me arrancando um novo gemido, então desce beijando meu pescoço, ombros, seios, barriga e *ah!*

Theo está de joelho na minha frente, minhas pernas ficando moles, fazendo com que eu precise me apoiar na parede, enquanto minhas mãos deslizam pelo seu cabelo.

— Deliciosa — ele diz, enquanto me chupa tortuosamente devagar. Os estímulos enviados para o meu corpo fazem com que eu me contorça toda, jogando meu cabelo para trás, sem conseguir segurar os sons que saem pela minha boca. Ele enfia dois dedos em mim e eu grito.

— Grita meu nome, Mel. Você não tem noção de como eu fico quando ele sai dos seus lábios enquanto você goza.

Essa voz rouca. Esse tom que ele usa comigo. Não tem como evitar que meu corpo se entregue nos segundos seguintes, simplesmente não consigo controlar a forma como dou a ele exatamente o que quer. Como grito seu nome de forma desesperada enquanto ele chupa cada gota da minha excitação, sem me dar uma pausa, sem me deixar recuperar por alguns

segundos. Minhas pernas estão bambas, mas ele me segura firmemente, como se eu não pesasse nada e continua me chupando, me provocando e esfregando, me levando a um novo orgasmo instantes depois.

— Theo — gemo seu nome enquanto ele começa a subir pelo meu corpo novamente. Quando consigo enfim abrir os olhos, há um sorriso descarado em seu rosto.

— Finalmente, estamos aqui de novo. Tenho sonhado com isso desde o dia que você me colocou neste box com você.

— O quê? — Pergunto. — *Quando?*

— Quando fiquei sem teto pela segunda vez e você ficou bêbada com as suas amigas.

Coloco a mão sobre a boca, chocada com a informação que me dá. Sou muito fraca com álcool, por isso, na maioria das vezes, não misturo, pois sei que vou me dar mal. Naquele dia, eu bebi vodka, apenas a bebida que está no topo da minha lista para evitar.

— O que a gente fez? — Pergunto, desesperada.

— Nada, Mel. Pode ficar tranquila. Eu jamais faria algo com você bêbada.

Imediatamente, mudo a minha expressão.

— Eu sei, Theo. Não é isso que estou dizendo. Quero saber como viemos parar no chuveiro.

Procuro a resposta em seus olhos, e ele parece se divertir com isso.

— Você queria ajuda para tomar banho.

— Não!

— Sim. — Ele parece achar graça. — Eu disse que não era uma boa ideia e você ficou brava e entrou aqui de pijama e tudo. Como demorou bastante, vim ver o que estava acontecendo e encontrei você com a blusa enroscada entre seu braço e sua cabeça.

Ok, tenho certeza que meu rosto começou a pegar fogo neste exato instante.

— Não pode ser! — Nego, e ele continua, me ignorando totalmente.

— Você me puxou para o chuveiro — ele se aproxima e beija meu pescoço — e disse que me queria.

— Não é possível.

Theo continua depositando beijos quentes bem ali, me provocando enquanto tira sarro de mim.

— E como eu faço tudo o que você quer, estou aqui cumprindo seu desejo. — Debocha, rindo. Em seguida, me encara.

— Muito engraçado. Se for por isso, já pode parar. — Falo, séria. No fundo, ele sabe que estou brincando. O sorriso então some de seus lábios e uma expressão séria assume o lugar.

— Nunca. — Ele garante, mordiscando meus lábios e abrindo passagem para que sua língua encontre a minha. Suas mãos esfregam meus seios duros e sensíveis e sinceramente nem lembro mais o que eu estava pensando.

— Você não pode negar mais que me quer, Mel. — Ele sussurra em meu ouvido enquanto mordisca minha orelha.

— Ah não? — Respondo, com a voz trêmula, imersa no prazer do momento, jogando meu pescoço para trás, permitindo que a água caia bem ali.

— Não. — Ele responde, enquanto desliza sua mão pela lateral do meu corpo até enfiar seus dedos compridos em mim.

— Essa é a prova, babe. Sinto como você tá molhada pra mim, sei que sua boceta está louca pelo meu pau.

Seus dedos se movem dentro de mim e atingem um ponto que chega perto da dor. É insanamente bom.

— Três dedos em você, Melissa. E você está molhada pra caralho.

Quero rebater o que sussurra sobre minha pele, mas simplesmente nada me vem à mente. Enquanto ele me tortura com uma mão, a outra agarra meu rosto, me tomando para si em um beijo demoradamente sexy.

Uma vez, Amanda me disse que se Theo fosse bom de cama seria perfeição demais para um homem só. Posso dizer que ela estava enganada. Ele não é bom de cama. Theo poderia facilmente dar aulas sobre isso.

Ele retira seus dedos de mim e os leva até a boca bem na minha frente, com uma expressão descarada no rosto. Nem preciso dizer que seus olhos não desviam dos meus enquanto ele lambe os dedos. A minha expressão seria de puro choque, se eu não estivesse achando extremamente sexy. A cena toda é. Seu corpo tão próximo do meu, as tatuagens nele e o olhar, como se estivesse faminto por mais.

Coloco as mãos em seu peito, acaricio e circulo a tatuagem que ele tem bem ali. Seu olhar vai até minhas mãos e em seguida acaricio seu rosto.

— Esse M é para a sua mãe? — Dou uma risadinha com a letra tatuada em seu peito. Tá, não é um momento apropriado para trazer a mãe

dele até a conversa.

— Não — ele responde, simplesmente, sem resquício de diversão em seu olhar.

Por um momento, acho que acabei totalmente com o clima, porque não quero que essa tatuagem seja para uma garota. Então, ele quebra o silêncio e eu quase perco o ar.

— Esse M é seu. E agora eu posso terminar de escrever seu nome, Melissa. Sempre fui seu mesmo.

Simplesmente, meus olhos ficam do tamanho da minha cabeça, porque *não pode ser*.

— Como é possível?

— Eu sempre fui louco por você, Mel. *Sempre*.

Theo me beija novamente e não é só meu corpo que reage a ele; meu coração se acelerou de uma forma inexplicável.

Seus dedos deslizam pela minha nuca, até estarem entrelaçados aos meus fios, e sua língua se enrola demoradamente na minha. Me entrego a ele, deixando que faça o que quiser comigo.

Ele agarra as minhas coxas, fazendo com que minhas pernas envolvam sua cintura.

— Sou muito pesada. — Sussurro em seu ouvido.

— Definitivamente, você não é nada pesada pra mim, babe. Posso fazer isso o dia inteiro. Devo te lembrar que você já ficou nessa posição comigo há semanas atrás?

— Era diferente.

— Não era não. Eu estava duro por você, exatamente como estou agora.

Apesar do que estamos fazendo, fico envergonhada.

— A diferença é que agora eu vou te comer exatamente como eu quero.

Antes que eu tenha tempo para protestar, seus lábios estão novamente nos meus, como se ele não pudesse suportar transar comigo sem me beijar o tempo todo.

— Acho que calculei isso mal. — Fala.

— Eu disse que era pesada — Murmuro.

— Não estou falando disso, Mel. Eu tenho que pegar a camisinha, ficou no quarto.

— Ah!

Nunca transei sem camisinha, nunca mesmo. Definitivamente estou pensando nisso neste exato momento. Quero senti-lo por inteiro, sem absolutamente nada no meio.

— Eu tomo anticoncepcional e meus exames estão ok. — Digo, de repente.

Theo me encara, um tanto quanto surpreso.

— Meus exames também estão ok. Você tem certeza? — Ele pergunta, com sinceridade.

— Se você quiser...

Ele apoia minhas costas na parede enquanto continuo enroscada nele, roçando seus lábios nos meus.

— Eu quero experimentar tudo com você, Melissa.

E antes que eu tenha tempo de responder a isso, ele me penetra, chegando tão fundo que preciso me remexer para me adequar a ele.

— Tudo bem? — Pergunta, preocupado.

— Aham — balanço a cabeça.

— Você vai me matar. — Ele diz, enquanto começa a deslizar dentro de mim, primeiro com movimentos controlados.

Sinceramente, não sei como ele consegue me segurar e ainda fazer isso tão bem. Sem dúvidas, vou ter que começar a imitá-lo na academia.

— Tão molhada. — Ele suspira no meu ouvido. — Tão minha. — Ele continua.

Seus olhos alcançam os meus e sinto o desejo aumentar ainda mais dentro de mim. Acho que ele identifica isso, porque nos minutos seguintes, Theo não é nada gentil. Quando me beija desse jeito e me preenche em movimentos coordenados e possessivos, gritar o nome dele é a coisa mais fácil que consigo fazer.



O apartamento está uma zona: roupas espalhadas por todos os lugares, um sofá quebrado (culpa do Theo, não minha). Inclusive, acho que ele fez isso de propósito - tudo gritando claramente que duas pessoas se divertiram ali. Theo está só de cueca, desfilando sua bunda gostosa pelo local, me provocando enquanto eu tento, sem sucesso, secar meu cabelo. Ele está enfiado na cozinha, fazendo nosso café da manhã ou almoço ou ambos. Já é quase uma da tarde - acho que gastamos muito tempo nos exercitando e sinto meu rosto queimar toda vez que as cenas repassam na minha cabeça.

Estou simplesmente tentando não ficar com cara de idiota e procurando algum assunto que chegue perto do normal com ele. Era para eu estar mais à vontade, já que passei as últimas horas nua embaixo e em cima dele, e em posições nada inocentes. Não sei, porém, como abordá-lo: ainda estou impactada com a revelação da tatuagem, ainda existe muita coisa que preciso absorver. Para resumir, minha cabeça está uma bagunça.

— Ouço seus pensamentos daqui — ele chama minha atenção, encarando-me da cozinha. Deixa a frigideira por alguns instantes e vem em minha direção, beijando meu pescoço, fazendo com que minha pele se arrepie novamente. É sério, ele não pode ficar perto assim de mim, se não, entraremos em uma maratona de sexo. Não que seja algo ruim, mas acho que temos muito a conversar.

— Tudo bem, babe?

— Esse é meu novo apelido? — Arqueio uma sobrancelha pra ele.

— Poderia ser senhorita encrenca ou Demoniazinha como você ama... — Faço uma careta para ele. — Hoje, no entanto, prefiro babe, amor... Posso te chamar como quiser.

Reviro os olhos, porque, sinceramente, não sei como encarar isso, encarar a gente. Novo. Estranho. Empolgante. *Assustador*.

— Vai me dizer o que estava pensando? — Ele pergunta.

— Se você parar de encarar minha boca, quem sabe.

Um sorriso preguiçoso se instala em seu rosto e ele desvia o olhar.

— Eu juro que eu tento.

— Então, por que está me olhando assim?

— Assim como? — Ele continua me encarando, algo que não sei identificar em seu olhar.

— Assim.— Aponto com a mão. Ele analisa meu rosto antes de responder.

— Eu sempre te olhei assim, Mel — Theo diz, simplesmente.

— E por que nunca percebi?

— Talvez porque agora você também esteja olhando assim pra mim.

A constatação não é uma surpresa, claro, o que não deixa de ser aterrorizante.

— É algo ruim? — Ele me olha, franzindo as sobrancelhas.

— Não.

Theo parece um pouco mais aliviado.

— Então por que você parece tensa?

— É que não sei mais como agir na sua frente. *É estranho*. — Ele me analisa por mais um tempo e sorri.

— Que tal como sempre? — Sugere — Tipo, me tirando do sério e fazendo eu querer arrancar meu cabelo?

— Idiota!

— Estou falando sério. Pensa pelo lado positivo, amor. — Ele fala e meu coração pula uma batida. — Se você me irritar, podemos muito bem resolver nossos impasses na cama, com um sexo pra lá de selvagem.

— Ei! — Dou um soco nele.

— Melissa, nem vem. Que eu saiba essas marcas vermelhas nas minhas costas foram causadas pelas suas unhas. Então, nem adianta ficar com vergonha de mim. Não tem mais volta.

— Babaca! — Bufo.

— Gostosa. — Ele pisca para mim e me dá um tapinha na bunda. A intimidade aqui escalou estratosféricamente. E como não, né? Estávamos até minutos atrás grudados como dois coelhos.

Antes que eu tenha tempo de mais alguma coisa, a campainha toca e eu paraliso. O porteiro não me avisou sobre ninguém pelo interfone, ele sempre avisa.

— Você está esperando alguém? — Theo pergunta.

— Não que eu saiba. — Dou de ombros.

— Por via das dúvidas, vai se esconder. — Oriento Theo.

— Por quê? Não precisamos nos esconder de ninguém, Mel.

— Não tenho certeza disso, vai que é o Eric. Seria estranho pra caramba.

Sinto que Theo fica tenso rapidamente e sua fisionomia muda.

— Se for ele, aí que ele deveria me ver exatamente como estou.

— Theodoro Lawrence, por favor. Pode parar! — Dessa vez, é ele que bufa.

— Vou no máximo vestir um short, Melissa.

Ele sai para dentro do quarto, onde largou algumas trocas de roupas, enquanto enfio uma blusa de gola alta por cima da minha regata para abrir a porta. Ninguém pode ver essas marcas no meu pescoço e não tenho tempo de cobrir com maquiagem.

Espero que seja um engano. Torço para estarem tocando a campainha errada - sempre confundem o meu apartamento com o do vizinho, um mistério para mim desde que me mudei para cá. Definitivamente, ele recebe tanta gente esquisita. Enfim, não é problema meu.

A campainha toca mais uma vez, quando eu viro a chave. Não estou preparada para o que vejo a seguir ou para o furacão que invade meu apartamento.

— Mel! — Minha mãe me agarra, assim que abro a porta. — Acho que seu interfone está quebrado. O porteiro quase não nos deixa subir.

Em seguida, é a vez do meu pai me dar um abraço. *Pelo amor de Deus, o que eles estão fazendo aqui?*

— Mãe, o que vocês estão fazendo aqui? — Pergunto, apavorada. Não tenho tempo nem de raciocinar antes que eles entrem em meu apartamento. Com essa bagunça, com um sofá quebrado, com THEO.

Dou um grito desesperada com a possibilidade do encontro e meus pais me olham assustados.

— O que foi, Mel? — Meu pai pergunta.

Na mesma hora, meu maior pesadelo se materializa e Theo sai correndo do meu quarto, ainda sem camisa.

— Mel? — ele me procura, assustado.

Acho que é um excelente momento para eu desmaiar. Me sinto no meme do Homem-Aranha, no qual eu olho para meus pais, eles encaram Theo e o olhar de Theo me busca, implorando por socorro. *Me leva, Deus, por favor.*

— Theo? — É minha mãe quem corta o silêncio, fazendo com que eu tenha certeza de que não estou tendo um pesadelo e a cena está acontecendo na minha frente, com meus pais. Há roupas espalhadas pela casa, Theo sem camisa saindo do meu quarto. Como vou dizer que um mais um não é dois?

— Oi, Carolina. Tudo bem? — Ele pergunta, firmemente. Só que seu corpo o entrega. Vejo daqui seu pescoço começando a ruborizar no mesmo instante.

— Oi, Marcelo. — Ele tem um pouco mais de dificuldade de encarar meu pai, que parece estar achando graça de tudo, como sempre, e apenas lhe

dá um aceno de cabeça.

— Estou bem, querido. Muito bem, na verdade. Não sabia que você estava... hum... — Minha mãe olha ao redor do apartamento, lança um olhar significativo para mim e volta a Theo novamente — aqui. — Ela finaliza.

— É, mãe. Ele veio almoçar comigo! — É a coisa mais idiota que sai da minha boca no momento e até Theo arqueia uma sobrancelha pra mim.

— Claro. — Ela pisca para mim, e quero, definitivamente, entrar em uma máquina do tempo para retirar o que eu disse, ou melhor, tudo o que aconteceu depois que aquela campainha tocou.

— E aí, Theo. Como está? — Meu pai finalmente estende a mão para ele, tentando se manter sério.

— Bem, obrigado, Marcelo. Vocês querem comer algo? Posso preparar para vocês. Sei que devem estar cansados e com fome depois da viagem.

Instintivamente quero matar o cara de 1,90m à minha frente, porque, obviamente, ele está se sentindo bem à vontade no meu apartamento e, obviamente, meus pais vão notar isso e, obviamente, não há como negar mais nada aqui. A única coisa que me vem à cabeça é “você acha que homem pensa?”.

Bufo irritada e simplesmente os ignoro. Não há nada o que fazer, a coisa está óbvia demais. Na verdade, já estava antes, no momento em que eles entraram aqui.

Theo pelo menos se deu ao trabalho de vestir uma camiseta para que meus pais não vejam as marcas nele - menos uma vergonha para a minha lista - enquanto me enfio no banheiro tentando me recuperar da cena patética à minha frente. Falho miseravelmente, claro.

Quando volto à cozinha, meus pais estão sentados à mesa, papeando algo, que prefiro não saber, com Theo.

— Mel, querida — minha mãe me chama para o seu lado e cedo, sem nenhuma resistência. — Estava com tanta saudade de você. — Ela me abraça, e falo o mesmo, porque também estava com saudades dela. Dos dois, na verdade.

— Por que vocês não avisaram que viriam?

— Queríamos fazer uma surpresa. — Meu pai responde. — Comemorar com você o lançamento do seu eBook. Estamos tão orgulhosos.

Quero abraçá-lo por isso e quase esqueço da situação toda, até que minha mãe me lembra.

— E fizemos uma grande surpresa, né? — Ela pisca para mim, com aquele olhar de “eu sei o que você aprontou aqui e, sim, vou querer saber de tudo”. Balanço a cabeça negativamente, pensando no que fiz de tão ruim para estar passando por essa vergonha toda.

— Então, Theo...

Minha mãe se volta a ele e o pavor toma conta do meu rosto.

— Soube que você se mudou para cá há um tempo já.

— Pro apartamento? — Ele pergunta, assustado.

— Não, para São Paulo! Pera, você está morando aqui?

— Não! — Ele responde rápido demais, e só consigo fazer cara de paisagem. Estou quase rindo. De desespero, é claro.

— Isso, faz um tempo que me mudei para São Paulo. — Ele concorda enquanto coloca as batatas na assadeira e, em seguida, no forno. Minha mãe está observando atentamente cada movimento feito por ele. Me jogo derrotada na cadeira. Me entreguei, não vou mais lutar contra isso. Nenhuma desculpa que eu tente inventar vai fazer com que Dona Carolina caia. Nem os plots mais elaborados dos meus livros seriam suficientes para convencê-la. Então estou aqui, apenas deixando a vergonha tomar conta do meu corpo.

— Você não me contou que tinha ligado para o Theo, querida. — Minha mãe me alfineta e Theo me lança um olhar, querendo rir. Rapidamente, ele se vira para a pia. *Filho da puta*.

— É, mãe. Esqueci. — Digo, de forma irônica, e ela estreita seus olhos pra mim.

— Faz tempo que vocês se reencontraram? — Pergunta.

— Um pouco — Theo diz.

— Não — eu respondo, ao mesmo tempo. Obviamente, nossas respostas estão super conectadas.

— Certo. — Minha mãe assente. — Mel, que tal você me ajudar a guardar essas coisinhas no seu quarto? — Ela me encara e óbvio que sei o que virá daqui.

— Seu pai e Theo podem conversar um pouco, né, rapazes?

— Sim! — Ambos respondem, incertos.

Levo minha mãe ao meu quarto, que não está nas melhores condições. Pelo menos Theo tirou as roupas do sofá e não há calcinhas no

chão. Desconfio, no entanto, que ele tenha jogado tudo embaixo da cama.

Inclusive, minha mãe está pronta para se sentar nela, quando a impeço.

— Não! — Quase dou um grito.

— O que foi, Mel? — Ela me encara com o rosto franzido.

Não tivemos tempo de trocar a roupa de cama e não quero que minha mãe se sente aqui. *Eca*. Isso é esquisito demais, não dá. Ainda estou rezando pela máquina do tempo para me teletransportar para a época dos dinossauros.

— Hum. Não troquei a roupa de cama. — Confesso, morta de vergonha.

Minha mãe lança seu olhar em minha direção e um sorriso de “eu sabia” surge em seu rosto.

— Quando isso começou, Melissa?

— Isso o quê, mãe? — Encaro-a, novamente, com uma expressão entediada.

— Você transando com o Theo...

— Xiuuuuuuuu. Não repete isso, por favor. Ele pode escutar. — Coloco meus dedos sobre os lábios dela. — E quem disse que estou fazendo isso com ele?

Tento me manter séria, mas é impossível quando Dona Carolina dá uma gargalhada na minha cara.

— Mãe! — Reclamo. — Quer saber, isso não é da sua conta. Se esqueceu que sou uma mulher adulta? — Murmuro, tentando não soar grossa.

— Claro que não, querida. Estou feliz por você. Um pouco chateada também, mas feliz.

— Chateada por quê?

— Por que você não me contou que estava saindo com ele. Você nem me contou que tinha ligado pra ele, em primeiro lugar. — Ela faz um bico, como se fosse uma adolescente.

— Eu não liguei pra ele, mãe.

— Não? Então, como ele veio parar aqui?

— Longa história!

— Vocês estão namorando? — Ela se anima. — Mal posso esperar para falar com a Ma.

— Nenhuma palavra sobre isso com ela, mãe. E não, não estamos namorando. Nem sei o que é isso ainda. Muito recente, é tudo muito recente.

— Em pensar que vocês insistiam em dizer que se odiavam.

— Mãe, Theo *me* odiava. Eu o odiava.

Ainda acho que esse sentimento não foi completamente embora, chego à conclusão.

— Com certeza. — Carolina responde com sarcasmo.

Quero gritar por ela pensar que sempre teve razão sobre nós dois e blá, blá, blá. Sinceramente, não quero ouvir. Amo meus pais, de verdade. Mas eles escolheram o pior momento para estarem aqui.

— E aí, vai me contar como reencontrou o Theo? — Me desafia — Eu tinha razão, não tinha? Ele está lindo! — Ela pisca e, sério, ainda estou cogitando fingir um desmaio.

Nos próximos minutos jogo tudo para fora, quer dizer, não tudo, mas a parte essencial sobre Theo, em como nos reencontramos e como ele ficou comigo por um tempo. Sobre o resto, sou a única pessoa que precisa saber desses detalhes. E com certeza, vou guardá-los exclusivamente para mim.



29 - Theo

Mel se enfiou no quarto com Carolina, que certamente deve estar tentando fazê-la desembuchar sobre a forma como nos pegou aqui mais cedo. Não posso fingir que não estou envergonhado pra cacete, só disfarço bem, diferente da Mel, que, se pudesse, teria se teletransportado para qualquer lugar do mundo para evitar a situação.

Marcelo está aqui, tomando uma cerveja enquanto me encara. Ele sempre foi um cara tranquilo e tal, mas é da filha dele de que estou falando, por isso, não há como saber o que está se passando em sua cabeça. Espero que não esteja pensando em me jogar daqui. Acho que eu não morreria com a queda do quarto andar, mas me quebraria todo, com certeza. Ou talvez morreria, sim.

Como ele não diz nada, inicio o papo.

— Eu gosto muito da Mel, Marcelo.

Ele tira os olhos escuros da cerveja e os direciona a mim.

— Nunca tive dúvida disso, Theo. — Passa a mão sobre a barba grisalha.

— Nunca vamos ser gratos o suficiente pelo que você nos fez no passado, por ter nos contado o que estava acontecendo com ela. Se não fosse por você, poderíamos ter percebido tarde demais... — Ele pigarreia, com a voz embargada.

— Era o mínimo que eu poderia fazer... Não precisa agradecer.

— Sabe... — Ele olha para mim. — Não quero que essa conversa chegue aos ouvidos das duas ali dentro, tá bom?

— Claro. — Assinto.

— Estou feliz que a Mel tenha encontrado alguém como você, definitivamente aquele Alexandre era um babaca e não tratava a minha filha como ela merecia. Espero que você trate. — Seu olhar fica mais sério ao me encarar.

— Pode contar com isso.

— Bom mesmo. — Diz. — Não gostaria de ter que jogar você do quarto andar, Theo... — Ele me ameaça, sério.

— E-Eu também não... — Respondo, gaguejando.

Em seguida, ele ri.

— É brincadeira, meu jovem.

— Eu sei. — Rio também. *Eu não sabia, não.*

Mel e Carolina estão de volta à mesa e sirvo a todos a gororoba que inventei de última hora. Batatas assadas com queijo e orégano. Não é um banquete, mas dá para enganar a fome até que consigamos resolver o impasse sobre a comida. Mel está ao meu lado e quero deslizar minha mão sobre a dela, mas me mantenho neutro, pois ela não está me olhando, no momento. Carolina, no entanto, está e sorri, assim que nossos olhos se encontram.

Carolina e Marcelo elogiam a minha comida enquanto Mel dá uma piscadinha assim que seus pais se viram. Estou retirando os pratos da mesa e colocando-os na pia com a ajuda do pai dela, quando ouço Mel gritar.

— Não senta aí, mãe!

Olho em direção às duas e, obviamente, já sei que a cena a seguir vai ser embaraçosa.

— Não posso me sentar no sofá, Melissa? Por quê?

— Porque ele está quebrado!

— E como você quebrou o sofá? — Ela coloca as mãos na cintura.

Me encolho, voltando minha atenção à louça, porque a resposta sincera seria: *com um sexo pra lá de selvagem ontem à noite*. Só de lembrar, meu pau começa a reagir e tenho que pensar em qualquer coisa para que ele volte ao estado normal, afinal, agora, definitivamente, não é a hora.

— Ele está velho, mãe! Eu me sentei com muita força ontem e senti um pau duro aí.

Quase engasgo com a minha própria saliva, porque essa escolha de palavras definitivamente explica o que aconteceu. Marcelo olha em minha direção e tento disfarçar, esperando que meu rosto não esteja me entregando.

Olho de soslaio em direção à sala e percebo que Mel tenta reformular a frase.

— Quer dizer, tem uma madeira onde não deveria. Ou falta de espuma. O ponto é que não dá pra sentar aí. Você pode se sentar na cadeira ou na cama... — Ela dá de ombros.

Não ouço o que Carolina responde, pois meu celular começa a tocar. A tela acende com o nome de Eric. Automaticamente, me sinto culpado. Por ele, pela situação toda. Por outro lado, jamais arrependido.

— Alô... — Coloco o celular entre a orelha e meu rosto enquanto termino de secar as mãos.

— Tudo bem, Theo? — Ele pergunta, em um tom um tanto diferente do nosso habitual.

— Sim. — Respondo, simplesmente. Ficamos em silêncio por alguns instantes, até que falamos juntos:

— Precisamos conversar!

— Concordo, Eric. Você está tranquilo hoje?

— Sim, um domingo livre, o que é incrível. Faz tempo que não tenho um assim. Você pode vir até aqui ou quer que eu vá até seu apartamento?

Como não estou em meu apartamento e não quero esfregar na cara dele que estou ao lado de Mel, opto pela primeira opção.

— Prometo estar na sua casa em uma hora, tá bom?

— Fechado. Até, Theo.

— Até.

Digo a Mel aonde estou indo, e ela me olha com preocupação.

— O que você vai dizer a ele?

— Só a verdade.

— Claro... — Ela olha para os pés.

— Você tem algum problema com isso? — Pergunto, incerto. Quero gritar comigo mesmo por ainda ter ciúmes do meu melhor amigo, sendo que fui eu quem acordou ao lado dela hoje. Quer dizer, fui eu quem mal dormiu ao lado dela hoje.

— Não, acho que vou precisar conversar com ele em algum momento também...

— Vou deixar você com os seus pais, não quero atrapalhar. Eles vieram de longe pra comemorar com você, amor. — digo, baixinho.

— Eu sei, apesar de tudo, estou feliz por estarem aqui. Eu também estava com saudades.

— Assim que sair da casa do Eric, devo ir para meu apartamento. Se seus pais quiserem dormir lá ou se precisarem de um colchão extra aqui, eu posso trazer.

— Posso arrumar um colchão inflável, não se preocupe, Theo.

— Você não precisaria se eu não tivesse quebrado o sofá.

— Então você admite? — Ela estreita os olhos para mim.

— Isso vai me fazer ter uma transa incrível depois?

— Talvez... — Ela move os lábios em um bico, e juro que quero beijá-la agora mesmo, mas me seguro porque seus pais estão a poucos metros de distância.

— Fui eu, Mel. Pode colocar a culpa em mim! — Ela ri e eu também. Ela é linda, fica ainda mais linda quando sorri assim.

— Ok, até mais Theo... — Ela dá um beijo em meu rosto e a puxo pelo braço.

— Não vejo a hora de estar dentro de você novamente... — Sussurro em seu ouvido e depois lhe dou um beijo no rosto. Não espero para ouvir sua resposta, apenas noto o rubor em seu pescoço e viro as costas rindo, indo em direção ao elevador.

Pouco tempo depois, Eric autoriza minha entrada no prédio e logo estou em frente à sua porta, tocando a campainha.

— E aí, cara? — Ele aperta minha mão e me dá um abraço desajeitado.

— Tudo bem? — Analiso seu rosto para tentar identificar algo diferente.

— Estou bem... — Responde, não tão animado.

Entro no apartamento extremamente organizado e me acomodo no sofá. Eric me oferece uma cerveja e eu dispenso, porque estou dirigindo. Finalmente, motorizado. Então, ele me passa um envelope pardo.

— O que é isso?

— As fotos do evento.

— Ah! — Digo, direcionando meu olhar ao envelope. — Pensei que as pessoas não revelassem mais fotos. — Tento brincar e Eric dá de ombros.

Abro o embrulho e logo tenho as fotos em minhas mãos. Mel está deslumbrante no meio de nós dois, com um sorriso enorme. Lembro-me perfeitamente de como me senti quando a vi vestida assim: com vontade de levá-la para cama no mesmo instante. E agora que sei como é estar com ela, meu corpo inteiro estremece.

Passo por todas as fotos com posições similares e me concentro na última. Eric não está nela. Apenas Mel e eu. Lembro-me que essa foto foi

tirada rapidamente, quando Eric foi chamado por alguém próximo a nós. Encaro o retrato por mais tempo do que necessário, é impossível desviar o olhar dela.

Quando tiro meus olhos da foto, Eric está me observando com as duas mãos no bolso, enquanto se mantém em pé.

— Por que você nunca me contou?

Ele não precisa explicar nada para que eu saiba do que está falando.

— Me desculpa, Eric. De verdade. Sei que não foi legal o que fiz ontem e sei que você não merecia nada assim.

— Eu deveria ter percebido quando você trocou a Rafaela sem nem pensar duas vezes... — Ele dá uma risadinha, e eu fico irritado. Do jeito que fala, parece que ela era melhor do que a Mel.

— A Mel sempre foi a mais importante pra mim, Eric. E não gosto como você fala dela, como se a Rafaela fosse a pessoa mais irresistível do mundo.

— Ela era bem bonita, né, Theo?

— Ela nunca chegou aos pés da Mel. Nenhuma garota chegou.

Eric me encara, como se tivesse percebido mais alguma coisa.

— Cara, você não só *gosta dela*. Está completamente apaixonado. Como não notei isso? — Ele pergunta, incrédulo.

— Não notou? — Provoco. — Eu sei que fui um cuzão e não estou tentando colocar a culpa em você, só que nós dois sabemos que você sabia, de alguma forma.

Ele me analisa por um tempo, antes de quebrar o silêncio.

— Eu imaginei, Theo. Para ser sincero, sim. Desconfiei, principalmente, de como você reagia toda vez que eu estava próximo dela. E, sim, me desculpa por eu ter sido egoísta e ter ignorado totalmente os sinais, pois queria entrar na competição.

— Competição, como assim? Nunca foi uma competição.

— Eu sei, cara. Não é isso. O que eu quero dizer é que estava interessado na Mel. E quando ela me confessou que tinha um crush em mim na escola, tentei me aproveitar disso para me aproximar. Talvez agora nós pudéssemos ficar juntos.

A sinceridade de Eric faz com que meu estômago revire porque, de novo, eu não perguntei a ela até onde eles chegaram, só que estou a ponto de fazer essa pergunta a ele. O ciúme começa a borbulhar nas minhas veias. Ele não pode ter tocado nela como eu toquei.

— Até onde vocês foram? — Pergunto, de repente.

Eric me encara contemplativo, com seu copo de cerveja na mão. Ele analisa meu rosto e inclina a cabeça.

— Se você está querendo saber se a gente transou, a resposta é: não.

Sinto um alívio tomando conta do meu corpo e, em seguida, me sinto um babaca, afinal não tenho o direito de fazer essa pergunta. Mel não era minha namorada, Mel *não é* minha namorada *ainda*. Não porque eu não queira, mas porque não tivemos tempo de tocar no assunto.

— Devo fazer a mesma pergunta a você? — Ele me desafia.

Desvio o olhar, respirando pausadamente e pensando na resposta que dou a seguir.

— Estamos juntos, Eric. Se é isso que quer saber! Eu fui atrás dela ontem e me desculpe por te contar assim.

Eric solta um assobio.

— Isso é um sim. — Ele assente. Não está pulando de alegria, é claro, mas também não parece perturbado.

É então que ouço um barulho vindo de outra parte do cômodo.

— Você não está sozinho? — Pergunto.

— Definitivamente, não. — Ele dá um sorrisinho. É quando uma morena de cabelos longos faz o caminho até a cozinha passando por nós.

— Bom dia. — Ela sorri, com seus dentes perfeitos e sua pele impecável.

— Bom dia... — Eric retribui o sorriso. A mulher direciona seu olhar a mim por mais tempo do que deveria e quero revirar os olhos. Mesmo assim, a cumprimento com um aceno de cabeça.

Quando ela some da nossa visão, pergunto:

— Mas já? Já está com outra? Você foi rápido no gatilho, amigo.

Eric apenas dá de ombros. Então, aproveito para perguntar aquilo que quero saber desde o momento em que entrei aqui.

— Tá tudo certo entre a gente, né, cara? Tudo certo em relação à Mel?

Não quero perder a amizade dele e me puno mentalmente por não ter sido sincero e direto quando tive oportunidade, por guardar pra mim tudo o que eu sentia por ela.

— Eu jamais faria isso com você, Theo. Não sou o Gabriel.

— Eu sei. Sei que você não é ele, nunca achei que fosse.

— Que bom!

— Não quero perder a nossa amizade. Quero que a gente esteja bem. Você está bem? — Pergunto.

— Eu realmente achei que a Mel poderia ser uma nova chance pra mim, sabe? De me apaixonar de verdade. Só que não era pra ser... — Ele dá de ombros. — Acho que já voltei para os velhos hábitos.

— Posso ver... — Encaro-o, sem deixar de notar a tristeza em seus olhos. — Sei que você vai encontrar alguém e vai se apaixonar por ela. Sei disso.

E de forma alguma será a Mel.

— Espero, Theo. De qualquer forma, estou feliz que não seja a Aline na sua vida. Ela não era pra você.

— Eu sei, Eric. Eu sei...

Demoro uma hora para chegar em casa depois de deixar o apartamento do meu amigo. Estou jogado no sofá do meu lar atual depois de ter tomado um banho e beliscado algo na cozinha. Seguro o porta-retrato que tem a minha foto junto à Mel. Tenho todas as fotografias que tiramos juntos, desde quando éramos crianças. Estavam no meu antigo quarto, na casa da minha mãe, mas meu irmão fez questão de enviá-las para cá junto com outras coisas que deixei para trás.

Agora que coloquei tudo em pratos limpos com a Mel, me sinto aliviado em poder colocar as nossas fotos pelo apartamento, para me sentir mais próximo dela, quando não estiver por perto.

Levanto-me do sofá e vou em direção ao pequeno armário entre a sala e a cozinha. A primeira foto que coloquei aqui é aquela que tiramos na noite da festa de formatura do Ensino Médio. Acho que eu tinha acabado de colocar o corsage nela, quando Mel sorriu para mim. Carolina capturou o momento com perfeição e perdi as contas de quantas vezes encarei essa foto. Do lado, posicionei o nosso registro mais recente, do dia do evento da editora. Eu envolvendo a cintura dela e ela segurando a minha enquanto sorrimos para a câmera.

Sou apaixonado por ela desde o ensino médio. E ontem, quando estava em seus braços, por muitas vezes, quase deixei escapar um “eu te amo”. Queria dizer, queria olhar em seus olhos e confessar que a amo. Talvez um dia ela deixe que eu faça isso. Espero que acredite em mim quando eu disser. Até lá, vou fazer questão de não deixá-la sair da minha vida, nunca mais.

Pensando nisso, pego o celular para lhe enviar uma mensagem.

Eu:

*Baby, you light up my world like nobody else
(Baby, você ilumina o mundo como ninguém mais)*

The way that you flip your hair gets me overwhelmed
(A maneira que você joga o cabelo me deixa rendido)

Dois minutos depois a resposta:

Mel:

But when you smile at the ground, it ain't hard to tell
(Mas quando você sorri para o chão, não é difícil de adivinhar)

You don't know you're beautiful
(Você não sabe que é bonito)

Eu:

Obrigado pela parte que me toca, amor.

Você também é linda e gostosa e não paro de pensar em você.

Três segundos depois recebo um emoji revirando os olhos. Solto uma risada com vontade.



Carolina e Marcelo ficaram com Mel por dois dias. Pedi a Carolina que não dissesse nada à minha mãe sobre o que viu aqui, pois eu mesmo contaria, em algum momento. Especificamente quando eu souber que nós dois estamos na mesma página. Porém, antes disso, precisamos conversar. Não ficamos a sós desde que seus pais chegaram e já sinto saudade disso. É como se tivessem colocado o doce na boca de uma criança e tirado logo em seguida. A criança, no caso, sou eu.

Sorte que ela está subindo neste exato momento e já vou em direção à porta para atendê-la. Não há tempo nem de apertar a campainha, pois já estou lá.

— Nossa, essa foi rá...

Puxo Mel para dentro do apartamento, agarrando sua nuca e colando nossos lábios. *Muito tempo sem isso*. Ela chupa minha língua e geme na minha boca, o que facilmente acorda alguém lá embaixo. Guio-a em direção ao sofá, sem que nossas bocas se separem. Em segundos, já estou em cima dela, deslizando minhas mãos por suas coxas nuas, apertando-as contra mim. *Porra!*

Deixo seus lábios e desço para seu pescoço, sentindo sua pele se arrepiar com o meu toque ali.

— Theo... — Ela geme meu nome.

— Sim, amor...

— A gente precisa conversar... foi pra isso que você me chamou aqui.

Estou imerso no cheiro dela, no corpo dela e em como sua pele é macia.

— Aham... — Concordo enquanto roço meu nariz em seu pescoço, descendo em direção aos seus seios. Ela está usando um vestidinho leve, com decote, o que facilita a minha vida. Movo o decote para o lado e coloco seu seio esquerdo na boca, e Mel geme ainda mais.

— A g-gente precisa conversar, Theo. Isso é jogo baixo... — Ela murmura, claramente tão louca de desejo quanto eu.

— Tudo bem se fizermos isso em alguns minutos, não é? — Pergunto, descaradamente, enquanto ataco o outro seio.

— Aham... — Ela se rende.

Nos próximos minutos, Mel me faz pensar em como vivi sem tudo isso antes.



— Agora podemos conversar, Mel... — Digo, enquanto coloco minha camiseta e sorrio de canto para ela, enquanto ela franze as sobrancelhas.

— Que bom, Theodoro. Fico feliz por isso... — Ela diz, de forma sarcástica.

— Já tomou café? — Pergunto, enquanto Mel me encara.

— Não, e você?

— Acabei de ter o meu café ali naquele sofá. — Faço biquinho. Mel está tentando segurar uma risada.

— Você leva alguma coisa a sério? — Ela solta o ar pelo nariz.

— Você! — Então, olhos castanhos me alcançam.

Como Mel não diz nada, vou direto ao ponto de hoje: a gente.

— Mel, não vou te enrolar mais com orgasmos múltiplos — ela me dá um soquinho no braço. — Vou direto ao assunto antes de encher a sua barriguinha.

— Claro, Theodoro. — Ela suspira profundamente enquanto leva a mão à testa.

Sinceramente, não interessa se ela tem dezessete anos ou vinte e cinco, implicar com Melissa é meu hobby preferido. Adoro tirá-la do sério, ela consegue ficar ainda mais linda assim.

— Quer namorar comigo? — Solto, de uma vez. Delicado como um coice de cavalo. Eu sei que sou.

Mel inclina a cabeça para o lado com os lábios entreabertos. Acho que ela virou uma estátua. Leva alguns segundos para que foque no assunto.

— O quê?

— É isso. Eu gosto de você, você gosta de mim. Já sabemos que somos ótimos na cama (acho que ótimo é muito pouco pra gente). Somos sensacionais na cama e não vejo motivo para adiar o óbvio.

— Eu...

— Podemos adicionar esse item à nossa lista, Melissa. — Provoco. — Que tal: *Mel e Theo vão se dar uma chance, como namorados?* Se fizermos isso, já podemos riscá-lo hoje mesmo. Prometo que vou ser o melhor namorado pra você, o seu melhor amigo quando precisar... E o melhor amante quando você quiser... — Dou um sorrisinho safado para ela. — Eu vou cuidar de você, prometo.

— É tudo tão recente, Theo...

— Nós dois não somos nada recentes. Sou apaixonado por você há anos. Apesar de ter ficado fora da sua vida por ser um completo covarde, você sempre esteve comigo, mesmo quando eu disse a mim mesmo que não, mesmo quando eu neguei. Você estava lá.

— Você não precisa estar apaixonada por mim, Mel. Se gostar de mim, já é o suficiente por agora. Quero fazer você se apaixonar por mim e não

tenho problema nenhum em esperar que isso aconteça, porque eu sei que *vai* acontecer... Só preciso de uma chance.

Mel analisa meu rosto e seus dedos percorrem meu maxilar, passando por meus lábios até que seus olhos estão nos meus. Sua boca está entreaberta e as palavras que saem dela fazem meu mundo girar.

— Ok, Theodoro. Podemos adicionar esse item à nossa lista.

— E riscá-lo hoje mesmo? — Pergunto.

— Sim, vamos riscá-lo hoje mesmo. — Ela repete.

Meus lábios formam um enorme sorriso em meu rosto, acho que ele pode se quebrar a qualquer momento. Beijo-a como se fosse a primeira vez, pois ainda não consigo acreditar que isso está acontecendo.

— Estava preocupado em você dizer “não” ao meu pedido. Como eu explicaria às pessoas todas essas fotos nossas espalhadas pelo apartamento?

Mel estreita os olhos para mim.

— Que fotos?

Levo-a até o pequeno armário e mostro as fotografias de quando éramos mais novos, além das mais recentes. Ela leva as mãos à boca, surpresa com o que vê à sua frente. Primeiro pega as do evento, analisando-as detalhadamente, e depois, a da nossa formatura, quando Carolina nos pegou desprevenidos.

Aguardo ela dizer qualquer coisa, em vez disso vira seu corpo para mim e me beija. Sou louco pelos beijos dela. Sou louco por *ela*.



30 - Mel

Theodoro Lawrence é meu namorado. Sim, ainda é difícil acreditar nessa frase, afinal, em que realidade isso poderia acontecer? Acho que na minha, porque está acontecendo. Faz alguns dias que mudamos nossos status e não, não estamos indo devagar - o que está ativando cada célula ansiosa do meu corpo. Já contei aos meus pais e às minhas amigas. Amanda deu pulos de felicidade, pois “ela já sabia”. Com Nathalia, não foi tão parecido. Eu sei que ela e Theo não chegaram a ter nada, mas eu a incentivei a ir atrás dele. Quando me lembro disso, quero bater com a cara na parede, pois depois de gritar aos quatro ventos que não comeria a fruta, lambi até o caroço.

Não estou nem um pouco arrependida por estar com Theo, só que me senti - e me sinto – uma vaca como amiga. Pedi desculpas a Nathalia por tudo, e ela disse que está tudo bem, mas eu sei que não está, não ainda. Preciso descobrir uma forma de voltarmos ao que éramos. Sei que Theo está super tranquilo com o Eric e que se resolveram no mesmo dia - não sinto o mesmo com a minha amiga. Espero, sinceramente, que ela me perdoe.

Meus pais e a família de Theo - dona Margareth em primeiro lugar, estão pulando de alegria, porque segundo eles, “paramos de ser teimosos”. Fui obrigada, inclusive, a participar de uma chamada de vídeo em família, ao lado de Theo. Thomás, o irmão dele, repetia o tempo todo que sabia que isso ia acabar em namoro, pois não era normal a forma como implicávamos um com o outro.

É engraçado como Theo parece orgulhoso de estarmos juntos, quando eu pareço toda insegura com a situação. Estou genuinamente feliz, de verdade. Porém, para isso, preciso lutar constantemente com a vizinha na minha

cabeça que insiste em dizer que esse momento de felicidade não vai durar, assim como os outros.

Theo é meu segundo namorado - só tive Alexandre antes dele. Os caras que passaram por mim não poderiam nem ser considerados ficantes, então, posso garantir que não sou expert em relacionamentos, não mesmo. A única coisa que preciso ter em mente é de não cometer os mesmos erros de antes, de deixar que o meu manequim seja destaque na nossa relação, fazendo com que a atração vá embora na mesma proporção em que aumento meu número de calça jeans.

Por isso, acordei cedo e corri até a exaustão. Gastei mais de mil calorias, agora sinto que meu corpo precisa de reposição de energia. Abro a porta da geladeira e me sacio com uma água de coco. Sei que, se Theo estivesse aqui, me obrigaria a tomar um café da manhã completo, com panqueca de banana e tudo o que tenho direito. Só que faz anos que vivo assim, que como só o necessário para não passar fome, ainda que isso não seja o suficiente para alcançar meus objetivos.

Em vez de pensar na comida, começo a organizar meu apartamento, que está de ponta-cabeça. É nesse momento que recebo uma mensagem de Theo.

Theo:

Quero te levar para jantar fora. Estava pensando aqui que meu pedido de namoro não foi o mais romântico, quero consertar isso. *Just say yes, baby.* (Apenas diga sim, baby).

Eu:

Como devo me vestir?

Theo:

Eu prefiro você sem roupas, Melissa!

Eu:

Você me quer sem roupas em um RESTAURANTE?

Theo:

Pensando bem, não. Não quero mais ninguém admirando o que é meu.

Eu:

emoji revirando os olhos

Theo:

Vista o que quiser. Fica extremamente gostosa de qualquer jeito.

Eu:

...

Theo:

É sério, amor.

Eu:

Tá bom, Theo.

Theo:

Te pego às 20h.

Não tenho tempo de responder quando outra mensagem pipoca na tela.

Theo:

Literalmente.

Só consigo rir. Quando jogo o telefone para longe, o pânico começa a me atingir. Em casos como esse, ligaria para Nathalia me ajudar com o look. Mas nada nesse mundo me fará entrar em contato com ela nessa situação, não quando envolve Theo. Então, é Amanda quem tem que me aguentar.

— E aí, Mel? — Ela atende, no primeiro toque.

— Que rapidez, hein.

— É porque você é minha melhor amiga.

— Engraçado que você nunca atende a sua melhor amiga de primeira.

Amanda faz uma careta do outro lado da câmera.

— Dramática...

— Um pouquinho... — Faço biquinho.

— Me conta, me ligou para dizer que vai sair com o Theo e que precisa de ajuda com o look.

— Como você sabe? — É impossível que ela tenha adivinhado em cheio.

— Imaginei. — Responde, com desdém. — Sei que Nathalia e você estão estranhas uma com a outra desde que você começou a namorar o gostosão...

Encaro Amanda, entediada.

— Opa! — Ela põe a mão na boca. — Agora não posso mais chamá-lo assim porque é seu namorado. Preciso ser mais respeitosa. — Ela ri.

— Claro... — Balanço a cabeça enquanto carrego o telefone e levo Amanda para meu quarto.

— A Nati falou alguma coisa pra você? — Arrisco, mesmo imaginando a resposta.

— Acho que ela jamais falaria algo pra mim, amiga. Ainda mais sabendo que eu falaria pra você.

— Não quero que ela fique chateada comigo.

— Mel, vai passar. Não é como se você tivesse roubado o namorado dela. Estou desde o começo falando para ambas que ele estava a fim de você. Se me escutassem, nada disso teria acontecido.

— Não tinha como a gente saber... — Me defendo.

— Não, Melissa. Era só ter prestado atenção em como ele te devorava com os olhos. — Amanda pausa por um momento para me encarar. — E agora está te devorando mesmo.... — Ela debocha.

— Amanda!

— Você não vai contar como é a transa com aquele monumento? — Ela franze as sobrancelhas. — Vai, Mel. Sempre te dou detalhes das minhas transas.

— Sem eu perguntar... — Encaro-a

— Mas eu dou! — Ela se defende. — Não vai me contar nada?

Como não digo nada, Amanda implora mais uma vez.

— Por favor! — Faz biquinho para mim.

— Foi... Incrível! — Solto de uma vez, mordendo o lábio inferior. Sinto minha pele esquentar no exato momento.

— Então ele é o homem perfeito, hã? — Ela estreita os olhos para mim.

— Louco por você e excelente de cama? Já jogou na loteria hoje, amiga? Acho que você tem chance de acertar.

Dou uma risada verdadeira.

— É sério! — Amanda insiste.

— Talvez eu tente. — Pisco para ela.

— Você não vai me contar algum detalhe sórdido? — Ela espera por mais informações.

— Não. — Garanto enquanto abro as gavetas à procura de algo decente para vestir.

— Nadica de nada?

— Nadica de nada.

— Você vai me pagar por isso, Melissa!

— Para de ser curiosa, menina! E me ajuda com as roupas, por favor.

Amanda solta o ar pela boca, convencida de que perdeu a batalha.

Por isso, vou ao que interessa e mostro a ela dois macaquinhos novos. Um branco, mais simples, e outro laranja, com estampas.

— Nem pensar... — Ela diz, eliminando qualquer possibilidade.

Me sinto automaticamente ofendida com o meu péssimo gosto para roupas que pareço ter.

— Tão feio assim?

— Não é feio, só não é adequado para um jantar. Imagino que ele vá caprichar.

— Você diz como se soubesse aonde vai me levar. — Ela desdenha com a mão e pede para que mostre outro.

Puxo do fundo do guarda-roupas um vestido preto que usei apenas uma vez - alguns anos atrás, quando estava mais magra. Agora que perdi alguns centímetros, talvez sirva. Ele tem manga em um ombro só, até o punho, enquanto o outro lado deixa todo meu braço nu. Também tem uma fenda na coxa direita. É bem sexy, talvez seja por isso que ele esteja jogado no fundo do armário. Sem confiança o suficiente para usá-lo.

— Para aí, e esse? Me mostra?

— Esse estava no fundo do guarda-roupas há um tempo. Não vou usá-lo.

— Digo, enquanto mostro a Amanda pela câmera do celular.

— Ah, vai usar sim. Esse vestido é perfeito para hoje. — Ela sorri.

— Amanda, não quero fazer papel de ridícula. Vai que ele me leva pra comer cachorro quente no trailer da esquina.

— Mel, pelo amor de Deus! Mesmo que fosse isso, ele ficaria babando. Você, seu corpão e aquele vestido fariam o Theo se animar na mesma hora.

— Amanda!

— Não disse nenhuma mentira...

- Não sei não.
 - Que tal você vestir e eu te digo? — Sugere.
 - Se ficar zoadado, você vai ser sincera?
 - Claro que sim, não fui com seus macaquinhos?
- Bufo irritada.

Coloco o vestido a contragosto e me olho no espelho. O lado bom é que ele ainda serve. O ruim é que posso ver minha celulite daqui, além da minha barriga, que não é lisinha. Grande parte do que eu como, geralmente vai para minhas coxas e pernas e, pelo menos, não engordo tanto na região da barriga, o que não quer dizer que ela é sarada.

— Tá marcando tudo, Amanda! Minha bunda, minhas coxas, até minha barriga.

— Tá marcando a grande gostosa que você é, Melissa! Sério, ficou muito bom. Coloca um salto e vai ser sucesso.

- Se eu comer muito, minha barriga vai ficar enorme nele.
- Mel, eu sei que você *nunca* come muito.

Sinto um aperto no peito por Amanda notar e me dar bronca de certa forma. Mudo de assunto rapidamente, antes que ela possa fazer isso.

- Tá, você acha que está bom?
- Está ótimo, Mel.
- Você dá conta da make? — Amanda pergunta.

— Não vai ficar ótima como a da Nati ou a sua, mas dou conta.

Obrigada, Amanda.

— Divirta-se, Mel. Aproveita seu gostosão. Feliz que você seguiu o meu conselho.

- Qual, especificamente?
- O de montar nesse homem... — Ela ri, e eu mostro a língua.
- Tchauuuu, Amanda. Muito obrigada.
- Tchauuuuuuu, Mel. De nada. — Ela pisca para mim.

Olho para o espelho mais uma vez na tentativa de não me arrepender do meu look. Gostaria de saber como é se sentir bem consigo mesma. Gostar do que vê no espelho e se achar extremamente gostosa - porque me olhando agora, não é a sensação que tenho.

A campainha toca e dou um longo suspiro tentando acalmar meu coração. Meus saltos ressoam pelo apartamento, que está em completo silêncio, e quando chego à porta conto até cinco novamente. É o Theo, ele me conhece e gosta de mim como sou, tento me convencer disso. O pior é

que parece que tenho um déjà-vu, quando acreditava que Alexandre também gostava de mim como eu era. Balanço a cabeça em negação com os pensamentos que insistem em entrar na minha cabeça. Theo não é Alexandre.

Coloco um sorriso no rosto e, finalmente, abro a porta. Meu coração não está preparado para o que vê. Ele está irresistível, usando calça jeans escura, tênis e uma camisa azul clara com botões. Seu cabelo está começando a ficar grande novamente e as pequenas mechas azuis se destacam, contrastando com seu olhar e as covinhas em seu rosto. Ele se inclina, tocando a cabeça no batente da porta e olha para mim.

— Você está... maravilhosamente linda, gostosa, fantástica!

Dou uma risadinha.

— Você está incrivelmente gato, gostoso e cheiroso. — Posso sentir o perfume dele de onde estou.

Ele se inclina até alcançar minha boca, provocando meus lábios com um beijo deliciosamente lento. Quando paramos de nos beijar, sinto as minhas pernas bambearem momentaneamente. Ele sabe o que faz comigo e ama cada segundo.

— Você não vai entrar?

Theo se afasta um pouco de mim e se abaixa para pegar algo que deixou encostado na parede do lado de fora. Quando está à sua frente, vejo um buquê enorme.

— Outro buquê? — Pergunto, surpresa. Theo me deu um no lançamento do ebook. Hortênsias, minhas preferidas. Ele dá de ombros, me entregando o presente. Quando olho dentro do arranjo não vejo flores e sim... livros?

— Você está me dando um buquê de livros?! — Dou um gritinho. Ai, não acredito!

Puxo Theo para dentro para que eu possa desfazer o embrulho com cuidado. Ele me olha atentamente, sem me dizer uma palavra. No entanto, quando abro o pacote, sou pega de surpresa. Theo não está me dando livros aleatórios de presente. Ele está me dando *os meus livros*. Várias cópias, impressas.

Quando seguro “Sempre Foi Você”, meus dedos tremem. A capa é idêntica ao do formato eBook – roxa, com desenhos abstratos e o título em letras douradas. Meu nome está logo abaixo: Mel Monteiro. Folheio o livro e vejo a diagramação impecável de cada capítulo, ao longo de 380 páginas. O cheiro é tão bom, os livros são tão lindos.

— Co-Como vo-você fez isso? — Pergunto, com a voz embargada.

— Bom, estou muito comprometido com o item 7 da nossa lista, Melissa. Mas, dessa vez, tive uma grande ajuda da Amanda. Nós tivemos alguns encontros desde que você lançou o eBook e ela me deu uma mão com tudo. Eu tinha algumas ideias e tal, só que ela é a especialista, né? Claro que você pode alterar tudo, se quiser. — Ele dá de ombros. — Você gostou?

O primeiro pensamento que tenho é que: *sim, Amanda sabia de tudo sobre hoje.*

Sinto as lágrimas descendo pelas minhas bochechas e estragando todo o esforço que fiz pela maquiagem. Porém, não me importo.

— Eu adorei, amor. — Respondo. A expressão descontraída de Theosome e ele trava.

— Do-do que você me chamou?

— Amor... — Sorrio mais um pouco.

— Você não gostou, Theodoro? — Desafio-o.

— Nada de Theodoro pra você, Melissa. A partir de agora, você só pode me chamar de “amor”.

Não tenho tempo de responder nada, porque ele me puxa para seus braços, me arrancando um beijo de tirar o fôlego.

— Obrigada — murmuro em seus lábios.

— Você merece o mundo, Mel. — Ele murmura de volta.

Quando paramos de nos beijar, Theo puxa outro pacote para me mostrar.

— O que é isso? — Pergunto, curiosa.

— Você dando seu primeiro autógrafo.

— Como?

Então, Theo abre um segundo embrulho e vejo outra cópia do meu livro ali.

— Você precisa autografar *meu livro* agora — ele pisca, me entregando uma caneta. Não sei se é possível sorrir mais, sem quebrar a cara no processo.

— Uma dedicatória especial? — Pergunto enquanto abro “Sempre Foi Você”.

— Sim, quero uma dedicatória especial da *minha escritora de sucesso*. — Diz, confiante.

— Ok. — Concordo, com o coração quase todo derretido por dentro.

Escondendo do curioso à minha frente o que estou escrevendo e assim que termino, entrego-o.

Para a minha primeira cobaia (Theodoro)

Obrigada por gastar tardes lendo o que eu escrevia, por ter sido o primeiro a fazer isso. Você é meu leitor preferido. Não conta pra ninguém, tá?

*Com amor,
Mel.*

Quando entrego a ele, seus olhos voam para a dedicatória. Ele me encara, passando os dedos sobre as palavras que acabei de escrever. Não sei se é impressão minha, só que seus olhos estão mais brilhantes agora, quase marejados. Theo olha nos meus olhos e tenho certeza que nunca gostei dele quanto gosto neste exato momento.

— Você é a minha escritora preferida também, Mel. — Ele fica sério, e eu o beijo.

Theo me leva a um restaurante japonês. É claro que iria querer repetir a cena com os hashis. Dessa vez, nem finjo que estou brava por colocar comida em sua boca, porque não fico nem um pouco. Como uma quantidade maior do que estou acostumada, e Theo parece feliz por isso. Em seguida, me leva para uma parte afastada dentro do restaurante e descubro um pequeno karaokê. Pelo que pude perceber, ele alugou uma cabine apenas para nós dois - o que me deixa feliz, pois posso cantar todas as músicas da One Direction que eu quiser.

Passamos as próximas duas horas intercalando entre Taylor Swift e One Direction, e tenho que destacar a parte em que Theo fez os passinhos de *Shake it Off*. Eu juro que gostaria de ter filmado, mas estava tão vidrada na música, no ambiente, no sorriso em seu rosto, que me esqueci completamente. Cantamos também *You Belong With Me* com uma animação até maior do que a do dia em que saímos com nossos amigos, pois ali éramos só Theo e eu, não restavam mais dúvidas de que aquelas palavras que ele pronunciava no microfone eram para mim. Eu sabia que eram. Finalizamos a noite com *Little Things* e com nós dois abraçados.



Theo adormeceu há alguns minutos. Estou deitada ao seu lado, deslizando meus dedos sobre seu peito, observando cada detalhe do seu corpo. As tatuagens no braço, incluindo a serpente realmente impressionante, além da tatuagem que fez para mim.

Me aconcheço mais nele, fazendo com que meu nariz encoste em seu pescoço. Mexo em seu cabelo, deslizando meus dedos entre seus fios e as mechas azuis. Sorrio quando me lembro desse dia, como me lembro o quão sorridente estava ao me ver com minhas mechas roxas, o quanto eu estava sorridente ao vê-lo com as mechas azuis. Foi o primeiro item que riscamos da lista. *Da nossa lista*. Nem consigo acreditar que quase a joguei fora, que tentei convencê-lo de que era uma besteira completa. Se não fosse por ela, talvez eu não estaria assim com ele agora.

Me remexo mais um pouco, procurando uma posição mais confortável e tento fechar meus olhos.

— Mel... — Theo sussurra.

— Oi, estou aqui. — Encaro-o. No entanto, vejo que seus olhos não estão abertos. Sua respiração é calma, seu peito sobe e desce lentamente. Passo meus dedos sobre seus lábios e coloco o queixo em seu peito, olhando para ele. Theo não está acordado, age da mesma forma daquele dia em que o encontrei dormindo no sofá.

— Você precisa de algo, amor? — Sussurro para ele, que continua com os olhos totalmente fechados.

Um sorriso preguiçoso se forma em seus lábios.

— Você vai me chamar de amor pra sempre? — Ele pergunta, baixinho.

— Aham.

Theo parece pensar sobre isso, porque entra novamente em um sono profundo. Pelo menos é o que parece. Instantes depois, seus lábios murmuram novas palavras.

— Eu te amo, Mel.

Fico paralisada, esperando Theo abrir os olhos, dar uma pista de que está acordado. Quando ele dá um novo suspiro, porém, sei que está dormindo. Ao contrário de mim que não pregoarei os olhos a noite toda.

Eu te amo, Mel.



31- Mel

Ele disse que me ama. Theo disse que *me* ama. Não dormi a noite toda pensando nisso, tentando entender se ele estava dormindo ou fingindo. E, pela forma como agiu de manhã, quando acordou ao meu lado, definitivamente, a primeira opção.

Não sei como tocar no assunto. Será que devo? Ou melhor esperar? Talvez ele estivesse apenas sonhando. Como vou saber se é real? Por que se fosse, ele me falaria, certo? Só que estamos juntos há menos de um mês, então acho que é cedo demais para isso. Ou não?

Sei que ficar acordada durante a noite toda depois de ouvir aquelas três palavras me fez pensar em muitas coisas. Como sempre, espero que, a qualquer momento, eu vá acordar desse sonho e perceber que o que estou vivendo não é real. É difícil dizer à Mel criança que ela merece ser amada. Ainda é difícil dizer à Mel adulta que ela merece ser amada.

Os anos passam, mas as palavras que te machucaram no passado permanecem, como cicatrizes. Às vezes, você não se lembra de que elas estão lá, às vezes, elas estão em um lugarzinho bem escondido, só que, então, você se olha no espelho e as vê.

Vê tudo de feio que existe em você e começa a sentir nojo, pena, *ódio*. Eu achava que odiava meus colegas de classe por fazerem aquilo comigo, por me excluírem de tudo, a ponto de eu não querer voltar para a escola nunca mais, por me fazerem pensar que eu era a esquisita, a menina que ninguém queria por perto.

Talvez, no passado, eu não tenha assumido isso, hoje não há como fugir. A verdade é que eu sempre fui a vilã, a vilã da *minha própria história*, pois

deixei que meus colegas me atingissem; fui eu que me permiti acreditar neles; fui eu que não dei ouvido aos meus próprios pais quando me garantiram que eu era merecedora de todo o amor. Fui eu que me olhei no espelho e vi tudo de ruim que já me falaram. Ainda sou eu que me olho no espelho e me vejo da mesma forma.

Não sei dizer ao certo quando comecei a me odiar - quando acreditei nas palavras que escutei. Em como, por exemplo, não conseguia enxergar alguém me amando de volta. Talvez seja esse o motivo de eu nunca ter cogitado olhar para o Theo de uma maneira diferente, afinal, como uma pessoa que me conhecia de verdade, que já viu o meu pior, se apaixonaria por mim? Era muito mais fácil fantasiar sobre o Eric, porque eu sabia que era isso, pura fantasia.

Estou tendo uma segunda chance com Theo e quero me agarrar a ela com todas as forças. Por isso, digo a mim mesma que não posso ter medo de dizer exatamente como me sinto. Não quero rodeios ou essa coisa de tentar adivinhar o que ele sente ou o que está pensando. Vou encará-lo, olhar em seus olhos e perguntar o que quero saber. Nada de palavras não ditas, como no passado, nada de fugir.

Foi pensando nisso que, enquanto passava a madrugada em claro, fiz uma comprinha online - uma forma que achei de dizer a ele como me sinto. Depois que eu cumprir a minha lista de tarefas do dia, vou encontrá-lo.

Antes disso tenho muito trabalho a fazer, como programar o lançamento dos meus outros eBooks, além de promover o que está à venda. Quando comecei a escrever, achei que a parte mais difícil seria criar uma história que fizesse sentido, que as pessoas se identificassem de alguma forma; a verdade é que essa é a parte mais fácil de todo o processo.

Não quero dizer que seja mole ou que eu consiga agradar todo mundo, pois é impossível. Mas criar a história, viajar pelos capítulos até que os personagens estejam tão consistentes que você tenha vontade de tirá-los das páginas é a parte que mais amo fazer.

O maior desafio que estou tendo no momento como escritora independente é na divulgação. Spoiler: não é fácil convencer as pessoas de que você merece uma chance. Existem milhões de escritores por aí, o que eu tenho de diferente? É uma pergunta que nem eu mesma sei responder, já que não me acho nem um pouco especial. Sou uma pessoa comum e mediana com um sonho. E quero encontrar leitores que deem oportunidade para essa pessoa comum e mediana.

Faz menos de um mês que lancei meu eBook e está indo bem nas vendas. Entrou para o TOP 10 de mais vendidos em Romance e estou ganhando cada vez mais seguidores. Estou super feliz por isso, mas já estou notando que as leituras desaceleraram, minhas redes sociais não estão mais agitadas como antes, o que significa que tenho que me empenhar mais na divulgação. Como consequência, colocar minha cara para jogo. Quando penso nisso, começo a tremer só com a possibilidade de aparecer.

Estou mirando a tela do notebook, sem ação, quando meu celular toca. Desvio o olhar por um momento e fico surpresa ao ver o nome de Eric pipocar na tela.

— Alô?

— Oi, Mel! Tudo bem?

— Tudo. E você? — Pergunto, mais por costume do que por qualquer outra coisa.

Sei que eles conversaram, e Theo disse que está tudo certo, mas ainda é estranho falar com Eric. A última vez que o vi, nós nos beijamos, e agora estou namorando seu melhor amigo.

— Tudo bem também.

Sorrio mesmo que Eric não possa ver. Não sei o que dizer, então fico em silêncio. Eric faz um barulho com a garganta, voltando a falar comigo.

— Então, Mel... Ainda estamos estranhos?

— Não sei, estamos? — Pergunto.

— Acho que não. — Ele dá uma risadinha.

— Ótimo, fico feliz — é engraçado como ser uma escritora não facilita a sua vida na hora de conversar na vida real. Tenho mil e uma ideias para meus livros, porém, não consigo manter uma conversa decente com outro adulto.

— Estamos bem mesmo? — Ele pergunta, com dúvida na voz.

— É meio estranho, Eric. — Confesso. — Você me beijou da última vez que nos vimos e, bom, agora eu estou...

— Namorando o Theo.

— É...

— Não se preocupe. Se não for nenhum problema pra você, pra mim também não é. Prometo.

Suspiro aliviada, como se um peso tivesse saído das minhas costas.

— Tá bom. Não é um problema pra mim — garanto, tentando me convencer também.

— Ótimo, eu te liguei porque tenho novidades. Novidades que vão te interessar muito. Na verdade, interessaria ainda mais ao Theo, mas algo me diz que seria ainda melhor se fosse você a dar a notícia.

— O que é? Estou curiosa!

— Tá preparada? — Ele faz suspense.

— Acho que sim!

— Lá vai! TAYLOR SWIFT VEM PARA O BRASIL. — Ele solta, de uma vez.

— Você está brincando? — Pergunto, desacreditada.

— Claro que não!

— E como você sabe disso? Não vi em lugar nenhum. Theo também não, porque se tivesse visto, já estaria gritando aos quatro ventos.

— Mel, a empresa para a qual presto serviço vai ser responsável pelo show.

Paro por alguns segundos para absorver as palavras.

— E isso significa que a Taylor tá vindo mesmo? — Não sei por que estou tão apreensiva, nem sou fã dela.

— Sim!

— E quando os ingressos serão vendidos?

— Ainda não sei. Em breve.

— Eric... — Digo, pausadamente. — Eu pre-ci-so desses ingressos, você está ouvindo?

Ele dá uma risadinha do outro lado.

— Alguém foi contaminada aqui?

— Nada disso, mas o Theo vai surtar com essa notícia, então é questão de vida ou morte. Não estou disposta a aguentá-lo reclamando no meu ouvido pelo resto da vida.

Além disso, não menciono a Eric a nossa lista, mas, se tudo der certo, poderemos riscar mais um item dela. E sei quão importante é para o Theo ver a musa dele.

— Claro. — Eric desdenha. — Não se preocupe, já estamos na lista VIP.

— O que isso significa? — Pergunto, apreensiva.

— Que vamos ficar no camarote durante o show.

— Pera, você quer dizer *nós*?

— Aham. Theo, você e eu.

Estou olhando para o celular, quando me lembro de falar novamente.

— E quando ela vem?

— Em um mês.

— Já?

— O contratante conseguiu de última hora, é uma exceção. Ela nem viria ao Brasil, mas conseguiram negociar. Então, ela fará um show único aqui em São Paulo.

— Guerra de foice. Nem consigo imaginar o caos que será essa venda.

— Sim, mas vocês não precisam se preocupar com isso.

Solto um suspiro aliviada. Não há possibilidades de imaginar a loira aqui, sem que o Theo esteja nesse show.

— Você me ligou para que eu contasse ao Theo?

— Isso, não vou falar nada pra ele, vou deixar em suas mãos.

— É certeza que teremos esses ingressos, Eric?

— Sim!

— Ok. Vou ver o que faço para contar a novidade. Quanto eu te devo por isso?

— Nada!

— Eu quero pagar pelos ingressos, Eric. Não acho justo!

— Mel, eu ganhei os lugares e não vou fazer você pagar por eles. Além disso, não ouço muito Taylor Swift, tenho certeza de que vocês vão aproveitar muito mais do que eu, que estarei trabalhando, inclusive.

— Acho que dizer obrigada não é suficiente para te agradecer, Eric. Isso significa muito para o Theo. — *E para a nossa lista, penso.*

— Eu sei, e pra você também.

— Não sei como agradecer.

— Que tal me dando a chance de ser seu amigo? — Questiona. Sinceramente, não estava pensando nessa possibilidade e não faço ideia de como o Theo se sentiria sobre. Pelo que eu saiba, eles estão de boa, então acho que deveria ficar também.

— Topo!

— Sério?

— Sim, por que não?

— Ótimo, Mel. Vou te passando mais infos assim que souber.

— Eric, quando vão divulgar que a Taylor tá vindo?

— Estão tentando segurar a informação até amanhã, pelo menos. Mas alguns jornalistas já descobriram, então acho bem difícil passar de hoje à noite.

— Entendi. Obrigada de novo, Eric.

— Sempre que precisar.



Acho que o destino está do meu lado. Comprei um presentinho para o Theo que tem tudo a ver com a Taylor e ela virá ao Brasil. Enquanto embrulho a minha compra que acabou de chegar, começo a pensar que Amanda está certa, eu deveria mesmo jogar na loteria. Estou com tanta sorte, que me belisco para saber se estou realmente acordada. Nós dois vamos riscar o item 4 da nossa lista. Juntos, como prometemos.

Já são 18h, o que quer dizer que, se eu correr, posso jantar com Theo. Não aviso que estou indo ao seu apartamento, pois quero fazer uma surpresa, mas capricho no look para surpreendê-lo. Estou usando calças jeans, uma camisa de malha roxa e jaqueta, além do meu melhor conjunto de lingerie por baixo, obviamente. Espero que a noite termine como a nossa manhã começou.

Levo quarenta minutos para chegar ao apartamento, escolhi o pior horário para dirigir em São Paulo. Passo pelo porteiro, que me olha estranho e pergunta a que apartamento vou e lhe mostro a chave, falando que não preciso ser anunciada. Theo deixou instruções específicas para isso, para que eu tivesse liberdade de ir e vir de seu apê, assim como ele tem no meu. De novo, talvez estejamos indo rápido demais ou talvez não, porque desperdiçamos anos, quando nosso destino poderia ter sido diferente. Estou com o presente dele em mãos, mal posso esperar para que abra.

Me aproximo do apartamento e giro a chave na porta. Ouço uma voz feminina, uma voz feminina que não conheço. Por um momento, penso que possa ser no apartamento vizinho, mas então reconheço a voz de Theo. Quando abro a porta, com certeza não é a surpresa que eu estava esperando. Ele está só de toalha e há uma ruiva linda bem próxima a ele. Digamos que essa ruiva preencheria facilmente os critérios para ser namorada do meu ex. Só não acredito que ela seja modelo por ser bem baixa para isso. Deve ter no

máximo 1,60m - só que a pouca altura não evita as chamas em seus olhos quando me encara, como se eu fosse a intrusa, e não ela.

Largo o presente no chão sem nem perceber. Acho que não sinto mais os movimentos das minhas mãos. Deve ser porque estão tremendo - e muito. Não quero deixar a minha mente preencher a cena com pensamentos intrusivos. Talvez haja uma explicação plausível para o que estou vendo. Eu realmente torço por isso.

Olho de um para o outro e me concentro em Theodoro.

— O que está acontecendo aqui? — Pergunto, calmamente. Tento não deixar o meu nervosismo transparecer.

Ele me olha sem reação, com os lábios entreabertos e não me dá uma explicação.

— Mel... — É a única coisa que diz.

É a ruiva quem toma partido da situação.

— Quem é você? — Ela me pergunta.

— Eu que deveria saber quem *é* você, já que sou a namorada dele. — Digo enquanto aponto para Theo.

A ruiva me olha dos pés à cabeça, depois de eu jogar essa informação na cara dela e, então, solta uma risada de desdém.

— É sério, Theo? — Ela o encara. — Você quer me trocar por *ela*? Você está decaindo hein.

— Fica quieta, Aline! — Ele a repreende em um tom de ameaça.

Aline.

Dou um passo para trás, quando minha perna bambeia. Aline é a mulher com quem ele estava ao telefone, depois da nossa cena constrangedora no banheiro. Ele ficou tão abalado depois de conversar com ela, que praticamente fiquei invisível para ele quando quis falar sobre o que tinha acontecido. Depois que começamos a namorar, nunca perguntei quem ela era. E agora estou aqui, com meu namorado quase nu, compartilhando espaço com *Aline*.

Tento não deixar a minha mente preencher os espaços em branco da situação, e imaginar que Theo possa estar saindo com nós duas. Ele não faria isso comigo, faria?

— Quem é ela, Theodoro? — Exijo saber. Tenho dificuldade em manter minha voz neutra. A verdade é que eu quero gritar. Gritar com os dois para me explicarem o que está acontecendo aqui.

Eu já sei que Aline me acha inferior, mas qual é a novidade nisso? Eu não vou nem debater, porque sei a resposta. O maior problema para mim é ele. Por que ela está aqui? Por que eles estão juntos? Não quero deixar o ciúmes tomar conta de mim, mas, qual é? Nem faço ideia de como estou me mantendo séria no momento.

— Amor, deixa eu explicar.

— Pera! — Aline interrompe. — Theo nunca falou de mim? — Pergunta, enquanto se vira na minha direção.

— Aline... — Theo a adverte.

Não encaro-a de volta, mas como não respondo, é óbvio que ela tem a resposta.

Aline dá uma gargalhada macabra e cerro meus punhos para não voar nos fios ruivos dela.

— Já que ele não te contou, eu conto. Como é mesmo seu nome?

— Melissa. — Digo, firmemente. Não por acaso, Aline me lembra muito de Rafaela, a garota que implicava comigo na escola. A única coisa que quero fazer no momento é fugir, mas me mantenho imóvel, encarando a situação. Preciso de uma explicação bem convincente, e algo dentro de mim diz que não é o que vai acontecer aqui.

— Mel, podemos conversar a sós? — Theo interrompe.

Encaro-o séria, analisando o que vou dizer a seguir. É impossível não reparar em seu corpo, como a toalha o envolve perfeitamente e como ele é lindo, o que me deixa ainda mais irritada porque agora sei que Aline também o viu assim. *Talvez, tenha até visto mais do que isso antes de eu chegar aqui.*

Não tenho tempo de respondê-lo porque a ruiva se mete novamente.

— Ah, Theo! Me poupe! Até eu estou com dó dela agora. — Quando Aline diz isso, sinto meu coração se acelerar e a minha nuca esquentar. Eles conseguiram me tirar do sério. Encaro-a, como se fosse capaz de voar em seu pescoço, e realmente estou quase atacando-a, para ser sincera.

— Melissa, Theo é meu noivo.

Viro minha cabeça em sua direção e depois encaro Theo, que fica pálido. Pera, ele está brincando com nós duas? Ele traiu a noiva dele comigo? *Eu sou a outra?*

Minha cabeça começa a girar.

— Não sou mais seu noivo, Aline!

Mais.

— Você era noivo dela, então? — Coloco-o contra a parede quando minha voz volta.

— Nós somos, Melissa! Theo é *meu* noivo e sei que ele está confuso porque tivemos alguns probleminhas e encontrou você para consolá-lo. Só que eu estou de volta e nós vamos continuar com os planos do casamento, né, Theo? Já está tudo pago, inclusive. Só adiamos a cerimônia.

Adiamos a cerimônia.

Não pode ser! Minha cabeça está fervilhando com todas as informações jogadas em mim, assim. *Isso não está acontecendo*, digo a mim mesma. Coloco as mãos na cabeça, pressionando minha têmpora para que esse pesadelo horrível acabe neste exato momento.

— Aline, para de falar que somos noivos! O que a gente tinha acabou, você não entende? Não vou voltar para você! Pode sair do meu apartamento, por favor?

Minha cabeça ainda está rodando quando volto ao presente, olhando para Theo. Por incrível que pareça, apago totalmente a lembrança da ruiva à minha frente.

— Quanto tempo vocês ficaram juntos? Faz quanto tempo que estão separados?

Aline abre a boca para responder, mas aceno para que ela se cale. Minha cabeça já está latejando e não vou conseguir lidar com ela. É Theo quem me deve uma explicação. *Ele* é meu namorado, não ela.

— Nós ficamos juntos dois anos e meio, Mel. Faz nove meses que nos separamos. — Ele revela.

Nove meses...

Admito que saber que não estão mais juntos me dá certo alívio, mas não é suficiente para afastar o aperto em meu peito. Levei anos para superar Alexandre, sendo que nunca ficamos noivos. Theo tinha uma vida planejada com a mulher ao meu lado e faz meses que não estão mais juntos. Se isso for verdade, porque nem sei mais no que acreditar.

Presenciei como ela o afeta, estou vendo com meus próprios olhos como ela ainda o afeta. Me sinto em um déjà-vu, quando Alexandre me trocou por outra.

— Por que você nunca me contou, Theodoro? Por que você escondeu isso de mim? — É possível ouvir a mágoa em minha voz, e não há como disfarçar a dor da traição, em como me sinto enganada com tudo isso.

— Ela não significa mais nada pra mim, Mel! Acabamos! Acredita em mim, por favor.

— Como você pode falar assim da gente, Theo? — Interfere Aline, novamente.

Ele lhe lança um olhar matador, fazendo com que ela se afaste um pouco.

— Por que você não me contou que tinha uma noiva? — Sai, quase em um sussurro.

Seu olhar está distante, triste, como se o brilho sumisse de repente. Ou talvez seja apenas o reflexo de como estou me sentindo no momento.

— Me desculpa, amor. — Ele implora. Theo não responde a minha pergunta, apenas se desculpa. Fico pensando no porquê dele estar se desculpando. Por ter escondido uma noiva de mim? Por não me contar a verdade ou porque talvez ainda tenha sentimentos por ela? A possibilidade me atinge com tudo. Como não tenho a explicação que mereço, me viro em direção à porta.

— Adeus, Theodoro! — Decreto, antes de sair. Não olho novamente para Aline. Escuto meu nome sendo chamado e Theo corre até o corredor para que eu o espere, mas lhe dei a chance de se explicar e não ganhei nada em troca.

Talvez eu não me odeie tanto assim, no final das contas. Porque, pela primeira vez, não me humilhei por alguém, não me humilhei por ele. Quando chego ao elevador, sinto a bile do meu estômago subindo até a garganta. A vontade de vomitar me atinge com força. Eu só não sei se é maior do que a de chorar.



32 - Theo

Passo os dedos pelos meus fios, quase arrancando-os. Fiz merda. Uma merda colossal. Uma merda colossal com alguém que não merece, com a última pessoa do mundo que eu queria magoar. Prometi que cuidaria dela, mas não fui capaz de evitar a cena diante dos meus olhos, quando não consegui correr atrás dela porque estava enrolado em uma maldita toalha. Coloco a roupa, rapidamente, e volto à sala. Aline continua lá.

— O que você ainda está fazendo aqui? Disse para ir embora e nunca mais voltar! — Esbravejo.

— Não seja assim, amor.

— Não me chama de amor! Você nunca me chamou assim.

— Eu sei — ela suaviza o tom de voz — e por isso estou aqui para consertar.

— Não há nada para ser consertado, Aline — digo firmemente. — Quero que saia do meu apartamento agora, antes que eu peça para que a expulsem. Ainda não fiz isso em respeito ao tempo que ficamos juntos, apesar de você não merecer.

— Theo! Para com isso! Já estou cansada, tá?

— Cansada de quê, posso saber? — Me aproximo dela, com as narinas dilatadas. Ela definitivamente acabou com qualquer resquício de paciência que pudesse ter restado.

— De você se fazer de difícil! — Ela me toca e eu me afasto. — Eu sei que dei mancada, mas tá na hora de voltar pra mim. Poxa, Theo... Aquela Melissa não pode competir comigo, você sabe disso. Olha pra ela!

É nesse momento que uma fúria toma conta do meu corpo.

— Quero que saia do meu apartamento agora! — Altero meu tom de voz. — Eu não vou voltar pra você, Aline. Nunca! E presta atenção no que eu vou te falar, tá bom?

Ela me olha nos olhos. Não sinto absolutamente nada por encarar um rosto que já me foi tão familiar, um rosto que achei que veria pelo resto da vida.

— Eu *amo* a Melissa. Amo como nunca amei ninguém.

— Não, Theo! Você não a ama! Você ama *a mim*! Eu sou a mulher certa pra você, e sabe disso.

— Engraçado como você não pensou nisso ao enfiar a língua na boca do meu amigo. — Acuso-a, e ela murcha.

— Aquilo foi um deslize e nunca mais vai acontecer, foi ele quem me seduziu, Theo. Você tem que acreditar em mim!

Suspiro profundamente para não gritar com ela.

— Então ele te forçou? Porque não foi o que pareceu. — Questiono.

Aline desvia o olhar e sei que não foi o que aconteceu.

— Quanto tempo, Aline?

— Quanto tempo o que, Theo? — Ela devolve a pergunta, impaciente.

— Quanto tempo você me traiu com ele?

Aline, outra vez, não responde e entendo que o que rolou no bar não foi uma cena exclusiva, eles já deviam estar fazendo isso há um tempo. Por incrível que pareça, não sinto raiva. Na verdade, não sinto nada.

— Você está certa sobre uma coisa, sabia?

Ela me olha, curiosa.

— E o que seria isso?

— Sobre a Mel não competir com você.

Aline dá um sorrisinho triunfante, aproximando-se de mim. Ela toca em meu rosto e seguro a mão dela.

— Você sabe por que a Mel não pode competir com você?

— Por que, Theo? — Ela me encara, furiosa. Já ciente de que não vai escutar o que quer.

— Porque só uma pessoa é capaz de fazer meu coração bater mais forte. E não é você.

— Theo! Você vai se arrepender disso! — Ela me dá um tapa na cara. Passo a mão sobre o rosto, no local em que ela me bateu, e a encaro novamente, como se os últimos segundos não tivessem acontecido.

— Vou me arrepender de não correr atrás do amor da minha vida enquanto estou aqui falando com você. Por favor. — Mostro a saída.

Abro a porta e espero que ela saia de uma vez por todas: do meu apartamento, da minha vida.

— Isso não vai ficar assim! — Ela grita ao passar por mim e finalmente sumir da minha visão.

Quando fecho a porta, percebo um pacote jogado no chão. Ele não estava aqui antes, então suponho que Mel o tenha trazido. Abro-o rapidamente e sinto um aperto no peito ao tocá-lo. Ela comprou pra mim um Funko Pop da Taylor Swift. O boneco está vestido com as mesmas roupas do clipe de *You Belong With Me*, com a famosa camiseta rabiscada com nomes, além dos óculos. O que acaba comigo, no entanto, não é saber que Mel me trouxe algo, mas a frase que a mini Taylor está segurando: “*I Love You*” (“*Eu te amo*”).

Ela ia me dar isso. Mel ia dizer que me ama, que ela *me* ama. Algo que esperei ouvir a vida toda e que eu mesmo estraguei com maestria. Não sei se um dia vou conseguir me perdoar por isso, por magoá-la.

Seco as lágrimas que caíram em meu rosto, pego o presente que ela me deu e vou atrás de arrumar a merda que fiz. Não tem outro jeito, eu vou consertar tudo isso, nem cogito pensar o contrário. Ela precisa me perdoar e, se eu tiver que ficar de joelhos para isso, eu vou. Farei qualquer coisa para que me dê outra chance, que não desista de mim, da gente.

Ainda tenho as chaves do apartamento dela, assim como ela tem do meu. Dessa forma, poderíamos transitar livremente entre os dois lugares. A minha vontade é que não tenhamos mais que fazer isso, que não haja necessidade de despedidas. Só que é algo que não falei ainda, pois não quero assustá-la. Espero, do fundo do coração, que eu tenha essa chance, que ela queira me ver, que queira falar comigo.

Quando giro a chave na porta, sei que Mel está aqui porque sua bolsa está em cima da mesa. Chamo-a, mas não tenho nenhuma resposta. O apartamento está silencioso, a não ser, é claro, pelo barulho vindo do banheiro. Me aproximo da porta e a empurro levemente. A próxima cena me teletransporta para um déjà-vu. Já presenciei isso e não quero acreditar que estou presenciando novamente.

Mel está com os joelhos no chão, os cabelos presos em um coque frouxo e o rosto quase enfiado na privada. Ela *está vomitando*. Não, não e não! Não pode ser! A minha Mel não pode ter voltado para isso. Meu Deus! Como eu

pude ser tão idiota? Quero socar a minha própria cara por ser um escroto do caralho, por ser responsável pelo que estou vendo. Não!

Talvez não seja isso... A minha cabeça tenta me convencer, meu coração diz outra coisa.

— Mel... — Chamo-o enquanto toco seu ombro. Seu corpo se retrai na hora e meu coração se quebra. Ela não me quer aqui.

Ela tosse um pouco antes de se virar para mim. Seu rosto está vermelho, seus olhos molhados. Ela estava chorando... *Porra!*

— O que você tá fazendo aqui? — Ela pergunta, com a voz embargada.

Eu nunca quis chutar meu próprio traseiro como estou querendo agora.

— Eu vim aqui pra gente se acertar, Mel. O que você tem?

— Não me olha assim, Theodoro. Não quero sua pena!

— Eu não tenho pena de você, Melissa. Estou preocupado! Vem, se apoia em mim.

— Não precisa! — Ela puxa seu braço do meu.

— Mel, por favor. Vamos conversar!

— Não temos nada pra conversar! Eu te dei a chance para que se explicasse e você não fez nada. Quero que saia daqui! — Ela tenta se levantar sozinha, mas escorrega. Por sorte, tenho o reflexo de segurá-la antes de cair. Sinto seu braço estremecer sob meu toque e sei que a afeto. Quando me lembro do presente que estava prestes a me dar, quem quer vomitar sou eu. Ela ia dizer que me ama e agora não quer que eu a toque. Não posso perdê-la, não assim.

Ela puxa seu braço do meu novamente e vai até a pia se lavar. Quando seus olhos me encaram, só consigo enxergar mágoa. *De mim.* Ela segue até o sofá, que não está mais quebrado, e não diz nada.

Sou eu quem toma a iniciativa.

— Mel, o que foi aquilo no banheiro? — Tenho coragem de perguntar.

— Nada que seja da sua conta. Não somos mais nada e já disse pra você ir embora!

Acho que uma facada teria doído menos.

— Amor, você não pode terminar comigo...

— Não me chama de amor... — Ela murmura, com raiva. — E mais, não sou eu quem está terminando, é você. Ao mentir pra mim, esconder uma noiva. *Uma noiva!* Não vou ser feita de palhaça de novo, Theodoro.

E então, tudo me atinge. Mel acha que estou fazendo o mesmo que Alexandre, trocando-a por outra.

— Ela não é minha noiva! Terminamos há meses e pode ter certeza de que não tenho a mínima intenção de voltar para ela.

— Mas foi, Theo! Você ia *se casar* com ela! Como acha que não é relevante?

— Isso não importa!

— Ah, não? E por que você nunca me falou sobre ela? Porra, você ia se casar, ia dividir uma vida com Aline! E nunca ouvi isso da sua boca, tive que ouvir dela. Você tem noção do quanto foi humilhante?

— Mel, você não tem que se importar com o que a Aline pensa, nada disso importa. Só a gente.

Ela me olha com mais raiva ainda.

— Eu sou um passatempo pra você, Theodoro? Me responda sinceramente. Pode fazer isso? Pode ser honesto comigo?

Quero arrancar meu cabelo por deixar a situação chegar até aqui. É tudo minha culpa! Quem é o idiota que omite que teve uma noiva? Quem é o idiota que deixa a namorada encontrá-lo, só de toalha, ao lado dessa ex-noiva? Bom, eu!

— Claro que não, Mel! Se você deixar, posso te contar tudo o que quiser saber.

Tento manter meu tom de voz calmo, mas só quero gritar. Gritar comigo mesmo.

Mel me encara e vejo seu semblante mudar. Ela não está mais me olhando com raiva, agora sua expressão demonstra pura decepção. Antes de jogar pra fora todo meu passado com Aline, tenho uma pergunta ainda mais importante para fazer.

— Eu vou te contar tudo, Mel, mas preciso que me diga o que foi aquilo no banheiro? Você ainda faz isso? Você teve uma recaída com a bulimia?

Não falávamos o nome da doença quando éramos adolescentes, acho que Mel via isso como uma forma de se proteger. Porém, não somos mais crianças e precisamos encarar a realidade. Desde que voltei à vida dela, tenho notado sua relação com a comida. Não é normal, apesar de ser a primeira vez que a vejo vomitando. Tenho vontade de fazer o mesmo quando penso que o gatilho tenha sido as minhas últimas atitudes.

— Você tem feito isso? — Insisto.

Ela inspira pelo nariz enquanto endireita sua postura no sofá. Seu olhar foge do meu por alguns instantes antes de encontrá-lo novamente.

— Não, Theodoro. Não vomito há bastante tempo.

A resposta me deixa aliviado por um lado e destruído por outro. Fico feliz em saber que ela não voltou para aquele lugar sombrio de antes e triste por ver que por minha causa isso possa ter ocorrido.

— Você está grávida, então? — Arrisco a pergunta mais óbvia nessas situações.

Mel arregala os olhos para mim.

— Não, não estou!

— Você tem certeza? — Pergunto com cuidado.

— Tenho! — Ela garante, firmemente.

Sei que Mel toma anticoncepcional, mas não usamos camisinha nas últimas vezes que transamos. Não sou idiota o suficiente para afastar a possibilidade, já que nenhum método é 100% eficiente.

— Então por que você vomitou, Mel?

— Não é da sua conta! Que tal ir embora do meu apartamento? — Dispara.

— Mel, por favor... — Imploro — me diz o que aconteceu com você naquele banheiro. Se você não quiser conversar depois disso, eu vou entender.

Ela me encara novamente e parece cogitar me dar essa chance. Então, suspira profundamente.

— Acho que foi algo que comi de manhã.

Obviamente, a resposta não me convence nem um pouco.

— Mel, serei totalmente honesto com você, mas você precisa ser comigo. Eu já percebi a sua relação com a comida. Quer me contar algo?

— E qual seria a razão para isso, Theodoro? Por que devo *te* contar algo? Eu nem sei o que a Aline estava fazendo no seu apartamento. Eu posso muito bem pensar que você estava me traindo com ela, visto a forma que eu encontrei vocês. *Por que devo confiar em você?*

Acho que se fosse eu no lugar dela também me sentiria assim, ainda mais quando já fui traído. Sei que ela tem razão de desconfiar porque *eu escondi uma parte importante da minha vida*.

Solto os ombros, derrotado. Fui um completo babaca mais cedo e agora estou pedindo para que confie em mim. Por isso, decido mudar de estratégia, por enquanto. Preciso recuperá-la para que ela me ouça.

Sento-me ao seu lado e puxo sua mão para mim. Seus olhos estão nos meus agora e começo a dizer tudo o que deveria ter falado antes.

— Mel, Aline disse ao porteiro que era minha namorada. Foi a única razão dela ter subido ao meu apartamento, porque pensei que era você, achei que tivesse esquecido as chaves, eu estava *te* esperando. Acredite em mim, eu também fui surpreendido, não faço ideia de como ela conseguiu meu endereço.

Mel suspira sem tirar os olhos de mim, não sei se ela acredita. Porém, talvez seja a única chance que eu tenha de contar tudo, de não esconder absolutamente nada dela. É exatamente isso que eu faço.

— Aline e eu tínhamos planos de nos casar, até que nove meses atrás a peguei me traindo com meu amigo Gabriel.

Sinto a respiração de Mel se alterar, mas ela permanece quieta, com os lábios entreabertos. Se ia dizer algo, desistiu no meio do caminho. Então, eu continuo.

— Ele era um dos meus melhores amigos. Estudávamos juntos e até fiz parte da banda dele por um tempo. Aline odiava a banda, pelo menos era isso que dizia. Fico pensando que talvez fosse apenas uma desculpa para que eu não desconfiasse dos dois. Eu juro que não desconfiei, até pegá-los juntos. Acredito que não tenha sido a primeira vez, apesar dela nunca ter confirmado. E o Gabriel? Não dei a chance para que ele pudesse falar.

— Por isso que você saiu do Rio? Pra fugir dela? — Ela pergunta em um tom de voz neutro.

— Isso ajudou, não vou mentir. Precisava me afastar de lá porque as coisas não estavam dando certo. Perdi o emprego, depois terminei com a Aline... não tinha mais nada pra mim no Rio, nada que fizesse sentido. Eu queria recomeçar.

— E você me usou pra isso? Espera, como você tem uma tatuagem pra mim, se tinha uma noiva antes? Ela nunca te perguntou o que era? Ou você também mentiu sobre isso?

Seus olhos estão frios, não há resquício da Mel de hoje de manhã aqui. Quando me lembro que acordei em seus braços e que agora estou a ponto de perdê-la, desejo poder voltar no tempo e jamais ter deixado aquela cama.

— Claro que não, amor. — Tento tocar seu rosto, mas ela se afasta. — Mel, olha pra mim. — Peço. A contragosto, ela cede.

— Eu não tinha intenção de recomeçar dessa forma que você tá pensando. Eu não vim pra São Paulo procurar alguém que substituísse Aline, eu vim pra cá pensando exclusivamente em trabalho. Não queria me envolver com ninguém e não vou mentir sobre ela. Doeu vê-la me traindo assim, me descartando. Nós tivemos uma história, mesmo que nosso relacionamento não estivesse dos melhores há algum tempo. Brigávamos muito para duas pessoas que planejavam se casar. E quanto à tatuagem, bom, ela assumiu que fosse para minha mãe e nunca tive coragem de desmentir ou de remover. Simplesmente, não consegui.

O olhar de Mel está distante, como se ela não estivesse mais aqui comigo. Não estou gostando de como as coisas estão caminhando. Por isso, sou mais incisivo.

— Mel, você sabe por que nunca mais voltei para São Paulo, depois da vez que nos despedimos na rodoviária? Você sabe por que nunca mais te liguei?

Logo no primeiro ano de faculdade, conheci o lugar que Mel dividia com uma colega, aqui em São Paulo. Foi bem nessa época que a encontrei com Alexandre, que ela me contou sobre ele. Me lembro como seus olhos brilhavam, como falava dele com amor. Nunca vou me esquecer do momento, porque a forma que usava para falar dele era exatamente a que eu queria que falasse de mim.

— Porque mudamos um com o outro depois da festa de formatura? — Agora tenho sua atenção.

— Não exatamente. Acho que esse foi um gatilho forte, saber que você me rejeitava me machucou na época. Fui um covarde por não colocar tudo em pratos limpos, por não tocar no assunto quando eu deveria, mas achei que em algum momento eu teria coragem de falar sobre isso. Voltaríamos a esse tópico e nos acertaríamos de uma forma ou de outra. Só que, então, você se apaixonou pelo Alexandre. Eu via como você o olhava, como eu já tinha te perdido, sem nem ter tido a chance de tê-la. Foi demais pra mim vê-la apaixonada por outro homem que não fosse eu. Queria ser altruísta o suficiente para vê-la feliz e ficar feliz por você. E, sim, Mel, eu queria, do fundo do coração, que você fosse feliz... mas não consegui assistir a outro cara te dando isso.

— Eu não imaginava, Theo...

— Eu sei, e não quero me fazer vítima da situação nem nada. Estou te dizendo isso para que saiba que o que eu sentia por você naquela época era

muito forte. Mas, nem de longe, é o que sinto por você hoje. Eu jamais iria embora assim de novo, sem lutar por você, sem lutar pelo seu amor.

Passo as mãos entre meus fios, dando uma pausa na minha confissão.

— Sabe, Mel, depois que te reencontrei, ficou impossível mentir pra mim mesmo, foi impossível esconder os ciúmes que eu tinha quando qualquer cara se aproximava de você, como eu tinha vontade de te beijar o tempo todo, de te tocar e implorar para que me escolhesse.

— Theo...

— Por favor, me deixe terminar. Antes de qualquer coisa que tenha a dizer, me deixa falar tudo o que preciso...

Mel acena, e eu continuo.

— Aline foi a primeira mulher com quem eu senti algo, depois de você. Um friozinho na barriga. Eu me apaixonei por ela e me convenci de que era suficiente para que pudéssemos ficar juntos. Eu tinha superado você, afinal de contas. Eu não poderia estar mais enganado.

Mel parece absorver minhas palavras antes de dizer algo.

— Você me magoou hoje, Theo. Me senti uma idiota por não saber de uma parte tão importante da sua vida. Como se eu não fosse boa o suficiente para que você dividisse as coisas comigo. E é isso que um casal faz, não? — Ela desvia o olhar.

Toco seu queixo, fazendo com que olhe para mim.

— Me desculpe por ter escondido o meu passado de você, por não ter contado algo tão sério assim. Quero que saiba que não escondi a Aline porque sinto algo por ela. Não falei nada porque queria apagar essa parte da minha vida, queria simplesmente esquecer, fingir que não aconteceu. E, novamente, fui um covarde.

— É difícil não me sentir insegura ao pegar você com ela... — Mel sussurra.

— Mel, quero que escute bem o que vou dizer, tá bom? — Seu rosto está sério, e ela assente, sutilmente.

— Se eu tivesse imaginado antes, mesmo que fosse por um segundo, que você poderia me querer, eu correria pra você. Quando nos aproximamos anos atrás, nunca consegui te ver apenas como uma amiga. Eu nunca te enxerguei assim. Eu te queria, Mel. Eu te quero.

Eu limpo uma lágrima sobre sua bochecha, quando ela me olha nos olhos.

— Porque, por mais que eu tenha me esforçado para te esquecer, não acho que meu coração vai deixar de bater por você. Eu te amo, te amo há anos e sei que nunca vou deixar de te amar.

Talvez não fosse o momento mais apropriado para confessar como me sinto, e não sei se ela vai acreditar em mim. Queria dizer isso em voz alta quando eu tivesse certeza de que ela estava pronta para ouvir. Mas não posso fazer essa escolha por ela, apenas por mim. Posso ser sincero e colocar pra fora tudo o que guardei e torcer para que ela se sinta da mesma forma.

Mel me encara, com os olhos marejados. Então, sua testa encosta na minha enquanto ela acaricia minha mão. É, então, que tiro do bolso o presente que ela me deu.

— Eu sei o que isso significa, Mel. Sei que estraguei tudo hoje, mas eu quero que saiba que nunca vou deixar de lutar por você. Tá entendendo?

Ela balança a cabeça positivamente enquanto aproximo nossas bocas instintivamente. Preciso dela, preciso saber se ainda estamos conectados, que não a perdi pra sempre. Assim que nossos lábios se tocam, puxo-a para mais perto de mim. Ela não se afasta, dando entrada para a minha língua. Aprofundo nosso beijo e ela geme na minha boca. Mordo seu lábio inferior e depois o superior e a beijo possessivamente. É insano a forma como meu corpo reage ao dela. É insano como me sinto vivo quando estou em seus braços.

— Theo... — Ela interrompe o beijo, com a voz quase falhando.

— Me desculpe. Eu só precisava... de você.

Seus olhos castanhos estão nos meus agora e sei que não tenho que dizer uma palavra para que ela saiba como me sinto.

— Não sei o que pensar. Talvez a gente esteja indo rápido demais, talvez você ainda tenha coisas para resolver... *com a Aline*.

Toco seu rosto com as duas mãos, forçando-a a olhar para mim.

— Não estamos indo rápido demais, amor. Sei que fui um babaca completo, mas se me der uma nova chance, te prometo que isso nunca mais vai acontecer, nunca mais vou te esconder nada. Pelo amor de Deus, você é a única pessoa com quem quero compartilhar absolutamente tudo. Eu sou teu, Mel.

Não consigo controlar as lágrimas que rolam pelo meu rosto. É assustador amar alguém assim, a ponto de entrar em total desespero só de pensar em perdê-la. Quando Mel me chama novamente e faz com que eu a encare, quase fico sem ar. Ela desliza seus dedos pelo meu rosto, como se

estivesse decorando os lugares por onde sua mão passa. Talvez ela esteja fazendo isso para se despedir.

— Quando vi vocês dois mais cedo, senti como se já tivesse vivido aquilo, porque eu vivi, Theo. Com Alexandre. Sei como sofri por ser trocada por uma pessoa totalmente... — Ela pensa no que vai dizer antes de continuar. — *diferente* de mim. E ver você com Aline é como se estivesse voltando para o mesmo momento, porque senti como se eu estivesse sobrando. Vocês dois simplesmente... fazem sentido.

— Mel, por que está falando isso? — Sinto meu peito pesar, pois não quero que termine comigo.

— Quando os vi juntos, pareceu que tudo fez sentido novamente, como se as peças voltassem a se encaixar.

— Que peças, Mel? Não entendo o que quer dizer!

— Você comigo, Theo! Isso não se encaixa, simplesmente não faz sentido, como não fazia no passado. Você não parou pra pensar por que, mesmo após me beijar, nunca consegui acreditar que sentia algo por mim?

Quando começo a entender o que está falando, não sei se sou forte o suficiente para ouvir mais. Mesmo assim, deixo que continue.

— Olha pra você e olha pra mim! — Ela pede, derrotada.

— Eu estou olhando, Melissa! — Garanto a ela.

Seus olhos me encaram, tristes.

— Estou olhando como fiz quando tinha dezessete anos, estou te olhando como fiz bem antes disso, mesmo sem admitir a mim mesmo. Estou te olhando como fazia quando você estava distraída demais para notar. — Continuo.

Mel limpa algumas lágrimas perdidas em sua bochecha antes de me encarar novamente.

— Não sei se um dia vou ser capaz de me recuperar disso, Theo. Se a gente não der certo, não sei se vou conseguir me recuperar.

— Você não vai precisar, amor. Não vou a lugar algum. — Abraço-a. Sinto o cheiro do seu cabelo, o cheiro dela, e não quero sair daqui, nunca mais. Ela me abraça apertado, então sussurra em meu ouvido algo que não estou esperando, a coisa mais maravilhosa que já ouvi na vida.

— Não quero que vá a lugar nenhum, *Theodoro*. Quero que fique comigo porque eu te amo.

Meu coração está a ponto de sair do peito quando ouço essas palavras em seus lábios. Simplesmente, começo a rir.

— Você me ama? — Pergunto, novamente, como se eu precisasse de uma nova confirmação para ter certeza de que não estou criando uma realidade paralela.

Ela balança a cabeça positivamente, sorrindo para mim.

— E você me perdoa, amor?

Ela assente, silenciosamente.

— Eu te amo *tanto*. — Afirmo.

E então nos beijamos. Seu toque invade todos os meus sentidos, fazendo com que eu tenha certeza de que é aqui que quero ficar para sempre.



33 - Mel

Item 4: ir ao show da Taylor Swift - Theo

Estamos no camarote para o show da Taylor Swift. Faltam aproximadamente três horas para começar, só que Theo não poderia esperar mais nenhum segundo para estar aqui. Eu não me lembro de tê-lo visto tão animado antes e confesso que a cena está me arrancando boas risadas.

Ele já fez questão de tirar várias fotos nossas e postar em todas as redes sociais. Já tive que aguentar piadas da Amanda e da Nathalia, falando como estamos fofos usando roupas iguais. Sim, Theo comprou uma réplica da camiseta do clipe *You Belong With Me*. Essa música se tornou especial para nós dois, pois foi assim que ele se declarou, assim como me declarei para ele.

— Eu vou ver a Taylor Swift! — Ele grita.

— Tá bom, Theo. Já entendi! Estou ficando com ciúmes, tá? Você me trocando por uma loira, justamente o oposto de mim.

Theo ri, jogando a cabeça para trás e depois me puxa para os seus braços.

— Eu nunca trocaria você, amor. Nem por cem Taylor Swifts.

— Estou vendo mesmo... — Faço beicinho, e ele me beija. Sinto seu sorriso em meus lábios e sorrio também.

Ainda estamos seguindo copiosamente o que colocamos na lista, apesar de não termos pressa para terminá-la, já que Theo garante que temos o resto

da vida para isso. Admito que riscar mais um item dela me dá borboletas no estômago, pois sei que a Mel de dezessete anos estaria orgulhosa de mim. Porém, o que me deixa mais feliz em tudo isso é estar completando essa lista *com ele*. É Theo quem deixa o meu dia mais colorido. Às vezes, sinto medo de colocar toda essa responsabilidade nas costas dele, porque sei que não pode ser o único responsável pela minha felicidade.

Tento focar em outros projetos quando não estou com ele, como nos meus livros que já estão todos publicados em eBook. Já consegui uma boa base de leitores e fico feliz que estejam gostando do que escrevo. Claro, sempre tem aqueles que odeiam e já recebi alguns comentários bem negativos sobre meus personagens, minha escrita, sobre o enredo. Não há como dizer que eles não me afetam - já passei por dias em que quis desistir de tudo, jogar tudo para o alto porque “*não era pra mim*”. Foi Theo quem me impediu, é sempre ele que acredita em mim, mais do que eu mesma.

Paro por alguns instantes para admirá-lo. Como o sol reflete em seu rosto bonito, como o verde dos olhos dele fica mais claro e como vejo covinhas de onde estou. Ele franze as sobrancelhas grossas enquanto me encara, fazendo meu coração se expandir de uma forma que nunca imaginei antes.

— Por que você tá me olhando assim? — Ele pergunta.

— Só admirando o grande gostoso que você é.

— Que engraçado. Estava pensando a mesma coisa de você! — Ele passa os dedos sobre o lábio inferior e me agarra para um beijo, roubando com ele todo meu fôlego.

Estou mexendo no celular, aguardando uma mensagem de Eric. Temos um combinado que Theo não faz nem ideia. Aproveitei que ele foi ao banheiro para colocar nosso plano em ação.

Eu:

Tudo certo?

Eric:

Dez minutos e vocês podem vir. Ele desconfia?

Eu:

Nem um pouco.

Eric:

Ótimo. Você sabe como chegar lá?

Eu:

Sim, já sei por onde tenho que ir.

Eric:

Beleza, qualquer coisa é só me ligar.

Eu:

Combinado!

Estou sorrindo para o telefone quando meu namorado chega.

— A quem se deve esse sorriso? — Theo pergunta.

— Eric! — Respondo, animada.

Theo franze as sobrancelhas, confuso.

— Eric?

— É... — Digo.

O moreno à minha frente parece não ter gostado muito da minha resposta.

— Certo...

— Você, por acaso, está com ciúmes?

— Não sei, deveria estar? — Ele arqueia as sobrancelhas.

— Pelo amor de Deus, Theodoro! Você sabe que não.

Ele coloca as mãos no bolso, incomodado. Ele *está* com ciúmes.

— Você disse que não se importava que eu fosse amiga dele... Eu te perguntei.

— Eu sei, Mel. Confio em você e confio nele.

— Então por que você está com esse bico? — Seguro sua mão.

— Ah, sei lá. Você gostou dele por muito tempo, acho que no fundo fico com medo de você gostar dele novamente.

Reviro os olhos com a confissão porque, pelo amor de DEUS!

— Homem, para de falar besteira e vem comigo, vai!

— Aonde?

— Você vai saber logo.

Sigo na direção que Eric me indicou. Esquerda, esquerda e direita. Depois disso, mostro a credencial a um segurança e depois a outro, e depois a outro. Nossa! Theo me cutuca para saber aonde vamos, até que estou em um corredor agitado, com diversas pessoas indo e vindo, correndo de um lado para o outro. Mando uma mensagem para Eric e em dois minutos ele aparece na nossa frente.

— O que é isso? — Theo pergunta.

Troco um olhar cúmplice com Eric e Theo fica ainda mais confuso. Agarro a mão dele sem dizer nada e sigo Eric até a porta. Olho para meu namorado e ele está de boca aberta, literalmente.

— Não é possível!

Estou sorrindo tanto, que a minha cara pode quebrar a qualquer momento.

Eric entra primeiro e olho novamente para Theo. Ele está travado, branco, pálido - totalmente diferente da sua pele bronzeada.

— E-Esse é o camarim da Taylor? — A voz dele sai histérica demais, e dou uma gargalhada.

— Sim!

Theo não tem tempo de absorver a minha resposta, pois Eric nos puxa para dentro e em segundos estamos olhando para Taylor Swift em pessoa. Alta, linda, loira.

Ele continua paralisado, com a boca aberta, e uso o celular para registrar o momento. Farei da vida dele um inferno depois disso.

— Oi — ela diz pra gente, em inglês.

Sou a primeira a responder, com um grande sorriso no rosto. Até eu estou nervosa. Theo continua parado, estático, ao meu lado.

— Esse é meu namorado, Theo – digo, em inglês, para ela. — Ele é seu fã há muitos anos e está um pouco chocado por estar aqui.

Taylor o cumprimenta e parece que é só nesse momento que ele volta a si.

— Meu Deus! Não acredito! — Finalmente diz, quando sai do transe.

Eric está do outro lado da sala, rindo. É impossível não rir quando olho para ele.

Em poucos segundos, Theo vai de totalmente tímido a um falador sem controle. Fala para ela que é fã desde criança, que sabe todas as músicas e conta até que se declarou para mim com uma música dela. Taylor me dá uma olhadinha e eu dou de ombros. Ela elogia nossas camisetas e diz que formamos um casal muito bonito. Tá, eu virei fã dela também depois dessa.

Eric nos alerta que precisamos ir logo, que não podemos ficar muito, então nos posicionamos para uma foto: Taylor no meio, eu do lado direito, Theo do esquerdo. Parecemos três avatares juntos, pois somos os três altos. Miro em Theo, e ele troca um olhar cúmplice comigo. As covinhas que tem

no rosto agora são tão lindas, que devo ter me apaixonado ainda mais por ele.

Na hora de se despedir, meu namorado parece uma criança que acabou de ir no melhor brinquedo do parque. Além disso, Eric fez seu trabalho com louvor, tirou várias fotos nossas com a Taylor, além de gravar um vídeo do Theo parecendo uma estátua, com a boca aberta. Eric e eu rimos, sabendo que teremos munição para zoá-lo pelo resto da vida. *É exatamente isso que planejo fazer, inclusive.*

No caminho de volta, já perdi as contas de quantas vezes Theo disse que ela é uma fofa, super educada e carinhosa e que agora é ainda mais fã. Só concordo, afinal, ele não está errado.

Quando chegamos ao nosso lugar e nos posicionamos novamente, sei que falta pouco para o show começar. Eric não vai conseguir ficar com a gente porque os bastidores estão uma confusão e, como ele disse, é responsável por “apagar os incêndios”.

— Você está feliz? — Pergunto a Theo.

— Você ainda duvida?

— Sei o quanto a Taylor Swift te faz feliz. — Dou uma risadinha.

Ele me abraça por trás, fungando meu cabelo.

— A felicidade que eu sinto por causa da Taylor não chega nem perto da felicidade que eu sinto por ter você.

Ele me beija no ombro e meu corpo inteiro se arrepia.

— Isso não é justo! — Protesto, brincando.

— O quê? — Ele me olha com aquele sorrisinho sem vergonha no rosto.

— Você me provocando assim.

— Não fiz nada! — Ele levanta as mãos, em rendição.

— Claro que não... — Bufo.

Theo se aproxima novamente de mim e sussurra no meu ouvido.

— Ainda não fiz nada, mas não vejo a hora de chegar em casa e mudar essa história, amor.

Tento me recompor, mas só a ideia me faz estremecer.

— Acho que não vamos conseguir chegar em casa desse jeito... — Ele diz, ao ver meu movimento.

Quando meus olhos encaram os dele, sei que ele não está brincando.

— Theo... — Advirto, dando um passo para trás.

— Não tem ninguém aqui, Mel. Só nós dois. Eu sei que uma rapidinha nunca é suficiente com você, mas podemos brincar, pelo menos.

— Theo... — Ele se aproxima de mim, deslizando suas mãos sobre minhas coxas.

— Se eu te tocar aqui... — sussurra no meu ouvido enquanto coloca as mãos em cima do zíper da minha calça — você não vai estar nem um pouco molhada?

Respiro profundamente, inundada pelo prazer do momento.

— Melissa... — Ele repete no meu ouvido, com a voz rouca. — Você não me respondeu...

Seus dedos deslizam pelos meus braços, arrepiando todos os pelos no caminho.

— Devo considerar isso como um não? — Ele beija meu pescoço e lambe cada centímetro da minha pele até meus ombros.

— Theo...

— O quê, amor? Me fala o que você quer. Você quer que eu pare?

Ele desce os beijos para minha clavícula, me arrancando gemidos baixinhos.

— Se você continuar gemendo assim, Melissa, eu vou ter que te foder naquela parede.

Theo invade a minha boca com sua língua, aprofundando o beijo.

— Vão nos ver aqui... — Murmuro, quase em um sussurro sobre seus lábios.

Sinceramente, não sei o que está acontecendo comigo. Ele mordisca meu lábio inferior e se volta ao meu pescoço novamente. Suas mãos descem pela minha perna e apenas com uma delas ele abre o zíper da minha calça. Há uma pequena divisão entre os assentos e a porta de saída, onde fica o bebedouro. Theo me puxa para ela e me encosta na parede.

— Há uma chance de ninguém ver a gente aqui... — Ele diz.

— Mas a porta está destrancada. Podem entrar a qualquer momento.

— E você se importa, Mel? — Suas mãos estão na minha bunda, ele me apertando com força.

— Não! — Sussurro, em um momento de loucura total.

Theo ergue a minha blusa, beijando e descendo pela minha barriga até alcançar minha calça. Ele a desabotoa rapidamente, descendo-o até os meus joelhos. Em seguida, beija as minhas coxas, deixando um rastro de prazer para trás. Rapidamente ele está na minha virilha, lambendo até chegar na minha calcinha. Seus dedos habilidosos passeiam por cima dela e facilmente ele nota o quão molhada estou.

— Você sempre está pronta pra mim, amor. — Ele diz, e instintivamente enrosco meus dedos em seus fios. Theo puxa minha calcinha para o lado e rapidamente sinto seus dedos se movendo dentro de mim. Rebolo neles sentindo o prazer em todas as minhas terminações enquanto olhos verdes me observam. Acabei de perceber que a possibilidade de ser pega me deixou ainda mais em chamas.

— Porra, Melissa! Quero que você goze pra mim, na minha língua.

É incrível como tudo o que sai da boca dele soa como combustível para tudo o que faço a seguir.

Sua língua desce para o meio das minhas pernas, me explorando lentamente. Sua mão livre vai parar na minha bunda, me trazendo ainda mais para ele.

— Goza pra mim, amor. — Ele diz, com aquela voz sexy pra caralho. Não preciso de muito para fazer exatamente o que ele pede.

Theo ainda está me lambendo, com os dedos enterrados em mim, enquanto eu subo e desço. Então, o orgasmo me alcança, borrando totalmente a minha visão, enquanto digo o nome dele.

— Adoro sentir o seu gosto. — Ele diz com a sua boca próxima à minha. Então, sua língua já está na minha boca e posso sentir o meu próprio gosto também, misturado ao dele.

— Deliciosa — ele murmura, sobre meus lábios.

Ainda estou com o coração acelerado e com as pernas moles quando ouvimos um barulho na porta.

Meus olhos se abrem rapidamente e Theo solta uma risadinha. Ele me ajuda a subir rapidamente as minhas calças e se posiciona à minha frente enquanto tento fechar os botões. É nessa hora que ouço a voz de Eric. *Que momento apropriado.*

— Pessoal... — Ele para no meio da frase. Tenho certeza que ele sacou o que tava acontecendo aqui. Me encolho ainda mais atrás de Theo.

— Oi, Eric. Pode falar... — Responde meu namorado, com diversão em seu tom de voz. *Vou matá-lo.*

— Eu só ia perguntar se tá tudo certo com vocês. Não vou conseguir ficar aqui, mas o show vai começar em minutos.

— Tá tudo certo com a gente, né amor? — Theo me pergunta e se vira pra mim. Eu juro que vou perder meu Réu Primário.

— Sim. — Sussurro baixinho sem ter coragem de olhar para Eric.

— Tudo bem, então. Vou deixar vocês a sós para voltarem ao que estavam fazendo.

Sinto meu rosto pegar fogo, então Eric vai embora e Theo se vira pra mim, rindo.

— Por que você tá rindo, idiota? — Dou um soquinho nele.

— Ai, amor. — Você esquece o quão forte é. Isso doeu.

— E era pra doer, Theodoro.

— Por que você está brava comigo?

— Porque você tá rindo depois do Eric pegar a gente.

— E o que você quer que eu faça? Deveríamos ouvi-lo e voltar ao que estávamos fazendo — Ele dá de ombros.

— Eu te odeio! — Bufo, irritada.

— Ah, amor. Não foi o que pareceu depois de você ter gozado na minha boca.

Olho pra ele boquiaberta.

— Babaca!

— Gostosa pra caralho! — Ele murmura.



Pouco tempo depois de sermos pegos, Taylor toma conta do palco. Nas próximas duas horas e meia, Theo e eu cantamos e gritamos até ficarmos roucos. Ela começa o show com *Miss Americana & the Heartbreak Prince*, passa por *Cruel Summer*, me faz gritar em *The Man* e *Getaway Car* e Theo me envolve em seus braços quando ela toca *Lover*. Surtamos juntos quando ela entoa *You Belong With Me* e imito os passos dele quando ela chega em *Blank Space*, *Style* e *Shake it Off*.

Quase choro ao ouvir *Cardigan*, e Theo me zoa falando que amo a Taylor Swift. Depois dessa, não nego mais, mesmo. Quando o show está chegando ao final, Taylor anuncia duas músicas surpresas: *Right Where You Left Me* e *Afterglow*.

Theo canta absolutamente todas as canções junto com ela enquanto seus dedos estão entrelaçados aos meus.

— Cumprimos o item 4 da lista, Theo. — Sussurro quando o show está quase chegando ao fim.

Ele me olha de soslaio e não diz nada por alguns instantes. Apenas me observa. O céu está estrelado, as luzes estão em todas direções, mas só consigo me concentrar nele.

— Sabe qual é meu item preferido e que eu já cumpri?

— Item 4, fácil! Estar aqui, ver a sua musa. — Garanto.

Ele balança a cabeça, discordando.

— Qual então?

Seu rosto assume uma expressão mais séria quando responde.

— Item 10.

Meu coração acelera no peito quando ele diz isso.

— Definitivamente, eu me apaixonei por uma mulher incrível.

Meus lábios começam a tremer, é uma mistura de felicidade com vontade de chorar.

— Eu também realizei o meu item 9, Theo. Eu também me apaixonei por um cara incrível.

Seus lábios estão nos meus e sua mão envolve meu rosto, me trazendo para mais perto.

— Eu te amo, Melissa — ele sussurra sobre meus lábios.

— Eu te amo, Theodoro. — sussurro de volta.



34 - Theo

Não sei se acredito em vida após a morte ou no paraíso, mas se ele, de fato, existir e se eu for parar lá, espero acordar nos braços dela todos os dias. Essa é a minha definição de felicidade, tem sido há dois meses. Estou no apartamento dela, ainda na cama. Mel dorme profundamente, grudada em mim. Sua perna enroscada na minha, uma bela visão da sua bunda, além dos seus fios espalhados pelo meu peito e seus braços me envolvendo. Me remexo um pouco, e ela reclama, mas continua dormindo.

Observo parte das suas sardas, salpicadas pelo nariz e maçãs do rosto. Quarenta e quatro, no total. Sei disso porque, quando adolescentes, as memorizei em um dia que Mel estava distraída demais para perceber. Agora posso apreciá-las e tocá-las sem ter medo de ser pego por isso.

Admiro-a por mais alguns minutos, antes de ter que pular da cama. Estou na parte final do desenvolvimento do meu jogo e, por isso, preciso me reunir com a equipe em uma hora para acertar os detalhes. *Estamos bem perto de cumprir o item 8 da lista.* E quando digo estamos, me refiro a mim e à mulher ao meu lado, que me ajuda em cada decisão e que me dá alguns empurrõezinhos quando sou teimoso demais para fazer algo que me deixa inseguro.

Sei que tenho que deixá-la aqui, não significa que *eu queira fazer isso*. Mel parece tranquila enquanto dorme, no entanto, não é a mesma expressão que vejo em seu rosto quando está acordada. E isso tem acontecido há algum tempo - se eu arriscasse uma data, diria que foi desde o

dia em que Aline apareceu no meu apartamento e quase explodiu a minha vida.

Minha namorada me perdoou e não tocou mais no assunto, mesmo quando eu tentei. Só que percebo que algo está diferente nela. Percebo como ela sorri na minha presença e em como seu sorriso some assim que me viro, percebo seu olhar vago dentro do apartamento e como sua relação com a comida tem piorado dia a dia. Às vezes, saio antes dela acordar e deixo o café pronto para que se alimente bem, porém, quando volto, está tudo praticamente intocado.

Não quero pressioná-la e piorar a situação, só que está ficando insustentável vê-la assim, triste, deprimida. Alguns dias atrás, a peguei se olhando no espelho com uma expressão um tanto quanto desconfortável no rosto. Me aproximei e disse o quanto eu a acho maravilhosa e ela sorriu. Sei que Mel não se vê como a vejo. Sei que ela não gosta do que enxerga no espelho. Sei que as palavras que a feriram no passado ainda perfuram sua pele no presente. Sei que ela precisa de ajuda - só não faço ideia de como convencê-la disso.

Deixo a cama e Mel continua dormindo. Tomo uma ducha rápida e, novamente, preparo o café. Dessa vez, vou acordá-la para que façamos a refeição juntos. Ela come quando estou olhando, só não tenho certeza que faça isso quando não estou. Tenho medo que volte aos velhos hábitos, tenho medo que tenha uma recaída. Às vezes, penso que talvez ela já tenha voltado.

Eu a amo e só isso é motivo suficiente para querê-la ao meu lado o tempo todo, porém tenho me feito mais presente para observá-la, para conversarmos, para que ela se abra comigo - não tenho tido muito êxito, no entanto. Já pensei em conversar com os pais dela, assim como fiz quando a gente tinha dezessete anos. Mas a situação é diferente agora, ela é uma mulher, talvez a presença de Carolina e Marcelo não ajude como antes. Sei que é Mel quem tem que dar esse passo, só que estou começando a ficar desesperado com isso, estou quase implorando que ela faça por mim, quando sei que deveria fazer por ela.

— Bom dia, *Theodoro*. — Ela diz, com um sorriso preguiçoso enquanto me abraça por trás.

— Bom dia, babe. Como você está?

— Bem. — ela assente.

— Ótimo! Fiz o café da manhã. Senta a sua bunda gostosa aí que já vou servir.

— Posso comer mais tarde, Theo... — Ela faz biquinho, e sinto meu estômago se apertar. Ela já fez isso, ela já disse exatamente essas palavras.

— Amor, quero que você tome café comigo. Por favor... — Imploro.

Ela me olha por alguns segundos e suspira profundamente, como se fosse um grande esforço comer.

— Claro. — concorda, desanimada.

Sirvo as panquecas e o café e me sento ao lado dela.

— Bem fofinha, Mel. Do jeito que você gosta.

— Obrigada... — Ela me dá um beijinho no queixo.

Coloco o primeiro pedaço da panqueca da boca e adoro o sabor misturado com a pasta de amendoim. Sou viciado nisso.

— Você não gosta mais da panqueca? — Pergunto à Mel, que remexe no prato sem tocá-lo.

— Claro que sim.

— Então porque você não tá comendo? — Arqueio uma sobrancelha.

— Vou comer, Theodoro. — Ela revira os olhos. — Só demoro mais tempo que você...

— Sem problemas, amor. Eu te espero.

Ela vira o pescoço para mim, um tanto confusa.

— Você não tem reunião daqui a pouco?

— Sim, mas só vou sair daqui depois que terminar o café com você. Faço questão.

— Ah, sim. — Assente. Então, olha para a panqueca e enfia um pedaço na boca. Ela mastiga lentamente, fechando os olhos. Mel definitivamente gosta do sabor.

— É boa?

— Muito boa, e está realmente fofinha, uma delícia.

Ela enfia outro pedaço na boca e isso traz um sorriso ao meu rosto. Mel termina seu café um pouco depois de mim e tiro um peso dos ombros ao saber que, pelo menos, ela comeu.

Retiro os pratos da mesa e os coloco na pia, faço minha higiene no banheiro e volto para me despedir dela, antes de deixar o apartamento.

— Humm — digo, sobre seus lábios. — Já estou com saudade.

— Bobo — ela murmura.

— Não sei porque você não acredita em mim...

Ela bufa, fingindo estar irritada.

— Você vai pro seu apê depois?

— Sim, preciso arrumar algumas programações do jogo. Volto mais tarde, pode ser? Ou você quer dormir lá?

— Você pode voltar mais tarde.

— Ótimo. Eu volto, então. De qualquer forma, minha intenção nunca foi deixar você dormir... — Pisco para ela.

— Idiota! — Ela reclama.

— Você sabe que sim. — dou um beijo em sua testa e saio do apartamento.

Estou no elevador, verificando se coloquei tudo dentro da mochila, quando sinto falta das minhas chaves. Devo ter deixado em cima da mesa. Não vou conseguir entrar no meu apartamento sem elas. Aperto novamente o botão para voltar ao quarto andar e à casa de Mel. Quando eu entro novamente, não tenho intenção de incomodá-la, apenas pegar o que preciso e sair, já estou atrasado.

Avisto as chaves em cima da mesa. Enfio-as no bolso e me viro para sair novamente. É nesse momento que ouço um som alto, vindo do banheiro - como se Mel estivesse passando mal, *vomitando*.

Quando abro a porta, a cena que já vi mais vezes do que gostaria, é reprisada na minha frente. Mel com os joelhos no chão, o cabelo preso e a cabeça enfiada na privada. Dessa vez, consigo ver que seus dedos estão dentro da sua boca, forçando todo o café da manhã para fora.

— Mel? — Chamo, tristemente. Não tem como mascarar algo que está na minha cara, que já estava antes. *Ela está fazendo isso de novo*.

Ela me olha assustada, limpando-se rapidamente.

— O que você tá fazendo aqui? Achei que já estivesse na rua.

— Eu esqueci minhas chaves... — Mostro a ela.

— *Ah*.

É óbvio que não vou fingir que está tudo bem e é impossível disfarçar a escuridão que toma conta do meu rosto.

— Desde quando, Mel? — Pergunto, firmemente.

— Desde quando o quê?

— Você sabe o que... Não minta pra mim.

— Ah, isso? — Ela aponta para o vaso enquanto tenta se levantar. — Acho que a panqueca não me caiu muito bem...

— Para de mentir pra mim, Melissa! — Não há resquício de diversão ou qualquer senso de humor na minha expressão. Eu não queria me sentir assim, mas estou puto com ela.

— Não sei do que você tá falando... — Ela se levanta e vai até a pia, sem nem olhar pra mim.

— Mel, por que você tá mentindo pra mim? — Puxo-a pelo braço, fazendo com que me olhe.

— Theo...

— Olha nos meus olhos e me diz que você não forçou esse vômito. — Peço.

— Theo...

— Me diz, Mel...

Ela simplesmente desvia o olhar e tenho vontade de gritar.

— Desde quando? — Pergunto novamente.

— Um mês, mais ou menos... — Ela olha para o chão, e sinto como se tivesse levado um soco no estômago.

Um mês? Como ela está fazendo isso há um mês e eu não notei? Ou melhor, como fui tão negligente assim?

— Quantas vezes por dia?

Seus olhos não se mantêm nos meus. Em vez disso, ela mexe nas unhas.

— Uma, duas vezes.

Outro soco no estômago.

— Mel, olha pra mim.

Ela demora um pouco, mas o faz. Seus olhos estão opacos, sem o brilho habitual. Toco em seu rosto e uma pequena lágrima escapa do seu olho esquerdo.

Tomo-a em meus braços, trazendo-o para mim, segurando-a firmemente. Acaricio suas costas e depois o seu cabelo. Ela fica na ponta dos pés para me abraçar de volta.

— Eu estou aqui pra você, amor. Sempre estarei aqui pra você e vamos superar isso juntos, tá bom? Você não está sozinha.

— Por que eu faço isso comigo, Theo? — Ela começa a chorar no meu ombro. — Por quê?

Queria ser capaz de arrancar essa dor dela, queria que ela passasse tudo para mim. Não quero que sofra assim.

— Não é culpa sua, amor... — Abraço-a ainda mais forte, acariciando seu cabelo. Mel chora mais alto, agarrando-se à minha camiseta.

Eu daria qualquer coisa para trocar de lugar com ela.

— Eu sou *tão* quebrada — ela sussurra no meu ombro. Sinto meu corpo tremer quando ouço isso.

— Você não é quebrada, ouviu? Você é perfeita. Nada menos do que isso, Melissa Monteiro.

— Então, por que tudo dói? Por que eu sinto essa coisa dentro de mim? Por que eu tenho sentido isso a vida toda? — Ela acaricia o peito, ferozmente, como se quisesse arrancar algo dali.

Prendo-a em meus braços novamente, em um abraço apertado.

— O que você sente, amor?

— Acho que... é como se... Sinto que não sou suficiente. Por mais que eu tente, por mais que eu me esforce, não me sinto suficiente, Theo. Não consigo gostar do que eu sou e não faço ideia do que você viu em mim também. — Ela começa a chorar de novo. Tento secar lágrima por lágrima, forçando-a a me olhar.

— Não há absolutamente nada em você que eu não ame. Sou completamente apaixonado por você, Mel. Amo seu sorriso, seus olhos, sua pele, suas sardas... — Toco-a enquanto falo. — Amo seu corpo todo. Mas não é só isso. Eu amo seu coração, amo você exatamente como é.

Os lábios dela estão tremendo, enquanto novas lágrimas brotam dos seus olhos bonitos. Eu queria poder socar a cara de todas as pessoas que fizeram isso com ela, daquelas que fizeram comentários maldosos, que tiraram sarro do seu corpo, do seu jeito, da sua personalidade. Porque, se não fossem por elas, talvez Melissa acreditasse nas minhas palavras, talvez ela pudesse se amar do jeito que a amo.

— Eu tô tão cansada, tão cansada! — Ela choraminga, ainda em meus braços.

— Eu tô aqui, tá bom? Não vou sair do seu lado.

— Você não deveria estar aqui, Theo! Não quero te atrasar. Sei que essa reunião é importante pra você e não quero que perca nada por minha culpa.

— Não tem nada e nem ninguém mais importante do que você, ouviu? Nada me importa se você não estiver bem. Vamos superar isso juntos, tá bom?

— Você consegue fazer isso, amor. Eu acredito em você. Você consegue fazer isso — afirmo, enquanto toco sua tatuagem, que diz exatamente a mesma coisa. — Você confia em mim?

— Sabe, Theo... — Ela funga. — Quando você me disse que tinha tatuado a inicial do meu nome, entrei em choque. Além de não imaginar que isso fosse possível, comecei a pensar sobre a minha tatuagem. Você sempre me disse a mesma coisa, sempre me encorajou e acreditou em mim quando eu nunca consegui. Então, quando você se foi, senti saudade das suas palavras, do seu incentivo. Achei que tatuar seria um lembrete seu, achei que eu seria capaz de acreditar nessas palavras, assim como você acreditava.

— Mel... Eu sempre vou acreditar em você — sussurro em seus lábios.

— Eu confio em você, sempre confiei. — Ela me responde. — Só gostaria de confiar em mim.

— Você vai, amor. Mas pra isso vamos procurar ajuda, tá bom?

Gostaria que isso partisse dela, mas não acredito que Mel esteja em condições de perceber isso. Então, não vou ficar assistindo enquanto ela se afunda.

— Do que você tá falando?

— Vou com você ao médico e nós dois vamos procurar ajuda. Vamos fazer tudo o que for necessário para você sair dessa, ok?

— Eu não sei se consigo... — Ela desvia o olhar.

— Presta atenção em mim, amor. — Seu olhar triste me alcança, e tenho que ser forte para não chorar também, por ela. — Não há nada nesse mundo que você não consiga.



Cancelei a reunião da tarde e consegui uma consulta médica para Mel. Por sorte, ela não foi relutante, como achei que seria. Estamos na sala de espera quase vazia, apenas ouvindo o som da televisão. Seus olhos não estão em mim. No momento, ela está com a cabeça abaixada, os braços apoiados nos joelhos. Acaricio seu ombro, garantindo-lhe que estou aqui e não vou a lugar algum. Não sei se adianta, porque Mel está distante, como se só seu corpo estivesse presente.

O que me dói é que sei que ela sente vergonha, como sentia no passado. Como se a culpa fosse dela quando é, na verdade, uma doença. Ela está doente e apenas precisa de ajuda. Estar aqui já prova o quão corajosa ela é, apesar de não se enxergar assim.

Por isso, uso o nosso velho método de nos comunicarmos. Pego os *AirPods* e os posiciono: um no meu ouvido e outro no dela.

— O que é isso, Theo? — Ela me encara, com o semblante ainda triste.

— Apenas ouça, amor...

Em poucos segundos *Little Things*, da One Direction, está preenchendo o nosso silêncio, dizendo exatamente tudo que eu quero que ela saiba e como me sinto em relação a ela.

You'll never love yourself
(Você nunca vai se amar)
Half as much as I love you
(Metade do que eu te amo)

And you'll never treat yourself right, darlin'
(E você nunca vai se tratar corretamente, querida)
But I want you to
(Mas eu quero que faça isso)

Envolvo seus dedos nos meus enquanto as vozes se misturam em nossos ouvidos. Mel fecha os olhos, absorvendo aos poucos a letra da música.

I'm in love with you
(Eu estou apaixonado por você)
And all your little things
(e todas as suas pequenas coisas)

Quando ela abre os olhos novamente, há um brilho novo ali e Mel sorri fracamente para mim.

Não precisamos dizer nada um ao outro depois disso.

— Melissa Monteiro — o médico chama. Mel enrosca seus dedos nos meus e me puxa junto, fico feliz que ela confie em mim para estar lá.

Nos acomodamos nas duas cadeiras à frente da mesa enquanto ele termina de digitar algo no computador. O médico é jovem e não deve ter nem quarenta anos.

— Prazer, Melissa. Sou o Ricardo. Em que posso ajudá-la hoje?

Mel me encara primeiro, antes de olhar para ele.

— Fui diagnosticada com bulimia aos dezessete anos e agora... — Mel passa os dedos entre os fios, como se fosse capaz de arrancá-los antes de dizer a próxima fase. — acho que estou tendo uma recaída.

— Entendo. E por que você acha isso? Pode me contar os sintomas, o que tem sentido?

Dessa vez, ela não olha pra mim, apenas para o médico.

— Faz mais ou menos um mês que tenho vomitado, pelo menos, duas vezes por dia. Nada está parando no meu estômago e quase não preciso fazer esforço pra isso. Também tenho tido dores frequentes.

— No estômago? — O médico pergunta.

— Isso. — Ela confirma.

Começo a suar frio ao ouvir ela falar que faz trinta dias que está fazendo isso e só percebi hoje. Dessa vez, sou eu que quase arranco meus próprios cabelos.

— Certo, Melissa. Sente-se ali, vou te examinar.

Mel faz exatamente o que ele diz, sentando-se na cama atrás de nós. O médico examina sua respiração, aperta seu estômago, e vejo Mel fazer uma careta porque está doendo. Puxo a gola da camisa, pois está muito calor aqui, apesar do ar condicionado. A verdade é que estou me sentindo sufocado. Quando Mel volta ao meu lado, a sensação não passa.

O médico pede uma bateria de exames de sangue e imagem, além de um encaminhamento para psicóloga.

— Melissa, acho importante também um acompanhamento com nutricionista, mas, para isso, necessito ver seus exames antes, tudo bem?

— Claro. — Ela concorda, fracamente.

— Espero você de volta com os exames então, tudo bem?

Mel balança a cabeça positivamente.

— Ótimo, por favor, se possível comece com a terapia o mais rápido possível. Nesses casos, é primordial ter um apoio psicológico.

— Você é o namorado dela? — Ricardo olha para mim.

— Sim.

— Fique de olho nela então, combinado? Faça-a trazer os exames pra mim o mais rápido possível. — Ele dá uma piscadinha.

— Sem dúvidas.

Mel se levanta e faço o mesmo. Ricardo aperta nossas mãos e logo estamos fora do consultório. Ao sair, ela solta os ombros tensos e segue em direção à saída, sem me olhar nos olhos. Entrelaço meus dedos ao dela e beijo o topo da sua cabeça, dizendo silenciosamente o quão orgulhoso estou.

Não quero forçá-la a nada, não quero tornar a situação ainda pior. Por isso, vou ter paciência e esperar que ela queira falar sobre. Agora, no entanto, não parece ser esse o momento.

Pegamos um trânsito horroroso para voltar para casa, ou melhor, ao apartamento da Mel. Perguntei se queria ficar no meu apê, mas ela simplesmente balançou a cabeça em discordância, sem dizer uma palavra. Conversamos muito pouco na volta. Se não fosse pelo rádio, teria sido um silêncio desconfortável.

Agora já passam das sete da noite e fico responsável pelo jantar assim que Mel entra para o banho. Normalmente, eu entraria com ela, mas algo me diz que ela precisa ficar só, que não sou a companhia que quer no momento. Me dói pensar nisso, mas preciso me manter firme. É sobre ela, não sobre mim.

Capricho na salada, pois sei que Mel não fica sem - não sei se por hábito ou se gosta de verdade. Faço bifes grelhados e batatas assadas. Saudável e nutritivo, do que jeito que ela precisa agora.

Quando deixa o banheiro e corre para o quarto, aproveito para tomar uma ducha enquanto as batatas estão no forno. Não demoro muito no banho, porém quando saio, percebo que a porta do quarto está fechada. Ela nunca a deixa fechada, pelo menos não desde que começamos a namorar. Aproximo-me e ouço um choramingo baixo. É por isso que a porta está assim, porque Mel está chorando.

Bato duas vezes, pedindo para que ela me deixe entrar. Mel demora um pouco mais do que o esperado, mas acaba cedendo. Apesar de tentar disfarçar, sei que estava chorando: seus olhos estão vermelhos, suas pálpebras inchadas.

— Você sabe que pode me falar qualquer coisa, né, amor? Como você está se sentindo? — Envolver-a em meus braços, e ela começa a chorar novamente.

Não digo nada, apenas acaricio seu cabelo, sei que ela precisa disso agora. Quando as últimas lágrimas caem, Mel volta a me encarar.

— É-É t-tão vergonhoso.

— Como assim, Mel?

— Ter isso de novo... É tudo culpa minha, eu fiz isso! Eu!

— Amor, não é sua culpa, você sabe!

— Será que sei mesmo? Pensa comigo, Theo. Fui eu que enfiei o dedo na minha garganta por diversas vezes, ninguém me forçou a isso, *fui eu*. Eu que quis, eu que estou neste exato momento me controlando para não fazer de novo. — Suas palavras e seu olhar cortam meu coração.

— Bulimia é uma doença, Melissa! Uma doença, como muitas outras. Hoje nós fomos procurar tratamento pra ela. Por favor, não repita que é sua culpa, porque não é! Ninguém escolhe ficar doente, amor.

— Eu não quero, Theo! Simplesmente, não quero. Não quero passar por isso de novo, não quero ver o olhar de decepção dos meus pais, o seu...

— Mel, olha pra mim agora. — Peço.

Seus olhos ainda estão marejados, mas ela me obedece.

— Eu não estou decepcionado, Mel. Eu te amo, é o que eu sinto. E você também me ama. Se fosse eu no seu lugar, você diria que eu fiz de propósito?

Ela desvia o olhar.

— Você diria pra mim que ter bulimia é minha culpa?

— Não!

— Então, amor... Por que você é tão dura consigo mesma?

Seus lábios estão entreabertos e Mel parece pensar um pouco antes de me responder.

— Não quero voltar pra isso. Não quero que me veja assim. — Ela murmura baixinho, repetindo as mesmas palavras.

Dou um passo em sua direção, tocando seu queixo para que olhe novamente para mim.

— Eu nunca vou me afastar, Melissa. Estou aqui com você, para os momentos bons e ruins. Não vou embora por isso. Não acho que nosso relacionamento seja só sexo e diversão, amor. Confia em mim: eu amo transar com você, amo mesmo. Mas eu amo ainda mais acordar ao seu lado todos os dias, fazer parte da sua vida, de tudo que você quiser compartilhar comigo.

Mel solta um pequeno sorrisinho.

— Eu também amo transar com você. — Ela brinca, e eu respiro aliviado.

— De tudo o que eu falei, foi nisso que você focou, sua safada?

— Foi uma parte que se destacou bastante — ela pisca para mim.

— Ótimo — reviro os olhos.

— Também gosto de acordar todos os dias ao seu lado, amor. — Seus olhos brilham para mim.

Amor.

— Pode repetir?

— Qual parte?

— A que você me chama de amor. Não me canso de ouvir.

— Claro, amor. — ela repete, e eu a abraço, acariciando seu corpo junto ao meu.



35 - Mel

Theo não desgrudou de mim desde ontem, desde a cena patética no banheiro. Deveríamos estar comemorando que o jogo dele está dando certo e que, em breve, conseguiremos riscar mais um item da nossa lista. É o sonho dele, era para Theo estar pulando de alegria por isso, em vez disso, está aqui, de babá de uma mulher de vinte e cinco anos.

Sei que ele é meu namorado e não deveria me sentir envergonhada por isso, mas me sinto. É como se eu tivesse falhado, novamente. Prometi aos meus pais que nunca teria uma recaída, que a bulimia tinha ficado no passado e cá estou eu, quebrando a minha promessa de novo, machucando as pessoas que se importam comigo.

É lógico que não penso em contar aos meus pais sobre. A ninguém, na verdade. Mas talvez eu tenha que repensar essa decisão. Pedi para que Theo deixasse isso entre a gente e ele me garantiu que respeitaria a minha decisão, desde que eu me cuidasse de verdade. Faz cinco minutos que estou no banheiro, sentada na tampa da privada, pensando em como gostaria de vomitar meu café da manhã - aquele que meu namorado fez com todo carinho. Meu estômago revira e penso em vomitar de verdade só com a ideia de decepcioná-lo. Estou cansada de decepcionar as pessoas: primeiro meus pais e agora Theo. Preciso dar um jeito na minha cabeça, logo.

Levanto-me do vaso e vou em direção à pia para escovar os dentes. Me olho no espelho e não sei se tenho olheiras ou se elas me têm. Estou péssima: pálida, com o cabelo e pele ressecados. Prendo o cabelo em um coque frouxo e lavo meu rosto. Não tenho me cuidado, não tenho feito uma

boa skincare, como costumava fazer. Estava tão obcecada em enfiar o dedo na garganta, que simplesmente me esqueci do resto. Corrigindo: ainda estou obcecada em enfiar o dedo na garganta e cada minuto que passo nesse banheiro faz com que eu tenha ainda mais vontade. Cuspo a pasta de dente na pia e enxaguo a boca. Em seguida, me seco com a toalha e pulo para fora do banheiro.

Theo está assistindo a TV e desvia o olhar da tela assim que coloco meus pés para fora.

— Pensei que ia tomar banho, porquinha.

— Eu ia.

— E por que desistiu?

Porque é tentação demais ficar no banheiro. Porque queria forçar o vômito assim que pisei lá, porque só pensei em como eu me sentiria melhor depois de colocar meu café para fora.

— Acho que vou sair para correr e tomar banho na volta.

— Quer que eu vá com você?

— E desde quando você corre, Theodoro?

— Eu corro na esteira... — Ele se justifica.

— Por vinte minutos? Não é suficiente!

— Posso tentar correr com você, não deve ser tão difícil.

— Não precisa! Sei que você tem reunião daqui a pouco e prometo que volto logo. Não vou vomitar no caminho — solto, sem querer.

— Mel... — Ele me repreende. — Não quero que pense que estou te vigiando o tempo todo.

— Mas você está, desde ontem...

— Me desculpe. — Ele diz, enquanto se levanta e vem em minha direção. — Só estou preocupado. — Theo toca meu rosto.

— Eu sei — Assinto. — Só que preciso de... espaço.

Odeio ser a causa do olhar triste que ele tem em seu rosto agora, mas eu realmente preciso pensar. Sobre ontem, sobre hoje, sobre tudo... e não vou conseguir enquanto ele estiver em cima de mim.

— Tudo bem. — Responde, com os ombros caídos. — Só me promete uma coisa, por favor?

Balanço a cabeça positivamente.

— Se quiser vomitar ou — ele passa a mão na nuca — precisar de qualquer tipo de ajuda, você vai me ligar? Vai vir até mim?

— Eu quis vomitar no banheiro — confesso — é por isso que não tomei banho. Correr me ajuda a limpar a cabeça, talvez me ajude com isso também.

— Obrigado, Mel.

— Pelo quê?

— Por me contar... — Ele beija o topo da minha cabeça. — Boa corrida, amor.

— Obrigada. — Respondo, aliviada.

Um passo na frente do outro. Ouço minha respiração, meus batimentos acelerados, a sola dos tênis deslizando pelas pequenas pedrinhas do asfalto, o barulho do trânsito ao fundo. Dessa vez, estou sem meus fones de ouvido - nem a One Direction me ajudaria nessa. Corro até minha respiração se tornar pesada, até sentir o ar sair dos meus pulmões, até estar muito suada.

Não consigo entender por que me sinto assim, o tempo todo. Por que meu copo está sempre vazio, por que não consigo me livrar dessa sensação no meu peito. Não é como se eu não quisesse, porque *eu quero*. Tenho motivos para estar feliz: meus eBooks estão tendo uma boa venda, meus pais estão bem, Theo está de volta na minha vida, como meu namorado. E, acredite, meu peito se enche de felicidade por isso, mas então, percebo que posso perder tudo se vacilar. Como *já perdi*.

Meus livros podem ficar empacados, meus pais podem ficar arrasados novamente se souberem de mim, Theo pode não me querer mais exatamente pelo mesmo motivo. Não é como se eu fosse a melhor opção para ele. É só olhar para a ex. Quando a vi no apartamento, me senti exatamente como no passado. É como se estivesse na plateia, assistindo a um espetáculo, como se eles fossem os protagonistas e eu a figurante.

Foi nesse dia que vomitei novamente, depois de anos. E foi a partir daí que não consegui mais parar. As palavras dela voltaram à minha mente repetidas vezes, é como se eu estivesse ouvindo os meus antigos colegas, é como se eu tivesse retornado para os longos anos de bullying, dando voz às palavras que me machucavam. Eu deveria ser forte o suficiente para não me importar com isso, mas quem eu estou tentando enganar? *Eu não sou*.

Por isso, apesar de mentir para mim mesma, sei que estou me preparando para o fatídico dia em que Theo vai perceber que sou problemática demais, que talvez Alexandre tivesse razão em me deixar. É como se eu estivesse nadando contra a correnteza, tentando ser essa pessoa forte que ele pensa que sou.

Preciso estar pronta para quando ele notar o contrário, serei eu que terei que juntar todos os caquinhos que ficarão para trás - é aí que minhas crises pioram. Não acho que estarei preparada para isso, nunca. Mas, ao mesmo tempo, não consigo melhorar. Só em pensar em tudo isso, tenho vontade de vomitar. É como se fosse meu refúgio, é onde eu sinto alívio.

Tentando cumprir a minha promessa, pego meu telefone e faço uma ligação. Ele atende no segundo toque.

— Amor, tudo bem?

— Eu quero vomitar, Theo... — Choramingo. — Eu quero vomitar...

— Onde você está? — Ele pergunta, preocupado.

Não consigo responder, apenas choro pateticamente com o celular colado ao meu rosto.

— Amor, por favor, compartilhe a sua localização comigo. Eu estou indo te pegar, tá bom? Você vai ficar bem, Mel. Eu prometo.

— Eu vou ficar bem. — repito.

Theo leva vinte e dois minutos para me encontrar e eu continuo exatamente no mesmo lugar em que fiz a ligação. Sentada na mureta da ciclofaixa enquanto a cidade não para. Ele larga o carro no meio da rua enquanto as buzinas invadem nossos ouvidos e corre para me abraçar. Theo me envolve em seus braços e eu deixo, deixo que ele cuide de mim.

— Obrigado, amor — ele diz.

— Pelo quê?

— Por me ligar.

Ele me guia até o carro parado no meio da rua e, enfim, as buzinas cessam. Sua mão está sobre a minha enquanto *Little Things* toca ao fundo, preenchendo o espaço vazio. Sei o que Theo quer me dizer com ela, que ele me ama, apesar de eu mesma não me amar.

Quero melhorar, quero ser o que ele acredita que sou, por isso, assim que chego em casa marco minha primeira sessão de terapia e os exames que preciso fazer. Eu já fiz terapia no passado, meus pais fizeram questão. E depois disso, também passei por algumas sessões. Admito, porém, que nunca estive em frente a uma psicóloga por escolha própria e chegou a hora de me ajudar, de não arruinar tudo de bom que consegui, de não arrastar Theo comigo.

— Que tal se começássemos um livro novo? — Ele pergunta enquanto coloca uma mecha atrás da minha orelha.

— Como assim?

— Bom — ele dá um sorrisinho. — Lembra quando eu ia na sua casa e você estava lendo? E eu fazia você ler em voz alta pra mim?

— Sim, você me irritava até conseguir o que queria. Eu sempre achei que esse fosse seu objetivo, me irritar. — Reviro os olhos.

— Parte dele — concorda. — A outra era ouvir a sua voz, sentir sua empolgação ao ler uma cena romântica e seu rosto ficando todo vermelho quando lia uma cena hot.

— Theo! — Dou um tapa nele.

— O quê? Eu conseguia imaginar tudo na época, fazendo com você. Digamos que foi mais torturante pra mim, acredite. — Ele franze as sobrancelhas.

Reviro os olhos.

— Então, talvez dessa vez eu pudesse ler pra você. Topa? — Ele pergunta, esperançoso.

Balanço a cabeça positivamente. Isso vai ser interessante.

Olho para minha estante com os livros ainda no plástico. Penso em algum que vai fazer Theo ficar com vergonha, assim como ele fazia comigo. Tiro do plástico *Birthday Girl*.

— Do que é essa história?

— De uma garota que se apaixona pelo sogro.

— O quê? — Ele arregala os olhos.

Dou uma risada sincera.

— Como isso pode ser bom? — Ele me questiona, preocupado.

— É o que quero descobrir, Theodoro... — Tento segurar o riso.

— Sei. Por que algo me diz que vou ler cenas constrangedoras aqui?

— É isso que espero... — Confesso. Dessa vez, ele balança a cabeça como se eu não tivesse jeito e me puxa para o sofá.

— Tudo bem... Tudo pela minha garota.

E aí está: meu coração acelerado quando ele diz: “*minha garota*”.

Passamos a tarde toda no sofá, com a voz rouca e sexy do meu namorado lendo *Birthday Girl*. Já passamos por algumas cenas tensas, mas nada de sexo até agora, infelizmente. No entanto, sei que a tensão entre Jordan e Pike está crescendo e, por mais louca que a história pareça e pela diferença de idade dos dois, a gente torce para que eles se peguem logo.

— Como essa história maluca pode ser tão interessante? — Theo pergunta, com uma ruguinha entre as sobrancelhas grossas.

— Deve ser por isso. Por ser uma história maluca.

— Como eu estou torcendo para que uma garota de dezenove anos fique com um cara de trinta e oito? É muito estranho, Mel.

— Acho que esse é um mérito todinho da autora. — Sorrio.

— Deve ser... Eu sempre torcia para que seus protagonistas ficassem juntos logo, já disse que não sou fã do *Slow Burn*. Quero que as coisas aconteçam com mais rapidez.

— Ah é? — Pergunto.

— Claro! — Ele garante.

— Então leia mais rápido, quero que chegue na cena hot logo.

— Ah, aí está! Você querendo me ver com vergonha, amor. Já adianto que não vai rolar. Achei que a essa altura você já saberia que não tenho problema nenhum com putaria.

Abro a boca, literalmente. Ele dá uma piscadinha e continua a leitura, com um sorrisinho nos lábios. Algum tempo depois, ele chega na primeira vez de Jordan e Pike. Não acho que foi uma boa ideia fazê-lo ler isso, essa voz rouca, esse tom... Estremeço só de ouvi-lo ler detalhadamente e pausadamente a cena toda. Ele me olha de soslaio e sei que está se divertindo. Parece que o feitiço virou contra a feiticeira. No caso, a feiticeira sou eu. Enquanto ele segura o livro com uma mão, a outra desliza pela minha pele deixando pequenos arrepios para trás.

Ele continua lendo e me torturando ao mesmo tempo até que cedo bem antes dele. Tiro o livro de sua mão e o jogo para longe. Theo tem um olhar divertido no rosto.

— Você não quer que eu continue lendo?

Sem vergonha.

— Talvez você devesse colocar em prática o que leu. — Ele está se segurando para não rir.

— Claro. — Desdenha.

Subo em seu colo e agora ele não está mais achando graça, seu olhar percorre todo meu corpo e sei que ele me quer. Sinto sua ereção na minha virilha.

— Você quer fazer isso. — Digo enquanto beijo seu pescoço.

— Eu sempre quero, amor...

— Mas... — Sei que ele está hesitando. — Não sei se é o melhor momento.

Theo está se referindo a tudo o que aconteceu no dia e, sinceramente, não é disso que preciso.

— Tudo bem se dormirmos apenas de conchinha. — Sugere.

— E quem disse que eu quero apenas isso?

Quero me sentir mal por usar Theo para esquecer meus problemas, mas quando estamos na nossa pequena bolha, é exatamente isso que acontece.

— Tem certeza, amor?

Balanço a cabeça, positivamente. Não tenho certeza de nada na minha vida, apenas disso.

Então ele cede, me beijando lentamente. Sinto o desejo percorrer toda a minha pele. Theo não demonstra pressa nenhuma, deslizando suas mãos pelo meu corpo lentamente, deixando um rastro de beijos no caminho do meu pescoço até meus seios. Ele venera meu corpo como eu nunca fiz, apreciando cada partezinha dele. Nunca me senti tão amada quanto agora. Theo faz com que eu comece a acreditar que talvez haja esperança para mim.



36 - Theo

Item 8: criar um game incrível - Theo

Mel já esteve em duas sessões de terapia e, depois que voltou ao médico com os exames e iniciou o acompanhamento com uma nutricionista, parece um pouco mais animada. Ela me disse que gostou muito da nova psicóloga e o mais importante: não vomitou mais. Não quero vigiá-la, não quero pressioná-la, só quero que fique bem, é meu maior desejo.

Às vezes, sinto que ela absorve muita dor para si própria, porque não quer que eu veja esse lado dela. Esse é o problema: se preocupa muito com os que estão à sua volta: com seus pais, com suas amigas, comigo e, no fundo do coração, gostaria que se preocupasse muito mais consigo mesma. Não me importo de ver esse lado de que ela tanto tem medo, quero-a por inteiro: corpo e alma. Quero que ela compartilhe tudo comigo, mas não é algo que posso forçá-la. Ela precisa me deixar entrar e eu estarei pronto quando isso acontecer.

Observo-a da cozinha. Ela está na sala em seu notebook, animada com o lançamento do meu game. Mal pode esperar para que risquemos mais um item da nossa lista. Desde que Mel se sentiu um pouco melhor, fiquei mais confortável para finalizarmos os ajustes necessários. Ela tem se envolvido em tudo o que pode, principalmente na organização do evento. Ela e Eric estão super felizes com isso. Eu, no entanto, estou apreensivo. Era para ser algo pequeno, mexi todos os pauzinhos que consegui para que as

peessoas certas estejam lá. Porém, minha namorada e meu melhor amigo tinham outros planos, então as coisas tomaram uma dimensão maior.

Não é só o meu sucesso que está em jogo aqui, mas de todos que trabalharam comigo, que acreditaram em mim - e isso inclui Melissa. Ela diz que sempre fui seu fã número 1 desde o começo. A verdade é que ela também fez isso comigo - sempre me incentivou e teve certeza de que eu chegaria lá. Não quero decepcionar a minha equipe e não quero decepcioná-la, acima de tudo.

Faz anos que ela é a pessoa mais importante da minha vida e eu jogaria absolutamente tudo para o alto se isso a fizesse feliz, se isso a livrasse da dor que tem carregado desde pequena e que tenta esconder a todo custo.

— Você está nervoso? — Ela pergunta enquanto se senta em meu colo.

— Nem um pouco. — Respondo, em um tom de brincadeira.

— Relaxa, amor. Vai dar tudo certo. Hoje é seu grande dia!

Suspiro lentamente tentando controlar a respiração. Preciso tomar um banho, antes de tudo.

— O que você acha de me ajudar a relaxar, entrando no chuveiro comigo?

Mel tem esse olhar travesso, o mesmo de quando aprontava nos meus aniversários e fazia eu querer arrancar meus cabelos. No presente, no entanto, me deixa excitado pra caralho.

— Você precisa se concentrar, Theodoro. Nada de distrações hoje.

— Eu consigo me concentrar pra valer quando estou te chupando.

Ela me dá um tapinha no ombro e eu reclamo. Os anos se passaram, mas ela ainda tem um tapa forte. Pelo menos não é um soco, né?

— Podemos retomar esse assunto mais tarde, depois do evento, o que acha?

Jogo os ombros, derrotado. Nada de sexo para mim, pelo jeito.

— Certo, amor. Você venceu, mas vai ter que trabalhar muito para aliviar todo o meu tesão acumulado.

— Tarado. — ela revira os olhos.

— Por você. — digo, antes de me afundar no banheiro sozinho.

Preciso de, pelo menos, meia hora no chuveiro para relaxar um pouco. Garanto que transar com a Mel teria sido muito mais eficaz. Tenho mais certeza disso quando a vejo jogada na minha cama, com a minha camiseta. *Sexy pra caralho*. Então, instintivamente, coloco uma música no celular e deixo a toalha cair. Agora tenho a atenção dela, que ri.

Shake It Off está tocando no fundo enquanto eu danço nu para a minha garota.

— Eu preciso filmar isso! — Ela dá uma gargalhada e é música para meus ouvidos.

— Fique à vontade, amor. Assim você vai poder admirar toda vez que sentir vontade.

Mel joga a cabeça para trás, caindo no travesseiro e rindo. Deslizo sobre seu corpo até que meus olhos encontrem os dela.

I just wanna shake, shake, shake... shake it off

(Eu só quero deixar, deixar, deixar... deixar isso pra lá)

Beijo-a enquanto os versos da música deixam meus lábios e sinto seu sorriso. Esse sorriso, essa risada. Amo vê-la assim.

— Theodoro, vai se arrumar! — Ela me empurra enquanto beijo seu pescoço e agarro sua bunda. Infelizmente, nesse momento, ela consegue ser mais forte do que eu e resiste às minhas investidas.

— Tudo bem! — Obedeço. — Não pense, no entanto, que vai se livrar de mim, Demoniazinha. — Pisco enquanto me viro em direção ao guarda-roupas ainda cantando. Quando encaro-a novamente, Mel mantém um sorriso no rosto, o que me anima também.

Minutos depois estou brigando com a gravata torta.

— Você consegue me dar uma mãozinha aqui?

Mel se levanta e se põe à minha frente para dar um jeito na gravata. Observo seu rosto concentrado e as sardas salpicadas.

— Acho que ficaria melhor sem. — Ela opina.

— Não acha que ficaria muito informal?

— Theo, você está lançando um jogo, então acho que um ar mais descontraído não cairia mal, né? Além disso, vai combinar com seu cabelo. E outra, continua extremamente gostoso.

Dou uma risada espontânea quando escuto isso. Quase não reconheço esse som. Ainda é surreal ouvir essas coisas da boca dela. Amo cada segundo.

— Tudo bem! — Concordo, e ela assente.

Dou uma olhada no espelho e não pareço nada mal. O terno cinza escuro e a calça do mesmo tom contrastam perfeitamente com a camisa branca que escolhi. Coloco meu relógio, passo perfume e finalizo meu cabelo.

— Tem certeza que não quer vir comigo? — Pergunto a Mel.

— Sim, vou esperar nossas famílias. Você sabe como eles são. Não quero que fiquem perdidos e cheguem atrasados.

Meus pais, Thomás e a namorada, além de Carolina e Marcelo estão a

caminho. Faz meses que não os vejo. Mel se encarregou de levá-los até o local do evento para que cheguem sãos e salvos lá.

— Além disso, preciso apressar as meninas. Elas também estão super animadas para mais tarde.

— Certo. — Concordo.

— Você não vai me contar o que vai vestir hoje? — Agarro-a contra meu peito, mudando de assunto.

— Não — ela faz beicinho. Mel tem um espaço no meu guarda-roupas assim como tenho no dela. No entanto, ela está fazendo suspense sobre seu visual. A única coisa que sei é que, em algum momento do evento, vou ter que arrastá-la para um lugar calmo, porque de jeito nenhum vou aguentar olhar para ela a noite toda sem nem encostá-la.

— Tudo bem. — Ergo as mãos em rendição. — Contanto que você não esteja usando nada no final da noite, aceito qualquer coisa.

Ela me dá um soquinho.

— Vamos, Theodoro. Você está ficando atrasado!

— Pra você é amor, amor.

— Tá bom, *amor*. Agora, vamos! — Obedeço, claro.

Deixo Mel em seu apartamento e sigo para o local do lançamento. Quando chego, a ficha começa a cair que hoje é o dia que esperei por anos. Há pessoas correndo de um lado para o outro acertando os detalhes finais e vejo Eric no meio da organização.

— E aí, Theo?! — Ele me abraça. — Ansioso?

— Muito! — Confesso.

— Vai dar tudo certo — Garante. — Você é excelente no que faz, e eu também sou. — Ele pisca pra mim.

— Adoro sua confiança, Eric.

— Aprendi com o melhor. — Ele dá uma piscadinha. — Vamos, vou tirar uma foto sua.

Me posiciono em frente à parede coberta com o logo do meu game e o nome “Mercenária” em destaque. Minha protagonista usa uma armadura preta, além de um cinto de munição enquanto ostenta um sniper nas mãos. Ela está à frente da sua equipe e a ilustração é dominada por cores preta, cinza e branco, em um mundo destruído como plano de fundo. O que mais se destaca, no entanto, são as mechas roxas em seus cabelos ao vento. Nem consigo acreditar que fui eu que a criei. Bom, ela está quase à altura da minha inspiração.

Vejo minha equipe chegar aos poucos. No total, somos trinta. Trinta e um, comigo. São dezesseis mulheres e quinze homens - um jogo bem equilibrado, eu diria. Os garçons passeiam de um lado para o outro, acertando as mesas dispostas em um grande salão. No palco, o telão está sendo montado para a apresentação oficial do game. Também fizemos um espaço especial para que as pessoas possam testar e jogar em primeira mão o meu trabalho de anos. Sinto uma gota de suor escorrer pelo meu pescoço, me lembrando de que estou ansioso pra caramba.

Faltam apenas duas horas para o início oficial do evento, quando vejo Denis, Rodrigo e Vinicius vindo em minha direção. Faz meses que não os vejo, desde que deixei o Rio e, como eles também são amigos do Gabriel, digamos que nosso relacionamento ficou um pouco distante. Apesar disso, eles foram meus colegas de faculdade e não têm nada a ver com a traição daquele idiota, assim achei que seria um momento oportuno para nos reaproximarmos.

— Theo! — Denis me chama enquanto me dá um abraço. — Quanto tempo, cara! O Rio não é o mesmo sem você!

— E aí? — Digo enquanto retribuo o abraço. Ele olha para a ilustração gigante do meu jogo atrás de mim e fica admirado.

— Ficou demais, cara! — Ele se aproxima mais um pouco para ver de perto. Rodrigo e Vinicius me cumprimentam com um tapinha nas costas e tecem elogios a tudo o que estão vendo. Devo levar em consideração já que eles cursaram Design de Games comigo, e sabem do que estão falando.

— Estou impressionado! — Vejo os olhos de Denis brilharem.

— Vocês vão poder testar mais tarde, galera! Mal posso esperar pelos feedbacks!

— Sério? — pergunta Vinicius.

— Aham.

Rodrigo e Vinicius andam ao redor do local enquanto Denis permanece comigo. Fico grato por não tocarem no nome de Gabriel.

— Pelo que eu tenho visto no Instagram, você parece bem apaixonado, Theo. — Ele dá um sorrisinho.

— Eu estou, Denis.

— Então é sério mesmo?

— Com certeza é. — Garanto.

— Fico feliz por você, cara! E por ela, porque é uma mulher de sorte.

— *Eu sou um cara de sorte, Denis.*

Ele franze as sobrancelhas, me olhando de lado.

— Mal posso esperar para conhecê-la.

— Ela estará aqui em breve, com a minha família e a dela.

— Que bom!

Denis procura pelos outros caras e some da minha visão. Esfrego uma mão na outra, tentando espantar a ansiedade quando vejo que algumas pessoas super decisivas para o sucesso do evento acabaram de chegar. Entramos em contato com produtoras de games brasileiras e internacionais. É claro que foi muita presunção achar que se deslocariam até aqui para conhecer o jogo de um cara desconhecido, mas o “não” eu já tinha, né?

O lugar está ficando mais cheio, quando avisto rostos conhecidos. Dona Margareth corre em minha direção e me abraça forte.

— Meu amor! Estou tão orgulhosa de você! — Ela beija minha bochecha.

— Obrigado, mãe! Feliz por vocês terem chegado.

Meu pai, que está ao seu lado, me puxa para outro abraço.

— Esse é o garoto do pai! — Diz, com seu tom carinhoso. Abraço-o de volta. Em seguida, vejo Thomás e a namorada se aproximando ao lado de Carolina e Marcelo, pais da Mel.

— Finalmente, maninho! Faz meses que não te vejo — Thomás bagunça meu cabelo, como se eu tivesse dez anos.

— E aí, Tom? — Abraço-o de volta. Ele olha ao redor e cochicha em meu ouvido.

— Estou orgulhoso de você, sabia? — Quando olho em seus olhos, só consigo sorrir.

— Obrigado!

Gisele, sua namorada de longa data, me dá um beijo no rosto e diz o quanto está impressionada. Agradeço, com uma expressão contida. Carolina e Marcelo são os próximos a me cumprimentarem.

— Estamos tão orgulhosos de você, Theo — Carolina me abraça, apertado.

— Parabéns, filho! — Cumprimenta Marcelo.

— Obrigado, aos dois.

Olho atrás deles em busca de uma pessoinha em específico, uma que deveria estar aqui.

— Mel passou no banheiro com as amigas dela, mas já estão vindo. — Avisa Carolina. É nesse instante que ela surge na minha visão, deslumbrante.

Minha namorada usa um vestido vinho longo, com mangas longas e uma fenda na perna. Seus cabelos estão soltos em ondas e as mechas roxas são

vistas de longe. Ela também usa salto, está ainda mais alta e linda.

Devo estar com a boca aberta, literalmente. Sinceramente, não ligo, e garanto que a surpresa valeu totalmente a pena. Ela se aproxima de mim e me abraça. Sinto o cheiro do seu perfume suave.

— Oi, amor. — Sussurra em meu ouvido e tenho vontade de abandonar todos para trás e sumir com ela.

— Oi, amor. — Alcanço seus lábios e não me importo nem um pouco com a plateia. Mel parece um pouco envergonhada.

— E aí, o que achou do meu visual? — Ela me lança aquele olhar travesso depois que se afasta um pouco.

— Oficialmente? — Pergunto e ela meneia a cabeça, positivamente.

— Deslumbrante. Você está maravilhosa, Mel!

Ela sorri, iluminando seu rosto.

— E se você não estivesse na frente de todo mundo, o que diria? — Ela desafia.

Me aproximo do seu ouvido e sussurro.

— Gostosa pra caralho. Só consigo me imaginar te comendo contra a parede. Vejo o rosto dela corar e ela desvia o olhar. Eu passo o polegar nos lábios, dando asas à minha imaginação.

— Vou tornar isso realidade mais tarde, Melissa. — Digo, e ela revira os olhos.

— Dá para nos poupar dos detalhes, Theo? — Pergunta Amanda, logo atrás de Mel. É só então que percebo que suas duas amigas estavam ali o tempo todo.

— Foi mal. — Respondo um pouco envergonhado. Amanda dá uma risadinha assim como Nathalia.

— Tudo bem... — Ela me abraça. — Perdoo você só porque faz a minha amiga feliz. — Mel dá uma olhadinha pra ela e Amanda apenas ri.

— Em falar nisso, tá tudo lindo, Theo! Parabéns!

— Obrigado.

Em seguida, é a vez de Nathalia me cumprimentar também e repetir os elogios.

— Fiquem à vontade, meninas. — Digo quando me direciono à minha namorada novamente.

Envolvo-a em meus braços e nos posiciono no local para tirarmos fotos. É então que Mel nota o poster gigante do jogo – disse a ela que seria surpresa. Ela analisa detalhadamente minha protagonista com uma expressão um tanto

quanto concentrada, com as sobrancelhas franzidas. Faz o contorno da personagem com seus dedos, deslizando-os calmamente. Em seguida, seus olhos param em mim. Mel está séria agora.

— Ela...

— Se parece com você? — Pergunto.

Mel meneia a cabeça, positivamente. Seus lábios estão entreabertos, como se quisesse dizer algo, mas não sabe bem o que falar.

— Então fiz um bom trabalho. — Pisco para ela.

— V-Você... — Ela aponta para a ilustração. — V-Você se inspirou em mim para o design? — Sua voz sai quase que em um sussurro.

— Achei que as mechas roxas deixariam isso bem evidente... — Brinco.

O visual da protagonista era um dos meus maiores desafios, pois nada parecia original. Agora está do jeito que eu gostaria.

Mel me olha, como se estivesse me vendo pela primeira vez, e começo a ficar preocupado.

— Você não gostou?

Ela leva alguns segundos para responder, observando Mercenária com mais atenção.

— Qual o nome dela, Theo?

— Hã... Ela atende como Hope — Sorrio. *Esperança, em inglês.* — Exatamente isso que ela trará ao mundo dela. Exatamente o que você trouxe ao meu, Mel.

Minha namorada continua sem reação e não sei se cheguei longe demais. Talvez não tenha sido minha melhor ideia. Só que faz anos que tenho trabalhado nesse jogo e só consegui finalizá-lo agora, com a presença dela em minha vida, *com a nossa lista*. É como se eu estivesse preso entre muros, e ela quebrasse todos.

— Você tem certeza disso? — Mel finalmente corta o silêncio entre a gente.

— Como nunca tive antes.

Seus olhos brilham para mim e, então, ela me abraça.

— Nunca ninguém fez algo assim por mim. Obrigada! — Ela sussurra em meu ouvido.

— Isso não é nada perto de tudo o que você merece, amor.

Sinto seu corpo relaxar junto ao meu.



Estou no palco, com o microfone na mão. Minha equipe está ao meu lado, esperando a vez de se manifestarem durante a apresentação. O salão está cheio, com olhares atentos em nós. Por fora, pareço calmo, meu coração, no entanto, não está dizendo o mesmo. Bate tão rápido, que começo a pensar em um infarto. Olho para o microfone e percebo que minhas mãos estão suadas, além da tremedeira. Nada parecido com a confiança que sempre tive. Procuro alguém na multidão, e nossos olhares se cruzam.

— Você consegue fazer isso... — Ela murmura, à distância.

Aperto firmemente o microfone entre as mãos, respiro profundamente e olho novamente para o público. Enfim, consigo começar. É difícil no início e gaguejo em algumas palavras. Mas, conforme a apresentação se desenrola, também começo a me sentir mais seguro, afinal é o meu jogo, sei tudo sobre ele. Depois de trinta minutos, explicando o passo a passo da ideia até a finalização do projeto, passo o microfone para Daniela, minha programadora.

Quando todos explicam sua parte no projeto e finalizamos nossa apresentação, há várias mãos erguidas, com perguntas que temos o prazer de responder.

Enquanto as pessoas circulam pelo lugar, aproveitando tudo o que oferecemos para o lançamento, minha equipe e eu somos abordados por pequenas produtoras brasileiras, que demonstram um interesse real de lançar o jogo no mercado. Prometemos analisar todas as propostas e dar um retorno o mais rápido possível. Estou abraçando Mel enquanto converso com a minha família e a dela ao mesmo tempo, além das suas amigas.

— Estamos tão orgulhosos — diz minha mãe.

— Obrigado por estarem aqui.

— E onde nós estaríamos, Theodoro? — Ela adverte, com o tom rígido em sua voz, como sempre.

Mel me olha e ri. Carolina a acompanha e Thomás segura uma risada. Nem ele é louco de desafiar a dona Margareth.

— Se vocês nos dão licença, Mel e eu vamos dar uma volta.

Ela arqueia uma sobrancelha, mas não me desmente. É claro que percebo o olhar das amigas dela na gente, mas ignoro. Caminhamos de mãos dadas pelo lugar em silêncio, observando mulheres e homens se divertindo com meu jogo.

— Estou tão orgulhosa de você, Theo — ela me olha, com os olhos brilhando.

— Obrigado, amor. — Dou um pequeno sorrisinho, aquele que só direciono a ela.

— Eu estou orgulhosa, mas não surpresa.

— Como assim?

— Eu sempre soube que você conseguiria.

— Muito obrigado, mas não temos nada certo ainda. Nem sabemos se vamos conseguir comercializar o jogo.

— Ah, *Theodoro*... — Ela me adverte. — Você pode admitir que as chances disso não acontecer são praticamente inexistentes. Até eu, que não sou especialista nisso, sei que foi um sucesso. Até as nossas mães sabem disso. Eu aposto que você vai sair daqui esta noite com a certeza de que cada minuto de todo o seu esforço valeu a pena.

— Obrigado. — Digo, simplesmente.

Em seguida, sou cumprimentado por pessoas conhecidas e também pelos meus amigos que vieram do Rio.

— Você arrasou, cara! — Garante Denis.

Assinto, feliz.

Vejo que os olhares dos meus amigos estão na mulher ao meu lado e então a apresento.

— Pessoal, essa é a Melissa, minha namorada.

Ela olha para mim e, em seguida, para os caras.

— Oi, prazer, pessoal. — Ela dá um tchauzinho.

— Prazer, Meliss.a — Eles respondem, quase juntos.

Vejo os olhos de Denis na gente e me pergunto o que deve estar pensando. Talvez algo relacionado à minha ex. Nunca conversamos sobre isso – o que não quer dizer que não repassei aquela noite repetidas vezes na minha cabeça: em como Denis derrubou a cerveja em mim, quando nem bêbado estava. Talvez soubesse o que estava acontecendo entre Aline e Gabriel e

quis que eu descobrisse.

Lembro que me perguntou dela quando deixei o bar, como se soubesse que algo estava errado entre a gente. A verdade é que, olhando agora, acho que sabia. Não sei se preciso dessa resposta, mas deveria agradecê-lo por me fazer abrir os olhos. Talvez, se ele não tivesse feito isso, eu não estaria hoje aqui, feliz e com o amor da minha vida. Ensaio um sorriso para ele, que se surpreende. Eu raramente sorrio, acho que ele entende o que quero dizer. Acho que nos entendemos pelos nossos olhares, como nos velhos tempos de faculdade.

Deixo meus amigos para trás e puxo Mel para longe, para que possamos ter um tempo a sós.

— Theodoro? — Ela me chama.

— Sim, amor?

— Acho que estou pronta para aquela promessa que você fez mais cedo.

— E qual seria? — Desafio-a.

— Você sabe muito bem...

Dou um sorrisinho de canto para ela e a arrasto para o fundo do salão.

— Onde você tá me levando? — Ela estreita os olhos.

— Estou te levando para cumprir a minha promessa.

— Ah, você se lembrou?

— Claro.

— E qual seria mesmo?

— Te comer contra a parede.

— Theodoro! — Ela adverte, horrorizada, o que me faz rir.

Encontro a pequena salinha nos fundos. Estaria mentindo se dissesse que não sei para onde estamos indo. Me certifiquei do lugar mais cedo. Acho que funcionava como um pequeno escritório, pois há uma mesa com cadeira no centro do lugar. O resto é só um amontoado de caixas velhas. Entramos na sala e acendo as luzes. Mel olha ao redor, analisando o local.

— Sei que você merece coisa melhor, amor. E o certo seria esperar chegar em casa, só que, definitivamente, não vou aguentar nem mais um minuto te olhar nesse vestido, gostosa pra caralho, sem ter meu pau dentro de você.

Mel está se segurando para não esboçar um sorriso.

— Então o que você pensou? — Pergunta.

Me aproximo lentamente e deslizo meus dedos por seu braço que se arrepiam instintivamente. Adoro como ela reage a mim. Uno nossos corpos e a beijo intensamente, um beijo cru e cheio de desejo. Ela geme na minha

boca enquanto seguro sua nuca. Nossas línguas dançam em um ritmo lento, o que só faz com que meu pau fique ainda mais duro na calça. Agarro sua coxa descoberta e a trago pra mim. Pego-a no colo e a levo até a mesa, posicionando-a de uma forma perfeita para que eu me encaixe entre suas pernas.

— Abre as pernas pra mim, amor.

Mel obedece, sem questionar, e estaria mentindo se dissesse que não amo a forma como ela se entrega para mim. Puxo sua calcinha para o lado e sinto a lubrificação nos meus dedos. Ela está molhada pra caralho. *Porra!*

— Sempre pronta pra mim...

Seus olhos estão nublados de desejo e me sinto o cara mais sortudo do mundo. Esfrego seu clitóris lentamente e ela arqueja para trás, apoiando suas mãos na mesa. Afasto o decote perfeito do vestido dela e abocanho o seio direito enquanto meus dedos deslizam nela. Ela começa a gemer mais alto e por um momento penso em como seria se todos ouvissem o que estou fazendo com ela. Como sei que é algo que ela não gostaria, abafo seus gemidos com a minha boca. Desço novamente para seu pescoço e por seus seios e logo estou no meio das pernas delas.

— Deliciosa — Digo, enquanto a penetro com a língua. Meus dedos estão dentro dela, enquanto Mel puxa meu cabelo.

— Theo... — Ela geme e não paro, pois vou levá-la ao limite. Puxo-a mais para mim, apertando suas coxas enquanto deslizo minha língua lentamente e, depois, com mais agilidade.

Sinto seu corpo tremer sobre o meu, enquanto suas mãos se mantêm trêmulas no meu ombro. Adoro sentir o gosto dela na minha boca e de ouvir meu nome saindo dos seus lábios. Mel ainda está se recuperando quando meus olhos encontram os dela. Dou um sorrisinho de lado.

— Amor, posso te comer nessa mesa? — Ela arqueia uma sobrancelha. — Por favor? — Imploro.

Aqui me parece muito melhor do que contra a parede. Na verdade, podemos muito bem testar ambos os lugares.

Mel apenas meneia a cabeça e viro-a rapidamente de costas pra mim. Subo seu vestido novamente, tendo a visão perfeita da sua bunda perfeita. Ela apoia as duas mãos na mesa, inclinando seu quadril. Não resisto e dou um tapinha nela, fazendo-a arquejar. É então que me afundo nela, arrancando mais gemidos nossos.

— Gostosa pra caralho — Sussurro enquanto acaricio sua bunda

macia. Me enterro o mais fundo que consigo e tenho certeza que poderia facilmente morrer assim. Quando os nossos corpos se derretem em pequenas ondas de prazer, murmuro o nome dela. Minha Mel, meu amor.

Depois de nos arrumarmos da melhor forma como conseguimos, deixamos a salinha. O rosto de Mel ainda tem um pequeno rubor, que aumenta quando nossos olhos cruzam com o de um garçom que nos pegou praticamente no flagra. Ele dá um sorrisinho sem graça e respondo com meneio de cabeça. Aperto os dedos de Mel entre os meus e nos guio de volta à multidão.



É final de noite e a maioria das pessoas já foram embora. Eric dá um tapinha no meu ombro e reforça o quão orgulhoso está de mim. Eu apenas agradeço por ele ter me ajudado tanto para que tudo desse certo.

Vejo os olhos de Nathalia irem direto para meu amigo e penso se ela está interessada nele. Amanda parece notar a mesma coisa, pois faz um barulho alto com a garganta.

— Vamos pedir um uber, Nati? — Ela pergunta.

— Posso dar uma carona para vocês. — Eric oferece.

— Muito obrigada, Eric. — Nathalia agradece e Amanda a olha, com desconfiança.

— Theo, avisa a Mel que já fomos, mas que vou ligar pra ela amanhã, tá bom? — Pede Amanda.

— Claro.

Os três então se despedem de mim e vão em direção à saída. Estou esperando Mel, que foi ao banheiro, quando sou abordado por um cara alto de terno. Deve ter uns cinquenta anos pelos cabelos grisalhos em meio aos fios escuros.

— Theodoro? — Ele me chama, em um tom afirmativo.

— Sim? — Respondo, meio incerto se foi uma pergunta ou não.

— Meu nome é Alberto Ferraz e sou representante da Sony. Muito prazer.

Minha cabeça dá um giro porque, definitivamente, não é possível que isso esteja mesmo acontecendo. Logo a criadora do meu console preferido: meu PlayStation.

— Prazer. Pode me chamar de Theo. — Aperto a mão dele firmemente, sem demonstrar meu nervosismo. — Em que posso ajudá-lo?

— Assisti à sua apresentação e fiquei impressionado. Admito que vim mais por curiosidade mesmo, porque um parceiro mencionou seu projeto, dizendo que não conseguiria vir e me ofereceu o convite dele.

Simplesmente o encaro, sem dizer nada. É um incentivo para que ele continue falando.

— Me desculpe a demora em chegar até você, mas estava preso jogando. — Ele dá de ombros.

Mantenho meu rosto sério, sem demonstrar o que estou sentindo no momento.

— Fico feliz que tenha gostado.

— Gostado não, Theo! Pela minha vasta experiência, esse jogo tem tudo para ser um sucesso. Por isso, gostaria de dizer que entrarei em contato com uma proposta oficial, assim que conversar com o meu time. Não consigo te dizer tudo agora, porque há muita burocracia envolvida, mas quero que nós sejamos responsáveis pelo lançamento do seu game no mercado.

— Isso é... fantástico! — Consigo dizer. — Muito obrigado. Aguardarei seu contato, Alberto.

— Até mais, meu rapaz. — Ele me dá um tapinha no meu ombro e me deixa ali, com a boca, literalmente, aberta. É exatamente assim que Mel me encontra.

— O que houve? — Ela pergunta, quando analisa minha expressão.

— A vida é linda, amor...

— E por que você está dizendo isso?

— Porque estou apaixonado pra caralho por você. — Ela dá um sorrisinho, mas não se convence muito.

— E? — Pergunta, enquanto estreita os olhos pra mim.

— Isso já seria motivo suficiente, Mel. Mas, quando acho que não posso ficar mais feliz, sou procurado por um cara da Sony, que demonstrou muito interesse no meu jogo.

— Sony? Do Playstation? — Ela pergunta, hesitante.

— Aham.

— Isso é...

— Fantástico! — Dizemos juntos.

— Quer dizer então que já podemos riscar o item 8 da nossa lista, Theodoro?

— Estamos bem perto disso, Melissa.

Então, ela se joga em meus braços e me beija. Posso sentir a sua alegria por mim. Parece bom demais para ser verdade.



37- Mel

Estou na padaria, perto de casa, que sempre costumo vir com Amanda. Dessa vez, é para Nathalia que estou olhando. Com uma calça jeans flare e uma camisa rosa clara, minha amiga passa um ar profissional a metros de distância. Talvez seja porque ela realmente esteja trabalhando e só estou roubando o seu horário de almoço.

— Obrigada por vir, Nati. Faz tempo que não saímos juntas, né?

Sim. — Ela dá uma risadinha. — Você sempre traz a Amanda — Ela me alfineta.

— Podemos sair juntas mais vezes, sem a Amanda. Se é isso que você quer. — Sugiro.

— Claro, seria ótimo. — Ela concorda, vitoriosa.

— Mas me conta! Você está bem? Vocês estão felizes? Pelo evento, acho que o jogo do Theo foi um sucesso!

— Estou muito feliz por ele, Nati. — Sorrio.

Ela me analisa mais um pouco, estreitando os olhos.

— E por que você não me parece tão animada quanto deveria?

É nessa hora que a garçonete trás nossos pedidos. Um almoço completo para Nathalia e apenas salada para mim. É claro que isso não passa despercebido pela minha amiga, que suspira profundamente quando olha em minha direção.

Mal mexo no prato enquanto ela continua me encarando, ainda sem a resposta à sua pergunta.

— Então, Mel? O que está acontecendo?

Volto minha atenção a ela, mas continuo muda.

— Você me chamou aqui porque queria me contar alguma coisa? —
Tenta, novamente.

Suspiro profundamente pela perspicácia dela e olho para as minhas unhas, já que não faço ideia de como falar isso. Mas então suspiro profundamente e deixo as palavras deixarem a minha boca.

— Eu fiz de novo, Nati. — Solto. Quando olho pra ela, a expressão em seu rosto me diz que ela sabe exatamente do que tô falando.

— Mel...

Nathalia e eu compartilhamos um segredo. Um que mais ninguém sabe. Nem mesmo Amanda, nem mesmo meu namorado e, muito menos, meus pais. Ela é a minha amiga mais antiga e estava aqui quando fui trocada por outra, quando me afundei por causa do meu ex. E ela é a única pessoa que sabe que eu *já tive* uma recaída com a bulimia antes. Lembro-me claramente quando eu vomitei no banheiro durante o evento em que presenciei Alexandre com sua nova namorada. Lembro-me como Nati cuidou de mim nos dias seguintes que eu continuei vomitando, e como ficou comigo até que eu superasse aquilo. Foi ela que guardou esse segredo por todo esse tempo.

— O Theo sabe?

— Sim, ele sabe que tive uma recaída.

— Certo... — Ela assente.

— Mas não faz ideia de que não é a primeira vez. Theo acredita que só aconteceu na época da escola.

Nati analisa meu rosto novamente.

— E por que você não contou a ele, Mel?

— Não sei. — Desvio o olhar.

— Por acaso, Theo faz alguma coisa com você que ative seus gatilhos?

— Ela pergunta de forma neutra.

— Não é culpa dele. — Garanto, firmemente.

— Tem certeza? Sabemos a origem da sua recaída no passado.

— Não, Nati. Ele não é como o Alexandre. Theo não faz absolutamente nada para me deixar insegura. Sou eu, *o problema é comigo*.

Nati se aproxima de mim e seus dedos tocam a minha mão, enquanto ela suspira.

— Quero que saiba que estou aqui pra você, Mel. Como eu estava no passado. Pode contar comigo para tudo que precisar. Você sabe que vai sair dessa, né?

Ela me encara. Quando meus olhos alcançam os dela, balanço a cabeça positivamente, ainda incerta.
— Você vai sair dessa, Mel. — Ela repete, confiante.



Depois de desabafar com Nathalia, volto para o apartamento de Theo como tínhamos combinado. Ele está no computador, encarando os rostos de toda a sua equipe. Theo olha de canto para mim e sorri, um sorriso tão grande, que quase não cabe em seu rosto, um sorriso cheio de covinhas. Estou tão orgulhosa, que meu coração parece bater fora de compasso. Meu garoto recebeu uma oferta milionária pela compra do jogo: treze milhões apenas para começar, fora o que vai receber quando o game estiver lançado no mercado e for um sucesso. Eu sei que vai!

Estava com ele quando recebeu a notícia: abrimos um vinho barato, dançamos de pijamas e terminamos na cama, enrolados um no outro, e com a nossa lista em mãos, riscando mais um item. A felicidade não cabia na nossa pequena bolha, transbordando para todos os lados. Estou tão feliz por ele e sorrio também, faço o máximo que posso para manter a expressão em meu rosto, não quero estragar esse momento.

Por isso, quebro a promessa que fiz a ele e também à Nathalia e não conto que vomitei hoje de manhã. Quando eu era adolescente, passava horas sem comer e depois comia como se nunca tivesse feito isso antes. A culpa me corroía e eu terminava com a cabeça enfiada em um vaso, chorando. Depois que “me curei”, comecei a adotar outra estratégia: dietas malucas, todas elas. Testei absolutamente tudo e passei mal quando fiquei longas horas sem comer, quando cortei todo o carboidrato ou quando resolvi comer só proteína. Depois disso, fui a uma nutricionista tentar equilibrar o jogo. Eu não poderia trabalhar se estivesse desmaiada. E, por um tempo, me alimentei relativamente bem, e então me senti à vontade o suficiente para comer mais, para me dar essa chance. Como consequência, engordei e fui trocada por

uma mulher com metade do meu corpo. Os velhos hábitos então voltaram com força porque acreditei que a única forma de alguém me amar de verdade seria se eu entrasse em um manequim 36. Apesar de tudo, isso nunca aconteceu.

Sei que as consequências do meu antigo relacionamento ainda refletem na pessoa que sou atualmente. Porque, apesar de Theo ser totalmente diferente do meu ex, não consigo afastar as minhas inseguranças. E sei que não importa o quanto ele se esforce, o quanto diga que eu sou suficiente pra ele, ainda há essa vozinha insistente na minha cabeça que diz que não.

Agora estou aqui, no lugar em que eu jurei aos meus pais não voltar mais. Minha vida toda tem sido assim, promessa quebrada atrás de promessa. Olhando para os olhos verdes que sou totalmente apaixonada, sinto um enjoo instantâneo, uma vontade de vomitar de novo porque não quero que ele me veja diferente – e não faço ideia de como não estragar tudo.

Gostaria que pudéssemos ficar na nossa bolha pra sempre, que eu fosse a mulher que sou quando estou com ele. Me sinto uma fraude completa e uma mentirosa – não que eu não fique feliz em sua presença, porque eu fico, é como se meus problemas fossem inexistentes. Ainda assim, é só vê-lo atravessar a porta, que as inseguranças tomam conta do meu corpo, invadindo meus sentidos e fazendo com que eu não queira deixar a minha cama.

Theo me olha novamente e sua expressão vacila. Não sou boa o suficiente para manter as aparências e ele me conhece bem demais para saber quando algo está errado. Meu namorado se despede da equipe e vem em minha direção, me envolvendo em seus braços.

— Qual o problema, amor? — Ele beija o topo da minha cabeça.

Me esforço mais do que o necessário para convencê-lo de que estou bem, de jeito nenhum vou ser a pessoa responsável por estragar o momento dele.

— Nada, amor. Um pouco cansada, talvez. Não dormi direito.

— Que tal se dormíssemos juntos, então? Podemos ficar de conchinha. — Ele sugere.

— Acho uma ótima ideia! — Tento sorrir.

Theo não parece muito convencido, mas me segue em direção ao quarto e se aninha comigo na cama. Seu corpo é quente, seguro. Ele me aperta tão forte, como se eu fosse escapar. E eu tento muito não fazer isso. Tento nas próximas horas, nos próximos dias e nas próximas duas semanas.



Finalmente consegui confessar à Daniela, minha psicóloga, que voltei a vomitar, com frequência. Digo a ela que preciso me esforçar para melhorar, pois não quero continuar assim, não quero continuar mentindo para as pessoas que amo, para Theo.

Faz mais de uma hora que saí da terapia e não consigo parar de chorar porque apesar de Daniela não ter pronunciado exatamente as palavras, foi exatamente a essa conclusão que chegamos: só vou superar o meu problema quando eu conseguir me enxergar, quando eu me colocar em primeiro lugar porque quero realmente ficar bem, e não pelo medo que tenho de magoar outras pessoas. Só vou ter um relacionamento completo e saudável quando eu conseguir lidar comigo mesma.

Minha psicóloga só precisou me fazer algumas perguntas para que eu mesma respondesse. Ela não falou por mim, *eu falei*.

“Eu amo o Theo, mas eu também preciso me amar.” Foi o que eu disse quando estava no consultório.

As palavras que eu mesma pronunciei ricocheteiam dentro da minha cabeça, como se fossem balas sem direção. O ar parece querer sair dos meus pulmões, que queimam dentro de mim. Olho para o espelho à minha frente e choro mais, porque definitivamente não sei como amar a mulher com olhos inchados que me encara. E isso dói, dói tanto.

Encaro o retrato com uma foto minha e do Theo, nós dois sorrindo um para o outro durante o evento das editoras. Me agarro a gente, me agarro à possibilidade de que eu vou sair dessa, que vamos completar a nossa lista como planejamos e que tudo vai dar certo.

Nos próximos dias, quando estou com ele, visto a minha máscara – aquela que tenho usado a vida toda. *Posso fazer isso*, digo a mim mesma. Talvez eu não seja uma atriz tão ruim assim.

Em certo momento, no entanto, desmorono. Theo está no meu apartamento, ao meu lado no sofá. Ele desliza seus dedos entre meu pescoço e ombro, enquanto encara a TV à nossa frente. Observo-o atentamente: suas sobrancelhas grossas, os cílios compridos, o maxilar relaxado e uma boca deliciosa. É praticamente impossível não se apaixonar por ele. Não fui uma das meninas que corria atrás dele na escola – não porque eu fosse imune à sua beleza ou aos seus encantos, mas nunca me permiti olhá-lo como faço agora, como se pudesse ser meu, para sempre.

Agora estou aqui, agarrada a ele, enquanto mexe no meu cabelo, me odiando ainda mais pelas palavras que estão prestes a deixar meus lábios.

— Theo...

— Oi? — Ele desvia o olhar da TV e me encara.

— Eu te amo. — Digo.

Ele sorri e pequenas ruguinhas se formam ao redor dos olhos verdes, além das covinhas idiotas que eu adoro.

— Eu te amo mais, amor. Sempre te amei.

O jeito como me olha é tão intenso, tão verdadeiro, que não sei o que fiz de tão bom para merecê-lo. Parece um sonho do qual não quero acordar nunca. Mas sei que tenho que abrir os olhos e, encarando-o, também sei o que fazer. Ele merece mais e eu sei, de certa forma, que eu também mereço.

Estou olhando para ele, então seu rosto assume uma expressão séria, assim como o meu.

— Theo?

— Sim? Aconteceu alguma coisa? Você parece tensa.

— Sim. — Desvio o olhar. Quando o encaro novamente, ele espera que eu fale. Sinto seu corpo enrijecer ao meu lado. Então, tomo coragem para a decisão mais difícil ou talvez mais estúpida que tomei na vida.

— Sabe, quando o Alexandre terminou comigo, realmente achei que não passaria do dia seguinte. Me arrastei pelos dias, meses e depois anos. Achei que nunca fosse sentir por outra pessoa algo parecido...

— Amor...

— Eu preciso terminar, Theo. Por favor.

Ele assente com a cabeça.

— Enquanto estávamos juntos, me senti mais confiante e até mesmo mais bonita. Achei que finalmente tinha deixado a Melissa da infância para trás e que ela nunca voltaria para me assombrar. Porém, bastou que terminasse comigo para que eu desmoronasse, para que deixasse aquela autoconfiança ir

embora. Passei a me odiar ainda mais do que antes e isso quase me destruiu.
— Eu nunca vou fazer o que ele fez, Mel. Nunca! — Ele garante enquanto roça o nariz no meu pescoço.

Tenho que respirar fundo para conseguir dizer as palavras a seguir.

— Eu sei. — Garanto. — Mas tem algo sobre essa época que não te contei.

— O que, amor?

Suspiro profundamente, tomando coragem de finalmente dizer a verdade.

— Eu tive uma recaída nessa época, Theo... Não é a primeira vez que acontece.

Seu olhar está no meu rosto, sem focar exatamente em um ponto específico. Seus lábios estão entreabertos e, sinceramente, não sei se é de surpresa ou de decepção.

— Sinto muito, Mel.

— Pelo que?

— Por não estar aqui. — É o que ele diz, segurando meu rosto. E de tudo que imaginei, a resposta que ele me dá é a única que eu não estava esperando.

— Você não tem que se desculpar. Não é culpa sua.

— E nem sua.

— Estou tentando aceitar isso. — Digo. Seus dedos estão na minha bochecha, acariciando-a sutilmente. Então, olhos castanhos encaram olhos verdes.

— Nunca vou te deixar insegura a ponto que você queria fazer isso com você, amor. Não sou ele.

Suspiro profundamente antes de encontrar palavras para respondê-lo.

— Eu sei que não é, Theo. Nunca achei que fosse. E quero que saiba que o problema não é você.

— Não estou entendendo, amor.

É difícil concluir qualquer raciocínio quando ele me chama assim. Levo alguns segundos para finalmente abrir a boca novamente.

— O que quero dizer é que estou repetindo o mesmo que fiz com Alexandre. Me afundando em inseguranças e medo. E não deveria ser assim, porque é *você*.

— Você se sente insegura comigo? — Ele franze as sobrancelhas.

— Esse é o ponto. Não tem nada a ver com você, Theo. E pode parecer o maior dos clichês, mas tem a ver *comigo*. Você é maravilhoso e, mesmo assim, estou repetindo um padrão do passado, porque a verdade é que,

apesar de todos os tratamentos que passei, nenhum me fez olhar para mim mesma com carinho. Anos atrás, eu busquei força para melhorar pelos meus pais, pois sei que não merecem isso, e agora eu estava tentando melhorar por você, porque também sei que não merece. O meu erro está justamente aí. Nunca foi por *mim*. Mas, agora, *eu quero que seja*.

— Mel...

— É só você cruzar por aquela porta que eu desmorono, toda vez. Eu te amo! Mas às vezes quero ficar vinte e quatro horas ao seu lado porque sei que, quando não fizer isso, vou voltar a vomitar — Confesso. Ele arregala os olhos para mim.

— Você voltou a vomitar, amor?

Não sou capaz de confirmar, mas, obviamente, ele tem sua resposta.

— E por que não me disse? — Pergunta, simplesmente. Ele não fica bravo ou decepcionado comigo, e consigo me odiar ainda mais. Seria mais fácil se gritasse.

— Eu tive vergonha... por falhar... de novo.

— Amor... — ele me abraça e inspiro seu cheiro tão familiar. Quando deixei o interior, estava em busca de um novo lugar, uma nova casa. E achei que São Paulo seria isso pra mim. Com ele me abraçando assim, sei que não é o lugar que me faz sentir bem, é a pessoa que está nele. Theo é meu lar e sei que sempre será.

— Você não está falhando, amor.

Choramingo em seu ombro e, por um momento, quero esquecer tudo o que estava disposta a dizer, mas então lembro das minhas próprias palavras.

“Eu amo o Theo, mas eu também preciso me amar.”

— V-Você fica triste quando não estou, Mel?

Assinto, balançando a cabeça e choro mais por me sentir tão ridícula, por ser tão patética.

— Ah, meu amor, eu quero que você se olhe no espelho e se ame como eu te amo. Você é tão maravilhosa!

— Não é como me sinto — choramingo. — Nem de longe.

— E como eu posso te ajudar?

Respiro fundo, minha voz fica trêmula e tenho certeza de que vou me arrepender assim que as palavras saírem da minha boca.

— Me deixando descobrir que sou capaz de fazer isso, Theo. *Sozinha*.

É aí que sua expressão desmorona. Seus olhos percorrem meu rosto todo e me seguro muito para não retirar as palavras que disse.

Eu quero ficar com ele, com todo meu coração. Mas preciso me consertar para isso. Se eu tivesse consciência disso antes, não teria dito sim ao nosso namoro, pois não estava pronta para estar em um relacionamento. Ainda não estou. E Theo merece alguém que esteja. Do fundo do coração, espero que, no futuro, essa pessoa seja eu.

A terapia tem me ajudado bastante e agora sei o que desenvolvi com meu ex: dependência. Não quero que o mesmo se repita com Theo. Tenho certeza sobre meus sentimentos em relação a ele, só que dessa vez preciso ser a heroína da minha própria história. Preciso fazer isso por mim e, se não nos separarmos agora, nunca vou saber se me vejo pelos olhos dele ou pelos meus.

Talvez, se eu tivesse olhado com mais carinho para a Melissa de dezessete anos, eu poderia ter enxergado o que Theo sentia por mim. Mas como, se *eu não me enxergava*?

— Você está terminando comigo, Mel? — A voz dele se corta antes de terminar a frase. A minha nem sai. Estou muito ocupada chorando.

Coloco a cabeça em seu ombro e deixo que nossos cheiros se misturem. Eu não quero deixá-lo e sei que é a atitude mais difícil que já tomei na vida.

— Nós podemos fazer isso juntos. Eu vou te apoiar em tudo o que você quiser. Absolutamente, tudo. Por favor, não me tira da sua vida. — Implora. Não consigo responder porque a agonia em suas palavras corta meu coração. Ele é a última pessoa do mundo a quem eu queria magoar. Saio do seu abraço e o encaro. Sua bochecha está molhada, ele também está chorando.

— Eu te amo tanto. — Reforço.

— Então não me deixa, Mel. Não quero ficar sem você. Não sei mais como fazer isso.

Balanço a cabeça negativamente, em agonia. É difícil pronunciar qualquer frase a seguir sem dar algumas pausas. Mesmo assim, sigo em frente.

— Eu sei que isso vai soar egoísta pra caramba, mas quero tanto que você me espere. Sei que não estou em posição de pedir isso, mas quero que me espere, Theo. É o que eu mais quero nesse mundo. Se me der essa chance, vou bater na sua porta quando eu estiver pronta, quando eu for merecedora do seu amor.

— Amor, você sempre foi... Você não precisa fazer absolutamente nada, ok? Eu te amo exatamente assim. Meu Deus, eu te amo pra caralho, Mel! — Ele diz, enquanto segura meu rosto.

— Mas *eu* não me amo. — Respondo, firmemente.

Ele suspira profundamente e me olha, como se tivesse perdido a batalha. Ele sabe que não pode fazer isso por mim.

— Se é de tempo que você precisa, amor, eu vou te dar. — Ele diz enquanto limpa a minha bochecha. — Isso tá acabando comigo, mas sei que não é sobre mim. Entendo o que você tá falando, apesar de doer pra cacete, Melissa! — Ele me chama enquanto acaricia meu rosto. — Eu não vou desistir de você, tá ouvindo? Não vou sumir da sua vida ou fugir, como o covarde que fui no passado. Eu vou lutar por você, pela gente. Vamos ficar juntos, tá bom?

Colo minha testa na dele, choramingando mais um pouco.

— Não sei quanto tempo isso vai levar. Não quero que você fique infeliz por mim. Eu não vou te odiar se encontrar outra pessoa. — Enquanto tento ser compreensiva e dar a ele a garantia de que precisa, sinto que estou enfiando uma faca no meu próprio peito.

— Xiuuuuuu. — Ele coloca os dedos sobre meus lábios. Eu não quero mais ninguém, Mel. Só quero você, pra sempre.

Nos beijamos como se fosse a última vez, nos amamos como se fosse a última vez e, quando ele deixa o apartamento, desejo com todo meu coração que não tenha sido a última.



38- Mel

Faz um mês que não vejo Theodoro. Faz um mês que as lágrimas se tornaram minhas companheiras fiéis. Acordo de manhã, e lá estão elas. Acho incrível que Dona Carolina não tenha tocado no assunto nenhuma vez, já que duvido muito que ela não tenha escutado, mesmo quando tentei abafar meus sons.

Minha mãe veio me visitar há exatamente quinze dias e está comigo desde então. Confesso que tem sido mais fácil com sua presença, já que me distraio com suas histórias sem fim e amo o sabor da comida dela, apesar de ainda não comer como uma pessoa normal. Além disso, parei de mentir e contei aos meus pais a verdade sobre as minhas recaídas. É claro que ficaram tristes, mas, em nenhum momento, decepcionados.

Sei o quão sortuda sou por tê-los e por me apoiarem, por reforçarem o tempo todo que estão orgulhosos de mim, e que sempre estarão ao meu lado quando eu precisar, mesmo que eu não seja mais a garotinha deles. No fundo, sei que sempre vão me enxergar assim, apesar de negarem.

Então, minha rotina tem sido constante nos últimos dias: acordo, choro, tomo café com a minha mãe, às vezes saio para correr, Nathalia e Amanda me arrancam do sofá com uma frequência alarmante, e faço terapia duas vezes por semana.

Algo que não tem feito parte da minha rotina nos últimos dez dias, no entanto, são as crises de vômito. E quase consigo sorrir por isso. *Quase*. De acordo com Daniela, minha psicóloga, eu tenho evoluído muito nas últimas sessões e me aberto mais. Da última vez que a vi, ela até sugeriu que eu

participasse de um grupo de apoio e me garantiu que ficaria feliz se eu aparecesse.

É tudo sigiloso e blá, blá, blá, mas não sei se me sinto à vontade para falar sobre a minha doença abertamente. Porém, acho que estamos todos no mesmo barco e talvez não seja uma má ideia. Por isso, aceitei o convite hoje. Entro no banheiro para uma ducha rápida e quando saio, minha mãe está de braços abertos esperando por mim. Deve ter ouvido meu choro durante o banho. Ela me abraça apertado e consigo sentir o cheiro suave do seu cabelo, além dos seus dedos roçando nas minhas costas.

— Vai ficar tudo bem, meu amor. Você sabe disso. No fundo do seu coração, você sabe.

Fungo sem querer em seu ombro e me forço a secar as lágrimas das minhas bochechas.

— Um dia de cada vez, né mãe? — Pergunto, repetindo o seu mantra.

— Um dia de cada vez. — Ela confirma.

Saio do seu abraço e me enfio no quarto para me vestir rapidamente. Minutos mais tarde, estou me despedindo para mais uma sessão.

— Mãe, vou voltar correndo do consultório até aqui, tá bom? — Digo, quando ela observa as minhas roupas de academia.

— Claro, meu amor. Só toma cuidado!

— Tudo bem. — Assinto, enquanto beijo sua bochecha.

Cerca de quarenta minutos mais tarde, cruzo a porta do consultório. Dessa vez, sou direcionada por Daniela a uma sala bem maior do que aquela que costuma me atender. Ao chegar lá, encontro mais duas mulheres e um rapaz, sentados organizadamente em uma espécie de roda. Eles olham rapidamente para mim e logo desviam o olhar para um canto qualquer no lugar. A mulher com longos cabelos loiros deve ter cerca de uns trinta anos, enquanto a de cabelos curtos e crespos não mais do que vinte. O rapaz é o que aparenta ser mais novo. Eu chutaria dezoito, no máximo.

Não encaro ninguém por muito tempo e me direciono à cadeira vazia deixada pra mim.

Daniela é a primeira a cortar o silêncio.

— Como conversado com vocês, esse grupo é sigiloso e nada do que digam deve sair desta sala. Por isso, quero que se sintam à vontade para contar o que quiserem, suas experiências, medos e pensamentos que não costumam compartilhar com ninguém. Não há julgamento aqui, e temos um objetivo em comum: trabalhar para que todos possam superar as suas dificuldades.

Pelo que eu sei, esse grupo já rola há algum tempo, então eu sou a novata. Espero do fundo do coração que minha psicóloga não peça para que eu fale primeiro. Aperto meus dedos contra a cadeira, nervosa.

— Alguém gostaria de contar alguma coisa hoje? — Pergunta Daniela e sinto um alívio instantâneo por ela não colocar a atenção em mim. Há um momento de silêncio capaz de fazer com que eu escute a respiração dos meus colegas, mas ela não apressa nada e espera. O único homem da sala levanta a mão.

— Claro, Rodrigo. Fique à vontade para nos contar qualquer coisa.

Encaro o rapaz e percebo que é a primeira vez que consigo ver seus olhos: castanhos escuros. Sua pele é clara, seu cabelo é impecável sem um fio fora do lugar, mas seu corpo parece frágil.

— Oi, eu sou o Rodrigo. Tenho dezenove anos — Ele se apresenta. — e faz uma semana que estou fazendo todas as minhas refeições. — Diz. Em seguida, seus lábios se curvam um pouco para cima, em um quase sorriso.

Ele não relata o tipo de transtorno que tem, mas eu arrisco que Rodrigo costumava passar longas horas sem comer ou, talvez, dias. Só o pensamento, me faz estremecer. Consigo ver o quanto esse comportamento o fez mal, mas agora ele está aqui, dando a volta por cima.

— Muito bem, Rodrigo. Estamos muito orgulhosas de você. Imagino que a comida da sua mãe seja uma delícia.

Ele balança a cabeça concordando.

— Eu não me lembrava disso, mas é mesmo. — Rodrigo curva os lábios novamente para cima.

— Obrigada por compartilhar conosco. — Agradece Daniela e as duas mulheres ao meu lado repetem a fala dela. Faço o mesmo por instinto.

— Mais alguém gostaria de falar?

É a vez da moça mais jovem erguer a mão.

— Claro, querida.

— Oi, meu nome é Ângela e... — Ela olha para baixo e sua voz fica mais baixa. Daniela não a apressa, então a garota suspira e prossegue. — acho que estou pronta para contar o que aconteceu comigo.

Meu olhar vai nela rapidamente, atraindo toda minha curiosidade.

Ângela, que agora eu sei que tem vinte e três anos, conta que sua família e ela passaram fome. Há apenas dois anos, quando isso mudou e eles tiveram mais comida à mesa, ela ficou com muito medo de que a nova realidade não fosse durar por muito tempo e começou a comer tudo o que tinha vontade.

Meses mais tarde, ela estava comendo três vezes mais do que o necessário. Lágrimas insistentes pressionam meus olhos, mas não quero chorar. Tento disfarçar e passo a mão no rosto para afastá-las.

— Faz dois meses que estou me alimentando direito. — Ela diz, por fim, nos encarando dessa vez.

— Parabéns, Ângela! Obrigada por compartilhar conosco. — Agradece Daniela. Em seguida, repetimos suas palavras.

Minha psicóloga pergunta novamente se alguém mais quer contar sua experiência e só há duas pessoas que não falaram ainda: a moça loira e eu. Ela olha pra mim e desvio o olhar. Por um tempo, ficamos quietas. Quando percebo que Daniela está prestes a encerrar a sessão, levanto a mão. Vejo um sorriso quase imperceptível se formar em seu rosto.

— Fique à vontade, Mel...

— Oi, eu sou a Mel... Ou melhor, Melissa. Mas todo mundo me chama de Mel. — Me apresento, sem jeito. — Tenho vinte e cinco anos e faz dez dias que não vomito mais. — Não olho para ninguém em específico, mas tento esboçar um sorriso ou algo semelhante a isso.

Levo um pouco de tempo para continuar e, quando eles acham que já terminei, pelo grande momento que permaneço em silêncio, meus lábios se movem novamente.

— Eu sempre tive pais maravilhosos. Às vezes, escuto algumas pessoas reclamarem dos pais delas, mas eu não tenho nada a dizer sobre os meus. Pelo menos, nada de ruim. Então, posso garantir que com a nossa relação próxima, eles me conheciam bem, muito bem, na verdade. Estou falando isso para que vocês entendam os fatos a seguir.

Suspiro lentamente antes de continuar.

— A minha primeira crise de bulimia aconteceu aos dezessete — Digo o nome da minha doença em alto e bom som —, mas meus problemas começaram bem antes disso. Meus pais se mudaram da cidade-natal deles antes do meu nascimento. Quando criança, não tive muitas lembranças de lá porque só visitávamos o local uma vez ao ano. Mas há algo que eu me lembro sobre a minha infância e sobre a cidade em que nasci: as constantes mudanças de escola. Nunca tive facilidade para fazer amigos, e as poucas pessoas que se aproximavam de mim faziam eu preferir ficar só. Sempre havia algo errado comigo: meu cabelo, meus óculos, minha altura, meu cheiro, meu desempenho escolar, a cor da minha pele. Qualquer motivo, por menor que fosse, se tornava um chamariz enorme para que dissessem coisas

horríveis pra mim.

Desvio o olhar dos meus colegas e me concentro em um ponto qualquer da sala para que eu consiga prosseguir.

— No começo, eu contei para meus pais, apesar de não entender direito o que estava acontecendo. Eu só não gostava como os meninos puxavam meu cabelo na aula, como me batiam ou inventavam apelidos que me deixavam triste. Depois disso, eu fui para outra escola. Acho que minha família acreditava que o problema seria resolvido, mas não foi. Então, eu deixei de falar para eles o que acontecia. Mesmo assim, eles sempre descobriam. Uma vez, enquanto sofria bullying de colegas, um deles filmou e o vídeo viralizou. Não consigo esquecer o horror no rosto da minha mãe. Depois desse episódio, meus pais decidiram voltar à cidade-natal deles. Eles me colocaram em um novo colégio e, pela primeira vez, eu encontrei um amigo. Sinto meu coração se acelerar no peito e preciso parar por alguns instantes.

— Apesar de ainda ouvir coisas desagradáveis de algumas pessoas, era melhor do que tudo o que eu tinha vivido até então. Quando eu estava me adequando à nova realidade, o meu corpo mudou. Comecei a ganhar mais peso e, nessa época, voltei a ouvir cochichos sobre mim. Não queria retornar para o que tinha acontecido comigo antes, então, eu tentei mudar. Tentei me encaixar em um corpo que achavam aceitável, em um corpo em que eu não sofreria ofensas. De alguma forma, meus pais descobriram o que eu estava fazendo e passei por um longo tratamento para me curar.

Percebo que lágrimas rolam pelo meu rosto - algo que não me impede de prosseguir, no entanto. Sei que todos estão prestando atenção em mim.

— Quando me mudei para cá já adulta, achei que tinha deixado a velha Mel para trás, mas eu estava enganada. Eu não sofria mais bullying, mas as inseguranças dessa época ficaram comigo, ainda acreditava no que disseram pra mim. Eu sei que me maltratei, mas faz dez dias que não faço mais isso comigo. Estou trabalhando muito para que eu me olhe no espelho e esteja de bem com meu reflexo. Para que, finalmente, eu possa me dar um pouco de amor.

É nesse momento que penso em incluir esse desejo na minha lista com Theo: *Me dar todo o amor que mereço*

Não sei por quanto tempo fico em silêncio, mas a próxima coisa que vejo é um sorriso tímido no rosto de Daniela.

— Parabéns, Mel. Nós estamos muito orgulhosos de você. Obrigada por compartilhar conosco.

Meus colegas repetem as palavras dela e encaro cada rosto naquela sala. Pela primeira vez em um mês, estou sorrindo de verdade.

Como avisei à minha mãe, volto para casa correndo, literalmente. Coloco a Playlist da One Direction e deixo que meus passos me guiem. Quando estou no apartamento, percebo que ele está todo organizado e Dona Carolina está dormindo no sofá. Tento não fazer muito barulho e me enfio no banheiro para uma nova ducha.

Quando saio, reparo que minha mãe deixou até meus livros impecáveis. Sei que não sou a rainha da organização, mas uma coisa que eu sempre me orgulhei é de manter meus livros limpos e distribuídos uniformemente pela estante da sala. Admito que nem isso fiz no último mês, mas não me cobro pelo deslize. *Um dia de cada vez.*

Como o sono de Dona Carolina parece pesado e não estou com vontade de cozinhar, corro até a padaria para buscar nosso jantar. Ela só acorda uma hora mais tarde, enquanto estou sentada à mesa com a cara no meu notebook.

— Oi, querida! — Ela me cumprimenta enquanto se levanta. — Faz tempo que você chegou? Era só para eu tirar um cochilo e dormi demais.

— Faz um tempinho, mãe.

Ela olha para o relógio e me encara horrorizada por já serem oito da noite.

— Nem comecei a fazer o jantar... — ela diz.

— Não se preocupe. Sei que precisava descansar, já que andou aprontando aqui, né?

— Estava entediada, meu amor. — Ela se defende.

— Claro. — Não me convenço. — Você está com fome?

— Um pouco. — Admite

— Trouxe lasanha da padaria.

— Ah, Mel! Obrigada! Você sabe que é minha comida preferida.

— Não só a sua. — digo baixinho.

Minha mãe sabe a quem estou me referindo: *Theo*.

— Por que você não liga pra ele, meu amor?

Desvio o olhar, pensando sinceramente nisso. Então, volto à tela do notebook sem uma resposta.

— O que você está fazendo no computador? — Minha mãe muda rapidamente de assunto e dessa vez não tenho problema em responder.

— A psicóloga disse que seria bom se eu retomasse a escrita.

Minha mãe sorri.

— E aí, como estão as coisas? — Questiona, com cautela, tentando não demonstrar tanta animação assim.

— Ruins. — Dou de ombros. — Acho que não sei mais escrever.

— Querida, não é o que os seus leitores dizem.

— Como você sabe, Dona Carolina? — Encaro-a, curiosa.

— Porque eu acompanho as suas redes sociais. Sei que eles te adoram e você também sabe disso, já que seu número de seguidores só cresce.

Encaro-a concentrada e é impossível não esboçar um sorriso para ela.

— Você vai comer lasanha também, gatinha? — Pergunta.

Penso sobre as calorias da lasanha, penso em como passei anos praticamente evitando esse tipo de alimento e penso também nas pessoas do grupo de apoio que conheci mais cedo.

— Por que não?! — É o que respondo.



Minha mãe voltou para casa porque suas férias do trabalho estavam acabando. O tempo que ela pegou não duraria para sempre e claro que também não queria que Dona Carolina gastasse tudo comigo. Forcei-a a dedicar alguns dias ao meu pai também, já que ele merece. Ela foi relutante com a coisa toda, mas no final aceitou. Agora estou aqui, sozinha com meus pensamentos e com minha cabeça. Ela, inclusive, está me dizendo que faz quarenta e cinco dias, dez horas e vinte e cinco minutos que não o vejo, que o deixei.

Eu não deveria estar pensando sobre isso ou chorando pelo leite derramado, já que fui eu que quis assim. Deveria estar feliz por ele me dar o espaço que preciso, mas, a cada minuto que passa, sinto mais a falta dele. Guardei nossos porta-retratos e as fotos do celular e, mesmo assim, ainda não consigo tirar o rosto de Theo da minha cabeça: os olhos brilhantes, as covinhas idiotas e o sorriso que só direcionava a mim.

Prometi que eu apareceria em sua porta quando estivesse pronta – agora, já

não sei se vai me esperar até lá. E não poderia culpá-lo caso não. Tento focar nos exercícios que a psicóloga passou, na nova rotina e na minha melhora. Faz vinte e cinco dias que não vomito, quinze dias que não acordo chorando e sete dias que nem sequer pensei em vomitar.

Comecei a escrever um novo livro e voltei a focar na divulgação daqueles que já publiquei. Basicamente, meus dias estão muito bem separados em: escrever, ler, ir à psicóloga, falar com meus leitores, correr, assistir filmes sozinha e, de vez em quando, com Amanda e Nathalia. Ainda sigo o acompanhamento com a nutricionista e tenho retorno médico daqui quinze dias. A minha relação com a comida ainda não é a melhor possível, apesar de que, pelo menos agora, não estou passando fome ou comendo demais - acho que estou encontrando um equilíbrio, o que me ajuda a não querer vomitar.

Definitivamente, parei de seguir pessoas com corpos que jamais vou alcançar e comecei a seguir influenciadoras com corpos parecidos com o meu, uma vida mais real, com uma alimentação real. Elas postam receitas saudáveis e gostosas, além de me colocar super para cima mostrando que um corpo mid também é bonito. Acho que nunca consegui dizer isso, mas lá vai: Eu tenho um corpo midsize, que significa que não sou magra, e também não entro na grade dos modelos plus size.

Sei que o debate sobre formatos de corpos têm aumentado bastante e a inclusão de pessoas acima do peso, também. Mesmo assim, ainda acho que não há um grande espaço para falar de nós: as garotas midsize. Sempre me deparo com apenas dois grupos: magras ou gordas. É como se pessoas como eu estivessem perdidas ali, no limbo.

Também seria hipócrita dizer que há uma aceitação grande do meu tipo de corpo. Na maioria das vezes, mulheres como eu tentam ser magras - e aí está o problema. Talvez eu não tenha estrutura para isso, talvez meu corpo não queira isso. Sei que, para muita gente, corpos magros sempre serão considerados mais bonitos, só que agora consigo começar a enxergar que há espaço para mim - começo a pensar que talvez eu me encaixe em algum lugar e que está tudo bem ser como sou.

É engraçado estar em frente ao espelho, olhando para o mesmo corpo que me acompanhou basicamente a vida toda e não fazer uma careta para ele. É muito bom pensar que as vozes que me fizeram mal no passado estão começando a ficar mais fracas na minha cabeça.



39- Mel

Item 3: Ir no show da One Direction - Mel

Estou terminando de escovar os dentes quando escuto a campainha sendo tocada freneticamente. Só consigo imaginar que um dos visitantes esquisitos do meu vizinho errou de porta novamente, visto que o porteiro não me avisou sobre ninguém.

— Já vou, já vou! — Grito, sem paciência. Não consegui nem pentear meu cabelo, então apenas o prendo em um coque frouxo. Vou despachar, quem quer que seja, em segundos.

Giro a chave na porta xingando até quinta geração da pessoa que está me incomodando.

— O que foi? — Pergunto, irritada. — Você errou de por...

— Oi, amor.

Meus olhos ficam do tamanho da minha cabeça. Theo está parado na minha frente, incrivelmente lindo. Parece que saiu da passarela e veio parar diretamente aqui, com seu look todo preto. Já disse o quão irresistível ele está assim? Devo estar sonhando para que isso esteja acontecendo na minha frente.

— T-Theo? — Consigo finalmente pronunciar, de forma vergonhosa. Me repreendo por não ter, pelo menos, penteado o cabelo. *Meu Deus!*

Ele inclina a cabeça encostando no batente da porta, enquanto apoia a mão no outro extremo, com um sorriso com covinhas direcionado a mim - exatamente como eu descreveria um personagem do meu livro: irritantemente sexy, lindo, gostoso e maravilhoso.

— Posso entrar? — Ele pergunta, me tirando do transe.

— Cla-Claro. — Respondo, humilhantemente.

Olho para o pijama que estou usando (de ursinhos) e definitivamente tenho vontade de sair correndo. Por que ele não avisou que viria? Eu teria atendido, certo? Pera, *por que ele veio?*

Faz sessenta e cinco dias que não o via. Sim, continuo contando, e agora sinto que não consigo ficar no mesmo ambiente que ele sem que todo o ar dos meus pulmões seja tomado e sem que meu coração rasgue meu peito para poder bater com mais intensidade.

Theo olha ao redor e se volta para mim, com o mesmo sorrisinho no rosto. É como se não tivéssemos ficado separados. Ainda estou muito impressionada com seu look - não que ele não entendesse de moda antes. Só que agora parece mais... rico. Ah! É porque ele *é rico*. Milionário agora. Quando terminamos, Theo tinha fechado o acordo para a compra do game e acho que agora esse dinheiro já deve estar em suas mãos - e no corpo dele, posso dizer de longe.

— Então... — Dizemos juntos.

— Pode falar... — Começo.

— Senti sua falta, amor... — Diz, suavemente. A vontade que tenho é de me jogar nos braços dele e não sair nunca mais. Por isso, me mantenho imóvel, porque, se eu me aproximar, sei muito bem o que vai acontecer.

— Eu também! — Admito enquanto nos encaramos. O peito de Theo sobe e desce rapidamente, assim como o meu. É como se estivesse controlando cada movimento, para que nada saia fora do planejado, para que não aja por impulso. Apesar de admitirmos que estamos com saudades um do outro, não nos mexemos. Os olhos verdes continuam em mim, me analisando com calma. Será que veio me colocar contra a parede? Para que eu decida, de uma vez por todas, o que quero da vida? Talvez tenha se cansado dessa espera e tenha vindo me falar sobre isso. Ou pior: talvez já tenha encontrado alguém, uma pessoa bem menos complicada do que eu. Murcho no mesmo instante, e Theo parece perceber quando, enfim, volta a falar.

— Item 3 — Ele diz. — Vim aqui para que cumpríssemos o item 3 da nossa lista ou *parte dele*. — Theo coloca as mãos nos bolsos, voltando seu olhar ao meu.

— Como? — Pergunto, desorientada.

— Sei que... — Ele dá uma pausa — não estamos juntos — completa, e faço uma careta mesmo sem querer — mas prometemos cumprir a lista *juntos*. E hoje vim te buscar para cumprirmos o item 3.

Minha cabeça dá um giro, fico tonta, de verdade. Desde que Theo voltou à minha vida e ressuscitamos a lista, muita coisa mudou. Conseguimos riscar várias coisas, mas achei que o item 3 era algo esquecido, já que é impossível de realizar, uma vez que dizia: *Ir no Show da One Direction*. Pelo que eu saiba, não dá para ir no show de uma banda que não existe mais!

— Como isso é possível? Eles voltaram e não estou sabendo? — Continuo, confusa.

Theo então dá um sorrisinho que atinge meu peito e outras partes também, obviamente.

— Infelizmente não, amor. Eles não voltaram.

Senti tanta falta dele me chamando de “amor”. Ainda não sei como não me joguei em seus braços. De verdade.

— Então, como faríamos para cumprir o item 3? — Arqueio uma sobrancelha.

— Vou começar te levando ao show do Harry Styles, o que acha? — Pergunta, empolgado. — Talvez não consigamos vê-los todos juntos, mas você ainda vai vê-los.

— Pera, mas não tem show do Harry Styles aqui, Theo. Não estou sabendo de nada e acho que saberia se ele viesse.

— Aham. — Concorde — mas quem disse que vou te levar a um show *aqui*?

— Como assim?

— Nós vamos assistir ao show dele em Londres, amor.

Travo momentaneamente, encarando-o de boca aberta. Esqueço por alguns segundos que o cara à minha frente agora é milionário e poderia muito bem se dar ao luxo de uma aventura assim. Ainda assim, é muito fora da *minha* realidade.

— Eu... Eu...

— É só dizer sim, babe. — Ele sorri. Depois, continua, aproximando-se de mim e colocando minha mão entre as suas. Sinto um arrepio percorrer

todo meu corpo.

— Não estou fingindo que voltamos a namorar, amor. Eu sei que você ainda não está pronta pra isso. Mas prometemos cumprir a lista juntos, certo? E podemos fazer isso, *como amigos*.

Definitivamente, não sei se consigo ser apenas amiga dele, não quando estou quase hiperventilando com um simples toque. Só que Theo tem razão sobre algo: prometemos que cumpriríamos a lista juntos, e ele está me convidando para viajar para outro país, para assistir ao show de um cara que eu amo. Posso ser idiota às vezes, mas negar esse convite seria burrice demais.

— E então?

— Quando vamos? — Pergunto.

— Hum... Hoje. Precisamos chegar no aeroporto em duas horas.

— O quê? Theo, isso é impossível! Não me preparei, nem roupas pra isso eu tenho.

— Amor... Posso resolver isso facilmente — ele diz, e vejo as covinhas idiotas — Você não precisa se preocupar com nada. É só me dizer o que quer e será seu.

Simplesmente, não tenho resposta para isso.

— Hã... Acho que vou me trocar então. — Digo, por fim, me afundando no quarto, com o coração na garganta.



Depois de dez horas de voo, muito vinho, champanhe, uma poltrona mais confortável do que a minha cama, olhos verdes e covinhas, desembarcamos em Londres. É outono aqui e o clima está agradável. Definitivamente frio para brasileiros, mas suportável. Theo despacha as malas para o hotel, e ficamos apenas com nossas bolsas de mão carregadas com nossas roupas para o show. Não faço ideia do que tem aqui, já que foi ele quem

providenciou tudo. Como o tempo é curto, só vou descobrir quando chegarmos à Arena, onde conseguirei me trocar.

Só escolhi algumas peças de roupas no aeroporto, para que não chegasse pelada aqui. Apesar de terem sido apenas algumas coisinhas, quase caí de costas com o preço de tudo. Theo não se deu ao trabalho nem de olhar o valor total, apenas pediu para que passasse tudo em seu cartão.

Sinceramente, quero perguntar tudo para ele, saber como passou os últimos meses, como estão os preparativos para o lançamento do jogo no mercado nacional e internacional e, claro, se pensou em mim, como pensei nele. É óbvio que nada disso deixa meus lábios. Em vez disso, tento me lembrar como agíamos quando éramos apenas amigos e falho miseravelmente. Consigo me lembrar apenas do seu toque quente sobre a minha pele, em como gostaria que me tocasse *em todos os lugares*.

— E aí, o que está achando? — Ele me pergunta, já dentro do carro alugado. Theo contratou um motorista, pois prefere não se arriscar dirigindo do lado oposto ao que está acostumado no Brasil. Também não sei se eu seria capaz. É muito estranho ver o volante do lado direito, e não do esquerdo, além dos veículos que transitam pelo lado esquerdo. É muito para meu cérebro administrar.

— Acho que já estou apaixonada pela cidade. — Sorrio.

— Eu também estou apaixonado, amor. — Murmura, enquanto olha em meus olhos. Desvio rapidamente, antes que eu pule em cima dele. Olho em direção à rua e consigo avistar a London Eye.

— Podemos turistar um pouco depois do show. — Ele diz, ao perceber meu deslumbre pela vista.

— Quanto tempo planejou ficar aqui? — Pergunto, percebendo que não fiz essa pergunta básica quando ele entrou em meu apartamento.

— Somente dois dias, Mel. Tenho uma reunião com agentes da Sony na segunda-feira. Então, precisaremos voltar no domingo.

Assinto.

— E como estão as coisas... com o jogo? — Corrijo.

— Muito bem. Melhor do que meus melhores sonhos, eu diria.

— Fico feliz por você, Theo. Sempre soube que chegaria lá.

— Assim como você, né? Sei que seus livros estão fazendo um tremendo sucesso, principalmente “Sempre Foi Você”.

Sorrio, sem graça. Ele realmente tinha razão. Meus livros começaram a pagar minhas contas há exatamente um mês. Nem perto de ser milionária,

claro, mas é o sucesso que eu queria: ser capaz de viver da minha escrita.

— É, você tem razão — concordo.

Em vinte minutos, chegamos à Arena. Há filas gigantes, mas somos direcionados a um local diferente, em que passamos rapidamente. Olho para Theo como se perguntasse: “o que você aprontou aqui?” e ele apenas pisca, como se estivesse respondendo “deixa comigo”.

Estamos em uma área vip da O2 Arena, com um banheiro privativo e uma mesa com várias comidinhas e bebidas. Definitivamente, sou levada de volta ao show da Taylor Swift e o que fizemos naquela área vip. *Meu Deus!* Sinto meu rosto esquentar no mesmo instante, então decido pegar minha mala e me trocar. Vou finalmente descobrir o que tem aqui.

Quando abro a mala, não consigo acreditar. Puxo as roupas e penduro-as nos suportes disponíveis ali. Estou de frente para um look totalmente roxo. Uma calça de couro, um cropped com lantejoulas e um casaco enorme de pelinho - gigante mesmo. Talvez eu seja confundida com o Harry Styles na plateia. Há também coturnos brancos para finalizar o look.

Visto a calça e ela serve perfeitamente. Talvez Theo tenha poderes mágicos, começo a desconfiar. Na hora de colocar o cropped, fico um pouco relutante, nunca usei um antes. Me encaro no grande espelho e sigo em frente. Sempre há uma primeira vez para tudo. Completo o look com o casaco gigante e as botas. Aproveito para escovar os dentes e capricho na maquiagem. Encaro a mulher com mechas roxas à minha frente e sorrio pra ela - um sorriso sincero e orgulhoso. Gosto do que vejo no espelho. *Gosto muito.*

Quando saio do banheiro, Theo já está montado, com uma camisa enorme, preta de lantejoulas. Talvez ele não usasse tanto essa cor no passado, mas posso dizer que me acostumaria facilmente em vê-lo assim, pois está gostoso pra caramba. Continuo olhando mais para baixo e percebo que ele também está com uma calça de couro.

— Gosta do que vê? — Pergunta, e só então percebo que o encaro como se quisesse devorá-lo. Talvez porque eu realmente queira.

—Você está usando uma calça de couro...

— Assim como você, amor. — Ele dá um sorrisinho sem vergonha. — Você está...

Tenho quase certeza do que vai dizer a seguir, mas então parece mudar de ideia.

— Perfeita, extremamente linda! — Definitivamente, é muito mais contido do que esperaria dele, mas adoro da mesma forma.

— Você também está...

Gostoso pra cacete, delicioso...

— Lindo!

— Obrigado — ele faz uma reverência.

Me aproximo da lateral da sala e avisto o palco a uma distância curta.

— A vista daqui é muito boa — observo.

— Sim, é! — Confirma. — Mas não vamos ficar aqui.

— Como não? — Estreito meus olhos para ele.

— Temos vaga garantida na área vip em frente ao palco.

Abro a boca, literalmente.

— O quê?

— Sim, amor. Você vai ver o tal do Harry Styles de perto. — Ele dá um sorrisinho sem vergonha.

— Você definitivamente sabe como conquistar garotas. — Digo, sem pensar.

— Eu só quero conquistar uma garota. — Ele olha para mim.

Limpo a garganta por não conseguir encará-lo por muito tempo e mudo rapidamente de assunto.

— Claro... e quando vamos pra lá?

— Alguns minutos antes do show começar. Enquanto isso, que tal dar uma olhada nas lojinhas daqui de cima? Acho que você vai querer alguns souvenirs, estou errado?

— Nem um pouco — garanto, balançando a cabeça.

Theo, então, me guia para fora do lugar.



Ser rico é maravilhoso! E qualquer pessoa que diga o contrário está mentindo descaradamente. Esse discurso de que dinheiro não compra

felicidade é para que nós, pobres, nos conformemos com a nossa situação de cabeça abaixada. Alguém me explica como dinheiro não compra felicidade, se eu estou em um estádio em Londres, aguardando o show do Harry Styles? E o melhor: em um lugar pra lá de privilegiado. Tenho certeza de que sou capaz de fazer o Harry olhar em meus olhos, ainda mais com o cartaz que estou segurando, dizendo:

Somos apaixonados por você. Que tal fazermos um trisal?

Encontrei muitas coisas nas lojas de souvenirs e amei ter conseguido criar um cartaz de última hora com elas.

— Eu definitivamente não sou apaixonado pelo Harry Styles, pelo amor de Deus, Melissa!

Reviro os olhos e o encaro com as sobrancelhas franzidas.

— Você ainda tá nessa, Theo? Estamos literalmente no show do cara, você com essa camisa cheia de lantejoulas. Não sei mais o que precisa para que você se declare a ele.

— Isso só tem a ver com o item 3 da nossa lista. Você queria conhecer a One Direction.

— Mas ele não é a One Direction. — Brinco.

— Tá, parte dela. Você sabe que iremos aos demais shows se eles existirem.

— Como?

— Isso. Você vai ver seu One Direction, Melissa. Nem que eu mesmo tenha que reuni-los.

— Como assim?

— Vamos em todos os shows solos deles. E sei que um dia eles vão voltar, nem que seja pra uma tour especial, e nós estaremos lá.

— Ah é? — Desafio-o. Por um momento, esqueço do fato de que estamos separados e percebo que Theo tem planos para a gente, planos no futuro, o que significa que ele está me esperando.

— Tudo pelo item 3 da lista, Theodoro? — Dou uma risadinha.

— Claro. — Ele responde.

— Eu sei que você ama One Direction e nada vai me convencer do contrário. — Provoco.

Não preciso olhá-lo para saber que está revirando os olhos.

Minutos depois estou gritando como uma louca quando Harry, em um look todo brilhante, coloca os pés no palco. Claro que me destaco na multidão, afinal, os ingleses não gritam como brasileiros. Inclusive, uma

mulher faz uma careta ao ver o meu escândalo. Theo ri e eu a ignoro, estou muito ocupada me divertindo.

É muito engraçado estar cantando *Golden* e ouvir Theo murmurar ao som da música porque também sabe a letra. Encaro-o, de soslaio, e ele dá de ombros, simplesmente.

O meu maior surto acontece quando Harry entoa *What Makes You Beautiful*, da One Direction - minha música preferida. É óbvio que Theo sabe de cor. Quando acho que não dá para ficar melhor, Harry lê meu cartaz e responde, em inglês:

— Por que não?

Quase desmaio. Theo tem que me segurar para evitar a queda.

Nos minutos seguintes, tento me recuperar do choque e aproveitar o resto do show. Olho para Theo quando canto *Love of My Life*, ele faz o mesmo comigo. Dançamos ao som de *Watermelon Sugar*, quase choramos com *Sign of The Times* e *Falling* e surtamos com *As it Was*.

Ao final do show, tenho certeza de que estou descabelada e suada, só que o sorriso no meu rosto é tão grande, que estou com medo de que minha cara não volte ao normal.

— Isso foi demais! — Garanto a Theo.

Ele dá de ombros.

— Queria que você o conhecesse, assim como eu conheci a Taylor, mas não abriram para Meet & Greet. Tentei muito, Mel, e foi o máximo que consegui. Me desculpa.

— Você tá brincando? — Encaro-o, boquiaberta. — Ele leu o meu cartaz, *Theodoro*. Harry Styles me respondeu, na frente de todo mundo. Nós estamos em Londres vendo o show dele. Ele cantou *What Makes You Beautiful*. Foi tudo extremamente perfeito, eu não mudaria nada. — Afirmo.

Finalmente, encarando seus olhos verdes, acabo com a distância entre nós e o abraço. Theo me envolve em seus braços, retribuindo. Ele me aperta forte contra si e acaricia meu cabelo.

— Senti tanta saudade, amor — ele diz, no meu ouvido, e sinto meu corpo inteiro se contrair.

— Eu também senti. — Admito, permitindo que meu corpo relaxe junto ao dele.



40 - Mel

Estamos de volta em um hotel extremamente luxuoso. Nunca estive em nenhum lugar parecido antes. A recepção me lembra uma estação de trem, com um relógio se destacando na parede de tijolinhos, além das grandes janelas espalhadas pelo local. Há sofás e cadeiras para os hóspedes, além de um bar do lado oposto.

— Olá, tenho duas reservas no nome de Theodoro Lawrence. — Diz Theo, em inglês, ao recepcionista.

O moço leva um tempo para encontrar as reservas e franze as sobrancelhas enquanto olha para o computador. Só imagino o quanto gostaria de ficar com ele no mesmo quarto novamente. Então, em um momento de puro impulso, solto:

— Tudo bem se eu ficar com você? — Pergunto a Theo.

Ele me olha surpreso e, por um momento, penso em retirar a pergunta.

— Claro se você não se incomodar...— Continuo.

— Me incomodar? — Ele pergunta, sério. — Com certeza, não me incomodo, Melissa.

Então, ele pede ao recepcionista que lhe dê apenas uma chave.

— Senhor Theodoro, não podemos reembolsar o valor pago com o quarto extra.

— Sem problemas. — Ele responde como se não fosse nada, quando eu tenho certeza de que foi uma fortuna.

— Theo, posso ficar no outro quarto, para você não perder o dinheiro.

— De jeito nenhum, Mel. Nenhum dinheiro do mundo me faria ficar longe

de você quando tenho a oportunidade de ficar perto. — Ele responde, firme. Depois disso, não digo mais nada.

Sei que Theo queria me deixar confortável e não me forçar a estar com ele no mesmo ambiente, já que não estamos namorando, mas acho que sou capaz de sobreviver a uma noite assim. Amanhã à noite teremos que ir embora, de qualquer forma.

Theo pega as chaves e nos direcionamos ao nosso quarto, no 20º andar. Quando chegamos à suíte, meu queixo quase cai do rosto. É incrível: tem três vezes o tamanho do meu apartamento. Poderia viver aqui facilmente. As janelas são enormes, com uma vista da London Bridge. Como pensei, só há uma cama, mas que comportaria um time de futebol, de tão grande. De qualquer forma, não consigo parar de pensar em uma cena dos meus livros, onde faço com que os protagonistas dividam a cama: é o clássico dos clichês e eu amo. Só não sei como me sinto de fazer o mesmo com Theo.

Nossas malas já estão dispostas em um canto e meus olhos estão pregados na mesa, com a vista maravilhosa da cidade. Entro no banheiro e dessa vez não me assusto com o tamanho e nem com a banheira. Me assusto, porém, com a minha imaginação, que desenha todas as cenas ali, com Theo. Com ele em cima de mim, embaixo, em todos os lugares.

Afasto esses pensamentos e volto ao quarto. Aviso a Theo que vou tomar um banho. Sei que no passado ele se oferecia rapidamente para ir comigo e fico um pouco frustrada por não se oferecer agora. Sei que a culpa é toda minha e preciso lidar com ela, o que não quer dizer que ele não esteja me olhando, como se quisesse tirar a minha roupa. Sinceramente, gostaria que tirasse. Só preciso pronunciar as palavras para que a minha imaginação se torne realidade. Porém, não consigo.

Uso todos os sais disponíveis no banheiro e me jogo na banheira enorme, com a água quentinha. Não tranquei a porta - em parte, pois não quero que Theo pense que faria isso para mantê-lo afastado, mas também porque um lado da minha cabeça imagina que ele entrará por ela. Passo meia hora lá, mas isso não acontece. Quando saio com o roupão super fofinho do hotel, Theo está sentado na cama, me observando. Seus olhos percorrem meu corpo todo, mas não há comentários, ele apenas diz que também vai tomar um banho.

Enquanto está no banheiro, aproveito para me trocar e coloco um vestido branco, simples, de mangas cumpridas, que peguei no aeroporto, ainda em São Paulo. Ligo a TV e fico passando canais aleatórios só para ver como é a

programação daqui. Quando Theo volta ao quarto, está completamente vestido, com uma calça moletom cinza e uma camisa preta de mangas longas. *Irresistível*.

— Amor, prefere jantar aqui ou no restaurante?

— Ainda tem jantar a essa hora? Já está quase de madrugada.

— Ah, com certeza tem.

Posso conhecer o restaurante amanhã, no café. Um momento assim, com ele, não é para ser desperdiçado. Então, opto pelo quarto.

— Aqui, por favor. — Sorrio e ele assente.

Em poucos minutos, nosso jantar está na porta. É tudo tão chique que me sinto carregada para dentro de um filme ou das minhas próprias histórias. O moço coloca tudo na nossa mesa e se retira logo em seguida.

— Muito chique! — Digo, boquiaberta.

— Realmente. — ele dá uma risadinha, confirmando.

Nos acomodamos à mesa e começamos a destampar os pratos.

— E aí, como está a sua nova vida? — Pergunto, me referindo à parte em que agora ele tem muita grana, mas não é assim que entende.

— Indo, Mel. — Ele nem sorri.

— Hã... Quis dizer sobre, sabe... ter bastante grana. — Era para ser um papo descontraído e, de alguma forma, virou uma torta de climão.

— Com certeza as coisas são mais fáceis. — Ele me olha com uma expressão mais suave.

— Sim, tipo ir no show do Harry Styles e depois jantar olhando para a London Bridge. — Brinco e ele assente.

Há um bife enorme com molho que não sei identificar acompanhado com purê de batata e vegetais. Não demoro muito para abocanhá-lo. Quando coloco na boca, o pedaço de carne derrete na minha língua. É tão saboroso, que faço um barulho alto de prazer, fechando os olhos.

Quando abro-os, Theo tem um sorriso divertido em seu rosto.

— Acho que nunca presenciei você comer algo com tanto prazer assim.

— Sei do que está falando, da minha relação super conturbada com a comida. O que estou fazendo agora é prova de que estou melhorando.

— Eu estou chegando lá, Theo — garanto, e ele entende.

Depois do nosso clima estranho no começo, logo estamos empolgados falando sobre as novidades: do game dele e que comecei a escrever um novo livro, o que o deixa super feliz. É claro que não dou detalhes da história, ele vai ter que ler para descobrir.

Theo me conta que ainda está no velho apartamento e que pretende se mudar, mas vai esperar mais um pouco - ele não me diz o motivo e não pergunto. Tomamos algumas taças de vinho tinto, com um nome que nem sei pronunciar e que deve custar alguns salários mínimos, e entramos madrugada adentro cantando músicas da One Direction e da Taylor Swift, como nos velhos tempos.

Não me lembro como, mas já estou na cama, de pijamas.

— Tem certeza de que não se importa de dividir a cama comigo? — Theo pergunta.

— Já dividimos uma cama antes, *Theodoro* — reviro os olhos e ele assente.

Talvez Theo esteja mais bêbado do que imagina ou seja pela força do hábito, pois ele tira sua blusa da minha frente. Só consigo ver tatuagens, músculos e mais tatuagens. Uma em específico faz meus olhos quase saltarem da cara quando ele se aproxima, na cama. Ele tem um sorriso preguiçoso no rosto e nem percebe minha expressão de espanto.

Levo as mãos à boca e em seguida ao peito dele, circulando a tatuagem. Ele terminou de escrever meu nome. Não tem só a minha inicial aqui. Ele tatuou “*Melissa*” no peito. Meu coração bate tão forte, que não tenho certeza se vai aguentar até o fim da noite.

— Você escreveu meu nome.

Theo olha na direção dos meus dedos e da tatuagem, como se tivesse se tocado agora de que está sem camiseta. Seus olhos voltam aos meus e uma expressão mais séria toma conta do seu rosto.

— Sim, amor — ele garante. — Porque sei que vai voltar pra mim. Sei que vamos ficar juntos.

— Você ainda está me esperando? — Faço a pergunta que está entalada desde que ele entrou no meu apartamento.

— Estou. Eu sempre vou esperar por você.

Uma lágrima se desprende do meu rosto enquanto toco o dele. Então, penso que não há sentido para que estejamos distantes assim. Colo meus lábios nos dele. Suas mãos envolvem minha nuca e ele me puxa para mais perto, sua língua me explorando, seus lábios tocando em cada canto da minha boca e do meu coração. Enrosco meus dedos em seu cabelo, enquanto sussurra.

— Me beija, Mel. — Ele implora. — Talvez assim eu não sinta mais saudades de você.

Faço exatamente isso, mas acho impossível deixar de sentir saudades dele. Minhas mãos deslizam pelo seu pescoço e depois seu abdômen trincado e mais para baixo. Ele está duro e, sinceramente, não consigo mais me segurar. Quero-o tanto, que mal consigo respirar.

— Eu queria transar com você na banheira, amor. Tive que me controlar todos os segundos para não implorar isso a você enquanto estava no banheiro. — Confessa. — Eu quis ter você em absolutamente todos os lugares onde estivemos juntos hoje. — Continua.

Estou tão imersa no desejo e nos pensamentos, que não consigo responder nada, apenas me entrego à sua boca quente em minha pele. Abro os olhos somente quando ele para de me beijar. Theo está me encarando, seus olhos verdes nublados de desejo. Sua mão desliza pelo meu pescoço e então meus seios.

— Eu te quero tanto, Melissa — ele sussurra. — Mas não posso! — Diz, me pegando desprevenida.

— Como? — Pergunto, atordoada.

— Eu não a trouxe aqui para que transássemos, não quero que pense isso.

— Não estou pensando. Mas eu quero, Theo. Quero a gente.

Ele então se afasta um pouco de mim, prendendo uma mecha solta do meu cabelo.

— Pensei em você o tempo todo, durante todos os malditos meses, dias, horas e segundos. Dormi e acordei pensando em você, Mel. E só Deus sabe quantas vezes passei na frente do seu prédio, disposto a descer. Eu não queria que você ficasse longe de mim, não queria que terminássemos. Mas depois de parar de olhar para o meu próprio umbigo, eu entendi. Você estava certa sobre tudo.

Sinto um soco no estômago, como se Theo estivesse disposto a terminar tudo entre a gente, para sempre. A sensação quase me deixa sem ar, mas penso que ele tem esse direito. Fui eu que pedi esse tempo. No entanto, quando ele volta a falar, não é isso que sai da sua boca.

— Eu te amo. Você é o amor da minha vida, Melissa. Vou te amar até quando meu coração tiver que se esforçar para continuar funcionando. Quero que saiba que, mesmo assim, ele estará batendo por você. Vou te amar até meu último suspiro. Eu prometo.

Não consigo segurar as lágrimas. Theo limpa meu rosto com suas mãos, fazendo com que o encare.

— Eu quero tudo de você, Mel. Absolutamente tudo. Só que quando fizermos amor novamente, eu não vou deixar você ir embora, nunca mais. Ouviu?

É então que compreendo. Theo sabe que ainda não estou pronta, mas vai esperar que eu esteja, para ele, para a gente.

Abraço-o apertado e sussurro em seu ouvido.

— Eu vou te amar pra sempre, Theodoro.

Passamos parte da madrugada vendo filme de terror. Agarro-o quando sinto medo e ele me envolve em seus braços. Dormimos de conchinha, como fazíamos quando estávamos juntos. Seu nariz roçando no meu pescoço, seu braço na minha cintura e suas pernas enroscadas nas minhas.

Na manhã seguinte, temos um café inglês completo e eu aprecio ao lado dele, sem receio de comer, sem vontade de jogar tudo para fora depois. Passamos o dia turistando, vemos o pôr do sol da London Eye e terminamos nossa primeira viagem à Europa com minha mão entrelaçada a dele dentro do avião.

De volta a São Paulo, Theo sobe comigo até meu apartamento com as malas, mas não entra. Em vez disso, acaricia meu rosto lentamente, passando os dedos pelos meus lábios. Suspiro profundamente e fecho os olhos sentindo seu toque. Ao abri-los novamente, sou surpreendida por olhos verdes e covinhas. Theo me dá um beijo doce, saboreando cada segundo. Quando terminamos, ele vai em direção ao elevador e some da minha visão.



41 - Mel

Olho para a tela do computador e mal posso acreditar que meu livro está finalizado. Foram meses de trabalho árduo e de algumas noites em claro, inclusive a do meu aniversário, um mês atrás. Nathalia e Amanda insistiram em uma festa de arromba, mas declinei na mesma hora - preferi permanecer em casa, no conforto do meu pijama. Definitivamente, *os trinta estão chegando*.

Não que eu pudesse evitá-las no fim de semana seguinte: fui carregada para fora de casa à força. Não posso reclamar, todavia, uma vez que nossa noite acabou comigo feliz com minhas doses de tequila e um cupcake com duas velinhas como bolo de aniversário. Lembro-me do esforço que precisei para soprá-las enquanto idealizava um pedido na minha cabeça. Apesar da grande quantidade de álcool em meu sangue, jamais me esqueceria do que desejei naquele dia.

Meus pais também foram relutantes quanto à festa, mas consegui acalmá-los, prometendo que os veria em breve - ainda não cumpri essa promessa e sinto que a qualquer momento eles irão bater na minha porta, como fizeram daquela vez em que estava com Theo.

Senti tanta vergonha quando aconteceu e hoje eu faria de tudo para voltar àquele dia: *Theo*. Ele queria me ver no meu aniversário, e quase não cumprimos nosso combinado de nos mantermos afastados, o que não quer dizer que ele não tenha mandado um bolo enorme para o meu apartamento, além de um vestido de tirar o fôlego - roxo, minha cor preferida. Com o presente, estava o seguinte bilhete.

*Só comprei esse vestido para que você pudesse tirá-lo. Ou melhor, para que **eu** pudesse tirá-lo. Vou fazer isso no seu próximo aniversário*

*Com amor,
Theodoro.*

Nem preciso dizer que passei o restante da noite ouvindo *Dress*, da Taylor Swift, e imaginando-o ao meu lado, fazendo exatamente o que escreveu.

Sei que este momento vai chegar e mal posso esperar por ele. Por hora, ainda estou olhando para tela, admirando minha história. Estou orgulhosa, realmente orgulhosa.

Quando comecei a escrevê-la, logo depois que terminei com Theo, encontrei nela uma forma de focar em algo diferente, em seguir os conselhos que a minha psicóloga me dava. Afinal, me distanciei dele para que pudesse me enxergar e, se eu não fizesse isso, qual seria o sentido, no final das contas?

As crises de bulimia foram ficando para trás pouco a pouco e se não fossem pelas vitaminas que ainda tomo, poderia dizer que fazem parte de um passado distante. Sei, no entanto, que é um pensamento perigoso e ando em uma linha tênue - sempre há chances de voltar aos velhos padrões.

Para que isso não aconteça, olho para frente: em tudo o que evolui nesses últimos meses, no que eu conquistei *por mim*. Tinha a intenção de lançar meu novo romance em eBook, como os outros quatro já publicados. Seria simples, rápido e fácil. Na teoria, claro. Só que algo dentro do meu coração estava pedindo por mais, porque essa não é uma simples história tirada da minha cabeça ou dos meus sonhos malucos. Este é o livro mais íntimo que já escrevi, em que coloquei verdades que nunca tive coragem de dizer em voz alta. Este é o trabalho do qual tenho mais orgulho. Um orgulho tão grande que não cabe no meu peito.

Sinto as lágrimas correrem pelo meu rosto quando vejo uma notificação de um novo e-mail recebido. Clico imediatamente na janela que pipoca no canto no computador. Leio a mensagem atentamente, prestando atenção em cada palavra digitada. Quando termino, continuo olhando para a tela, sem reação.

Como disse, este livro é meu melhor trabalho e queria que fosse mais longe. Por isso, fiz uma pesquisa extensa sobre editores que pudessem aceitá-lo. E, para a minha sorte ou destino, encontrei a Manuela, que era minha colega durante o tempo de estágio na Renome. Ela continua lá e hoje

é editora-chefe, um cargo semelhante ao de Alexandre. Consegui o contato dela e arrisquei. Há alguns dias, mandei um e-mail de apresentação, com a ideia principal do meu livro e os primeiros capítulos. Agora estou olhando para a resposta dela.

Para: melmonteiro@gmail.com

De: manuelaavelar@renome.com.br

Assunto: Proposta para publicação de um romance que você não vai conseguir largar

Olá, Mel. Como está? Eu jamais me esqueceria de você! Quanto tempo!

Fico feliz que tenha seguido a carreira de escritora, como sempre quis, e admito que já te stalkeei nas redes sociais antes mesmo de receber este e-mail. Seus eBooks são muito bem avaliados e já devo ter lido dois deles. Sua escrita é tão fluída, que não consegui parar de lê-los.

Quanto à ideia proposta neste e-mail: saiba que você capturou meu interesse genuíno. Quando vou poder ler mais capítulos, hein? Por favor, entre em contato com a Verônica, minha secretária (ela está em cópia), e agende nossa reunião para esta semana. Vou pedir para que ela lhe encaixe, tudo bem?

Ansiosa pelo nosso reencontro.

*Atenciosamente,
Manuela Avelar.*

Meus dedos tremem enquanto tento responder o e-mail. Então, percebo que há outro, em cima desse.

Para: melmonteiro@gmail.com

De: manuelaavelar@renome.com.br

Assunto: Proposta para publicação de um romance que você não vai conseguir largar

Abriu um espaço na minha agenda hoje. Você consegue me encontrar às 16h?

*Atenciosamente,
Manuela Avelar.*

Às 16h? Isso é daqui a três horas. Meu Deus! Respiro profundamente, acerto minha posição na cadeira e coloco meus dedos para trabalharem.

De: melmonteiro@gmail.com

Para: manuelaavelar@renome.com.br

Assunto: Proposta para publicação de um romance que você não vai conseguir largar

Olá, Manuela.

Estou muito bem, obrigada. Fico feliz que você já conheça meu trabalho e que tenha gostado dele.

Consigo te encontrar às 16h, claro. Pode me informar o local, por gentileza?

Também estou ansiosa pelo nosso reencontro.

*Atenciosamente,
Melissa Monteiro*

Passo as próximas duas horas trocando de roupa e tentando encontrar algo adequado para nossa reunião. Por fim, decido pelo vestido tubinho preto que comprei há bastante tempo e que usei no dia em que fui demitida. Sei que poderia dar azar pelo que aconteceu naquele dia, mas, apesar da minha demissão, foi o dia em que reencontrei Theo e, a partir dali, tudo mudou.

Arrumo meu cabelo e vejo as minhas ondas quase chegando abaixo do ombro. Finalizo com uma maquiagem simples e coloco um scarpin branco. Me olho no espelho novamente e consigo ficar feliz com a minha aparência: profissional, confiante - eu espero.

Quando estou de volta à editora, tenho um déjà-vu dos anos que fiquei aqui. O lugar foi ampliado e agora ocupa, pelo menos, dez andares do prédio espelhado. Passo pela portaria e sou orientada a seguir até o nono andar. Na recepção encontro Verônica, acredito que seja a secretária da Manu. Ela me guia pelo corredor com carpete marrom e, de onde estou, consigo ver através do vidro as pessoas trabalhando lado a lado em seus computadores. Algumas estão conversando entre si enquanto outras não tiram a cara da tela. Toques de telefones fazem parte do ambiente e, sinceramente, não sei se conseguiria me adequar novamente a uma rotina como essa. Depois que comecei a

trabalhar em casa, aprecio o silêncio do lugar e o único barulho que suporto são as vozes dos meus meninos da 1D no meu fone de ouvido.

Sou guiada até uma sala no final do corredor. Ela é revestida por vidro, facilitando a visão de parte da equipe. Manuela está sentada à mesa, com os olhos no computador. Faz anos que não a vejo, e ela se tornou um mulherão. Seus cabelos cacheados cheios emolduram as maçãs do rosto, parando bem acima do ombro. O vestido amarelo que está usando se destaca na sua pele negra e no rosto há um grande sorriso direcionado a mim.

— Mel! — Ela se levanta, desamassando o vestido, e estende a mão para me cumprimentar.

— Manu! — Retribuo o sorriso e o aperto de mão.

— Você está ótima! — Ela diz.

— Você está... — Olho para ela novamente — mais do que ótima!

— Obrigada.

— Eu que agradeço por conseguir um horário na sua agenda hoje. Sei que deve estar bem ocupada.

— Sim, Mel. É uma loucura esse cargo. Já imaginava antes de aceitá-lo, mas a teoria nunca chega perto da prática, né? — Ela pisca.

— Com certeza, não. — Concordo.

— Gostaria de um café?

— Não, estou bem.

Estou tão ansiosa, que não quero correr o risco da Manu ver as minhas mãos trêmulas ao segurar uma xícara.

— Tudo bem. Então vamos direto ao assunto.

— Claro. — concordo enquanto me acomodo na cadeira.

— Mel, é o seguinte: estou interessada em publicar o seu próximo livro. Mas, para isso, quero exclusividade. Seremos os responsáveis por ele, o que significa que ele só poderá ser publicado em eBook por nós e não diretamente por você, ok?

— Sim, entendo.

— Adorei a proposta e acho que tem tudo para ser um sucesso, de verdade. Você definitivamente acertou no assunto daquele e-mail. Eu realmente não conseguia largar os capítulos que me mandou. As partes engraçadas, os personagens, o romance e a pitada de drama - acredito que está muito bem costurado. Claro que vou precisar terminar de ler. — Ela dá uma piscadinha. — Admito que estou muito curiosa para saber tudo o que

acontece. Você me deixou na expectativa, garota! — Ela estreita os olhos para mim.

Minha cabeça gira, porque achei que esse meu sonho estava mais distante por causa do que Alexandre fez. Como eu suspeitava, as ameaças dele não foram apenas ameaças e muitas portas realmente se fecharam para mim, ainda estou surpresa por Manuela ter respondido. Por um momento, penso se ele também está por trás disso.

— Manuela, antes de seguirmos, preciso que seja sincera comigo.

— Claro — ela fica séria. — Vou passar todas as informações necessárias, Mel. Não se preocupe.

— Sim, eu sei. Não é sobre o contrato que estou perguntando agora, e sim sobre as condições aqui dentro da editora. Não sei se sabe, mas fui negada por alguns dos seus colegas quando tentei submeter outros trabalhos. Você foi a única a me responder positivamente.

Manuela balança a cabeça em discordância, como se soubesse do que estou falando.

— Alexandre, você quer dizer.

— Também, além de outros editores.

Manu toma um longo suspiro, olhando na direção das pessoas agitadas lá fora, e depois volta seus olhos castanhos a mim.

— Mel, não foi fácil chegar a este cargo, como você deve imaginar. Eu era estagiária, como você, e tive que suportar muita coisa para estar aqui, inclusive editores como Alexandre. Uma coisa eu te garanto: levo meu trabalho muito a sério e, apesar de não ter tanta experiência quanto ele, tenho tido êxito com as autoras que lancei no mercado. Então, aqui é o que você precisa saber: você merece estar aqui, eu estou interessada no seu trabalho porque é excelente e nenhum Alexandre ou outro cara vai ficar no caminho que estou traçando para o seu livro, para você.

Solto o ar lentamente, como se pudesse respirar de novo. É difícil conter as lágrimas que ameaçam molhar meus olhos. Encaro-a com um sorriso sincero.

— Obrigada!

— Você não tem que agradecer nada, Mel. Foi você quem escreveu o livro, foi você que me enviou uma proposta irrecusável e eu seria tola se não a agarrasse. Vamos chegar longe, juntas. Duas mulheres que merecem isso.

— Ela pisca para mim.

— Duas mulheres que, com certeza, merecem isso. — Concordo.

Manuela me guia até sua secretária novamente e me instrui sobre os passos a seguir. Estou bem familiarizada com eles, afinal. Nos despedimos já com uma nova reunião marcada para assinatura do contrato. Estou nas nuvens ao chegar ao elevador, tanto que só percebo o clima azedar quando entro e encontro ninguém menos do que Alexandre.

A princípio, ele me olha como se estivesse vendo um fantasma e, logo depois, volta à sua característica expressão debochada. Não sei como um dia achei isso atraente.

— Mel. — Ele pronuncia, deixando meu nome deslizar por seus lábios, lentamente. No passado, eu teria entrado em parafuso. No presente, só quero deixar de respirar o mesmo ar que ele.

— Alexandre. — Digo, séria, e sem emoção na voz.

— O que faz aqui? — Pergunta, curioso.

— Nada que seja do seu interesse. — Respondo, curta e grossa.

Há um sorriso descarado em seu rosto agora.

— Achava que não tinha como gostar mais de você, Mel. Mas adoro esse seu lado arisco. E todo o resto também — ele me despe com os olhos, dos pés à cabeça, e sinto meu estômago embrulhar.

— Você tem um jeito bem peculiar de gostar das pessoas. — Alfineto. Ele não perde a pose.

— Sei que tivemos alguns desencontros no passado e que não fui, digamos, legal como deveria, mas as pessoas sempre podem mudar, né?

Estamos empacados no sétimo andar e o elevador parece não querer andar - meu desespero cresce à medida em que permaneço aqui com ele.

— Não estou interessada. — Digo, firmemente.

— Qual é, Mel? Se não fosse tão orgulhosa, a uma hora dessa, já estaria com seus livros publicados pela editora e ganhando uma boa grana, e não uns trocados, como está agora.

Olho em seus olhos, como se eu fosse capaz de enforcá-lo ali mesmo. Talvez eu seja. Então, lembro o que vim fazer aqui.

— E quem disse que não vou publicá-los, Alexandre? — Provoco. Pela primeira vez, o sorrisinho descarado deixa seu rosto.

— Como assim?

— O que você acha que estou fazendo aqui? — Pergunto.

— Sei lá, pedindo emprego?

Definitivamente, ele merece um soco na cara. *Imbecil.*

— Não, querido. — Pronuncio as palavras da forma mais sarcástica que sou capaz — Eu vou conseguir tudo aquilo que você me ofereceu e muito mais. A diferença é que vou fazer isso sem você. Porque, adivinha só: não preciso de você pra isso, na verdade, não preciso de você para nada!

Pela primeira vez, deixo-o sem palavras. Neste momento, o elevador chega ao térreo e saio rebolando, sem olhar para trás. Aposto que ele ainda deve estar pensando na resposta que me daria. É isso: Melissa 1. Alexandre: 0.

Chego em casa e me jogo no sofá, aliviada. Pego o celular pela primeira vez desde que deixei a editora e digito uma mensagem.

Eu:

Tenho certeza que você deveria saber: vou assinar um contrato com a Renome para lançar o meu próximo livro. E não se preocupe: Alexandre não tem nada a ver com isso.

Dois minutos depois tenho a resposta.

Theo:

Estou tão orgulhoso de você, amor. Tenho certeza que isso merece uma comemoração. Por isso, aqui vai minha proposta. Que tal me ligar assim que a surpresinha chegar na sua casa?

Eu:

Como?

Theo:

Vinte minutos, amor...

Fico completamente perdida com as mensagens, mas aguardo os benditos vinte minutos, quando meu interfone toca. Tem uma encomenda subindo para mim. Em instantes, o entregador está na minha frente, me dando dois pacotes. Quando abro-os, encontro uma garrafa de tequila e petiscos para acompanhar.

Ligo para Theo no mesmo instante.

— Oi, amor. — Ele responde, com essa voz extremamente sexy.

— Você não existe, sabia?

Ele sabe que estou revirando os olhos, mesmo que não possa me ver.

— Já serviu uma dose de tequila pra você, amor?

— Fazendo isso agora.

— Ótimo, porque estou fazendo o mesmo. Então, quer me contar como foi? Aliás, parabéns! Eu poderia dizer que estou surpreso, mas seria mentira.

Sorrio, porque Theo sempre acreditou em mim, algo que comecei a fazer recentemente - e ainda de forma bem mequetrefe. Mas estou chegando lá.

— Obrigada, amor... — Digo, sem querer.

Apesar dele sempre me chamar assim, eu o deixei de fazer quando terminamos, não sei, é estranho chamá-lo dessa forma quando estamos separados.

Theo fica mudo por alguns segundos e fico com medo de ter estragado tudo. Estávamos indo tão bem.

— Pode me chamar de amor de novo? — Pede suavemente.

Sinto meu coração palpitar com seu tom de voz.

— Amor.

Ouçoo a respiração de Theo pelo telefone.

— Definitivamente, é a melhor coisa que já escutei. Fique à vontade para repetir pelo resto da vida.

Suspiro tentando acalmar minha respiração.

— Eu vou.

Theo me conta como estão as coisas, o que tem feito e sobre o jogo que deve entrar oficialmente no mercado no próximo ano. Diz que voltou ao interior algumas vezes para ver seus pais e que viu os meus - algo que Dona Carolina não me contou. Imagino o que eles devem ter conversado.

Ouçoo música ao fundo da ligação e nem preciso dizer que ele está ouvindo algo da Taylor Swift. Ficamos no telefone por duas horas, quando começo a ficar risonha demais, com certeza graças às doses de tequila.

Quando estamos a ponto de desligar, Theo me chama.

— Amor?

— Sim?

— Quero que volte pra mim, nem que seja para me irritar. Deixo você quebrar meu PlayStation. Tudo bem se você fizer isso, desde que volte pra casa.

Meus olhos enchem de lágrimas e finalmente tenho uma resposta para ele.

— Eu estou voltando pra você, estou voltando pra casa.

E, então, nos despedimos.



42 - Mel

Desde que assinei o contrato com a Renome, tenho participado de diversos eventos a fim de promover minha imagem. Manu me acompanha sempre que pode, mas nos últimos, me virei bem sozinha. O marketing em cima do lançamento do meu livro está realmente pesado, assim como foi prometido. Minhas redes sociais deram um salto, e até meus eBooks ganharam com isso.

Meu livro será lançado oficialmente em dez dias, mas hoje tenho um evento de pré-venda. As pessoas que aparecerem por lá conseguirão a cópia antecipada, além do autógrafo. Estou meio apreensiva e com medo de que não tenha ninguém, não conseguimos o melhor dia no calendário. Viemos para a maior livraria da cidade e posso garantir que aqui é bem concorrido. Então, de dentro do carro, penso que não foi uma boa ideia realizar esse evento tão perto do Natal. As pessoas já devem ter viajado para passar a data com seus familiares e quem vai trocar isso por um pré-lançamento meu?

Balanço a cabeça em discordância, já que essa Mel ficou no passado, esses pensamentos também. *Vai dar tudo certo.*

— Ei, tá tudo bem? — Amanda aperta minha mão.

— Um pouco nervosa, talvez? — Respondo, franzindo o cenho.

Nathalia, que está dirigindo, dá uma olhadinha pelo retrovisor.

— Vai dar tudo certo, Mel! Nós estaremos lá, com você. Você não vai ficar sozinha.

Meus pais queriam vir, mas como as estradas estão abarrotadas por causa do feriado próximo, pedi para que comparecessem somente no lançamento

oficial. Então, talvez eu tenha diminuído a lista de pessoas no local, totalizando apenas quatro: Amanda, Nathalia, Manu e eu.

— Tenho certeza que você vai cansar as suas lindas mãozinhas de tanto autografar. — Amanda me incentiva.

— Não exagera, nem são tantos exemplares assim. — Suspiro.

— Mas todos serão vendidos, garanto!

Dou uma olhada para ela e, então, mais uma olhada no pequeno espelho que tenho na bolsa. Analiso novamente meu look, que consiste em um vestido lilás liso, de um ombro só, e saia que chega um pouco abaixo dos meus joelhos. Estou com uma sandália preta, de salto médio - definitivamente, não quero que as pessoas se assustem com meu tamanho.

Retoquei minhas mechas roxas e meu cabelo está solto em diversas ondas. Também fiz a maquiagem no salão porque, de jeito nenhum, eu correria o risco de errar em qualquer coisa hoje.

Acaricio minhas coxas, enquanto balanço minhas pernas. A tensão parece se dissipar por todo meu corpo.

— Ei! — Chama Amanda enquanto segura as minhas pernas. — Você tá me deixando nervosa! — Ela me olha, séria.

— Porque *eu* estou nervosa. — Admito.

Então, Amanda abre sua bolsa e tira um cantil de lá. Olho para ela, boquiaberta.

— Já chegou nesse nível? — Brinco.

— Não, querida Melissa. Esse é pra você. Trouxe tequila, sabia que você ia precisar.

Procuro Nathalia, mas ela nem olha para mim, está muito ocupada manobrando para estacionarmos no subsolo da livraria.

— Não posso beber, tá louca?

— Não é para você ficar bêbada, Mel. — Ela bufa — Só para você relaxar. Uma dose e nada mais.

Nathalia, que agora pode nos olhar sem a chance de bater o carro, dá uma risadinha. Olho em sua direção, e ela dá de ombros, concordando com Amanda. Ou seja, há um complô aqui.

Pego o cantil e viro na minha boca. Sinto o líquido queimar minha garganta e estaria mentindo se dissesse que não me sinto melhor quando a tequila chega até meu estômago.

— Pronta? — Pergunta Amanda.

Balanço a cabeça positivamente, e deixamos o carro.

A livraria está agitada e, quando meus olhos vão em Manuela, não encontro nada menos do que animação.

— Não me diga que esse pessoal todo está aqui por causa...

— Do seu livro? — Ela fica mais séria, e quase murcho por acreditar nisso. Só que então, ela pisca pra mim e responde. — Sim!

Há uma fila enorme ao lado direito de onde preciso ficar. No meu cantinho, tem uma mesa de madeira longa, com quatro cadeiras e dezenas de exemplares espalhados por ela. Atrás, está o banner com uma foto minha segurando meu livro: *A lista*.

Não tem como evitar as lágrimas que vêm ao meu olhos. Tento secá-las antes que façam algum estrago na minha maquiagem, quando sinto um aperto no meu ombro.

— Está tudo lindo, Mel. Eu disse que seria sucesso, né? — Amanda dá uma piscadinha.

— Está mesmo lindo, Mel — Nathalia reforça.

Pedi a Manu para que elas ficassem ao meu lado durante a sessão de autógrafos e prontamente minha editora providenciou isso. Há também um fotógrafo e outras pessoas da editora aqui.

Pego um copo de água da pequena mesa, que também tem petiscos, e me sento no lugar reservado. Quando percebem que cheguei, ouço pequenos gritinhos e nem consigo acreditar que são para mim. Olho ao redor, analisando os rostos animados próximos de nós. Procuro por um em específico, mas não o encontro. É compreensível que ele não esteja aqui, afinal devo ter demorado demais: demais para me encontrar, demais para amá-lo como merece.

Então, respiro fundo e coloco um sorriso no rosto para a minha primeira leitora. *Posso fazer isso*. Mesmo que Theo não esteja aqui, a nossa história está, pronta para ser lida por diversas pessoas.

Perco a conta de quantos autógrafos dou e em quantas fotos apareço. Nem nos meus melhores sonhos imaginei algo parecido. Manu me disse que conseguiu garantir uma nota do evento em alguns jornais - o que, para ela ainda é pouco; para mim, fantástico.

— Eu amo seus livros! — Diz uma moça baixinha, com cabelos cacheados. Deve ter dezoito anos, no máximo.

— Como é seu nome?

— Flávia.

— Muito obrigada pelo carinho, Flávia. Ansiosa para saber o que vai achar desse.

— Eu também. — Ela confirma, animada.

Capricho na dedicatória e no autógrafo e tiramos uma foto. Antes de ir embora, ela vira novamente para mim.

— Promete que nunca vai parar de escrever?

Por um momento fico sem reação, tentando entender o que quer dizer.

— Eu leria até sua lista de supermercado. — Completa.

Então, solto uma risadinha.

— Vou fazer meu melhor.

Ela assente e se vai, dando espaço para o próximo da fila. Meus olhos a seguem, até que não possa mais vê-la e, assim, sorrio para mim mesma. Ainda é surreal ouvir isso de alguém.

Estou sonhando acordada quando sou trazida de volta pela próxima pessoa da fila. Quando a encaro, no entanto, quase perco o ar.

— Oi, amor. — Ele me cumprimenta, e sou imediatamente atraída pelas covinhas idiotas.

Também há pequenas ruguinhas em torno dos olhos verdes que brilham para mim. Ele está irresistível em uma calça e camisa preta. Definitivamente, poderia se vestir assim todos os dias e eu nunca me cansaria.

— Oi... V-Você veio...

— É claro que eu vim, amor. Você achou que eu perderia?

Balanço a cabeça, discordando.

Quando olho para suas mãos, Theo carrega uma pilha de livros. É só nesse momento que meus olhos cruzam com os de Eric também, que está ao seu lado, fazendo o mesmo.

Amanda me dá um cutucão do lado e a encaro. É óbvio que o movimento não passa despercebido pelos homens à minha frente, que finalmente cumprimentam minhas duas amigas. Percebo que Eric se demora um pouco mais em Nathalia. *Hum*.

Apesar de Theo saber que eu tinha começado um novo livro, não contei a ele do que se tratava a história e agora que a vejo em suas mãos, sinto minhas bochechas esquentarem, porque, obviamente, deve no mínimo imaginar o que vai encontrar ali. Como se adivinhasse o que estou pensando, me chama atenção novamente.

— A proposta do livro é muito interessante, amor — ele pisca para mim. — Estou bem ansioso em conhecer os protagonistas: Alison e Edward, né?

Seu rosto está se transformando em uma expressão de puro deleite, porque está achando graça me zoar assim. Ele *sabe* porque escolhi esses nomes para os personagens.

— Isso, Alison e Edward.

— Acho que vou amar a Alison e tenho certeza que esse Edward é um gato. — Ele pisca novamente, e tenho vontade de me esconder embaixo da mesa. Para sair da torta de climão, mudo de assunto rapidamente.

— E por que vocês estão segurando tantos livros assim? — Arqueio uma sobancelha para eles.

— Porque comprei todos. — Theo responde, orgulhoso.

— Eu também comprei alguns — Eric cutuca o amigo e Theo lhe dá um olhar cortante.

Balanço a cabeça rindo.

— Então significa que eu vou ter que assinar todos eles?

— E com dedicatória, amor.

Reviro os olhos.

— Claro. — Bufo, de brincadeira.

Então, peço para que me passem os livros e autografo um por um. Quando termino, Theo me chama a atenção:

— Eles têm um final feliz, Mel? — Pergunta, um tanto quanto nervoso.

— Isso você vai ter que me responder. Faço questão de saber a resposta pessoalmente.

Mordo os lábios para não sorrir. Theo parece meio sem reação quando digo isso. Eric percebe que o assunto ficou mais pessoal e se afasta um pouco.

— Quando? — Há ansiedade em seu tom, apesar de tentar disfarçar.

— Não se preocupe, vou te achar. — Pisco para ele.

— Certo. — Concorde enquanto passa a mão na nuca.

Na hora de tirarmos a foto, sinto suas mãos na minha cintura. Seu toque é leve e quase imperceptível, mas todas as terminações do meu corpo reagem. Também tiro uma foto com Eric. Com ele, no entanto, não há faíscas ou tensão, só o carinho que eu teria com um amigo. É incrível como a vida nos prega peças assim.

Antes de ir, Theo olha novamente para mim e murmura.

— Eu nunca estive tão orgulhoso quanto agora.

E, pela primeira vez, não menosprezo minhas conquistas ou as palavras de incentivo dele. Eu acredito, do fundo do coração.

— Eu sei. — Sorrio.

— Encontro você na minha porta — ele continua.

— Estarei lá. — Garanto.

Theo meneia a cabeça e some na multidão.



Estou no coquetel organizado por Manuela. Ela tinha certeza de que o pré-lançamento seria um sucesso e, em suas palavras, “temos muito o que comemorar”. Não há imprensa ou nada do tipo, apenas os editores da Renome e alguns escritores que também tiveram seus trabalhos publicados com a ajuda dela. Graças à Manu, consegui enfiar Nathalia e Amanda na comemoração. Gostaria que Theo também estivesse aqui, mas ele já tinha ido embora ao final do evento.

Dou uma volta pelo salão, que fica dentro do prédio da editora, e pego uma taça de vinho com o garçom. Amanda e Nathalia ficaram entretidas com a mesa farta de comida e doces. Eu ainda estou muito ansiosa para conseguir comer algo. Quando disse isso, as duas olharam para mim, como se pensassem que poderia ter a ver com o meu distúrbio alimentar, mas as tranquilizei, dizendo que dessa vez não era isso.

Não tenho fome quando estou ansiosa e, por isso, prefiro beber algo para me acalmar, antes que eu tente comer qualquer coisa. Dou uma bicada no vinho branco e gosto do sabor: suave, mas ao mesmo tempo com uma acidez vibrante, dando o gostinho de quero mais. Quando desvio o olhar da taça, não tenho uma visão tão agradável assim. A minha noite perfeita corre o risco de ser estragada com sucesso ao cruzar com olhos castanhos que conheço tão bem: *Alexandre*.

Ele caminha em minha direção, com um ar de confiança inabalável. Quer dizer, com sua arrogância inabalável - algo que só consegui identificar anos mais tarde.

— Melissa. — Ele murmura, depois de levar sua taça à boca. Deve estar bebendo o mesmo que eu.

— Alexandre. — Respondo, com a voz firme.

Ele analisa meu rosto como se estivesse pensando no que dirá a seguir. Então, parece se decidir.

— Gostaria de parabenizá-la pelo evento. Foi excelente!

— Obrigada! — Falo, sem emoção nenhuma. Sinceramente, não estou a fim de emendar papo com ele.

— Seu livro vai ser um grande sucesso, tenho certeza!

— Não graças a você, né? — Confronto-o.

Ele dá um sorriso sem graça e encara os próprios sapatos por um momento. Em seguida, seus olhos estão em mim novamente.

— Eu sei que mereço.

— Ainda bem que você sabe. — Alfineto, sem medo da sua reação. A Melissa que ele conheceu ficou no passado. Essa à sua frente, ele não pode manipular.

Alexandre assente e se mantém próximo a mim, enquanto me encara. Ele dá um passo à frente, e eu, para trás.

— Por favor, mantenha-se afastado.

Ele não responde nada, mas não avança mais em minha direção.

— Posso te fazer uma pergunta, Mel? — Diz, suavemente. Quase me lembro do cara que conheci: doce e que me amava.

— Se não for para me ofender... — Sinalizo.

— Prometo que não tenho intenção nenhuma de ofendê-la.

Assinto com a cabeça.

Ele suspira, como se precisasse de um tempo antes de desembuchar de uma vez.

— Eu fui um bom namorado pra você? — Ele limpa a garganta.

A minha primeira reação é de surpresa, a segunda é perceber a oportunidade perfeita para soltar os cachorros e tacar na cara dele todo o mal que me fez. O problema é que eu já fiz isso, então estaria apenas repetindo coisas que ele já sabe. Respiro fundo e penso melhor na minha resposta. Uma que eu também daria a mim.

— Sim, no começo. — Olho em seus olhos. — Você era doce, compreensivo, me fazia sentir especial, dizia que eu era linda.

Ele sorri, e não retribuiu. Em vez disso, continuo.

— Acreditava que era a mulher mais feliz do mundo quando estava em seus braços e não costumava me sentir assim, sabe? Acho que foi a primeira vez que percebi que poderia ser amada, que merecia ser amada.

Ele assente, olhando em meus olhos, mas me deixa continuar.

— Ainda assim, minhas inseguranças não foram embora, elas ainda estavam lá. Como um cara como você olharia pra mim, né? Era isso que eu imaginava na época. Então, acho que você também começou a pensar assim, pois mudou comigo, deixou de ser o namorado por quem me apaixonei. Se tornou mais um... *babaca* — completo.

Observo-o para saber se está bravo, mas sua expressão continua a mesma. Decido continuar, talvez nunca mais tenha essa oportunidade. A chance de desabafar.

— Quando você terminou comigo e apareceu com aquela modelo apenas duas semanas depois, foi como eu tivesse levado uma facada, como se a vizinha dentro da minha cabeça estivesse certa, que não era normal um cara como você estar com uma pessoa como eu. Apesar de doer, fazia sentido.

— Ainda assim, você quis voltar comigo, Mel. Por quê? — Ele está sério, o cenho franzido.

Penso por um momento em uma resposta adequada, em uma que seja verdade.

— Acho que me apeguei ao cara que idealizei, aquele que eu tive por dois anos e não ao que estava em minha frente depois. Eu sabia que você tinha me machucado, tinha consciência disso, mas acreditava que talvez pudéssemos começar de novo.

— E eu fui um idiota... *de novo*. — Admite.

— E de novo, e de novo. Você sabia quais eram as minhas inseguranças e atacou todas, sem dó, sem pensar nas consequências do que aquilo faria comigo.

— Não posso dizer que me sinto orgulhoso disso. — Responde.

— E nem deveria — encaro-o. — Mas por que está me perguntando tudo isso, hoje? Veio aqui para tentar estragar o meu momento?

— Não. — Ele balança a cabeça. — Vim me desculpar.

Apesar de não demonstrar, sou pega de surpresa e obviamente fico desconfiada. Mesmo assim, mantenho a pose.

— Um pouco tarde pra isso, não acha?

— Talvez, mas ainda quero me desculpar.

Cruzo os braços em frente ao corpo e peço para que prossiga.

— Tudo bem então. Pode continuar.

— Me desculpe, Mel. — Ele olha em meus olhos e, dessa vez, não consigo encontrar sua confiança inabalável. — Por tudo. — finaliza.

Assinto, sem responder nada.

— Você é maravilhosa! — Continua.

— Não preciso dos seus elogios, Alexandre. Pode guardá-los pra você.

— Eu mudaria muita coisa se pudesse voltar ao passado, sabia? — Ele coloca uma das mãos no bolso enquanto se livra da taça.

Tenho certeza que essa é uma nova estratégia dele para se aproximar. Não acredito que caras como ele mudem. Essa crença ficou no passado, junto com todas as lembranças boas e ruins que tive ao lado dele.

— Pena que não pode!

Me viro para deixá-lo e ele toca meu braço.

— Só queria que soubesse que te amei. Não da forma que merecia, mas eu te amei.

Sinto meu corpo se retrair e paro para encará-lo novamente. Nossos rostos estão bem próximos. Por um momento, reparo no rosto que um dia conheci tão bem, naquele que me perseguiu por anos... Agora, porém, tenho certeza de que ele não me afeta mais.

— Você não me amou, Alexandre. Você só amava a forma que eu te venerava.

Não olho para trás quando tiro meu braço do toque dele. Sei que já virei essa página, definitivamente. Posso ainda ter um longo caminho a percorrer para me curar completamente, mas hoje tenho consciência de que sou uma ótima pessoa, me preocupo com quem me importa e, às vezes, até com quem não deveria. Sei que sou inteligente, que tenho um coração enorme e que ele ama intensamente. Finalmente percebi que mereço ser amada da mesma forma e que a pessoa que estiver comigo vai ser extremamente sortuda por isso.

Com esse pensamento, sei exatamente o que preciso fazer a seguir.



43- Theo

— Vamos, Theo! Você vai ficar enfiado nesse quarto? — Reclama meu irmão Thomás, da porta.

— Já estou acabando, Tom. Daqui a pouco apareço para fazer sala.

Ele suspira profundamente, sabendo que já perdeu a batalha.

— Só mais alguns minutos, hein. — Meneio a cabeça, o que o convence a me deixar sozinho novamente.

É véspera de Natal e, depois de anos, voltei para a casa dos meus pais. A última vez em que estive aqui nesta data foi também o último Natal que passei com Mel. Não foi a melhor lembrança porque estávamos estranhos um com o outro, já que eu a tinha beijado na nossa formatura, mas, mesmo assim, ainda estávamos juntos. Lembro-me de terminar a noite discutindo por causa de um jogo. *Como sempre*. Eu sabia muito bem que não estava chateado por causa daquilo, o que não me impediu de usar essa desculpa para demonstrar o quanto estava frustrado.

Agora, estou de novo aqui, enfiado no meu antigo quarto, na minha cama de solteiro, que nem de longe parece a mais confortável. Olho ao redor e sinto falta das lembranças que tive aqui. Minha mãe deixou o lugar praticamente intocado, como se não quisesse que o pequeno Theodoro crescesse. Ainda há duas poltronas viradas para a TV e meu PlayStation antigo continua ali. Não o levei quando me mudei, afinal foi a minha mãe quem o comprou - nada mais justo do que deixá-lo aqui. Me recordo que ela levou dois anos para me dar um novo, depois que Mel quebrou o meu.

Dou uma risada para mim mesmo ao lembrar da cena. Em como fiquei bravo por ela ter feito aquilo e também como passei os meus aniversários de onze e de doze anos sem lhe dirigir a palavra. Acho que fui uma criança rancorosa, ainda assim me senti mal depois disso e prometi a mim mesmo que no Natal seguinte eu agiria diferente.

Quando completei treze anos, minha mãe me presenteou com um novo PlayStation e tentei fazer as pazes com Melissa. Só que antes de chegar nela, distraída no quintal, passei pela mesa onde estava meu bolo, era de leite ninho com brigadeiro, e notei que tinha algo de errado. Quando me aproximei mais um pouco, não consegui acreditar: ele estava cheio de formigas. Um formigueiro completo, eu diria facilmente. Olhei em sua direção e a culpada disso apenas deu de ombros, com um sorriso maquiavélico direcionado a mim. Desisti na mesma hora de chamá-la para jogar comigo. Ela simplesmente destruiu meu bolo.

Minha mãe inventou uma desculpa sobre como as formigas haviam vindo do quintal, do telhado e sei lá mais de onde para atacar o bolo, apesar de ser óbvio que não foi isso o que aconteceu. Nem tentei acusá-la, pois sabia que não daria em nada.

Balanço a cabeça rindo e viro mais uma página do livro da Mel. É surreal como sua escrita ainda faz isso comigo: simplesmente não consigo parar. Faz apenas dois dias que a encontrei e que comprei o livro e, desde então, tenho dedicado a maior parte do meu tempo a descobrir tudo o que ela colocou aqui. Não sei se é possível se apaixonar ainda mais por uma pessoa, admirar ainda mais alguém, mas é exatamente o que está acontecendo nesse momento.

Mel usou esse livro para contar a sua história, para contar a *nossa* história. E ver tudo por seus olhos faz com que meu coração se aperte ainda mais, saber tudo o que passou, o que sofreu, e também como teve um arqui-inimigo/amigo que a ajudou com tudo isso e que, mais tarde, se tornou seu verdadeiro amor. *Isso seria um haters to friends to lovers? Acho que sim.*

A escrita é tão sensível, que foi impossível segurar as lágrimas em algumas partes e o riso em outras. É uma combinação perfeita de emoções, trazida pela minha escritora preferida, pela *minha pessoa preferida*.

Estou fechando o livro, depois de ter finalizado a última linha, quando Dona Margareth me pega no flagra.

— A leitura estava tão boa assim? — Minha mãe me dá um sorrisinho enquanto se aproxima.

— Definitivamente, o melhor trabalho dela. — Garanto.
— E quando vou ter a oportunidade de ler?
— Assim que abrir os presentes de Natal, mãe. Fiz questão de comprar vários.

Ela apenas ri.

— Então, o meu filho foi fisgado para sempre?
— Como se você não torcesse por isso... — Faço uma careta para ela.
— É, você tem razão. A Carol e eu sabíamos que em algum momento, vocês cederiam.

— Por livre e espontânea pressão. — Brinco.

— Não mesmo, querido. — Ela acaricia meu braço. — Admito que eu estava quase desistindo de vocês dois, quando soube que vocês tinham se dado uma chance. Acho que a Carol foi mais persistente do que eu.

— Pode ser. — Dou de ombros. — Sabe, mãe, nem eu percebi quando exatamente me aproximei dela e deixei de chamá-la de demônio.

Dona Margareth me dá um tapinha, rindo.

— Vocês eram terríveis. O engraçado é que depois que viraram amigos, você não queria sair de perto dela, nunca. Os dois viviam enfiados neste quarto jogando com o bendito PlayStation.

— Aquele que você levou dois anos pra me dar. — Alfineto.

Vejo dona Margareth mordendo os lábios.

— Bom...

— Você nunca acreditou em mim, né? Que foi a Mel que derrubou.

— Não foi bem isso, querido. Só não gostei como você ficou bravo com ela e, por isso, te deixei sem o PlayStation.

— E por que decidiu me dar depois de dois anos? Eu já tinha desistido.

— Ah, Theo. Você sabe como eu era hum... *rígida*.

Sinceramente, nunca achei que minha mãe admitiria isso um dia.

— Aí você percebeu que estava exagerando. — Dou uma olhadinha pra ela.

— Não exatamente, filho. Porque não fui eu que comprei aquele PlayStation.

Franzo o cenho, confuso.

— Então, de quem eu ganhei?

— Prometi que eu nunca diria, mas acho que não tem mais importância.

— Ela dá de ombros. — A Mel pediu para que Carolina comprasse um novo para você, já que ela tinha quebrado o seu e não queria que ficasse chateado.

Ela confessou isso pra mim. Elas queriam te dar um novo logo em seguida, mas eu as impedi por um tempo, até que cedi, no seu aniversário de treze anos.

Abro a boca em choque. Fiquei dois anos sem falar com ela por causa disso.

— Eu não tinha ideia, ela nunca me contou.

— Eu sei, querido.

— Só que depois ela encheu meu bolo de formigas, mãe. Você se lembra?

Dona Margareth dá uma risada verdadeira, o que faz com que eu ria também.

— Ah, Theo, tive que me segurar muito pra não rir naquele dia. Foi engraçado, confesse.

— Eu fiquei sem bolo!

— Culpa sua por ser tão cabeça dura. Se tivesse falado com ela antes, duvido que isso teria acontecido.

— Touché, eu mereci! — Dou de ombros.

— Sim. — Ela concorda.

— Mas, e agora? Qual a desculpa? — Minha mãe pergunta.

— Para quê? — Questiono, confuso.

— Para que Mel não esteja aqui com você.

Suspiro profundamente, antes de respondê-la.

— Estou respeitando o tempo que ela me pediu, mãe. E, acredite em mim: nunca fiz algo tão difícil na vida. Não quero ficar longe dela, eu nunca quis. Ainda assim, a amo suficiente para fazer isso, para esperá-la até que esteja pronta pra mim.

Dona Margareth apenas assente.

— Ela estará, meu amor. Sei que ela também te ama, eu vi com meus próprios olhos. Vocês se encaram como se um fosse o mundo do outro.

— Ela é o meu, mãe.

— Tenho certeza disso, filho. Seus olhos nunca brilharam assim por outra pessoa, nem pela Aline. E acho que você também nunca sorriu assim, nem pra mim.

Ela faz uma careta.

— Mas você sorri assim para Mel. Vocês têm sorte de terem se reencontrado.

— Sim, mãe. Temos. — Concordo.

— Vem aqui, meu amor. Me dá um abraço. Já já é seu aniversário. Nem acredito que meu menino se tornou esse homem. Um homem maravilhoso.

Abraço-a de volta enquanto seus fios castanhos roçam no meu nariz.

— Eu te amo, mãe.

— Eu te amo, Theo.

Quando Dona Margareth me leva para fora do quarto, me deparo com as pessoas que são minha família desde sempre: além dos meus pais, Tom e sua namorada, Carolina e Marcelo também estão aqui. Ambos me abraçam e dizem o quão felizes estão em me ver. Não mencionamos a Mel, já que sabemos o motivo dela não estar aqui. A verdade, no entanto, é que eu daria tudo para que estivesse.

Depois de beliscar alguns petiscos da mesa farta, sou abraçado por trás pelo meu irmão Tom. Sei que passou da meia noite quando ele me deseja parabéns.

— Parabéns, maninho! E Feliz Natal! — Ele me ergue, como se eu não pesasse nada. Tom é alguns centímetros menor, mas está mais em dia com a academia do que eu.

— Valeu, Tom. — Abraço-o de volta. Em seguida, recebo abraços apertados de todos, principalmente dos meus pais. Dona Margareth se retira para buscar o bolo quando ouço a campainha tocar.

Tom vira para mim e ordena.

— Vai atender, maninho. É pra você!

— Você pediu cervejas? — Encaro-o, curioso.

— Algo que você vai gostar bem mais. — Ele pisca.

Então, vou atender e verificar qual foi a nova que ele aprontou. Às vezes, penso que sou mais o irmão mais velho do que ele.

Quando abro o portão, porém, perco totalmente o raciocínio.

— Oi, amor. — Mel me cumprimenta, com o sorriso mais incrível que já vi. Ainda continuo paralisado.

Ela me abraça e levo um tempo para perceber que é real, que não estou fantasiando. Abraço-a de volta como se fosse fugir se eu não fizer isso. Sinto o cheiro do seu cabelo tão característico e deposito um beijo suave no topo da sua cabeça. Sinceramente, não sei como sobrevivi sem ela por todos os meses, não sei como consegui. Quando saio do abraço, finalmente consigo dizer seu nome.

— Mel...

— Em carne e osso. — Garante, orgulhosa.

— Feliz Natal, Mel! — É o que consigo pronunciar ainda em choque.

— Feliz aniversário, Theo! — Ela sorri, me entregando um pacote, e meu coração dá um pulo no peito.

Abro rapidamente e lá está um novo exemplar do livro dela, com capa dura.

— É uma versão limitada, com um capítulo extra. — Diz, animada.

— Estou tão orgulhoso de você, meu amor.

— Você não vai abrir e ver sua dedicatória? — Ela pergunta, ansiosa.

— Claro. — Afirmo. Então, o faço.

Para o amor da minha vida (vulgo Theodoro),

Eu achei que o amor fosse preto e branco, mas você me fez ver que, na verdade, é dourado, como a luz do dia.

Acho que essa tal de Taylor Swift sabe das coisas.

PS: obrigado por me esperar, só que, a partir de agora, você nunca mais terá que fazer isso. Não pretendo ir a lugar algum.

Te amo. Hoje e sempre.

Mel (vulgo sua Demoniazinha)

Quando termino de ler, ela ainda está me encarando, um tanto quanto apreensiva. Nem percebo quando meus lábios formam um sorriso que quase não cabe no meu rosto.

— Você voltou pra mim, amor? — Pergunto, ainda desacreditado.

Ela balança a cabeça positivamente.

— Se você ainda me quiser...

Dessa vez, sou eu quem revira os olhos e então a trago para perto de mim, tocando seus lábios, reivindicando-os, mostrando o quanto senti sua falta.

— Espero que isso responda à sua pergunta. — Murmuro em seus lábios.

Quando nos encaramos novamente, Mel me questiona.

— E aí, já descobriu o final do livro? — Ela me lança um olhar travesso.

— Amor, eles têm um final feliz... — Digo, com o coração explodindo.

— Eles têm um final feliz. — Ela repete, sorrindo.

Então, colo nossos lábios novamente.



Epílogo - Mel

Nove meses depois (final de setembro)

Item 1: Comemorar meu aniversário durante uma viagem inesquecível em outro país - Mel

Theodoro alugou a London Eye. Eu não estou brincando! Se eu estivesse, não estaria aqui em cima assistindo ao pôr do sol ao lado dele e de uma mesa montada para nosso jantar. É meu aniversário e estamos realizando o item 1 da nossa lista, de comemorá-lo em uma viagem, em outro país. Já estivemos aqui antes, há mais de um ano, no show do Harry, mas não passei meu aniversário com Theo porque ainda estávamos separados.

No entanto, lembro-me muito bem o que pedi quando soprei as duas velinhas do meu cupcake ano passado e hoje estou aqui, realizando meu desejo. Enquanto a roda-gigante se move lentamente, Theo e eu apreciamos a vista da cidade, o céu ficando alaranjado, contrastando com o azul. É outono e o clima está ameno. Não diria calor, porque nada se compara ao do Brasil, mas estou usando roupas leves, o que basicamente se resume ao vestido que Theo me deu de presente. Sim, eu guardei para uma ocasião em que ele estivesse comigo e que fosse capaz de cumprir a promessa que fez.

O vestido é roxo e possui mangas bufantes, com um decote enorme nas costas. A saia é rodada, chegando abaixo do joelho, com um recorte liso. É simples e chique ao mesmo tempo, me lembrando de um estilo mais retrô.

Theo se aproxima de mim e me abraça por trás, me dando um beijo no pescoço.

— Eu já disse o quanto está linda?

— Hã... Acho que umas cinco vezes? — Olho de soslaio para ele, mordendo os lábios para não sorrir.

— Então aqui vai a sexta: você está linda, amor. Maravilhosa!

— Graças ao seu presente.

— Ah, minha Mel, isso não tem nada a ver com o vestido e sim com você - inclusive já disse que a prefiro sem nada. Não me esqueci da promessa que te fiz há um ano. — Ele me lança aquele olhar pervertido.

Sinto um arrepio percorrer meu corpo e entrelaço meus dedos aos dele.

— Você sabe que não vou reclamar, né?

— Sei. — Ele dá uma piscadinha, convencido.

Observamos o sol sumir no horizonte em um silêncio confortável, deixando minha mente flutuar pela vida como está. Em como ela mudou tanto em menos de dois anos.

Depois do pôr do sol, nos posicionamos à mesa do jantar. Theo puxa a cadeira para mim e depois se senta à minha frente. Graças ao pequeno aquecedor posicionado embaixo do recipiente, nossa comida se manteve quente enquanto aproveitávamos a vista. Olho para o prato e identifico na mesma hora. É idêntico ao que tivemos ano passado, em um almoço: carne com uma massa folhada. Lembro-me de ter amado. E foi algo que Theo percebeu, porque raramente demonstrava algum prazer em comer - e quando estivemos aqui, eu estava começando a mudar isso.

A minha última recaída com a bulimia ficou no passado e devo tudo isso a mim: por não ter desistido, apesar de ter chegado tão baixo. Sei que não estou livre de voltar para esse lugar sombrio, mas faço tudo o que posso para que não, o que quer dizer que continuo com a terapia e, às vezes, até visito o grupo de apoio, tento me enxergar com mais carinho e, além disso, não guardo mais as coisas para mim. Tenho alguém com quem compartilhar. Alguém que toda noite se aconchega em mim para poder dormir melhor, alguém que eu amo com todo o meu coração.

Theo e eu passamos mais um tempo conversando e rindo enquanto assistimos às luzes da cidade à distância. Ele coloca nossa playlist

compartilhada com músicas da Taylor e da One Direction para tocar, e então seguro sua mão sobre a mesa, acariciando seus dedos. Sou recompensada pelas covinhas idiotas que eu amo.

— Você está um gato!

— São seus olhos, amor.

— Como assim? Você não está um gato, então? — Franzo o cenho.

Theo está usando uma camisa preta, com calças jeans e tênis. Irresistivelmente irresistível.

— Não, eu sou um gato mesmo. — Ele pisca para mim, e reviro os olhos. — Mas também sei que há uma pequena influência na forma como me enxerga.

— E qual seria essa? — Arqueio uma sobrancelha.

— Você está apaixonada por mim.

— Estou! — Confirmo, com um sorriso enorme.

Ele diminui a distância entre nós e me beija.

— Que bom, porque sempre estive apaixonado por você. — Murmura em meus lábios.



Estamos no hotel novamente, na suíte que compartilhamos ano passado. Ao entrar, a primeira coisa que reparo é na pequena mesinha próxima da janela. Há um bolo lá, com duas velinhas.

Olho da mesa para Theo e ele me dá uma piscadinha.

— Você achou que não ia ter bolo?

— Fiquei bem contente com o brownie com velinhas. — respondo, me referindo à sobremesa na roda-gigante.

— Mas podemos cantar parabéns novamente, não é?

— Sim! — Bato palmas enquanto dou pulinhos em direção à mesa.

O bolo é de brigadeiro, decorado com mirtilos - as frutinhas que eu devorava quando adolescente. Theo acende as velinhas e começa a cantar

pra mim. Assopro-as com uma expressão idiota no rosto.

— O que você pediu para os seus vinte e sete anos, amor?

— Não posso dizer. — Faço beicinho, e lhe entrego o primeiro pedaço de bolo.

— Ah não? — Ele diz, enquanto leva o bolo demoradamente à boca, sabendo muito bem o que está fazendo.

— Tem certeza? — Insiste, enquanto sua boca toca meus lábios. Sinto o gosto do bolo assim.

— Só se você me der um pedaço do bolo na boca. — Provoco.

— Com prazer, amor. Tudo pela aniversariante.

O bolo derrete na minha língua e murmuro de prazer. Quando abro os olhos, não há um sorriso no rosto de Theo, mas um olhar cheio de malícia. Então, ele avança sobre meu corpo, me beijando com intensidade.

— Acho que você pode me contar o que desejou enquanto eu pago a promessa de tirar esse vestido — ele diz enquanto me gira e me mantém de costas para ele, beijando meus ombros.

Não digo nada, apenas deixo o prazer percorrer meu corpo quando os lábios dele tocam a minha pele. Ele desamarra o laço atrás das minhas costas e abre o zíper da saia, descendo-o lentamente pelo meu corpo. Então, estou apenas de calcinha e sutiã enquanto ele me gira, fazendo com que o encare. Seus olhos escurecem à medida que me toca.

— Gostosa pra caralho, amor.

Sorrio e ele me beija novamente. Theo me pega em seus braços e nos leva para o banheiro. Acho que vamos passar os próximos dias da nossa viagem transando em todos os lugares deste quarto. Não me incomodo, nem um pouco.

Enchemos a banheira e logo estamos nos beijando novamente. Minhas mãos enroscam em seu cabelo e passam por seu peito, bem onde ele tem as tatuagens, e as dele, vão para minhas costas. Ele traça um caminho de beijos pelo meu pescoço, ombros e seios. Sua mão desliza pela minha barriga, deixando pequenos arrepios no caminho e param no meio das minhas pernas. Seus olhos encontram os meus enquanto ele observa o que faz comigo.

— Vai me contar o que desejou? — Ele pergunta no meu ouvido enquanto continua me tocando. Seus dedos ágeis fazendo com que eu me contorça embaixo dele.

Balanço a cabeça negativamente, e um sorrisinho malicioso se volta a mim.

— Talvez eu tenha que me esforçar mais então... — Diz, enquanto seus lábios descem pelo meu corpo e ele usa a mão para brincar comigo. Minutos mais tarde, sou capaz de contar qualquer coisa a ele.

— Goza pra mim, amor. Adoro quando se entrega assim.

Esse tom, essa voz rouca que acaba com qualquer resistência que tenho. Faço exatamente o que me pede, gemendo seu nome. Ele abafa meus sons com a boca e nos perdemos totalmente, esquecendo o meu pedido de aniversário. Afinal, ele já se concretizou.



Estou vestindo apenas a camiseta dele, olhando para a vista da cidade. Theo se aproxima lentamente por trás de mim, me envolvendo em seus braços.

— É mais de meia-noite. — Diz.

— Sim, já passou o meu aniversário. — lamento.

— Ótimo. — Ele responde e olha pra ele.

— Por que *ótimo*?

Theo coloca um papel em minha mão. Quando olho, sei que é a nossa lista.

— Porque agora podemos comemorar outra data neste dia.

— O dia em que riscamos mais um item dela? — Questiono, confusa.

— Dois.

— Como?

— Dois itens.

Sei a lista de cor, mas mesmo assim passo os olhos novamente, tentando entender o que Theo quer dizer. Estou ciente de que ele já está enchendo o corpo de tatuagens como colocou aqui. A última que aprontou foi tatuar uma referência à música *Little Things*, da 1D, logo abaixo do meu

nome.

“I love all your little things”. (Eu amo todas as suas pequenas coisas).

Também sei que não fomos a todos os shows dos meninos da banda. Depois do Harry, conseguimos ver apenas o Louis e o Niall, e eles não parecem estar nem perto de uma tour juntos.

A carreira de escritora que planejei inicialmente mudou um pouco. Apesar do meu último livro ter sido um grande sucesso e me colocado na lista de *bestsellers* do país, estou disposta a explorar outros horizontes, por isso considero que esse item ainda está em aberto. Estou bem com isso, porque sei que tenho a vida inteira pela frente. Theo e eu temos. Ele, inclusive, está trabalhando em um novo projeto, mas já riscamos o item sobre o jogo, pois ele criou algo realmente incrível. O sucesso que está sendo ao redor do mundo, nos diz isso. Pensando nisso, volto ao papel novamente. *Será que ele quer fazer mais tatuagens aqui em Londres?*

— E qual seria o outro? — Pergunto de uma vez.

— Item 11. — Ele responde.

Encaro-o como se não estivesse entendendo mesmo. Então, ele lê para mim, novamente.

— *Mel e Theo sempre estarão um na vida do outro, aconteça o que acontecer*. — recita.

— Amor, já estamos na vida um do outro e não pretendo sair da sua, se é isso o que quer dizer. — Ênfase.

Então, Theo tira uma caixinha do bolso e paraliso.

— Sei que sim e por isso deveríamos oficializar.

No momento, essa sou eu: com os lábios entreabertos em choque e apenas usando uma camiseta enquanto ele abre a caixinha e se ajoelha na minha frente.

— Melissa Monteiro, você aceita se casar comigo e promete me irritar pelo resto das nossas vidas? — Ele ri. Nem nesse momento consegue ser sério.

— Você poderia ter esperado eu colocar uma roupa, não acha? — Brinco.

— Não para os planos que eu tenho em seguida. — Ele pisca para mim e sinto meu corpo estremecer.

Percebo então que não respondi à pergunta e no momento me vem uma ideia ainda mais louca na cabeça.

— Espera aqui. — Peço. — Continua de joelhos.

— Amor... — Ele murmura, mas não se mexe.

Vou até a minha bolsa e procuro por algo específico. Sei que vou encontrar. Remexo mais um pouco e aqui está. Depois que faço o que preciso, volto até Theo, que continua me esperando.

— Agora estou pronta. — Ele balança a cabeça, com um sorriso enorme. Quando vejo suas covinhas idiotas, respondo.

— Eu aceito me casar com você, *Theodoro*. Prometo te irritar pelo resto das nossas vidas.

Então, ele se levanta e desliza o anel pelo meu dedo.

Encaro a pedra solitária e percebo que meus olhos ficaram marejados.

— É linda, Theo. — Afirmo.

Meus olhos encaram os dele com tanta intensidade, que quase esqueço o porquê o deixei de joelhos esperando.

— Eu também quero te dar algo. — A frase sai quase como um sussurro.

— Já tenho tudo o que preciso, amor. — Ele responde. — *Você*.

Tento não me debulhar em lágrimas e sigo com meu plano de última hora.

— Estenda a mão direita para mim, *Theodoro*! — Mando, incorporando a Melissa adolescente.

— O que você aprontou? — Ele estreita os olhos.

— Apenas me dê sua mão direita, *Theodoro*... — Repito, séria. Dessa vez, ele obedece. Então deslizo por seu dedo um anel feito de papel. Cabe perfeitamente e fico orgulhosa do meu trabalho.

Eu gosto de coisas brilhantes, mas eu me casaria com você com anéis de papel.

(Taylor Swift)

Quando ele me olha e sorri pra mim, o sorriso mais lindo do universo todinho, sinto as borboletas fazendo uma festinha no meu estômago.

— Eu também aceito me casar com você, Melissa. — Brinca enquanto me traz para seus braços. — Minha Mel, que me conhece tão bem e que me faz tão feliz.

— Não mais do que você me faz feliz. — Garanto a ele.

— Acho que podemos testar essa teoria, amor. — Ele diz, me empurrando para a cama e puxando a camiseta pela minha cabeça. Rimos

juntos enquanto seu corpo cai sobre o meu.

Lista de Theo e Mel atualizada

~~1- Comemorar meu aniversário durante uma viagem inesquecível em outro país - Mel~~

~~2- Comer algo exótico (talvez em uma viagem) - Theo~~

3- Ir no show da One Direction - Mel (ainda preciso ver o Liam e o Zayn e quem sabe a banda reunida. Eles vão voltar, eu sei)

~~4- Ir no show da Taylor Swift - Theo~~

~~5- Pintar meu cabelo de roxo - Mel~~

6- Encher meu corpo de tatuagens - Theo (meu corpo ainda tem muito espaço em branco)

7 - Ser uma escritora de sucesso - Mel (chegando lá)

~~8- Criar um game incrível - Theo~~

~~9- Me apaixonar por um cara incrível - Mel~~

~~10- Me apaixonar por uma garota incrível - Theo~~

~~11- item extra: Mel e Theo sempre estarão um na vida do outro, aconteça o que acontecer. (Mel, Theo)~~

~~12- Mel e Theo vão se dar uma chance, como namorados - Mel, Theo~~

~~13- Me dar todo o amor que mereço - Mel~~

14 - Me casar com Melissa - Theo

15 - Me casar com Theodoro - Mel

Agradecimentos

Em primeiro lugar, a você. Isso mesmo. Por ter chegado até aqui e por ter dado uma chance à Melissa e Theodoro. Espero que essa história tenha te tocado de alguma forma. Inclusive, se isso aconteceu, por favor, sinta-se livre para compartilhá-la com mais pessoas. Isso me ajuda demais.

Vou te contar algo: a escrita sempre esteve presente na minha vida, mas a cada livro, eu aprendo um pouco mais: a me expressar melhor, a dar mais consistência aos meus personagens e fazer com que eles tenham um pouquinho de mim. De verdade, muito obrigada por ler o que eu escrevo.

Do mais, gostaria de agradecer ao Ítalo pelo design da capa e por ter paciência comigo. Surtei demais dessa vez e, mesmo assim, você continuou sendo um fofo.

À minha amiga e revisora, Nathalia. Seus comentários sempre me dão um norte para mudar e alterar a história para que ela seja a melhor possível.

Às minhas betas: Giovanna, você é sempre a primeira pessoa a quem envio meus capítulos. Suas reações foram as melhores possíveis e me fizeram rir demais.

Luana, obrigada por não me deixar sozinha nos surtos nessa vida de escritora independente. E Ione, por aceitar ser uma beta de última hora em um momento de puro desespero.

Obrigada às meninas que sempre me ajudam na divulgação dos meus livros: vocês têm um lugar muito especial no meu coração e nunca vou esquecer tudo o que fizeram por mim.

Obrigada Marcela, você ainda é a melhor psicóloga e pessoa, que sempre me puxa de volta quando estou com medo demais para seguir.

Obrigada aos meus pais, por me incentivarem mesmo não sendo os maiores fãs de livros. E Pedro, por me aguentar por todos esses anos.

Obrigada a todos que, de alguma forma, acreditam em mim.

Como nota final, gostaria de dizer que nem sempre é fácil acreditar que merecemos amor. Mas você merece. Espero do fundo do coração que, quando ele estiver na sua frente, você o deixe entrar.

Com amor,

Ju Mesquita

Sobre o autor

Ju Mesquita



Nasceu em 1993, é escorpiana, mora em São Paulo e é jornalista. Apesar de amar ler e escrever, nunca tinha imaginado ter um livro para chamar de seu. Até que a pandemia chegou e virou a vida de todo mundo de cabeça para baixo. Algo que começou como um hobby, virou um universo muito maior, de amor e carinho pelos seus personagens. Tanto que este já é seu terceiro lançamento.

Viciada em sentir o cheirinho das páginas dos livros, também desenvolveu um amor enorme pelo digital. É a pessoa que começa e termina um livro no mesmo dia porque fica muito ansiosa para saber o que vai acontecer com os personagens. Sim, seu gênero preferido é romance, mas fantasia já está competindo lado a lado.

É também a pessoa que fica louca para encontrar alguém que tenha lido o mesmo livro que ela para destrinchá-lo tim-tim por tim-tim. Ela já se apaixonou, odiou, pegou ranço, chorou e já ficou brava por causa de um personagem injustiçado. Agora é hora de estar do outro lado e escrever seus próprios personagens: dar a eles tudo o que ela ama e odeia também, vai... Ninguém é perfeito.

É fã de carteirinha do Ed Sheeran e da Taylor Swift desde 2014 e o amor permanece até hoje. É apaixonada por viagens, séries, milkshakes de morango e por seus cachorros.

Tem curiosidade de saber mais? Não deixe de segui-la nas redes sociais e ficar por dentro das novidades e lançamentos.

Instagram: @jumesquitaautora

Threads: jumesquitaautora

Tiktok: Ju Mesquita

Twitter: Ju Mesquita

Livros deste autor

Pode me chamar de Mila - Livro 1 Duologia Mila

O que você faria se a pessoa que mais ama e que deveria te proteger é aquela que mais te machuca?

Mila e sua mãe fugiram de um pai e marido abusivo. O lugar que um dia chamaram de casa deixou de existir.

Mila foi obrigada a abandonar sua melhor amiga Brenda para trás, sem ao menos ter a chance de se despedir.

Marília teve que abrir mão de tudo o que conhecia, inclusive do homem que jurou amar pelo resto da vida.

Em um novo lugar, elas recomeçaram suas vidas. Enquanto Marília encontra conforto em Andreia, uma amiga de longa data, Mila conhece Bruno, um garoto que preenche um espaço enorme em seu coração.

Longe dos traumas e tendo uma a outra, tudo caminhava para que elas tivessem uma vida normal e saudável até que uma tragédia ameaça aquilo que construíram.

A partir daí, tudo vira de cabeça para baixo e Mila fica perdida como nunca. Bruno, por outro lado, parece que entrou em sua vida para o que der e vier.

Mila e Bruno - Livro 2 Duologia Mila

É inegável que Mila e Bruno mantêm sentimentos mútuos, mas até que ponto eles estão dispostos a arriscar uma amizade de anos por algo incerto? Bruno sempre foi o porto seguro de Mila, assim como ela sempre foi o dele. Mas quando os sentimentos começam aflorar de uma forma que já não é possível escondê-los, os dois agora têm o desafio de lidar com novas sensações. Apesar de serem amigos há anos, ainda há coisas que vão descobrir um sobre o outro. Além disso, é o último ano do ensino médio e eles vão ter que decidir que caminhos querem seguir, enquanto lidam com

assuntos inacabados do passado. Essa é a continuação do livro Pode me Chamar de Mila.

Quote 1

"Estou desesperado pra te beijar de novo, Mila". Sussurro, enquanto uma das minhas mãos ainda toca a sua pele.

Sua respiração acelera, mas ela continua sem dizer nada. Então, me afasto um pouco. Não quero assustá-la. Quando nossos olhos se encontram novamente, eu consigo dizer.

"Mas só vou te beijar quando você quiser me beijar".

Quote 2

"Por que você tá me olhando assim, Bruno?"

"Estou decorando cada partezinha sua. Quero sonhar com você todas as noites, exatamente assim".

Material de pesquisa consultado:

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/mais-de-70-milhoes-de-pessoas-no-mundo-possuem-algum-disturbio-alimentar>. Acesso em 11, maio, 2023. Sem autor: Mais de 70 milhões de pessoas no mundo possuem distúrbio alimentar

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/um-olhar-sobre-os-transtornos-alimentares-em-tempos-de-quarentena-compulsao-alimentar-anorexia-e-bulimia-se-tornam-desafiadores-na-pandemia/>. Acesso em 11, maio, 2023. Sem autor: Um olhar sobre os transtornos alimentares em tempos de quarentena: compulsão alimentar, anorexia e bulimia se tornam desafiadores na pandemia

SARAIWA, Alessandra, IBGE: 40% dos alunos já sofreram 'bullying' e 24% dizem que a vida não vale a pena. Globo.com. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/07/13/ibge-40-pontos-percentuais-dos-alunos-j-sofreram-bullying-e-24-dizem-que-vida-no-vale-a-pena.ghtml>. Acesso em 11, maio, 2023

CARVALHO, Jeziel, Disque 188 oferece apoio emocional e prevenção ao suicídio. Senado Notícias. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/audios/2021/07/disque-188-oferece-apoio-emocional-e-prevencao-ao-suicidio#:~:text=O%20Centro%20de%20Valoriza%C3%A7%C3%A3o%20da,atendimentos%20gratuitos%20a%20qualquer%20pessoa>. Acesso em: 11, maio, 2023.

DESINSTITUTE. Disponível em: https://desinstitute.org.br/noticias/raps-e-caps-o-que-sao-e-como-funcionam-no-brasil/?gclid=Cj0KCQjwpPKiBhDvARIsACn-gzAP6ckKFD0Dr9Bd0p-h1HLnTue8tbBmzLMnhOp4JTlBq_UjCe2eK7oaAoLZEALw_wcB/. Acesso em 11, maio, 2023. Sem autor: RAPS e CAPS: O que são e como funcionam no Brasil

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Disponível em:<https://bvsmis.saude.gov.br/um-olhar-sobre-os-transtornos-alimentares-em-tempos-de-quarentena-compulsao-alimentar-anorexia-e-bulimia-se-tornam-desafiadores-na-pandemia/> Acesso em 11, maio, 2023. Sem autor: Um olhar sobre os transtornos alimentares em tempos de quarentena: compulsão alimentar, anorexia e bulimia se tornam desafiadores na pandemia

Referências musicais

Confira todas as músicas citadas neste livro:

1. I Know You Were Trouble - Taylor Swift
2. Enchanted - Taylor Swift
3. All Too Well - Taylor Swift
4. Best Song Ever - One Direction
5. You and I - One Direction
6. You Need to Calm Down - Taylor Swift
7. Blank Space - Taylor Swift
8. Love Story - Taylor Swift
9. What Makes You Beautiful - One Direction
10. Gorgeous - Taylor Swift
11. Bang - Anitta
12. Perfect - One Direction
13. Hair - Little Mix
14. You Belong With Me - Taylor Swift
15. 22 - Taylor Swift
16. Night Changes - One Direction
17. Shake it Off - Taylor Swift
18. Little Things - One Direction
19. Miss Americana & the Heartbreak Prince -- Taylor Swift
20. Cruel Summer - Taylor Swift
21. The Man - Taylor Swift
22. Getaway Car - Taylor Swift
23. Lover - Taylor Swift
24. Style - Taylor Swift
25. Cardigan - Taylor Swift
26. Right Where You Left me - Taylor Swift
27. Afterglow - Taylor Swift
28. Golden - Harry Styles
29. Love of My Life - Harry Styles
30. Watermelon Sugar - Harry Styles

31. Sign of the Times - Harry Styles
32. Falling - Harry Styles
33. As it Was - Harry Styles
34. Dress - Taylor Swift
35. Daylight - Taylor Swift
36. Paper Rings - Taylor Swift